

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XI

ORAÇÕES
DE SAPIÊNCIA

1548-1555



(Página deixada propositadamente em branco)

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

Coordenação Científica

A P E N E L
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos



A P E N E L

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - CECH

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria João Padez de Castro

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas Online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Clássica - Artes Gráficas, S.A.

ISBN

978-989-26-0099-4

ISBN Digital

978-989-26-0448-0

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0448-0>

DEPÓSITO LEGAL

335201/11


**OBRA INTEGRADA NO PLANO CIENTÍFICO PLURIANUAL DO
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS**

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Ciência.Inovação
2010 Programa Operacional Ciência e Inovação 2010
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



 Município de Resende

PORTVGALIAE MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XI

ARNALDO FABRÍCIO • BELCHIOR BELEAGO
PEDRO FERNANDES • HILÁRIO MOREIRA
JERÓNIMO DE BRITO • ANTÓNIO PINTO

ORAÇÕES
DE SAPIÊNCIA
1548-1555

Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e notas

MARIA JOSÉ PACHECO • MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
MARIA MANUELA P. P. D. ALVELOS • ALBINO DE ALMEIDA MATOS
ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

Prefácio e organização

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO



(Página deixada propositadamente em branco)

PREFÁCIO

Ocupam este livro seis orações de sapiência quinhentistas, escritas e pronunciadas no âmbito da Universidade de Coimbra, segundo o costume já então secular da tradição e dos estatutos universitários, que as prescreviam por ocasião de certas festividades, como eram a concessão de graus académicos ou actos inaugurais de instituições e de especiais actividades escolares.

Neste caso trata-se de orações *De Sapientia* inaugurais. A primeira, da autoria do humanista francês Arnaldo Fabrício, foi pronunciada em 21 de Fevereiro de 1548 para assinalar a inauguração do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. As cinco restantes foram apresentadas na inauguração do ano académico da própria Universidade em 1 de Outubro dos anos de 1548, 1550, 1552, 1554 e 1555, a cargo, respectivamente, dos oradores Belchior Beleago, Pedro Fernandes, Hilário Moreira, Jerónimo de Brito e António Pinto.

O motivo de as reunir no presente volume reside, pois, não apenas no facto de elas respeitarem a um só modelo oratório e temático, mas também por estarem centradas num único espaço institucional e numa unidade de tempo quase sequencial a partir da fundação do Real Colégio da Artes, que, depois da reforma e definitiva fixação da Universidade Portuguesa em Coimbra por D. João III onze anos atrás, representa um dos maiores investimentos culturais que o poder régio fez no século XVI.

Acresce a isto a novidade de que a maior parte destes textos só aqui e agora aparece em edição bilingue latino-portuguesa. Com efeito, deste conjunto, apenas a *Oração sobre o Estudo de Todas as Disciplinas* de Belchior Beleago e a *Oração de Sapiência* de Hilário Moreira haviam sido estudadas e publicadas com tradução portuguesa, a primeira pela Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira em 1959 e a segunda pelo Prof. Doutor Albino de Almeida Matos em 1990, tendo ambas aqui a sua primeira reedição. Quanto às outras quatro orações, duas delas, a saber a *Oração sobre o Estudo das Artes Liberais* de Arnaldo Fabrício e a *Oração em Louvor de Todas as Doutrinas e Ciências* de Pedro Fernandes, foram objecto de estudo e tradução para efeito de teses académicas respectivamente pela Dr.^a Maria José Pacheco em 1959 e pela Dr.^a Maria Manuela Pereira Pinto Dourado Alvelos em 1965, mas nunca haviam sido publicadas em letra de forma. Finalmente, os dois últimos discursos, isto é, a *Oração acerca dos Louvores de Todas as Ciências e Saberes* de Jerónimo de

Brito e a *Oração em Louvor de Todas as Ciências e das Grandes Artes* de António Pinto, só agora foram estudados e traduzidos pelo Doutor António Guimarães Pinto para integrarem este volume¹.

Por outro lado, a simples reedição destes textos também na sua forma latina original assume particular oportunidade, dada a raridade de exemplares existentes de alguns deles, que levou alguns colecionadores a reuni-los em miscelâneas temáticas hoje conservadas em poucas bibliotecas nacionais e do estrangeiro, ou sob a forma de cópias manuscritas a partir das primeiras edições impressas. A sua reedição agora conjunta, além de os colocar à disposição do leitor comum através da tradução portuguesa, preserva para o futuro o seu texto latino e facilita o acesso deste ao latinista moderno.

É indiscutível o interesse científico e cultural que estes textos representam para o estudo da literatura em geral e, em particular, do modelo oratório, para a história do sistema educativo pré-universitário e para o conhecimento da estrutura do ensino superior e das várias ciências e saberes que, no século XVI, as suas Faculdades se propunham ministrar. E esta é mais uma das boas razões que justificam a publicação bilingue desta colectânea de orações de sapiência.

Cumpre-nos, em nome da Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos (APENEL), agradecer a todos os mencionados investigadores e tradutores que se dignaram participar na elaboração deste volume e à Família do saudoso Doutor Albino de Almeida Matos, que autorizou a inclusão da sua tradução da *Oração de Sapiência* de Hilário Moreira nesta mesma obra.

Os critérios que presidiram à presente edição são os preconizados pela Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos para a publicação dos *Portugaliae Monumenta Neolatina*, em que este Volume XI se integra.

Assim, a pontuação foi normalizada segundo as regras que orientam as edições modernas de obras latinas, designadamente na actualização do uso dos dois pontos e da vírgula, que frequentemente se confundem e se substituem.

No campo da ortografia, foi corrigida a grafia dos ditongos **ae** e **oe**, muitas vezes confundidos entre si e com a vogal longa **e** (em cerca de duzentas e trinta ocorrências no conjunto de todos os textos aqui traduzidos), designadamente na troca de **ae** por **oe**, por exemplo em *coelum* e seus derivados, em vez de *caelum*; de **ae** por **e**, como em *caetera* e derivados, no lugar de *cetera*; de **oe** por **ae**, v. g. em *praelium*, em vez de *proelium*; de **oe** por **e**, v. g. em *obedire*, em vez de *oboedire*

¹ Este tradutor incluiu em apêndice à Introdução da oração de sapiência de Jerónimo de Brito três outros pequenos textos do mesmo autor, por serem essenciais para a elaboração do seu perfil biobibliográfico. Um deles, também de carácter oratório, é um “Sermão pronunciado no Sagrado Concílio Tridentino na 1ª domingo da Quaresma do ano de 1562, *Acerca das Desgraças da Igreja*”, que saiu a lume em Bréscia nesse mesmo ano. O tradutor serviu-se de um exemplar raro da Biblioteca Comunal de Trento.

e derivados; de **e** por **ae**, como em *seculum*, no lugar de *saeculum* e derivados; e de **e** por **oe**, por exemplo em *effoeminatam*, em vez de *effeminatam* e cognatos.

Igual correcção foi feita na troca do **i** latino pelo **y** grego em palavras como *syderum*, *syncera*, *ocyus*, em vez de *siderum*, *sincera*, *ocius*, em outros cerca de trinta casos; e, ao contrário, na troca do **y** por **i**, como em “*ginasio*” e *Sirtim*, em vez de *gymnasio* e *Syrtim*.

Em matéria de consonantismo, foi regularizado o uso do **h**, em casos como *archanis*, *charitas*, *charus*, *prophani*, *lachryma* e derivados, e em *exametris* e *Themistoclem*, substituindo-os por *arcanis*, *caritas*, *carus*, *profani*, *lacrima*, e *hexametris* e *Themistoclem*, respectivamente, e em mais cerca de outros quarenta casos. Foram repostas as consoantes geminadas em palavras como *littera*, *litteratura*, *litterariae* e outras cerca de noventa ocorrências de formas iguais e diferentes da mesma raiz, e substituídas pela respectiva consoante simples em vocábulos como *litus* (e não “*littus*”) e seus derivados. Por fim, foi normalizada a grafia dos dígrafos *ti+vogal*, *ci+vogal* e *si+vogal*, frequentemente confundidos entre si, em palavras como *nuntio*, *pretium*, *otium*, *contio*, *laetitia*, *negotium*, *spatium*, e outros cerca de sessenta casos, que substituem *nuncio*, etc; e, ao contrário, em vocábulos como *condicio* e *commercium*, que corrigem *conditio* e *commertium*; e em *dissensionibus*, correcção de *dissentionibus*. Corrigiram-se cerca de quarenta e cinco ocorrências de “*autor*” e “*author*” e seus derivados para a forma *auctor* e correspondentes. Finalmente, foi feita a aglutinação de algumas formas como *pernecessarium*, *circumcirca*, em vez de *per necessarium* e *circum circa*, e a separação de outras como *sed etiam* em vez de *sedetiam*, verificadas sobretudo na Oração de António Pinto.

Foram mantidas certas formas arcaicas ou arcaizantes e também determinadas características dos vários níveis do latim que a literatura dos autores clássicos regista, como sejam as desinências morfológicas em *-eis*, em vez de *-es*, v.g. em *qualeis*, *omneis*, *cauteis*, etc; as grafias de *caussa*, *monimentis*, *sequutus*, *prosequuntur* e de outros seus cognatos; as formas sincopadas, tão ao gosto de certos autores romanos, como *laudarit*, *recusasset*, *inuitarunt*, *norant*, *implese*, *intrasse* e outras cerca de sessenta ocorrências do mesmo tipo.

(Página deixada propositadamente em branco)

ARNALDO FABRÍCIO

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO
DAS ARTES LIBERAIS

21 de Fevereiro de 1548

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

MARIA JOSÉ PACHECO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Arnaldo Fabrício, o Humanista, o Orador e a Época

“O discurso oral é captado pelos ouvidos de poucos que nos escutam e, preso como que numas grades, não se divulga para além do local em que se pronuncia e nem permanece mais tempo do que aquele em que é proferido. Mas já a escrita permanece durante muito tempo e difundida, longa e largamente, ela é praticada por muitos, lida e ouvida em épocas diversas e em diversos lugares”.¹

Palavras chegadas até nós, escritas e proferidas pelo humanista francês *Arnold Fabrice*, num momento solene da Academia coimbrã, na inauguração do Colégio das Artes, em 21 de Fevereiro de 1548, na presença do rei D. João III, dum prestigiado corpo docente e ainda de muitos alunos que ali acorreram, ávidos de sentir a renovação do ensino protagonizada por ilustres humanistas nacionais e estrangeiros.

Estava-se em plena época do Humanismo e os homens cultos sentiam uma admiração contagiante por tudo quanto era clássico e, para tal, seria necessário pelo menos dominar bem o latim e o grego, a única forma de se tomar contacto directo com os monumentos da literatura greco-romana e apreender toda a sua beleza estética e riqueza de pensamento. Arnaldo Fabrício, que ficara conhecido entre nós pela forma aportuguesada do nome latino que usava nos seus escritos, fora um dos humanistas que André de Gouveia convidara a vir leccionar para Portugal e a pronunciar a Oração de Sapiência na abertura do Colégio Real, a *“De Liberalium Artium studiis oratio”*, isto é, a Oração *Sobre os Estudos das Artes Liberais*.

Fabrício era já, como nos diz Gaullieur, um orador conhecido em França.² No Colégio das Artes foi Mestre da quinta classe de latim, e vicissitudes de ordem política e religiosa contribuíram para que apenas estivesse em Portugal cerca de um ano, tendo então regressado à terra natal, à pequena cidade de Bazas, na Aquitânia.³ Na edição das suas cartas latinas há alusão à terra de origem, *Arnoldus Fabricius Vasatensis*.

¹ Vd. Arnaldo Fabrício, *De Liberalium Artium Studiis Oratio*, Coimbra, MDXLVIII, p. xxvij; cf. infra, p. 55.

² Vd. Gaullieur, Esnest, *Histoire du Collège de Guyenne*, Paris, 1874.

³ Só o abade Patrício O'Reilly afirma que Arnaldo Fabrício era de La Réole.

Apesar de Arnaldo Fabrício ter ficado pouco tempo em Portugal, o seu nome está escrito na lista alfabética dos Lentes da Universidade de Coimbra, organizada por Leitão Ferreira. Quanto à sua actividade docente em França, pelo menos em 1534, estava em Paris e era um nome bem conhecido no mundo das letras, gozando do convívio e da estima de notáveis humanistas portugueses, como André de Gouveia e João da Costa.⁴

Portugal vivia então o chamado século de oiro da sua História, era o período das Descobertas e da expansão ultramarina que abria à curiosidade dos estudiosos europeus fronteiras sem par e que proporcionara a D. João III um Império que, no dizer de Arnaldo Fabrício, *se estende agora pelas mesmas fronteiras que delimitam a África e a Ásia*.⁵ Tomava-se consciência de estar a viver uma nova época com a chegada de novidades trazidas pela experiência pessoal dos que tinham sulcado novos mares e novas terras, colocando em cheque o saber livresco dos antigos que apontava para a incomunicabilidade dos mares e para a inexistência de variegadas gentes.

Surgia uma nova mentalidade que equacionava a relação do homem com o mundo, numa teorização antropocêntrica que acabaria por desaguar no Humanismo. Todo o saber tinha que ser reformulado e D. João III compreendia que era necessário reformar a Universidade, os Estudos Gerais, assim chamados por concentrarem quase todo o ciclo de estudos.

Os alunos portugueses, a estudar no estrangeiro, informavam que o êxito do sistema educativo teria de principiar pela criação de um ensino de qualidade, preparatório da Universidade, ministrado em instituições independentes, nos colégios. Esta palavra, que principiara por designar um conjunto de pessoas com a mesma formação, passou no conceito universitário a significar uma associação de mestres ou de estudantes ou de uns e outros. E, posteriormente, passou a referir a construção que albergava a comunidade de ensino. Assim acontecia nos principais centros educativos da Europa, como em Salamanca, Alcalá, Paris, Poitiers, Montpellier, Bordéus, Toulouse, Lovaina, Bolonha, Florença, Pádua e Oxford.

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, que percorrera grande parte da Europa, merecendo o cognome de *Príncipe das Sete Partidas*, numa carta ao irmão, o rei D. Duarte, datada de Flandres de 1426, comentava a pequenez da vida universitária de Lisboa, comparada com a de outros países europeus. A capital portuguesa quase não criara instituições e colégios preparatórios da Universidade.

Já era tempo de Portugal pôr em prática o movimento cultural do Renascimento, que nos séculos XIV e XV quase só se confinara à Itália, mas que em 1500 se estendera a vários países da Europa, que possuíam um ensino dinâmico e orientado pelos modelos da cultura greco-latina. No início do reinado de D. João III, foram

⁴ Vd. Gaullieur, *op. cit.*

⁵ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij.; cf. *infra*, p. 59.

chamados à corte religiosos e homens cultos que tiraram cursos de Humanidades em colégios e universidades estrangeiras, interiorizando cada vez mais no monarca a necessidade de um plano estruturado para a reforma do ensino.

Acrescia ainda que nas principais universidades e instituições docentes da Europa estavam a leccionar notáveis humanistas portugueses. Um deles, Diogo de Gouveia *Sénior*, a quem foi dada esta designação para o distinguir de um sobrinho homónimo, era um conceituado teólogo e pedagogo que, a partir de 1520, ocupava o cargo de Principal, isto é, Reitor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris. E era considerado: *un maître vigilant et capable, plein de gravité, d'une probité à toute épreuve*.⁶ Numa das viagens que fez a Portugal em 1527, convenceu D. João III de que era importante para a reestruturação do plano do sistema educativo português criar 50 bolsas de estudo no seu colégio.

Grande foi o contentamento de Diogo de Gouveia com a generosidade do Rei. De Paris escreveu, confidenciando, que já realizara dois dos votos que ardentemente formulara: ser doutor em Paris e ter uma formação permanente de teólogos portugueses. Só o terceiro anseio ficaria por realizar: celebrar missa na mesquita de Fez!

O Colégio de Santa Bárbara transformou-se, por assim dizer, no Colégio Português da Universidade de Paris. Entre os discípulos distintos de Santa Bárbara estava André de Gouveia, sobrinho de Diogo de Gouveia, que obtivera o grau de Mestre em Artes pela Universidade de Paris e que ocupara também o cargo de Principal do Colégio, em virtude de o tio estar muito ocupado com os trabalhos de Teologia.

Arnaldo Fabrício, em tom grandioso tão caro aos humanistas, faz alusão ao êxito desta primeira regência de André de Gouveia, dizendo: *Primeiramente, deste provas do teu talento, erudição e sabedoria como Principal de um Colégio célebre na Academia de Paris, a mais brilhante do Universo*.⁷ Também o historiador francês Quicherat não poupa elogios à regência de André de Gouveia. Ao abordar o fascínio que exercia sobre a juventude, afirma: *pour la jeunesse, qui détestait les capettes, ce fut une joie, surtout lorsque le gouvernement de Sainte-Barbe fut remis aux mains d'André de Gouvéa, plus rapproché d'elle par son âge: imbu de tous les idées généreuses de son siècle, et dans lequel on ne savait quoi préférer du caractère ou du talent*.⁸

A fama de pedagogo de André de Gouveia continuava a crescer, passou rapidamente pelo cargo de reitor na Universidade de Paris e a 15 de Julho de 1534 o Conselho Administrativo da cidade de Bordéus confiou-lhe a direcção do *Collège de Guyenne*, que não gozava de boa reputação e tinha um Principal muito controverso. O humanista português principiou a reestruturação do colégio com catorze Mestres afamados que em breve se tornaram insuficientes perante o número sempre crescente de alunos.

⁶ Vd. Quicherat, *Histoire de Sainte-Barbe*, Paris, 1860, p. 127.

⁷ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij; cf. *infra*, p. 59.

⁸ Vd. Quicherat, *op. cit.*, pp. 220 e 221.

O êxito não se fez esperar e Montaigne, que foi aluno do Colégio da Guiena, escreveu, nos seus *Essais*, a propósito do mérito de André de Gouveia, *sans comparaison le plus grand et le plus noble Principal de France*.⁹ André de Gouveia convidara para trabalhar consigo os mais ilustres humanistas que então se encontravam em França, como Diogo de Teive, Elias Vinet e Jorge Buchanan, entre outros, e o Colégio em breve se transformaria numa fulgurante escola de Artes e de Humanidades, frequentada pelos filhos de nobres, de diplomatas e de mercadores afamados de Bordéus. Os alunos adquiriam uma belíssima preparação, principalmente em grego, latim, gramática, retórica, filosofia, matemática e jurisprudência.

Ainda em Dezembro de 1534, André de Gouveia chegara a Paris à procura de novos docentes e levou consigo para Bordéus mais cinco Mestres ilustres: Arnaldo Fabrício, Maturino Cordier, Cláudio Budin, João da Costa e Júnio Rabírio. Muitos dos alunos destes Mestres iam ter com eles a Bordéus.

Arnaldo Fabrício devia, portanto, ter iniciado as suas novas funções de docente de latim, no Colégio da Guiena, em Janeiro de 1535 e terá continuado a prestigiar aquela afamada instituição durante alguns anos. Pelo menos, na lista de professores que em 1537 formavam o corpo docente do colégio, incluía-se o seu nome. Também nos momentos solenes e nas festas Arnaldo Fabrício dava largas ao seu gosto pela oratória.

Mas começara então uma certa rivalidade entre os chamados *parisienses* e os *bordaleses*. Conflitualidade que era também de gerações e ideológica. Diogo de Gouveia era um teólogo intransigente, agarrado à filosofia escolástica, que não pactuava com as ideias inovadoras de Erasmo, que eram vistas com simpatia pelo sobrinho André e seus pares. Facto que também deve ter contribuído para que o Colégio de Bordéus se tornasse cada vez mais procurado pelos alunos, perante o prestígio crescente do pensamento de Erasmo na Europa.

Arnaldo Fabrício alude à excelência que André de Gouveia imprimira ao Colégio da Guiena, dizendo: *Assim, todos os dias saem daquele teu Colégio, como de uma excelente oficina de artistas, muitos poetas, oradores e filósofos, dos quais uns abraçam a profissão de professores, outros entregam-se à Jurisprudência, à Medicina, à Teologia. Todos eles, tal como estando tu presente te traziam nos seus olhos e te abraçavam como a um pai, assim agora ausente, procuram-te, choram-te e guardam de ti uma grata recordação*.¹⁰ E o autor da *Histoire du Collège de Guyenne*, Gaullieur, incluiu no seu trabalho uma carta escrita em latim, por um dos Mestres do Colégio, Roberto Britanno, para João de Ciret, afirmando, com entusiasmo, que a instituição em que lecciona não é uma Academia vulgar, uma vez que, pela qualidade do ensino e pela disciplina, podia ombrear com a de Paris.¹¹

⁹ Vd. Michel de Montaigne, *Essais*, I, cap. 25.

¹⁰ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij; cf. infra, p. 59.

¹¹ Vd. Roberti Britanni, *At Trebatensis, Epistolae* (cit. por Gaullieur, *op. cit.*).

E a fama do Colégio de Bordéus logo chega a Lisboa quando a cidade estava a transformar-se numa grande urbe, talvez até demasiado cosmopolita, com um fervilhar intenso de vida diplomática e comercial e, por isso, muito ruidosa para oferecer aquela tranquilidade propiciadora de estudo e reflexão. Já o humanista André de Resende, na notável Oração de Sapiência, *Oratio pro Rostris*, que pronunciara em 1534, preconizava a mudança da Universidade para uma terra repousante que em breve sofreria o desenvolvimento necessário, de modo a tornar-se num centro aprazível de estudos, à semelhança do que acontecera em terras estrangeiras. Comentava ainda que o atraso das nossas instituições escolares se devia à falta de condições e ao abandono a que foram votadas e não à míngua de talentos, pois conhecia portugueses que no estrangeiro publicavam obras que podiam rivalizar com as de autores antigos.

Um dos aspectos importantes desta oração de André de Resende, um dominicano egresso, é ainda a chamada de atenção para a possibilidade de um plebeu atingir um estrato social novo com o cultivo das letras. Alguns anos mais tarde, Arnaldo Fabrício insistirá nesta nota. É a *humanitas* sobre a *nobilitas*.¹²

Em Março de 1537, a Universidade principiara a funcionar em Coimbra, abrindo uma página importante na sua história, correspondendo a uma certa *refundação*. Coimbra adquiriu assim o privilégio de ser sede única dos Estudos Gerais do Império Português. Mas era urgente fazer regressar os professores portugueses e alunos às centenas que se encontravam no estrangeiro, principalmente em Salamanca, Paris e Bordéus. Estavam presos às boas condições de trabalho encontradas e à abundância de colégios e pousadas que os acolhiam, principalmente aos clérigos e monges com menores recursos.

D. João III e os seus conselheiros procuravam novas soluções para dotar a Universidade de mais espaços e de criar na cidade instalações apropriadas à fixação de mestres e alunos. É então que irá surgir na Baixa de Coimbra uma nova rua, consagrada a Santa Sofia, planeada a partir do Mosteiro de Santa Cruz e onde foram edificadas vários colégios. Era uma realização urbanística inédita no nosso País: a construção de uma artéria universitária, à semelhança de outras existentes em países europeus.¹³

O plano de reforma educativa passava essencialmente pela criação de um nível propedêutico de acesso à Universidade e por alterações no sistema de ensino do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dirigido pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que, entre nós, ficaram conhecidos pela designação de Padres Crúzios. O Mosteiro de Santa Cruz sempre fora uma instituição prestigiada desde que D. Afonso Henriques a considerou como um pilar importante ao seu desejo de expansão.

¹² Vd. José Mattoso, (Direcção de), *História de Portugal*, Círculo de Leitores, 1993, Vol. III, pp. 385 e 386.

¹³ Vd. Margarida Alçada, (Directora) *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, Setembro 2006, pp. 25 e 26.

E Brás de Braga, um humanista da Ordem dos Jerónimos, que estudara em Paris e se doutorara em Teologia pela Universidade de Lovaina, fora encarregado por D. João III da reestruturação das escolas do Mosteiro de Santa Cruz.

Também Brás de Barros e Frei Diogo de Murça tiveram a missão de proceder a reformas em curso, numa tentativa de desvincular a Academia da tutela monástica, afim de que no cultivo das boas-letas não fôssemos excedidos pelos estrangeiros.¹⁴

A reforma joanina tornava-se longa, e o período entre 1537 e 1543 foi marcado por hesitações. Mas D. João III não desiste da prossecução dos seus objectivos, a modernização cultural do País, dentro de princípios renovadores. A partir de 1542, tomara já a firme decisão de fundar em Coimbra um Colégio de Humanidades, tanto mais que, no ano anterior, Diogo de Murça, reitor da Universidade, informava o Rei de que, apesar dos esforços feitos, a Universidade não tinha atingido grande brilho *nos princípios da Latinidade*.

D. João III compreende então a necessidade premente da criação de um ensino humanístico exigente, à semelhança daquele que existia na Europa evoluída, com colégios de matriz laica e cristã, que muito se diferenciavam dos monásticos e clericais. Só assim Portugal se tornaria num País moderno à altura das Descobertas. E em 1543, escreve a André de Gouveia a pedir-lhe que viesse a Portugal, a fim de tratarem da organização de um bom colégio que pudesse rivalizar com os estrangeiros.

André de Gouveia, apesar de estar no auge da sua carreira, é sensível ao pedido do Rei e vê chegado o momento de ser útil à Pátria (*e não existe nenhum amor maior do que este*), no dizer de Arnaldo Fabrício.¹⁵ Tanto mais que o humanista tinha bem presente a Pátria e acalentava o desejo de lhe ser útil, como se prova por uma carta que de Bordéus escreveu ao amigo Rui Fernandes, em 1537. Nela fala das belíssimas condições materiais que a cidade de Bordéus lhe proporcionava, mas confidencia: *todavia me parece nada porque nã vivo na patria e faço nella algum fruyto: e Deus sabe meu zelo e vontade quã grande he de poder nela frutificar*.¹⁶

Entrega então a regência do Colégio da Guiena a João da Costa e parte para Portugal. As negociações, nas suas linhas gerais, correram bem e André de Gouveia recebe de D. João III plenos poderes para proceder à organização de estudos do colégio e para nomear professores. E na Primavera de 1544 regressa a França e começa meticolosamente a trabalhar para dar cumprimento à promessa feita a D. João III.

Em Portugal o ambiente era mais propício à inveja e à intriga, alimentada pela conflituosidade entre *parisienses* e *bordaleses*, pairando já o espírito de intolerância da Inquisição. Logo a 3 de Fevereiro de 1544, o Rei recebe uma carta de Diogo de Gouveia a insinuar que o sobrinho André partilhava das doutrinas de Lutero e não

¹⁴ Vd. Joaquim Verríssimo Serrão, *História de Portugal*, Volume III (1495-1580), Verbo, 1978, p. 358.

¹⁵ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxij; cf. *infra*, p. 59.

¹⁶ Vd. Cit. de Marcel Bataillon, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, 1952, p. 112.

sabia Teologia. D. João III parece não se deixar influenciar, mas os preparativos para a instalação do Colégio Real, que ficaria conhecido pela designação de Colégio das Artes, faziam-se com demasiada lentidão.

André de Gouveia continuava firme no seu objectivo de criar mais um colégio de fama internacional. Conhecedor das melhores instituições no estrangeiro, sabia que o êxito do novo colégio que ia dirigir passava não só pela escolha dos melhores Mestres e regulamentos, mas também pela biblioteca e pela arquitectura do edifício, e de tudo se ocupava. Pela Europa fora, os construtores de colégios universitários tinham encontrado um plano arquitectónico em que o traçado dos espaços obedecia já a objectivos profanos e não a religiosos, como acontecera até ao Renascimento.

Mas estas alterações causavam alguma apreensão a André de Gouveia, receando que não fossem bem compreendidas em Portugal. Os novos equipamentos, quer construídos de raiz ou adaptados a partir de um imóvel senhorial ou militar, tinham de subordinar-se a concepções humanistas, que exigiam modificações importantes, logo a começar pela introdução de quartos individuais a substituir as antigas celas dos dormitórios monásticos. E a exiguidade do espaço, num colégio projectado para muitos alunos, ainda que desenvolvido em dois ou três pisos, poderia exigir soluções revolucionárias à época, como a biblioteca e a enfermaria serem colocadas em plano superior ao da Igreja, se necessário fosse.

O Colégio das Artes, destinado a ser o centro do ensino das Humanidades, acolheu-se a um espaço junto do Mosteiro de Santa Cruz, que fora ocupado pelos colégios crúzios de São Miguel e de Todos-os-Santos. Numa carta, a 9 de Setembro de 1547, D. João III pedia aos monges de Santa Cruz emprestados os dois colégios para aí instalar o Colégio das Artes, até que *forem feitas as casas que de novo ey de mandar ffazer pera o dito Collegio*.¹⁷

Hoje não conhecemos em plenitude como teria ficado o traçado arquitectónico do Colégio das Artes no tempo dos humanistas, em virtude dos malefícios do tempo, de novos arranjos urbanísticos e das vicissitudes dramáticas que o ensombraram, a passagem para os Jesuítas em 1555 e dez anos mais tarde para a Inquisição. Os novos destinatários do edifício provocaram nele alterações de acordo com os seus objectivos e interesses.

Atento aos últimos pormenores e a pensar nos equipamentos didácticos e tipográficos necessários ao novo colégio, André de Gouveia realizou mais uma viagem a Portugal em 1546 e, no ano seguinte, o Rei aprovava os estatutos. Deviam ser muito semelhantes aos que o humanista redigira para o Colégio da Guiena e que, dado o seu interesse pedagógico, foram mais tarde publicados em Bordéus por Elias Vinet. As disciplinas fundamentais seriam o latim (contava-se com a existência de dez classes de latinidade), o grego, o hebraico, as matemáticas e a filosofia. Uma das deficiências do ensino humanístico era o interesse muito restrito pela Física.

¹⁷ Vd. Margarida Alçada, *op. cit.*, p. 46.

Aproximava-se então o grande momento da abertura do Colégio das Artes, onde, além de outros, um escol de Mestres *bordaleses* iria leccionar. André de Gouveia regressara definitivamente a Portugal, fazendo-se acompanhar por Arnaldo Fabrício, a quem, segundo Gaullieur, consagrava grande amizade, *Gouvéa le tenait dans une estime toute particulière*.¹⁸

No grupo vieram ainda Jorge Buchanan, já um poeta latino conhecido, Nicolau de Grouchy, considerado um dos melhores Mestres de Retórica e Guilherme de Guérent. Os outros Mestres, que chegaram num segundo grupo, foram Elias Vinet, João da Costa, Diogo de Teive, António Mendes e Patrício Buchanan.

Eis chegado o dia 21 de Fevereiro de 1548, data da inauguração do Real Colégio das Artes, que ficaria assinalada como um marco na História do Humanismo português. A abertura do acto solene fez-se com uma bela Oração de Sapiência, pronunciada em estilo ciceroniano. A escolha do orador, na celebração de acontecimentos importantes, é sempre um acto criterioso a merecer o maior cuidado.

André de Gouveia, que nada deixava ao acaso, deve ter sido influenciado na sua decisão de escolha pelo talento da arte oratória de Arnaldo Fabrício e pelo seu bom conhecimento da língua latina, particularmente da obra de Cícero. Gaullieur menciona G. de Lubre, autor da obra *De Viris Illustribus Aquitaniae*, pelo facto de o autor incluir Arnaldo Fabrício entre as personalidades de que se ocupou, apresentando o orador como um brilhante estudioso das ideias e da linguagem de Cícero que sabia utilizar nos escritos, afirmando: *Fuit enim Fabricius Ciceroniani sermonis, studiosus, copiosa rerum et uerborum oratione abundans*.¹⁹ Conhecimentos que o humanista francês deve também ter patenteado nas suas cartas latinas, publicadas em 1571 por Bartolomeu Berton, em La Rochelle.²⁰

A *Oração Sobre os Estudos das Artes Liberais* certamente fora ouvida com agrado por aquela famosa e erudita assembleia. O discurso eloquente, como preconiza Cícero, no *Orator*, devia convencer, deleitar e comover os ouvintes, e assim terá acontecido. Todo o discurso pretendeu e conseguiu, com ênfase oratória, mostrar que as humanidades eram dignas não só dos homens nobres e livres como dos cidadãos mais capazes e estudiosos. O Colégio das Artes ia oferecer a formação, intelectual e moral, necessária ao desempenho da vida social e política, permitindo aos alunos mergulhar e reflectir nos ensinamentos das obras de cultura clássica. Portanto, nada melhor do que sensibilizar os discípulos e a classe dirigente para a importância do mérito e do valor formativo das disciplinas fundamentais que ali iam ser ministradas.

Os humanistas sentiam um deslumbramento, quase sem limites, pela cultura clássica, mormente pela obra de Marco Túlio Cícero. A oração de Arnaldo Fabrício

¹⁸ Vd. Gaullieur, *op. cit.*, p. 101.

¹⁹ Cit. de Gaullieur, *op. cit.*, p. 101.

²⁰ Cit. de Gaullieur, *op. cit.*, p. 203.

é toda ela pronunciada em bom estilo ciceroniano. Tanto mais que o maior orador da língua latina, deixara um modelo para estes discursos, *Oratio pro Archia poeta*, um magnífico elogio das letras, que considerava que eram os artistas, os poetas, os filósofos e os oradores que contribuíam para o progresso da humanidade. E o *Pro Archia* tornou-se uma obra de eleição para os humanistas, principalmente para os que discursavam nas universidades ou instituições afins e aspiravam a exaltar o cultivo das letras num texto que pudesse, se possível, rivalizar com o do Mestre, Marco Túlio Cícero.

Mas o *Pro Archia* só por si não chegava para escrever uma boa oração em estilo ciceroniano que tecesse o elogio das diversas disciplinas e Arnaldo Fabrício, como outros bons oradores humanistas, precisava de dominar toda a obra de Cícero, tanto a filosófica, como a retórica e forense. Em vários passos do seu discurso, há a influência, mais ou menos pronunciada, de outras obras de Marco Túlio, tais como: *De Inuentione*, *De Republica*, *De Legibus*, *Tusculanae Disputationes*, *De Senectute*, *Paradoxa ad M. Brutum*, *De Diuinatione*, *De Oratore e Orator*, *Pro Murena*, etc. Só esse conhecimento alargado permitiria salientar o mérito de cada uma das disciplinas e ainda avaliar o contributo filosófico e a utilidade prática que elas emprestavam ao desenvolvimento harmonioso do género humano e das cidades.

Quanto à oração e ao seu desenvolvimento, Arnaldo Fabrício começa por uma espécie de prefácio, dirigido ao leitor, em que refere as duas causas que o levaram à publicação do texto. Confidencia que, após os primeiros momentos de profundo desgosto sofrido com a morte de André de Gouveia, pensou que a publicação do discurso seria uma justa homenagem prestada ao amigo a quem tanto admirara. A segunda causa motivadora da edição foi admitir que, perante a abundância de argumentos apresentados, os jovens se sentiriam motivados ao estudo das artes e ficariam gratos a D. João III, que tudo fez para que a juventude portuguesa tivesse um ensino de qualidade como a de França e a de Itália.

Confessa também que no “versar lugares comuns” recorreu a Cícero, mas procurou fazê-lo com alguma independência, não receando a crítica dos censores.

Seguidamente, no exórdio, apresenta, em traços muito rápidos, a ideia-base de todo o discurso, isto é, as vantagens individuais e colectivas que se podem colher do estudo das artes e o papel civilizador que elas encerram. Mas a sua dignidade é tão magnífica que, apesar de todo o empenhamento, receia não estar à altura do convite feito por André de Gouveia e pede, por isso, a simpatia e a benevolência do auditório.

Entra então na exposição do assunto que pretende tratar. Através de uma digressão filosófica, mostra que em toda a criação o homem ocupa a primazia. Deus criou-o formado de corpo e alma e esta possui apenas rudimentos da virtude e do bem que se aperfeiçoam e desenvolvem com o cultivo das artes. Entre elas, ocupa o primeiro lugar a Sabedoria, o seu estudo é a Filosofia, que procura dar ao homem a noção de uma vida feliz, levando-o a conhecer-se a si próprio e a saber viver em sociedade. Enumera então as vantagens do estudo da Filosofia.

Mas o orador está atento à existência de homens que apenas se deixam impressionar pelo lucro e pelo proveito e passa a abordar aquelas Ciências cuja utilidade se torna mais imediata. Principia pelas Ciências que designa por Matemáticas: a Aritmética, a Música, e mostra que, entre os Gregos, sem o conhecimento desta arte, ligada à Matemática desde os pitagóricos, ninguém era considerado culto; a Geometria e a Astronomia, salientando a sua importância nas Descobertas; passa então à Gramática, a que chama a ciência das letras, à Dialéctica e à Retórica e desta à Eloquência e à Jurisprudência e, por último, aborda a importância da Medicina. De notar que não há referência à Teologia como acontece noutras orações da época, ainda que o autor se revele um humanista cristão.

Após Arnaldo Fabrício ter enumerado cada uma das vantagens que encontra no cultivo das artes, faz, em síntese, o seu elogio genérico e lembra que apenas através delas ou da ciência militar os cidadãos podem atingir o mais alto grau da honra e da fortuna. No entanto, entende que o estudo das Humanidades e da Poesia deve prevalecer sobre a ferocidade das armas. Tece ainda o elogio da escrita que desempenha papel relevante contra o esquecimento; sem o testemunho da História toda a civilização humana ficaria sepultada nas trevas.

Alude à barbárie que durante séculos soterrou a cultura humanística que só saiu dos escombros graças à generosidade de príncipes e de reis, o que lhe permite fazer o elogio do Rei ilustríssimo, D. João, que conseguiu também para a Lusitânia a distinção das letras e difundiu a civilização nas terras conquistadas. Por último, dirige-se a André de Gouveia, a quem trata por “nosso eminentíssimo guia” e lembra, com emoção calorosa, o prestígio por ele alcançado na regência dos Colégios, de Santa Bárbara em Paris e no de Guiena em Bordéus. Não deixa ainda de proclamar o êxito que em breve o Colégio das Artes alcançaria.

Por último, na peroração, dirige-se ao auditório e em particular aos alunos, pedindo-lhes que se entreguem com entusiasmo ao estudo das Humanidades e das Ciências, tanto mais que, uma vez que lhes são facultadas todas as condições e facilidades, não aconteça que só eles faltem a si próprios.

A oração foi editada pela primeira vez em Setembro de 1548, em Coimbra, na oficina dos impressores régios, João Barreira e João Álvares. E a sua publicação, passados poucos meses após o discurso ser pronunciado, mas já num período em que a Inquisição estava a perseguir os humanistas, talvez represente um acto de coragem de Arnaldo Fabrício. Desta 1.^a edição são conhecidos três exemplares, o da Biblioteca Municipal do Porto, o do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e o da Biblioteca Nacional de Lisboa.²¹ Existe uma 2.^a edição, que é uma reimpressão da 1.^a, realizada em 1926, também em Coimbra pelo Professor Mário Brandão, que se

²¹ O exemplar da Biblioteca Municipal do Porto está contido num volume com capa de couro e na lombada lê-se: *Coelli/Obras Várias*. Na 1.^a folha do referido volume, escrito à mão em latim, existe como que um índice. Seguidamente, há 188 folhas impressas e delas fazem parte sete Orações: de Arnaldo Fabrício; de Inácio de Morais, de André de Resende (1551);

baseou no texto impresso da Biblioteca Municipal do Porto. A 3.^a edição é também de Coimbra, de 1937, e foi elaborada pelo Dr. Luís de Matos, que publicou a oração de Arnaldo Fabrício juntamente com mais três: a de Belchior Beleago, a de André de Resende e a de Hilário Moreira, e utilizou o manuscrito da Biblioteca Nacional.

Quanto aos manuscritos conhecidos: o da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o da Biblioteca Nacional de Lisboa e o da Biblioteca Pública de Évora, são cópias do texto impresso. Como se perdeu o rasto do manuscrito original, foi o texto da edição quinhentista que preferimos, ainda que também nos tenhamos debruçado sobre as variantes dos manuscritos conhecidos, numa tentativa de fixar o texto tal como ele terá saído da pena de Arnaldo Fabrício.²²

de Pedro Fernandes; de Hilário Moreira; de António Pinto e de Belchior Beleago; além de composições em prosa e em verso de Jorge Coelho e de Manuel da Costa.

A mancha tipográfica está em bom estado.

O volume do Arquivo Nacional da Torre do Tombo é uma miscelânea de obras em prosa e em verso. A capa é de carneira fina, de cor esbranquiçada e na lombada lê-se o nome dos autores dos textos. Apresenta duas Orações, uma de Diogo de Teive, pronunciada em honra do casamento dos príncipes ilustríssimos D. João e D. Joana, futuros pais de D. Sebastião, e a outra de Arnaldo Fabrício; um texto de Damião de Góis, dirigido ao infante Ludovico e o texto *De Bello Cambaico Commentarius primus, secundus et tercius*; composições várias em prosa e em verso de Nicolau Coelho; e ainda uma *Sacro Chronologia*.

O estado de conservação é regular.

E o exemplar da Biblioteca Nacional tem uma encadernação de pele castanha, dizendo na lombada: *Arnoldus / MD XLVIII*. É apenas constituído pela Oração de Arnaldo Fabrício e por composições e epigramas do notável jurista e poeta António de Gouveia.

²² Além do manuscrito original, é provável que ainda no século XVI tenham surgido outros, quer copiados directamente do original, quer de textos impressos, mas cuja localização é desconhecida.

Quanto aos manuscritos conhecidos, são os seguintes:

C – O manuscrito n.º 527 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Está encadernado em carneira castanha com uma lombada de letras diluídas, onde poderia ler-se: Orações Latinas. Dele fazem parte os seguintes textos: a Oração de Arnaldo Fabrício, a de Belchior Beleago, duas orações de temas religiosos e a de Jerónimo Cardoso, pronunciada na Academia de Lisboa, com o tema, O Elogio de Todas as Disciplinas. Deste autor há ainda um texto sobre um tremor de terra.

Anexo ao manuscrito com dois agrafos encontra-se a Oração de André de Resende, pronunciada no Colégio Real de Coimbra em dia de aniversário consagrado à sua fundação. O volume tem 296 páginas e a Oração de Arnaldo Fabrício vai desde a página 53 a 101.

O manuscrito apresenta muitos lapsos: faltam algumas frases, as palavras gregas não aparecem, há confusão na conjugação verbal; desordem no emprego do acusativo e do ablativo e, na terceira declinação, entre o genitivo do singular e o nominativo, vocativo e acusativo do plural.

Quanto a particularidades gráficas são as habituais em manuscritos desta época: pontuação desordenada, confusão no emprego de maiúsculas e o 'm' final substituído pelo til (primû); o grupo 'ct', ora reduzido a 't' (completebatur), ora surge onde não devia existir (audictores); frequentíssima confusão entre 's' e 'c' (ciderumq.), e o 's' intervocálico tem por vezes a grafia 'z' (cauza), etc., etc.

L – É o manuscrito n. 3.174 F. G. da Biblioteca Nacional. Está em razoável estado de conservação, a encadernação é de pele castanha e entre as pequenas nervuras da lombada ainda se consegue ler *Oration* (a terminação da palavra devia ter ficado cortada), *Latinae*. Dele

O que importa é que a *Oração Sobre os Estudos das Artes Liberais* é bem representativa da sua época, e o autor segue com elegância e equilíbrio as normas da estilística latina e da arte oratória. O orador renascentista, à semelhança do seu modelo, Cícero, soube transmitir-nos um belo elogio das letras, utilizando um vocabulário preciso, uma sintaxe rigorosa e amplos períodos ritmados, principalmente no meio e no fim das frases.

Numa língua como a latina, e também a grega, formada por uma sucessão de sílabas breves e longas, ao lado de tónicas e átonas, os ouvidos dos romanos habituavam-se desde tenra idade a distingui-las. E os escritores tiravam efeitos literários dessas combinações de acordo com os objectivos pretendidos, exprimindo-se numa prosa rítmica. O seu uso regular não era exclusivo da poesia: também surgia na prosa, que empregava com maior liberdade determinados arranjos de sílabas breves e longas, designados por pés. Cícero, que atribuía a maior importância social e política ao orador, entendia que não lhe bastava ter uma enorme cultura, mas era também necessário saber articular as partes do discurso e preocupar-se com a cadência das frases através das cláusulas métricas. Nos seus livros de retórica, principalmente no *Orator* e no *De Oratore*, teoriza acerca do ritmo oratório para a obtenção de determinados efeitos estilísticos.

E é principalmente no fim das frases, nas cláusulas, a fechar os períodos, que Marco Túlio emprega a combinação de sílabas breves e longas com maior rigor e harmonia de cadência. A análise dos finais das frases das suas obras, principalmente dos discursos, mostra-nos que o orador punha o maior cuidado na escolha dessas cláusulas que variavam conforme o tema tratado e os efeitos pretendidos. Em Cícero as cláusulas mais frequentes são constituídas por dicoreus (- U - U), para o escritor a cláusula mais bela, por créticos (- U -), seguidos de espondeus (- - U) e outras combinações de créticos, péones (péone 1º (- U U U) e péon 4º (U U U -) e espondeus. Mais raramente usa o iambo (U -) e o dácilo (- U U).

Entre outros autores, Laurand, na obra *Études sur le style des Discours de Cicéron*, referindo-se às cláusulas métricas latinas, afirmou: *A ce point de vue, les plus fervents cicéroniens du XVI siècle, les plus habiles à manier le latin ne ressemblent guère à Cicéron*. Mas na *Oração Inaugural do Colégio das Artes* verifica-se que Arnaldo Fabrício, talvez por aliar o bom domínio da língua latina a preocupações

fazem parte quatro orações conhecidas, pronunciadas em Coimbra no século XVI: a de Arnaldo Fabrício, a de Belchior Beleago, a de André de Resende, 1551, e a de Hilário Moreira.

O manuscrito tem 128 folhas escritas, e 32 pertencem à *Oração* de Arnaldo Fabrício. Apresenta relativamente poucos erros. Há, no entanto, algumas palavras mal escritas, outras omissas, confusão entre casos e formas verbais no singular, quando deviam estar no plural, e tem particularidades gráficas semelhantes às do manuscrito anterior.

E - O códice CXII da Biblioteca Pública de Évora é o único manuscrito com o qual não tomámos contacto directo. Contém, entre outras composições, quatro *Orações* latinas, a de Belchior Beleago, a de Arnaldo Fabrício, a de Hilário Moreira e a *Oratio in funere Philippi II*.

Dos manuscritos conhecidos, contendo a *Oração* de Arnaldo Fabrício, este parece ser o mais antigo e deverá remontar ao século XVII.

estético-literárias, características da arte oratória, emprega, nos finais dos períodos e em momentos principais do texto, as cláusulas métricas que se encontram nas mais notáveis obras de Cícero e que emprestam ao discurso do humanista um ritmo harmonioso e cadenciado. E a mero título exemplificativo, transcrevemos as cláusulas métricas do final dos últimos quatro períodos da Oração:

Impulisti – dicoreu
tandem paeniteat – espondeu e péon 1.^o
incumbendum – espondeu e espondeu
defuisse uideamini – péon 1.^o e crético

Arnaldo Fabrício, neste texto oratório, procurou ir ao encontro do orador ideal de Quintiliano, *uir bonus dicendi peritus*, isto é, bom cidadão, hábil na arte de dizer.

Só que não teve muito tempo para aceitar os aplausos. As aulas no Colégio das Artes principiaram logo, no dia seguinte à inauguração, e Arnaldo Fabrício e os seus colegas lá estavam a leccionar uma juventude ávida de captar o saber de além-fronteiras.

Aparentemente tudo parecia estar a correr bem no Real Colégio das Artes. Era uma escola moderna, inovadora, e os alunos eram atraídos pelos nomes sonantes do Humanismo europeu. André de Gouveia, numa carta dirigida ao Rei, de 13 de Março de 1548, dava conta do êxito do Colégio: *Os alunos passam já de oitocentos e segundo o que vejo antes de um ano ajuntarei duas mil ovelhas ou bem perto delas. Estão em tanto sossego e continuam tão bem seus estudos, que faz espanto a todos.*²³

Mas nessa mesma carta, há também alguma apreensão. O espaço dos dois colégios, São Miguel e Todos-os-Santos, que o Colégio das Artes fora ocupar, logo se tornara exíguo. A expensas de D. João III principiaram obras de ampliação, avançando pela rua da Sofia para norte e para nascente. E André de Gouveia manifestava as suas preocupações ao Rei. Em seu entender, o responsável da obra, João de Castilho, não estava a interpretar bem o projecto que tinha sido *elaborado* por João de Ruão e desabafava: *bem sei que todos elles entendem tão pouquo em fazer collegio como eu o quero e deve de ser como aquelles que nunca fizerã outro senâ para frades.*²⁴

E esse espírito anquilosado que André de Gouveia temia iria persistir e até agravar-se. Decorridos apenas escassos meses, após a prometedor inauguração do Colégio das Artes, surgiu, para alguns por doença suspeita,²⁵ a morte inesperada de André de Gouveia, a 9 de Junho de 1548! E aquele Colégio, farol de esperança na transformação do ambiente universitário, começava a ruir, minado pela Inquisição e pela rivalidade entre Mestres *bordaleses e parisienses*.

²³ Vd. José Mattoso, *op. cit.*, p. 390.

²⁴ Vd. Margarida Alçada, *op. cit.*, p. 48.

²⁵ Vd. Joaquim Veríssimo Serrão, *op. cit.*, p. 360.

Os amigos e colegas de André de Gouveia ficaram mergulhados numa dor profunda e Arnaldo Fabrício deixou-nos um testemunho comovente dessa angústia. Os humanistas vieram para Portugal não só atraídos pelas generosas recompensas de D. João III, como ainda pelo bom ambiente de trabalho e amizade que André de Gouveia proporcionava a todos os que participavam nas suas realizações educativas. A este propósito, Quicherat salienta a perfeita harmonia que reinava entre o Principal André de Gouveia e os membros do seu Colégio: *André de Gouvêa fut un véritable monarque dans son royaume, et un monarque selon l'idéal du moyen âge, c'est-à-dire qui gouvernait avec l'assistance de ses pairs.*²⁶

Após a perda do amigo, em Portugal, já quase nada havia a prender os humanistas, tanto mais que passaram a ser sombrios os acontecimentos que se desenrolavam no Colégio das Artes. D. João III, influenciado pelas cartas do velho teólogo de Paris, escolheu para novo Principal do Colégio o seu sobrinho dilecto, Diogo de Gouveia Júnior, primo de André. Os professores *bordaleses* pugnavam por João da Costa, tanto mais que no Colégio da Guiena era ele quem substituíra André de Gouveia quando este vinha a Portugal.

E a agravar o mau ambiente gerado, um novo golpe se abateu sobre o Colégio das Artes com a provisão de 8 de Novembro de 1549 que o tornou dependente hierarquicamente da Universidade, subtraindo-lhe uma boa parte da autonomia intelectual e ideológica pela qual André de Gouveia se batera. Não surpreende, portanto, que os seus companheiros sentissem que foi em vão a sua vinda para Portugal. Logo em 1550, o Santo Ofício inicia processos e prisões de humanistas ilustres, como João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan com a acusação de manifesta simpatia por algumas das ideias reformistas de Lutero. Alguns Mestres já em 1549 tinham deixado Portugal, como Elias Vinet e Patrício Buchanan. É natural que também por esta altura Arnaldo Fabrício tivesse regressado a França, tanto mais que já cumprira o que prometera a si próprio: a publicação da oração em homenagem ao amigo falecido.

Gaullier apenas justifica, com a falta de saúde, a saída do orador de Coimbra. E esta deve ter sido a razão que levou Arnaldo Fabrício à terra natal, enquanto Vinet regressou a Bordéus e Patrício Buchanan a Paris. Mas a amizade entre Arnaldo Fabrício e Elias Vinet perdurou. Nas epístolas latinas de Arnaldo Fabrício, há uma, datada de 26 de Março de 1556, que enviou a Elias Vinet, a propósito da sua nomeação para Principal do Colégio da Guiena, em que salienta o talento intelectual e as qualidades de carácter do amigo, à boa maneira das epístolas trocadas entre os humanistas.

Quanto às notícias chegadas de Coimbra a França, não eram animadoras. O Colégio das Artes fora entregue aos Jesuítas e, a partir de 1565, a Companhia de Jesus preferiu instalá-lo na parte alta da cidade. E o local destinado a baluarte da renovação cultural do País passou a ser sede do Tribunal da Inquisição e de novo

²⁶ Vd. Quicherat, *op. cit.*, p. 238.

voltaram as celas para albergar os inquisidores que organizavam processos contra insignes humanistas!

Mas nem tudo se perdeu, ficou pelo menos na História do nosso Renascimento, a Oração ciceroniana de Arnaldo Fabrício e a memória do esplendor cultural da inauguração, em Coimbra, do Colégio das Artes, que levou o humanista convictamente a afirmar: *em breve será o mais célebre de toda a Hispânia*²⁷. E assim devia acontecer se Portugal não fosse à época um cadinho de tremendas contradições.

MARIA JOSÉ PACHECO

²⁷ Vd. Fabrício, *op. cit.*, p. xxxi; cf. *infra*, p. 59.

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

ARNOLDI FABRICII
ACQVITANI

DE
LIBERALIVM ARTIVM
STVDIIS ORATIO

Conimbricae habita
in Gymnasio Regio pridie quam
ludus aperiretur. IX. Cal. Martii
M. D. XLVII

CONIMBRICAE
Apud Ioannem Barrerium et Ioannem Alvarez
M. D. XLVIII

ARNALDO FABRÍCIO
AQUITANO

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO
DAS ARTES LIBERAIS

Pronunciada em Coimbra
Na véspera da inauguração do Colégio Real
Em 21 de Fevereiro
M. D. XLVIII

COIMBRA
Na tipografia de João de Barreira e João Álvares
M. D. XLVIII

[ii]

ORATIONEM de liberalium artium studiis hic a me anno superiore habitam, cum iam iam editurus essem, repentinus mortis Andreae Goueani casus interuenit fecitque ut studium hoc meum deponendum mihi primum statuerem. Viro enim illo quo auctore ad dicendum accesseram, extincto eam luce indignam, eoque perpetuis tenebris damnandam esse existimabant.

Deinde uero gratissima beneuolentiae, qua me ille complectebatur, recordatio, in summo ipsius desiderio animo meo identidem obuersans ab ea me sententia deduxit; atque perpulit ut de quo uiuo in celebri conuentu dicendo honorificentissime praedicarem, eidem mortuo quam debebam, memoriam edita oratione praestarem, praesertim cum mea illa actione aliter non tam eius uirtuti uerum testimonium, quam praeconium quoddam fuisse tributum uideri posset.

Porro autem adolescentes artium, quae summis ac ueris laudibus hic ornantur, studiis deditos hoc officio demereri uolui, qui cum ad cognitionem illarum, quibus tot, tantaque, ad omnem uitae partem proposita sunt praemia, hac laudatione, cohortationeque mea sentient se fortasse non parum moueri, libenter agnoscent, quantum hoc uno litterarum nomine illustrissimo ac sapientissimo Regi debeant; qui dum acria Lusitaniae iuuentutis ingenia politissima Gallorum et Italarum aduenticia doctrina cultiora reddantur, nullis sibi ea in re sumptibus parcendum putat.

Illud uero neque, dissimulabo neque, me fateri pudebit, in hac locorum communium tractatione loca quaedam quae ad hanc rem maxime pertinere **[iii]** uidebantur a M. Cicerone me mutuatum esse; ita tamen, ut uerbis, ac ipsis propemodum rebus commutatis ea ut imitator in usum meum transtulerim. In quo, si modo meus hic labor non omnino frustra susceptus uidetur, spero meliori fore me condicione, quam cui uni Ciceronis imitatio nunc demum uitio, culpaeque tribuatur.

Quae aliis tot uiris nostra memoria summam apud omnes eloquentiae laudem, admirationemque comparauit. Quorum exemplo equidem me ab omni uituperatorum calumnia sic sartum tectum apud aequum lectorem conseruatum iri confido, ut in re quae laudem etiam meretur, delicti ueniam minime mihi petendam esse existimem.

Itaque iam ad orationem ipsam accedamus.

[iiij]

QUANDO estava para publicar a Oração, que pronunciei aqui o ano passado, sobre o estudo das Artes Liberais, surgiu o acontecimento inesperado da morte de André de Gouveia e fez com que, de início, eu pensasse que devia pôr de parte este meu trabalho. Na verdade, extinta a luz desse homem ilustre que me convidara a pronunciar a Oração, considerava-a indigna de ser publicada e, por isso, condenada às trevas do esquecimento.¹

Depois, a recordação dulcíssima da amizade que ele me consagrava, sempre presente no meu espírito, com imensa saudade, afastou-me dessa determinação e incitou-me a prestar com a publicação do meu discurso a merecida homenagem a esse homem desaparecido, que eu tanto enaltecera, enquanto vivo, naquela douta assembleia; sobretudo, porque de outra forma, as minhas palavras poderiam parecer não tanto um sincero testemunho prestado às suas qualidades, mas um mero panegírico.²

Além disso, quis com o meu trabalho incitar os jovens a entregarem-se ao estudo das artes que aqui se enaltecem com os mais elevados e verdadeiros argumentos.³ Quando eles, com este louvor e com a minha exortação, se sentirem talvez impelidos ao conhecimento das artes, que proporcionam durante toda a vida tantas e tão grandes recompensas, reconhecerão de bom grado quanto devem, no aspecto literário, a tão Ilustríssimo e Sapientíssimo Rei.⁴ De facto, entende que não se deve furtar a despesas nesta matéria, contanto que os espíritos perspicazes da juventude lusitana⁵ se tornem mais cultos, em contacto com o saber brilhantíssimo dos Franceses e Italianos.⁶

Não ocultarei, porém, nem terei pejo em confessar que, neste versar lugares comuns, fui buscar a M. Cícero certas passagens que pareciam [iiij] mais concernentes ao tema proposto. Mas fi-lo de tal modo que, mudando as palavras e até quase os próprios assuntos, tudo utilizei como um modelo. Assim, se não parecer que este meu trabalho foi inteiramente inútil, espero estar em melhores condições do que aquele a quem somente a imitação de Cícero pode ser imputada de vício e culpa.⁷

Essa imitação granjeou junto de todos e de tantos homens do nosso tempo o maior elogio e admiração pela sua eloquência. E confio, sem dúvida, que a exemplo destes ficarei tão incólume perante o leitor e resguardado de todas as calúnias dos censores que, num assunto que merece até louvor, julgo não haver, de forma alguma, que pedir perdão pelo delíto.⁸

E, com isto, vamos já à minha Oração.

[v]

SI QVAM TRITVM, Auditores, et passim ab omnibus usurpatum est litterarum nomen, tam uulgo cognita essent commoda, quae ab eis ad communem usum afferuntur, quae nunc a paucis in honore habentur, in summa procul dubio apud omnes tum ueneratione, tum auctoritate essent.

Sed in tanta opinionum prauitate fit, ut qui earum magnitudinem animo assequi nequeunt, ad quancunque aliam uitae rationem delati fuerint, eam ipsam naturae consentaneam; hoc uero studium puerilem quemdam ludum esse arbitrentur, in quo tempus frustra, operaque ponatur.

At ego contra sic statuo: eo bono nullum unquam mortalium generi neque ad pietatem sanctius, neque ad eam inter nos communionem, ad quam nati sumus, tuendam utilius, aut omnino praestantius Dei Optimi Maximi munere concessum fuisse.

Etenim si illustrissimis ueterum monumentis credimus, initio cum homines dissipati hic illicque agerent, primum ii et unum in locum congregati, et feritate agrestis uitae mitigata ciuitates legum, iuris, iudiciorumque descriptione constitutae fuerunt doctorum uirorum moderatione et sapientia.

Posteaque procedente tempore in maximis rebus publicis fidei, iustitiae, rectaeque disciplinae obseruantia stabilitis his auctoribus res maximae gestae; quarum felicitas [vi] cum ad nostram utilitatem pertineat, in iis litterarum beneficio memoriae prodendis eorundem quoque industria, operaque magnum posteris emolumentum inuexit.

Itaque quoniam mihi impositum est onus in tam celebri conuentu hoc tempore dicendi, nequis posthac falso arbitretur operam male collocatum iri, quae ad hoc studium adhibeatur: dicam de eius praestantia atque utilitate quam potero accomodatissime. Nam recenti huiusce Gymnasii constitutione Illustrissimi Regis prudentia et liberalitate instaurata, in hoc praesertim uirorum litteratorum, et his doctrinae studiis deditorum consessu, qua de re debeam potius, quam de litteris uerba facere?

Quarum dignitatem etsi dicendo consequi me posse plane diffido, tamen cum sedulo in hanc rationem incubuerim, tantum abest, Auditores, ut uerear reprehensionem uestram, ut conatum hunc meum in eam, quam opto partem uos accepturos, meque a uobis gratiam initurum sperem, si non tam fraude mea factum, quam rei natura fuerit, ut tantae magnitudini mea cederet oratio.

Quae tamen quo ad rem, de qua agitur, accomodatior exeat, ab ipsa hominis natura capiamus exordium. Sic enim facilius intelligemus quanta praesidia ex litterarum scientia ea sibi comparare, quantasque inde utilitates hominum genus percipere soleat.

Atque ut institutae laudationis expositionem commode persequi possim, uos interea dicentem me, [vij] quaeso, benigne ac diligenter attendite.

[v]

SE FOSSEM, senhores Ouvintes, tão conhecidas do vulgo as vantagens que se tiram do cultivo das letras para a vida prática, como é trivial e por todos usado o seu nome, ainda que poucos sejam os que presentemente as honram, não há dúvida de que gozariam junto de todos da maior veneração e prestígio.

Mas, no meio de opiniões tão errôneas, acontece que aqueles que não podem compreender a sua grandeza se deixam arrastar por qualquer outro género de vida, consentâneo com a sua natureza; e pensam que o estudo das letras é uma espécie de jogo pueril, em que se gasta inutilmente o tempo e a actividade.

Eu sou, porém, de opinião contrária: nada foi oferecido ao homem por graça de Deus Ótimo e Máximo, nem mais sagrado para o sentimento religioso, nem mais útil para defender a convivência para a qual nascemos, ou, de um modo geral, mais excelente do que esse bem.⁹

Com efeito, se dermos crédito às mais fidedignas memórias dos antepassados, de início, os homens viviam dispersos por aqui e ali e, seguidamente, reuniram-se, primeiro, no mesmo local e, após suavizada a inospitalidade da vida agreste, criaram-se cidades dotadas de leis, de justiça e de direito, graças ao governo sensato e à sabedoria de varões doutos.¹⁰

Depois, no decorrer do tempo, por influência desses homens, apoiados no respeito, na fidelidade, na justiça e num comportamento recto, realizaram-se os maiores empreendimentos em obras públicas da maior importância e o seu êxito [vi] estendeu-se até nós; e esta actividade diligente trouxe aos vindouros um grande contributo transmitido pelas letras.

E, assim, porque me foi imposta a pesada tarefa de falar agora numa assembleia tão célebre e para que ninguém no futuro pense erradamente que havia de dar por mal emprego o trabalho que é exigido a este estudo, discursarei o mais apropriadamente que me seja possível a respeito da sua excelência e utilidade.¹¹ Na verdade, após a recente criação deste Colégio, graças à competência e liberalidade de tão Ilustríssimo Rei e, precisamente, na presença de tantos homens cultos e dedicados a estudos desta natureza, sobre que outro assunto poderia eu discorrer senão das letras?¹²

Ainda que eu desconfie, senhores Ouvintes, que ao discursar possa abordar em plenitude a dignidade das letras, contudo tendo-me entregue com tanta aplicação a esta tarefa, estou tão longe de recear a vossa censura que espero até simpatia para o meu esforço, no sentido que desejo; e que me concedais a vossa benevolência, se acontecer que, não tanto por culpa minha, quanto pela natureza do tema em si, a minha Oração não corresponda a tamanha magnificência.

Mas para que ela saia mais apropriada ao assunto que trata, principiaremos pela natureza intrínseca do homem. Deste modo, mais facilmente compreenderemos quanto proveito o ser humano costuma tirar e guardar para si do estudo das letras.

E para que possa apropriadamente desenvolver a elogiosa exposição a que me proponho, [vij] peço que me escutem com atenção e complacência.

Homo animal prouidum et sagax tam praeclara condicione a Deo generatus est, ut inter omnia tam diuersi generis animantia principatum teneat, qui cum constet ex animo et corpore, perspicuum est primas esse animi partes, secundas corporis. In corpore sunt membra sic inter se ipsa constituta, ut figuram, formam, staturam ad naturam quam maxime aptam habeant.

Animus quandam habet praestantiam mentis, cui ingeneratae sunt paruae rerum maximarum notitiae, atque ipsa ratio insita quidem, sed ea non ita perfecta, ut nihil adiumenti extrinsecus requirat.

Talis enim mens est homini data, quae uirtutis, cuius est capax, non nisi elementa habeat. Quocirca artes exquisitae sunt, atque ex notatione, animaduersioneque naturae inuentae: quarum subsidio ad ea quae accepimus, consequentia adiungeremus, et quod in nobis est praestantissimum ab ipsa natura incohatum, perficeremus.

In iis Prudentia, quae recte a ueteribus ars uitae nuncupata est, primum locum obtinet, nam et quae a natura data sunt, sedulo tuetur, et quae desunt, comparat. Ex quo fonte deductae sunt artes, quae idcirco ingenuae et liberales dictae sunt, quod ingeniis liberalius sint dignae. Hae uero sunt quidam habitus animi ad uirtutem, ad quam maxime facti a natura uidemur, rectis studiis quasi subacti, et praeparati, **[vii]** ut Grammatica, Dialectica, Rhetorica, itemque numerorum, sonorum, mensurae, siderum rationes.

Talium itque, satellitum pulcherrimo comitatu prudentia illa Princeps stipata rationem, qua nihil est homini datum praestantius, a natura in mente incohatam harum ministerio magis ac magis perfecit. Quae ratio cum ad summum perducta, et uirtutum choro cumulata est, efficitur illa Sapientia: quae quid aliud est, quam omni uirtutis, et artium genere perfecta, et absoluta ratio?

Quae cum beatae uitae sit effectrix, Philosophiam, quae est studium sapientiae, de eius nomine Graeco uerbo sic dicta, maxime dignam arbitramur, in qua excolenda homines mentis, ingeniique excellentia praediti uersentur. Hanc princeps ingenii, et doctrinae Plato sapienter putauit nihil aliud esse nisi bonum, et inuentum deorum.

Nam cum deum colere; pietatem, iustitiam, animi tum magnitudinem, tum moderationem amplecti; caelestia et aeterna contemplari, humana et caduca pro nihilo habere uere sit diuinum, atque extra humani ingenii sortem positum; quis iam dubitet ueram Philosophiam, quae ad haec omnia nos erudiat, nobis de caelo diuinitus esse dimissam?

Quam ecquis satis digne unquam laudarit? Quae urbes peperit? Quae dispersos homines ad uitae societatem compulit? Quae consociatos, sermonis communionem conciliauit? Conciliatos, connubiis, familiis, **[ix]** affinitatibus coniunxit, et ad utilitatem ac officiorum inter se commutationem, omnemque

O homem foi criado por Deus como um animal providente e sagaz numa condição tão sublime que, entre todos os seres vivos de tão variada espécie, ocupa a primazia e, sendo formado de corpo e alma, é evidente que em ordem de importância, primeiro está o espírito e, em segundo lugar, o corpo.¹³ Neste, justamente, os membros estão dispostos de tal modo entre si que têm o aspecto, a forma e a estatura o mais possível apropriados à sua natureza.¹⁴

O espírito tem a superioridade da inteligência na qual se encontram gravadas pequenas informações das coisas mais importantes e a própria razão nela radica, ainda que de um modo não tão perfeito que não precise de algum auxílio exterior a si.

Na verdade, foi oferecida ao homem uma inteligência específica, que apenas possui elementos de virtude de que é capaz. Razão pela qual se procuraram as artes, encontradas a partir da observação e descrição da natureza humana, a fim de que, com o auxílio delas, acrescentássemos consequências lógicas ao que recebêramos, completando assim o que de mais nobre a própria natureza em nós começara.¹⁵

Entre as artes, ocupa o primeiro lugar a Sabedoria à qual os antigos chamaram, justamente, a arte da vida; de facto ela vela cuidadosamente pelos atributos que nos foram dados pela natureza e procura os que faltam. Desta fonte brotaram as artes que, por isso, se chamaram nobres e liberais, porque são dignas dos espíritos mais aristocratas.¹⁶ Estas representam como que um certo pendor do espírito para a prática do bem para o qual parece sermos destinados pela natureza e como que impelidos e preparados por estudos adequados, [viii] tais como a Gramática, a Dialética, a Retórica e ainda as Ciências Matemáticas, a Música, a Geometria e a Astronomia.

E assim a Sabedoria, qual Princesa, acompanhada por esse formoso cortejo de tais satélites, aperfeiçoa cada vez mais a razão; e nada de mais nobre do que ela foi dado ao homem e que a natureza, pelo ministério dessas artes, desenvolveu na mente humana. É esta razão que uma vez atingida a perfeição e completada pelo coro das virtudes se transforma na própria Sabedoria. E que outra coisa é esta senão a razão perfeita e completada por toda a espécie de virtude e de artes?

E, uma vez que ela é a causa de uma vida feliz, pensamos que a Filosofia, que é o estudo da Sabedoria, assim chamada pelo vocábulo grego com que se designa, é a mais digna de que homens dotados de espírito e talento superiores se ocupem dos seus estudos. Platão, príncipe da inteligência e do conhecimento, considerou-a, sabiamente, como um puro bem e uma criação dos deuses.

Na realidade, prestar culto a Deus, cultivar a piedade, a justiça, a grandeza de espírito, abraçando a temperança, comprazer-se nas coisas celestes e eternas e em nada ter as humanas e efémeras, como pode não ser verdadeiramente divino e situado para além das possibilidades do talento humano? Quem duvidará que a autêntica Filosofia, que sobretudo nos instrui, nos foi enviada do céu como um presente divino?¹⁷

Quem há que alguma vez lhe tenha prestado o louvor devido?¹⁸ Não criou ela cidades? Não conduziu ela os homens, que estavam até aí dispersos, a viver em sociedade? Depois de os reunir, ela não os tornou amigos pela comunhão da língua? Depois de os reconciliar, não os uniu ela pelo casamento, pela família [ix] e pelo parentesco

humanitatem, artium, iuris, legum, morum disciplina informauit? Haec, praeter tot, tantasque res, quibus communem uitam instruxit, quod erat longe maximum, et difficilimum, unumquemque seipsum nosse docuit.

Quod praeceptum quia maius humana dignitate uideretur, non ab homine ullo, sed Appolinis oraculo putabatur fuisse editum.

Et quoniam corporis nostri non usque adeo obscura, et difficilis est ratio, eo admoneri uidemur, ut animi naturam, uimque praecipue exquiramus.

In quo cum Philosophia ipsa maxime eluceat, si ea magistra nitamur, dispicere poterimus, ac intelligere animum nobis diuinitus datum cum multis aliis praeclaris rebus ornatum, tum ratione, qua ceteris animantibus differimus, praeditum.

Quam cum inchoatam, nec plane perfectam a primo datam nobis esse sensim nos metipsos cognoscendo perspexerimus, si quemadmodum omnes ea praestamus belluis, sic alii aliis antecellere uoluerimus, dabimus operam, ut eam quibuscumque id fieri poterit adiumentis ad summum perducamus.

Est enim sic natura generata uis illa rationis, ut uirtutem ipsam tanquam absolutionem suam potissimum requirat, uirtus uero in agendo cernitur, atqui actionem praecedit rerum cognitio, ex quo efficitur, ut artes ipsae, et doctrinae, quae rerum cognitionem suppeditant, [x] rationi ad uirtutem sint necessariae, quibus quasi gradibus ad eam perueniat.

Quae cum ita sint, iam satis constare arbitror, quanta sit harum artium dignitas, quae ad id quod est in homine praecipuum, omni ex parte absoluendum, tale, tantumque afferant adiumentum.

Sed quando ita comparatum est, ut hominum duo sint genera: alterum eorum qui cum rationem ipsam, de qua loquimur, doctrina excoluerint, dignitatem, et honestatem omnibus in rebus anteponunt; alterum ex indoctis, et litterarum rudibus constat, qui cum nihil aliud in uita, quam quaestum, emolumentum, atque etiam uoluptatem spectent, faciendum est, ut cum litterarum dignitate moueri nequeant, earundem certe utilitate uincantur.

Quae ut planius, uberiusque a me demonstratur, sigillatim de artibus ipsis, quae litteris continentur, quid quaeque ad fructum communem afferat, dicendum est.

Atque ut ab iis quae Mathematica dicuntur, initium faciam; quis est a communi sensu tam alienus, qui ignoret, quanta sit Arithmeticae in omni uitae parte utilitas? Sentiunt hanc docti, et indocti, experiuntur quotidie quaestores, rationum praefecti, mercatores, et alii quicumque negotia gerunt.

para intercâmbio de vantagens e de deveres, não enriqueceu ela toda a humanidade com o conhecimento das artes, do direito, das leis e da moral?¹⁹ Além de tantas e de tão grandes benesses, com que dotou a vida em sociedade, ainda ensinou ela cada um a conhecer-se a si mesmo, o que era de longe o mais importante e o mais difícil!

Esta máxima, porque era considerada acima da capacidade do homem, acreditava-se que não fora emitida por nenhum ser humano, mas pelo oráculo de Apolo.

E, porque a constituição do nosso corpo não é demasiado obscura e complicada, parece, por este preceito, que nós somos advertidos a investigar principalmente a natureza e a força do espírito.

Uma vez que nesta máxima brilha com o maior esplendor a própria Filosofia, se nos apoiarmos nela como mestra, poderemos descobrir e compreender que o espírito nos foi dado pela divindade e não só adornado de muitas coisas belas como ainda dotado de razão, pela qual nos distinguimos dos restantes seres vivos.

Quando, examinando-nos a nós mesmos pouco a pouco, chegarmos à conclusão de que a razão nos foi dada no início em estado embrionário e não absolutamente perfeita, se do mesmo modo que por ela todos somos superiores às feras, também, se quisermos ainda distinguir-nos uns dos outros, teremos de nos esforçar, por todos os meios ao nosso alcance, para a elevar à sua máxima perfeição.

De facto, é tal a força natural da razão, concebida desde o início, que procura principalmente a virtude como um complemento seu. A virtude, porém, conhece-se nas acções, mas o conhecimento das coisas precede a acção. Daí resulta que as próprias artes e ciências que alimentam o conhecimento das coisas [x] são necessárias à razão para se atingir a virtude, a fim de que por elas, como que por degraus, se chegue a esta.

Sendo assim, julgo que fica suficientemente claro quão grande é a importância das artes que conferem tal e tamanha dimensão ao que no homem é fundamental e que deve completar-se sob todos os aspectos.²⁰

Mas uma vez que se observa que existem duas espécies de homens, uma que cultiva a razão através da ciência de que falámos e que prefere, em tudo, a dignidade e a honestidade e outra formada pelos incultos e ignorantes das letras que na vida prestam atenção acima de tudo ao lucro, ao interesse e ao prazer, de modo que deve procurar-se que uma vez que não podem ser influenciados pela dignidade das letras, que sejam ao menos vencidos pela utilidade das mesmas.²¹

E para que eu possa demonstrar essa utilidade, com mais clareza e amplidão, devo falar isoladamente de cada uma das artes que as letras encerram e da contribuição que trazem ao bem comum.

Começarei por abordar as que se designam por Matemáticas. Quem há tão alheio ao senso comum que ignore quão grande seja a utilidade da Aritmética, em todos os aspectos da vida? Reconhecem-na os doutos e os ignorantes, experimentam-na quotidianamente os tesoureiros, os mercadores e quaisquer outros que se ocupem de negócios.

Nec hi solum, sed omnium maxime, qui in reconditoribus artibus, et litteris uersantur. Quin etiam qui in arcanis naturae perscrutandis aetatem contriuerunt [xi] summo ingenio uiri, in rebus humanis numero nil perfectius esse censuerunt. Quem cum ceterarum artium mathematicarum fontem, et originem esse, eundem infinite progredi, uariisque modis ita augeri, ut cum ad summam multitudinem peruenerit, non solum duplicari, sed etiam supra omnem modum posse multiplicari uiderent, quibuscumque de rebus disputabant, quae in sensum non caderent, sed intelligentia tantum, et ratione comprehendi possent, earum explicationem numero exequebantur.

Omitto proportionem illas, radices, quadrata, cubos, pyramides, quibus nihil non designabant. Mitto etiam ternarii, septenarii, nouenarii, denarii praerogatiuas, et occultas uires, quibus uel naturam ipsam in rerum procreatione parere crediderunt, certe cum tantam numeri perfectionem esse uiderent, materiam, ex qua mundi animus factus esset, ad eius rationem temperatam, atque adeo animum ipsum numerum esse dixerunt.

Mundum uero ex partium inter se harmonia didicerunt musica ratione constare, quam Pythagoras rerum ab ipsa natura inuoluntarum causas perscrutans ex collatione numerorum inter se, quorum proportione symphonias illa redderet, nasci comperit. Nam cum pares chordas inaequalibus ponderum momentis appendisset, easque uicissim pulsasset, quae proportionem haberent trium ad quattuor, quam nos sesquialteram, Graeci [xij] uocant *ἐπίτριτον*, “diatessaron”, quae sesquialteram, diapente, quae duplam, diapason reddere experientia edoctus est.

Verum enim uero quanta in ueneratione Musica priscis temporibus apud Graecos fuerit, hinc intellegi potest, quod Musici tum idem qui poetae, et sapientes habiti fuerunt. In qua cum summa eruditio sita censeretur, Principes Graeciae eius peritos, et Themistoclem cum in epulis recusasset lyram indoctiorem habitum fuisse M. Cicero memoriae et litteris proditit. Quo quidem uiro aetate paulo inferior philosophiae parens Socrates et senex ipse dicitur fidibus didicisse, et ad hoc studium ingenuos adolescentes incendere cohortatione sua consueuisse.

Itaque tantum extitit in Graecia Musicae studium, ut qui liberos suos optarent, ad summam reipublicae laudem perducere, ea in primis erudiendos curarent.

Nam teneros, atque molles animos ad moderationem, constantiamque Musicae disciplina formari existimabant. Et profecto uis eius uariis in rebus magna est, quae animos tum excitat, tum remittit, morbos et animi, et corporis lenit, ac remouet, molestias abstergit, curas et labores solatio suo leuat. Psalmis, hymnis, canticis diuini numinis laus celebratur, prouidentia declaratur; rerum futurarum euentus praedicuntur. Milites tubis, tibiis,

E não somente estes, mas sobretudo os que se entregaram ao estudo das artes e das letras mais raras. Mais ainda, os homens de grande talento, que passaram a vida a perscrutar os segredos da natureza, [xi] concluíram que, no domínio do humano, nada havia de mais perfeito do que o número. Como vissem que ele era a fonte e a origem das restantes artes matemáticas, deduziram que progredia até ao infinito e que o seu aumento de vários modos era tal que, depois de atingir o expoente máximo, não só duplicava, mas podia ainda multiplicar-se para além de todo o limite. A respeito de qualquer tema, que discutiam e que não caísse no domínio dos sentidos, mas apenas pudesse ser compreendido pela inteligência e pela razão, davam a explicação através do número.

Omito essas proporções, raízes, quadrados, cubos e pirâmides com as quais tudo designavam. Ponho também de lado as propriedades e forças ocultas de um terço, um sétimo, um nono e um décimo às quais acreditaram que até a própria natureza obedecia no acto da criação das coisas. Sem dúvida que, reconhecendo como era tão grande a perfeição do número, afirmaram que a matéria de que tinha sido feito o espírito do mundo se organizara à sua feição e que até a própria alma era um número.²²

Ora, a partir da harmonia das partes entre si, entenderam que o mundo era formado de um plano musical, o qual Pitágoras, ao penetrar nas causas das coisas de sua natureza obscuras, concluiu nascer da relação dos números uns com os outros e que da proporção deles brotariam as sinfonias.²³ Com efeito, tendo pendurado cordas iguais em movimentos desiguais dos seus pesos e tocando-as uma por uma aprendeu, por experiência, aquelas que tinham a proporção de três para quatro, a que nós chamamos quatro terços e os gregos [xij] chamam epítrito “diatéssaron”, as que continham um quinto de outra, a quinta; e as que possuíam uma proporção dupla formavam o diapasão.²⁴

Assim, pode compreender-se em quanta veneração em tempos antigos a Música era tida entre os Gregos, pelo facto de os músicos, então, se identificarem com os poetas e os sábios. Nela se pensava que residia a mais consumada cultura. Marco Túlio Cícero transmitiu à posteridade através das letras que os Príncipes da Grécia eram peritos em Música e que Temístocles fora considerado inculto por num banquete ter recusado tocar lira.²⁵ E ainda que Sócrates, pai da Filosofia, sendo um pouco mais novo do que ele, mas já idoso, aprendera a tocar lira e mais ainda que, com a sua exortação, costumava entusiasmar os jovens nobres ao estudo da Música.²⁶

E na Grécia a cultura da Música desenvolveu-se tanto que aqueles que desejavam que os filhos atingissem os mais honrosos cargos, na República, procuravam formá-los antes de mais na Música.

Pensavam que os espíritos débeis e fracos se moldavam no equilíbrio e na persistência com a prática da Música. E, na realidade, a sua força é grande em vários aspectos: ela ora excita, ora acalma, suaviza e afasta as doenças do corpo e do espírito, dissipa as inquietações, mitiga os desgostos, dulcifica com o seu conforto as preocupações e os trabalhos.²⁷ Celebra-se o louvor da majestade divina com salmos, hinos e cânticos; demonstra-se a providência e proclamam-se acontecimentos futuros.

cornibus incensi nulla discriminis habita ratione in proelia ruunt; remiges celeusmate admoniti [xii] remos agunt, uel sustinent; phreneticorum mentes morbo turbatae symphonia ad sanitatem reuocantur.

Alexandrum Macedoniae regem memoriae traditum est, cum apud eum Timotheus ille musicus praestantissimus legem eam musicae incineret, quae argumentum bellicum continebat, tanto impetu concitatum, ut cum exclamasset regia cantica talia esse oportere, ad arma repente concurrerit. Et tanto ante Pythagoram accensos psaltriae modis iuuenes, cum eam modos in spondeum mutare iussisset, a ui, quam pudicae domui inferre parabant, cohibuisse.

Quod autem multo maius est, quis est qui si forte ipse non legit, de aliis tamen non audierit aliquando, quod extat sacris litteris perscriptum, Saulem Hebraeorum Regem, cum furiis agitaretur, citharae pulsu a Dauide mitigari, ac recreari sic fuisse solitum, ut modorum suauitate delinitus ad pristinum mentis statum quam primum reuerteretur?

Aristoteles peripateticae philosophiae princeps cum reipublicae bene constitutae plurimum interesse uideret, ut adolescentes recte instituerentur, Musicam ex earum artium numero esse demonstrauit, quae essent adolescentibus discendae, propterea quod et animum possit recte componere, et ad uitae degendae rationem non parum ueleat, dum ad animorum rerum actione defatigantium relaxationem, et quietem [xiii] tanquam medicina adhibetur.

Est igitur Musica in uariis uocum, instrumentorumque cantibus, ac modis posita, quorum tanta uis est in utramque partem, ut qualescunque ii fuerint, uel seueri, graues, decori, uel contra leues, molles, indecori, tales habitus animis, in quoscunque fuerint illapsi, excitare soleant.

Quapropter uir sapientissimus Plato interesse reipublicae non parum censebat, antiquae musicae seueritatem conseruare, cuius leges, cum ex earum labe maximam morum corruptelam secuturam uideret, non sine immutatione legum publicarum mutari posse, arbitrabatur. Quod utinam haud tam uere praedixisset, quam hoc saeculum testatur, quo uidemus, quanta in omnibus fere populis cum priscae, et seuerae musicae in mollem, et effeminatam innouatione accesserit morum, animorumque deprauatio.

Sed institutum persequamur.

Geometria deinceps, quae constat lineamentis, formis, interuallis, magnitudinibus, an non ad usum uitae communis est necessaria? Haec domibus bene, et ratione aedificandis lineas suas, figuras, dimensiones accommodat, metiendis latifundiis, agris diuidendis, ac definiendis regulam, ponderibus examinandis trutinam, mensuris certum quemdam modum adhibet, et quod unum ad hominum inter se societatem tuendam est

Os militares avançam para os combates, entusiasmados pelas trombetas, flautas e cornetas, sem atender a nenhuma linha de demarcação; e os remadores, levados pelo canto cadenciado, [xiiij] manejam ou retêm os remos; e os espíritos das pessoas nervosas, perturbados pela doença, recuperam a saúde com a harmonia da Música.

Conta-se que Alexandre, rei da Macedónia, estando junto de Timóteo, músico notabilíssimo, que tocava um trecho musical, interpretando um tema bélico, excitado por tão grande entusiasmo, de imediato correu para as armas, exclamando que deviam ser assim os cânticos bélicos.²⁸ E que já antes Pitágoras conteve jovens exaltados pelos ritmos ardentes de uma tocadora de cítara, quando eles se preparavam para a levar à força para uma casa não pública, ordenando-lhes que alterassem o ritmo da melodia para espondeu.²⁹

E ainda algo muito mais importante do que isto, quem há que se por acaso pessoalmente não leu, pelo menos não ouviu dizer, o que está escrito na Sagrada Escritura, a saber: que Saul, rei dos Hebreus, quando era perturbado por fúrias, costumava de tal modo acalmar-se e recompor-se com o toque de cítara tangida por David que, tranquilo com a suavidade da Música, logo voltava ao estado primitivo.³⁰

Aristóteles, príncipe da filosofia peripatética, porque entendia que era da maior importância para uma boa organização da República que os jovens fossem devidamente preparados, demonstrou que a Música estava entre o número daquelas artes que os adolescentes deviam aprender, uma vez que não só pode formar correctamente o espírito como ainda empresta saúde à forma de usufruir a vida, quando se utiliza como um medicamento para repouso e tranquilidade dos espíritos fatigados [xiiiij] pela agitação dos negócios.³¹

A Música está distribuída em vários cantos e melodias de vozes e de instrumentos, com uma influência tão grande em ambos os aspectos que seja qual for a natureza dos sons: agudos, graves, agradáveis ou, pelo contrário, ligeiros, moles, desagradáveis, costumam criar hábitos em todos os espíritos em que se instalam.

Por isso, Platão, homem sapientíssimo, pensava que interessava não pouco à República conservar a austeridade da Música antiga; estava convencido de que as suas leis não podiam alterar-se, a não ser que também houvesse uma modificação na legislação pública, pois via que uma grande corrupção dos costumes havia de ter lugar, após a sua ruína. E oxalá não tivesse sido tão bom profeta como este século o confirma, pois, verificamos quão grande é a depravação dos espíritos, que ocorreu em quase todos os povos, com a substituição da Música antiga e austera pela mole e efeminada!³²

Mas continuemos o assunto que nos propusemos tratar.

Segue-se a Geometria que consta de linhas, figuras, espaços e grandezas. Acaso o seu emprego não é necessário em toda a vida prática? Esta aplica devidamente as formas e as dimensões para a boa e racional construção das casas; aplica a régua para medir latifúndios, para dividir e delimitar os campos; a balança para verificar os pesos; e às medidas fixa um limite exacto. E, o que é importantíssimo para proteger

potissimum, ut suum quisque habeat, aequabiles proportionibus suis distributiones subministra.

In re militari [xv] magnus et olim fuit, et nunc etiam est machinarum bellicarum usus. Ad urbes tum oppugnandas, tum propugnandas ducuntur muri, et fossae, aggeres, ualla, castella, propugnacula, cuniculi communiuntur, ad flumina traicienda pontes, rates, scaphae, naues, ad explorandam locorum distantiam, altitudinem, summitatem uaria instrumenta fiunt, quorum omnium rationem quis neget a Geometria fuisse desumptam?

Hanc in Aegypto inuentam ad se transtulerunt Graeci, apud quos tanto in honore fuit, ut qui ea excultus non esset, philosophiae mysteriis indignus haberetur. Et uero in Platonis Academia homines huius doctrinae ignari aditu sedulo prohibebantur, cuius fores hac inscriptione ferunt notatas fuisse, *ἀγεωμέτρητος οὐδείς εἰσίτω*, qua tanquam lege cautum erat, ne quis geometriae imperitus eo ingrederetur.

Ei insuper diuinam quandam uim adsignauerunt summi ingenio, et doctrina uiri, quod a rebus corporeis animum abducens menti a sensus contagione purgatae sempiternarum rerum, et tantum sub intelligentiam cadentium imagines figuris suis tanquam speculo repraesentet.

Neque enim Physici quae de mundi satu, et uniuersae rerum naturae principiis, causis, effectis disseruerunt, non dico ea aliis tradere, sed animo quidem, et cogitatione complecti, neque Geographi orbem, partesque eius metiri, et descriptionibus spectantium oculis subiicere, atque quasi in rem praesentem [xvi] eos perducere unquam potuissent, sine Geometriae scientia atque instrumento.

Cuius quidem figurae, et proportiones ad motum, cursumque astrorum adhibitae Astrologiam peperunt, quae est caeli, siderumque motionis et conuersionis, accesus et recessus, ortus et occasus scientia diuturna obseruatione comparata. Cuius periti nisi horarum, mensium, anni constitutione tempora dispensassent, qui eorum beneficio hodierno die in clara rerum omnium luce uersamur, in summa tum praeteritarum ignoratione, tum praesentium confusione essemus.

Quocirca ut praeterritam animi uoluptatem, quae tanta est in harum rerum inuestigatione, obseruatione, intelligentia, quantam puto ex alia ulla re percipi posse, quis dubitat, quin in magnarum rerum administratione magno usui haec cognitio esse possit?

Memoriae proditum est Periclem Athenis cum ciues suos solis defectione usque adeo perterritos uideret, ut hoc portento caelitus sibi interitum, exitiumque urbi denuntiari arbitrarentur, contionem habuisse. In qua cum de solis, et lunae cursu sapienter disseruisset, conturbatos inani metu

a vida dos homens em sociedade, fornece-lhes divisões justas nas suas proporções para que cada um tenha o que lhe pertence.³³

Outrora, foi muito importante [xv] o uso da Geometria em assuntos militares e ainda hoje o é nas máquinas de guerra. Ora para atacar, ora para defender as cidades, constroem-se muralhas e fossos, terraplenos, trincheiras, fortalezas, fortificações e galerias subterrâneas; para atravessar os rios, edificam-se pontes, jangadas, barcos e navios. Fazem-se instrumentos variados para avaliar a distância dos lugares, a profundidade e o ponto culminante; e quem negará que o cálculo para todos estes utensílios foi fornecido pela Geometria?³⁴

Inventada no Egipto, os Gregos importaram-na e tiveram-na em tanto apreço que, quem não fosse muito versado nela, era considerado indigno da iniciação nos mistérios da Filosofia. E na Academia de Platão, os homens ignorantes daquela ciência eram rigorosamente proibidos de entrar. Conta-se que as suas portas foram marcadas com esta inscrição: *ἀγεωμέτρητος οὐδεὶς εἰσίτω*; assim como que por uma espécie de lei tomavam-se precauções para que ninguém ignorante em Geometria lá entrasse.³⁵

Demais, homens de grande talento atribuíram-lhe um certo poder divino uma vez que, afastando o espírito das coisas corpóreas, apresentava à mente, purificada do contágio dos sentidos, imagens das coisas eternas que somente incidiam diante da inteligência em figuras suas como que num espelho.³⁶

Sem a ciência e os instrumentos da Geometria, nem os Físicos teriam a possibilidade, já não digo de transmitir aos outros conhecimentos, mas nem sequer de atingir, pelo espírito e pela reflexão, aquilo que acabaria por ser objecto das suas dissertações acerca do estado do mundo e dos princípios, causas e efeitos da natureza universal das coisas; e nem tão pouco os Geógrafos teriam podido medir o universo e as suas partes, nem apresentá-lo em cartas geográficas [xvi] aos olhos dos observadores, colocando-os como que na presença do universo!

O emprego de figuras e proporções geométricas, aplicadas ao movimento e ao curso dos astros, fez nascer a Astrologia que é uma ciência feita da longa observação do céu, das estrelas, do movimento, mutação, chegada e retirada, nascimento e ocaso dos astros. Se os peritos em Astrologia não tivessem dividido o tempo na constituição de horas, meses e ano, nós hoje que, graças ao mérito desses homens, vivemos na luz clara de todas as coisas, estaríamos não só na maior ignorância do passado, como ainda na confusão do presente.³⁷

Por conseguinte, para pôr de lado o prazer espiritual que tão intensamente se experimenta na investigação, na observação e na compreensão destas coisas, como julgo que em nenhuma outra realidade se pode colher, quem há que duvide que na administração dos grandes negócios o conhecimento daquela ciência possa ser muito útil?

Conta-se que Péricles, vendo em Atenas os seus cidadãos tão aterrados por causa de um eclipse do sol, que pensavam que por este prodígio celeste lhes era anunciada a morte e à cidade o fim, falou à multidão. E, porque dissertou sabiamente a respeito do curso do sol e da lua, afastou do medo insensato os que estavam perturbados.³⁸

liberauit. C. item Sulpicius Gallus cum tribunus militum in exercitu Pauli Aemillii consulis esset, pridie quam committeretur proelium, in quo Perseu uictus, ex indeque in Samothracia captus fuit, quo ille rebus suis magna clade occisis desperans confugerat, productus [xviij] in contionem a Consule, quem nocte proxima lunae defectum fore praeuidebat, militibus praedixit. Quibus cum probasset ordine naturali id fieri solere, ne hoc ueluti prodigio eorum animi a dimicatione deterrerentur, effecit.

Iam uero in re nautica, quae sine huius praesidio in tanta maris uastitate, fluctuum iactatione, procellarum saeuitia, denique in tam infinita huiusce elementi barbarie securitas esse posset?

Sine quo quis unquam tot tantisque periculis se committere ausus fuisset, quanta, Viri Lusitani, maiores uestri in terrarum occultarum, ac Geographis ipsis olim ignotarum lustratione antea subierunt, nobisque ipsis pariter in eadem peruestigationem incumbentibus hodie sunt subeunda? Aut quotusquisque gubernator in nauigando cursum suum ad astra non dirigit, quibus ducibus quo statuit, se peruenturum confidat?

Chaldaei porro astrorum scientia artem effecerunt, qua quo quisque fato natus, quid cuique euenturum sit, ex natali die notari, praedicique posse putaretur. Eadem fretus sphaeram Archimedes fecisse dicitur, in qua solis et lunae, et aliarum quinque errantium stellarum motus, et conuersiones eodem modo, quo in caelo, singulis diebus, ac noctibus fierent. Quae omnia quam sint iucunda, quam admirabilia, quam utilia, ac plane in usu necessaria uidetis.

Veniamus iam ad eas artes, quae in perficiendo sermone [xviij] uersantur, in quibus Grammatica, quae est litterarum scientia, prima numeratur. Cuius quidem professio multo maior est, quam uulgus intelligat. Nam praeter pure, et emendate loquendi scientiam, auctorum quoque enarrationem complectitur.

Eius ratio ut in loquendo est necessaria, ita percipiendis, interpretandisque aliorum dictis, sensibusque opportuna. Etenim uerba propria, et apta nobis administrat, quibus animi sensa explicemus, et ne perturbata, discrepans, aut praepostera exeat oratio, docet sic ea coniungere, ut casibus, temporibus, personis, genere, et numero consentiant.

Ad eruendos praeterea sensus auctorum abstrusos, et reconditos copiosum quoddam instrumentum uaria rerum supellectile paratum adhibet, et quae tenuis, et exigua a primo uidetur, talem ad extremum se profert, ut quae in illustrioribus artibus sunt praeclarissima, nisi firmis huius fundamentis nitantur, consistere omnino nequeant.

Est enim omni loco, omnique tempore ita nobis necessaria, ut siue quid legamus, siue scribamus, siue cum aliis loquamur, siue ipsi nobiscum

Também C. Sulpício Galo, que era tribuno militar no exército do cônsul Paulo Emílio, na véspera de travar o combate em que Perseu³⁹ foi vencido e, depois, capturado em Samotrácia, para onde fugira desesperado, ao ver-se perdido na situação de uma grande derrota, foi apresentado [xvij] à multidão pelo cônsul e anunciou aos soldados um eclipse da lua que, segundo as suas previsões, se iria dar na próxima noite. E, porque demonstrou que tal costumava acontecer por causas naturais, fez com que os soldados não perdessem o ânimo e a vontade de combater perante aquele fenómeno.⁴⁰

E então na navegação, sem o auxílio da Astronomia, que segurança poderia haver no seio de tal vastidão do mar, na agitação das ondas e na crueldade das tempestades, em suma, no meio de tão infinita braveza desse elemento?

Sem ela, quem alguma vez ousaria expor-se a tantos perigos quantos os Varões Lusitanos, os vossos antepassados, enfrentaram na descoberta de terras desconhecidas e até então ignoradas pelos próprios Geógrafos? Afinal, os mesmos perigos que ainda hoje nós temos de suportar, entregues a idênticas explorações! Ou que capitão há que, ao navegar, não oriente a sua rota pelos astros e com estes guias não confie chegar à rota traçada?⁴¹

Além disso, os Caldeus do estudo dos astros fizeram uma ciência através da qual se pensava poder observar e predizer, a partir da data do nascimento, com que signo cada pessoa nasceu e o que havia de acontecer a cada um.⁴²

Diz-se que Arquimedes, baseado nessa mesma ciência, construiu uma esfera, na qual se operavam, do mesmo modo que no firmamento, todos os dias e todas as noites, os movimentos e mutações do sol, da lua e dos outros cinco astros errantes.⁴³

Vedes como são consoladoras, como são admiráveis, como são úteis e absolutamente necessárias na vida prática todas estas coisas!

Abordemos já aquelas disciplinas que se ocupam do aperfeiçoamento [xviij] da linguagem. Entre elas, figura, em primeiro lugar, a Gramática, que é a ciência das letras. O seu emprego é muito maior do que vulgarmente se crê. Assim, além de uma ciência de ensinar a falar com pureza e correcção, abrange ainda o comentário dos autores.

O seu estudo é tão necessário na linguagem como oportuno na compreensão e interpretação do discurso e dos sentimentos dos outros. Pois, fornece-nos os vocábulos precisos e adequados para expressarmos os nossos pensamentos e, para que o nosso discurso não saia desordenado, confuso, e às avessas, ensina a conjugar as palavras de modo a concordarem em caso, tempo, pessoa, género e número.⁴⁴

Ainda, para descobrir os pensamentos complexos e profundos dos autores, acrescenta uma abundância de processos feita com materiais diversos; e a Gramática, que de início parece insignificante e exígua, apresenta-se, por fim, tão importante que o que de mais notável existe nas artes mais nobres não pode de forma alguma manter-se, se não se apoiar nos seus sólidos fundamentos.

De facto, a Gramática é para nós tão necessária em todo o lugar e em todo o tempo que de forma alguma nos podemos privar dela, quer estejamos a ler, a escrever, ou

cogitemus, nullo modo ea carere possimus. Quae profecto cum ceteris artibus ita est coniuncta, ut quo modo haec ab illis, aut illae ab hac seiungi queant, ne intelligi quidem possit.

Dialectica proxime sequitur Grammaticam, a qua cum sermonem rectum, et nudum [xix] acceperit, primum dispicit simplicia uerba ad quod genus sint referenda. Deinde coniunctorum uim, naturamque considerat, quid *ὑποκείμενον* sit, quid *κατηγορούμενον* (quod utrumque dialecticorum uulgis subiectum, et praedicatum nominat) quid enuntiatio quot eius genera.

Tum regulam adhibet, qua uerum, falsum ne sit, quod enuntiatur, et quid e quoque efficiatur, quid cuique consequens, quid contrarium sit, iudicetur.

Cumque multa sint natura ambigua, atque confusa, ut quaeque plane, explicataeque dicantur, haec ars docet uniuersam rem in suas partes distribuere, ambiguam distinguere, latentis, et inuolutae uim definitione proferre, atque euoluere.

Cuius cum duae sint partes, una iudicii, de qua iam diximus, altera inuentionis, quae uiam, rationemque monstrat promendi ex locis, in quibus inclusa sunt argumenta, mirum est quantam in quaque disputatione facultatem, copiamque afferat tum ad disserendum, tum ad iudicandum. Ex quibus quanta sit huius doctrinae utilitas, satis apparet.

Dignitatem uero hoc uno metiri possumus, quod ceterae omnes artes huius artificio sunt constitutae. Nam quae artibus sunt nunc comprehensa, certum est dispersa, et dissoluta fuisse, priusquam haec ars, quae in artem illa redigeret, adhiberetur.

Huic finitima est Rhetorica, quarum tanta est cognatio, ut cum pleraque [xx] omnia habeant inter se communia, quid interea intersit aptius designari nequeat, quam qua hac in re manus similitudine Zeno usus traditur. Cum Dialecticam pugno, Rhetoricam palmae similem diceret. Est enim utriusque eadem materia, sed illa disserendi ratio angustior, haec dicendi latior est, atque ornatior, et cum populariter loquatur, animis mouendis, uulgi que sensibus magis accommodata.

Neque uero putandum est, id frustra natura esse comparatum. Nam secundum mentem diuinitus acceptam linguae, et sermonis uim maxime propriam habemus, qua a mutis pecudibus discreti excellentis naturae dignitatem multo melius, quam corporis, orisque figura, et specie exprimimus. Quam quidem a natura nobis iccirco esse tributam re ipsa intelligitur, ut sermonis usu inter nos communicando quantum quisque ingenio, et prudentia ualeret, alii alios docendo, monendo, hortando, mutuis officiis generis humani communitatem, ad quam nati sumus, societatem coleremus.

Quamobrem cum in obeundis muneribus, quae ad hanc uitae coniunctionem pertinerent, necessaria saepe numero esset uis quaedam maior

a conversar com os outros ou mesmo a reflectir connosco. Ela está tão em sintonia com as outras artes que de modo algum pode ser separada delas, ou vice-versa.⁴⁵

A Dialéctica segue de forma muito próxima a Gramática. Dela tendo recebido a linguagem correcta e descarnada, [xix] primeiro examina as palavras simples e o género a que se referem; depois considera o valor e a natureza dos elementos das proposições, aquele que seja o *ὑποκείμενον* e o *κατηγορούμενον* (que os estudos de dialéctica designam vulgarmente por sujeito e predicado), bem como o que constitui uma proposição e quantas espécies há.

Emprega ainda regras pelas quais seja possível distinguir se um enunciado é verdadeiro ou falso e o que dele resulta, avaliando qual seja o conseqüente e o seu contrário.⁴⁶

E, uma vez que muitas coisas são ambíguas e confusas por natureza, para que cada uma delas seja dita de forma exacta e clara, esta arte ensina a dividir o todo nas suas partes, a distinguir o que é incerto e a dizer e a explicar através de definições o significado do que está oculto e obscuro.⁴⁷

Como a Dialéctica é formada de duas partes, uma a do juízo de que já falámos, a outra a da invenção que mostra a via e o método de tirar argumentos de onde eles se encontram, é admirável quantas possibilidades e recursos traz, em qualquer discussão, tanto para dissertar como para emitir juízos de valor. Em face disto, é bem evidente a utilidade desta ciência.

Podemos, porém, avaliar a sua excelência pelo simples facto de todas as restantes artes serem construídas a partir dos conhecimentos técnicos da Dialéctica. Assim, é sabido que elementos, agora inseridos nas artes, estiveram dispersos e desligados antes dela os tornar uma arte.⁴⁸

Com ela confina a Retórica, cujo parentesco é tão grande que possuem [xx] a maior parte das matérias em comum. E não pode afirmar-se em que divergem de forma mais expressiva do que com a semelhança da mão de que dizem ter-se servido Zenão, uma vez que costumava dizer que a Dialéctica era semelhante ao punho e a Retórica à palma da mão. Ambas são formadas da mesma matéria, mas naquela a forma de dissertar é mais sóbria e nesta é mais ampla e embelezada. E, porque é possível falar de harmonia com a linguagem popular, é mais apropriada para comover a alma e para exprimir os sentimentos do vulgo.⁴⁹

E não se pense que isso foi estabelecido inutilmente pela natureza. Pois, segundo a inteligência recebida como um dom de Deus, temos o privilégio, que nos é muito peculiar, da língua e da conversação, pela qual, distintos dos mudos animais, expressamos muito melhor a dignidade da excelência da nossa natureza do que pela figura e aspecto do corpo e do rosto. Certamente se compreende que, por essa razão, a linguagem nos foi dada pela natureza para que comunicando entre nós pelo uso da palavra, segundo as possibilidades do talento e da sabedoria de cada indivíduo, uns ensinando os outros, aconselhando e exortando a que cultivemos, de mútuas formas, o convívio humano e a sociedade para que nascemos.

Por isso, uma vez que no cumprimento dos deveres que dizem respeito à vida em sociedade, seria necessário muitas vezes uma força maior do discurso que não fosse

orationis, quae non solum quid fieri par esse docere, sed audientium mentes ad id capessendum impellere posset, excitata est uberior illa, et uehementior mentis interpret oratio sapientum uirorum ingenio, et industria; qua cogitationes [xxi] nostras non solum diserte et prudenter explicare, sed etiam quemcunque animorum motum res ipsa postularet, uel excitare, uel sedare dicendo possemus.

Quae facultas arte subnix usuque, et exercitatione confirmata Eloquentiam parit, ac procreat, quae quoniam rerum scientiam cum uirtute complexam tenet, nihil aliud esse definita est, quam copiose loquens sapientia. Qua una quid ad splendorem, et gloriam illustrius, aut ad laudem admirabilius, aut omnino ad opes, ad gratiam, ad dignitatem praestantius, non esse tantum, sed dici, aut etiam cogitari potest?

Haec pacem, amicitiamque inter populos conciliat, haec ciuitates, regna, imperia consiliis instruit, haec leges reipublicae salutare rogat, iudicia tuetur, oppressos periculis subleuat, nocentem fraudes, et scelera detegit, ac poenis ulciscitur. Haec denique ad animos commouendos tantam in omnem partem uim habet, ut nulla sit tam obstinata sententia quae expugnari, nulla tam excitata iracundia, quae sedari, nihil denique tam persuasum, atque animo infixum, quod moueri, euellique eius uiribus non possit.

Quibus instructus uir bonus, qualem esse oratorem oportere intelligimus, quantam opem non singulis solum, sed uniuersae reipublicae affere possit, ut alios praetermittam, quos eloquentiae laude in ciuitatibus suis floruisse legimus, exemplo sunt duo illi oratores omnium, quos unquam natura procreauit, praestantissimi Demosthenes, et Cicero.

[xxij] Quorum ille non solum pro ciuitate sua multa alia praeclare gessit, sed etiam ut et historiae, et diuina eius scripta declarant, pro totius Graeciae libertate Philippo Macedoniae regi cunctis opibus Graeciam inuadenti sese opposuit, aduersus quem tanta contentione dimicauit, ut populus Atheniensis, quem is ad defensionem communis libertatis suscipiendam hortatu suo impulerat, tot copiis, tanto imperio, tanta prudentia et gloria longo tempore, et rerum gestarum magnitudine comparata, non fortius, quam hic unus mentis, ac linguae uiribus potentissimo hosti restiterit.

Quid uero M. Tullius? Quisquam ne in ulla ciuitate unquam maiore eloquentia, animo, contentione, quam hic in Romana republica orbis terrarum principe, publicae libertatis, legum iudiciorum causam sustinuit? Quis fortius contra sceleratos ciues, et pestem patriae nefarie molientes pugnauit? Quis constantius sceleri et audaciae restitit? Quis acrius tyrannidem repulit?

Hic eloquentia, consilio, fide armatus Verris libidinem, avaritiam, crudelitatem ultus est. Hic Catilinae coniurationem oppressit, et arma contra patriam suscepta e perditissimorum ciuium manibus extorsit. Hic turbulentos,

só igual a ensinar o que devia fazer-se, mas também que pudesse impelir o espírito dos ouvintes a executar isso mesmo. Criou-se, então, graças ao talento e à arte de homens esclarecidos, um discurso mais elaborado e veemente na interpretação do pensamento; e, por seu intermédio, [xxi] pode-se não só explicar, com elegância e sensatez, o que nos vai na alma, mas também excitar ou acalmar todas as mutações do nosso espírito de acordo com o que as circunstâncias exigem.

Esta capacidade, apoiada na arte e no uso, e confirmada pelo exercício, origina e cria a Eloquência que pela razão de possuir o conhecimento das coisas de braço dado com a virtude, foi reconhecida simplesmente como sendo a sabedoria eloquente. O que pode não só existir mas também dizer-se, ou até imaginar-se, de mais notável para o esplendor e para a glória, ou de mais admirável para a honra, ou de mais excelente para a influência, reconhecimento e dignidade do que esta ciência?⁵⁰

É ela que fomenta a paz e a amizade entre os povos, é ela que com os seus conselhos instrui as cidades, os reinos e os impérios, é ela que promulga leis eficazes para o Estado, resolve as contendas, afasta os oprimidos dos perigos, descobre e castiga com penas as fraudes e os crimes dos malfeitores.⁵¹ Em suma, ela tem tanta força, em qualquer circunstância, para impressionar os ânimos que não existe opinião, por mais obstinada, que não seja vencida; não há nenhuma cólera tão violenta que não seja apaziguada; por último, nada existe tão persuasivo e arreigado ao espírito que não possa ser removido e desenraizado pelos tentáculos da Eloquência.⁵²

Demóstenes e Cícero, que foram, entre todos, os dois oradores mais ilustres que a natureza jamais alguma vez criou, para não lembrar outros que, segundo lemos, brilharam nas suas cidades pelo fulgor da sua Eloquência, servem para demonstrar o enorme contributo que um homem de bem, como em nosso entender deve ser o orador, pode prestar não só ao indivíduo em particular como a todo o Estado.

[xxij] Aquele vulto notável não só realizou em prol da sua cidade muitos feitos nobres, como ainda, segundo consta de factos históricos e dos seus escritos divinos, se opôs, em prol da liberdade de toda a Grécia, ao rei Filipe da Macedónia que invadira o país com imensos recursos militares. Contra ele lutou com tal determinação que o povo ateniense, que ele entusiasmara com a sua exortação a tomar a defesa da liberdade comum, apesar de possuir muitas tropas, poder, sabedoria e glória de longos anos, alcançada com a grandeza de acções memoráveis, não resistiu ao inimigo poderosíssimo mais fortemente do que ele, sozinho, com os recursos da sua inteligência e oratória.⁵³

E que dizer de Marco Túlio? Porventura alguém em alguma cidade, com mais eloquência, coragem e determinação do que ele, na República romana, cabeça do mundo, sustentou a causa da liberdade, das leis e do fórum? Quem com mais veemência do que ele lutou contra cidadãos criminosos que maquinavam, impiamente, a ruína da pátria? Quem com mais perseverança lutou contra o crime e o atrevimento? Quem com mais veemência repeliu a tirania?

Foi ele que, armado com a sua eloquência, determinação e lealdade, puniu o desregramento, a ambição e a crueldade de Verres.⁵⁴ Foi ele quem surpreendeu

et furiosos P. Clodii conatus refutauit. Idem M. Antonium rempublicam armis obsessam tenentem, et gladiatorum terrore iam ad se omnia trahentem, hostem iudicauit, urbeque expulit. [xxiij] Cum cuius salute ita reipublicae salus erat coniuncta, ut non prius tyrannorum importunitate opprimi ac potuerit, quam eadem ui diuina haec uox intercepta, sublataque fuisset.

Sed iam ad Iurisprudentiam, quae eloquentiae proxima est, accedamus, quam diuinarum atque humanarum rerum scientiam, aequi et iniqui notitiam prudentes uiri esse dixerunt. Iustitia siquidem, a qua ius ipsum dicitur, religionem erga Deum, societatemque hominum inter se, ac communionem complectitur.

Ad religionem pertinet diuinarum rerum scientia, quae sacrae scripturae libris continetur, qui maiestatem Dei, gloriam, beneuolentiamque erga genus humanum declarant, uerum ac pium cultum docent Sanctum Iesu Christi Euangelium, in quo uno nostra omnis iustitia, et salus est posita, ceteraque fidei nostrae sacramenta tanquam depositum quoddam fidelissime seruant.

Ad communem uero societatem spectat aequi, et iniqui notitia, in qua omnis iuris humani ratio uersatur, cuius praecepta eadem sunt, quae iustitiae officia: honeste uiuere, nemini iniuriam facere, suum cuique ius tribuere, quibus ad conuentionem, salutemque hominum tuendam quid potest omnino esse praestantius?

Nec uero Medicina in hac artium doctrinarumque enumeratione est praetermittenda, quae in corporis nostri, et omnium fere rerum naturam intrat, morbos, eorumque causas dignoscit, [xxiiij] remedia adhibet, sanitatem tuetur.

Quae quidem cum ita sint omnia, iam satis intelligi potest, Auditores, quanta sit harum artium tum dignitas, tum utilitas.

Quarum si singula ornamenta persequi uellem, dies profecto me deficeret. Addam igitur hoc solum, cum duae sint omnino res, quae homines ad amplissimum dignitatis, et fortunae gradum euehere possunt, una rei militaris scientia, altera artium, et doctrinarum cognitio, quanquam utraque ad conseruandum ciuitatum, regnorumque statum est necessaria, tamen quo iustitia, et pax, quamuis, et bellum naturae est conuenientior, eo humanitatis, ac mansuetiorum musarum disciplina, armorum Martisque ferocitati magis est anteponenda.

Occurrit hoc loco quorundam opinio, qui iuuenum animos effeminari, timidos, minusque ad res bellicas idoneos fieri litterarum studio existimant, quam pluribus uerbis confutarem, nisi cum per se satis esset infirma, tum Graecorum, atque Romanorum, qui orbem terrarum armis subegerunt, exemplo conuulsa iaceret; apud quos quicumque extiterunt belli gloria duces maximi, idem litterarum peritissimi fuere.

a conjuração de Catilina e arrancou das mãos dos cidadãos depravados as armas brandidas contra a pátria.⁵⁵ Foi ele que repeliu as tentativas turbulentas e loucas de Clódio.⁵⁶ Foi ele ainda quem considerou como inimigo Marco António, que tinha a nação sitiada pelas armas e já pelo terror das espadas tudo levava diante de si; e expulsou-o de Roma.⁵⁷ [xxiij] A salvação da República estava tão ligada a Cícero, que não podia ser esmagada pela crueldade dos tiranos, sem que a sua voz prodigiosa fosse primeiro interceptada e suprimida por essa mesma violência.⁵⁸

Mas passemos já para a Jurisprudência, que apresenta afinidades com a Eloquência, a seu respeito, homens sábios disseram que era a ciência das coisas divinas e humanas e o conhecimento do que era justo e injusto. Assim, a justiça da qual deriva o direito compreende a religiosidade para com Deus e as relações de comunhão e de convívio entre os homens.⁵⁹

Pertence à religião o conhecimento das coisas divinas, que está contido nos livros da Sagrada Escritura. Eles proclamam a majestade e a glória de Deus em relação ao género humano; ensinam o culto verdadeiro e pio; guardam, fidelissimamente, como um penhor, o Santo Evangelho de Jesus Cristo, onde somente está depositada toda a nossa santidade e salvação e ainda os restantes sacramentos da nossa Fé.⁶⁰

Diz respeito à comunidade o conhecimento do que é justo e injusto e nele se baseia toda a noção do direito humano; os seus princípios são os mesmos que os deveres da justiça, a saber: viver honradamente, não injuriar ninguém, dar a cada um o que é seu. E o que pode existir de maior excelência do que estes preceitos para salvaguardar a união e a salvação dos homens?

Também a Medicina não deve ser esquecida nesta enumeração das artes e das ciências; ela, que perscruta a natureza do nosso corpo e de quase todas as coisas, faz o diagnóstico das doenças e das suas causas, [xxiiij] receita medicamentos e vela pela saúde.⁶¹

E uma vez que as coisas são assim, já pode compreender-se de forma categórica, Senhores Ouvintes, como é grande a dignidade e a utilidade destas artes.

Se eu quisesse enaltecer um por um todos os seus predicados, um só dia não me bastaria. Portanto, acrescentarei somente isto: como apenas há duas coisas que podem elevar os homens até ao mais alto grau da honra e da fortuna, uma, a ciência militar, a outra, o conhecimento das artes e das ciências e, embora ambas sejam necessárias para salvaguardar o estatuto dos cidadãos e dos reinos, todavia deve preferir-se o estudo das humanidades e da poesia delicada à ferocidade das armas e de Marte, na medida em que a justiça e a paz e, tanto quanto se quiser também a guerra, são mais convenientes à natureza humana.⁶²

Vem a propósito lembrar a opinião daqueles que pensam que, pelo estudo das letras, os espíritos dos jovens ficam efeminados, tímidos e menos aptos para a guerra. Refutaria esta opinião com inúmeros argumentos, se ela não fosse já por si tão débil e não caísse ainda por terra com o exemplo dos Gregos e dos Romanos que, pelas armas, conquistaram o universo. E, entre eles, os maiores generais, na glória da guerra, foram ao mesmo tempo os mais versados nas letras.⁶³

Quoniam igitur rerum, quae artibus sunt comprehensae, etiam ut uirtutum incohatae tantum intelligentiae a natura in animis nostris imprimuntur, ut ad perfectam earum cognitionem perduceremur, artes primum experientia inuentae, deinde litteris mandatae, [xxv] quae tanto temporum interuallo in tam uaria rerum commutatione aliter fuerant interiturae, ad nos peruenerunt.

Itaque litterae, quae obliuioni subsidio essent, posteritatis gratia sunt repertae, quarum lumen nisi accessisset, non solum tam praeclarum, ac necessarium artium inuentum, sed etiam pietatis, et uerae de Dei numine opinionis cognitio, rerum praeteritarum memoria, omnis denique uitae humanae cultus in tenebris iaceret.

Nam in religione ipsa nisi sanctissimis sacrarum litterarum monumentis ueritatem comprehensam teneremus, etsi mentem Dei opinione a natura imbutam habemus, tamen qualis ille sit, quo cultu, qua ueneratione colendus, nesciremus. Vt enim praetermittamus a nobis lecta, et audita de impii deorum cultus superstitione, quae luce ueritatis euangelicae nondum detecta ac patefacta, per orbem fusa omnium fere animos olim caligine sua oppresserat, declaratur id satis aperte gentium earum exemplo, quibus tam caeleste donum diuina largitate nondum impertitum est.

Quae, dum quaeque sibi deos pro arbitrio fingit, quanto in errore uersentur, testantur ii, quibus tum in Indiam, tum in alias orbis terrarum remotissimas oras nauigantibus hoc ipsum uidere contigit. Quorum uoces eo usque percrebuerunt, ut nullus iam sit in toto orbe Christiano angulus, qui [xxvi] mirabilibus istarum superstitionum narrationibus non personet.

Rerum insuper antiquarum ueritas quam sine Historiae testimonio esset incerta, ex eo constat, quod in rebus non ita pridem gestis, quibusque dum gerentur, qui interfuerint, testes adhuc supersunt, tantam memoriae infirmitatem, et sententiarum uarietatem uidemus, ut qui eis de rebus idem dicant, ex multis uix duo reperiantur.

In tota uero originum, testamentorum, conuentionum, legum, iudiciorum, et aliarum husmodi humanarum actionum causa, nisi maiores ad posteros suos horum omnium memoriam scriptura transtulissent, quae cautio hominum inter se, quae fides, quae securitas esse posset? Profecto nulla, sed contra in dubium, incertumque omnia reuocarentur, ac nihil quicquam firmum, stabileue maneret. In qua rerum confusione nihil recte, ordineque fieri infima summis misceri, ac turbari omnia, et dum quisque tantum ad se trahit, quantum ui, rapinaque potest, bonos ab improbis, tenues a potentibus opprimi par, atque consentaneum est.

Ad haec cum boni mores, ac ipsae quoque uirtutes sapientum uirorum, qui bene beateque uiuendi regulam nobis tradiderunt, praeceptis, titulisque

Portanto, uma vez que os conhecimentos das coisas, que foram abrangidas pelas artes, bem como das virtudes, estão gravados, no nosso espírito, pela natureza da inteligência de forma rudimentar, para prosseguirmos até ao seu perfeito conhecimento; elas, primeiramente chegaram até nós criadas pela experiência, depois foram confiadas às letras [xxv] que, de outra sorte com tão longo espaço de tempo e com vicissitudes de vária ordem, estariam condenadas a desaparecer.

Assim as letras, que serviriam de auxílio contra o esquecimento, foram descobertas por causa da posteridade. Se a sua luz não tivesse sobrevivido, não só a criação tão necessária e extraordinária das artes, como ainda o conhecimento da religião, a verdadeira crença sobre o poder de Deus e a lembrança das coisas passadas, em suma toda a civilização da vida humana jazeria nas trevas.⁶⁴

Com efeito, mesmo na própria religião, se não possuíssemos a verdade através dos sacrossantos livros da Sagrada Escritura, ainda que tivéssemos o espírito imbuído na crença em Deus, contudo desconheceríamos os Seus atributos, que culto e honras Lhe deviam ser prestados. Assim, passemos em silêncio o que lemos e ouvimos acerca da superstição do culto ímpio dos deuses, a qual, ainda não detectada e descoberta pela luz da verdade evangélica espalhada pelo universo, oprimira com a sua escuridão os espíritos de quase todos; e isto mostra-se bem explícito no exemplo daqueles povos a quem um dom tão celestial ainda não foi concedido pela generosidade divina.

Enquanto cada um modela os deuses, segundo o seu arbítrio, o grande erro em que se encontram é testemunhado por aqueles que navegavam para a Índia e para outras praias remotíssimas do orbe terrestre e que tiveram ocasião de o verificar. Os seus testemunhos divulgaram-se tão intensamente que não existe nenhuma parcela em todo o orbe cristão que [xxvi] não ressoe com as narrativas mirabolantes de tais superstições.⁶⁵

Demais, como seria incerta a verdade do passado sem o testemunho da História, verifica-se a partir do seguinte: nos factos ainda não há muito realizados e dos quais ainda hoje existem testemunhas que assistiram aos acontecimentos, enquanto eles ocorriam, vemos tanta fragilidade de memória e variedade de opiniões que, entre muitas pessoas, dificilmente se encontram duas que digam o mesmo a respeito dos mencionados assuntos.

Em todas as questões respeitantes a fontes, testamentos, pactos, leis, sentenças e outras acções humanas idênticas, que garantia, confiança e certeza poderia existir entre os homens, se os antepassados não tivessem transmitido aos seus vindouros, por escrito, a memória dos factos? Seguramente, nenhuma, mas, pelo contrário, todas as coisas seriam postas em dúvida e incerteza, nada permaneceria firme ou estável. E também é natural que nessa confusão das coisas nada se faria devidamente e em ordem, misturar-se-iam as coisas ínfimas com as grandes, tudo seria obscuro e, enquanto cada qual arrastaria para si pela violência e pela rapina tudo o que podia, os bons seriam esmagados pelos maus e os fracos pelos poderosos.

Além disso, como os bons costumes e as próprias virtudes dos homens sábios, que nos transmitiram regras para uma vida agradável e feliz, se apoiam em preceitos

nitantur, nisi suas illi cogitationes litteris mandassent, tantum laborem frustra, suscepisse [xxvij] uiderentur. Etenim quomodo, putamus aliter fieri potuisse, ut tot, tantarumque rerum, quantae eorum dogmatis sunt comprehensae, recordatio in animis hominum contra uetustatem tandiu duraret, cum re ipsa experiamur, eorum quae ipsi a magistris audiuius, et didicimus, memoriam, nisi litteraturae subsidio iuuetur, breui tempore obliuione deleri?

Ac ne ea quidem in hoc genere praetereunda est, quae ex litteris percipitur, commoditas, quod earum beneficio certiores de rebus quibuslibet facimus absentes, et cum eis locorum interuallo a nobis disiunctis tanquam cum praesentibus colloquimur; idque commodius, ac fideliter magis, quam si internuntiis ageremus. Quam quidem ad rem haud scio an ipso etiam sermone scriptio sit magis accomodata. Quae enim coram agere conantes pudore, aut metu deterremur, liberius ac audacius absentes ea litteris consignamus.

Accedit etiam, ut sermo paucorum, qui audiunt, auribus percipiatur, utque quo habetur loco quasi cancellis quibusdam conclusus neque emanet, neque tempore, quam quo profertur, longiore maneat. At scriptura diu uiget, et longe lateque dispersa, diuersis temporibus, diuersis in locis eadem a multis tractatur, legitur, auditur.

Cuius quidem, ut summam dicam, tanta est magnitudo, atque facultas, [xxviii] ut quaecunq; caelo, terra, mari, continentur, siderum, animalium, plantarum, nec non ceterarum eiusdem generis rerum scientiam complectatur.

Ex quibus nihil ad pietatem, ac uitae humanae consociationem, communitatemque praestabilius, nihil uberius, nihil utilius litteris esse, facile intelligi potest. Et certe nulla est hominum condicio, nulla fortuna, nullus ordo, qui earum usu carere possit.

Etenim siue in rerum cognitione, siue in actione uersamur, siue priuata, siue publica negotia gerimus, litterarum subsidio nobis opus est.

Ceterarum quidem rerum, quae expetuntur, singulae aut ad laudem, aut ad usum, aut ad uoluptatem spectant. Hae dignitatis, utilitatis, delectationis comoditates omnes continent.

Harum studia ad pietatem, et humanitatem nos informant, et diuinarum, atque humanarum rerum scientia instruunt. Eadem prosperas res ornant, aduersas solantur, in otio delectant; in negotiis prosunt, denique quocunq; nos conuerterimus, praesto adsunt omni loco, omnique tempore ita opportunae, ut non aqua, non igni, non aere (quod dicitur) pluribus in locis, quam litteris utamur.

Quamobrem cum ad omnem ueritatis, scientiae, rerum praeteritarum memoriam, et cognitionem tanta sit litterarum commoditas, ususque in omni

e normas, se eles não tivessem confiado as suas reflexões às letras, parecer-nos-ia que suportaram [xxvij] em vão tanto trabalho. De facto, como julgar que teria sido possível de outra forma que as lembranças de tantas e tão importantes coisas, quantas as que se condensaram nos seus dogmas, resistissem no espírito humano durante muito tempo até chegar à posteridade; uma vez que sabemos, por experiência própria, que, em breve, se dilui no esquecimento a memória do que nós próprios ouvimos e aprendemos com os Mestres, se não for ajudada pela escrita.

E também aqui se não deve passar em silêncio esta vantagem que se tira das letras: é por seu benefício que informamos os que estão ausentes sobre qualquer assunto e conversamos com os que estão separados de nós pela distância como se estivessem presentes e de uma forma mais cómoda e fiel do que se recorrêssemos a intermediários. Pelo que se refere a esta particularidade, talvez a escrita seja mais apropriada do que a linguagem oral. Com efeito, aqueles assuntos que somos impedidos pelo pudor ou pelo receio a não tratar cara a cara, quando ausentes, confiamo-los com mais liberdade e ousadia à escrita.

Ainda se acrescenta que o discurso oral é captado pelos ouvidos de poucos que nos escutam e, preso como que numas grades, não se divulga para além do local em que se pronuncia e nem permanece mais tempo do que aquele em que é proferido. Mas já a escrita permanece durante muito tempo e, difundida longa e largamente, ela é praticada por muitos, lida e ouvida em épocas diversas e em diversos lugares.

Para resumir, a sua grandeza e as suas possibilidades são tão grandes [xxviij] que abarcam tudo o que está contido no céu, na terra e no mar, abrangem a ciência dos astros, dos animais, das plantas, bem como outros temas semelhantes.

Perante isto, facilmente se pode compreender que nada existe de mais excelente, de mais fecundo e de mais útil para a religiosidade e convívio humano do que as letras. E sem dúvida que não há nenhuma condição humana, nenhuma situação, ou classe social que possa dispensar o seu uso.

Na verdade, quer nos ocupemos do estudo teórico das coisas, quer de aspectos práticos, ou ainda tratemos de assuntos particulares ou públicos, precisamos do contributo das letras.

Certamente das restantes coisas que se procuram, cada uma delas visa o louvor, ou a utilidade, ou o prazer. As letras abrangem todas as vantagens do mérito, da utilidade e do deleite.

O estudo delas fomenta em nós sentimentos religiosos e humanos e instrui-nos na ciência das coisas divinas e terrenas. Elas tornam mais bela a prosperidade e confortam na adversidade, deleitam no ócio, ajudam nos negócios, em suma, para onde quer que vamos elas lá estão presentes. Em toda a parte e em todos os momentos são tão úteis que não nos servimos em muitos locais mais da água, do fogo ou do ar (como se costuma dizer) do que das letras.⁶⁶

Por conseguinte, sendo tão grande a utilidade das letras e tão necessário o seu uso em todos os momentos da vida para o conhecimento pleno de toda a verdade,

uitae parte tam necessarius, earum studia non iis solum, qui ex obscuro loco [xxix] et tenui fortuna ad opes, dignitatem, gloriam aspirant, sed etiam claris uiris, principibus, regibus maxime digna sunt.

Ac quidem natura comparatum est, ut carendo magis, quam fruendo quid utilitatis res magnae habeant, intelligatur. Quocirca diuini huius erga nos muneris eo notior est nunc magnitudo, quo recentior est adhuc barbariei memoria, quae tyrannide sua omnem humanitatis elegantiam multis saeculis oppressam tenuit, a qua artes contaminatae, et elegantiores litterae labefactatae, suaque dignitate spoliatae cum fuissent.

Ququam antea diuersis temporibus multi uiri ingenio praestantissimi grauitur, nec omnino infeliciter sua sponte eas excitare, atque erigere conati fuerunt, tamen in ruinis suis tandiu illae iacuerunt, donec Principes, ac Reges tantum negotium ad se pertinere arbitrati ingeniosissimos, et eruditissimos quosque summis praemiis, et honoribus certati, ad tam praeclari facinoris confectionem inuitarunt.

Qua quidem in re magna laus est Ioannis Regis huius illustrissimi, qui cum uideret boni Principis officium esse, eos, qui in ipsius imperio sunt, quam beatissimos efficere, Lusitaniam partim sua, partim Maiorum suorum uirtute, et sapientia ceteris rebus, quae ad regni felicitatem pertinerent, recte constitutam, litterarum ornamento tanto, et tam necessario carere noluit.

In quo [xxx] uno quamuis tot sint regiae uirtutes, quot in alio quoquam bene morato Principe esse possunt, tamen cunctos, quicumque nunc sunt, iustitia, et moderatione longe superat.

Quando enim auditum est tanto tempore, quanto Christianus orbis bellorum incendio flagrauit, Regem Lusitaniae in cuiusquam Christiani Principis exitium conspirasse, aut quenquam sedibus suis expulisse, aut omnino armis inuasisse? Quin iniurias a Lusitanis mercatoribus acceptas saepe potius de suo compensare maluit, quam si ulciscendo, earum causa occasionem belli quaesisse uideretur.

Quos enim exercitus comparat, quas classes instruit, contra gentes barbaras, et a persuasionem nostram abhorrentes instruit, quo eas ab impio simulacrorum cultu ad ueram religionem, ab immanitate, ad bene, beateque uiuendi rationem traducat.

Dum alii Principes magnificis Catholicorum, Christianissimorum, Fidei defensorum titulis insignes bella ex bellis serunt, solus hic interea barbaris resistit, barbaros aggreditur, barbaros debellat, ut uere hoc mihi uidear esse dicturus, huius unius, quam illorum omnium auspiciis plura oppida capta, plura bella confecta, plures gentes esse superatas, et ita superatas, ut earum longe melior, quam erat, facta fuerit condicio.

da ciência, e da memória do passado, o seu estudo é particularmente digno, não só daqueles que de um lugar humilde [xxix] e de uma situação financeira precária aspiram à riqueza, às honras e à glória, mas ainda de homens ilustres, de príncipes e de reis.

E é, sem dúvida, natural que se consiga compreender mais pela carência do que pela fruição que utilidade têm as coisas importantes. Por isso, agora é tanto mais conhecida a grandeza deste presente divino para connosco quanto mais recente é ainda a lembrança da barbárie que com a sua tirania teve, durante muitos séculos, esmagada toda a delicadeza da cultura humanística. Devido a esse facto, as artes foram adulteradas e as literaturas mais brilhantes arruinadas e despojadas da sua dignidade.

Embora já antes, em diversos momentos, homens notáveis de grande talento se tivessem esforçado vivamente, de forma espontânea, e não completamente infeliz, por restaurá-las e engrandecê-las, contudo durante muito tempo permaneceram sepultadas nos seus escombros, até que Príncipes e Reis conscientes de que uma tarefa de tamanha importância lhes dizia respeito convidaram, com grandes recompensas e honras, homens sumamente talentosos e cultos para a realização de tarefa tão magnífica.⁶⁷

Neste assunto, sem dúvida, o Rei ilustríssimo, D. João, é digno de grande admiração, pois, ao reconhecer que era um dever de um bom Príncipe tornar mais felizes os seus súbditos, não quis que a Lusitânia, (convenientemente organizada, em parte por mérito seu, em parte pelos seus antepassados e ainda pela sabedoria relativa a aspectos concernentes ao bem do reino), ficasse privada de tão grande e necessária distinção das letras.

Apesar de nele [xxx] haver todas as virtudes régias que podem encontrar-se em qualquer outro Príncipe de bons costumes, contudo supera de longe, na justiça e na temperança, a todos quantos agora existem.

Assim, enquanto todo o orbe cristão se abrasou no incêndio das guerras, quando se ouviu dizer que o rei da Lusitânia conspirou a ruína de outro Príncipe cristão, ou o expulsou do seu trono, ou somente o atacou pelas armas?⁶⁸ Antes, pelo contrário, muitas vezes, preferia compensar, à sua própria custa, as injúrias feitas aos mercadores lusitanos, a que parecesse, ao vingar-se por causa delas, que procurava ensejo para a guerra.⁶⁹

Os exércitos que aparelhou, as armadas que equipou dirigiu-as contra os povos bárbaros e refractários à nossa crença, para que por esse processo trouxesse essas gentes do culto ímpio dos ídolos até à verdadeira religião e da desumanidade até uma forma de vida honesta e feliz.

Enquanto outros Príncipes insígnis com títulos magníficos de Católicos, de Cristianísimos, de defensores da Fé travam guerras após guerras, só este Rei resiste aos bárbaros, ataca os bárbaros, derrota os bárbaros a ponto de me parecer verdadeiramente que isto deve ser dito: só pelo seu comando foram tomadas mais fortalezas, ganhas mais guerras e submetidos mais povos do que pelos contributos de todos os outros; e de tal modo dominados que a sua situação se tornou muito melhor do que era a anterior.

Nam pro superstitione, pietatem, pro barbarie, humanitatem, pro perpetuis, et hostilibus inter se dissensionibus, et odiis, amicitiam, [xxxii] pacem, tranquillitatem receperunt.

Quod imperium maiorum robore partum, huius uirtute, et sapientia ita propagatum, ac constitutum est, ut potentissimis tum Maurorum, tum Indorum gentibus, a quibus istius Imperii opes antea oppugnabantur, nuper fusis, fugatisque iam iisdem, quibus Africa, Asiaque terminis definiatur.

O felicem tanto Rege Lusitaniam! Si quidem uere dixit Plato eas demum beatas fore respublicas, quarum rectores aut docti, et sapientes, aut sapientiae studiosi essent.

Vidit enim, uidit inquam, uir ille plane diuinus quo bene, beateque uiueretur hominum communitati non belli tantum, sed etiam quas litterae docent, pacis artes esse necessarias.

Quibus hic Rex inclitus ut populum suum quam florentissimum redderet, Gymnasium hoc futurum breui totius Hispaniae celeberrimum litteris dicauit, honestisque praemiis, ac condicionibus tot Praeceptores doctissimos longe gentium huc euocauit, qui optimis artibus iuuentutem erudirent.

Te uero Andrea Goueane dux noster praestantissime, rebus omnibus a doctrina, et prudentia instructissimum delegit, cui constituendae, regendaeque huius litterariae reipublicae prouinciam daret, cuiusque imperio nos praeceptores ordines duceremus.

Tu Lutetiae Parisiorum in Academia orbis terrarum florentissima celebri Gymnasio praefectus primum ingenii tui, eruditionis, [xxxij] prudentiae specimen dedisti. Tu deinde Burdigalam praecipuam in Aquitania ciuitatem propositis amplissimis stipendiis publico senatus, Decurionumque, urbis rogatu, accersituque uocatus in conserendis ibi bonis artibus, ac litteris singularem tuam tum uirtutem, tum solertiam probasti.

Nam Aquitaniae nostrae pubem, quae antea ab eleganti doctrina abhorreere uidebatur, sic ad litterarum humanitatem incendisti, ut nulla iam sit in Gallia natio, quae ad haec studia propensior feratur, ea institutione, et disciplina excoluisti, ut non alia sit, quae uberiores fructus edere soleat.

Etenim ex illo tuo Gymnasio multi poetae, oratores, philosophi tanquam ex optima artium officina in dies prodeunt, quorum alii docendi munus subeunt, alii ad Iurisprudentiam, Medicinam, Theologiam se conferunt.

Qui omnes ut te praesentem in oculis ferebant, et tanquam parentem complectebantur, sic nunc absentem requirunt, lugent, grata memoria prosequuntur.

Obstrinxisti antea tuo tibi beneficio externas nationes, quibus cum immortalis gloria iucundam, diuturnamque praefecturae, nominisque tui memoriam reliquisti. Nunc uenit tempus, quo patria (cuius caritate nulla maior esse potest) fidem, operam, industriam tuam iure suo repetit.

Com efeito, receberam o verdadeiro culto em vez da superstição, as virtudes humanas em vez da barbárie, a amizade, a paz e a tranquilidade em vez das discórdias [xxxii] e ódios perpétuos e hostis entre si.

Este reino, nascido pela força dos antepassados, foi tão dilatado e consolidado pelo valor e sabedoria do Rei que, afugentados e derrotados recentemente os poderosíssimos povos Mouros e Indianos, que antes atacavam as forças deste Império, se estende agora pelas mesmas fronteiras que delimitam a África e a Ásia.⁷⁰

Feliz de ti, ó Lusitânia, com tão grande Rei! - Se é verdade que Platão disse que seriam felizes as Repúblicas em que os governantes fossem doutos e sábios ou amantes da sabedoria.⁷¹

Viu aquele homem verdadeiramente divino, viu, repito, que, para se viver bem e feliz, a humanidade precisava não só das artes da guerra, mas também das da paz, que as letras ensinam.

Este Rei Íncrito, para tornar com as letras muito feliz o seu povo, fundou este Colégio que em breve será o mais célebre de toda a Hispânia; chamou de regiões distantes para aqui, com recompensas e condições dignas, muitíssimos e doutíssimos Mestres a fim de educarem a juventude nas artes liberais.⁷²

E a ti, André de Gouveia, nosso eminentíssimo guia, superiormente dotado em todos os aspectos de cultura e sabedoria, escolheu-te para te confiar o cargo de organizares e dirigires esta República das Letras e, para que sob a tua direcção, nós, Mestres, regêssemos as cátedras.

Primeiramente, deste provas do teu talento, erudição e sabedoria como Principal de um Colégio célebre na Academia de Paris, [xxxij] a mais brilhante do universo. Depois, tendo sido chamado a Bordéus, a urbe mais importante da Aquitânia, por insistente convite e solicitação do Senado e dos Governantes da cidade, mediante propostas de recompensas generosas, para aí instalares as belas-artes e letras, demonstraste o teu talento e engenho singulares.

Então, inflamaste tanto na cultura humanística a juventude da nossa Aquitânia, que até aí parecia avessa aos ensinamentos literários e a uma expressão requintada, que não há na Gália nenhum outro povo que se diga mais propenso a tais estudos. E adornaste-a com tal instrução e princípios que não existe outra que costume dar frutos mais abundantes.

Assim, todos os dias saem daquele teu Colégio, como de uma excelente oficina de artistas, muitos poetas, oradores e filósofos, dos quais uns abraçam a profissão de professores, outros entregam-se à Jurisprudência, à Medicina, à Teologia.

Todos eles, tal como estando tu presente te traziam nos seus olhos e te abraçavam como a um pai, assim agora ausente, procuram-te, choram-te e guardam de ti uma grata recordação.

Antes prendeste a ti nações estrangeiras com a tua dedicação, deixaste-lhes, com glória imortal, uma recordação feliz e perene do cargo de Principal e do teu nome. Agora chegou o momento em que a Pátria (e não existe nenhum amor maior do que este) volta a pedir, com direito, a tua dedicação, os teus serviços e a tua diligência.

Cui carissimae, ac dulcissimae Parenti, quae te tulit, ac aluit, nullum potes munus affere maius, meliusue, quam si eius iuuentutem omnibus [xxxij] et litteris bonis, et moribus docendam, atque erudiendam curaueris. Qua de causa quanto studio adductus huc te contuleris, tibi omnes conscii sumus, quos summa tua humanitate ad te consequendum, sustinendamque aliquam huius oneris partem impulisti.

Quo duce, Auditores studiosissimi, bona spes nos tenet quemque nostrum pro uirili parte industria sua effecturum, ut neque Regem tam sapientis consilii, neque uos, ad quorum utilitatem nostrum omnem laborem sedulo conferemus, expectationis uestrae tandem paeniteat.

Quamobrem, ut orationis meae exitum aliquando expediam, si Regis uoluntati parere, si parentum, amicorumque uestrorum expectationi satisfacere si uobis honori, patriaeque emolumento esse uelitis, in haec praestantissima doctrinae, ac humanitatis studia, ad quae ingressi estis, sedulo est uobis incumbendum.

Et in tanta praeceptorum copia, loci opportunitate, aetatis flore, rerum omnium, quae studia uestra iuuare, et prouehere possunt, commoditate, danda diligens opera, ne cum omnia affuerint, ipsi uobis tantum defuisse uideamini.

[xxxiv]

EXCVDEBANT IOANNES BARRERIVS
ET IOANNES ALVARVS
TYPOGRAPHI REGII,
CONIMBRICAE, ANN. M. D. XLVIII.
VII. IDVS SEPTEMBR.

A esta tão querida e dulcíssima Mãe que te gerou e alimentou não podes prestar maior ou melhor serviço do que cuidares de ensinar [xxxii] e instruir a sua juventude nas letras e nos bons costumes. Por isso, com que entusiasmo vieste para aqui, sabemo-lo todos nós, os que com tanta delicadeza incitaste a seguir-te e a enfrentar parte dessa missão.

Com este orientador, doutíssimos Ouvintes, temos as maiores esperanças que cada um de nós, segundo as suas forças e engenho, há-de conseguir que nem o Rei se arrependa da sua tão sábia resolução, nem vós, para cujo êxito contribuiremos empenhadamente com todo o nosso labor, vos arrependais da vossa expectativa.

E assim, para que finalmente acabe o meu discurso, se quiserdes corresponder à vontade do Rei e satisfazer a expectativa de vossos pais e amigos, se quiserdes que vos sirva a vós de honra e à pátria de proveito, deveis aplicar-vos, com entusiasmo, a estes estudos notabilíssimos das ciências e das humanidades a que vos dedicastes.

E em tal abundância de incitamentos, em lugar tão propício,⁷³ na flor da idade e com a vantagem de todas as coisas que podem ajudar e fazer avançar os vossos estudos, deveis diligentemente, dar o melhor do vosso empenho, não vá parecer que quando todas as coisas estão presentes, apenas vós próprios faltais.⁷⁴

[xxxiv]

IMPRESSO POR JOÃO DE BARREIRA
E JOÃO ÁLVARES
TIPÓGRAFOS RÉGIOS,
EM COIMBRA, NO ANO DE 1548,
AOS SETE DIAS ANTES DOS IDOS DE SETEMBRO

(Página deixada propositadamente em branco)

BELCHIOR BELEAGO

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO
DE TODAS AS DISCIPLINAS

1 de Outubro de 1548

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Da Oração de Sapiência proferida pelo Doutor Belchior Beleago¹ na abertura solene da Universidade de Coimbra, no dia 1 de Outubro de 1548, conhecem-se apenas dois exemplares quinhentistas impressos, um pertencente à Biblioteca Pública Municipal do Porto e outro à de Évora, e três cópias manuscritas derivadas daqueles, das quais uma se conserva na Biblioteca da Universidade de Coimbra, outra na de Évora e outra na Nacional de Lisboa².

Em 1937 a obra foi reimpressa, juntamente com outras congéneres³, por Luís de Matos, por ocasião das comemorações do quarto centenário do estabelecimento definitivo da Universidade em Coimbra. Em 1948, como se completassem os quatrocentos anos sobre a data da primeira composição e impressão do discurso académico de Beleago, quis a Direcção do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, assinalar a data com a publicação de uma edição fac-similada de tão rara espécie bibliográfica, acompanhada da respectiva versão portuguesa. Desse modo se honraria a memória do douto humanista portuense e se poria ao alcance dos estudiosos documento tão interessante para a história da cultura nacional.

¹ À forma Melchior, que figura no rosto das edições de ambas as obras de Beleago, substituímos Belchior, que pode ler-se em todos os documentos em português a ele referentes (citados por António Cruz, “Belchior Belago Humanista Portuense”, *Bibliotheca Portucalensis*, Porto, 1957, pp. 7-29) e no fac-símile da assinatura do humanista, reproduzido a p. 9 de M. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo*, nova edição refundida, Coimbra Editora L.^{da}, Coimbra, 1926. Sobre a evolução deste nome próprio, veja-se Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, pp. 60 e 511, e bibliografia aí citada.

² A enumeração das espécies existentes foi feita por Luís de Matos, *Quatro Orações Latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes (Séc. XVI)*, Universitatis Conimbrigenensis Studia ac Regesta, Coimbra, 1937, pp. VII-VIII.

³ As orações de Arnaldo Fabrício, na inauguração do Colégio das Artes, a de André de Resende, em louvor de D. João III, e a de Hilário Moreira, na abertura solene das aulas, incluídas na colectânea mencionada na nota anterior. A oração de Fabrício, no momento da primeira edição deste nosso trabalho, em 1959 (Porto, Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto), estava a ser traduzida e anotada por Maria José de Sousa Pacheco, com vista à licenciatura em Filologia Clássica, e hoje sai também incluída no presente volume, pp. 9-61; a segunda foi igualmente traduzida e publicada por Gabriel de Paiva Domingues, *Um Discurso de André de Resende*, colecção «Universitas», Coimbra Editora, L.^{da}, Coimbra, 1945.

Circunstâncias várias atrasaram a execução desse plano, e, embora a tradução estivesse terminada na data própria, só depois ela pôde vir a lume, acompanhada das notas que julguei convenientes.

Entretanto, foi apresentada ao mesmo Centro de Estudos Humanísticos, em sessão de 22 de Maio de 1957, uma comunicação⁴ de António Cruz, em que se estuda minuciosamente a biografia e a bibliografia de Belchior Beleago. Esse trabalho, junto a notas esparsas pelos famosos estudos sobre o Colégio das Artes e seus Mestres, da autoria de Mário Brandão⁵, ao prefácio já citado da edição de Luís de Matos, a algumas referências casuais de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira⁶ e do Prof. Doutor Joaquim de Carvalho⁷, completa o quadro das informações sobre a figura de tão discutida envergadura moral, que foi o mestre «parisiense» do Colégio das Artes.

Dispensável é, portanto, repetir aqui quanto se apurou sobre a figura do humanista. Limitar-me-ei a analisar os dados fornecidos pela própria Oração de Sapiência para o conhecimento da cultura da época em geral, e da de Beleago em particular.

A referência que lá se encontra ao Colégio de Sainte-Barbe, enquadrada no elogio ao estado dos estudos em França, que Quicherat em vão havia procurado⁸, foi já devidamente posta em relevo por Luís de Matos⁹, bem como o encómio da política cultural de D. João III e da organização do Colégio das Artes. São estes, sem dúvida, os aspectos que mais recomendam ao estudioso actual a leitura desta peça oratória.

Mas não é destituído de interesse observar, através da exposição e dos termos em que é desenvolvido o esquema do discurso, um pouco do ambiente cultural em que se situa.

A oração segue o plano usual do género: após um exórdio preenchido com as habituais declarações de incompetência e a proposição, faz-se o elogio da filosofia¹⁰,

⁴ Publicada na revista citada *supra*, nota 1, sob o título *Belchior Beleago, Humanista Portuense*, e acompanhada da edição fac-similada da outra obra conhecida do doutor quinhentista – *De Dialectica Liber* (pp. 31-60).

⁵ Nomeadamente “Os Professores dos Cursos das Artes nas Escolas do Convento de Santa Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes de 1535 a 1555”, *Biblos*, V, 1929, pp. 84-109 (sobre Beleago, *vide* pp. 99-100); O *Colégio das Artes*, I, 1547-1555, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, especialmente pp. 102, 109, 110; *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, Acta Universitatis Conimbrigenensis, Coimbra, 1948, pp. 626-632 e 638-640.

⁶ *O Humanismo em Portugal*. *Clenardo*, cit., pp. 9, 10, 38, 85.

⁷ Ao publicar os epigramas de Buchanan ao mestre portuense, nas anotações às *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, Vol. III, t. I, p. 441, Universitatis Conimbrigenensis Studia ac Regesta, Coimbra, 1944.

⁸ Quicherat, *Histoire de Sainte-Barbe*, I, Paris, 1860, *apud* Luís de Matos, *op. cit.*

⁹ *Op. cit.*

¹⁰ Todo informado pelas doutrinas estoicas, através do ciceronianismo, segundo nos declarou João Ferreira.

e logo se passa ao encómio individual de cada uma das sete artes professadas no colégio¹¹: aritmética, música, geometria, astronomia, gramática, dialéctica, retórica.

Dois pequenos excursos, na melhor tradição clássica, marginam a exposição: um, a propósito da Astronomia, sobre as navegações portuguesas; outro, ao falar da Eloquência, sobre as excelências e vantagens do conhecimento da Língua Grega e a utilidade do Hebraico para entender os profetas. Uma rápida censura – tão actual! – à pressa com que a maioria faz os seus estudos das Humanidades estabelece a transição para o elogio das Faculdades Maiores: de Direito Civil, de Direito Canónico, de Medicina e de Teologia. O louvor aos reis de França, pela sua acção em prol do desenvolvimento da cultura, logo seguido do de D. João III, focando especialmente a concessão de bolsas de estudo, o convite a mestres estrangeiros para leccionar no nosso País e a fundação do Colégio das Artes conduzem à peroração, que termina com uma exortação ao estudo, dirigida à mocidade académica.

O plano é muito semelhante ao de outros discursos congêneres da mesma época, nomeadamente ao da oração que Mestre Arnaldo Fabrício proferira, por altura da inauguração do Colégio das Artes, cerca de sete meses antes. Mas as semelhanças não se limitam à ordenação geral da exposição, senão que abrangem grande parte das ideias e até dos exemplos citados. As historietas referentes a Temístocles, a Sócrates, Pitágoras, Saul, Platão, Péricles, Sulpício Galo, e o elogio de Demóstenes e Cícero são, com efeito, comuns a ambas as orações, embora expressos em termos ligeiramente diferentes. Comum é ainda o elogio de D. João III e do Colégio. Mas o paralelismo acima apontado não força à conclusão de dependência da Oração de Beleago em relação à de Fabrício, embora a hipótese não deva pôr-se de parte. A identidade de estudos e leituras basta para o justificar¹².

Parece ter havido, na verdade, uma preparação, um conhecimento de certas anedotas tradicionais dos livros de ensino, de tópicos, que só por si explica o aproveitamento independente de passos célebres, do conhecimento de todos os humanistas.

¹¹ Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, I, p. 272: «Como se depreende eram todas as ciências do *Trivium* e do *Quadrivium*, que formavam as disciplinas a ensinar no Colégio, por isso que na cadeira de Matemática se devia ler sem dúvida a Geometria, a Aritmética e a Astronomia.

A Música não era também esquecida, embora reduzida a simples aula prática de canto-chão e canto de órgão, de grupo coral, encarregado de solenizar as festividades religiosas na capela colegial. Fora do quadro ensinar-se-iam ainda as duas línguas, tidas agora em tempos do Renascimento em alto apreço – o grego e o hebreu».

O regimento e estatutos do Colégio das Artes encontram-se publicados em António José Teixeira, *Documentos para a História dos Jesuítas em Portugal*, Coimbra, 1899, pp. 4-11; Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, vol. III, pp. 108-117; Joaquim de Carvalho, aditamentos às *Notícias Chronologicas da Universidade de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, 2.^a Parte, vol. III, tomo I, *Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta*, Coimbra, 1944, pp. 283-308.

¹² O exemplo da nota 27 mostra Beleago muito mais próximo do original latino do que Fabrício.

Uma rápida revisão das origens de tais exemplos – cujo uso em obras literárias era moda desde a época romana – dá-nos uma ideia da qualidade de autores que mais frequentemente se estudavam e compulsavam.

Em primeiro lugar, Cícero, citado expressamente mais do que uma vez, em trechos das *Tusculanae*, *De Legibus*, *De Officiis*, *Brutus*, *De Oratore*, *Orator*, *De Finibus*. Plutarco é outra das fontes principais (*De Superstitione*, *Non posse suaviter uiui secundum Epicurum*, *Quaestiones Conuiales*), bem como Plínio o Antigo e Quintiliano. Algumas referências a Platão (*Republica*, *Leges*, *Protagoras*), Aristóteles (*Problemata*, *Ethica*) a Plotino, Diógenes Laércio, Macróbio. Valério Máximo, Ulpiano, Ovídio, Sereno, Celso, Virgílio, Homero e a *Bíblia* completam a extensa galeria. De notar é, porém, que, dentre os autores gregos, parece que só os filósofos são de conhecimento directo – conhecimento esse comprovado através do *De Dialectica Liber*, acima referido, A citação de Homero poderá sê-lo também, mas duas de Píndaro que figuram no texto são importadas dos passos de Plutarco que as contêm, como adiante se verá nas notas aos respectivos lugares.

A oração de Beleago é assim um tecido de citações – ora literais, ora levemente modificadas – articuladas com maior ou menor habilidade, por meio de um latim que, diga-se em abono do autor, não destoa do conjunto. E, de par com os exemplos acompanhados do nome da fonte donde são extraídos, vamos encontrar linhas e linhas trasladadas ou imitadas do Arpinate¹³, que contribuem não pouco para a cadência ciceroniana do discurso¹⁴.

Neste particular, há um curioso aproveitamento de dados clássicos para os adaptar às circunstâncias de momento. Trata-se de um pequeno excurso ao Direito Canónico, sobre Lutero e Melanchthon. Aquele chefe religioso é representado, em termos virgilianos, no suplício da roda de Ixíon, e a famosa frase *Discite iustitiam moniti et non temnere diuos*, posta na boca de uma Fúria, para especial advertência de Melanchthon, que ainda estava vivo. Trata-se, portanto, de uma curiosa adaptação de uma cena infernal, cujo modelo vinha já de Píndaro, a um problema candente da

¹³ No prólogo da sua Oração, Arnaldo Fabrício é mais explícito:

Illud uero neque dissimulabo neque me fateri pudebit, in hac locorum communium tractione loca quaedam quae ad hanc rem maxime pertinere uidebantur a M. Cicerone me mutuatum esse: ita tamen, ut uerbis, ac ipsis propemodum rebus commutatis ea ut imitator in usum meum transtulerim. In quo, si modo meus hic labor non omnino frustra susceptus uidetur, spero meliori fore me condicione, quam cui uni Ciceronis imitatio nunc demum uitio, culpaque tribuatur. (Vide supra, p. 30).

Nas notas finais transcrevemos o texto de muitas dessas fontes.

¹⁴ De tal modo que, embora se saiba hoje que os humanistas de quinhentos tiveram conhecimento das cláusulas oratórias (cf. S. F. Bonner, “Roman Oratory” in *Fifty Years of Classical Scholarship*; Oxford, 1954, p. 358), torna-se inútil procurá-las no discurso de Beleago, onde a parte original do autor é bastante reduzida. Uma revisão recente das teorias dos antigos (Aristóteles na *Retórica*, Cícero no *Orator*, *De Oratore* e *Partitiones Oratoriae*) e sua aplicação veio pôr em relevo o predomínio do período sobre a cláusula na formação do ritmo (Walter Schmid, *Über die klassische Theorie und Praxis des antiken Prosarhythmus*, Hermes Einzelheften, Heft 12, Fr. Steiner Verlag, Wiesbaden, 1959).

época do autor. Com o falecimento recente de André de Gouveia, ocorrido em atitude espiritual considerada pouco ortodoxa, desenhavam-se já no futuro os perigos dos processos inquisitoriais a alguns dos mais famosos mestres do Colégio das Artes¹⁵.

Estava na ordem do dia uma objurgatória contra a heresia nascente. E Beleago fê-la com um inesperado travesti clássico.

Na ordem do dia estava também a aversão pela memória de André de Gouveia. O elogio perfunctório que lhe faz Beleago, transitando rapidamente para os louvores a Diogo de Gouveia o Moço, rival impiedoso do seu parente, é prova de que também ele adoptava a mesma atitude¹⁶.

De resto, Beleago pertencia ao número dos mestres que, por terem feito seus estudos na capital da França, recebiam a designação de parisienses, e a rivalidade entre estes e os chamados bordaleses, de carácter e formação diversa, começava já certamente a ameaçar a unidade do Colégio das Artes. Não terá sido, pois, estranha a tal atitude uma certa animosidade latente contra estes últimos.

Algo do carácter de Beleago transparece desse passo. Como também à sua insistente referência às grandes remunerações concedidas noutras eras e noutros lugares aos mestres de diversas artes não deve ser estranha a celebrada ambição do humanista portuense¹⁷.

Deste modo, o presente discurso é, ao mesmo tempo, um documento da psicologia do seu autor, encoberta sob o frio aparato académico que o informa, um eco das paixões religiosas que entenebreceram o século, um registo fidedigno de um padrão educacional, e um depoimento precioso para a história do humanismo entre nós. Estas características assegurar-lhe-ão, segundo esperamos, o interesse de quantos se dedicam aos problemas de cultura.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

¹⁵ Refiro-me ao processo de João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan. O próprio Beleago, chamado a servir como testemunha, foi acusado pelo aluno D. António Abranches de ceiar com eles em dias de jejum (citado por Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, pp. 626-632).

¹⁶ Sobre toda esta questão, veja-se Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, I.

¹⁷ Cf. Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, pp. 638-640 e António Cruz, "Belchior Beleago, *Humanista Portuense*", cit., p. 27 *seqq.*

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

BELCHIORIS BELEAGO
PORTVENSIS

DE
DISCIPLINARVM OMNIVM
STVDIIS ORATIO

Ad uniuersam
Academiam Conimbricae habita
Cal. Octobris
M. D. XLVIII

CONIMBRICAE
Apud Ioannem Barrerium et Ioannem Alvarez
M. D. XLVIII

BELCHIOR BELEAGO
PORTUENSE

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO
DE TODAS AS DISCIPLINAS

Proferida
Perante toda a Academia de Coimbra
em 1 de Outubro
de 1548

COIMBRA
Em casa de João Barreira e de João Álvares
1548

[3]

ILVSTRISSIMO, AC PRVDENTISSIMO
D. IOANNI ALFONSO A VASCONCELLOS MENESIO
BELCHIOR BELEAGO S.

Cum non ita pridem de more huius Academiae orationem de disciplinarum omnium laudibus habuissem, accesserunt ad me plerique amicorum obnixè petentes, ut eam ipsam orationem ederem, ut ab omnibus amicis legi posset. Ego qui scripta mea non tanti facerem, ut ea lectu digna censerem, eos ut nimium mei amantes, eaque de causa in mearum rerum iudicio caecutientes redarguebam; sed tandem accessisti tu uir illustrissime, qui id quid imperare pro tuo iure poteras a me peteres, ut uidelicet hanc orationem excudendam curarem. Cum uero neque auctoritatem tuam spernere, neque uoluntatem repudiare sine scelere nefario possim, efficiam libenter id quod aliter nullo modo facere ausus essem. Decreueram enim in hoc Apellem imitari, ut quemadmodum ille opera tanquam inchoata, et imperfecta hominum iudiciis proponebat, ut siquid ab illis esset merito repraehensum, corrigeret. Ita meam hanc orationem quamuis lectione dignam existimarem (quod secus existimo) non tamen illam in lucem proferrem, nisi postquam fuisset emendata atque doctorum hominum iudicio comprobata. Nunc tamen auctoritate tua fretus, nullius iudicium reformido. Qui enim erunt aequi iudices [4] intelligent quanto sit grauius, officium deserere quam parum eleganter et ornate conscribere, officium autem deseruissem, si tibi (cui omnia studia propter praestantem tuam in me beneficentiam) debeo, non statim paruissim. Neque dubito quin ubi primum in huius epistolae exordio lectores, in tuum nomen inciderint propter nominis ipsius splendorem hanc orationem illius tutela munitam uituperare non audeant. Quod si tu illam singulari tuo iudicio comprobaueris, spero futurum ut omnes sententiam tuam, qua res maximae nituntur, in hoc etiam sequendam arbitrentur.

Vale et litteris, ut facis, faue.

[3]

AO ILUSTRÍSSIMO E ESCLARECIDÍSSIMO SENHOR
D. JOÃO AFONSO DE VASCONCELOS MENEZES
SAÚDA BELCHIOR BELEAGO

Tendo eu proferido, não há muito tempo, uma oração em louvor de todas as disciplinas, segundo a praxe desta Universidade, vieram ter comigo muitas pessoas da minha amizade, a pedir-me com afincos que publicasse essa mesma oração, para que pudesse ser lida por todos os amigos. Eu, que não tinha os meus escritos em tal apreço que os julgasse dignos de serem lidos, objectava-lhes que me estimavam demasiado, e por essa razão viam mal ao julgar das minhas obras; mas, finalmente, viestes vós, varão ilustríssimo, pedir-me aquilo que por direito próprio poderíeis ordenar, isto é, que tratasse de imprimir esta oração. Ora, como eu não podia desprezar a vossa autoridade, nem rejeitar a vossa vontade, sem incorrer num acto condenável, executarei de bom grado o que, de outro modo, não ousaria de forma alguma fazer. É que eu tinha decidido imitar nisto Apeles, apresentando, tal como ele, à apreciação dos homens as obras como principiadas e inacabadas, a fim de que, se eles censurassem alguma coisa com razão, a corrigisse¹. Assim, ainda que julgasse esta minha oração digna de se ler (o que estou longe de pensar), não a traria, contudo, à luz, a não ser depois de emendada e aprovada por sentença de varões doutos. Mas agora, confiado na vossa autoridade, não temo a opinião de ninguém. Aqueles que forem juizes imparciais [4] compreenderão quanto é mais grave faltar à sua obrigação do que escrever com pouca elegância e arte. Teria, porém, faltado a ela, se não houvesse obedecido imediatamente a vós, a quem sou devedor de todos os meus estudos, graças à vossa soberana generosidade para comigo. E não duvido de que os leitores, logo que, no começo desta epístola, se lhes deparar o vosso nome, pelo esplendor do mesmo, não se atreverão a censurar esta oração, fortalecida pelo seu patrocínio. E, se a vossa opinião pessoal a aprovar, espero que todos pensarão que também nisto devem seguir a vossa sentença, na qual se apoiam as maiores causas.

Adeus, e protegeí as letras, como fazeis.

[5]

ORATIO
DE DISCIPLINARVM OMNIVM STVDIIS

Bene ac sapienter, rector amplissime, patres sapientissimi, optimae spei adolescentes, a maioribus nostris institutum est ut in omnibus, quae uel loquimur, uel animo concipimus, a Deo semper exordium capiamus, est siquidem ille uita, ac lux quaedam una rerum omnium, omni uirtute praecellens, a quo mens et ratio nostra ita profluxit, ut facile appareat in nobis diuinae mentis atque rationis similitudo. Id tamen minus cernitur, antequam scientiae lumen accedat, quae diuinitus generi humano concessa est, tum ut ceteras res omnes, tum ut quod est difficilimum nosmet ipsos agnoscamus diuinumque aliquid nos habere sentiamus. Hic est enim naturae ordo diuino munere constitutus, ut homini cetera animantia pareant, in homine uero corpus animo subiiciatur, animus a mente regatur, mens uero in Deum respiciat a quo intelligendi uim accepit, ut singula expenderet, scieretque quid sibi ut bonum asciscendum esset; quid contra ut pestilens et exitiosum fugiendum. Hanc igitur uim si semel relictis nefariis uoluptatibus (quae animum perniciosissima suauitate deliniunt) ad naturae peruestigationem contuleris, tum demum intelliges, quantis et quam magnificis te Deus muneribus ad consequendam sapientiam instruxerit, et subornarit. Dispensit enim Deus in nobis uirtutum semina, quae si animis apte concipiamus, simillimi origini unde orti sumus efficimur; atque diuinos [6] fructus efferimus. Ex quo euenit, ut is ad Deum proxime accedere uideatur, qui unde ortus sit quasi recordetur, et agnoscat. Quemadmodum enim canibus odorandi uis insita est, leonibus, elephantisque robur; equis autem pernicitas, ita est innata hominibus mentis agitatio atque solertia; uirtutis ac dignitatis studium; unde animi caelestis origo perspicitur. Quae animi natura si studio litterarum e uitiorum tenebris, quae illam obscurant, et in terram deprimunt, eripiatur, incredibilem lucem, caelestemque in illa splendorem conspiciamus.

Magna est igitur, et excellens litterarum uis, quae animum morbis oppressum excitat, illumque ad suae naturae memoriam reuocando, in caelestem dignitatem restituit. Atque utinam quando magis obtemperandi studio, quam perficiendi spe, hanc prouinciam suscepi, ut litterarum fructum, et dignitatem explicarem, fuisset in me orationis facultas, et copia qua tantam rerum magnitudinem dicendo consequi possem. Quod si aliquando optandum fuit, tum uel maxime hoc in loco, in tanto doctorum hominum conuentu, in quorum conspectum nihil nisi perfectum ingenio, elaboratum industria afferri oportet. Quare uereor, ne temeritatis crimen incurram, cum id onus susceperim, quod nemo sine summa eloquentia,

[5]

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO DE TODAS AS DISCIPLINAS

Excelente e sabiamente determinaram os nossos antepassados, reitor magnífico, sapientíssimos lentes, mocidade esperançosa, que, em tudo o que dissermos, ou imaginarmos, principiemos sempre por Deus, uma vez que Ele é a vida e, ao mesmo tempo, por assim dizer, a luz de todas as coisas e se distingue por todas as suas virtudes; dEle dimana o nosso espírito e razão, a tal ponto, que facilmente se mostra em nós a semelhança da mente e da razão divina. Contudo, esse facto é pouco notório, antes do aparecimento das luzes da ciência, que foi divinamente concedida ao género humano, para conhecermos todas as outras coisas, assim como – o que é difícilimo – para nos conhecermos a nós mesmos² e sentirmos que temos algo de divino. Pois tal é a ordem da natureza, instituída por dádiva divina; que ao homem obedeçam os restantes seres animados, enquanto nele o corpo está sujeito à alma, a alma é dirigida pelo espírito, e, por sua vez, o espírito está voltado para Deus, de quem recebeu a inteligência para julgar de cada coisa e saber o que deve aprovar-se como bom, e, inversamente, o que deve evitar-se como pestilento e funesto. Ora, se abandonarmos os prazeres nefastos, que seduzem a alma com uma perniciosíssima brandura, e voltarmos esta capacidade para a investigação da natureza, só então se entenderá com quantos e quão magníficos dons nos dotou e adornou Deus, para alcançarmos a sabedoria. É que Deus disseminou em nós as sementes das virtudes e, se as recebermos capazmente nos nossos espíritos, tornamo-nos semelhantes à origem donde proviemos, e produzimos [6] frutos divinos. Donde resulta parecer aproximar-se de Deus aquele que, por assim dizer, se recorde donde proveio, e o reconheça. Do mesmo modo que o olfacto está adstrito aos cães, a força aos leões e aos elefantes, e, aos cavalos, a destreza, assim é inata nos homens a actividade do espírito e o engenho, o zelo da virtude e da dignidade, por onde se descobre a origem celeste da alma, em cuja natureza, se, pelo estudo das letras, se desprende das trevas dos vícios que a obscurecem e a lançam por terra, vemos uma luz incrível e um esplendor celeste.

Grande é, na verdade, o poder das Letras, que reanima a alma oprimida pelas afecções, e, chamando-a à lembrança da sua natureza, a restitui à dignidade celeste. E oxalá que, quando tomei este encargo de dissertar sobre o fruto e o mérito das Letras, mais pelo zelo de obedecer que pela esperança de ser bem sucedido, houvesse em mim uma faculdade e uma riqueza oratória com que pudesse atingir no discurso um assunto de tanta magnitude. Facto que, se alguma vez foi para desejar, o seria mais do que nunca neste lugar, numa tal reunião de homens doutos³, em cuja presença não convém apresentar nada que não seja de acabado engenho e de elaborada arte. Eis porque temo incorrer na acusação de temeridade, ao tomar este encargo, tal que ninguém, sem uma superior eloquência (de que me

cuius me penitus expertem sentio, sustinere ualeat. Omnia enim sunt sic attingenda, quae Graeci τὰς ἐγκυκλοπαιδείας uocant, ut ad ea pro dignitate tractanda, Cicerone laudatore sit opus. Sed si quo [7] consilio huc uenerim, intellexeritis, facile mihi ueniam dabit. Ego enim, auditores humanissimi, non ignorans mearum uirium tenuitatem huc ascendi, sed primum ut iis parerem quorum imperium et auctoritatem aspernari sine scelere nefario non poteram; deinde humanitate uestra confirmatus, omnem timorem deposui, spero enim fore, ut hunc meum conatum boni consulatis. Disciplinarum igitur uobis fontes ostendam, earumque usum, utilitatem, amplitudinem, et excellentiam breuiter exponam. De quibus dicentem me, quaeso beneuole audite; id quod a uobis uel singulare meum erga uos studium, uel ipsa litterarum dignitas impetrabit. Vt autem hinc initium faciamus.

Quum sapientissimus ille rerum Opifex hominem caelestis gloriae heredem facere constituisset, quoniam nihil est ratione melius, nec in omni caelo atque terra diuinius, ex tot animantium generibus, atque naturis, ipsum solum participem rationis et cogitationis suae fecit; cui rationi sensus tanquam satellites, ac nuntii rerum plurimarum attributi sunt, qui materiam ad multarum rerum scientiam comprehendendam menti suppeditarent. Inde ad hominum commoditatem artes innumerabiles repertae sunt, docente natura; quam ratio imitata multis artibus et humanis et diuinis paulatim excolta est, atque id tandem assequuta, ut exactius singularum rerum uim, naturam, et rationem cognosceret, uoluntatique praescriberet, quid sequendum esset, quid [8] omni impetu repellendum. Haec quum adoleuit, atque perfecta est, pulcherrimo uirtutum artiumque omnium comitatu circumsaepa est nominatur rite sapientia. A cuius studio primus Pythagoras, cum Leonte principe docte et copiose disserens, nullam se scire artem professus est, sed esse philosophum, hoc est, sapientiae studiosum qui ceteris omnibus pro nihilo habitis, rerum naturam studiose intueretur. Sapientia uero perfectum bonum est mentis humanae; est enim, ut a ueteribus definitum est, rerum humanarum et diuinarum, causarumque quibus hae res continentur, scientia. Philosophia sapientiae amor atque ardens appetitus ut nominis ipsius uis et sententia declarat; qui igitur philosophus non est, hoc est qui sapientiam non suspicit et admiratur, ipse se abiicit in terram, et uitam pecudum sequutus se ipse humanitate spoliatur. Hominis enim proprium munus est, non uoluptati seruire, neque otio languere, sed ratione uti; rerum causas mentis acie contueri; neque solum naturam, sed naturae totius Architectum contemplari; qui quidem non nobis solum uitam largitus est, sed etiam ad uitae praesidium, et ornamentum, philosophiam humano generi concessit. Parum enim iuuaret uiuere, nisi id etiam a Deo haberemus, per quod bene atque beate uiuere possemus, quod quidem praestat philosophia. Non immerito igitur exclamat Cicero: "O uitae Philosophia dux, o uirtutis indagatrix, expultrixque uitiorum, quid non modo nos, [9] sed omnino uita

sinto profundamente carecido) seria capaz de aguentar, pois tenho de tocar em tudo aquilo que os Gregos chamam *τὰς ἐγκυκλοπαιδείας*⁴, de tal modo que, para as tratar segundo o seu valor, seria preciso um Cícero por encomiasta. Mas, se tiverdes compreendido [7] com que intuito aqui vim, facilmente me perdoareis. Na verdade, doutíssimos ouvintes, eu não subi até aqui ignorando a debilidade das minhas forças, mas, em primeiro lugar, para obedecer àqueles cuja ordem e autoridade não podia desprezar sem culpa condenável; depois, firmado na vossa indulgência, depus todo o temor, pois espero que tenhais em boa conta este meu esforço. Mostrar-vos-ei portanto, resumidamente, as fontes das disciplinas, o seu uso, utilidade, amplitude e excelência, e, ao falar sobre isso, escutai-me, peço-vos, com benevolência: graça que há-de obter de vós não só o meu zelo para convosco, mas o próprio valor das Letras. Começemos, pois.

Quando o ilustre e sapientíssimo Autor das coisas⁵ resolveu constituir o homem herdeiro da glória celeste (uma vez que nada é melhor do que a razão, nem mais divino em todo o céu e terra),⁶ de tantas raças e naturezas de seres animados, a ele só fez participante da razão e do seu pensamento⁷; à qual razão os sentidos são atribuídos como servidores e mensageiros das várias coisas, para fornecerem ao espírito material com que apreenda o conhecimento da pluralidade dos factos⁸. A partir daí, descobriram-se inúmeras artes, para comodidade dos homens, com a natureza por mestra; e a razão, imitando-a por muitos processos, quer humanos, quer divinos, aperfeiçoou-se a pouco e pouco e conseguiu finalmente conhecer a força, a natureza e o género de cada coisa com todo o rigor⁹, e prescrever à vontade o que devia seguir e o que [8] devia repelir com toda a energia. Quando ela cresceu, se completou e se rodeou da formosíssima companhia das virtudes e de todas as artes, acertadamente se denominou sabedoria¹⁰. E Pitágoras, dissertando douta e copiosamente com o príncipe Leonte acerca deste estudo, foi o primeiro que declarou que não sabia nenhuma arte, mas era filósofo, isto é, um estudioso da sabedoria, que, tendo por nada tudo o mais, observava cuidadosamente a natureza das coisas¹¹. Com efeito, a sabedoria é um bem completo do espírito humano; é realmente, como foi definida pelos antigos¹², a ciência das coisas humanas e divinas e das causas em que essas coisas estão contidas. A Filosofia é o amor e ardente desejo da sabedoria, como o próprio significado do nome e o sentido o declaram; por conseguinte, quem não é filósofo, isto é, quem não contempla e admira a sabedoria, a si próprio se lança por terra, e, seguindo a vida dos animais, despoja-se a si mesmo da sua qualidade de homem¹³. É função própria do homem não servir o prazer, nem se amolecer na ociosidade, mas usar da razão, considerar com os olhos do espírito as causas dos factos; e contemplar, não só a natureza, mas o Arquitecto de toda a natureza, que nos doou generosamente não só a vida, mas também, para defesa e ornamento dela, concedeu a Filosofia ao género humano. Na verdade, de pouco valeria viver, se não a tivéssemos recebido de Deus, de modo a por ela podermos levar uma existência boa e feliz, pois que a Filosofia o assegura. Não é portanto sem razão que Cícero exclama: «Ó Filosofia, guia da vida, que procuras

hominum sine te esse potuisset? Tu urbes peperisti, tu dissipatos homines in societatem uitae conuocasti. Tu eos inter se primo domiciliis, deinde coniugiis, tum litterarum, et uocum communione iunxisti; tu inuentrix legum, tu magistra morum et disciplina fuisti; ad te confugimus, a te opem petimus.” His uerbis Cicero illius fructum et amplitudinem meritis laudibus exornat. Illa enim uitam fragilem, et omnibus casibus obnoxiam gubernat, illa noxia cuncta repellit, fluxa contemnere docet; firma uero, et constantia consecrari; atque postremo facit, ut sine discrimine ad portum perueniamus; sine illa omnes nostrae contentiones in medio cursu conciderent.

Grauissimi auctores tres philosophiae fecerunt partes, moralem quae animum componit; naturalem, quae naturam scrutatur; et rationalem, quae disserendi rationem complectitur. Rursus et singulas harum partium in alias tribuunt; in praesentia tamen non est cur simus magnopere de tam subtili diuisione solliciti. Illud est quod omnes admonitos uelim, nihil esse Philosophia praeclarius. Nam siue oblectatio quaeratur animi, requiesque curarum, quid illa ad animi tranquillitatem utilius? Siue gloriam cupias, quid ad laudem illustrius? Siue uirtutem colas, nihil aptius ad uirtutem consequendam illis disciplinis, quae praecepta bene beateque uiuendi tradunt. Siue utilitas opesue petantur, ab omnibus artibus quae Philosophiae nomine continentur, maximum emolumentum ad **[10]** communem usum afferri constat.

Arithmetica

Et ut ab his, quae Mathematata dicuntur, exordium ducamus Platonem per singula sequuti, quid Arithmetica et ad omnes artes cognoscendas et ad uitae commoditatem magis necessarium? Vt uideamur absque ea uitae rationem explicare non posse. Eum uero scire omnia qui numerorum scientiam teneat, antiquorum semper fuit opinio. Plato ille diuinus non modo intelligendi, sed et docendi magister, quaerit et scitatur cur homo animal sapientissimum esse uideatur, neque ulla alia ei satisfecit ratio, quam quia numeros teneat quibus uirtus perfici cognoscique rerum natura possit. Et Aristoteles: “Cur,” inquit, “homini potissimum ex toto animantium genere fides adhibeatur? An quia, ut Plato Neocli respondit, numerare nouit?”

Qui enim numerare scit, aptus est ad omnes disciplinas percipiendas, singula enim numeris metiens, exactius perpendit, atque rerum singularum modum et ordinem ratione complectitur. Ac proinde diuinam hanc scientiam humi repere non permittamus, eamque a quaestoribus, mercatoribus, et aliis quicunque huiusmodi rationibus perficiuntur ad secretiora naturae euocemus; quamuis ipsi maximam ex ea percipientes utilitatem, et in illa diu exercitati ab illius interiore cognitione uelut sanctiore mysterio exclusi, qualis et quanta sit illius uis, ne suspicari quidem ualeant. Nam Plato inter omnes liberales artes, et theoricas scientias praecipuam et maxime diuinam uideri numerorum scientiam scribit; et numeros, mensuras, solida in medium

a virtude, expulsas os vícios, sem ti que seria, não só de nós, [9] mas até da vida dos homens? Tu geraste as cidades, tu chamaste os homens dispersos à vida social, tu juntaste-os entre si, primeiro nas habitações, depois em uniões, e finalmente na comunhão das letras e das palavras; tu foste a inventora das leis, a mestra dos costumes e o ensino; em ti buscamos refúgio, a ti rogamos auxílio¹⁴. Com estas palavras decora Cícero de merecidos louvores o seu fruto e grandeza. É ela que dirige a fragilidade da vida, sujeita a todas as contingências, é ela que repele tudo o que é nocivo, ensina a desprezar o que é efêmero, mas a buscar o que é firme e constante; e faz, enfim, com que cheguemos ao porto sem excepção. Sem ela, todos os nossos esforços sucumbiriam a meio do caminho.

Autores de grande vulto dividiram a Filosofia em três partes: a moral, que abrange a alma, a natural, que investiga a natureza, e a racional, que compreende a razão discursiva; e novamente separam cada uma destas partes em outras. Contudo, de momento, não há motivo por que nos preocupemos muito com tão subtil divisão¹⁵. Do que eu queria que todos estivessem advertidos é que nada há de mais ilustre do que a Filosofia. Pois, se procurarmos o deleite espiritual e o repouso das preocupações, que há de mais útil do que ela para a tranquilidade da alma? Se desejarmos a glória, que de mais ilustre para o elogio? Ou, se cultivarmos a virtude, nada de mais apto para a alcançarmos do que aquelas disciplinas que transmitem os preceitos de viver bem e com felicidade. Ou, se buscarmos a utilidade ou a riqueza, é reconhecidamente por todas as artes compreendidas pela designação de Filosofia que vem o maior [10] contributo para o uso comum.

E, para fazermos ponto de partida daquelas que se denominam Matemáticas, seguindo a cada passo Platão – que há de mais necessário que a Aritmética, quer para o conhecimento de todas as artes, quer para a comodidade da vida? A ponto de nos parecer que sem ela se não pode explicar a razão da existência. Que tudo sabe, na verdade, aquele que possui a ciência dos números, foi sempre a opinião dos antigos. O ilustre e divino Platão, mestre não só do entendimento, como também do ensino, inquire e interroga porque é que o homem parece ser um animal sapientíssimo, e nenhuma outra razão o satisfaz, senão que possui os números, com os quais a virtude se aperfeiçoa e se pode conhecer a natureza das coisas¹⁶. E diz Aristóteles: «Porque é que, de todo o género animado, é ao homem que se dá maior importância? Porque, como Platão respondeu a Néocles, sabe contar?»¹⁷

Com efeito, quem sabe contar está apto a perceber todas as disciplinas. Pois, medindo cada coisa com números, aprecia com mais rigor e abrange com a razão a medida e a ordem de cada uma. Não permitamos, portanto, que esta divina ciência rasteje pelo solo e vamos buscá-la aos questores, mercadores e outros, todos aqueles que efectuem cálculos deste género, para a chamarmos aos maiores segredos da natureza; apesar de que aqueles, recebendo dela a sua máxima utilidade e nela há muito exercitados pelo seu conhecimento interno, como que excluídos do mistério mais augusto, nem sequer são capazes de suspeitar a qualidade e a quantidade da sua força. Platão escreve que, entre todas as artes liberais e ciências teóricas, parece

Aritmética

adducit, quibus Deum omnia perfecisse [11] in Sacris Litteris legimus. Quin etiam et magni nominis philosophi animas numeris cum corporibus societatem inire, atque his permanentibus, corpus animari, deficientibus uero arcanam illam societatis uim desolui tradiderunt, ideoque non abs re animam esse numerum se mouentem plerique existimarunt. Nam et Plotinus in anima posuit numerum, quem sensibus nequeas discernere.

Quanta sit in numeris uis et efficientia, ut alia praetermittamus, Musicae quae ex illis constat utilitas satis planum facit. Atque illam quidem musicam flagitioso lenocinio aures hominum demulcentem, quam uelut moribus inimicam ab sua *Republica* exclusit Plato, et Aegyptii in ciuitatem non admiserunt, non modo in oratione nostra non pono, sed ne animis quidem uestris haerere desidero. Illam ueram Musicam cuius totum officium est animos, ac mentes ab agresti feroque sensu ad societatem humanam reuocare, et rursus ne mollitia diffuant, uirtute ac constantia tenere ac uincere, oratione persequar, eam enim putat Plato a Deo concessam ad praeclarius opus, quam ut ad delicias conuertamus et aurium uoluptatem; quam etiam ex auium cantu, quarum similes esse nollemus, capere possumus.

Musicae tria esse principia ab eruditioribus est deprehensum maerorem, uoluptatem, numinis afflatum. Tractat autem de uocibus, et tonis aut in acutum tollendis, aut in graue deprimendis; de uariis sonorum interuallis pro rata portione distinctis, atque mirabiles concentus efficientibus, quorum uis tam efficax est ad animos uarie [12] commouendos et incitandos, ut facile quouis homines impellat. Nullum enim est tam immite, tam asperum pectus, quod non cantu et concinna orationis et carminis modulatione flectatur. Pythagoras et qui deinde studia secuti sunt consimilia mundum non sine musica subtiliter astruunt et componunt. Ptolemaeus item musicam diuinis inserit rebus, quod grauissime significauit Pindarus:

*Ὅσσα δὲ μὴ πεφίληκε
Ζεύς, ἀτύζονται βοάν
Πιερίδων ἄϊοντα*

(Quaecumque non amat Iuppiter uocem auersantur Pieridum). Id etiam Platonicos impulit ut ex musica, ad quam genus hominum maxime aptum animaduertebant, humani animi caelestem originem colligerent. Tanta uero huius artis apud ueteres fuit ueneratio, ut iidem musici et uates et sapientes haberentur, usque adeo, ut trito prouerbio diceretur ab omnibus, indoctos a Musis atque Gratiis abesse. Proinde Themistocles, in epulis cum recusasset lyram, habitus est indoctior. Omitto quae poetas de Orpheo et Lino prodidere, nempe feras etiam saxa atque nemora cantus suauitate quo uellent duxisse. Quid illud quod testatur Macrobius, elephantes cantu

capital e superiormente divina a ciência dos números¹⁸. E apresenta os números, as medidas, os sólidos com que lemos [11] nas Sagradas Escrituras¹⁹ que Deus tudo fez. Mais ainda, mesmo os filósofos de grande nome informaram que as almas se associavam com os corpos por números, e permanecendo elas, o corpo se animava, mas, faltando aquela força oculta de associação, se dissolvia, e por isso entenderam muitos, não sem razão, que a alma era um número que se movia. De facto, Plotino pôs na alma o número, que não se pode distinguir com os sentidos²⁰.

Quanta força e eficiência há nos números – para não falar de outros pontos – a utilidade da Música, que deles se forma, explica-o de maneira assaz clara. Em todo o caso, essa música, que, com uma sedução desonesta, encanta os ouvidos dos homens, a qual Platão excluiu da sua *República* como inimiga dos costumes²¹, e os Egípcios não admitiram no seu Estado, não só a não incluo na minha oração, como nem sequer desejo que se detenha nas vossas almas. Aquela verdadeira Música, cujo ofício é todo ele chamar os corações e os espíritos dos sentimentos selvagens e ferozes à sociedade humana, e novamente, para que não se relaxem na moleza, segurá-los e amarrá-los à virtude e à constância, citá-la-ei no meu discurso, pois que Platão a julga concedida por Deus para uma obra mais ilustre do que para a convertermos em delícia e prazer dos ouvidos²², que também podemos tomar do canto das aves, às quais não quereríamos ser iguais.

Deduziram autores bastante eruditos que três são os princípios da Música: a tristeza, o prazer, a inspiração. Trata pois das vozes e tons que, ou se devem elevar até ao agudo, ou baixar até ao grave, dos vários intervalos de sons, distintos segundo uma proporção, que produzem acordes admiráveis, cuja força tão eficaz é para variamente [12] comover e incitar os espíritos, que em qualquer parte impele facilmente os homens. Pois não há peito tão duro, tão áspero, que se não dobre ao canto, e à modulação regular da prosa e do verso. Pitágoras e os que depois seguiram estudos semelhantes, constroem e harmonizam subtilmente o mundo, e não sem música²³. Do mesmo modo, Ptolomeu insere a Música nas coisas divinas, tendo em vista o que Píndaro gravemente significou²⁴:

Ὅσσα δὲ μὴ πεφίληκε
Ζεὺς, ἀτύζονται βοάν
Πιερίδων ἄϊοντα

(Tudo aquilo que Júpiter não ama afasta a voz das Piérides). Isso mesmo levou também os Platónicos a ir buscar à Música, à qual sentiam estreitamente ligado o género humano, a origem celeste da alma²⁵. Foi tal a veneração por esta arte entre os antigos, que os próprios músicos eram tidos por vates e por sábios, a ponto de dizerem todos num provérbio muito usado que os indoutos estavam afastados das Musas e das Graças²⁶. E assim Temístocles, como recusasse a lira ao banquete, foi tido por bastante inculto²⁷. Omito o que os poetas transmitiram de Orfeu, e de Lino; pois não levavam as feras e também as pedras e os bosques onde quisessem, pela suavidade do seu canto²⁸? Que diremos do que atesta Macróbio, que os elefantes se abrandam com o

mulceri? Quid quod Plutarchus auctor grauissimus asserit tympanorum sono brutorum pleraque deliniri? Quid quod Plinius asseuerat delphinas cantu moueri? quam opinionem Pindarus etiam confirmat. Sed bruta relinquentes ad nos redeamus, et Socratem ipsum Philosophiae fontem imitemur, qui iam senex musica institui non erubescibat. Epaminondas autem Graeciae [13] princeps musica mirabiliter excelluit. Hanc et Lycurgus ipse grauissimus legum lator egregie amplexatus est. Sacrae testantur Litterae Hebraeorum regem Saulem, cum scelerum poenis agigaretur, citharae pulsu saepe delinitum fuisse. Adeo late patet musicae uis, ut agrestium et rusticorum hominum labores assiduos in colendis agris susceptos, leues et tolerabiles efficiat, illius enim dulcedine uitae asperitatem molliunt et eximii labores obliuiscuntur. Remiges cum nauem remis impellunt, ita cantu nautico excitantur, ut fatigationem non sentient. Cornua uero ac tubarum concentus in legionibus quantum ualeant ad militum animos ad pugnam incendendos explicari non potest.

Quid autem reliqua genera persequare quae sunt infinita? Nullum est enim genus hominum quantumuis ferum et inhumanum quod non se quamlibet rudi modulatione soletur. Vnde facile apparet uix esse datum aliquid utilius hominibus ad uitam sine molestia traducendam.

Geometria

Sed ad Geometriam perueniamus, quae Philonis sententia maximarum artium initium est et ceterarum dux, haec enim eos qui sensibus affixi sunt auellit a sensibus, et ad diuinae perennisque naturae conspectum paulatim excitat, in quo finis Philosophiae consistit. Hoc enim sibi asserit ac uindicat Geometria, ut aeternas incorporeasque substantias speculetur. Proinde praeclare a Platone dictum: “Arbitror Deum maxime γεωμετρειν, hoc est, geometriae intendere”. Siquidem et Lycurgus scriptum reliquit [14] Deum praepotentem rebus adhibere geometricam analogiam, quam nemesin siue iustitiam nuncupamus, quae nos admonet ut in rebus distribuendis (quantum quisque pro ratione dignitatis percipere debeat) diligenter aduertamus. Est enim summa iniquitas meritis non aequalibus aequalia praemia constituere, ut igitur iustitia, quae genus humanum continet, conseruetur, fuit aequitatis ratio, ut Aristoteles doctissime in *Ethicis* prodidit, a Geometriae ratione petenda. Multa et praeclara, abstrusa tamen atque recondita in illo erudito Geometriae puluere tractantur, quae animum ad naturae peruestigationem instruit, et ex multarum rerum cognitione uoluptate eximia perfundit, propter quae tanto in honore fuit haec disciplina, ut qui eam negligeret, philosophari haud quaquam posse uideretur.

Sed paulisper philosophari desinamus, et populariter manufacta recenseamus. Quidquid uel ad aspectum, pulchrum et magnificum, uel ad usum uitae commodum ac necessarium est, huius artis facultati debemus. Neque enim starent tecta urbium et moenia, nec ampla et praeclara operum monumenta, quae in templis atque theatris regum conspicimus permanerent; aut ullam

canto²⁹? Que diremos ao que Plutarco, autor rigorosíssimo, afirma, que ao som dos tambores a maior parte dos animais se amansa³⁰? Que diremos ao que Plínio assevera, que os golfinhos se movem ao som do canto³¹ – opinião que também confirma Píndaro³²? Mas deixemos os animais e voltemos a nós. Imitemos o próprio Sócrates, fonte da Filosofia, que, já velho, se não envergonhava de aprender música³³. Por sua vez, Epaminondas, príncipe [13] da Grécia, sobressaiu na música admiravelmente³⁴. O próprio Licurgo, legislador rigoroso, se dedicou a ela com grande brilho³⁵. Atestam as Sagradas Escrituras que Saul, rei dos Hebreus, quando o afligia o sofrimento dos seus crimes, se apaziguava muitas vezes com o tocar da cítara³⁶. O poder da Música estende-se tão longe que torna leves e toleráveis os assíduos trabalhos que homens agrestes e rústicos empreenderam na cultura dos campos, pois, com a sua doçura, atenuam a aspereza da vida e esquecem os trabalhos exagerados. Os remadores, quando impelem a nau com os remos, incita-os de tal modo o canto náutico que não sentem a fadiga.

Quanto vale a harmonia das cornetas e das tubas nas legiões para excitar ao combate o ânimo dos soldados não se pode declarar. Para que hei-de eu prosseguir nos restantes géneros, que são infinitos? Pois não há nenhuma raça humana, por mais feroz e desumana que seja, que não se acalme à modulação mais rude que se queira. Donde se torna evidente que escassamente terá sido dado algo de mais útil aos homens para atravessar a vida sem custo.

Mas abordemos a Geometria, que, na opinião de Filão³⁷, é o princípio das artes maiores, e chefe das restantes, pois àqueles que estão presos aos sentidos os arranca daí e incita-os paulatinamente à contemplação da perenidade e divindade da natureza, em que consiste o fim da Filosofia. Isto se atribui e reivindica a Geometria, especular sobre as substâncias eternas e incorpóreas. Daí o ter sido dito luminosamente por Platão: «Penso que Deus, acima de tudo, γεωμετρεῖν, isto é, se aplica à Geometria»³⁸. Pois que também Licurgo deixou escrito [14] que Deus empregava nas coisas a analogia geométrica toda poderosa³⁹, que chamamos «némesis» ou justiça, a qual nos aconselha a atentar com diligência na distribuição das coisas (quanto deve cada um receber, em proporção com o seu valor). É, realmente, a maior das injustiças estabelecer prémios iguais para méritos desiguais, porquanto, para que a justiça, que detém o género humano, se conserve, teve de se pedir o cômputo da igualdade, como Aristóteles declarou doutissimamente na *Ética*, à proporção da Geometria⁴⁰. Muitos e ilustres assuntos, mas contudo ocultos e escondidos, se tratam naquele erudito pó da Geometria⁴¹, que edificam o espírito na investigação da natureza, e, pelo conhecimento de muitas coisas, o inundam de um prazer extraordinário, motivo por que esta disciplina foi tida em tal honra que se pensava que de modo algum podia filosofar quem a desprezasse⁴².

Mas deixemos de filosofar por algum tempo, e passemos em revista os artefactos comuns. O que quer que haja de belo e magnífico à vista ou cómodo para utilidade da vida, ou necessário, devemos-lo ao poder desta arte. Sem ela, não estariam de pé os telhados das cidades e as muralhas, nem permaneceriam os amplos e ilustres testemunhos de feitos, que vemos nos templos e nos teatros dos reis, nem gozariam

haberent admirationem, nisi geometricis fuissent elaborata dimensionibus. Omitto pingendi fingendique artem tantis opificum ingeniis nobilitatam, quae sine Geometria constare nullo modo potest, ut nihil dicam de nauigatione, de locorum, regionum, litorum descriptione, agrorumque dimensione, [15] et aquarum deriuatione, quae omnia sine Geometriae scientia nullus animo complecti potest. Quantum illud est, quod in caelum fertur ut immensa mundi spatia astrorumque cursus et magnitudinem metiatur? Non potest enim Astrologia statum suum tenere nisi sit Geometriae praesidio munita.

Astrologia

Est autem Astrologiae munus, ut institutum prosequamur, non tam naturas caelestium corporum (id enim Philosophiae munus est) intueri, quam illorum conuersiones et congressiones, ortus et occasus, uariosque siderum cursus tam illorum quae fixa appellantur, quam illorum quae uulgus appellat errantia, contemplari. Quis autem tam agresti est animo aut tam auersus ab ipsa natura qui non spectaculo tantorum luminum ad aliquam eorum considerationem moueatur? Proinde Anaxagoras interrogatus cur se natum arbitraretur, respondit: "Caeli solisque uidendi causa". Siquidem admirabilis illa et incitata caelestis naturae conuersio, augustissimam nobis indicat diuinitatis potestatem; lucis clarissimae splendor, sapientiam; calor ille uim uitalem cunctis rebus impertiens, amorem. Quarum rerum cognitio tempora distinxit, aetates designauit, serendi atque fructus percipiendi maturitates edocuit; nec tantum notat ea quae praeterierunt, sed futura etiam multis in locis praenuntiat. Quocirca Beroso Astrologiae perito ob diuinas praedictiones, Athenienses publice statuum in gymnasio statuere. Nec uero Atlas caelum sustinere, nec Prometheus affixus Caucaso, aut Cepheus stellatus cum uxore, filia et genero traderetur, nisi caelestium [16] diuina cognitio ipsorum nomen ad errorem fabulae traduxisset, a quibus ducti deinceps reliqui, qui in harum rerum contemplatione studium ponebant, merito sapientes habebantur. Sulpicius Gallus olim habitus est sapiens quod in exercitu L. Pauli de Lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum animi terrerentur; qui nisi militum metum uicisset imperator Romanus uincere non potuisset. Sic Pericles Athenienses solis obscuratione territos, redditis eius rei causis diutius inani metu trepidare non est passus. Quid tam gloriosum quam patriam interitum sibi portendi existimantem, tanto periculo conturbatam liberare?

Aristoteles
idem
de Thale
I Politicorum
recenset.

Ferunt Democritum, qui tradidit ciuibus suis esse miram caelo cum terris societatem, cum praeuidisset ex Vergiliarum ortu futuram olei caritatem, omnem oleam in agro patrio coemisse; cum igitur ille solus ad arbitrium suum quidquid erat olei uenderet, ingentem pecuniam fecit. Mirantibus cunctis qui nouerant quam omnes opes contemneret, lucrum olearum dominis restituit; sibi enim satis esse, dixit, ostendere suis ciuibus sapientem facile posse ditescere, si uellet. Atque idem fecisse Sestium ciuem Romanum sapientia praestantem Athenis accepimus.

de admiração alguma, se não tivessem sido elaborados com dimensões geométricas. Já não falo da pintura e da escultura, nobilitadas pelo talento de tantos artistas, as quais de modo algum podem erigir-se sem Geometria, – para nada dizer da navegação, da descrição dos lugares e dos litorais, [15] da medição dos campos, e do desvio das águas⁴³. Nada disso se pode compreender sem a ciência da Geometria. E quando ela se transporta para o céu, para medir os imensos espaços cósmicos, o curso e a grandeza dos astros? Com efeito, a Astronomia não pode manter o seu lugar, senão equipada pela fortaleza da Geometria.

É função da Astronomia – para prosseguirmos segundo o nosso plano – observar, não tanto a natureza dos corpos celestes (pois isso é pertença da Filosofia), como contemplar as suas revoluções e encontros, nascimentos, ocasos e os vários cursos das estrelas, tanto daquelas que se chamam fixas como daquelas que o vulgo chama errantes⁴⁴. Quem há de alma tão selvagem, ou tão afastado da própria natureza, que, perante o espectáculo de tantas luzes se não sinta movido a contemplá-las um pouco? Por isso Anaxágoras, tendo sido interrogado porque supunha ter nascido, respondeu: «Com o fim de ver o céu e o sol»⁴⁵. Pois que aquela admirável e tão rápida revolução da natureza celeste nos mostra o poder augustíssimo da divindade; o esplendor da luz claríssima, a sabedoria; aquele calor, que comunica a força vital a todas as coisas, o amor. O conhecimento destes factos distinguiu os tempos, assinalou as idades, ensinou a oportunidade de semear e colher os frutos; e regista não só o que já passou, mas chega a anunciar em muitos pontos o futuro. Foi por isso que os Atenenses erigiram publicamente uma estátua no ginásio a Beroso, sábio em astrologia, pelas suas divinas profecias⁴⁶. Nem realmente se diria que Atlas sustenta o céu, nem que Prometeu está amarrado ao Cáucaso, nem que Cefeu está transformado em constelação com a mulher, a filha e o genro, se o conhecimento divino [16] das coisas celestes não tivesse transferido os seus nomes para o erro da fábula⁴⁷. Levados por eles é que por sua vez os restantes, que puseram seu zelo na contemplação destes factos, com razão eram tidos por sábios. Outrora foi tido por sábio Sulpício Galo, porque no exército de Lúcio Paulo falou sobre os eclipses da lua, para que o espírito dos soldados se não aterrorizasse, como se ocorresse um milagre por arte divina; e, se ele não tivesse vencido o medo dos soldados, o imperador romano não teria podido vencer⁴⁸. Assim Péricles não consentiu que durasse o temor dos Atenenses, aterrados com um receio vão pelo obscurecimento do sol, apresentando as causas desse facto⁴⁹. Que há de tão glorioso como libertar a pátria, quando pensa que se lhe anuncia a ruína, e está perturbada por tão grande risco?

Conta-se que Demócrito, que ensinou aos seus concidadãos que havia uma admirável associação do céu com a terra, tendo previsto, pelo nascimento das Plêiades, que haveria carestia de azeite, comprou toda a azeitona no território pátrio; como, portanto, ele vendesse sozinho, à sua vontade, quanto azeite havia, ganhou muito dinheiro. Perante a admiração de quantos sabiam como desprezava todas as riquezas, restituiu aos donos o lucro das azeitonas; a si – declarou – bastava mostrar aos seus concidadãos que o sábio podia facilmente ser rico, se quisesse⁵⁰. E soubemos que do mesmo modo se houve em Atenas Séstio, cidadão romano, de eminente sabedoria⁵¹.

Astronomia

*Aristóteles
refere o
mesmo acerca
de Tales no
livro I da
Política*

Soleo saepe nostrorum hominum res gestas admirari, easque crebris usurpare sermonibus, nihil tamen uideo in illis ad gloriam maius, quam quod terrarum ignoratarum lustratione, noua sidera, ignotas stellas, incognitas regiones, hoc est, alios terrarum [17] orbis, quos Alexander Magnus suis uictoriis superesse dolebat, inuictis armis peragrarunt, quod profecto nunquam facere potuissent, nisi siderum obseruatione edocti fuissent. Quod igitur immensum mare nauigauerint, quod procellarum atque tempestatum discrimina non exhorruerint, quod superatis omnibus periculis, trophaea in omnibus Orientis oris constituerint, id magna ex parte astrorum cognitioni debemus.

Grammatica

Sed de mathematicis hactenus. Nunc eas artes quae ad sermonis rationem et ornatum pertinent attingamus, et in primis Grammaticam, quae est reliquarum fundamentum. Est enim illius munus: orationem apte contexere, sermonis puritatem, atque perspicuitatem exquirere, et ita sermonem struere, ut nihil sit in illo perturbatum et obscurum, nihil barbarum et ineptum, nihil non cohaerens et consonum. Neque tantum circa sermonis proprietatem et elegantiam uersatur, sed de historiis etiam atque poetis incorrupte iudicat, atque per omnia disciplinarum genera uagatur, qui enim grammaticam non tenuerit, reliquas disciplinas assequi nulla ratione poterit, etenim cum res non nisi per uoces cognoscantur, qui uocum uim ignorauerit, is enim in rerum cognitione plane delirabit. Est igitur necessaria pueris, iucunda senibus, dulcis secretorum comes et quae uel sola omni studiorum genere plus babeat in recessu, quam fronte promittat.

Dialectica

Proxima est Dialectica siue diligens disserendi ratio, modum et ordinem in ueri inquisitione [18] conseruans, uniuersis scientiis lumen praeferens, nam siue cum alio disseras, siue solus rationem ad rerum cognitionem exacuas, siue importunis hominibus obsistas, necessaria est Dialectica. Nihil summa laude dignum oratione ad auditores praeferri, uel litterarum monumentis ad posteros tradi potest absque Dialecticae praesidio. Plato tradit illum igniculum de caelo a Prometheo allatum methodum esse ratiocinandi, quo sublato esse necesse homines rursus in belluas conuerti. Quae sententia est laude dignissima; sublato enim rectae rationis usu ad quem nos instruit dialectica, quid est quod inter hominem et belluam intersit? Quanta sit illius utilitas ex hoc intelligi potest quod omnes qui illius uberibus (ut ita loquar) enutriti sunt, et ad alia deinde uitae studia se contulerint, siue Ius Ciuile colant, siue aliam quamuis disciplinam laudabilem persequantur, multo plus ex illa consequentur, quam si totum illud tempus etiam quod in Dialectica consumpserunt, sine Dialecticae opera in illa disciplina contriuisent. Ac quoniam scio plerosque eorum qui uix gustato primis labiis hoc artium instrumento, se ad ius ciuile contulerint, me manu consertum ex iure uocatuos, nempe qui negent iure consultos dialecticorum sermonibus illigari oportere, hos primum rogo et obtestor audiant quam ob rem M. Tullius Q. Scaeuolae, Seruium Sulpicium Iuris Scientia praetulerit nimirum quod

Costumo admirar muitas vezes os feitos dos nossos homens e servir-me deles em frequentes práticas, mas nada vejo neles de mais glorioso do que, atravessando terras ignoradas, terem percorrido com armas invictas novos céus, estrelas ignotas, regiões incógnitas, ou seja, outros mundos [17] da terra, que Alexandre Magno se doía de escaparem às suas vitórias – coisa que sem dúvida nunca teriam podido fazer, se não estivessem instruídos na observação do céu. Portanto, o terem navegado o mar imenso, não se terem atemorizado com a força das procelas e das tempestades, terem erigido troféus em todas as costas do Oriente, depois de vencidos todos os perigos – isso devemos-lo em grande parte ao conhecimento dos astros.

Mas basta de Matemática. Afloremos agora aquelas artes que pertencem à lógica e embelezamento da linguagem e, em primeiro lugar, a Gramática, que é a base das restantes. Esta é a sua função: ligar a oração com acerto, procurar a pureza e a clareza da linguagem, e construir de tal maneira a expressão que nada haja nela de confuso e obscuro, nada de bárbaro ou deslocado, nada de incoerente ou desarmonioso. E não trata só da propriedade e elegância da expressão, mas também julga correctamente da história e da poesia, e divaga por todos os géneros de estudos, pois quem não estiver senhor da Gramática não poderá de modo algum seguir as restantes disciplinas. De facto, conhecendo-se as coisas só pelas palavras, quem ignorar o significado delas andarás em pleno delírio no conhecimento da realidade. Ela é pois necessária às crianças, agradável aos velhos, companheira doce da solidão e até a única, em toda a espécie de estudos, que tem mais no seu interior do que promete na fachada⁵².

Gramática

Fica-lhe próxima a Dialéctica, ou maneira exacta de discorrer, que conserva medida e ordem na inquirição [18] da verdade, que traz luz a todas as ciências, pois, quer discutamos com outrem, quer, sozinhos, agucemos o entendimento para o conhecimento da realidade, quer nos oponhamos a importunos, a Dialéctica é necessária. Sem a defesa da Dialéctica, nada se pode apresentar em oração a ouvintes, ou legar aos vindouros em monumento literário, que seja digno dos maiores elogios. Platão refere que aquela centelha trazida do céu por Prometeu é o método do raciocínio⁵³, tirado o qual forçoso é que os homens se convertam novamente em animais. Sentença que é muito digna de louvor: pois, tirando o uso da recta razão, em que a Dialéctica nos instrui, que há aí que fique entre o homem e o animal? Quanta é a sua utilidade, pode depreender-se do facto de que todos aqueles que, por assim dizer, se nutriram dos seus úberes e depois se voltaram para outros estudos da vida, quer cultivem o Direito Civil, quer se dediquem a qualquer outra louvável disciplina, conseguem com aquela muito mais do que se tivessem gasto nessa disciplina, sem o auxílio da Dialéctica, todo aquele tempo que consumiram com esta. E, já que sei que a maioria daqueles que, depois de mal provarem com a extremidade dos lábios este instrumento das artes, se voltaram para o Direito Civil, me chamarão a capítulo, e que, é claro, negarão a conveniência de os jurisconsultos se enredarem nos discursos dos dialécticos, a esses em primeiro lugar lhes peço e os intimo a ouvir por que razão Marco Túlio preferiu, a Quinto Cévola, Sérvio Sulpício, nas Ciências Jurídicas:

Dialéctica

ea arte esset instructus, quae docet rem uniuersam tribuere in partes, [19] latentem explicare definiendo, obscuram explanare interpretando, ambiguam primum distinguere deinde adhibere regulam qua uera et falsa iudicantur, et quae quibus propositis essent, et quae non essent consequentia. Hic enim attulit hanc artem omnium artium maximam, quasi lucem ad ea quae ab aliis confuse aut agebantur, aut respondebantur, aut igitur negemus quicquam ratione confici, cum contra nihil sine ratione fieri possit, aut cum Dialectica ex rationum collatione constet. Ab ea, si docti esse uolumus, adiumenta et auxilia petamus.

Eloquentia

Succedit Eloquentia, quae est in disserendo finitima Dialecticae; sed funditur latius et uberius. Haec ab aliis artibus cum accipit quod est necessarium, sic excolit acceptum, ut illo instructu et apparatu orationis nihil fieri possit admirabilius. Huius officium est: animos sic tractare, ut modo excitet, modo perfringat, modo irrepat in sensus, inserat nouas opiniones, euellat insitas cursu magno, ac sonitu feratur. Huius praeceptis (ut paucis multa complectar) erudimur, ut humilia presse, mediocria temperate, grauiua sublimer dicere possimus, et ad quodcumque decuerit, sic accommodare orationem, ut prudenter, ornate, composite, memoriterque dicamus cum quadam etiam actionis dignitate, ut in quo habitu intus et quibus copiis ornatus fuerit animus, talem eum extra efferat et repraesentet oratio. Quae ex rerum cognitione [20] efflorescat et redundet necesse est. Qua nihil potest esse nec suauius, nec utilius, nec magnificentius. Quid enim esse potest iucundius oratione multis luminibus illustrata? Quid utilius quam opem ferre supplicibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare periculis, retinere homines in ciuitate? Quid magnificentius quam habere opes quibus et terrorem hostibus incutias, amicis salutis spem ostendas, ciuitates uniuersas in tuam sententiam trahas, atque, ne plura dicam, in eo quo homines reliquis animantibus praestant, inter homines ipsos excellas?

Haec sunt quae non humana ui fieri, sed diuinum esse quiddam homines putent, eaque de causa tantum honorem ad eos deferant quos uident esse eloquentia praestantes. Vt enim omittam duo illa dicendi fulmina Demosthenem et Ciceronem, quorum gloria passim ubique terrarum celebratur, nonne Valerii eloquentiae ira populi Romani furor arma cesserunt? Qui nisi facundis uerbis populum Romanum noua et insolita libertate temere insultantem ad meliora consilia reuocasset, et Senatui subiecisset spes tanti imperii in ipso paene suo ortu concidisset. Quam disertum fuisse M. Antonium creditis quem ne hostium quidem quisquam occidere sustinuit qui modo uocem eius ad aures suas uoluit admittere? Nonne Pisistrato Athenienses regium imperium oratione ipsius capti permiserunt? Cum praesertim Solon patriae amantissimus clamaret, ne prudentissima ciuitas libertati seruitutem [21] praeferret? Et Pericles nonne in animis

sem dúvida porque era instruído nessa arte, que ensina a dividir em partes o todo, a explicar o oculto, definindo, [19] a explanar o obscuro, interpretando, a distinguir primeiro o que é ambíguo, depois a aplicar a regra, pela qual se julga a verdade e a falsidade, e as consequências que se podiam ou não tirar, propostos esses temas. Esse, portanto, apresentou esta arte como a maior de todas, por assim dizer, como a luz para aquelas coisas que os outros tratavam ou refutavam confusamente⁵⁴. Por conseguinte, ou negaremos que qualquer coisa se possa fazer pela razão, quando, ao contrário, nada se pode fazer sem a razão, ou ela se forma da reunião do raciocínio com a Dialéctica. Peçamos-lhe ajuda e auxílio, se quisermos ser doutos.

Segue-se a Eloquência, que é, no discorrer, vizinha da Dialéctica; mas derrama-se mais larga e abundantemente. Esta, recebendo das outras artes o que é necessário, aperfeiçoa de tal maneira o que recebeu, que nada se pode fazer de mais admirável do que aquela construção e aparelhagem da oração. É sua atribuição tratar de tal modo os espíritos que ora os excita, ora os abate, ora se introduz subrepticiamente nos sentidos, incutindo-lhes novas opiniões, arranca precipitadamente as que lá tinham germinado⁵⁵ e é arrastada pelo som. É nos seus preceitos (para abranger muito em poucas palavras) que somos instruídos, para podermos exprimir as coisas insignificantes com brevidade, as médias com sobriedade, as graves com elevação – e acomodar o discurso às conveniências, de modo que falemos com clarividência, com elegância, com ordem e de cor, e também com um certo decoro na actuação, para que, tal como o espírito é de conformação interna e com os recursos de que é dotado, assim exteriormente o produza e o represente a oração⁵⁶. Esta deve, necessariamente, [20] florescer e abundar em conhecimentos dos factos⁵⁷. Nada pode ser nem mais suave, nem mais útil, nem mais magnífico do que ela. Pois que pode ser mais agradável do que a oração ilustrada com muitas luzes? Que de mais útil que dar auxílio aos suplicantes, reanimar os aflitos, salvar, libertar dos perigos, manter os homens no seu país⁵⁸? Que de mais magnífico do que ter recursos com que se incuta terror aos inimigos, se mostre esperança de salvação aos amigos, se arrastem cidades inteiras para a nossa sentença, e, para não dizer mais sobre aquilo em que os homens estão acima dos outros seres animados, evidenciar-se entre os próprios homens⁵⁹? Eis porque os homens julgam que não vem do poder humano, mas é algo de divino, e por esse motivo tributam tanta honra àqueles que vêem ser grandes na Eloquência. Pois, para omitir aquelas duas centelhas da arte de dizer, Demóstenes e Cícero⁶⁰, cuja glória se celebra em toda a parte do mundo, acaso não foi perante a eloquência de Valério que a ira e furor do povo romano depuseram as armas? E, se não fosse ele ter chamado com palavras eloquentes o povo romano, audaciosamente insolente na sua nova e insólita liberdade, e se não o tivesse submetido ao Senado, ruiaria a esperança de um tão grande império, quase ao nascer⁶¹. Acreditais quão facundo foi Marco António, que um dos inimigos nem sequer tomou o encargo de o matar, porque pouco antes quis receber-lhe a voz nos seus ouvidos⁶²? Acaso os Atenenses não concederam a Pisítrato o poder real⁶³, presos da sua oração? Quando de mais a mais Sólon, tão amante da sua

Eloquência

eorum qui ipsum audiebant quasi aculeos quosdam relinquebat? Hegesias Cyrenaeus sic damna uitae oculis subiiciebat ut audientes in appetendae mortis cupiditatem prouocaret, ex quibus perspicuum uideri debet oratorem esse moderatorem animorum.

Atque hae sunt artes quas liberales uocamus, ac homine libero dignas, praeclaras uirtutis ac sapientiae ministras, quibus animus ad optima quaeque instruitur; e quibus honor et gloria comparatur. Humanitatem huiusmodi studia appellarunt ueteres, iudicantes nimirum harum disciplinarum studio non linguam tantum expoliri, sed et feritatem barbariemque ingeniorum deponi. Maxime uero ad liberalem institutionem ingeniorum pertinere uidetur (quae non exigua prudentiae pars est) linguarum cognitio. Patent enim Linguae Graecae peritis, fontes omnium scientiarum quae a Graecis emanarunt, illorum enim ingeniis et studiis omnes disciplinas debemus; ea autem de causa Latini scriptores post Ciceronis tempora ita uel studiosi fuerunt Graecorum uel Graecorum studiorum ostentatores, ut eorum maximam partem ad se transtulerint, et qui alteram linguam sine altera percepisset, debile quiddam et mancum adeptum fuisse eum iudicarent. Sic etiam Prophetas minus intelligemus nisi Hebraicum sermonem (quo illi uti fuerunt) probe teneamus.

[Linguarum
cognitio]

Hoc in loco uenit in mentem mihi, praecipitem quorundam in studiis et intempestiuam celeritatem [22] uituperare. Video enim plerosque relicto humanitatis studio ad grauiora, ut uocant, disciplinarum genera properantes, discendi laborem augere et incommodius omnia tractare, qui cum uix sint primis rudimentis imbuti, sese ad optimas quasque et grauissimas disciplinas conferentes, minimum ex illis emolumentum consequuntur, quod si suo quaeque ordine aggredierentur, bone Deus, quanto rem facilius gererent! Non tamen is ullo modo sum, qui semper his haerendum censeam, quamuis enim sint honesta studia, sic tamen ut ad alia grauiora dirigantur. Tum demum igitur erunt laudabilia, si ingenium praeparent, non detineant; tam diu itaque istis immorandum puto quamdiu animus nihil maius agere potest.

Ad altiorem igitur grauioremque uel Iuris Ciuilis, Pontificumque Sanctionum, uel Medicinae ac sacrosanctae Theologiae facultatem nos conferamus. Quae dum studiose molior, quaeso obtestorque uos, auditores, ut uestra benignitas meam adiuuet industriam.

A Iure Ciuili primum exordiamur, quod et ipsum disciplinae genus a mediis humanitatis artibus deriuatum sit; et ueterum iure consultorum litterae plenae sint priscae ueraeque eruditionis. Est autem Ius Ciuile, ut inquit Ulpianus, diuinarum atque humanarum rerum notitia, iusti atque iniusti scientia. Nam iuris peritus teste Cicerone unus omnia paene profitetur, ut is qui studeat omnium rerum naturam causasque nosse; et omnem [23] praeterea uitae

[Ius Ciuile]

pátria, clamava que uma cidade esclarecidíssima não preferisse a escravatura [21] à liberdade⁶⁴? E acaso não deixava Péricles uma espécie de agulhões no espírito dos que o ouviam⁶⁵? O cirenaico Hegésias de tal modo apresentava aos olhos os danos da vida que provocava nos ouvintes o desejo de apeteecer a morte: donde se vê claramente que o orador deve ser moderador dos espíritos⁶⁶.

Estas são as artes a que chamamos liberais e dignas do homem livre, ilustres pela sua virtude e servidoras da sabedoria; pelas quais se edifica o espírito no que de melhor há, e donde se obtém honra e glória. A estudos deste teor chamaram os antigos Humanidades⁶⁷, pensando certamente que pelo estudo destas disciplinas não só se polia a língua, como também se depunha a selvajaria e barbárie das inteligências. Com efeito, parece pertencer acima de tudo à instrução liberal das inteligências (que é parte não pequena da sabedoria) o conhecimento das línguas. É que estão patentes aos conhecedores da Língua Grega as fontes de todas as ciências, que dos Gregos derivaram, pois é ao seu engenho e estudo que devemos todas as disciplinas; é por essa razão que os escritores latinos, desde o tempo de Cícero, a tal ponto estudaram o Grego, ou exibiram os seus estudos gregos, que traduziram para si a maior parte deles e julgavam que quem percebesse uma língua sem a outra estava de posse de coisa bastante débil e incompleta⁶⁸. Do mesmo modo, não entenderemos os Profetas, se não soubermos bem a Língua Hebraica, de que eles se serviram.

[Conhecimento das línguas]

Neste ponto veio-me à ideia censurar a velocidade precipitada e intempestiva de alguns [22] nos estudos⁶⁹. É que eu vejo muitos, ao deixarem o estudo das Humanidades, com pressa de géneros de disciplinas mais importantes, como eles dizem, aumentarem o trabalho da aprendizagem e tratem tudo inconvenientemente, quando, mal imbuídos dos primeiros rudimentos, se voltam para as melhores e mais importantes de todas as disciplinas e conseguem delas o mínimo proveito, ao passo que, se avançassem na sua ordem, meu Deus, quanto mais facilmente se haveriam! Contudo, não sou de modo algum pessoa que entenda que se deva estar sempre preso a estes estudos, conquanto sejam honrosos, mas sim de modo a serem dirigidos para outros de mais peso. Só então serão louváveis, se prepararem a inteligência, e não a detiverem; e assim, entendo que se devem demorar neles o tempo de o espírito nada poder fazer de maior.

Voltemo-nos, portanto, para as faculdades mais altas e de mais importância, quer seja a de Direito Civil, Canónico, Medicina, ou a da sacrossanta Teologia. E, enquanto me ocupo cuidadosamente delas, peço-vos, suplico-vos, a vós que me escutais, que a vossa benevolência auxilie o meu esforço.

Comecemos em primeiro lugar pelo Direito Civil, porque o próprio género da disciplina teve origem no meio das artes humanísticas; e a literatura dos antigos juristas está cheia de antiga e verdadeira erudição. O Direito Civil é, como disse Ulpiano, o conhecimento das coisas divinas e humanas, a ciência do justo e do injusto⁷⁰. Na verdade, quem é perito em Direito, no testemunho ciceroniano, é o único que ensina quase tudo, a ponto de aquele que se esforçar por conhecer a natureza e as causas de

[Direito Civil]

rationem tenere et persequi unus hoc nomine dignus appelletur. Ille igitur est iuris peritus qui sempiternam legem sequitur. Est enim quaedam lex non scripta, nec hominum ingeniis excogitata, quae uniuersam naturam continet, aeterna quadam imperandi, prohibendique potestate. Haec est mens omnia ratione aut imperantis aut uetantis Dei; reliquae uero leges tum merito hoc nomen obtinebunt, cum ad illam antiquissimam et rerum principem legem expressae fuerint, atque promulgatae ab hominibus ad societatem et uitae communionem conseruandam, ut supplicio improbos afficiant, defendant autem ac tueantur bonos. Sontes enim incommodis, carceribus, contumeliis, uerberibus, exiliis, morte coercent, bonos autem honoribus afficiunt. Docemur itaque auctoritate legum domitas habere libidines, coercere cupiditates, nostra tueri ab alienis, mentes, oculos, manus abstinere; nihil denique alteri facere, quod nobis factum nollemus. Hoc enim fuit propositum optimis legum latoribus, ut eas leges ferrent quibus homines honeste beateque uiuerent; eas uero ad eam legem quam diximus accommodarunt, quae est ratio summa insita in natura, quae iubet ea quae facienda sunt, prohibetque contraria. Quod porro de Iure Ciuili censeam (quandoquidem id maxime ad nostrum hoc institutum pertinet) malo Ciceronis uerbis quam meis respondere: «Omnia sunt posita ante oculos, collocata in usu quotidiano, in congressione hominum [24] atque foro; neque ita multis litteris ac magnis uoluminibus continentur. Eadem enim sunt lata primum a pluribus, deinde paucis commutatis uerbis etiam ab iisdem scriptoribus scripta sunt saepius. Accedit uero quo facilius percipi cognoscique possit Ius Ciuile, quod minime plerique arbitrantur, mira quaedam in cognoscendo suauitas et delectatio. Nam si quem haec aliena studia delectant, plurima est in Iure Ciuili et pontificum libris, et in Duodecim Tabulis antiquitatis effigies, quod et uerborum prisca uetustas cognoscitur, et actionum genera quaedam maiorum consuetudinem uitamque declarant.»

Coniunctum Iuri Ciuili est Ius illud Diuinum a Summis Pontificibus latum, quod ius qui intuetur, statim agnoscit communem omnium mortalium beneuolentiam, integritatem, caritatem, amorem proponi et nobis commendari. Hoc ius primum appellari debet, praeclarum Dei opus. Quod qui uiolat, quid aliud agit quam contra Deum more gigantum pugnat? Perhorrescant igitur huius tam sancti iuris uiolatores, et sibi horrenda supplicia in Tartaro parari intelligant, quo loco uoluitur manus diuis et piis hominibus inuisa, contra religionem bellum ausa suscipere. Voluitur Ixionis rota Martinus Luter, lues unica totius Ecclesiae Romanae. Proinde sibi caueat Melanchthon ipsius improbus sectator, et uelut atriensis seruus. Tarda Dei est ira, sed tarditatem grauitate supplicii compensat. Audiet procul dubio, nisi ab instituto [25] plane discedat, Furiam uoce magna exclamantem: «Discite iustitiam moniti, et non temnere diuos». Nam sequitur superbos ultor a tergo Deus.

todos os fenômenos, e, além disso, [23] compreender e atingir completamente a vida, ser o único digno de ser chamado por esse nome⁷¹. É, portanto, sabedor de Direito quem segue a lei sempiterna. É que existe uma certa lei, não escrita, nem descoberta pela inteligência humana, que contém toda a natureza, com uma espécie de poder eterno de ordenar e de proibir. Este é o pensamento de Deus, que tudo manda ou impede pela razão⁷²; enquanto as restantes leis só obterão de direito este nome, na medida em que forem articuladas segundo aquela antiquíssima lei, princípio das coisas, e promulgadas pelos homens para conservação da sociedade e comunidade da vida, para supliciar os desonestos, mas defender e proteger os bons⁷³. Pois aos culpados castigam-nos com agravos, prisões, chicotadas, exílio e morte, enquanto aos bons, acumulam-nos de honras. Aprendemos assim, pela autoridade das leis, a ter as paixões refreadas, a dominar os desejos, a defender dos outros as nossas coisas, a abster-nos de pensamento, olhos e mãos⁷⁴; finalmente, a nada fazer a outrem que não queríamos que nos fizessem. Este foi o propósito dos melhores legisladores, apresentar leis com que os homens vivessem com honra e felicidade; mas acomodaram-nas àquela lei que dissemos, que é a suprema razão gravada na natureza, que manda o que se deve fazer e proíbe o contrário⁷⁵. De resto, quanto ao que eu penso do Direito Civil (pois que ele pertence acima de tudo ao nosso programa) prefiro responder com as palavras de Cícero, a fazê-lo com as minhas: «Todas as coisas estão diante dos olhos, situadas na prática quotidiana, em assembleias humanas [24] e no foro; e nem por isso se contêm em muitas letras e grandes volumes, pois as mesmas coisas foram primeiro propostas por vários, depois, mudando poucas palavras, foram também redigidas bastantes vezes pelos mesmos escritores. Acresce que muito facilmente se pode perceber e conhecer o Direito Civil, coisa que não supõe a maior parte das pessoas. Há um tal ou qual encanto e prazer admirável em conhecê-lo, porquanto, se a alguém deleitam estoutros estudos, abundante é a representação da Antiguidade no Direito Civil, quer nos livros dos pontífices, quer nas Doze Tábuas, pois se fica a conhecer a remota vetustez das palavras, e certas espécies de processos de os antepassados esclarecerem seus hábitos e estilo de vida»⁷⁶.

Está ligado ao Direito Civil aquele Direito Divino proposto pelos Sumos Pontífices, direito que, quem o observar, logo reconhece que estabelece e nos recomenda a benevolência comum com todos os mortais, a integridade, a caridade, o amor. Este direito deve chamar-se primacial. É obra ilustre de Deus. Quem o violar, que mais faz do que lutar contra Deus, à maneira dos gigantes⁷⁷? Estremeçam portanto os violadores deste tão Santo Direito, e compreendam que horrendos suplícios se lhes preparam no Tártaro, lugar em que se agita a mão, odiosa aos seres divinos e aos homens piedosos, que ousou empreender uma guerra contra a religião: agita-se na roda de Ixíon Martinho Lutero, peste sem par de toda a Igreja Romana. Por isso se acautele Melanchthon, seu malvado sectário, espécie de intendente dele. A ira de Deus é tardia, mas compensa a lentidão com a gravidade do suplício. Ao longe ouvirá sem dúvida, a não ser que se afaste inteiramente [25] do seu propósito, a Fúria exclamando em voz forte: «Aprendeí com este aviso a ser justos e a não desprezar os deuses»⁷⁸. Pois Deus vai atrás dos soberbos para exercer vingança.

Luce clarius est, id quod ante oculos ex iis est, quae dicta sunt: et Ius Ciuile et Diuinum, sua sponte esse expetendum, etenim omnes uiri boni ipsam aequitatem, et ius ipsum amant. Porro si quis fragilitatis humanae remedia summa cura inuestiganda putat, intelligat uix utilius quicquam Medicina ad hominum conseruationem rerum naturam produxisse, quae una artium imperatoribus quoque imperat, a quibus (ut inquit Plinius) maxime fuit celebrata, ut credi par sit eam studiorum partem diligentius et accuratius custoditam, utpote qui scirent, illam humanis usibus pernecessariam; neque enim magis alimenta agricultura sanis corporibus quam aegris sanitatem Medicina promittit. Cuius multos ex sapientiae professoribus peritos fuisse accepimus, a quibus in tres partes deducta est, unam quae uictu, alteram quae medicamentis, tertiam quae manu mederetur, *δαιτητικήν, φαρμακευτικήν, χειρουργικήν* Graeci nominauerunt. Atque huius inuentores deos credidit antiquitas, nam et Apollo eam his uerbis sibi arrogat:

Inuentum Medicina meum est, opifexque per orbem
Dicor, et herbarum subiecta potentia nobis.

Q. Serenus ipsum inuocans:

[26] Phoebe salutiferum, quod pangimus, assere carmen,
Inuentumque tuum prompto comitare fauore.
Tuque potens actis reduces qui tradere uitas
Nosti, atque in caelum manes reuocare sepultos,
Huc ades [.....

Et Aesculapius, uetustissimus auctor, quoniam adhuc rudem et uulgarem hanc scientiam excoluit, in deorum numerum antiquitatis opinione receptus est. Quis enim tam prope ad Deum uitae datorem accedit, quam medicus? Nam ut ille uitam concedit ac largitur, ita hic datam tuetur et fugientem retinere conatur, proinde Homerus:

ἱητρός γάρ ἀνὴρ πολλῶν ἀντάξιος ἄλλων.

Quo auctore morbi ad iram deorum relati fuerunt, ac proinde ab iis opem posci solitam scimus. Age uero, praemia artis postulas; Erasistratus, inquit Plinius, Aristotelis filia genitus, Antiocho rege a morbo confirmato, C. talentis donatus est a rege Ptolomaeo filio eius. Multos praetereo medicos percelebres, quibus ccl. HS. annua mercede apud principes fuere. Q. Stertinius obiecit principibusque HS. quingenis contentus esset, sexcena enim sibi quaestu urbis fuisse numeratis domibus ostendebat.

Segundo aquilo que se afirmou, torna-se mais claro do que a luz o que fica diante dos olhos: que o Direito Civil e o Divino se devem buscar espontaneamente, pois todos os homens bons amam a equidade e o direito em si. Mas, se alguém julga que se devem investigar com a máxima aplicação os remédios da fragilidade humana, entenda que a natureza dificilmente terá produzido algo de mais útil para a conservação dos homens do que a Medicina, única das artes que impera também aos imperadores, pelos quais (segundo diz, Plínio)⁷⁹ foi altamente celebrada, a ponto de se poder acreditar que essa parte dos estudos está mais diligente e cuidadosamente guardada, como se soubessem que é extremamente necessária aos humanos usos; nem a agricultura garante mais os alimentos aos corpos sãos do que a Medicina saúde aos doentes. Nesta sabedoria consta-nos ter havido muitos peritos, dentre os professores; foram eles que a dividiram em três partes, uma que dava remédio com a alimentação, outra com medicamentos, a terceira com a mão – chamaram-lhe os Gregos *διαιτητικήν, φαρμακευτικήν, χειρουργικήν*⁸⁰. A Antiguidade acreditou que os seus inventores foram deuses⁸¹, pois também Apolo a atribui a si com estas palavras:

Minha é da Medicina a invenção, e pelo mundo
Seu autor sou; das ervas o poder me é sujeito⁸².

Quinto Sereno, invocando o mesmo:

[26] Febo, ampara o carne salutarífico que escrevemos.
Com solícito favor acompanha o teu invento.
E tu, ó deus de acção poderosa, que sabes restituir
A vida, e erguer até ao céu sepultos manes,
Vem à nossa presença⁸³ [.....]

Esculápio, vetustíssima autoridade, porque aperfeiçoou esta ciência, até então rude e vulgar, foi recebido, na opinião da Antiguidade, no número dos deuses. Na verdade, quem se acercou de tão perto de Deus, que dá a vida, como o Médico? Pois, assim como Ele concede a vida e a dá generosamente, assim este, uma vez dada, a protege e se esforça por a reter, quando vai a fugir, donde o dito de Homero:

*ιητρος γαρ ανηρ πολλων ανταξιος αλλων*⁸⁴.

Foi sob a sua autoridade que as doenças foram referidas à ira dos deuses, e por isso sabemos que se lhes pede o auxílio habitual. Mas vejamos – pergunta-se pelas recompensas da arte? Erasístrato, nascido de uma filha de Aristóteles, diz Plínio, estando o rei Antíoco fortalecido da sua doença, foi presenteado com cem talentos pelo rei Ptolomeu, seu filho⁸⁵. Passo à frente muitos médicos celebérrimos, que tiveram junto de príncipes a remuneração anual de trezentos e cinquenta sestércios. E Quinto Estertínio obtemperou aos príncipes que se contentava com quinhentos sestércios, pois mostrava que auferia da cidade seiscentos de cada vez, feito o cômputo das

Quanta uero Critobuli fama fuit extracta sagitta ex oculo Philippi regis, et citra oris deformitatem curata orbitate luminis? Atque ut hunc quoque locum Sanctae Scripturae testimonio concludam: «Altissimus creauit de terra Medicinam, et uir prudens non abhorret illam».

Theologia

[27] Vnum ac ultimum superest, auditores, sapientiae Christianae genus, ad quod explicandum non optarim iam Tullianam eloquentiam, quae si tantae disciplinae magnitudinem reputemus, plane obmutescet, et oppressa stupore omnino silebit; quantum enim inter Christi sapientiam et humanam interest, tantum inter Christianam et humanam eloquentiam intersit, opus est. Quid igitur faciemus, auditores humanissimi? Eam rem quam propter illius diuinam amplitudinem nulla dicendi ratio explicare potest, omittemus? At id esset impium scelus, de artibus humanis disputare, diuinam uero silentio praeterire; quo si ad tantam altitudinem aspirare nullo modo possumus, saltem id quod poterimus efficiemus. Accedit quod haec sanctissima disciplina orationis ornamenta non flagitat, mendacium enim ornare solemus, ut specie placeat aliena, et auditores facilius credant capti orationis ornatu lenocinioque uerborum.

At Christi ueritas simplex, et nuda nullis additis extrinsecus ornamentis luculentior atque ornatio omni eloquentia per se est. In iudicii itaque contentione, opulenta facundia uolubili ambitione iactetur; cum de Domino et Deo uox est, uocis pura sinceritas non eloquentiae uiribus nititur ad fidei argumenta, sed rebus. Denique a sacrosancta Theologia accipiemus non diserta, sed fortia, nec ad audientiae popularis illecebram culto sermone fucata, sed ad praedicandam indulgentiam rudi [28] ueritate simplicia. Haec illa est sapientia, quam Pythagoras humano ingenio teneri non posse intellexit, cuius tamen se studiosum profitebatur. Haec illa est, in qua tantopere philosophi ueteres abiectis rebus familiaribus, et uoluptatibus elaborauerunt; sed nec adepti sunt quod uolebant, et operam simul atque industriam perdiderunt. Quia ueritas, hoc est summi Dei uerbum, humanis nequit comprehendi sensibus, maior enim est Deus praepotens, quam ut illius consilia et dispositiones humana consequatur cogitatio. Verum non est passus misericors Deus, ueritatis ac sapientiae lumen requirentes diutius oberrare, se nobis conspiciendum exhibuit, ut illo duce religionem, fidem coleremus, et immortalitatem consequeremur; et ut nos uera ista sapientia instrueret (quae natura sua infinita est et incomprehensa) Sanctissimae Virginis utero sese inclusit, ut inde exortum lumen suum in omnes gentes diffunderet. O humilem sublimitatem et sublimem humanitatem, quam si quis dicendo uelit complecti, stultius meo iudicio egerit, quam si conetur uniuersum mare cyatho continere. Verum nos, ut ipse se contraxit, orationem quoque de ipsius laudibus, quae nullis finibus circumscribi possunt, contrahamus necesse est, ipsumque corde potius, quam lingua complectamur, et imitemur, ut per ipsum aliquando immortalis felicitate fruamur. Tradamus nos in primis

casas⁸⁶. Quanta não foi, realmente, a fama de Critobulo, por ter extraído uma seta de um olho do rei Filipe, e, sem deformação do rosto, lhe ter curado a cegueira⁸⁷? E, para encerrar também este ponto com um testemunho da Sagrada Escritura: «O Altíssimo criou da terra a Medicina, e o varão prudente não se afasta dela»⁸⁸.

[27] Uma única e última coisa resta, ouvintes, o ramo da Sabedoria Cristã. Para a explicar, não desejaria já a eloquência tuliana, que, se atentarmos na magnitude de tão grande disciplina, emudecerá completamente e de todo se calará, oprimida pelo espanto; pois quanta é a diferença entre a sabedoria de Cristo e a dos homens, tanta é forçoso que exista entre a eloquência cristã e a humana. Que havemos pois de fazer, cultíssimos ouvintes? Havemos de omitir este assunto, que, pela sua divina amplitude, nenhum estilo oratório pode desenvolver? Mas seria um crime ímpio, dissertar sobre as humanas artes, e passar a divina em silêncio; por isso, se não podemos de modo algum aspirar a tanta altitude, realizaremos ao menos aquilo que estiver no nosso poder. Acresce que esta santíssima disciplina não pede ornatos oratórios, pois costumamos enfeitar a mentira, para agradar com a alheia forma, e os ouvintes acreditarem mais facilmente, presos dos enfeites do discurso e do artifício das palavras. Enquanto que a verdade de Cristo é simples, e nua, sem se acrescentarem externamente adornos alguns, e, por si, mais esplendorosa e adornada do que toda a eloquência. E assim, nos conflitos jurídicos, que se agite uma opulenta facúndia numa pompa volúvel; quando a fala é do Senhor e de Deus, a pura sinceridade da voz não se apoia nas forças da eloquência para os argumentos da fé, mas em factos. Finalmente, aprenderemos da Sacrossanta Teologia não verdades eloquentes, mas fortes, e não tintas de cuidada exposição, para seduzir o auditório popular, mas simples, para pregar a indulgência [28] com a rude verdade. É esta aquela sabedoria que Pitágoras entendeu não se poder possuir pelo engenho humano, mas de que contudo se declarava estudioso⁸⁹. Esta é aquela à qual com tanto trabalho se aplicaram os antigos filósofos, desprezando o seu património e os prazeres; mas não alcançaram o que queriam, e perderam a um tempo o trabalho e a habilidade. Porque a verdade, isto é, o Verbo do Deus supremo, não pode ser apreendida pelos sentidos humanos, pois o poder de Deus é demasiado grande para a inteligência dos homens atingir os seus desígnios e disposições. Mas a misericórdia de Deus não sofreu que errássemos mais tempo à procura da luz da verdade e da sabedoria, e mostrou-se à nossa vista, para, sob a sua direcção, cultivarmos a religião e a fé, e alcançarmos a imortalidade; e, para nos instruir nesta verdadeira sabedoria, que por sua natureza é infinita e incompreensível, se incarnou no ventre da Santíssima Virgem, para difundir a sua luz, daí nascida, por todos os povos. Ó humilde sublimidade, e sublime humildade, que, se alguém a quisesse abranger pela palavra, procederia mais estultamente, a meu ver, do que se tentasse conter numa taça o mar inteiro! Mas, assim como Ele se reduziu, temos nós por força de reduzir também a oração sobre os Seus méritos, que não podem ser circunscritos por limites nenhuns, e de O abrangermos e imitarmos mais com o coração do que com a língua, a fim de por Ele gozarmos um dia de felicidade imortal. Demo-nos primeiro a educar àqueles quatro

Teologia

saluberrimis 4 illis ducibus [29] instruendos. Quibus si te dederis, quamuis sis iracundus, maledicus, effraenatus, Dei uerbis te ab uitiiis abstractum ad studia uirtutis et religionis inflammabunt. Haec est enim uerbi diuini uis, ut animos facile a prauitate uitae ad pietatem conuertat. Videbis enim cupidos, auaros tenaces, illico liberales ac uendentes possessiones et pretia ad usum pauperum conferentes, timidos et paruo animo praeditos cernes ultro se in ignes et cruces obiicientes; cernes eos, qui antea adulteriis et innumeris flagitiis erant inquinati, incredibili puritati et sanctimoniae commendatos; qui erant crudeles ac sanguinis appetentes benignitatis gloria praestare; atque, ne plura persequar, omnia uitia uno lauacro non modo aboleri, sed sobrietatem, castitatem, continentiam, clementiam, aequitatem, prudentiam, et reliquas uirtutes omnes Christi beneficio in animos illi dedicatos conferri. Gratis et cito fiunt ista, modo pectus sapientiam sitiatur, et aures pateant; aures uidelicet, quas Christus in Euangelio requirit: «Qui habet, inquit, aures ad audiendum, audiat.» Veniant ergo qui esuriunt, ut caelesti cibo saturati in posterum famem non sentiant. Veniant qui sitiunt, ut aquam e caelesti perennique fonte salutarem hauriant. Hoc cibo atque potu et caeci uidebunt, et surdi audient, et claudi ambulabunt, et muti loquentur, et aegroti ualebunt, et stulti sapient, omnia namque bona ex [30] hoc sanctissimo fonte cunctis mortalibus pietatem sitientibus emanant. Hinc enim omnis uirtus atque sapientia profluit quae nos immortales efficiunt, sapientia id praestat ut intelligamus quo modo ad caelestem gloriam peruenire possimus; uirtus ut perueniamus. Sapere est Deum nosse, uirtus ipsum colere; et in colendo sapere debemus, id est scire quid nobis et quomodo sit colendum; et in sapiendo colere, id est re et actu, quod scierimus, adimplere. Neque uirtus a sapientia separari debet, nec a uirtute sapientia secerni. Atque haec sunt quae nos certa solidaque ducunt uia, quaeque omni discussa caligine sequentem se non falli, non excidere patiuntur.

Aperuimus tandem, auditores, fontes unde haurire possitis atque itinera omnia scientiarum demonstrauiamus; quarum si dignitatem per singula uoluissim explicare, non modo dies, sed profecto annus dicentem deficeret. Vnum addam tantum, ac uere illud mihi dicturus uideor: nescio an hominum torpore, an uero armorum furore, haec omnia artium genera diu multumque barbarie opprimente in tenebris iacuisse, donec reges rem hanc tam praeclaram ad sese transtulerunt, atque his studiis usque adeo fuerunt delectati ut in maximis occupationibus suis, tamen audire quotidie aliquid ex Litteris, discere ex eruditorum sermonibus gauderent; qua quidem in re magna regum Galliae semper fuit laus, qui in suo regno [31] doctissimis professoribus stipendia numerantes, fontes bonarum Litterarum apparuerunt; ac ueteres lacunas extergentes, litteras pure ac liquide fluere fecerunt.

salubérrimos [29] guias. Quem se entregar a eles, por mais irascível, maldizente e desregrado que seja, inflamá-lo-ão no zelo da virtude e da religião, já arrancado aos vícios pela palavra de Deus. É este, com efeito, o poder do Verbo Divino, converter facilmente as almas, dos vícios da vida, à piedade. Ver-se-ão realmente os ambiciosos e avarentos tenazes, de repente, liberais e a vender as suas possessões e a entregar o preço para uso dos pobres; distinguir-se-ão os tímidos e os dotados de pequena coragem a lançarem-se às chamas e às cruces; ver-se-ão aqueles que antes estavam manchados por adultérios e crimes inúmeros recomendar-se pela sua incrível pureza e santidade; os que eram cruéis e ávidos de sangue, salientarem-se pela glória da sua bondade; e, para não ir mais longe, não só apagar com uma só purificação todos os vícios, como também trazer, por benefício de Cristo, a sobriedade, a castidade, a continência, a clemência, a equidade, a prudência, e todas as restantes virtudes às almas que Lhe são consagradas. E isto faz-se de graça e depressa. Basta que o peito tenha sede de sabedoria e os ouvidos se abram – os ouvidos, evidentemente, que Cristo procura no Evangelho, dizendo: «Quem tiver ouvidos de ouvir que oiça»⁹⁰. Venham pois os esfaimados, para que, saciados do celeste alimento, não sintam fome posteriormente. Venham os que têm sede, para haurirem a água salutar da celeste e perene fonte. Com esta comida e esta bebida, os cegos verão, os surdos ouvirão, os coxos andarão⁹¹, os mudos falarão, os enfermos terão saúde, os estultos terão juízo, pois tudo o que há de bom dimana [30] desta santíssima fonte para todos os mortais que têm sede de piedade. Daqui deriva toda a virtude e sabedoria para nos fazerem imortais. Serve a sabedoria para entendermos por que processo podemos chegar à glória celeste, a virtude para lá chegarmos. Saber é a virtude de conhecer a Deus. Virtude é prestar-Lhe culto; não só devemos, no culto, saber, isto é, estar instruídos no que temos e como devemos prestar culto, como no saber, prestar culto, isto é, executar em factos e em acções aquilo em que estamos instruídos. Nem a virtude se deve separar da sabedoria, nem a sabedoria afastar-se da virtude. Estes são os meios que nos levam por um caminho certo e sólido, os que, afastando toda a névoa, não consentem que caia ou pereça quem os segue.

Acabámos finalmente de patentear-vos, senhores ouvintes, as fontes donde podeis beber e mostrámos todos os caminhos das ciências, cujos méritos, se os quisesse desenvolver de per si, não era um só dia, mas sem dúvida um ano que me enfraqueceria a falar. Uma só coisa acrescentarei, contudo, e bem me parece que a devo dizer: não sei se por entorpecimento dos homens, se pela paixão das armas, todos estes géneros de artes estiveram jacentes nas trevas durante muito tempo, sob a forte opressão da barbárie, até que os reis chamaram a si esta causa tão ilustre e se deleitaram a tal ponto com estes estudos que, mesmo no meio das maiores ocupações, se regozijavam com ouvir diariamente um pouco de Literatura e aprender com a prática dos eruditos; ponto em que sempre foi grande o mérito dos Reis de França, que, pagando honorários [31] no seu reino a doutíssimos professores, fizeram jorrar as fontes das Boas Letras; e, eliminando antigas lacunas, conseguiram que as Letras corressem puras e cristalinas.

Lusitaniae Rex

Sed maior Ioannis huius nominis tertii Lusitanorum Regis Christianissimi gloria iam per omnia ora apud exterarum nationum uolitans. Qui cum uideret antiquorum imperatorum, exterarum nationum, regum potentissimorum res gestas, cum suis nec contentionum magnitudine, nec numero proeliorum, nec celeritate conficiendi, nec uarietate posse conferri, non contentus tamen fortuna sua imperia, prouincias, uictorias, ac triumphos incredibiles sibi porrigente, non conqueuit, donec Litteras quasi toto orbe fugientes in suum regnum reduceret, ut uirtute etiam quemadmodum et fortuna reliquos principes longe superaret. Saepe mihi apud me cogitanti, fingentique qualis quantusque is esse deberet princeps qui nutu ac imperio mari, terris pacem, bella gereret, nunquam uoto succurrit concipere similem huic quem habemus. Nam, ut omittam gubernandi scientiam, quam sic a patre in uictissimo rege Emmanuele accepit, ut eam multis aliis uirtutibus egregie cumularet, et pleraque alia, quae integra illibataque uestris cogitationibus reseruari malo, quam carptim breuiterque perstringere, illud quod ad institutum pertinet, attingam: nempe quanto studio mores iuuentutis informet; quem honorem [32] dicendi magistris deferat; quanta dignitate sapientiae professores afficiat.

Principio enim cum Rex sapientissimus animaduerneret ex nulla re alia posse maius ornamentum Reipublicae accedere, quam ex litterarum studio, nihilque magis ualere ad animos pietatis muneribus excolendos, et omnem suam cogitationem in Reipublicae ornamentis defigeret, selectos sui regni adolescentes, minime parcens sumptibus in florentissimam omni disciplinarum genere Academiam Parisiorum, tanquam ad Bonarum Litterarum mercaturam misit, eosque postea non inanes, nec urbis auctoritatem dedecorantes in hanc suam Academiam reuocauit. Nec iis contentus ex uariis nationibus homines doctissimos summis praemiis illectos accersiuit, qui Lusitanam iuuentutem bonis artibus erudirent, et res obscuritate inuolutas nobis explicarent; erunt itaque illorum opera uobis, adolescentes, omnia expedita, prompta, facilia, modo non pigeat ad percipiendam disciplinam audiendi patientiam accommodare. Neque uero minimum signum dedit Rex optimus suae erga hanc Academiam beneuolentiae, cum te, rector illustrissime, duces nostrae Academiae, praestantissimum elegit, cuius consiliis nostra haec respublica litteraria constitueretur, quam tanta prudentia et aequitate gubernas, ut facile tibi immortalis laudem polliceri ualeas. Accessit illud praeclarissimum [33] testimonium regiae uoluntatis erga rempublicam quod tanta cura iuuentutis educationi consuluit, ut hac de causa Gymnasium florentissimum litteris dicaret, professores artium maximarum, uiros in omni genere litterarum potissimos ad hoc munus euocauit. Quae laus non mediocris fuit Andreae Goueani, qui in iussu regis uolens iuuentutem institui, elegit uiros qui rectissime iuuentutem optimis disciplinis imbuerent, quorumque ductu nostri homines cursum omnium disciplinarum conficerent quae eodem uinculo continentur. Hunc nobis tristia et importuna fata hac ultima aestate

[D. Andreas a
Norogna]

[Andreas a
Gouea]

Mas maior é a glória de D. João III, o Rei Cristianíssimo dos Lusitanos, que já voa de boca em boca pelas nações estrangeiras. Esse, vendo que os feitos de armas dos antigos imperadores, das nações estrangeiras e de reis potentíssimos se não podiam comparar com os seus, nem pela grandeza dos esforços, nem pelo número dos combates, nem pela rapidez da execução, nem pela variedade, não contente mesmo assim com a sua fortuna, que lhe oferecia impérios, províncias, vitórias e triunfos incríveis, não descansou até trazer as Letras, refugiadas quase do mundo inteiro, ao seu reino, para vencer de longe os outros príncipes na virtude, tal como na fortuna. Muitas vezes, pensando comigo e imaginando quão forte e grande devia ser um príncipe, que fizesse a paz ou a guerra, com o gesto e o poder, no mar e na terra, nunca tive a aspiração de o conceber semelhante ao que nós temos. Na verdade, para já não falar na ciência de governar, que recebeu de seu pai vitoriosíssimo, o Rei D. Manuel, e cumulou brilhantemente de muitas outras virtudes, e muitas outras qualidades, que prefiro reservar íntegras e intactas aos vossos pensamentos, a aflorá-las parcial e brevemente, tocarei naquilo que diz respeito ao meu plano: a saber, com quanto cuidado modela os costumes da juventude, que honras [32] tributa aos mestres de linguagem, com quanta consideração distingue os professores de ciências.

O Rei de Portugal

No princípio, como o Rei sapientíssimo compreendesse que de nenhuma outra coisa podiam provir maiores títulos à Nação do que do cultivo das Letras e que nada tinha mais força para aperfeiçoar os corações nos dons da piedade, e, como fixasse todo o seu cuidado no engrandecimento do País, mandou jovens escolhidos do seu reino, sem se poupar a despesas, para a Universidade de Paris, florescentíssima em todo o género de disciplinas, como que para comprar as Belas-Letras, e depois chamou-os de novo a esta sua Universidade, não vazios, nem a envergonharem o prestígio da urbe. E, não contente com isto, mandou vir de várias nações homens doutíssimos, atraídos pelas maiores recompensas, para instruírem a juventude lusitana nas boas artes e nos esclarecerem sobre factos envoltos em obscuridade; e por isso as obras deles serão todas, ó jovens, claras, prontas, fáceis para vós, desde que não vos enfadeis de aplicar a vossa paciência de ouvintes à compreensão da disciplina. Não deu o Rei magnífico sinal menor da sua benevolência para com esta Universidade, quando vos elegeu a vós, reitor ilustríssimo, chefe excelente da nossa Academia, para sob os vossos desígnios se constituir esta nossa república das Letras, que governais com tanta clarividência e equidade, que facilmente conseguireis assegurar-vos um louvor imortal. Acresceu aquele preclaríssimo [33] testemunho da vontade régia para com a Nação, em ter velado com tanto cuidado pela educação da juventude, que por esse motivo consagrou às Letras um Colégio florescentíssimo e chamou para este cargo professores do maior saber, homens eminentíssimos em todos os ramos das Letras. Não foi medíocre o valor de André de Gouveia, que, desejando que a juventude fosse ensinada segundo a ordem do rei, escolheu homens que a imbuíssem perfeitamente das melhores matérias, e sob cuja direcção os nossos executariam o curso de todas as disciplinas que estão ligadas pelo mesmo laço. A este arrebataram-no-lo no passado verão fados tristes e importunos, e com a sua morte

[D. André de Noronha]

[André de Gouveia]

[Iacobus a
Gouea]

eripuerunt. Ex illius morte maximum Litterarum ornamentum abstulerunt. Sed cesset querela. Succedit uir grauissimus, omni litterarum genere ornatissimus, Iacobus a Gouea doctor praestantissimus. Qui iam pridem Lutetiae celebri Gymnasio praefectus, sic Litteras excoluit iuuentutemque ad earum studia capessenda sic incendit, ut nullum sit Gymnasium, a quo doctiores grammatici, poetae, historici, oratores et philosophi prodire soleant. Hunc uos, adolescentes, ut duces reueremini, ut parentem colite, et cursum, quem suscepistis ad hunc usque diem, alacriori animo perficere contendite. Quam ob rem ut iam dicendi finem faciam (neque enim opinor uos longiorem orationem requiritis) excitamini ad hanc uocem meam et gratias immortales regi sapientissimo agamus [34] ob illustrem et peruagatam ipsius in nos, in patriam, atque adeo omne genus hominum gloriam meritorum. Facias ista semper, Rex optime, nec unquam in hoc opere aut animus tuus, aut fortuna lassetur. Quoties de nobis cogitabis, toties existima te ad Dei immortalitatem propius nulla re accedere, quam liberalitate; nihil enim habet fortuna tua maius quam ut possis, nihil uirtus melius quam ut uelis, in studiis Litterarum semper iuuare quam plurimos; nam ut felicitatis est quantum uelis posse, ita probitatis uelle quantum possis.

[D. Ferdinandus
a Vasconcellos]

In partem laudis, auditores, uocetur is quoque qui, quoad potuit, patronus Litterarum, decus et gloria Lusitanici nominis extitit: prudentissimum D. Ferdinandum a Vasconcellos Vlisipponae archiepiscopum intelligo, quem in animis grata memoria colere et uenerari debemus.

Cum igitur nobis parata sint omnia, currentibus subito ceteris continuo ipsi animemur ad cursum, et tanquam signum expectantes pulsu uegetiore ad prosiliendum concitemur. Ita deinceps uiuamus ut nullo nos unquam tempore commodum aut otium a Litteris abstrahat, aut uoluptas auocet, aut somnus denique retardet. Videtis ablatam paratamque uobis occasionem; quam si praeteruolare patiamini, frustra amissam requiretis. Aetas uestra idonea, professorum maxima diligentia, artium omnium Bonarumque Litterarum institutio, atque adeo omne doctrinae genus, ut si minus [35] quam par est profeceritis, neminem accusare nisi uos ipsos possitis.

Dixi.

tiraram-nos o maior ornamento das Letras. Mas cessem as lamentações. Sucedeu-lhe um homem muito ponderado, extremamente dotado em todos os ramos das Letras, o eminentíssimo doutor Diogo de Gouveia, o qual, sendo já antes principal no célebre colégio de Paris, de tal modo cultivou as Letras e a tal ponto entusiasmou a juventude a empreender o seu estudo, que não há colégio algum donde costumem sair mais doutos gramáticos, poetas, historiadores, oradores e filósofos. Venerai-o, jovens, como um chefe, honrai-o como um pai, e esforçai-vos por acabar com mais alegre ânimo o curso que seguistes até este dia. Por isso, para pôr já termo ao meu discurso (nem, ao que me parece, vós reclamais uma oração mais extensa) incitai-vos, a esta minha voz, e demos graças imorredouras ao Rei sapientíssimo [34] pela ilustre glória de seus méritos, irradiada sobre nós, sobre a pátria, e mais ainda, toda a raça humana. Que façais assim sempre, Rei magnífico, e que nunca nessa obra se vos canse a mente ou a fortuna. Todas as vezes que em nós pensardes, entendi que por motivo nenhum se chega mais perto da imortalidade de Deus do que pela liberalidade; porquanto nada tem a vossa fortuna de mais grandioso do que ajudar sempre como puderdes, nada tem a vossa virtude de mais excelente do que ajudardes como quiserdes o maior número possível nos estudos das Letras; pois, assim como é próprio da felicidade poder-se quanto se quer, assim é próprio da probidade querer-se quanto se pode.

[Diogo de Gouveia]

Seja chamado também à sua parte de elogio, ouvintes, aquele que, até onde pôde, foi patrono das letras, honra e glória do nome lusitano: refiro-me ao esclarecidíssimo D. Fernando de Vasconcelos, Arcebispo de Lisboa, a quem devemos com grata memória render culto no nosso espírito e venerar.

[D. Fernando de Vasconcelos]

Está, portanto, tudo preparado para nós. Ao correrem de súbito os restantes, logo nos animemos para a carreira e, como quem espera um sinal, lancemo-nos ao assalto, com um impulso mais vivo. E depois, vivamos de tal maneira que nunca em tempo algum a comodidade ou o ócio nos arranque às Letras, o prazer nos afaste, ou finalmente o sono nos retarde⁹². Vedes a ocasião que se vos oferece e está preparada, e, se sofrerdes que ela voe para longe, em vão a buscareis, depois de perdida. A vossa idade é a apropriada, a diligência dos professores é máxima, o ensino de todas as artes e das Belas-Letras e de toda a qualidade são de tal modo que, se aproveitardes menos [35] do que convém, a ninguém podeis inculpar do facto, senão a vós mesmos.

Disse.

(Página deixada propositadamente em branco)

PEDRO FERNANDES

ORAÇÃO
EM LOUVOR DE TODAS
AS DOCTRINAS E CIÊNCIAS

1 de Outubro de 1550

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

MARIA MANUELA PEREIRA PINTO DOURADO ALVELOS

(Página deixada propositadamente em branco)

IN MEMORIAM

*Em tuas mãos sonbadas, Chico,
deponho esta dádiva,
acrisolada no espanto absoluto
da tua partida
sem tempo de adeus.*

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

I

DADOS BIOGRÁFICOS

1. Naturalidade e formação

São escassas as notícias que até nós chegaram acerca de Pedro Fernandes. Deste modo, apesar de havermos percorrido as principais bibliotecas do país, em busca de dados que nos elucidassem sobre a vida e personalidade do humanista, apenas podemos apresentar, a seu respeito, um conjunto de notas biográficas.

Parece estar fora de dúvida que Pedro Fernandes nasceu em Lisboa. De facto, assim o afirmam Diogo Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana*, tomo III, p. 576; Carneiro de Figueiroa em *Memórias da Universidade de Coimbra*, p. 78; Leitão Ferreira no *Alfabeto dos Lentes da Insigne Universidade de Coimbra*, p. 224 e Dr. Luís de Matos em *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, p. 98.

Nos documentos por nós consultados, encontrámos uma referência a tal assunto. Assim, na carta de mestre de Pedro Fernandes, passada pela Universidade de Paris e cuja cópia se encontra no Arquivo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, lê-se a seguinte afirmação: "... quod dilectus noster discretus uir magister petrus ferdinandus diocesis Ulisiponensis...".

A própria filiação de Pedro Fernandes vem também ajudar-nos a confirmar a sua naturalidade. Seu pai, Francisco Fernandes, era guarda das damas da Infanta D. Maria, irmã de D. João III. Assim nos diz a *en Corporação de mestre em artes de p.º frz*, publicada quase integralmente pelo Dr. Mário Brandão nos *Documentos de D. João III*, vol. IV, p. 52, referindo-se também ao facto Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, p. 576, Carneiro de Figueiroa, *op. cit.*, p. 78 e Leitão Ferreira nas *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, vol. III, t. I, p. 39. Este último faz uma notória confusão, ao atribuir a Pedro Fernandes a profissão do pai, além da que teve realmente.

Podíamos até ir mais longe e perguntar: não terá Pedro Fernandes nascido na Corte? Relacionemos com esta suposição o documento por nós consultado no Arquivo

da Biblioteca da Universidade de Coimbra, que diz respeito ao *exame p(er)ª. brel de pº. frz.* Aí se diz – “mestre pº. frz da Corte...”. Unicamente por lá prestar serviços, ou também por lá ter nascido? Talvez por ambos os motivos.

De facto, Pedro Fernandes foi moço de câmara de D. João III, como atestam dois passos da *en Corporação de mestre en artes de pº. frz.*: “pº. frz moço da Camara delRei nosso S.ºr...”; “pº. frz moço da camara de v. a. ...”. Devem ter-se baseado neste documento, directa ou indirectamente, os autores que confirmam tal profissão. São eles: Diogo Barbosa Machado, Carneiro de Figueiroa e Dr. Luís de Matos, nas obras e páginas já referidas. E Leitão Ferreira no *Alfabeto dos Lentos...*, p. 224.

A respeito deste cargo, pouco conseguimos saber, a não ser que... D. João III tinha 911 moços de câmara.¹

2. Estudante em França

Em dada altura, Pedro Fernandes ausenta-se da corte e vai frequentar a Universidade de Paris. Em que data? A propósito, diz o Dr. Luís de Matos, *op. cit.*, p. 98: “Pedro Fernandes prêta serment au recteur Ludovicus Charpentier, déc. 1544 – mars 1545 – *manusc. lat. 9954*, fol. 4^r. Il était arrivé en France avant cette date, car il retournait au Portugal en 1549, au plus tard après avoir étudié le droit canon pendant six ans à l’Université de Paris, et y avoir obtenu sa maîtrise ès-arts”.

Dirige-se para essa Universidade como bolseiro do Rei? O Dr. Luís de Matos, na obra e página já referidas, considera que o não deve ter sido, apesar de o humanista, na sua oração de sapiência, afirmar que D. João III “in suorum numero adscribi iussit et cui litterarium otium concessit”. Esta frase, porém, leva-nos a concluir que foi estudar como bolseiro. De resto, Carneiro de Figueiroa, *op. cit.*, p. 78 e Leitão Ferreira, nas *Notícias Cronológicas...*, vol. III, tom. I, p. 39, afirmam que o Rei “o mandou estudar à Universidade de Paris”. Se o mandou, certamente lhe pagava os estudos. Na *en Corporação de mestre em artes* do humanista, lemos: “... Elle cõ licença de v. a. foi estudar a paris...”. Será neste documento que o Dr. Luís de Matos fundamenta a sua afirmação? Na verdade, o emprego do termo licença faz-nos ficar na dúvida. Todavia, parece-nos muito provável que tenha sido bolseiro, até por estar tão ligado à Corte de D. João III.

Quanto à sua permanência na Universidade estrangeira, ele próprio a ela se refere na dedicatória da sua oração de sapiência ao Rei: “Cum in hanc tuam, Rex Inuicissime, florentissimam Academiam e Gallia uenisses...”. Não alude concretamente à Universidade de Paris: fala apenas de Gália. Talvez o faça propositadamente, pois parece ter estado também em Tolosa. Assim nos diz um documento – *Autos e*

¹ Vid. Alfredo Pimenta, *D. João III*, p. 313: “Tinham moradias na Casa Real, pessoal de D. João III; 5 bispos; 3 capelães de conselho; 142 capelães; 124 moços de capela; 52 cantores...; 32 letrados e físicos; ...911 moços de câmara...”.

Graus, tomo IV, liv. I, pp. 26 v.-27 – que faz referência à estadia do humanista nesta Universidade: “... p(er) q cõstava q o dito p^o. frz provara p(er) duas t^{as}. q ouvira seis cursos de Canones em Paris e Tolosa...”. Não sabemos até que ponto devemos dar crédito a este documento, pois é a única notícia que temos da possível permanência de Pedro Fernandes em Tolosa. Nos outros documentos e nos autores que ao assunto se referem, apenas é mencionada a frequência na Universidade de Paris.

Do seu estudo nesta Universidade, sabemos somente – através da *en Corporação de mestre em artes de p^o. frz*, da *carta de mestre de p^o. frz*, de *Autos e Graus*, tomo IV, liv. I, pp. 26 v-27 e dos autores e obras referidas – que em 1546 era Mestre em Artes e que, na mesma Universidade, frequentou seis anos de Direito Canónico. O humanista refere-se a essa frequência de vários anos de Direito, quando diz na dedicatória: “Cum in hanc tuam, Rex Inuictissime, florentissimam Academiam e Gallia uenisset, ibique Iuris studia, quibus inde ab aliquot annis eram initiatus, prosequer...”.

Em Paris terá travado conhecimento com António de Cabedo, autor dos três dísticos elegíacos que prefaciam a oração de sapiência. Assim o afirma o Dr. Luís de Matos, op. cit., p. 98: “Pedro Fernandes et António Cabedo se sont sans doute connus à Paris; dans le discours on trouve une composition en vers latins de celui-ci à l'éloge de l'auteur”.

3. Carreira universitária em Coimbra

Diogo Barbosa Machado, op. cit., tomo I, pp. 226-227, alude a essa permanência em Paris, acrescentando que recebeu “na Universidade de Coimbra as insignias doutoraes em Direito Canonico, em que era muito perito”. Como se pode ver em Dr. Mário Brandão, *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, vol. II, 1ª parte, pp. 179, 181 e 194, e vol. II, 2ª parte, pp. 184, 187 e 225, e nos *Autos e Graus*, tomo V, vol. I, f. 50 v., António de Cabedo encontrava-se em Coimbra entre os anos de 1549 e 1554. Concluir-se-á então que o seu regresso se efectuou, o mais tardar, em 1549, pois que aparece a data de 22 de Novembro do mesmo ano na *en Corporação de mestre em artes de p^o. frz*.

Pedro Fernandes é, na verdade, incorporado na Universidade de Coimbra em 14 de Maio de 1550, onde lhe é dada a correspondência do grau de Mestre em Artes adquirido em Paris e lhe são tomados em conta os seis anos de Jurisprudência Canónica.

E, “ainda que não foi Mestre da Universidade de Coimbra”², pronuncia neste mesmo ano, em 1 de Outubro, “com admiração de todos os cathedráticos”, a Oração

² Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas...*, vol. III, tom. I, pp. 42-43, § 89. Pedro Fernandes não foi o único não-professor a proferir uma oração de sapiência. André de Resende não o era em 1534, ano em que também pronunciou a sua *oratio pro rostris*.

de Sapiência “que dedicou a seu Serenissimo Amo em que se descobre a profunda intelligencia da lingua Latina, como dos preceitos da Oratoria”.³

O próprio Pedro Fernandes afirma na dedicatória da oração “... non passi sunt amici, ut in ea [Academia] diutius ignotus uersarer. Rogarunt itaque me, ut orationem illam, quae in doctrinarum scientiarumque omnium commendationem, a maioribus est instituta, Cal. Octobr. haberem”.

A oração foi publicada um mês depois de ter sido proferida, o que mostra a importância que, ao tempo, se atribuía às letras clássicas.

Pedro Fernandes só nos reaparece em 8 de Fevereiro de 1556, no seu acto de bacharel em Cânones. Deste acto fala-nos Carneiro de Figueiroa nas *Memórias da Universidade de Coimbra*, p. 78, neste termos: “... e em 6 de Fevereiro de 1556 se achava outra vez nesta Universidade e pediu ao Conselho o admitissem logo a fazer acto de Bacharel, por quanto El Rey o mandava para a Índia com o Arcebispo de Goa, e com efeito fez o dito Acto em 8 do dito mez”.

Percorremos em vão documentos e autores, no sentido de confirmarmos a possível ida de Pedro Fernandes para a Índia. Nenhum alude a este facto. Leitão Ferreira, nas *Notícias Cronológicas...*, vol. III, tom. I, pp. 42-43, § 89, chega a remeter-nos para o ano de 1556 – “veja-se o ano de 1556”. Mas nada há a respeito deste ano. Não terá chegado a publicar o que a ele se referia? É o que concluímos, visto que esse ano devia ser tratado no vol. III, t. III, que não existe.

4. Viagem à Índia?

Relacionado com este, surge-nos ainda outro problema: com que arcebispo iria Pedro Fernandes para Goa e em que data? Talvez numa data próxima, pois – segundo Carneiro de Figueiroa – o humanista pediu ao Conselho que o admitisse logo a fazer exame de bacharel, para poder seguir para a Índia. Diz o mesmo autor, nas suas *Memórias da Universidade de Coimbra*, que “do que disse a respeito de Pedro Fernandes, se infere que a Igreja de Goa foi erecta em Metropolitana à instancia de El-Rey D. João o 3.º e não de El-Rey D. Sebastião como diz o R. P. D. Antonio Caetano no Cathalogo dos Arcebispos de Goa, pois consta que em Fevereiro de 1556 já havia Arcebispo de Goa que estava para fazer viagem para o seu Arcebispado”.

São conformes os dados que nos permitem concluir algo de positivo acerca da data da tomada de posse do primeiro Arcebispo de Goa. Foi ele D. Gaspar de Leão, que tomou posse em Abril de 1560.

³ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tomo III, p. 576.

Quanto à elevação da Igreja de Goa a Metropolitana, há alguns autores que se referem, sem exactidão, a Paulo III e ao ano de 1557. Mas quem, na realidade, o fez foi Paulo IV, em 1558.

De qualquer modo, o que concluímos facilmente é que por volta de 1556 não havia Arcebispo de Goa... E isso foi notado a Carneiro de Figueiroa que, em resposta, acrescenta em suplemento à p. 78 das *Memórias da Universidade de Coimbra*, p. 220: “Do que tenho referido – He sem duvida que nesta monção forão para a Índia o Patriarca João Nunes Barreto, e o Bispo André de Oviedo, e nenhum outro para bispo ou Arcebispo de Goa e tão bem é certo que o imidiato sucessor de Fr. João de Albuquerque que faleceo em 28 de Fevereiro de 1553 foi D. Gaspar que tomou posse em 1560 e foi o primeiro Arcebispo como diz o doutíssimo Academico, mas hé tão bem sem dúvida que o assento do Conselho diz o que tenho referido”.

É, portanto, o “Assento do Conselho” que serve de base a Carneiro de Figueiroa. Nada encontramos no Arquivo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra que viesse comprovar as afirmações feitas por este autor.

Nada podemos, pois, concluir acerca da possível ida de Pedro Fernandes para Goa. Terá ido de facto? Em que ano? Com que finalidade? Seria um inquisidor? Parece-nos possível esta última hipótese, em face das afirmações de Eugénio Asensio acerca da ida de D. Gaspar de Leão para Goa: “... La armada, arca de Noé de la cultura, passaba à la lejana India las letras, la ciencia y la lengua de Portugal. Transportaba también las instituciones: en la misma nao São Vicente [...] viajaban con D. Gaspar los flamantes inquisidores que iban a implantar el temido tribunal en la colonia invadida de judaizantes...”. E, na verdade, aparece-nos um Pedro Fernandes “sollicitador do santo officio”, exactamente na mesma época do nosso humanista – 11 de Fevereiro de 1550 – como se lê em Braamcamp Freire, *Arquivo Histórico Português*, vol. VI, p. 469.

O Conde de Ficalho, na sua obra *Garcia de Orta e o seu tempo*, pp. 194-195, refere “um mestre Pedro Fernandes” em Goa, por volta de 1546. É uma data demasiado recuada para ter a ver com o nosso humanista.

Achamos pouco provável que Carneiro de Figueiroa tenha confundido o nosso Pedro Fernandes com qualquer outro Pedro Fernandes que tenha ido para Índia, até porque ele próprio nos diz que o “Assento do Conselho” assim o documenta. Mas, por outro lado, não podemos prosseguir no estudo de tal problema, porque os dados nos faltam totalmente.

Dissemos, umas linhas atrás, que Pedro Fernandes, após ter pronunciado a oração de sapiência, só reaparecia em 1556. Será isto exacto? A verdade é que as *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, publicadas pelo Dr. Mário Brandão, nos apresentam, a pp. 197-200, em 1554 o nome de Pedro Fernandes, nas “Actas da Oposição para lente substituto de uma catedrilla de Cânones”. Nas votações lê-se “item pº. frz”. Parece-nos provável a identificação deste com o nosso humanista, mas, mais uma vez, nada podemos concluir por falta de elementos que façam luz sobre o problema.

5. Homonímia e identificação

O nome de Pedro Fernandes era frequente na época em que viveu o nosso humanista.

Pareceu-nos interessante deixarmos aqui ligeiras referências a alguns dos seus homónimos, até porque, nas investigações que efectuámos para encontrarmos dados biográficos de Pedro Fernandes, nos confrontámos com muitas dificuldades em distinguir, de entre muitos, o humanista em estudo. Referiremos, no entanto, apenas aqueles que, uns mais do que outros, algo se notabilizaram.

A par do “nosso” Pedro Fernandes, há um outro, também natural de Lisboa, elogiado por Pedro Sanches na “Epistola ad Ignatium de Moraes”. É “Roderico patre creatum”, segundo essa mesma carta, publicada no *Corpus Poetarum Lusitanorum*, vol. I. Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, tom. III, p. 577, refere-se a ele, deste modo: “Pedro Fernandes, natural de Lisboa, filho de Rodrigo Gonçalves, Jurisconsulto. Estudou na Universidade de Coimbra Direito Civil, sendo insigne Professor de letras humanas, e elegante Poeta latino, cujo idioma ensinou já quando era Eclesiastico aos filhos do Excellentissimo Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal. Obteve huma Igreja, onde falleceo no anno de 1569 com saudade das suas ovelhas. Descreveo em verso heroico latino a solemne Procissão do Corpo de Deus, que no anno de 1559 fez a Parochial Igreja de S. Julião de Lisboa, onde fora bautisado e se publicou com este título: *De spectaculis D. Juliani Ulyssiponensis in Festo Eucharistiae anno salutis 1559* [...]”. O Dr. Luís de Matos, *op. cit.*, p. 98, fala-nos também deste humanista, pressupondo a distinção entre ele e o nosso Pedro Fernandes. De acordo com os resultados atrás apresentados, concluímos ser bastante nítida essa distinção.

Houve um outro Pedro Fernandes – este, natural de Évora – que estudou Humanidades e Teologia em Paris. Foi o primeiro bispo do Brasil – nomeado em 1551 – donde partiu em 1556 em direcção a Lisboa, tendo sofrido, porém, um naufrágio e acabando por ser devorado pelos índios. A ele se referem Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, t. III, pp. 578-579; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. III, parte II, p. 965 e Dr. Luís de Matos, *op. cit.*, p. 54.

Em Lovaina aparecem três Pedros Fernandes – em 1524, 1536 e 1541 – citados pelo Dr. Luís de Matos, *op. cit.*, p. 54. Poderia aventar-se a hipótese de o nosso humanista ser este Pedro Fernandes que, em 1541, se encontrava em Lovaina – não falamos já nos outros, porque as datas são demasiado recuadas. Mas, além de ser filho de Álvaro – “*Petrus Ferdinandus filius Alvari Lusitanus*” – há a considerar o facto de nenhum documento nem autor se referir consistentemente à permanência de Pedro Fernandes – autor da oração de sapiência – em Lovaina.

Em três documentos dos *Autos e Graus*, vimos a assinatura dum Pedro Fernandes que concluímos não ser a do nosso humanista, já que num desses documentos se afirma que se trata de Pedro Fernandes, natural de Paranhos, que cursou Teologia entre 1557 e 1560.

Deparámos ainda com um Pedro Fernandes de Santarém que, em 14 de Julho de 1543, tomou o grau de bacharel em Cânones. E encontrámos outro, de Canas de Senhorim, filho de Francisco Anes, que se matriculou na Universidade em 18 de Dezembro de 1537.

De início, tivemos uma certa dificuldade em distinguir o nosso Pedro Fernandes destes, naturais de Santarém e de Canas de Senhorim, especialmente porque as fichas do Arquivo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra a eles respeitantes contêm algumas incorrecções. Para os podermos analisar, transcrevemos a seguir as referidas fichas:

PEDRO FERNANDES

Natural de Corte (Lisboa)

Datas de Matrícula: 1 curso de Código, começou em Outubro de 1558 a 5-VI-1559.

Provas de Curso: 1 curso de Instituto – 1-X-1557 a VI 1558
Leis: 1-X-1559 a 6-VI-1560.

Actos e graus: Exame para Bacharel em Cânones – 8-II-1556. A. Nemin.
Grau de Bacharel em Cânones – 8-II-1556

PEDRO FERNANDES

Filho de Francisco Annes

Nat. de Canas de Senhorim

Fac. Cânones

Datas de matric. 18-XII-1537 – 25-X-1540

Provas de curso: provou ter ouvido na Universidade de Paris, 6 anos em Cânones.

Actos e graus: Bacharel em Cânones 14-VIII-1543
recebeu o grau de Mestre em Artes na U. de Paris e foi incorporado na Universidade de Coimbra aos 14-V-1550.

PEDRO FERNANDES

Nat. de Santarém

Fac. Cânones

Provas de curso: Provou

Actos e graus: Bach. em Cân. 14-XII-1543
Liv. 3 f. 224 cad. 2º.

Não conseguimos localizar, nos documentos respectivos, o que se diz a respeito do primeiro Pedro Fernandes, a não ser a sua naturalidade e o que é referido nos “Actos e graus”, aspectos já anteriormente abordados. É para nós evidente que nesta ficha se estabelece confusão entre o nosso Pedro Fernandes e qualquer outro, como

fica provado pelas “Datas de matrícula” e “Provas de curso”. Pensamos tratar-se de um Pedro Fernandes que tirou o curso de Leis, visto que as cadeiras de Código e Instituto pertencem a esse curso. Assim o afirma Teófilo Braga na sua *História da Universidade*.

Pedro Fernandes, natural de Canas de Senhorim, é, sem dúvida, uma personalidade distinta de Pedro Fernandes, autor da oração, mas na ficha que lhe diz respeito há confusão com o nosso humanista. Encontrámos o documento que afirma ter sido matriculado em 18 de Dezembro de 1537: “Aos xbiij dias do mês de dz de 1537 anos assentey aquy a p^o. frz f^o. de fr^{co}. anes e de Isabel frz m^{or} em Canas de senhom canonista e juravit” (*Autos e Provas de Cursos 1537 até 1550*, Livro I, cad. 2.^o, f. 165). Todavia, uma vez que obteve o grau de bacharel em Cânones em 14-VII-1543, seria estranho que, após sete anos de o ter recebido, viesse pedir que o incorporassem na Universidade de Coimbra – em Maio de 1550. Aliás, basta consultar o documento dessa incorporação na Universidade de Coimbra, para ficarmos certos de que o que nele se diz não se refere a Pedro Fernandes natural de Canas de Senhorim. Nele se afirma que se trata da incorporação de Pedro Fernandes, filho de Francisco Fernandes, moço de câmara de D. João III, que frequentou em Paris seis anos de Cânones. Logo, o que se diz nesta ficha a respeito de “Provas de curso” e “Actos e graus” é relativo ao nosso humanista e não a Pedro Fernandes de Canas de Senhorim.

Finalmente, temos Pedro Fernandes, natural de Santarém, que, sem dificuldade, concluimos ser diverso do nosso, mas que talvez se vá confundir com o de Canas de Senhorim, na medida em que aparece a data de 14-VII-1543 na ficha de ambos, como data de “bacharel em cânones”. Encontrámos, na verdade, essa data referente a Pedro Fernandes de Santarém nos *Autos e Provas de Cursos 1537 até 1550*, Livro I, cad. 2.^o, f. 224 v. Transcrevemos um passo do documento que a ela diz respeito: “exame do br p^o. frs em Canones de Santarem – Em 14 de Julho de 1543 na Universidade de Coimbra p^o. frs estudante em Canones tomou o grao de br e Canones sob disciplina do doctor martim de spilcueta navarro [...] e tomou o dito grao as seis horas depois do m^o. dia e p verdade o bedel o esrui.”

Como vemos, é pouco o que se sabe ao certo acerca de Pedro Fernandes – autor da oração de sapiência. Tudo fizemos no sentido de reconstituir a sua biografia, mas a escassez de dados obrigou-nos a apresentar, apenas, uma série de problemas, alguns mesmo sem solução.

II A ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA

1. Conteúdo e composição

“Em louvor de todas as doutrinas e ciências” – é o título da oração de Pedro Fernandes. Poderá hoje parecer-nos ambicioso, mas, dada a época e as circunstâncias, é apropriado.

Sob este título, o humanista apresenta uma síntese do desenvolvimento e importância que as ciências e os vários campos do saber tiveram na Antiguidade, servindo-se de abundantes citações dos clássicos, que chegam a dar ao seu trabalho um cunho pouco pessoal.

Três dísticos elegíacos da autoria de António de Cabedo prefaciam a oração. Não poderemos dizer que sejam propriamente poéticos. Neles se nota “aquela forçada e martelada elegância dos melhores versejadores latinos da época”.⁴ Quanto ao seu conteúdo, não nos admiremos por neles haver afirmações hiperbólicas. Era habitual, na época, embora hoje nos pareça ousado ver o nome de Pedro Fernandes ao lado dos de Virgílio e Cícero.⁵

Em gesto de gratidão ao Rei Divo Ioanni, Pedro Fernandes dedica-lhe a sua oração. Apresenta o motivo que o levou a proferi-la: era já tempo de mostrar na sua pátria a sua valia intelectual... Para tal, haviam instado os amigos: “*Non passi sunt amici, ut in ea diutius ignotus uersarer*”. O humanista parece ser sincero para com o Rei que, por certo, havia de aceitar esse pequeno trabalho.

Segue-se o texto da oração. No início, Pedro Fernandes aparenta a modéstia que é habitual em todo o orador. Pretende, deste modo, precaver-se contra possíveis críticas, mas deixa entrever que essa modéstia não é sincera, ao dizer que nem mesmo aos grandes vultos foram poupadas críticas.

⁴ Vid. Maria Helena da Rocha Pereira, *Louvores latinos aos ‘Colóquios dos simples e drogas’*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1963, p. 3.

⁵ A propósito de elogios hiperbólicos, vid. Maria Helena da Rocha Pereira e Luís de Pina, “*Thesaurus Pauperum*”, *Studium Generale*, vol. IV, pp. 134 seq.

Faz, em seguida, uma referência a Deus, criador do Homem, citando, a propósito, um excerto dos *Phaenomena* de Arato.

E é pelo Homem que vai iniciar a sua exposição. É deveras graciosa a maneira como fala do corpo. Aos olhos chama “*fulgida illa sidera*”, expressão sugestivamente metafórica. Com eles, o Homem pode observar o céu e, conseqüentemente, observar o movimento dos astros. E assim Pedro Fernandes começa a discorrer sobre a Astronomia, ou seja, inicia o tema com uma certa graça subtil. Não é a única vez que tal acontece. Quase sempre a transição de uma ciência para a outra faz-se com esta subtileza. É, aliás, uma das qualidades que encontramos na sua prosa e com que raramente deparamos nas orações dos outros humanistas.

“*Cuius est tanta excellentia...*” – diz o nosso autor acerca da Astronomia. E o mesmo dirá das outras artes e ciências...

Faz citações, alonga-se em referências. Mas, como cristão, rejeita a predição do futuro pelos astros, não a desenvolvendo, portanto.

E continuando: se os olhos foram o ponto de partida para a Astronomia, os ouvidos sê-lo-ão para a Música. Não entra na análise da arte dos sons. Refere o prestígio que ela teve na Antiguidade, especialmente grega, recordando casos curiosos, demonstrativos do alto valor pedagógico em que a música era tida entre os antigos.

Este capítulo é especialmente belo pelas referências múltiplas feitas às diversas influências da Música na alma humana.

Mas – continua o nosso orador – se a harmonia musical baila em torno do ouvido, “*nec minus circa aures nostras numerus ipse versatur*”. E, deste modo, entra a considerar a Aritmética, tratando logicamente a seguir, a Geometria. Tal como as outras, “*geometriae tamen tanta est excellentia...*”. É o que procura demonstrar, citando Platão, Pitágoras, Flávio Josefo e outros.

Considera a forma geométrica e faz dela a essência da arte. “*Sine geometria non modo haec sed nec rerum omnium speciem et pulchritudinem, quae in partium omnium proportione, uenustaque symmetria posita est posse consistere*”. Era a concepção clássica da arte do seu tempo: harmonia e beleza.

Mas voltemos ao Homem, diz Pedro Fernandes. E, com aquela não desmentida subtileza, considera o rosto, depois a boca e, claro, surge então a palavra – tradutora de uma ideia – e, por isso, a Gramática! “*Videbimus oris effigiem et speciem, Deus bone, quam elegantem, quam utilem, quam necessariam cum ad alia multa, tum maxime ad id, quod animo conceperis explicandum*”.

A palavra é o meio de expressão da poesia. O humanista entra então em curiosas considerações acerca desta arte.

Pedro Fernandes estima os Poetas. Nota-se neste capítulo um entusiasmo especial, reflectindo, certamente, o sentimento de Cícero no *Pro Archia*. Assim, afirma: “*Poëtas cum dico, absit omnis uerbo inuidia, hominum genus maxime diuinum dico*”. Exalta a poesia, citando Platão, Crisipo e outros, mas reserva um lugar especial para Moisés, Isaías, Job e Salomão.

Considerando que a Gramática está na base de qualquer ciência ou arte, transita para a História. Refere a concepção ciceroniana da mesma, citando, textualmente, mais uma vez, as palavras do Arpinate. Curioso ter Pedro Fernandes salientado a sua importância pelo aspecto negativo. Isto é: o homem sem história, sem passado, é “sempre criança”.

Válida a razão por que transitou para a Gramática, é também lógica a que faz agora para a Eloquência, da qual afirma: “*tanta est excellentia ut eam Sophocles rerum omnium dominam ac Reginam appellet*”.

Por aproximação de objecto, versa, a seguir, a Dialéctica, em seu entender, essencial para o estudo das demais ciências, em virtude de a mesma discutir o critério de verdade. Diz ainda da sua importância para a Filosofia.

E com a Dialéctica encerra as considerações acerca das Artes Liberais.

Vão seguir-se as Artes que exigem, segundo diz, “*altiozem ac profundiozem cognitionem*”.

Pede benevolência ao auditório e trata, então, da Medicina. É pródigo em citações, apresentando uma ligação bastante perfeita entre os vários aspectos que refere.

Mas, se se louva a Medicina, que trata do corpo, quanto se não deve louvar a ciência que estuda a alma! Estende-se em citações e elogios à Jurisprudência. Deve notar-se que este é um dos capítulos mais extensos.

Dada a gradação apontada, não é de surpreender que “*haec omnia, quamvis sint, tamen nescio quid maius, ac diuinius hominum animus, praesertim Christianus requirit... Id autem unum est sacrosancta illa Theologia*”.

Apressa-se em esclarecer ir tratar da Teologia revelada. A esta reserva uma especial exaltação.

Transita para o Pontificado e Direito Pontifício, com mais síntese, e termina a sua exposição com uma sentença de Ênio.

E agora alude, de modo pouco lisonjeiro, à cultura nacional antes de D. João III, certamente para salientar o papel do monarca em prol do desenvolvimento daquela.

Ao louvar o Rei, dirige-lhe aqueles belos versos que Ênio dedicou a Rómulo.

Ao Reitor, Diogo de Murça, tece elogios e afirma que referiria o que há a louvar na sua conduta moral, se não o vira presente.

E a concluir, em última vénia, dirige-se novamente ao rei, tendo agora o elogio um tom de epopeia.

Termina, exortando os mestres para que, por eles e neles, se abrigue sempre a ciência naquele templo de Minerva.

Após a leitura da oração, fica-se a pensar quer no teor, quer na originalidade da mesma.

Todo este conspecto das ciências e artes – e não eram muitas, mas eram tudo, então – tem o seu quê de superficial.

É que propriamente o autor não faz um esforço pessoal de especulação. Cita, transcreve e acabam os outros por falar mais do que ele. Houve, sim, um esforço de síntese. E isso é apreciável, tanto mais que as fontes de informação eram vastas. No entanto, mesmo aqui se põe o problema de Pedro Fernandes ter utilizado obras que facilitaram o seu trabalho, como julgamos ter sucedido com os *Antiquarum lectionum libri* de Luís Célio.

Afigura-se-nos que a sua cultura não seria muito profunda, pois que frequentemente recorria em segunda mão aos autores clássicos, especialmente gregos.

A sua prosa não é destituída de qualidades. Apresenta, no entanto, aspectos menos positivos.

Há sagacidade na transição dos assuntos – a que já nos referimos várias vezes – mas chega a existir monotonia em expressões laudatórias, que se repetem. À força disso, chega-se ao fim, e quase todas as artes e ciências são tão superiores e excelentes, que não se distinguem numa hierarquia de valores. Só uma faz excepção: a Teologia.

Não lhe faltam rasgos de lirismo. Ténue, mas real. É lírico o panegírico a D. João III, o capítulo dedicado à Música, bem como breves trechos pontuais da oração.

O humanista quase exprime a sua admiração por há mais tempo não ter tido oportunidade de impressionar a Academia. Contudo, perante o Rei mostra-se humilde. Era vulgar esta atitude. Lembremos Camões numa das últimas estrofes d'*Os Lusíadas*:

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.⁶

Esta oração – e outras congêneres – é testemunho de uma época de deslumbramento, ansiosa por abarcar todo um mundo intelectual e humano.

O mundo da pátria de Homero e de Virgílio transparece nesta páginas, que se lêem, ainda hoje, com certo enlevo.

⁶ Canto X, 154, *Os Lusíadas* de Luís de Camões – edição nacional, Imprensa Nacional de Lisboa, nova edição revista, Coleções Philae, s.d. Recordemos, de passagem, a distância que se verifica entre a época de D. João III – de euforia à volta de um trono de um rei que foi grande, sem dúvida, sobretudo para a cultura nacional, euforia essa que não deixa de reflectir-se nesta oração – e a de D. Sebastião, a quem Camões dedica o seu poema épico, num tempo de instabilidade e receios, que o poeta tenta afastar com avisos e conselhos que dirige ao Rei nas estrofes finais do poema, prometendo immortalizar o monarca, se os seus feitos forem dignos de uma epopeia.

2. Cláusulas métricas

Pedro Fernandes apresenta neste discurso, de forma sistemática, várias das chamadas cláusulas ciceronianas. Não sabemos se as conhecia ou se o seu ouvido estaria tão habituado à prosa do Arpinate, que as empregava sem disso ter consciência. Aliás, bastava o uso frequente de frases de Cícero para tal acontecer. Eis alguns exemplos dos metros mais utilizados pelo humanista:

- Dicoreu (– ∪ | – ∪): incitauit; impetrauit; explicandum;
- Duplo crético (– ∪ – | – ∪ –): dicit accedere; cantico pulchrius; firma possessio;
- Crético+espondeu (– ∪ – | – –): eloqui possent; editi simus;
- Espondeu+crético (– – | – ∪ –): possit cognoscere; in primis utile; dignam existimat;
- Crético+dispondeu (– ∪ – | – – –): animo mox dicemus; optime fungi possint;
- Espondeu+Péon I (– – | – ∪ ∪ ∪): esse crediderit;
- Espondeu+tríbraco (– – ∪ ∪ ∪): non erubuit;
- Dispondeu (– – – –): recurrendum est; terrentur;
- Espondeu+dicoreu (– – | – ∪ – ∪): conspectum excitauit; ualde gloriosum;
- Cláusula heróica (– ∪ ∪ | – –): non dubitauit; incipiendum est.

3. Edições e manuscritos

O oração de Pedro Fernandes foi publicada pela primeira vez em Coimbra, no dia 1 de Novembro de 1550, precisamente um mês depois de ter sido pronunciada. Esta primeira publicação foi efectuada nas oficinas dos tipógrafos régios João de Barreira e João Álvares. Atesta-o a própria oração e referem-se ao facto M. P. Lacerda, *Bibliografia Lusitana, Manuscrito da Biblioteca Nacional n.º 7391*, p. 576; António Ribeiro dos Santos, “Memória sobre a História da Typografia Portuguesa do séc. XVI”, *Memórias de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa*, tom. VIII, parte I, p. 80; Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo III, p. 576.

Desta oração, contactámos com quatro exemplares: um, existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto; dois, na Biblioteca Pública Municipal de Évora e ainda, embora só por fotocópia, com o exemplar conservado na Biblioteca Menéndez y Pelayo (Santander). Não tomámos conhecimento da existência de mais exemplares desta edição.

O exemplar da Biblioteca do Porto está contido num volume com capa de couro, que reúne várias outros textos impressos nele encadernados, designadamente uma boa parte das obras do humanista Jorge Coelho e um conjunto de oito composições oratórias da autoria dos humanistas Arnaldo Fabrício, Inácio de Moraes, André de Resende, Manuel da Costa, Pedro Fernandes, Hilário Moreira, António Pinto e Melchior (=Belchior) Beleago, cinco das quais integram agora este volume dos *Portugaliae Monumenta Neolatina*, incluindo precisamente o nosso autor Pedro Fernandes.

Um dos exemplares da Biblioteca Pública de Évora (RES. 165-166) integra um volume miscelânico bem conservado, em cuja lombada se lê “Petrus / Fernandus / doctrinarum / scientiarum”. Nele se conservam, além desta oração de Pedro Fernandes, obras de outros autores em prosa e poesia, como Diogo de Teive, André de Resende, Manuel da Costa.

O outro exemplar da mesma biblioteca eborense pertence ao volume com a cota 2978-2979, encadernado, em capa de carneira restaurada, juntamente com a obra *Aurea hymnorum totius anni expositio* [...] do padre sevilhano Pedro Núñez Delgado.

O exemplar de Santander faz parte de um livro intitulado *Orationes Antiquae Lusitanorum*, no qual se incluem oito orações académicas e panegíricas impressas, cinco manuscritos e alguns versos latinos, também manuscritos, “em louvor da Cruz de Cristo”. As orações são as mesmas já referidas de Belchior Beleago, Hilário Moreira, André de Resende, Inácio de Morais, Diogo de Teive e a do nosso humanista Pedro Fernandes, e ainda um discurso panegírico de António Luís, bem como a oração de sapiência de Jerónimo de Brito que agora também integra o presente volume (pp. 290-323).⁷

Ao confrontarmos o exemplar da oração de Pedro Fernandes incluído nesta miscelânea de Santander com outros exemplares da mesma edição, vimos que ao primeiro faltam três folhas: as pp. 21-24 e 35-36. Note-se que este exemplar tem uma numeração manuscrita, que é seguida, não acusando essas faltas. Não se trata, portanto, de uma fotocópia incompleta, mas de uma falha que se verifica no próprio exemplar.

Notámos ainda que não faltam cadernos, mas sim folhas soltas. Assim, verificámos que o exemplar da Biblioteca Municipal do Porto consta de três cadernos: dois de oito folhas e um de quarto. O primeiro está assinado com a letra A; o segundo com a letra B e o terceiro com C. No exemplar de Santander, a falta de duas folhas verifica-se no caderno B, após a quinta folha deste; e no caderno C a falta de uma folha verifica-se após a terceira.

É curioso notar que na página quatro se encontra uma emenda manuscrita de *seruire*: houve quem achasse que deveria ser *seruile*, visto que se tinha enumerado uma série de atributos do corpo – *infirmus, caducus, mortalis* –, e *seruile* seria mais um que condizia ... Mas não reparou esse alguém que o que se pretende salientar é que o corpo – que é enfermo, caduco, mortal – se fez para **servir**, e a alma – eterna e imortal – se fez para **imperar**. Há até um paralelismo de construção bem nítido.

Tomámos contacto com uma edição da oração de Pedro Fernandes promovida por Joaquim de Carvalho nas *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, vol. III, Tom. II. Esta edição procura reproduzir fielmente o exemplar da Biblioteca Pública Municipal do Porto, apresentando, contudo, alguns erros, como:

⁷ Serviram-nos de fonte para tais informações uma nota do Dr. Costa Pimpão no seu *Compêndio de Literatura Portuguesa* e um artigo de Miguel Artigas na *Revista de História*, vol. X, 1921.

- a) troca do **s** e do **p** pelo **f**, em: “fagax” (pág. 1019, lin. 12), em vez de “sagax”; “differendi” (pág. 1031, lin. 29), em vez de “disserendi”; “defyderari” (pág. 1032, lin. 15), em vez de “desyderari”; “coefistis” (pág. 1032, lin. 16), em vez de “coepistis”;
- b) desdobramento errado de abreviatura grega: τῷ γέννα καὶ γένος ἔσμεν, em vez de τῷ γὰρ [...] (pág. 1019, lin. 32);
- c) escrita de “haustum” em vez de “haustam” (pág. 1015, lin. 12); “illo” por “illos” (pág. 1023, lin. 13); “suspiciendo” em vez de “susciendo” (pág. 1018, lin. 5);
- d) omissão de “haec”, após “non modo” (pág. 1027, lin. 28).

O único manuscrito que encontramos da oração de Pedro Fernandes pertence à Biblioteca Pública de Évora (*cod. CX/1-4*) e é uma cópia do texto impresso, passada pela mão de José Lopes de Mira, como se afirma no *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, vol. IV. O impresso a que se refere este Catálogo é, sem dúvida, o da primeira edição. Este facto nota-se mesmo em alguns erros que observámos no dito manuscrito.

Assim, várias vezes o copista omite uma linha do referido impresso, levado pela repetição duma palavra que nele se encontra na mesma direcção em duas linhas seguidas, pelo fenómeno chamado homeoteleuto. Por exemplo:

1ª edição: “Vnde nostro quodam iure Socraticum illud, quod/ supra nos nihil ad nos, possumus contemnere. Sic e/- nim nihil ad nos coelum ipsum, nihil denique lux ip/ sa pertineat ...”

Manuscrito: “Vnde nostro quodam iure Socraticum illud, quod supra nihil ad nos coelum ipsum, nihil denique lux ipsa pertineat ...”

1ª edição: “Semper enim uobis iuuenis est animus, in quo **nulla** ex uetustatis commemoratione prisca opinio, nulla cana scientia est.”

Manuscrito: “Semper enim uobis iuuenis est animus, in quo **nulla** cana scientia est.”

Os erros apresentados pelo manuscrito são, na sua maior parte, de ordem gráfica. Denotam que o copista era distraído e pouco conhecedor da língua latina. Além da já citada omissão de palavras por erro de visão, podemos notar que:

- a) elimina quase por completo as geminadas (ex.: “admittebant”, “falaces”, “supelectilem”); outras vezes faz o contrário (ex.: “obnubilla”);
- b) acrescenta, suprime e substitui desinências (ex.: “excusationem recusau”; “uniuersum terrarum orbe_...”; “exercitum omne_...”; “eius nomine tertio”; “[Dialectica] haec certe unam ...”

Este manuscrito pertence a uma miscelânea que contém outras obras, igualmente manuscritas, de diferentes épocas, géneros e autores como Álvaro Gomes e seu irmão Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, Erasmo, Diogo Pacheco, embaixador de Portugal ao Papa em 1505, e de oradores já referidos em colectâneas anteriores, como Belchior Beleago, André de Resende e o nosso Pedro Fernandes.

O texto que vamos utilizar na presente publicação é, logicamente, o da edição prínceps, não só porque é ela a única da responsabilidade e da vontade do autor, mas porque a edição e manuscritos posteriores nela se baseiam e lhe introduziram incorrecções.

MARIA MANUELA PEREIRA PINTO DOURADO ALVELOS

TEXTO E TRADUÇÃO

PETRI FERDINANDI

IN DOCTRINARVM
SCIENTIARVMQVE OMNIVM
COMMENDATIONEM ORATIO

Apud uniuersam
Conimbricam Academiam habita
Calen. Octobr. Anno M.D.L.

AD INVICTISSIMVM
Ioannem tertium Portugaliae Regem

CONIMBRICAE
Excudebant Ioannes Barrerius et Ioannes Aluarus
Typographi Regii

PEDRO FERNANDES

ORAÇÃO
EM LOUVOR DE TODAS
AS DOCTRINAS E CIÊNCIAS

Proferida perante
toda a Academia de Coimbra
em 1 de Outubro de 1550

*Ao Invictíssimo D. João III
Rei de Portugal*

COIMBRA
Imprimiram João de Barreira e João Álvares
Tipógrafos Régios

ANTONIVS CABEDIVS

Lectori

Nunc primum eloquio Musas, nunc denique mixtum
Vergilium magno cum Cicerone uides?
Et quondam Aonio doctae post fulmina linguae,
Silius Ausonium perluit imbre forum.
Doctas ergo animas et saecula nostra sub uno
Pectore uiderunt delituisse duas.

ANTÓNIO DE CABEDO

Ao leitor

Vês, nesta oração, as Musas primeiro, e depois
Virgílio aliado ao grande Cícero?
Já outrora, após os fulgores da douta língua, Sílio
Banhou o fórum ausónio com as águas da Aónia.
Pois bem, os nossos tempos viram escondidas,
Abrigadas num só peito duas almas sábias.¹

[3]

INVICTISSIMO AVGVSTISSIMOQVE
DIVO IOANNI, EIVS NOMINIS TERTIO, LVSITANIAE REGI
PETRVS FERDINANDVS, SALVTEM

Cum in hanc tuam, Rex Inuictissime, florentissimam Academiam, e Gallia uenissem, ibique Iuris studia, quibus iam inde ab aliquot annis eram initiatus, prosequerer, non passi sunt amici ut in ea diutius ignotus uersarer. Rogarunt itaque me, ut orationem illam, quae in doctrinarum scientiarumque omnium commendationem a maioribus est instituta, Calendis Octobribus haberem.

Ego uero, ut parum rerum harum ambitiosus et qui semper existimaui melius multo esse bene latere, quam inepte in uulgus prodire, et seueriorum studiorum, quae eloquentem neminem esse patiuntur, et aliarum rerum honesta, ut mihi quidem uidebatur, excusatione recusauit. Quam illi non solum non admittebant, sed (ut fere sunt humana ingenia ad ea quae negantur audiora) multo uehementius instabant. Itaque, cum diutius denegare, aut ineptum id, aut certe inhumanum uideretur, suscepti tandem munus istud, ut honestissimum ita ualde periculosum.

Quod cum praeter meam expectationem uiderem non solum ab omnibus laudari, sed etiam uehementius expeti, coactus sum id etiam eorum oculis subiicere, quorum auribus uidebam ualde fuisse approbatum.

Quamuis aurium et oculorum iudicium, sciam ualde esse diuersum, multaue nos magis, ut M. Fabius inquit, audita, quam lecta delectare. Tantumque actionem posse, ut etiam his impetret aures, quibus nullus sit in bibliothecis locus. Hoc autem nostrum munusculum tibi, Rex Inuictissime, potissimum offerre multis de causis sum ausus. Tum quia meorum studiorum fructum non apud alium uolui extare, quam apud eum qui me iam inde a puero in suorum numerum adscribi iussit, et cui litterarium otium concessit. [4]Tum etiam quod orationem de doctrinarum omnium excellentia non nisi ei potui offerre qui harum rerum omnium unus et inceptor extitit et perfector; et qui doctrinarum iam paene sepultam cognitionem ab inferis

[3]

AO INVICTÍSSIMO E AUGUSTÍSSIMO
DIVINO JOÃO, REI DA LUSITÂNIA, TERCEIRO DO SEU NOME,
PEDRO FERNANDES APRESENTA SAUDAÇÕES

Rei invictíssimo, como eu tivesse vindo da Gália para esta vossa florescentíssima Academia e aí prosseguisse os estudos de Direito, nos quais já há alguns anos me havia iniciado, não suportaram meus amigos que nela, por mais tempo, eu permanecesse ignorado. E me pediram então que proferisse, no dia 1 de Outubro, aquela oração – em louvor de todas as doutrinas e ciências – que pelos nossos maiores foi instituída.

No entanto, sendo eu pouco ambicioso por situações como esta e porque sempre considerei ser muito melhor permanecer bem ignorado, do que aparecer em público de modo inadequado, pedi escusa com a honesta desculpa – na verdade ela assim me parecia – não apenas de estudos mais severos, que não permitem que ninguém seja eloquente, mas também de outras razões. Eles, porém, não só não admitiam essas desculpas, como – porque o engenho humano ordinariamente é mais ávido em relação àquilo que se nega – instavam com mais veemência ainda. E assim, como recusar por mais tempo parecesse quer importuno quer mesmo indelicado, tomei finalmente este encargo tão extremamente honroso quão arriscado.

Ao ver que, para além da minha expectativa, era elogiado por todos e até vivamente exaltado, senti-me impelido a submeter também este trabalho aos olhos de quem eu sabia tê-lo vigorosamente aprovado pelos ouvidos.

Embora eu saiba que o juízo dos ouvidos e o dos olhos são muito diversos e, como diz Marco Fábio, o que se ouve deleita-nos mais do que o que se lê, embora eu saiba que a acção é tão convincente, que consegue criar interesse por aquelas obras a que não daríamos um lugar nas bibliotecas,² todavia, Rei Invictíssimo, a vós de preferência ousei oferecer este nosso modesto trabalho, por várias razões: primeiro, porque não quis apresentar o fruto dos meus estudos junto de outrem, senão junto de quem, desde a minha infância, ordenou eu fosse incluído no número dos seus³ e me concedeu o ócio das letras; [4] e ainda porque não podia dedicar esta oração acerca da excelência de todas as doutrinas, senão àquele que foi o único que impulsionou e aperfeiçoou a cultura de todos elas, e que de certo modo fez

quodam modo excitauit, barbariem expulit, et humanitatem omnem quasi e caelo detractam in domos induxit.

Quare mihi pertimescendum non est, ne haec ut exigua contempnas. Inest enim et sua gratia paruis; et multa uidemus non ob aliud laudari, quam quia parua. Praeterea regium magis nil est, quam id, quod tu soles semper facere, parua libenter accipere, et maxima multo dare lubentius.

Accipe igitur, Rex Augustissime, nostrum hoc munusculum tuo diuino nomini consecratum, eo animo quo aiunt Artaxerxem illum Persarum regem aquam a rustico, utraque manu haustam e proximo fonte oblatam suscepisse.

Quod tanto spero confidentius, quanto certius est te, ut nec augustius, ita nec melius, nec humanius quidquam, uniuersum terrarum orbem non modo non uidisse, sed ne sperare quidem, aut cogitare potuisse.

Vale, felicissime Rex, semper Auguste, Deumque Optimum Maximum oro ut hanc tuam excellentem maiestatem cum hac tua mente beneficentissima diutissime conseruet.

Conimbricae, Calen. Nouemb. Anno M.D.L.

ressurgir das profundezas o estudo das doutrinas, já quase sepulto, baniu a barbárie e abriu as portas a toda a cultura, como que trazida do céu.⁴

Pelo que não temo que desprezeis este trabalho, por modesto. O que é modesto tem também o seu encanto, e outras razões não vemos por que se louvem, senão pelo facto de o serem. De resto, nada é mais digno de um Rei do que fazer o que sempre Vós costumais: aceitar de bom grado as coisas pequenas, e muito mais de bom grado conceder as maiores.

Aceitai, pois, Rei Augustíssimo, este nosso minúsculo trabalho, dedicado ao vosso divino nome, com aquele mesmo sentimento que, dizem, experimentou o famoso Artaxerxes, rei dos Persas, ao aceitar a água oferecida por um camponês, retirada com ambas as mãos de um rio próximo.⁵

E tanto mais confiadamente espero isto de Vós, quanto mais certo é que toda a terra não viu nem pôde esperar ou conceber nada mais augusto, excelente e erudito que Vós.

Desejo-Vos saúde, felicíssimo Rei, para sempre augusto, e peço a Deus Ótimo Máximo⁶ que conserve por muito e muito tempo essa Vossa Excelsa Majestade aliada ao vosso espírito beneficentíssimo.

Coimbra, 1 de Novembro de 1550.

[5]

PETRI FERDINANDI
IN DOCTRINARVM OMNIVM COMMENDATIONEM
ORATIO

Maxime uellem, Rector amplissime, Patres sapientissimi, Auditores humanissimi, ut mihi hodierno die, hoc grauissimo onere suscepto, tantum ad illud perferendum uirium et industriae adesset, quantum fortasse tunc in suscipiendo superauit audacia.

Verum euenire id multo aliter intelligo; nam uires ipse meas et industriam requirens, animi, quam semel concepi confidentiam nunquam deponendam existimaui.

Quam ut magis retineam, non me mouet excellens aliqua uis ingenii, non frequens aliquis dicendi usus et exercitatio, non denique, quod in his locis plurimum potest, summa auctoritas et amplitudo; sed frequens uester hic consessus conspectusque iucundissimus, tum locus hic ad dicendum et amplissimus et ornatissimus, cuius multo ante praesaga mens mea, ut ultro oblatum grauissimum istud munus non recusarem, et admonuit et incitauit.

Nec illa mihi pertimescenda putauit, quae optimum quemque possent a suscipiendo munere deterrere.

Primum quod ipse priuatus homo, nulla fere auctoritate praeditus, ingenio ualde mediocri, usu [6] ac dicendi exercitatione ea quam et breuissimae temporis angustiae concesserunt; et quam is qui iam ab aliquot annis in Bartolo et Baldo ceterisque huiusce loci atque ordinis hominibus uersatus, potuit retinere; in eum locum de re grauissima dicturus conscendam unde hi dicere consueuerunt, quorum maximae auctoritati summa in dicendo grauitas, cum singulari ubertate, facultate, uarietate, copiaque coniuncta esset; et qui tantum temporis his studiis impertiri potuerunt, quantum ipsi uoluerunt. Quorum orationes cum aures uestras non sint praeteruectae, sed in uestrum omnium animis penitus insederint, et ex earum recordatione plus uoluptatis, quam non modo ex mea, sed ex cuiusquam oratione capere possitis, difficilior mihi hic ad dicendum locus relictus est.

[5]

ORAÇÃO
DE PEDRO FERNANDES
EM LOUVOR DE TODAS AS DOUTRINAS

Desejaria vivamente, Magnífico Reitor, sapientíssimos lentes, cultíssimos ouvintes, que, no dia de hoje, uma vez que assumi este pesadíssimo encargo, não me faltassem tanto as forças e a indústria para o levar ao fim, quanto, ao aceitá-lo, superou, porventura, a audácia.

No entanto, eu sei que isto se passará dum modo muito diferente: com efeito, ao recorrer às minhas próprias forças e indústria, considereei que nunca devia abandonar a segurança de espírito, uma vez adquirida.

E para que a conserve mais e mais, não me move qualquer notável força de talento, nem um frequente uso e prática de falar, nem enfim – o que nestes lugares pode muito – uma suma autoridade e prestígio, mas antes esta numerosa assembleia e a vossa feliz presença, além deste lugar magnífico e distintíssimo para discursar. E a minha mente, que muito antes previu estas razões, advertiu-me e incitou-me a que não recusasse a espontânea proposta desta pesadíssima tarefa.

Julguei então que não devia recear em demasia aquelas circunstâncias que poderiam desviar qualquer dentre os melhores de assumir um encargo.

Em primeiro lugar, o facto de eu próprio, um simples particular, dotado de quase nenhuma autoridade, com um talento bem modesto, com aquela prática [6] e exercício de falar que as brevíssimas limitações do tempo me concederam, prática essa que pôde adquirir quem já desde há vários anos estudou Bártolo e Baldo e os restantes homens desta posição e classe; sim, o facto de eu subir a este lugar, a fim de falar de assunto tão grave, lugar esse donde se acostumaram a discursar aqueles a cuja máxima autoridade se aliava uma suprema gravidade de expressão juntamente com uma singular facúndia, talento, variedade e riqueza. Esses puderam conceder a estes estudos tanto tempo, quanto eles próprios quiseram. Como as suas orações não tocaram ao de leve os vossos ouvidos, mas antes penetraram profundamente no espírito de todos vós, e como, ao recordá-las, podeis colher delas mais prazer do que da minha ou mesmo de uma oração de qualquer outro, coube-me a mim o lugar mais difícil para aqui discursar.⁷

Tum denique quod uarium illud et multiplex hominum ingenium et ancipitem iudiciorum aleam subire, quam sit pertimescendum nemo est qui ignoret.

Cum praesertim quorundam, et eorum quidem nihil aut parum intelligentium, usque adeo barbarum et arrogans sit ingenium, ut nil quamuis perfectum non cauillentur et condemnent; ut fere sunt praeclara omnia ad cauillandum, quam ad aemulandum promptiora. Apud quos non modo ignoscendi spes nulla est, sed ne cognoscendi quidem admittunt consuetudinem.

Quod illi tanto magis suo quodam iure sibi licere existimant, quanto minus uident summos illos oratores, et qui suis praeclaris [7] monumentis non solum ipsi sibi, sed etiam aliis immortale nomen pepererunt, sese ab inuidorum calumniis et obtrectatione potuisse liberare.

Siquidem et lumen illud Graecae eloquentiae Demosthenes, quem admirari quidem potuerunt omnes, imitari nemo, M. Tullius nec satis perfectus uidetur, et interdum dormire existimatur. Quid? Quidem et ipse M. Tullius excellenti uir ingenio et Romanae facundiae facile princeps, nec M. Bruto, nec Caluo, nec utriusque Asinio satis approbatur; sed a quibusdam ut redundans et Asianus, ab aliis uero ut aridus et ieunus notatur.

At uero Periclem illum, quem et tonare et fulminare et miscere Graeciam uniuersam, et in cuius ore Suadelam quandam Deam insedissee uetus Comoedia praedicabat, sui temporis homines nec elegantem eum, nec satis Atticum putarunt. Iam denique Theophrastum illum, cuius eloquentiam non uulgarem, aut humanam aliquam fuisse nomen ipsum satis ostendit, nonne a decrepita anicula uidemus ut hospitem notatum?

Haec igitur, auditores humanissimi, etsi uiderem satis magna esse, ut optimum quemque possent non solum a suscipiendo hoc munere deterrere, sed etiam ab incepto iam opere retardare, ipse tamen honestissimum hunc laborem subire tandem non dubitauit.

Quod certe facio nulla gloria cupiditate elatus, nulla aut ingenii, aut doctrinae [8] persuasione inductus (scio enim quam id sit temerarium et ab hoc loco debeat esse alienum), sed magis fide ac sapientia uestra confisus, nec tam perficiendi spe, quam obsequendi studio hoc, quicquid est, suscepi.

Rogabat enim is qui suo quodam in me iure proterat imperare, et cui ego non parere sine summo scelere non poteram.

Accedebat etiam honestissimorum hominum meique amantissimorum frequens adhortatio; quorum ego auctoritatem tanto magis admittendam putabam, quanto magis illi singularem uestram humanitatem erant experti. Itaque Spartam hanc ultro delatam, etsi uideam satis a nobis pro dignitate ornari non posse, suscepimus tamen, quoniam honeste a nobis abiicere non potuimus.

Quapropter uos oro atque obsecro, auditores humanissimi, ut me de re, quamuis uobis ualde nota, grauissima tamen dicentem, attente bonaque

Depois, enfim, porque não há quem ignore quanto é de temer o sujeitar-se à múltíplice e vária natureza dos homens e à dúbia sorte dos juízos.

Sendo o carácter de alguns, e principalmente daqueles que pouco ou nada entendem destes assuntos, de tal forma inculto e arrogante, que nada há, por mais perfeito que seja, que não censurem e condenem, naturalmente quase todas as obras notáveis são mais susceptíveis de censura que de imitação. Junto desses não só não há nenhuma esperança de desculpa, como nem admitem sequer o hábito do conhecimento. E por seu próprio direito tanto mais julgam ter valor, quanto menos vêem que os mais notáveis oradores puderam libertar-se [7] por si mesmos das calúnias e invejas dos seus detractores, ao lograrem, através dos seus preclaros monumentos, um nome imortal para si e para os outros.

Assim, Demóstenes, aquele luzeiro da eloquência grega que todos puderam admirar e ninguém imitar, nem por Marco Túlio é considerado assaz perfeito, parecendo-lhe mesmo que por vezes ele dormita. Mas quê? O próprio Marco Túlio, homem de excelente engenho e, sem favor, o príncipe da eloquência romana, não é suficientemente reconhecido nem por Marco Bruto, nem por Calvo, nem por ambos os Asínios, e por alguns chega a ser considerado como redundante e asiano, por outros, como árido e vazio.⁸

Quanto ao famoso Péricles, a respeito de quem a Comédia antiga dizia que ele troava, fulminava e perturbava toda a Grécia⁹ e que nos seus lábios tomara assento uma tal deusa chamada Persuasão,¹⁰ os homens do seu tempo não o julgaram elegante nem suficientemente ático. Enfim, o notável Teofrasto, cujo nome mostra bem ter tido uma eloquência não vulgar ou humana, não o vemos, porventura, considerado estrangeiro por uma velhinha decrépita?¹¹

E assim, cultíssimos ouvintes, embora eu visse que estes exemplos são tão convincentes que poderiam não só desviar o melhor dos homens de assumir este encargo, mas até impedi-lo de continuar a obra já começada, não hesitei todavia em encarregar-me finalmente de tão honroso trabalho. Faço-o, certamente, levado não por algum desejo de glória ou induzido [8] por uma persuasão de talento ou de cultura¹² (pois sei quanto isso é temerário e deve ser alheio a este lugar), mas, confiado mais na vossa boa-vontade e sabedoria, não tanto na esperança de realizar uma obra perfeita, como com o desejo de ser amável, aceitei este encargo, tenha ele o resultado que tiver.

Rogava-me, pois, aquele que, com um especial direito sobre mim, podia impor as suas ordens e a quem eu não podia deixar de obedecer sem a maior das afrontas. Acrescia também a frequente exortação de homens respeitabilíssimos e meus amigos, cuja autoridade eu considerava que devia ser tanto mais aceite, quanto mais eles reconheciam a vossa singular cultura. E assim, embora eu veja que este encargo,¹³ confiado espontaneamente, não pode ser prestado por nós com a dignidade que merece, aceitámo-lo todavia, pois não poderíamos honestamente enjeitá-lo.

Eis porque vos peço e rogo, ilustres ouvintes, que com atenção e benevolência me ouçais falar acerca de um assunto que, apesar de vos ser muito familiar, é,

cum uenia audiatis, memineritisque ueteris sapientum hominum prouerbii, *Θρέμμα σοφοῦ σοφὸν εἶναι*, hominemque homini maxime Deum esse oportere. Quod facietis, si fides sapientiaque uestra nostram in dicendo adiuuet industriam. Quod etsi nec oratio mea, nec rei, de qua agitur, dignitas et amplitudo poterit obtinere, ipsa tamen uestra singularis humanitas a uobis facile impetrabit.

De doctrinarum igitur omnium excellentia, cognitioneque dicturi, non aliud quodquam ex omnibus hic animantium generibus, quae sub caelo sunt, [9] proponendum putauit, quam hominem ipsum. Siquidem et hunc solum ex omnibus his, quae uiuunt, doctrinarum scientiarumque omnium participem et cupidum esse, in nobis ipsis et uidemus et experimur.

Verum quoniam homo hic non ex sese ortus est, sed Dei Optimi Maximi opus est et factura,

*‘Ὡς μόνος ἔστι θεὸς κτίστης, ἀκράτητος ὑπάρχων
Αὐτὸς δι’ ἐστήριξε τύπον μορφῆς μερόπων τε,*

a praepotenti Deo nobis incipiendum est. Quod cum et Christiana doceat religio, tum etiam ille diuino carmine

*Ἐκ διὸς ἀρχώμεθα, τὸν οὐδέποτ’ ἄνδρες ἐῶμεν
Ἄρρητον:*

semper his faciendum esse satis admonuit, qui Deum propitium cupiant, et iratum metuant.

Deus igitur Optimus Maximus animal hoc prouidum sagax, multiplex, acutum, memor, plenum rationis atque consilii, quem uocamus hominem, cum procreasset, praeclara eum quadam excellentique condicione procreauit. Quem cum perfectissimum esse uellet, non solum corpore, sed etiam animo constituit, illud infirmum, caducum, mortale seruire, hunc sempiternum, immortalem, diuinum denique uoluit imperare.

Quod qui cognoscit, nonne hominem ipsum satis cognoscit? Quod quidem praeceptum tantum tamque difficile semper fuit, ut id ueteres sapientes non ab homine aliquo, sed ab Apolline Pythio profectum esse existimauerint.

Nec enim is quisquam est, quem aut forma ista demonstrat, aut figura ea quae digito notari potest, sed maiori quadam sapientia [10] opus est, ut quisque nostrum, quid tandem ipse sit, possit cognoscere. Quod certe faciet, si se ipse aliquando circumspexerit, et ad quid natus educatusque sit, satis intelligat. Videbit enim ingenium multo excellentius, quam ut hisce terrenis et fluidis diutius consenescat; quae tanto magis contemnet, quanto magis Deum cognoscet, quem adorabit et contemplabitur, cui se sciet non solum affinitate, sed etiam genere coniunctum; quod et ille intrepide affirmauit:

Τοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν.

Sed de animo mox dicemus.

Nunc si ipsius corporis statum, si uultum cum summo illo rerum omnium parente communem diligentius inspexerimus, uidebimus hominem, quasi porrecta a Deo manu, e terra alleuatum, ad ipsius contemplationem excitatum.

contudo, da maior importância;¹⁴ e que vos lembreis daquele velho provérbio dos sábios, *Θρέμμα σοφοῦ σοφὸν εἶναι*,¹⁵ e que “o homem deve ser, acima de tudo, um deus para o homem”.¹⁶ Fá-lo-eis, se a vossa boa-vontade e sabedoria vier em auxílio da nossa faculdade oratória.¹⁷ E se bem que nem a minha oração nem a dignidade e importância do assunto de que se trata possam consegui-lo, no entanto a vossa singular benevolência obtê-lo-á facilmente de vós próprios.

Pensei então que devia propor-me falar a respeito da excelência e estudo de todas as doutrinas – não outra coisa qualquer dentre todos os seres animados [9] que aqui vivem sob o céu, mas o próprio homem. Na verdade, em nós mesmos vemos e experimentamos que, de todos os viventes, é ele o único que participa e se dedica a todos os ramos do saber e das ciências.¹⁸

Visto que o homem não nasceu de si próprio, mas é obra e criatura de Deus Ótimo Máximo,

*“Ὡς μόνος ἔστι θεὸς κτίστης, ἀκράτητος ὑπάρχων
Αὐτὸς δι’ ἐστήριξε τύπον μορφῆς μερόπων τε,*¹⁹

devemos começar por Deus todo-poderoso.²⁰ E não só a Religião Cristã dá este ensinamento, como até aquele notável poeta no seu divino carne

*Ἐκ διὸς ἀρχώμεθα, τὸν ουδέποτε ἄνδρες ἐῶμεν
Ἄρρητον:*²¹

advertiu bem aos que desejam um Deus propício e temem um Deus colérico, de que se devia agir sempre assim.

Ora, pois, este animal previdente, sagaz, múltiplice, arguto, cheio de memória, razão e senso, a que chamamos homem, foi criado por Deus Ótimo Máximo, que lhe deu uma natureza preclara e excelente.²² E como Ele o desejasse perfeitíssimo, constituiu-o, não só com corpo, mas também com alma e quis que aquele, enfermo, caduco,²³ mortal, obedecesse, e esta, eterna, imortal, enfim divina, imperasse.

Quem isto conhece, porventura não conhece suficientemente o próprio homem? Este ensinamento foi sempre tão importante e tão difícil, que os sábios antigos o julgaram dimanado não de qualquer homem, mas de Apolo Pítio.²⁴

Com efeito, não é ninguém aquele que ou é designado por esta forma ou por aquela figura que pode ser apontada com o dedo;²⁵ mas é necessário que, com uma sabedoria verdadeiramente superior, [10] cada um de nós possa conhecer enfim o que realmente é.²⁶ E consegui-lo-á com certeza, se, de vez em quando, se observar a si próprio, a fim de compreender bem para que nasceu e se instruiu. Verá então uma natureza excelente de mais para que possa envelhecer rodeado destas coisas terrenas e transitórias; e tanto mais as desprezará, quanto mais conhecer a Deus, a quem adorará e contemplará; a Ele se reconhecerá unido, não só pela afinidade, mas até pela natureza, como também aquele poeta famoso intrepidamente o afirmou:

*Τοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν.*²⁷

Mas falaremos dentro em pouco da alma.

Agora, se repararmos mais cuidadosamente na posição do próprio corpo, e no rosto, participe do pai supremo de todas as coisas, veremos que Deus como que lhe estendeu a mão, para o erguer da terra e o despertar para a Sua contemplação.²⁸

Corpus enim ipsum non quaecumque, sed erectum et sublime, formaque ipsa et elegantia speciosum efformauit; cui sensus comites attribuit, non fallaces et impostores, ut Socrates apud Platonem, et Stoici fere omnes uoluerunt, sed interpretes ac nuntios rerum optimarum. Quorum maxima fuit necessitas. Quorundam enim auxilio ad tutandam hanc fouendamque uitam maxime indigemus; reliqui uero ad obscurissimarum rerum intelligentiam, et quaedam fundamenta scientiae maxime sunt necessarii.

Atque ut in primis ab his incipiamus, qui locum in capite tanquam in arce occuparunt, uidebimus certe fulgida illa sidera, quae oculos muncupamus; de quorum [11] artificio, dispositione, solertiaque admiranda, ut dicere omittamus, quis non uidet illos tanquam speculatores uigilantissimos altissimum locum obtinere, unde plurima conspiciere, et suo munere optime fungi possint? Quorum beneficio Pindarus ait nos ea, quae in se terra occultat et ultra caelum posita sunt, contemplari. Atque adeo ut nihil nisi perfectum et pulchrum uideremus, creauit Deus uniuersam hanc machinam ea specie et pulchritudine, ut propterea mundum appellemus.

Nam et terram ipsam mira uarietate depinxit, quam praeter fluminum leniter labentium suauitatem, fontium amoenitatem, pratis iucundissimis, campisque colorum diuersitate admirandis ornauit.

Caelum uero ipsum non solum forma perfectissima effinxit, sed etiam illis stellatis luminibus uelut quibusdam gemmis distinxit. Ad cuius uelut ad proprii domicilii, cognationisque contemplationem hominis conspectum excitauit.

Nec solum uoluit haec ut uideret, nam et id brutis ipsis animantibus aliquando fortuito potest euenire; sed ut stas illas perpetuasque orbium conuersiones, siderumque cursus et cognosceret et obseruaret.

Astrologia

Quam obseruationem Astrologiam uocamus. Cuius tanta est excellentia, ut eam non ab homine aliquo inuentam, sed ab ipsis Diis antiqui homines ausi sint affirmare. Itaque alii a Mercurio, alii uero ab Vrania una e nouem Musis, quas etiam uideo Platonem illum ualde approbasse, inuentam [12] esse dicebant.

Primi certe omnium Aegyptiorum sacerdotes illam monumentis tradiderunt, de quibus illud potest dici non immerito,

Felices animae, quibus haec cognoscere primum,

Inque domos superum scandere cura fuit.

Credibile est illos pariter uitisque locisque

Altius humanis exseruisse caput.

Vnde nostro quodam iure Socraticum illud, quod supra nos nihil ad nos, possumus contemnere. Sic enim nihil ad nos caelum ipsum, nihil denique lux ipsa pertineat.

Quin multo elegantius Anaxagoras ille, qui se caeli solisque uidendi causa natum esse praedicabat; nec certe mirum. Sic enim Paulus ille Aemilius

Formou, pois, o corpo não de qualquer maneira, mas direito e apumado, e belo na sua própria forma e elegância; a ele atribuiu os sentidos, como companheiros, não falazes e impostores, como Sócrates, segundo Platão, e quase todos os Estóicos queriam significar, mas sim intérpretes e mensageiros do que é sublime. Foram de extrema necessidade. Com efeito, carecemos enormemente do auxílio de alguns deles para proteger e suavizar esta vida; os restantes são muito necessários para a inteligência dos assuntos mais obscuros e para certas bases do conhecimento.²⁹

E, para que comecemos primeiramente por aqueles que, na cabeça, ocuparam um lugar como numa fortaleza, veremos aquelas fúlgidas estrelas a que chamamos olhos. E para já [11] não falarmos do que é de admirar no seu artifício, disposição e destreza, quem os não verá, como uns observadores vigilantíssimos, conseguir um lugar muito alto, donde possam observar o maior número de coisas e cumprir eficazmente a sua missão?³⁰ Píndaro diz que, graças a eles, contemplamos o que a terra em si oculta e o que está disposto para além do céu. E exactamente para que nada víssemos que não fosse perfeito e belo, criou Deus o universo com tal aspecto e beleza que, por isso mesmo, lhe chamamos mundo.³¹

Assim, pintou a própria terra com admirável variedade e, para além da suavidade dos rios que correm ligeiros e da amenidade das fontes, ornou-a de frescos prados e de campos de cores variadas e dignos de admiração.

Quanto ao céu, não só o representou com uma forma perfectíssima, como ainda o matizou com essas luzes cintilantes que se assemelham a pérolas dispersas. E excitou a vista do homem para a contemplação do mesmo céu – como sua morada própria – e dos laços que o unem a este.³²

Mas não quis que ele visse apenas estas coisas, pois o mesmo, casualmente, pode acontecer, por vezes, até com os brutos animais; quis também que conhecesse e observasse essas periódicas e perpétuas revoluções dos orbes e os cursos dos astros.

A esta observação chamamos Astronomia. É tal a excelência que possui, que os antigos ousaram afirmar ter sido descoberta não por algum ser humano, mas pelos próprios deuses. E assim, uns diziam que fora Mercúrio quem a descobriu, outros Urânia, uma das nove musas, as quais, aliás, sei que o célebre Platão [12] decididamente aprovou.

Astronomia

Sem dúvida, os primeiros de todos que a transmitiram foram os sacerdotes Egípcios, nos monumentos, a respeito dos quais pode dizer-se, não sem o merecerem:

*Felizes aquelas almas a quem coube o cuidado de, primeiramente,
Conhecerem estas coisas e de subirem até às moradas dos deuses.
Acreditamos que elas ergueram sua cabeça acima
Tanto dos vícios, como das guardidas dos mortais.*³³

Daí, com um certo direito, podermos desprezar aquela sentença socrática que afirma nada existir acima de nós que tenha relação connosco. Assim, de modo algum está ligado a nós o próprio céu, nem, de resto, a própria luz.

Pelo contrário, com muito mais discernimento, o famoso Anaxágoras proclamava ter nascido para ver o céu e o Sol,³⁴ o que sem dúvida não é de admirar. Na verdade,

apud M. Tullium, P. Scipionem Africanum filium alloquitur: «Animus, inquit, nobis ex illis sempiternis ignibus, quae sidera et stellas uocamus, datus est, quae globosae et rotundae diuinis animatae mentibus celeritate mirabili circulos suos, orbesque conficiunt»; quod idem et diuinus ille Plato affirmat: «Cum enim uniuersum, inquit, Deus constituisset, astris parem numerum distribuit animorum, singulos singulis adhibens, eisque tanquam uehiculis impositis, monstrauit uniuersi naturam, legesque fatales edixit».

Vnde idem existimabat, Astrologiae rationes inquirere, non nisi sapientissimi homines esse, naturaeque admirabilis; quem non nisi feliciter uiuere, et beate emori posse dicebat.

Harum rerum inquisitioni non dubitarunt excellenti ingenio [13] uiri diutius inhaerere. E quibus Pythagoram* illum philosophum paene immortalem uideo, quem primum omnium aiunt eundem Hesperum, quem Luciferum, obseruasse.

Extitit et Eudoxus Platonis auditor in Astrologia doctissimorum hominum iudicio facile princeps.

Huic igitur studio incumbere cum propter se sit gloriosum, tum etiam in primis utile.

Atque ut illud omittamus, uictus nostri causam de caelo esse, illud certe non possumus non maxime amplecti, quod hac doctrina instructi, facile illa contemnimus quae homines uulgo pertimescunt.

Huius siquidem ignoratione aiunt Niciam Atheniensium imperatorem propter solis defectum, metuentem classem e portu educere, exercitum omnem amisisse, et Rempublicam uniuersam fere ad perniciem induxisse. Quin et Athenienses ipsos solis obscuracione perterritos, unus Pericles metu liberauit.

Quod idem apud Romanos uideo Sulpicium Gallum in exercitu L. Pauli fecisse, ubi multa de lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum animi terrentur.

Solis autem defectum primus Thales ille Milesius praedixit, post quem uelut naturae socius ac particeps, utriusque sideris cursum in annos sexcentos praedixit Hipparchus.

Atque ut alias ex siderum obseruatione commoditates, ut horarum distinctionem, quam ex solis mutatione primum aiunt Hyperiona illum obseruasse praetermittam; illud certe praetermittere [14] non possum, quod et antiqui sapientes existimarunt. E sideribus nempe ipsis quosdam ueluti igniculos nobiscum ad uirtutem nasci, quos nos multoties aut praua consuetudine, aut molli educatione in uitia conuertimus; sicque fieri ut Saturni

* *Suidas* Parmenidem ait

segundo Marco Túlio, Paulo Emílio dirige-se assim ao seu filho Cipião Africano: «A alma é-nos dada a partir daqueles fogos eternos a que chamamos constelações e estrelas que, globosas e rotundas, animadas pelas mentes divinas, executam, com admirável celeridade, os seus círculos e órbitas.»³⁵ E o mesmo afirma o sublime e divino Platão, ao dizer: «Deus, ao constituir o universo, distribuiu um número de almas igual aos astros, atribuindo cada alma a cada astro e, colocando-as aí como em carros, deu-lhes a conhecer a natureza do universo e proclamou as leis do destino.»³⁶ Por este facto, o filósofo considerava que inquirir as razões de ser da Astrologia e da natureza admirável era próprio apenas do homem sapientíssimo, e acrescentava ainda que esse não podia deixar de viver ditoso e morrer feliz.

Homens de excelente engenho não hesitaram em se aplicar por muito tempo [13] à investigação destas matérias. Dentre eles, vejo o célebre Pitágoras*, filósofo quase imortal, que dizem ter sido o primeiro de todos a observar ser Vésper a mesma estrela que Lúcifer.³⁷

Salientou-se também Eudoxo, discípulo de Platão, na opinião incontestada dos mais doutos homens, o primeiro na Astrologia.³⁸

Concluindo, pois, aplicar-se a este estudo será uma tarefa não só gloriosa com respeito a si próprio, como útil, acima de tudo.

Mas, embora não desenvolvamos a ideia de que a razão do nosso viver vem do céu – não podemos, todavia, deixar de abordar, de modo especial, o seguinte: que, se estamos instruídos por esta ciência, facilmente desprezamos aquelas situações que os homens vulgarmente temem.

Com efeito, a ignorância da Astronomia, segundo dizem, levou Nícias, o famoso general ateniense, devido a um eclipse do Sol, a retirar, receoso, a armada do porto, a licenciar todo o exército, e a conduzir assim a República inteira à beira da ruína.³⁹

Pelo contrário, Péricles foi o único que conseguiu libertar do medo os próprios Atenienses, aterrorizados pelo obscurecimento do Sol.

E em Roma vejo que Sulpício Galo fez o mesmo no exército de Lúcio Paulo, quando dissertou acerca de um eclipse total da Lua, não fossem os ânimos dos soldados atemorizarem-se com esse facto, como se ele fosse um prodígio enviado pelos deuses.⁴⁰

Por sua vez, Tales de Mileto foi o primeiro que anunciou um eclipse do Sol. Depois dele, Hiparco, por assim dizer o amigo e companheiro da natureza, predisse para 600 anos a duração do curso de ambos os astros.⁴¹

Não me referirei às diferentes vantagens da observação dos astros, como a distinção das horas, que dizem ter sido observada pela primeira vez por Hiperión, a partir da mutação do Sol; contudo, de modo nenhum, [14] posso omitir o que chegaram a pensar os sábios antigos.

Seguramente, dos próprios astros nasceram connosco como que umas centelhas que nos impelem à virtude, as quais, por um mau hábito ou educação mole, convertemos

* Suídas diz que foi Parménides.

grauitatem et parsimoniam, in tristitiam et auaritiam; Martis magnanimitatem, in audaciam et temeritatem; Veneris gratiam, uenustatem et in omnibus rebus decorum, in lasciuam et foedissimam libidinem; Mercurii denique industriam, in fraudem et astutiam conuertamus.

Quod usque adeo illi uerum putabant, ut ex astrorum obseruatione futurorum praedictiones sibi uindicarent. Quas si uellem persequi, multa et admiranda possem adferre. Verum ab eo me non solum Archelaus ille et Cassandrus summi astrologi, qui totam hanc futurorum praedictionem contempserunt, sed etiam Christiana religio reuocauit.

Sed iam ab oculis paululum delapsi, si hominem ipsum inspexerimus, inueniemus aures non solum loco et situ, sed ornatu etiam mirabiles. Quas geminas tantum summus ille rerum omnium parens esse uoluit, tum quia ad speciem et pulchritudinem duorum numerus perfectissimus est, tum quia non plures ad admittendum utrimque aduenientem sonum sunt necessariae. Quarum si quis sinuosos illos flexuososque anfractus consideret, admirabile quoddam opus uidebit. Harum usum cum ad omnes alias scientias perdiscendas necessarium, [15] tum maxime ad Musices harmoniam numerumque percipiendum diuinus ille Plato dicebat.

Musice

In Musices autem studio Graeci homines et summam eruditionem ponebant, et ei diuinitatem quandam inesse existimabant, ut manifestum plane sit, illos non hanc, quam ad aurium uoluptatem tantum libidinesque hominum nequitia conuertit, intellexisse; sed illam, sine cuius harmonia mundum ipsum Pythagoras nec compositum nec concinnatum fuisse putat.

Quam P. ille Cornelius Scipio ex orbium conuersione, et siderum cursu percipiens apud M. Tullium sic patrem Paulum interrogat: «Quis est hic, qui complet aures meas tantus et tam dulcis sonus?» Musicem apud Platonem Timaeus a praepotenti Deo hominibus concessam dicit, ut si quid externum eorum animos turbauerit, huius concentu sedari, et in ordinem possint redigi.

Huius suauitate non solum

Siluestres homines sacer interpresque Deorum

Caedibus et uictu foedo deterruit Orpheus;

sed et bruta ipsa animantia feritatem deposuisse, omnes omnium historiae profitentur.

Rationemque dum Platonici conantur afferre, aiunt caelestem animam, qua uniuersitas haec animatur, e Musica originem sumpsisse; nihilque mirum, si

Dictus et Amphion Thebae conditor arcis

Saxa mouere sono testudinis.

Hoc uelut maximum Dei munus agnoscens Socrates [16] ille Apollinis oraculo sapientissimus iudicatus etiam senex lyra institui non erubuit. Nec enim erat cur aut maximi Apollinis, aut optimi Mercurii contemneret

muitas vezes em vícios,⁴² e assim acontece que transformamos a gravidade e parcimónia de Saturno em mau humor e avareza; a magnanimidade de Marte em audácia e temeridade; a graça e a formosura de Vénus e o seu decoro em todas as coisas, em lascívia e sensualidade indigna e, finalmente, a habilidade de Mercúrio em perfídia e manha.

De tal forma os sábios antigos tomaram estas afirmações como verdadeiras, que reivindicavam para si as predições do futuro pela observação dos astros. E, se eu as quisesse expor, poderia contar muitos e admiráveis factos. Mas não só Arquelaus e Cassandro, sumos astrólogos que desprezaram toda esta predição do futuro,⁴³ como também a religião cristã, de tal me dissuadiram.

Se repararmos no homem em si, deslizando já um pouco a partir dos olhos, encontraremos as orelhas, admiráveis não só pelo seu lugar e disposição, mas também pela sua graça. Quis o Supremo Criador de todas as coisas que as orelhas fossem só duas, já porque o número dois é o mais perfeito para ornamento e beleza, já porque não são necessárias mais para receber o som que vem de ambos os lados. E se alguém reparar nessas sinuosidades recurvadas e tortuosas,⁴⁴ descobrirá uma obra digna de se ver.

O insigne e divino Platão dizia que era necessário o seu uso para a perfeita aprendizagem [15] das diversas ciências, mas sobretudo para a percepção da harmonia e cadência da Música.

Os Gregos colocavam no estudo da Música uma superior erudição e julgavam mesmo existir nela alguma divindade. É bem evidente que eles não reconheciam como música a que a nequícia dos homens converteu somente em prazer e deleite dos ouvidos, mas sim aquela sem cuja harmonia Pitágoras pensa que o próprio mundo não teria sido formado e adornado.⁴⁵ Música

O famoso Públio Cornélio Cipião, ouvindo-a a partir da revolução dos orbes e do curso dos astros, interroga assim seu pai, Paulo, segundo Marco Túlio: “Que som é este, tamanho e tão doce, que me enche os ouvidos?”⁴⁶ Timeu, em Platão, diz que a Música foi concedida aos homens por Deus todo-poderoso, para que, se algo exterior lhes perturbar o espírito, possam, com a sua harmonia, acalmar-se e regressar à ordem.⁴⁷

Graças à suavidade da Música, não só

*Orfeu, sagrado mediano dos deuses, afastou
os homens selvagens dos morticínios e do viver indigno;*

mas até os brutos animais cessaram com a sua ferocidade, segundo testemunham todas as narrativas.⁴⁸

E os platónicos, ao pretenderem alegar uma explicação, dizem que o sopro divino, que anima este universo, recebeu da Música a sua origem.⁴⁹ Nem é de admirar, porquanto

*Se diz que Anfion, fundador da fortaleza de Tebas,
removia as pedras ao som da lira.⁵⁰*

O grande Sócrates – considerado sapientíssimo pelo oráculo de Apolo – reconhecendo [16] esta arte como o maior dom de Deus,⁵¹ não se envergonhou de aprender a tocar a lira, já quando velho.⁵² Nem havia razões por que desprezasse

inuentum. Huic etiam studio uideo Aristoxenum summum philosophum se totum addixisse, tresque sonorum species constituisse, Harmonicon, Diatonicon et Chromaticon. At diuinus ille Plato altius rem repetens, Musicem omnem in Mundanam, Humanam et Organicam distribuit.

Haec igitur qui intelligit, nonne uidet Aegyptiorum hominum temeritatem, qui rem sanctissimam uelut ignauam, animorumque effeminatricem et dammabant et fugiebant? An non uidebant homines illi, nihil tam sanctum esse, quo hominum nequitia abuti non possit? De hominibus igitur illi aliquid, de re certe nihil dixerunt. Nec enim si id ita esset, aut Epaminondam illum Graeciae facile principem tantopere Musica commendaret, aut Themistoclem Musices ignarum ut rusticum notatum uideremus.

Vnde et Lacedaemoniorum legislator seuerissimus Lycurgus Musicem, quantum potuit, in suam Rempubicam induxit; nec immerito. Videbat enim huius non solum domi, sed etiam foris maximam uim esse.

Hac enim militum animi ad subeunda quamuis grauissima pericula facile inuitantur, et iam bello fracti consternatique et reficiuntur et excitantur.

Ad hanc unam Arcades austerioris uitae homines, ut duritiem asperitatemque morum temperarent, [17] et assiduos in agris colendis labores subleuarent, confugiebant; apud quos cum ceteras artes ignorasse nulla esset ignominia, Musicem tamen ignorare nemo poterat.

Hac in re, ut alios praetermittam, unus maxime excelluit Timotheus, cui tantum supererat artis, ut quoties libuisset, et uehementi acrimonia hominum animos incenderet, et rursus molli ac placida leniret. Hic cum in Alexandri conuiuio cantum eum, quem Phrygium appellant, modularetur, usque adeo Regem excitauit, ut ad arma capienda prosiliret, eundemque iterum mutata modulatione ad epulas reduxit.

Nec eam uim hominis esse quisquam existimet, sed harmoniae. Nam et Pythagoram illum, cum iuuenes uino saltuque lasciuientes uidisset, iussisse ferunt ei, qui modos faceret, ut mutata harmonia Doricum personaret, quod ubi factum est, bacchantes illos resipuisse ferunt, relictisque omnibus cum pudore domum abiisse.

Arithmetica

Verum nec minus circa aures nostras numerus ipse uersatur. Sine cuius ratione, non solum Musica ipsa, sed ne scientia quidem ulla potest consistere.

Hominemque ipsum ideo animal sapientissimum Plato putabat, quod numeros intelligeret, Arithmeticemque ipsam inter omnes artes libero homine dignas praecipuam et maxime diuinam constituebat, numerorumque scientiam singularem philosophis supellectilem existimabat.

Ac tanto magis nunc dolendum est, quanto [18] magis hanc uidemus a philosophorum scholis neglectam, a sordidis hominibus et faeneratoribus abreptam ad pessimos usus esse conuersam. Cuius homines isti ne umbram quidem unquam uiderunt, sed nescio quam quaestuariam rationem, diuino

o invento do ilustre Apolo ou do excelente Mercúrio. Vejo também que Aristóximo, grande filósofo, se dedicou inteiramente a este estudo e estabeleceu três espécies de som: Harmónico, Diatónico e Cromático.⁵³ E o preclaro e divino Platão, retomando o assunto mais profundamente, dividiu toda a Música em Universal, Humana e Orgânica.⁵⁴

Ora, quem isto conhece não vê, porventura, a temeridade dos Egípcios, que condenavam esta arte sacratíssima, considerando-a ignava e efeminadora dos espíritos e evitando-a por esse motivo? Não viam eles que nada há tão sagrado, de que a nequícia dos homens possa fazer mau uso?⁵⁵ – Enfim, algo disseram os Egípcios acerca do Homem; nada, sem dúvida, acerca da Música. Se assim não fosse, nem a Música valorizaria tanto o célebre Epaminondas, incontestavelmente o primeiro homem da Grécia,⁵⁶ nem veríamos Temístocles considerado rude pelo facto de a ignorar.⁵⁷

Por isso, Licurgo, o severíssimo legislador da Lacedemónia, introduziu, quanto pôde, a Música na sua República, e com razão, pois via ser ela a força máxima quer do lar, quer fora dele.⁵⁸

Por meio dela, os espíritos dos soldados são incitados a vencer sem dificuldade os perigos, por mais graves que sejam e, quando enfraquecidos e atemorizados pela guerra, a Música reanima-os e estimula-os.⁵⁹

Os Arcades, homens de vida um tanto austera, só nela se refugiavam, a fim de moderarem a dureza e severidade dos costumes [17] e suavizarem os constantes labores na cultura dos campos. Entre eles, embora não fosse nenhuma desonra ignorar as restantes artes, ninguém, no entanto, podia ignorar a Música.⁶⁰

Nesta matéria, sem referir outros, um mormente se salientou – Timóteo – que possuía tanta arte, que, sempre que lhe aprazia, não só incendiava os espíritos dos homens com uma veemente energia, como, em seguida, os acalmava com uma energia branda e plácida. Este músico, ao entoar, num banquete de Alexandre, aquele canto a que chamam frígio, de tal forma animou o Rei, que o impeliu a tomar as armas e, mudando de novo a melodia, o reconduziu ao festim.⁶¹

Mas ninguém julgue ser essa força própria do homem; é-o, sim, da harmonia. Com efeito, o insigne Pitágoras, como visse uns jovens folgando com o vinho e a dança, segundo dizem, ordenou ao que marcava o ritmo, fizesse entoar o canto Dórico, mudando a harmonia; e, quando isto se efectuou, aqueles mancebos delirantes retomaram os seus sentidos e, deixando tudo, retiraram-se para casa, envergonhados.⁶²

Não menos o próprio número perpassa em redor dos nossos ouvidos. Sem a compreensão dele, não só a própria Música, como nenhuma ciência, pode subsistir.

Aritmética

Platão julgava o homem um ser sapientíssimo, porque entendia os números⁶³ e colocava a Aritmética como a primeira e a mais divina de todas as artes dignas de um homem livre.⁶⁴ Considerava a ciência dos números como uma ferramenta singular para os filósofos.

Nos dias de hoje, vemos que tanto mais é de lamentar, quanto [18] mais ela é desprezada pelas escolas dos filósofos e, arrastada por homens ignóbeis e usurários, é alterada para os piores usos. Dela esses homens nunca viram sequer a sombra, mas, profanando o nome divino da Aritmética, correram atrás não sei de que espécie

Arithmetices nomine ementito, sunt consecrati. Quam Lycurgus ille uelut popularem ac turbulentam minimeque homine dignam e Republica eiecit.

Ingenio ac mente diuiniore opus est ei qui Arithmetice illam simplicem ac puram uoluerit contemplari.

Quam cum Pythagoras ille admiraretur, nescio quid diuinius inueniebat quod nec oculis uideri nec sensibus percipi poterat, existimabatque aut animum ipsum numerum esse, aut saltem certa quadam numerorum constitutione animos corporibus associari.

Sed quid? An non et sacrae ipsae litterae nos docent Deum Optimum Maximum omnia numero, pondere mensuraque perfecisse? Quid? An non Socrates ille apud Platonem mundi compositionem probaturus, a numeris ipsis incipiendum putauit? quos ad eam rem nec plures tribus, nec pauciores esse uoluit. Non igitur mirum si et Pythagoras in numeris et siderum ambitus et animalium productiones constituebat, tantamque diuinitatem in unitate reponebat, ut eam solam diceret caeli temperiem, animis uirtutem, sanitatem corporibus, domibus ac ciuitatibus pacem immittere, nosque ex ea [19] uirtutum omnium initium finemque accipere. Sed dies me deficeret, si monados triadosque diuinitatem, si quaternarii, quinariumque stabilitatem et potestatem, si denique nouenarii perfectionem uellem persequi.

Hoc unum dicere satis sit, tantam esse Arithmetices excellentiam, ut eam non modo philosophi, sed ne imperatores quidem ipsi sine ignominia possint ignorare. Siquidem et apud Homerum Agamemnonem illum uidemus ut stolidum notatum, quod numeros ignorauerit; nec certe aliter fieri potuit. Siquidem et diuinus ille Plato Arithmetice omnium maxime et ingenium acuere, et memoriam confirmare, et animum ad omnem contemplationem efficere multo promptiorem existimauit.

Geometria

De qua plura dicerem, nisi et Geometriam uiderem non minus circa numeros, quam circa formas, magnitudines, lineamenta et interualla occupatam; quam nullo modo possum tacitam praetermittere. Hanc siquidem uideo et apud Graecos in summo honore habitam fuisse, et a sapiente illo Pythagora inter primas mathematicarum artium annumerari.

Cuius scientiae tanta est certitudo, ut hi cogere, non persuadere dicantur; apud quos uidemus extrema primis, media utrisque, omnia omnibus respondere. Huius expertem discipulum diuinus ille Plato non admittebat, quod satis eius Scholae inscriptio admonet: *Ἀγεωμέτρητος οὐδεις εἰσίτω*, [20] quoniam, ut ille inquit, haec hominum animos terrenis his inhaerentes, ad aeternam illam naturam, quae intellectu tantum concipitur, diuinarumque rerum contemplationem erigit atque excitat; haec in eius quod semper est cognitione uersatur, haec essentiam ipsam per se ac puram contemplatur; quod certe totius philosophiae finis est. Atque ideo non immerito Alcinous

de desonestos cálculos lucrativos.⁶⁵ E até o notável Licurgo, acusando-a de populista e turbulenta e nada digna do homem, eliminou-a da República.⁶⁶

Engenho e mente um tanto divina são necessários àquele que quiser considerar a Aritmética simples e pura.

Pitágoras admirava-a e não sei que lhe encontrava de divino que não podia ver-se com os olhos nem apreender-se com os sentidos. Julgava que a própria alma era um número,⁶⁷ ou que, pelo menos, as almas se associavam aos corpos por uma certa disposição de números.⁶⁸

Mas porque não? Porventura as Letras Sagradas não nos ensinam que Deus Ótimo Máximo tudo executou com número, peso e medida?⁶⁹ Pois quê? Acaso o grande Sócrates, segundo Platão, não julgou dever começar pelos próprios números, para provar a composição do mundo? Para esse efeito, não quis mais nem menos que três.

Não nos admiremos, pois, se Pitágoras fixava em números as órbitas dos astros e as reproduções dos animais.⁷⁰ E tanta divindade atribuía à unidade, que dizia só ela favorecer a amenidade do clima, a virtude nas almas, a saúde nos corpos, a paz nos lares e nas cidades;⁷¹ dizia ainda que dela [19] recebemos o princípio e o fim de todas as virtudes.

Mas um dia não me bastaria,⁷² se eu quisera expor a divindade da mónade e da tríade, a estabilidade e o poder do quaternário e quinário e, finalmente, a perfeição do novenário.⁷³

Basta dizer só isto: tão grande é a excelência da Aritmética, que nem só os filósofos, como nem mesmo os próprios generais podiam ignorá-la sem desonra. Vemos, com efeito, que, em Homero, o famoso Agamémnon é considerado estulto por ignorar os números. Nem podia ser de outro modo, já que o divino Platão tinha como certo que a Aritmética aguçava maximamente o engenho de todos, consolidava a memória e tornava o espírito muito mais apto a todo o tipo de especulação.⁷⁴

Acerca da Aritmética muito mais diria, se eu não visse a Geometria não menos ocupada dos números, do que das formas, grandezas, linhas e espaços.⁷⁵ Daí que não posso de modo algum deixá-la passar em silêncio. Aliás, vejo que também na Grécia ela foi tida na máxima consideração,⁷⁶ sendo mesmo incluída pelo famoso e sábio Pitágoras entre as primeiras das artes Matemáticas.

Geometria

Tamanho é o rigor desta ciência, que se diz que os géometras obrigam, não persuadem:⁷⁷ com eles aprendemos que os termos finais correspondem aos primeiros, os médios a uns e outros, e tudo a todos.⁷⁸ O preclaro e divino Platão não admitia, como seu discípulo, quem ignorasse a Geometria; e a inscrição da sua escola bem adverte para este facto: *Ἀγεωμέτρητος οὐδεις εἰσίτω*.⁷⁹

[20] Na verdade, como ele diz, a Geometria estimula os espíritos dos homens, apegados às coisas terrenas, para que se voltem para aquela natureza eterna que só pelo intelecto é apreendida, e eleva-os até à contemplação das coisas divinas;⁸⁰ ocupa-se do conhecimento daquilo que sempre é, considera a própria e pura essência

ille eorum operam et cogitationem irridere solebat, qui se ad Geometriam alterius alicuius finis gratia conferebant. Est enim, ut ille inquit, cinclo pauperior, et nudior leberide.

Geometriae tamen tanta est excellentia, ac paene diuinitas, ut summus uir Flauius Iosephus dicere non dubitauerit primis illis Aegyptiis Deum Optimum Maximum longiorem uitam concessisse, quod uirtutes ipsas, hoc est, Geometriam et Astrologiam perscrutarentur. Deumque praepotentem diuinus ille Plato omnia geometrica quadam ratione dicit constituisse; nec mirum. Hac enim una ius aequitasque ipsa continetur, haec omnia pro ratione ac dignitate disponit, nil permiscet, bonorum ac malorum insigniter discernit inaequalitatem. Quod cum satis intelligeret Lacedaemonius ille Lycurgus Geometriam in Rempublicam admisit.

Huius figuram cum Socraticus ille Aristippus naufragus et nudus in Rhodiorum** litore descriptam uideret, coepit exultare, sociosque bono animo esse iussit; quod ibi hominum uestigia conspiceret.

[21] At uero si utilitatem spectamus, eam maximam cum Geometria coniunctam inueniemus.

Atque ut omittam Deorum immortalium templa augustissima, domos magnificas, urbes atque arces munitissimas, singularem columnarum elegantiam, Corinthia illa, Dorica, Ionica et Toscana opera, agrorum limites, agricolarum rusticorumque hominum industriam, nihil terrae sine geometrica quadam mensura committentem, nonne Socrates ille hanc et ad rem bellicam maxime necessariam existimabat? Siquidem hac ac castra ponenda, ad regionem occupandam, ad turmas dilatandas rursusque colligendas, ad machinas denique construendas uti solemus.

Denique id unum dicam, sine Geometria non modo haec, sed nec rerum omnium speciem et pulchritudinem, quae in partium omnium proportione, uenustaque symmetria posita est, posse consistere.

Sed iam ad hominem ipsum iterum redeamus, cuius uultum si adhuc contemplemur, uidebimus oris effigiem et speciem, Deus bone, quam elegantem, quam utilem, quam necessariam cum alia multa, tum maxime ad id quod animo conceperis explicandum.

Grammatica

Cuius primam considerationem Grammatica sibi suo iure uendicat. Quae nominum rationem, elementorumque cognitionem considerat, res quidem, ut maxime necessaria, ita certe et natura prior.

Nec tam exigua, quin Socrates [22] apud Platonem dicat nominum rationem inquirere maximi momenti esse, sine qua, inquit, nec rerum

** *Alli* Syracusarum.

por si mesma – o que, seguramente, é o fim de toda a filosofia. Por isso, não sem razão, Alcínoo costumava zombar da obra e cogitação daqueles que se aplicavam à Geometria para um fim de qualquer outra ordem. Com efeito, como ele diz, esse é mais pobre do que o melro de água e mais desnudo que a serpente.⁸¹

É tão grande a excelência da Geometria e a sua quase divindade, que o ilustre varão Flávio Josefo não hesitou em dizer que Deus Ótimo Máximo concedeu uma vida mais longa aos primeiros e ilustres Egípcios, porque perscrutavam as próprias virtudes, isto é, a Geometria e a Astrologia.⁸² E o divino Platão afirma que Deus onnipotente criou todas as coisas segundo um determinado cálculo geométrico.⁸³ Nem admira, pois só na Geometria se contém o direito e a própria equidade; ela tudo dispõe segundo a razão e a dignidade; nada mistura e, de uma maneira singular, distingue a dissemelhança entre o bom e o mau. Por ter compreendido bem o papel desta ciência, Licurgo, o famoso lacedemónio, introduziu o estudo da Geometria na República.⁸⁴

Como o socrático Aristipo, naufrago e nu, visse desenhada uma figura geométrica na praia de Rodes**, começou de exultar e recomendou a seus companheiros que tivessem coragem, pois aí distinguia vestígios humanos.⁸⁵

[21] Se repararmos na utilidade em si mesma, descobriremos ser muito grande a que acompanha a Geometria.

E, para já não me referir aos templos augustíssimos dos deuses imortais, aos edifícios sumptuosos, cidades e fortalezas bem protegidas, à singular elegância das colunas – aquelas célebres obras coríntias, dóricas, iónicas e toscanas –, aos limites dos campos, à actividade dos agricultores e camponeses, para já não referir quem afirma confiante que nada na terra existe sem uma certa medida geométrica, porventura o grande Sócrates não a julgava extremamente necessária para a estratégia militar? Com efeito, costumamos fazer uso dela para a colocação de acampamentos, ocupação de territórios, aumento e retirada dos batalhões e, finalmente, para a construção das máquinas de guerra.

Numa palavra, sem a Geometria não podem subsistir nem estas vantagens, nem mesmo a forma e a beleza de todas as coisas, a qual reside na proporção, graça e simetria de todas as partes.

Mas voltemos de novo ao Homem.

Se contemplarmos ainda o seu rosto, veremos a forma e o aspecto da sua boca. Santo Deus, quão graciosa ela é e quão útil e necessária para explicar muitas e diversas coisas, mas, acima de tudo, para explicar aquilo que se apreende pelo espírito!

E a primeira reflexão sobre isso é reivindicada, por direito próprio, pela Gramática. Ela considera a natureza dos nomes e o reconhecimento dos elementos, coisa tão prioritária na ordem natural, como extremamente necessária.

Nem a Gramática é de tão pouco valor que Sócrates, [22] segundo Platão, não diga ser da máxima importância inquirir a natureza dos nomes, sem a qual, diz

Gramática

** Ou de Siracusa, segundo outros.

essentiae doceri, nec discerni possent. Cumque ingenue fateatur se in his nescire quid uerum sit, rem tamen diligenti inuestigatione dignam existimat. Quae si quis diligentius contempletur, non solum cognitionem summam, sed et latentem quandam diuinitatem inueniet.

Quod intelligens, M. Fabius ait latere in his multarum rerum subtilitatem, quae non modo puerilia ingenia, sed altissimam eruditionem ac scientiam possit exercere.

Hisque uelut fundamentis iactis iam sese Grammatica ipsa ad Poëtarum tractationem historiarumque cognitionem erigit atque extollit. Grammaticosque ipsos M. Tullius ad poëtarum diuinitatem, quos interpretantur, maxime dicit accedere.

Poesis

Poëtas cum dico, absit omnis uerbo inuidia, hominum genus maxime diuinum dico. Quos et sapientes et uates antiquitas appellabat, ac uelut sanctos, hoc est, deorum aliquo dono et munere commendatos uenerabatur. Quin et Socrates cum apud Platonem poëtas deorum interpretes uocaret, poemata ipsa diuina potius, quam humana opera esse existimat.

Quod intelligens ille ait:

Est Deus in nobis, sunt et commercia caeli.

Quare eum qui Archilochum poëtam occiderat sic a templo deus Apollo deterret:

Vatem occidisti, a templo procul ito, profane.

[23] Poëtarum fictiones uideo Chrisippum illum ad Philosophiam traduxisse, quos et Pythagoras et Aristoxenus optimos morum magistros appellabat.

Vnde et ille ait:

*Os tenerum pueri balbumque poëta figurat,
Torquet ab obscenis iam nunc sermonibus aurem.
Mox etiam pectus praeceptis format amicis,
Asperitatis et inuidiae corrector et irae.*

Poëtas, igitur, qui condemnat, nescio quomodo Mosem illum defendet quem primum omnium tradunt post maris Rubri transgressum carmine hexametro Deo gratias egisse. Quem imitatus Daud a proeliis expeditus, cantica in Dei honorem componebat. Vnde et Hieronymum interrogantem uidemus: Quid Isaiae Cantico pulchrius? Quid Iob perfectius, quid Salomone grauius?

Historia

Sed iam nec his Grammatica contenta Historiam omnem perquirat, quam M. Tullius temporum testem, ueritatis lucem, uitam memoriae, magistram uitae et nuntiam uetustatis appellauit. Sine qua pueri semper sumus. Siquidem quid aliud est, puerum semper esse, quam nescire quid ante nos actum sit?

ele, não podem ser ensinadas ou discernidas as essências das coisas. Conquanto confesse lealmente não saber o que haja de verdadeiro nestas matérias, julga todavia este assunto digno de uma investigação diligente. E se alguém reflectir mais cuidadosamente nestes pontos, não só descobrirá um superior conhecimento, mas também como que uma divindade escondida.

Compreendendo esta afirmação, Marco Fábio diz que na Gramática se esconde a subtileza de muitas coisas, subtileza essa que não só possibilita o exercício da inteligência das crianças, mas ainda proporciona uma profunda erudição e saber.⁸⁶ Lançados como que estes alicerces, a Gramática já por si se ergue e eleva até ao estudo dos poetas e ao conhecimento da História.⁸⁷

Marco Túlio afirma que os próprios gramáticos se aproximam muito da sublimidade dos poetas, porque os interpretam.⁸⁸

Quando falo em poetas, seja-me permitido dizê-lo,⁸⁹ refiro-me a uma espécie de homens particularmente divina.⁹⁰ A Antiguidade proclamava-os sábios e vates e venerava-os como sagrados, isto é, confiados por algum dom e graça dos deuses.⁹¹ Mais ainda: Sócrates, segundo Platão, ao chamar aos poetas intérpretes dos deuses, considera os próprios poemas obras antes divinas que humanas.

Porque isto compreendeu, diz o poeta:

*Um deus está em nós, estamos também em relação com o céu.*⁹²

Por isso, o deus Apolo afasta assim, do seu templo, aquele que matara o poeta Arquíloco:

*Mataste o vate! Vai-te, ímpio, para longe do templo!*⁹³

[23] Vejo que o notável Crisipo transferiu para a Filosofia as criações dos poetas, a quem não só Pitágoras, mas também Aristóxeno designavam como os melhores censores dos costumes.

Daí que aquele famoso poeta diga também:

*O poeta forma a linguagem terna e balbuciente da criança;
Afasta, desde então, o ouvido, das palavras obscenas;
Forma também, depois, o coração com conselhos amigos.
É o censor da violência, da inveja e da ira.*⁹⁴

Portanto, quem condena os poetas não sei como defenderá Moisés, que, segundo dizem, foi o primeiro de todos a render graças a Deus em verso hexâmetro, após a travessia do mar Vermelho.⁹⁵ Imitando-o, David, liberto dos combates, compunha cânticos em honra de Deus.⁹⁶ E vemos Jerónimo que interroga: Que há de mais belo que o cântico de Isaias, mais perfeito que Job, mais grave que Salomão?

Mas a Gramática, não confinada só a estes pontos, inquire toda a História, a que Marco Túlio chamou testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida e mensageira do passado.⁹⁷ Sem ela somos sempre crianças. Pois que outra coisa é ser-se sempre menino, senão desconhecer o que antes de nós se realizou?

Quod cum uideret Aegyptiorum sacerdos antiquissimus, Atheniensem illum Solonem, quamuis sapientum sapientissimum, sic alloquitur: O Solon, Solon, Graeci pueri semper estis, nec quisquam in Graecia senex est. Semper enim uobis iuuenis est animus, in quo nulla ex uetustatis commemoratione prisca opinio, nulla cana scientia est.

Eloquentia

At uero quoniam Grammatica ipsa [24] suis limitibus contenta ulterius non progreditur, uerbisque tantum simplicissimis mentis cogitata explicat, Deorum munere facultas multo uberior est hominibus concessa, qua animi consilia copiosius et elegantius explicare et eloqui possent. Hanc Graeci Rhetoricem, Romani Eloquentiam uocarunt; quasi quandam copiose loquentem sapientiam.

Cuius tanta est excellentia ut eam Sophocles rerum omnium dominam ac reginam appellet. Nec certe immerito, si quidem hanc et pacis comitem, et otii sociam, et bene constitutae ciuitatis uelut quandam alumnam esse uidemus. Vnde summo ingenio uir Aristoteles ait, non nisi tyrannis e Sicilia eiectis, Siculos homines ad eloquentiae studium animum adiecisse.

Tyrannide enim, ut ceterae omnes uirtutes, ita etiam maxime eloquentia euanescit.

Haec siquidem una et ad uirtutem ardentius cohortari, a uitiiis acrius reuocare, improbos uituperare asperius, bonos laudare ornatus cupiditatemque uehementius frangere solet accusando. Quae cum sublata sunt, non modo praeclara aliqua Respublica, sed ne uel minima quidem hominum societas potest consistere.

Siquidem hac, ut M. Tullius inquit, cohortamur, hac persuademus, hac consolamur afflictos, hac perterritos a timore deducimus, hac gestientes comprimimus, hac cupiditates iracundiasque restinguimus, haec nos iuris, legum, urbium societate deuinxit, [25] haec a uita immani et fera segregauit.

Nec certe alios aut philosophos, aut iureconsultos, aut imperatores denique excellentes fuisse uidebimus, nisi eos qui sese maxime eloquentiae tradiderunt. Atque ut alios omittamus, Themistocles certe ille, Pericles et Theramenes, non solum rerum gestarum gloria conspiciendi, sed et incredibili eloquentia in Republica admirandi uersabantur. Eamque summi illi imperatores non solum sibi ornamento, sed et maxime necessariam existimabant.

Nam quomodo sine hac aut fractos iacentesque militum animos excitare, aut ferociores refrenare, aut denique dubius poterit confirmare? Quomodo sine eloquentia aut homines mortem optare incipient, aut saltem timere desistent? Quomodo denique sine hac quisquam aut grauissimos labores contemnet, aut dolores mortisque metus ex animo deponet?

Hanc igitur cum diuinus ille Homerus imperatori maxime necessariam uideret, in Achillis clypeo causas et oratores depictos fuisse dicit; eloquentemque ipsum non hominem, sed deum quandam appellat.

Como compreendia bem esta questão, um sacerdote egípcio muito notável falou assim ao ateniense Sólon, apesar de ser o mais sábio dos sábios: “Ó Sólon, Sólon, vós, os Gregos, sois sempre crianças, e na Grécia ninguém há que seja velho. É sempre jovem a vossa alma; nela não há nenhuma crença antiga proveniente da lembrança da velhice, nenhuma ciência encanecida”.⁹⁸

Ora, porque a Gramática, [24] contida nos seus próprios limites, não vai mais longe, e explica os conceitos apenas por palavras muito simples, uma faculdade muito mais fecunda foi concedida aos homens, como um dom dos deuses, pela qual possam expor e desenvolver com mais eloquência e elegância as deliberações do espírito. Os Gregos chamaram “Retórica” a esta faculdade e os Romanos “Eloquência” – uma espécie de sabedoria que se exprime copiosamente.

Eloquência

Tão grande é a excelência que ela possui, que Sófocles a chama senhora e rainha de todas as coisas.⁹⁹ E não sem que ela o mereça, se virmos que é a companheira da paz e a amiga das horas de lazer e como que filha de uma sociedade bem constituída. Assim, Aristóteles, homem do maior talento, diz que, não tendo sido expulsos da Sicília senão os tiranos, os Sículos entregaram o seu espírito ao estudo da Eloquência.¹⁰⁰ Com efeito, durante a Tirania, tal como todos os outros valores do espírito, também a eloquência se dissipou profundamente.

Só ela, de facto, costuma, ao mesmo tempo que censura, exortar mais calorosamente à virtude; afastar mais energicamente dos vícios; repreender, com mais aspereza, os maus; louvar, com mais elegância, os bons e, com mais veemência, refrear a cobiça.¹⁰¹ Quando estas vantagens são suprimidas, não só nenhum preclaro governo pode subsistir, como nem sequer nenhuma sociedade humana, por mais pequena que seja.

Como afirma Marco Túlio, com a Eloquência exortamos, persuadimos, consolamos os aflitos, afastamos do medo os aterrorizados, reprimimos os demasiado expansivos, extinguímos as cobiças e as iras; ela nos vinculou à comunidade do direito, das leis, das cidades [25] e nos afastou de uma vida desumana e selvagem.¹⁰²

E veremos que, entre filósofos, juriconsultos ou, enfim, generais, não foram excelentes senão aqueles que se dedicaram, em elevado grau, à eloquência. E, para não nos referirmos a outros, tomaram parte na vida política, sem dúvida o famoso Temístocles, Péricles e Terâmenes, sendo não só notáveis pela glória dos seus feitos, mas ainda dignos de admiração pela sua eloquência inacreditável. Os generais mais eminentes, além de a considerarem como uma honra para si próprios, julgavam-na extremamente necessária.

Na verdade, sem ela, como se poderão fazer ressurgir os ânimos enfraquecidos e abatidos dos soldados, refrear os mais ferozes, ou encorajar os indecisos? Sem ela, como começarão os homens a desejar a morte¹⁰³ ou, pelo menos, como deixarão de a temer? Finalmente, sem ela, como deixará alguém de reear os árduos trabalhos ou as dores, e afastará do seu espírito o medo da morte?

Como o sublime e divino Homero visse que a Eloquência era extremamente necessária a um general, conta que foram pintadas, no escudo de Aquiles, situações e oradores¹⁰⁴ e chama ao próprio orador não um homem, mas verdadeiramente um deus.

Dialectica

Verum eloquens ipse quamuis per se satis excellens sit, tamen, Deus bone, quanto erit excellentior ac diuinior, si incredibili dicendi facultati uicinam illam ac finitimam dialecticorum scientiam adiungat! Sine qua, qui in reliquarum doctrinarum inquisitione et studio uersantur, non minus mihi temerarie [26] facere uidentur, quam qui in Cretensium labyrintho errantes, sese inde sine aliquo Daedalo putant euasuros.

Nam quod magis praeposterum studium esse potest, quam sic uelle in scientiarum cognitione uersari, ut non intelligas quae uera, quae falsa sint, quorum tractationem uniuersam sibi una Dialectica uindicauit?

Sine hac existimabat M. Brutus sicut nec eloquentiam, ita etiam nec reliquas scientias nos posse consequi.

Atque, ut alios omittam, nunquam certe Seruius ille Sulpicius in Iuris prudentiae studio tam excellens extitisset, nisi (ut cum M. Tullio loquar) artem hanc omnium artium maximam, et quasi lucem, ad ea quae ab aliis tractabantur et respondebantur, adiunxisset.

Haec certe una rem uniuersam docet in partes distribuere, latentem definiendo explicare, obscuram explanare interpretando, ambigua primum uidere, deinde distinguere, postremo habere regulam qua uera et falsa iudicentur; et quae quibus propositis sint quaeque non sint consequentia.

In hac uideo summos omnes philosophos diligentissime elaborasse, in qua Antipater et Archidemus principes extiterunt.

Dialectices uim cum stoici perfectius intelligerent, Dialecticam ipsam, ad eas uirtutes de quibus ipsi disputabant, uirtutis nomine adiungebant. Quin et Socrates ipse apud Platonem cum reliquias scientias pertractasset, inquit: Sed quominus eas scientias supremas [27] appellemus, una nos disserendi prohibet facultas quae cum omnem adiunctam peritiam habeat, et circa id, quod est, ut uere est, penitus uersetur, arbitror omnes, quibus aliquid sanae mentis adsit, hanc omnium et dignissimam et uerissimam esse concessuros.

Diximus, auditores optimi, ut potuimus breuissime de omnibus his artibus, quae quia homine libero maxime sunt dignae liberales uocantur, quas ut ignorare turpe est, ita etiam in his consenescere est parum gloriosum.

Superest iam ut ad eas ueniamus quae uelut ceterarum omnium principes altiore ac profundiore cognitionem desiderant. Quas cum non secus quam aduersum solem caligantibus oculis intueor, Deus bone, quanta maiestas, quanta amplitudo, quanta denique diuinitas sese mihi offert!

De quibus certe tunc existimo satis dici, cum nil dicitur, et tacite praetermissae uniuscuiusque animo relinquuntur aestimandae. Nec unquam alia in re magis, quam in hac Timanthis illius Cythnii tabellam, qua Colotem Teium superauit, imitandam esse existimarem. Verum quoniam uos aliud uelle sentio, rem quamuis omnium grauissimam aggrediar, feramque multo

Se bem que o orador seja, já por si, assaz excelente, quanto mais excelente e sublime não será, Santo Deus, se à incrível faculdade oratória juntar aquela ciência dos dialécticos que lhe é tão próxima e afim!¹⁰⁵

Sem esta, os que se entregam à investigação e estudo das restantes artes parecem-me agir [26] não menos temerariamente do que aqueles que, errantes no labirinto de Creta, julgam se hão-de evadir daí sem a ajuda de um Dédalo.

Com efeito, que trabalho pode ser mais fora de propósito do que querer debruçar-se sobre o estudo das ciências sem que se distinga o que é verdadeiro e o que é falso?¹⁰⁶ Só a Dialéctica reivindicou para si todo o exercício destes conceitos.

Marco Bruto entendia que, sem ela, não é possível compreender nem a eloquência nem, do mesmo modo, as restantes ciências.

E para já não falarmos de outros, nunca o famoso Sérvio Sulpício teria sido tão excelente no estudo da Jurisprudência, se (conforme as palavras de Marco Túlio) não tivesse acrescentado esta arte – a maior de todas e como que uma luz para elas – àquilo que era tratado e refutado pelas outras. Sem dúvida, só a Dialéctica ensina a dividir o todo em partes; a explicar o oculto, definindo; a esclarecer o obscuro, interpretando; a considerar, primeiro, o que é ambíguo; depois, a distinguir e, por fim, a aplicar a regra pela qual se julgue o que é verdadeiro e o que é falso e aquilo que, perante premissas apresentadas, é ou não a sua consequência.¹⁰⁷

Verifico que todos os grandes filósofos se aplicaram muito diligentemente à Dialéctica, na qual se salientaram em primeiro plano Antípatro e Arquidemo.¹⁰⁸

Como os Estóicos compreendessem assaz perfeitamente a força da Dialéctica, juntavam esta arte, com o nome de virtude, àquelas mesmas sobre as quais eles próprios discorriam.¹⁰⁹ Mais ainda: o próprio Sócrates, segundo Platão, tendo estudado profundamente as restantes ciências, afirma: Mas só a dialéctica nos impede de que chamemos [27] supremas àquelas ciências, e, porque ela tem unida a si toda a perícia e se ocupa com profundidade daquilo que é, quando é de facto, julgo que todos aqueles que possuam alguma sensatez hão-de acabar por considerá-la como a mais digna e verdadeira de todas.

Havemos falado, mui benévolos ouvintes, o mais brevemente que pudemos, acerca de todas aquelas artes que, porque são altamente dignas de um homem livre, se chamam liberais.¹¹⁰ Ignorá-las é tão degradante, quanto é pouco glorioso envelhecer nessas circunstâncias.

É já tempo de nos voltarmos para aquelas que, como as primeiras de todas as restantes, exigem um estudo mais alto e mais profundo. Quando as observo, obscurecido o olhar, como se contemplara o Sol, Santo Deus, quanta majestade, quanta grandeza, quanta divindade, enfim, se me oferecem!

Julgo dizer-se o suficiente acerca destas artes, quando nada se diz e, tacitamente omitidas, são deixadas no espírito de cada um, para que sejam apreciadas. Nunca noutra matéria, mais do que nesta, eu pensei que devia ser imitada a pintura de Timantes de Cítnio com a qual superou Colotes de Teos.¹¹¹ Todavia, porque sei que sois de outra opinião, passarei a outro assunto, não obstante ser o mais importante de todos, e

aequiori animo facundiam desiderari, quam a uobis in me officium requiri; uestraeque humanitatis erit me et sudantem et anhelantem qua coepistis attentione beneuolentiaque audire.

Medicina

[28] Et quoniam, ut initio dicebamus, excellens hoc animal corpore infirmo et caduco constabat, diuino munere est hominibus Medicina concessa, quae circa corpus ipsam uersaretur, illudque non solum ab aduersa ualetudine conseruaret, sed iam lapsum in pristinam sanitatem reduceret. Atque ideo non immerito ab Herophilo Medicina scientia salubrium et insalubrium et neutrorum dicta est. Quod etiam uideo Hippocratem illum Coum ualde approbasse.

Huius scientiae tanta est excellentia, ut eam antiqui non ab alio, quam ab Apolline, inuentam fuisse dicant; Aesculapiumque eam hominibus tradidisse, eiusque liberos Podalyrium et Machaona in ea excellentes extitisse. Machaona certe, ut singularem imperatorem et excellentem medicum uideo ab Homero commendari. Qui cum in bello Troiano grauitur esset uulneratus, seruari cupiens, ait:

*ἡτρὸς γὰρ ἀνὴρ πολλῶν ἀντάξιος ἄλλων,
ιοὺς τ' ἐκτάμνειν ἐπὶ τ' ἤπια φάρμακα πάσσειν.*

Medicamentorum certe uim cum ueteres homines admirarentur, non iam medicamenta illa, sed *θεῶν χεῖρας* appellabant.

Harumque rerum professores etiam delubris excitatis tanquam deos uenerabantur. Vnde et pro diis cultos Aesculapium, Podalyrium, Machaona, Chironem et Hippocratem Coum accepimus. Cuius etiam natalis dies apud Coos festus habebatur. Quin et apud Aegyptios primus anni mensis a Thoone [29] primo apud illos Medicinae inuentore est cognominatus; quod praesentiens Hebraeorum doctrina iubet medicum honorari, quia eum propter necessitatem creauit Altissimus. Nam cum sanitatis Deus Optimus Maximus auctor sit, eiusque instrumentum natura, utrisque certe medicus minister est.

Quare cum Socrates de Medicina loquitur, hanc unam ait esse earum quae ad bonum tendunt; ad quam non solum uidemus summos philosophos, sed maximos etiam reges se contulisse.

Siquidem Hermes ille Aegyptiorum rex non solum his uirtutibus, quae regem decent, uoluit excellens esse, sed etiam Medicinae cognitione admirandus. Quod idem Mithridatem illum Persarum regem fecisse uideo.

Medicum, igitur, qui contemnit, secundum post Deum uitae auctorem contemnit; et sese hostem lucis ac uitae profiteatur est necesse.

Medicinam, quae solum corpus contemplatur, si tantopere antiqui homines commendarunt, quanto nos magis et admirari et uenerari ea par est quae non corpus, sed animum ipsum tractant, ac perficiunt!

Tanto certe haec sunt excellentiora, quanto corpore animus est diuinior, quem et sempiternum et immortalem esse, non solum Christiani homines credimus, sed et Pherecidem illum Cyrum primum uideo dixisse, eius

suportarei com muito mais resignação que lamenteis em mim falta de facúndia do que falta do cumprimento do dever. E será próprio da vossa bondade ouvir-me – a mim que já estou suado e ofegante – com a atenção e benevolência com que começastes.

[28] Visto que, como dizíamos no início, este animal excelente constava de um corpo enfermo e caduco, foi concedida aos homens, como dom divino, a Medicina, para que se ocupasse do próprio corpo e não só o defendesse da doença adversa, mas também, uma vez desfalecido, o restituísse à primitiva saúde. Por tal, e não sem que ela o mereça, a Medicina foi chamada por Herófilo a ciência dos sãos, dos doentes e dos neutros.¹¹² Hipócrates de Cós aprovou inteiramente esta definição.

Medicina

É tal a superioridade desta ciência, que os antigos dizem ter sido descoberta não por qualquer humano, mas por Apolo,¹¹³ tendo sido confiada aos homens por Esculápio, e que nela foram excelentes os filhos deste – Podalírio e Macáon. De facto, vejo que Macáon é elogiado por Homero como singular general e médico excelente, o qual, tendo sido ferido gravemente na guerra de Tróia, desejoso de se curar, murmura:

*ἰητρὸς γὰρ ἀνὴρ πολλῶν ἀντάξιος ἄλλων,
ιοὺς τ' ἐκτάμνειν ἐπὶ τ' ἦπια φάρμακα πάσσειν.*¹¹⁴

Na verdade, os antigos admiravam a força dos remédios, chamando-lhes por isso, não já remédios, mas sim *θεῶν χεῖρας*.¹¹⁵

Os mestres desta ciência eram também venerados como deuses, em templos edificadas para esse fim. Donde o terem chegado até nós, honrados como deuses, Esculápio,¹¹⁶ Podalírio, Macáon, Quíron e Hipócrates de Cós. O dia do aniversário deste era tido em Cós como dia festivo. Mais ainda: no Egipto, o primeiro mês do ano foi designado por Tóon, [29] nome do primeiro criador da Medicina entre este povo.

Em sintonia com esta veneração, a doutrina dos Hebreus ordena que se honre o médico, porque foi o Altíssimo que, por força da lei natural, o criou.¹¹⁷ Com efeito, se Deus Ótimo Máximo é o autor da saúde e a natureza o Seu instrumento, o médico é incontestavelmente o ministro de uma e de Outro.¹¹⁸

Sócrates, falando da Medicina, afirma que é a única das ciências que tendem para o bem e vemos que não só os maiores filósofos, como até os maiores reis se dedicaram a ela.

Assim, o famoso Hermes, rei dos Egípcios, além de querer ser excelente por aquelas virtudes que convêm a um rei, quis também ser admirado pelo estudo da Medicina. Vejo que o célebre Mitridates, rei dos Persas, fez o mesmo.

Na verdade, aquele que despreza o médico despreza o segundo autor da vida depois de Deus, e necessariamente se confessa inimigo da luz e da vida.

Se os antigos tanto louvaram a Medicina, que somente diz respeito ao corpo, quanto mais justo é que admiremos e honremos aquelas ciências que estudam e aprofundam o conhecimento não do corpo, mas da própria alma!

Elas são, sem dúvida, tanto mais excelentes, quanto a alma é mais divina que o corpo. E nem só nós, os Cristãos, cremos na sua eternidade e imortalidade: Ferecides

discipulum Pythagoram confirmasse, Platonemque illum non solum approbasse, sed etiam rationem afferre [30] conatum fuisse.

*Iuris
prudentia*

Circa igitur animi ipsius dispositionem, ordinationemque primo Iuris prudentiam uersantem uideo. Cuius tanta est maiestas tantaque amplitudo, ut de ea dicturus, initium quidem uideam, exitum certe nesciam qualem mea sit habitura oratio. Nam cuius aut ingenii, aut eloquentiae erit, legis diuinitatem circa quam tota Iuris prudentia uersatur, non dico laudare, sed uerbis tantum explicare?

Quam cum Socrates ille admiraretur, quid amplius diceret, non habuit, nisi legem ipsam, ueritatis certam quandam esse inuentionem. Atque ideo lex sapientissimorum hominum sententia nihil aliud est, quam aeternum quiddam, quod uniuersum mundum regit imperandi prohibendique sapientiam continens. Eamque principem legem mentem esse ducebant omnia pro ratione cogentis, aut uetantis Dei. Quod cum satis intelligeret Chrysippus ille stoicae sapientiae facile princeps, legem humanarum omnium diuinarumque rerum principem et reginam constituebat. Eamque Demosthenes ille cum propter multa alia, tum maxime quia munus donumque Dei esset, uenerandam existimabat. Hanc Pindarus hominum diuumque reginam appellat; et certe non immerito. Nam sine hac, quid sanctum, quid religiosum esset, quod non hominum amentia et temeritas uiolaret? Sine hac quomodo pietas, quomodo religio, quomodo excellens aliqua [31] Respublica posset consistere?

Qua cum nihil, quod quidem in terris fiat, gratius aut acceptius principi illi Deo sit, legem hominibus dedit, qua intelligerent quid illis esset natura concessum, quae esset hominum inter se coniunctio, quae naturalis societas. Sine lege igitur omnia haec, non secus quam corpus sine animo, corruant ac dilabantur, est necesse.

Quod ne fieret statim, ut inquit ille:

*Cum proreperunt primis animalia terris,
Mutum et turpe pecus, [.....]
Oppida coeperunt munire et ponere leges,
Neu quis fur esset, neu latro, neu quis adulter.*

Legis igitur excellentiam cum primi illi homines uiderent, et utilitatem sentirent, tantarum rerum auctores non homines, sed deos esse existimarunt. Vnde Aegyptiis Mercurium, Atheniensibus Mineruam, Carthaginensibus Saturnum, Siculis Apollinem, Romanis Egeriam nympham leges tradidisse creditum est.

At uero legum fontes ac capita una Iuris prudentia uidet et interpretatur. Quam si quis contempletur uidebit eam omnem aliam quamuis gloriosam philosophiam facile superare.

Siquidem in hac non opinionibus infinitis, non concertationum plenis disputationibus, sed auctoritate nutuque legum docemur, domitas habere libidines, coercere cupiditates, nostra tueri, ab alienis mentes, oculos,

de Siro foi o primeiro a afirmá-lo; Pitágoras, seu discípulo, o confirmou, e o sublime Platão não só o aprovou, como procurou alegar [30] uma explicação.¹¹⁹

Ocupar-me-ei, em primeiro lugar, da Jurisprudência, que versa a disposição e ordenação do próprio espírito. É tal a sua majestade e grandeza, que, para falar dela, vejo o começo, mas ignoro como terminará a minha exposição. Jurisprudência

Pois, de que engenho ou eloquência será próprio, não digo louvar, mas somente explicar por palavras, a sublimidade da lei, de que trata toda a Jurisprudência?

O grande Sócrates, que tanto a admirava, outra coisa não teve a dizer mais senão que a própria lei é uma descoberta segura da verdade. Por conseguinte, a lei, sentença de homens sapientíssimos, não é mais do que algo de eterno que, contendo a sabedoria daquilo que deve ordenar e proibir, rege o mundo em universal. E esses sábios formulavam que a primeira lei é o pensamento de Deus, que tudo obriga ou proíbe segundo a razão.¹²⁰

Crisipo, sem contradito o chefe da sabedoria estoíca, porque compreendia suficientemente esta questão, constituiu a lei como a primeira e rainha de todas as coisas humanas e divinas. O notável Demóstenes considerava que ela devia ser venerada por muitas e várias razões, mas sobretudo porque era uma mercê e um dom de Deus.¹²¹ Píndaro chama-a rainha dos homens e dos deuses;¹²² e não imerecidamente, pois, sem ela, que haveria de sagrado e religioso que a loucura e temeridade dos homens não violasse? Sem ela, como poderia subsistir a virtude, a religião ou algum [31] Estado excelente?

Como nada que existe na terra é mais querido e agradável a Deus soberano do que a lei, deu-a Ele aos homens, pela qual compreendessem o que lhes fora concedido pela natureza, qual a relação dos homens entre si, qual a sociedade natural.¹²³ Na verdade, forçoso é que, sem a lei, todos estes atributos, não menos que o corpo sem alma, desabem e se dissipem.

Para que isto não sucedesse permanentemente, como diz o famoso poeta:

*Quando da primitiva terra saíram, rastejando, os seres vivos,
gado mudo e borrendo,[.....]
começaram a construir fortalezas e a decretar leis,
para que ninguém fosse salteador, ladrão ou adúltero.*¹²⁴

Com efeito, como os homens primeiros vissem a excelência da lei e sentissem a sua utilidade, julgaram autores de tão grandes coisas não os homens, mas os deuses. Daí, que se tenha acreditado que Mercúrio transmitiu as leis aos Egípcios, Minerva aos Atenienses, Saturno aos Cartagineses, Apolo aos Sículos e a ninfa Egéria aos Romanos.¹²⁵

Ora, só a Jurisprudência vê e interpreta as causas e as origens das leis. Se alguém a considerar, verá que ela facilmente supera toda e qualquer filosofia, por mais gloriosa que seja.

Nela somos ensinados, não por opiniões indefinidas, não por discussões cheias de controvérsia, mas por autoridade e imperativo das leis, a dominar as paixões, refrear as cobiças, velar pelos nossos bens e afastar dos bens alheios o nosso

manus [32] abstinere. Haec una et iure cauere, et consilio iuuare, et scientia prodesse potest. Huius interpretationi cum summa antiquitatis cognitione mira quaedam suauitas et delectatio coniuncta est.

Hac ad senectutem ornandam et celebrandam nullum potest esse honestius perfugium, haec non solum nos sed et domos nostras potest a solitudine uindicare, potestque Iurisconsulti domus uelut totius ciuitatis oraculum illud usurpare, quod apud Ennium de se Apollo Pythius dicebat:

*«Omnes mei ciues consilium a me expetunt,
Suarum rerum incerti, quos ego mea ope,
Ex incertis certos, compotesque consili
Dimitto, ut ne res temere tractent turbidas.»*

Vnde quis non uidet quam sint contemnendae imperitae multitudinis uoces, Iuris prudentiam uelut turbulentam ac litigiosam condemnantes, quae cum dicunt, alterum horum euadere certe non possunt: aut se totius rationis humanaeque societatis hostes esse, aut in iuris ignoratione, quae litigiosa est, penitus uersari.

Quae omnia tanto magis Iurisconsulti omnes suo quodam iure contemnent, quanto magis, quibus eos uerbis Apollo ille Pythius Lycurgi nomine salutet, inspexerint. Sic enim ait:

*Te mea conspicio uenientem in templa, Lycurge,
Quem chorus omnis amat Diuum, quem Iuppiter ipse;
Sis ne Deus dubito, uel sis mortalis habendus,
Sed potius te spero Deum numenque, Lycurge.*

[33] Haec omnia, quamuis maxima sint, tamen nescio quid maius ac diuinius hominum animus, praesertim Christianus, requirit, quod ipsum plane perficiat, et in quo possit omnino conquiescere.

Theologia

Id autem unum est sacrosancta illa Theologia, de qua acturus, uideo multo maiora mihi necessario praetermittenda, quam dicenda esse. Nec quidquam plane dicerem nisi Dei Optimi Maximi, cuius hoc totum munus est, auxilio confisus. Qui et mutas hominum linguas in suauissimum sermonem et eloquium soluere est solitus.

Theologiam cum dico, ne me quisquam illam philosophorum, seu potius febricitantium hominum de diis commentationem, quam illi nimis temerarie Theologiam uocarunt, dicere existimet. Sed eam, cuius ne umbram quidem illi unquam uiderunt.

Per quam Deum Optimum Maximum et uitae et huius uniuersi, quod oculis cernitur, auctorem perfecte cognoscimus. In qua sola est sapientia; siquidem Deus ipse sapientia est et lux immensa, quae uniuersa illuminat. Quae certe lux ad nostram usque intelligentiam participationemque se transfundit, et reuelationibus et diuinis demonstrationibus, et mystica sacri eloquii enarratione, iisdemque gradibus humana mens ad suprema conscendit.

pensamento, [32] olhos e mãos.¹²⁶ Só ela pode acautelar pelo direito, ajudar pela deliberação e ser útil pela ciência.

Uma admirável suavidade e deleite foram acrescentados à sua interpretação, com o conhecimento profundo da Antiguidade.¹²⁷

Não pode haver nenhum recurso mais nobre para exaltar e honrar a velhice do que esta ciência; ela pode defender-nos da solidão a nós e nossas casas. A casa do Jurisconsulto – que é como um oráculo de toda a cidade – pode fazer uso daquelas palavras que, segundo Ênio, Apolo Pítio dizia a respeito de si mesmo:

*«Todos os meus cidadãos, me pedem conselho,
indecisos da sua sorte, e eu, mercê do meu poder,
de irresolutos que eram, despeço-os determinados e senhores das suas
deliberações, para que não pratiquem, temerariamente, acções violentas.»*¹²⁸

Por conseguinte, quem não verá como devem desprezar-se as vozes insensatas da multidão, que condenam a Jurisprudência como turbulenta e litigiosa? Quando falam, por certo não podem evitar uma destas posições: ou são inimigas de toda a regra e sociedade civilizada, ou encontram-se numa profunda ignorância do direito, que é litigiosa.¹²⁹

Todos os Jurisconsultos, por direito próprio, tanto mais desprezarão todas estas opiniões, quanto mais repararem nas palavras com que o divino Apolo Pítio os saúda na pessoa de Licurgo. Diz assim:

*Licurgo, vejo que vens aos meus templos.
Todo o coro dos deuses te ama, até o próprio Júpiter.
Não sei se deves ser considerado deus, se mortal,
mas, ó Licurgo, de ti espero antes um deus ou um nume.*¹³⁰

[33] Se bem que todos estas ciências sejam da máxima importância, não sei, todavia, que de maior e mais divino busque o espírito humano, sobretudo o cristão, que o realize plenamente e em que possa descansar em absoluto.

Isso, só a sacrossanta Teologia. E para falar acerca dela, vejo que necessariamente terei de omitir muito mais coisas do que dizer. E nada diria, se não confiasse no auxílio de Deus Ótimo Máximo, a Quem pertence inteiramente esta dádiva. Ele costuma soltar a língua muda dos homens para um suavíssimo diálogo e conversação.

Teologia

Quando falo em Teologia, ninguém julgue que me refiro à dos filósofos, ou antes, à dissertação de homens exaltados acerca dos deuses, à qual com demasiada temeridade chamaram Teologia. Dela esses nunca viram sequer a sombra!

Pela Teologia conhecemos perfeitamente Deus Ótimo Máximo, autor da vida e deste universo que se estende a nossos olhos. Só nela se encontra a sabedoria: o próprio Deus é sabedoria e luz imensa que ilumina todo o universo. Esta luz difunde-se até à nossa inteligência e participação, não só pelas revelações, demonstrações divinas, como também pela narração mística da Palavra Sagrada. Através destes mesmos degraus o pensamento humano eleva-se para o Alto. De

Nam sacra diuini eloquii inspectione, caelestia secreta cognoscens, in eorum quae non uidentur, cognitionem succedens, in ipsius tandem diuini numinis et [34] splendoris contemplatione conquiescit.

Circa hanc diuinam sapientiam summi illi philosophi densa obuoluti caligine uersabantur, nec unquam quid uerum esset intelligere potuerunt. Vnde et magnus ille Plato θεὸν μὲν εὐρεῖν οὐ ῥάδιον, γινῶναι δὲ ἀδύνατον esse affirmauit.

Huius cum se Socrates ille plane expertem uideret, ceteraque omnia nil in se certi aut ueri continere conspiceret, doctrinam non dissimulauit, sed se nil plane scire, nec ullam esse humanam sapientiam professus est. Quin et rex ille Ptolemaeus Theologiam ne attingendam quidem putauit, quod illam admirabili rerum excellentia insignem, humana imbecillitas comprehendere non posset. Nec certe mirum. Natura enim ipsa, cuius ipsi se professores esse dicebant, auctorem creatoremque suum praedicare, illuminare certe eorum animos non potuit.

Totum enim hoc munus, illius rerum omnium conditoris ac parentis est, qui oculis non uidetur et mente uix concipitur. Qui sola sapientia est, et cui ueritas patet uniuersa.

O excellentem sapientiam, quae nobis uitae auctorem demonstrat; o diuinam Theologiam, qua una uel decrepita anicula instructa philosophorum omnium sapientiam potest superare. Haec prima philosophia est, haec philosophiae summa, haec ueritatis perfectio. Hac et quid unusquisque nostrum sit, perfecte cognoscit, et quantam uim rerum optimarum [35] mens humana contineat, et cuius numeris colendi efficiendique causa nati et in lucem editi simus.

Haec una summum illum libertatis nostrae uindicem Christum docet, hominem Deum, et Deum hominem. At quem hominem? – Quem et nobiscum uersatum et, quae nostra est gloria, cruci affixum praedicamus. Qui nullis incantatis carminibus, nullis ad circumscribendos oculos magicis praestigiis, sed

πάντα λόγῳ πράττων, πᾶσαν νόσον ἐκθεραπεύων,

caecis ut uiderent, mortuis ut uiuerent, potuit imperare. Cuius in homines tanta fuit dilectio, tam excellens amor, ut non solum seruare humanum genus, sed et uersari et colloqui nobiscum perpetuo uoluerit. Ministrumque sibi ex hominum genere in terris reliquit, per quem quid ipse uellet cognosceremus, et quem nos imitati ad Deum ipsum maxime accederemus.

Pontifices

Hunc ille primo Petrum beatissimum constituit, in cuius postea locum pontifices nostri successerunt. Quorum tanta potestas est, ut nulla secundum Deum in terris sit maior. Quod forte praesagiens multo ante Numa ille Pompilius Romanorum rex, Pontificem primo creauit, cuius potestati non solum omnia sacrorum iura subiecit, sed eum iudicem et arbitrum diuinarum omnium humanarumque rerum constituit.

facto, conhecendo os segredos celestes pelo estudo sagrado da Palavra Divina, procurando o conhecimento daquilo que está oculto a nossos olhos, a nossa mente repousa, enfim, na contemplação [34] do Seu divino nume e esplendor.¹³¹

Os maiores filósofos, envoltos em densa bruma, tentavam estudar esta divina sabedoria, mas jamais puderam compreender o que fosse verdadeiro. Daí que o grande e sublime Platão tenha afirmado: *θεὸν μὲν εὐρεῖν οὐ ῥάδιον, γινῶναι δὲ ἀδύνατον*.¹³²

O famoso Sócrates, como se sentisse completamente afastado deste conhecimento e verificasse que tudo o resto não contém em si nada de certo ou verdadeiro, não dissimulou a sua cultura, mas confessou abertamente que nada sabia e que a sabedoria humana era nula. Mais ainda: o rei Ptolomeu considerava que a Teologia nem sequer devia ser abordada, porque a debilidade do espírito humano não tinha capacidade para abranger esta insigne ciência, devido à admirável excelência das questões.¹³³ Nem isso é de admirar, pois a própria natureza, da qual esses mesmos filósofos se diziam cultores, não pôde proclamar o seu autor e criador ou iluminar os espíritos deles.

Com efeito, este é um dom total do criador e pai de todas as coisas, o qual não se vê com os olhos e dificilmente se apercebe pela razão. Ele é a única sabedoria e n'Ele se manifesta a verdade universal.

Ó excelente sabedoria, que nos revelas o autor da vida! Ó divina Teologia, só tu, qual velhinha idosa e instruída,¹³⁴ podes superar a sabedoria de todos os filósofos! Esta é a primeira filosofia; esta é o ponto supremo da filosofia; esta, a perfeição da verdade! Por ela, cada um de nós conhece perfeitamente aquilo que é, quanta abundância de qualidades excelentes [35] encerra a mente humana e ainda para que missão e obra nascemos e viemos à luz.¹³⁵

Só a Teologia ensina Cristo, supremo defensor da nossa liberdade, Homem-Deus e Deus-Homem. Mas que Homem? Aquele que apregoamos ter vivido entre nós e – triste glória a nossa! – ter sido por nós crucificado.¹³⁶

Ele pôde imperar, servindo-se não de mágicas palavras ou mágicos prodígios para iludir os olhos, mas

πάντα λόγῳ πράττων, πᾶσαν νόσον ἐκθεραπεύων,¹³⁷

para que, pelos cegos, os homens vissem e, pelos mortos, vivessem.

Tão grande foi a Sua dedicação aos homens e tão sublime o Seu amor, que quis não só salvar o género humano, mas viver e dialogar perpetuamente connosco. Deixou, por isso, na terra, dentre a raça humana, um ministro Seu, através do qual conhecêssemos o que Ele quer e, imitando-o, chegássemos o mais possível até ao próprio Deus.

Instituiu primeiramente S. Pedro, em cujo lugar sucederam depois os nossos Pontífices. Tão grande é a autoridade deles que, depois de Deus, não há maior na terra. Pressentindo-a, casualmente, muito antes o célebre Numa Pompílio, rei dos Romanos, criou pela primeira vez um Pontífice, a cujo poder sujeitou todos os direitos sagrados, tendo-o instituído ainda juiz e árbitro de todas as coisas divinas e humanas.¹³⁸

Pontífices

Quae potestas tanto in nostris Pontificibus est excellentior, quanto magis est ab illorum hominum erroribus [36] et tenebris aliena.

*Ius
pontificium*

Ex hisce fontibus manat, pleno iam alueo, aureum illud flumen excellentem sapientiam continens, quam nos Pontificiam appellamus. De qua dicturus, optarem illud eloquentia posse efficere, quod olim aiunt excellentem illum Phidiam arte praestitisse. Qui Mineruam Athenis, Iouem in Elide Olympium ita dicitur effinxisse, ut eorum pulchritudo aliquid etiam adderet receptae hominum religioni.

Verum iuris pontificii sapientia tam excellens est, tam hominum saluti necessaria, ut ineptus sit qui illam eloquentia posse magis commendari existimet.

Haec siquidem et abdita illa sacramentorum Scripturarumque mysteria interpretatur, et ad hanc unam, ubi quid ambiguum inciderit, recurrendum est. Qua una sublata uidemus non religionem, non fidem, non caritatem, non pietatem denique posse consistere. Haec est animi peccantis medicina, haec recti atque integri conseruatricis; ad hanc confugiat est necesse qui nec peccantem impunitum, nec paenitentem sine miseratione relictum esse crediderit.

Huius contemptores expectant illa,

*Acherontia templa, alta Orci, pallida
Leti, obnubila, obsita tenebris loca.*

Audiuistis, auditores studiosissimi, doctrinarum scientiarumque omnium excellentiam.

Quae omnia nescio [37] qua temporum iniuria, et hominum ignauia, seu potius amentia, in nostra Lusitania sepulta erant; apud quos scelestae ea persuasio inualuerat ut non modo haec nescire, sed primas etiam litteras ignorare esset ualde gloriosum.

*Ioannes tertius
Rex Lusitaniae*

Perdurauitque haec hominum barbaries, donec Dei Optimi Maximi munere nostrae Lusitaniae rex est concessus Ioannes, nomine quidem tertius, regum uero omnium facile princeps; quem, ut Ennius Romulum, sic nos alloqui licet,

*[.....] O Maxime, Maxime die, o
Qualem te patriae custodem di genuerunt;
Tu produxisti nos intra luminis oras.
O pater, o genitor, o sanguen dis oriundum.*

De quo id dicere satis est, Rege Ioanne nec religiosiorem, nec sapientiorem, nec inuictum magis exteris nationes non modo non uidisse, sed nec optando, aut cogitando consequi potuisse.

Cuius ut imperium iisdem finibus, quibus et terrarum orbis terminatum, ut excellentes ac magnificos ab extremis usque Indis partos triumphos praetermittam; illud certe praetermittere non possum, quod omnibus his contemptis, aliunde gloriam multo solidiorem sibi existimauit comparandam. Voluitque uniuersam suam Lusitaniam quemadmodum ab hostibus, ita etiam

É tanto mais excelente o poder dos nossos Pontífices, quanto mais alheio é aos erros [36] e trevas desses homens.

Destas fontes, corre, já em pleno leito, aquele rio áureo que contém uma elevada sabedoria, a que chamamos Pontificia.

*Direito
pontificio*

Para discorrer sobre ela, eu desejaria poder realizar, com a eloquência, aquilo que, segundo dizem, outrora o excelente e sublime Fídias realizou com a arte. Diz-se que esculpiu Minerva em Atenas e Júpiter Olímpico na Élide, de tal maneira, que a beleza destas esculturas acrescentou algo mais à religião que os homens do tempo professavam.¹³⁹

Mas a sabedoria do Direito Pontifício é tão notável, tão necessária à salvação dos homens, que é inepto quem julgue poder exaltá-la mais pela eloquência.

Ela interpreta os mistérios ocultos dos sacramentos e das Escrituras e só a ela se deve recorrer quando surge algo de ambíguo. Uma vez suprimida, verificamos que nem a religião, nem a fé, a caridade, nem, enfim, a piedade, podem subsistir. Ela é o remédio da alma pecante,¹⁴⁰ a defensora da rectidão e da integridade. Nela se refugia necessariamente aquele que acreditar que não fica impune quando peca, nem abandonado sem misericórdia quando se arrepende.

Os que desprezam a Teologia esperam

*As regiões infernais do Aqueronte, as margens do Orco,
lugares pálidos, sombrios e tenebrosos do Letes.*¹⁴¹

Doutíssimos ouvintes, acabais de ouvir a excelência de todas as doutrinas e ciências.

E não sei [37] por que injúria dos tempos, por que ignávia dos homens ou, antes, por que demência, tudo isto esteve adormecido na nossa Lusitânia. Entre nós prevalecia a maldita convicção de que era deveras glorioso não só desconhecer estas coisas, como até ignorar as primeiras letras.

E esta incultura dos homens perdeu até que, por graça de Deus Ótimo Máximo, foi concedido à nossa Lusitânia o Rei D. João, terceiro de seu nome, sem contradito o príncipe de todos os reis,¹⁴² a quem, como Énio a Rómulo, nos é lícito dirigir assim:

*D. João III, rei
da Lusitânia*

[.....] *Ó Supremo, sumamente divino,
Os deuses te geraram guardião da pátria!
Tu nos conduziste para dentro das margens da luz!
Ó Pai! Ó Criador! Ó sangue oriundo de deuses!*¹⁴³

A respeito deste soberano, basta dizer que as nações estrangeiras não viram ninguém mais religioso, mais sábio ou mais invicto que o Rei D. João, nem sequer conseguiram igualá-lo, conquanto o desejassem ou nisso colocassem seu pensamento.¹⁴⁴

Ainda que não me refira ao seu império, delimitado pelas mesmas fronteiras da terra, ainda que omita as notáveis e magníficas vitórias alcançadas desde os confins das Índias, um facto, todavia, não posso omitir: que, menosprezados todos estes aspectos, considerou que devia obter para si, de outra parte, uma glória muito mais sólida. Assim, quis que toda a sua Lusitânia fosse liberta de toda a espécie de

*Iacobus a
Murcia Rector*

ab omni barbarie liberatam. Quod ut efficeret, Academiam hanc uniuersi terrarum orbis florentissimam constituit; [38] eique rectorem ac moderatorem uigilantissimum praefecit Iacobum a Murcia, non solum uitae sanctimonia imitandum, sed et sacrosanctae Theologiae singulari cognitione suspiciendum. De cuius integritate, prudentia, humanitate aliquid dicerem, nisi praesentem uiderem.

Addidit et doctores in omni doctrinarum genere selectissimos, quos amplissimis propositis muneribus ex uniuerso terrarum orbe in suam Conimbricam Academiam conuocauit. De quibus quanto magis conor aliquid dicere, tanto me magis Homericus ille uersiculus,

τί πρῶτον, τί ἔπειτα, τί δ' ὑστάτιον καταλέξω,

admonet, non cuiusuis id ingenii esse. Praestantibus enim in rebus cum primum facile inuenias, quid secundum dicas, semper fuit difficilimum inuenire.

Regi igitur et fortissimo et inuictissimo, et patriae doctrinarumque omnium parenti bene precemur:

*Viue igitur felix, multos uicturus in annos,
Maxime Rex Regum, caelo quem Iuppiter alto,
Hesperiam ut regeres, misit, pontoque superbo
Iura dares; sceptroque tuo subiecta manerent,
Exoriens quaecunque uidet sol aureus orbis,
Occiduus quaecunque etiam post terga relinquit.
Te tumidi Persae regem dominumque fatentur;
Teque Arabes posito ferro uenerantur, et arcu.
Antehac non Indus bello seruire coactus
Imperium nomenque tuum miratur, et ultro*

[39] *Iam sequitur, laudatque tuos spectatque triumphos.*

*Viue diu, populumque tuum ne sperne uocantem
Te regem, dominumque pium, patriaeque parentem.*

Nunc uestrum erit, auditores humanissimi, sic istius anni curriculum et incipere et perficere, ut uobis minime defuisse uideamini. Quod diligentius facietis, si iam Homerum illum clamantem audieritis: O homines, sit uobis cura sapientiae, quae et cum naufrago simul enatat, et in litore nudum eiectumque fortunatis Phaeacibus ostendit multo uenerabiliorem.

Et certe ita res est. Nam cetera non magis possidentium sunt, quam cuiusque. Sola sapientia stabilis est, et mortuo et uiuo firma possessio.

DIXI.

ignorância, como o foi dos inimigos. E para o realizar, instituiu esta Academia, a mais florescente de toda a terra;¹⁴⁵ [38] e confiou-a a Diogo de Murça, reitor e moderador vigilantíssimo, que deve ser não só imitado pela rectidão da sua vida, como admirado pelo conhecimento singular da Teologia Sagrada. Algo diria acerca da sua integridade, prudência, humanidade, se o não vira aqui presente.¹⁴⁶

*Diogo de
Murça, Reitor*

Aumentou o número dos mestres, muito distintos em todos os campos do saber, os quais chamou de toda a parte do mundo para a sua Academia de Coimbra, propondo-lhes os mais amplos benefícios.¹⁴⁷ E quanto mais me esforço por algo dizer a respeito deles, tanto mais aquele verso de Homero,

*τί πρῶτον, τί ἔπειτα, τί δ' ὑστάτιον καταλέξω,*¹⁴⁸

me adverte de que fazê-lo não é próprio de um qualquer engenho. Com efeito, quando se trata de factos notáveis, facilmente se encontra o que dizer em primeiro lugar, mas sempre foi muito difícil encontrar o que dizer em segundo lugar.

Ao mui valoroso e invictíssimo Rei, pai da Pátria e de todos os ramos do saber, façamos, pois, este augúrio:

*Vive, pois, feliz, vivendo por muitos anos,
Máximo Rei dos Reis, a quem Júpiter lá do alto céu
Enviou, para que governasses a Hespéria e ditasses as leis
Sobre o soberbo mar; e para que permanecesse, sujeito ao teu ceptro,
Tudo o que da Terra o áureo Sol nascente vê
E tudo o que, ao pôr-se, deixa atrás de si!
Que os soberbos Persas te reconheçam Rei e Senhor!
Que os Árabes te venerem, pousadas as armas e os arcos!
Dantes, o Indiano, forçado a entregar-se à guerra,
Não admira o teu poder e fama. Agora, espontaneamente,
[39] Já segue, louva e contempla com respeito os teus triunfos!
Vive por muito tempo e não desprezes o teu povo
Que te proclama Rei e Senhor piedoso e Pai da Pátria!*¹⁴⁹

Agora a vós pertencerá, ilustríssimos ouvintes, iniciar e concluir o curso deste ano com uma perfeição que parece não vos faltar de todo. E fá-lo-eis com mais diligência, se doravante ouvirdes o famoso Homero clamando: Ó homens, haja em vós o cuidado da sabedoria, a qual não só se salva juntamente com o naufrago, mas ainda – a ele, desnudo e arremessado à praia – o mostra aos afortunados Feaces muito mais digno de veneração.

Assim é, sem dúvida. O resto não pertence mais aos que o possuem do que a cada um. Só a sabedoria é estável, firme riqueza que se leva ao morrer e que se mantém enquanto se vive.

DISSE.

(Página deixada propositadamente em branco)

HILÁRIO MOREIRA

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO E LOUVOR
DE TODAS AS PARTES
DA FILOSOFIA

1 de Outubro de 1552

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

ALBINO DE ALMEIDA MATOS

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

I - O problema biográfico

Ao pretendermos traçar, à guisa de preâmbulo ao estudo desta oração de sapiência, um quadro biográfico do seu autor, encontrámo-nos em tais apuros por falta de elementos, que, por mais de uma vez, pensámos em desistir da tarefa começada.

É na realidade bem pouco o que acerca de Hilário Moreira conseguimos averiguar.

Fora de discussão o seu nascimento em Coimbra – afirma-o na própria oração – e os graus académicos obtidos na Universidade.

Que ali tenha sido professor de Filosofia, como afirma Barbosa Machado¹ é para nós muito duvidoso, depois de termos percorrido vários livros de *Actos e Graus* e de *Conselhos* da Universidade, nos anos que se seguiram ao seu doutoramento, sem encontrarmos uma única referência ao seu nome. Deve tratar-se duma pura suposição do autor da *Monarquia Lusitana*, que também lhe chama – e aqui com mais seguro fundamento – «notável orador latino».

Terá entendido Barbosa Machado que uma oração de sapiência, com a solenidade que tal acto devia exigir, só aos professores universitários estava reservada. E como a oração era o louvor de todas as disciplinas da filosofia, dá a ilação.

Mas o facto torna-se mais claro, se confrontarmos as suas palavras com o que diz Nicolau António² – decerto a fonte de Barbosa Machado –, que lhe chama apenas *Lusitanus, Conimbricensis*, sem nada mais acrescentar.

Em Maio de 1549 os mestres Diogo Contreiras do Colégio das Artes, Doutor António Vaz do Colégio da Graça e António do Souto do Colégio de S. Jerónimo propunham a exame de licenciatura um grupo de 14 alunos, no número dos quais

¹ Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo II, Coimbra, Atlântida Editora, ²1966. Tais são as suas palavras: «Hilário Moreira, natural da cidade de Coimbra, em cuja Universidade foi insigne professor de Filosofia e não menor orador latino como o manifesta a obra seguinte.» (Vem a seguir o título da oração).

² Nicolau António, *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1788. Referem-se-lhe ainda Martinho Lipénio, *Bibliotheca regalis philosophica*, Frankfurt, 1682, e Pedro de Mariz, *Diálogos de Vária História*, Lisboa, 1758.

se contava Hilário Moreira. Estuda-se a melhor «maneira em que precederiam, para depois terem seus assentos e tomarem seus lugares de magistério». Hilário Moreira ficava em duodécimo lugar.

A 23 do mesmo mês era aprovado, como aliás todos os outros, *nemine discrepante*, e, em 19 de Junho do mesmo ano, o Mestre Diogo de Contreiras, na presença do Reitor, frei Diogo de Murça, e do Vice-cancelário, doutor Afonso do Prado, dava-lhe o grau de Mestre em Artes, impondo-lhe as respectivas insígnias.

Logo nesse ano começava a estudar teologia e, quatro anos depois, iniciava a corrida aos vários graus: bacharel corrente, ou primeira tentativa em 31/12/1553, segunda tentativa em 19/7/1554, primeiro princípio em 22/11/1554, segundo princípio em 29/1/1555, terceiro princípio ou bacharelato em 17/5/1555, quarto princípio em 20/7/1555, magna ordinária em 10/10/1555, parva ordinária em 13/2/1556, agustiniana em 9/7/1557, exame privado em 28/7/1558, licenciatura em 2/10/1558, doutoramento em 16/10/1558.

A licenciatura teve lugar na casa do capítulo do mosteiro de Santa Cruz, tendo-lhe sido conferido o grau pelo prior, D. João, na presença do padre João Pinheiro, do padre D. Teotónio e do padre D. Pedro e «outros muitos».

Dissertou, no exame privado que a precedeu, sobre a diferença entre os sacramentos da Antiga e Nova Lei, e ainda sobre o problema das virtudes teológicas em relação com a visão beatífica. Serviram de texto dois parágrafos do *Epitome in quattuor libros sententiarum* de Pedro Lombardo, que a seguir transcrevemos:

Do livro IV, distinção I, 3

«Jam uidere restat differentiam sacramentorum ueterum et nouorum: ut sacramenta uocemus quae antiquitus res sacras signabant, ut sacrificia, oblationes et huiusmodi. Horum autem differentiam breuiter Aug. assignat, dicens quia illa promittebant tantum et significabant; haec autem dant salutem».

Do livro III, distinção III, 2

«Aduertendum etiam quomodo fides, spes et scientia dicuntur euacuari quia ex parte sunt, et non caritas quum et ipsa ex parte sit. Ex parte enim, id est, imperfecte, diligimus, sicut ex parte scimus, ut ait Aesichius sup. Leuit. Curo ergo nunc quod ex parte est euacuetur, cur caritas excipitur, quae dicitur nunquam excidere?»

Caritas etiam ex parte est, ut saepe sancti docent, quia ex parte nunc diligimus et ideo ipsa euacuabitur in quantum ex parte est, quia tolletur imperfectio et addetur perfectio; remanebitque ipsa aucta et actus eius et modus diligendi, ut diligas Deum propter se toto corde et proximum tuum sicut teipsum; sed eliminabitur imperfectionis modus.

Fides et spes penitus euacuabuntur; scientia uero secundum actum et modum suum qui nunc est, non secundum sui essentiam, tolletur. Ipsa enim uirtus scientiae remanebit, sed aliud tenebit usum et modum».

Do doutoramento – a cúpula do edifício – vamos fazer uma transcrição completa. Diz assim a acta:

«Aos dezasseis dias do mes de Outubro de 1558 anos na cidade de Coimbra e mosteiro de Santa Cruz, sendo hi presentes o Sõr Dom Jorge dalmeida R.tor e o R.^{do} padre dom João, vigario do dito mosteiro e cancellario da universidade e junta toda a universidade e outra muyta gente da cidade, ho dito cancellario deu o grao de doutor em theologia ao l.^{do} Illario Moreira e o padre frei J. pinhr.^o, padrinho, lhe pos as insignias doutoraes por comissã do dito cancellario e foram test.^{as} o doutor marco romeiro e o doutor morgovejo e o doutor heitor roiz, o que foi feito às 10 horas de pella minhã e eu escrivão lhe dei juram.^{to} cõforme aos estatutos. Paulo de Barros este escrevi em ausencia de dy^o de az.^{do}».

ASSINATURA DE HILÁRIO MOREIRA

Que rumo tenha seguido, daqui por diante, a sua vida, qual tenha sido a sua actividade, são problemas a que não sabemos responder como desejávamos. Nas longas e porfiadas investigações a que procedemos em Coimbra, Évora, Porto e Lisboa, nada encontrámos que nos pudesse servir de arrimo seguro, embora nos não poupássemos a esforços, procurando esquadrinhar em todas as direcções.

Houve, no entanto, algo que nos chamou a atenção e aqui vamos pôr em destaque. Em Santa Cruz de Coimbra, por esta época, aparece um religioso com o mesmo nome – o «Praesbiter canonicus D. Hilarius». Tomou o hábito de Santo Agostinho em 21 de Dezembro de 1530 e veio a falecer em 26 de Maio de 1589³. Será este o Hilário Moreira?

Antes mesmo de proceder a qualquer investigação, reparámos num pormenor insólito no texto da própria oração de sapiência: a alusão ao cancelário da Universidade, que, como é sabido, era o Prior de Santa Cruz, à sua dependência dele e aos termos fortes com que a traduz, o que nos leva a concluir de antemão tratar-se, pelo menos, de um aluno ou familiar do Mosteiro.

Nem é de pôr a ideia de que se trate de um exagero poético, já que, na mesma linha, e reforçando a ideia de submissão, vai o que se segue: «Equidem tanti magistri *iussa*, licet difficillima, mihi sereno uultu non suscipere ueritus sum, *qui me quotidie, e caliginoso ignorantiae uinculo, bonis suis artibus piisque eximit disciplinis*» (p. 4 do original; cfr. p. 202 deste volume).

O presente *eximit* diz-nos que, nesta data – Outubro de 1552 – Hilário Moreira, já mestre em artes, com o curso tirado no respectivo Colégio, dependia do prior de Santa Cruz. Não será isto sintomático, tanto mais que nas outras orações de sapiência do tempo não há uma única alusão ao cancelário?

³ *Necrológico dos Frades de Santa Cruz de Coimbra*. Maço 71 de Santa Cruz, Torre do Tombo.

Em suma, não estamos convencidos de que a expressão *tanti magistri iussa licet difficillima* tenha aqui o mesmo sentido que teria se fosse aplicada, por exemplo, aos mestres de teologia do tempo, doutor Afonso do Prado e frei Martinho de Ledesma.

Na nossa opinião deve traduzir sobretudo uma acentuada autoridade moral, o que é confirmado pelas *bonis artibus piisque disciplinis* e que nós traduzimos por «ensinamentos e formação piedosa». Magistério formativo, que engloba simultaneamente os aspectos intelectual e moral.

E a gratidão que lhe manifesta pelo facto de o ir libertando «e caliginoso ignorantiae uinculo» seria mais uma confirmação desse ensino prático, adquirido na convivência do dia-a-dia. Não será portanto conclusão apressada que se trata de alguém particularmente ligado a Santa Cruz ou, ao menos, ao seu Prior.

Mas continuemos. Dedicando a oração a D. João III, Hilário Moreira quer dar uma justificação do facto e alega que o rei «me ad multo maiora animavit, in suorum numerum esse iussit, ad pristina studia reuocavit et sufficienti congiario prosecutus est» (p. 2 do original; cfr. p. 198 deste volume).

Parece fora de dúvida que Hilário Moreira já não era noviço nas letras, pois fala em *pristina studia*. Só que agora o rei chama-o a voos mais altos: *ad multo maiora*, para o que nem sequer falta o estímulo monetário. Ora nesta data, em 1552, D. Hilário tinha já vinte e dois anos de conventual, pois entrara, como noviço, em 1530. Não estaria mal, na sua boca, a expressão *pristina studia*.

Neste contexto, a frase *in suorum numerum esse iussit* parece significar algo mais que a banal protecção do rei a um letrado. Supõe uma relação diferente, do género da que já existia, ao tempo, entre o rei e os cónegos de Santa Cruz.

Sobre esta, no manuscrito *Memórias várias de Santa Cruz* da Biblioteca Municipal do Porto, lê-se o seguinte a propósito da estadia de D. João III em Coimbra, por esta ocasião:

«Assi el rei D. João III nesta formação pelo mesmo modo os tratou, dando-lhes dom e fazendo-os não seus fidalgos, mas seus filhos».

Alusão a esta intimidade real? Do exposto se conclui que há argumentos de certo peso para ligar os dois Hilários num só.

A mesma raridade do nome seria ainda outro. Fiz também algumas pesquisas neste sentido. Folheei os livros da *Chancelaria Régia* deste tempo, do *Desembargo do Paço* e outros mais com grandes listas de nomes, e não encontrei um único Hilário. Passei pelos olhos uma relação dos habitantes de Coimbra em 1610 e o mesmo sucedeu.

No entanto, antes de avançarmos mais, uma pergunta se impõe. Era costume em certas ordens religiosas a mudança de nome. Quem nos garante que a não houve aqui?

São as próprias *Constituições de Santa Cruz* que nos dão a resposta. Dizem, no capítulo XIII, 29:

«Quod si nomen eius baptismale minus aptum uideatur, poterit a Praelato et Magistro mutari in aliud ad quod nouus professus propensior fuerit». Cauendum tamen est, quoad fieri possit, ne in Congregatione sint multi canonici eodem nomine insigniti».

Ora a primeira condição não se aplica a quem usava o nome do grande bispo de Poitiers.

Por outro lado, só mais tarde aparece em Santa Cruz um D. Hilarião, também conimbricense, a quem vem a ser entregue a igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa.

Até aqui os principais factores de aproximação. Mas há também argumentos que parecem ir em sentido contrário e vamos apresentá-los igualmente.

Se Hilário Moreira é D. Hilário, porque não aparece nunca, no traslado dos actos académicos, a mais pequena alusão à sua qualidade de religioso, ao menos como noviço, pois já o era com certeza há muito tempo?

Se lermos as actas do seu curso de artes, verificamos que são iguais às de qualquer outro aluno da Universidade, nada havendo que o ligue a Santa Cruz. Estamos numa época de conflitos entre a Universidade e o mosteiro. Terá sido por isso, por uma questão de independência? Ou estaremos diante de uma norma estabelecida?

Também surpreende que a oração de Hilário Moreira fosse editada pelos tipógrafos régios João de Barreira e João Álvares, pois sabemos que em Santa Cruz havia, nessa altura, uma tipografia que tinha mesmo os caracteres gregos. É natural que fosse esta a preferida. Porque o não foi? Terá sido por se tratar da tipografia universitária e não se pretender distinguir, mais uma vez, os religiosos do Mosteiro dos outros estudantes?

Por tudo o que acaba de se dizer, quem quer poderá ajuizar do problema e formar o seu juízo sobre ele.

O nosso inclina-se para a junção dos dois Hilários num só, pois os argumentos, neste sentido, parecem-nos mais convincentes.

Para acabar, vamos expor o pouco mais que se sabe de D. Hilário: «D. Hilário faleceu em 26 de Maio, foi sacerdote e depois veo em falta por escrupolos e suspenderam-no e cria quantas cousas dificultosas lhe diziam e outras muito claras não queria crer: que um arratel de lã pesa tanto como um arratel de ferro. Estas cousas entre religiosos mancebos havia bem que desenfadar e que castigar.

Perguntavam-lhe cousas dificultosas, a que respondia cousas muito graciosas e nunca avia de mentir e buscava rodeos de muito desenfadamento, e contudo muito devoto e zeloso da religião e sempre rezava.

Assi acabou rindo e gracejando com os Irmãos e parece que logo foi possuir os eternos prazeres».⁴

⁴ *Necrológio dos Frades de Santa Cruz*, maço 6, 2, da Torre do Tombo, Lisboa.

II - O humanismo de Hilário Moreira

São dois os aspectos sob que podemos estudar a oração de Hilário Moreira: ideológico e formal.

Do aspecto ideológico já o próprio título nos dá uma ideia, ao chamar-lhe «louvor e estudo de todas as partes da Filosofia». Mas como vamos entender esta palavra? Não decerto ao nosso modo actual. Há assuntos que presentemente nada têm que ver com a filosofia e a ela aparecem ligados aqui.

Temos que regressar ao passado greco-romano, ao tempo em que à filosofia se ligava um conjunto de conhecimentos enciclopédicos, unidos entre si pelas suas causas mais remotas.

É afinal o próprio Hilário Moreira que disso nos adverte, quando diz na p. 7 do original (cfr. p. 206 deste volume):

«Quapropter, cum philosophia non sit angustis finibus circumscripta sed latissime pateat et, pedissequis suis comitata, orbem illum doctrinarum complectatur qui encyclopaedia dicitur».

Mas apresentemos, nas suas linhas gerais, um esquema da oração:

Após o prefácio, dedicado a D. João III, Hilário Moreira começa pela habitual profissão de incompetência, seguida da esperança de encontrar generosidade e compreensão da parte dos mestres.

Faz depois uma sumária história da filosofia, cuja excelência põe em destaque.

Ora a primeira condição para que alguém possa ser filósofo, é poder exprimir com correcção os seus pensamentos e, com raciocínio seguro, saber procurar a verdade pelos vários caminhos que a ela levam. Num caso temos a *gramática*, no outro a *dialéctica*.

Conhecida a verdade, interessa ornamentá-la, de jeito a que atraia os olhares de todos. Para isso vem a *eloquência*.

Mas, para que a filosofia atinja o seu pleno desenvolvimento, é preciso enquadrá-la em ambiente próprio. A inteligência especulativa do filósofo não se desenvolve de repente, mas pouco a pouco. Um óptimo ensaio para isto são as *matemáticas*, cuja necessidade já Platão reconheceu.

Em seguida podemos já lançar-nos ao estudo dos fenómenos da natureza e das leis secretas a que obedecem. E assim aparece a *filosofia natural*.

Do cosmos faz parte também o corpo humano – o microcosmos dos gregos. Interessa portanto conhecê-lo, favorecer o que possa contribuir para o seu desenvolvimento, evitar o que o possa prejudicar, e curá-lo quando a doença lhe bater à porta. É a vez da *medicina*.

O homem, ser inteligente, sabe que tem obrigações: umas provenientes da própria natureza; outras da vida social. E esta, para o cristão, gira em duas esferas: civil e eclesíástica. Daí a *ética*, o *direito civil* e o *canónico*.

Finalmente a nossa inteligência, iluminada pela Fé, diz-nos que temos um fim sobrenatural a atingir e que para ele tudo se deve orientar. Chegámos pois à *teologia*,

«ad quam tersissima liberalium artium studia contendunt». Efectivamente o filósofo cristão sabe que Deus se dignou vir em seu auxílio, dando-lhe um novo e mais perfeito modo de o conhecer e mostrando-lhe o caminho a seguir, para alcançar o fim a que tende.

Irá portanto mobilizar todos os recursos da sua inteligência para averiguar da racionalidade desta revelação, procurar compreender o que lhe seja acessível e aceitar o resto com inteira submissão.

Em seguida, à maneira de remate, faz ainda um largo panegírico da filosofia.

Vem depois o ritual elogio a D. João III e ao reitor, D. Manuel de Meneses.

No elogio do rei, há alusões ao grande impulso que as letras então receberam com a transferência da Universidade para Coimbra, à fundação dos colégios universitários, à generosidade do rei e ainda à obra dos portugueses em África e na Índia, invocando-se o título jurídico da época à conquista das novas terras: «*terras Ecclesiae ab infidelibus tyrannide occupatas.*».

Sobre D. Manuel de Meneses queremos pôr em destaque que aí se dá a entender ter sido a sua nomeação para o cargo feita pelos professores universitários, de harmonia afinal com as constituições manuelinas, quando outros afirmam ter sido feita pelo rei⁵.

Termina, por fim, com o elogio de Coimbra, seguido ainda duma breve referência à filosofia.

Como se vê, estamos dentro do esquema aristotélico-tomista, em que tanto se notabilizou a Sorbonne, a cidadela da Escolástica.

É a tradução prática do célebre pensamento de S. Paulo: «*Omnia uestra sunt, uos autem Christi, Christus autem Dei*», um esboço, em traços rápidos, da velha catedral medieva.

Estudam-se os clássicos, imita-se a sua *linguagem*, aproveita-se o seu saber, mas só enquanto possa enquadrar-se no esquema cristão.

A alguns séculos de distância já, estamos perante um eco, embora mais no aspecto especulativo, da elaboração augustiniana da *Cidade de Deus*.

Se agora fizermos um rápido confronto da oração de Hilário Moreira com as outras orações de sapiência do tempo, verificamos que, embora todas obedçam a um esquema geral comum, há todavia certas particularidades nesta que a diferenciam um pouco das outras. Assim, em certas disciplinas o louvor é omitido, ou abordado só de passagem. Tais são a música, a poética, o conhecimento das línguas, a astronomia. Depois de falar da teologia, volta-se de novo para a filosofia, de que tece um longo panegírico.

Apresenta também um belo elogio de Coimbra.

⁵ Mário Brandão e Lopes d'Almeida, *A Universidade de Coimbra. Esboço da Sua História*, Coimbra, 1937.

Terá Hilário Moreira seguido de perto outros modelos que não os parisienses? Quanto ao elogio de Coimbra, não oferece dúvidas que lho inspirou a oração de sapiência de Cataldo Parísio Sículo, proferida na Universidade de Bolonha antes de 1485 e publicada em Lisboa em 1500. Há ali também o elogio de Bolonha. E a coisa não ficou só por aqui. Como se verá mais adiante, Cataldo forneceu ao nosso autor abundância de material, particularmente no que diz respeito à retórica e ao direito.

Nem admira que assim fosse, tratando-se dum célebre jurista de Bolonha e do *orator* da corte de D. João II.

Mas, apesar disso, Hilário Moreira não segue o esquema de Cataldo e omite até o elogio da poética.

Quer dizer, estamos em face duma oração com um cunho de personalidade, que me parece superior ao das outras, se atendermos, não tanto ainda ao esquema, mas à maneira de ligar os assuntos à volta da ideia central – a filosofia.

Só é pena que, ao revestir de carne o esqueleto, Hilário Moreira andasse, por aqui e por ali, à busca de pensamentos alheios, mais preocupado com o aspecto formal, que com o ideológico.

Mas esta atitude justifica-se. Por um lado era o ambiente geral da época. Como observa C. Pimpão na sua *História da Literatura Portuguesa*, o que interessava não era o que se dizia, mas como se dizia.

Por outro lado, mais não seria de esperar, atendendo a que, quem fazia estas orações de sapiência não eram mestres experimentados, mas ex-alunos recém-chegados ao grau.

Belchior Beleago, por exemplo, proferiu a sua oração em 1548, vindo a doutorar-se só em 1556. António Pinto era apenas bacharel em artes. Pedro Fernandes ainda não era bacharel em direito canónico.

Nestas condições, compreende-se que nem a cultura fosse grande, nem ainda demasiado amadurecida, para que se sentissem à vontade; e, como o assunto era sempre o mesmo nas suas linhas gerais, daí que fossem procurar a novidade mais ao aspecto formal, para o que, de resto, deviam estar mais bem preparados.

Busca-se afanosamente a imitação dos clássicos, particularmente de Cícero, e enxertam-se os seus pensamentos num contexto de tal forma elevado, que se torna difícil distinguir, pelo estilo, o que pertence ao autor ou o que foi beber a outras fontes.

Com Hilário Moreira – e estamos certos de que a «doença» era geral – a recolha de materiais alheios vai mais longe do que era de esperar, não se limitando só aos modelos clássicos.

Nas várias pesquisas que fizemos nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, encontrámos três obras que, para o nosso autor, tiveram uma importância capital.

São elas: *Antiquarum Lectionum libri*, de Luís Célio, Basileia, 1517, a *Oração de Sapiência* de Cataldo Parísio Sículo, proferida em Bolonha e mais tarde incluída nas *Epistolae I* (Lisboa, 1500) do mesmo autor, e a *Epistola LXXXIII* de S. Jerónimo, in *Inuentarium secundae partis Epistolarum*, de 1512.

Aqui Hilário Moreira veio não só respigar um ou outro pensamento mais belo ou uma palavra mais rara, mas parágrafos inteiros, acompanhados das respectivas citações que esses autores se lembravam de fazer, numa tal falta de escrúpulo, que hoje nos deixaria boquiabertos.

Tudo isto é em seguida iucorporado na oração com tal mestria e arte, que não é fácil apercebermo-nos estarmos em face de pensamentos, palavras e exemplos de outrem – cujos nomes, de resto, são quase sempre omitidos –, tanto mais que ordinariamente as frases não ficam na mesma ordem em que se encontram nos respectivos autores, mas obedecem a um critério de agrupamento diferente, que no entanto as articula perfeitamente no conjunto.

Vejamos um exemplo:

Célio:

«Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa uel gradus, quibus conscenduntur altiora ... Ceterum initio geometria praecipue et arithmetica in mathematicarum album a Pytagora sunt aduocatae quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam, has cum primis accomodas perspexisset ... Sed etiam mathematica speculatio ad cogitationis acumen a Platone suscepta est, quod surrigat animum et ad rerum diuinarum intuitum mentis aciem exacuat. Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est, mudior Leberide et Cinclo pauperior. Nam mathematicae speculationes uelut praeludium quoddam ad diuinarum perpensionem statuere conuenit ... Nam geometriae adest hoc imprimis quae initium est et tanquam ceterarum metropolis».

Antiquarum lectionum libri, 4, 30.

Hilário Moreira:

«Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa, quibus altiora conscenduntur et quaedam praeludia ad diuinarum perpensionem.

Quarum speculatio a Platone susceptata est ad cogitationis acumen, quod erigat animum et ad rerum diuinarum intuitum aciem mentis exacuat.

Quam ob rem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est nudior leberide et Cinclo pauperior. Ceterum initio geometria, ceterarum metropolis, et arithmetica in mathematicarum album a Pytagora sunt aduocatae, quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam has cum primis accomodas perspexisset .

Hilário Moreira, p. 12 do original (cfr. pp. 214-215 deste volume).

Repare-se nas duas pequenas expressões: *praeludia ad diuinorum perpensionem* e *ceterarum metropolis*. A sua deslocação e aproveitamento diz-nos bem até que ponto era sensível ao efeito dum termo mais raro ou duma expressão mais feliz, este singular pescador de pérolas. Temos a impressão de assistir já a uma espécie de ensaio de arte pela arte.

Mais exemplos poderíamos apresentar. Entendemos, porém, que este dará uma ideia do que acabámos de dizer.

A Cataldo, foi Hilário Moreira buscar a maior parte do que diz sobre a oratória e o direito.

De S. Jerónimo tira muito do que apresenta acerca da teologia, inclusive três citações de Virgílio, com o respectivo enquadramento.

Algumas vezes porém estes autores fornecem-lhe sugestões mais vagas, que depois são desenvolvidas a gosto próprio. Sirva de exemplo o seguinte texto de Célio⁶, 13. 43, e confronte-se com o que Hilário Moreira diz a respeito da teologia (vd. pp. 19-20 do original; cfr. pp. 222-225 deste volume):

«Etenim diuinum lumen in angelicam primum descendit naturam et ab ipsa mox, reuelationibus et diuinis demonstrationibus, ... ad nostram usque intelligentiam participationemque se transfudit. At *humana mens*, eisdem rursus gradibus, ad superna conscendens, sacra diuini eloquii inspectione, *caelestia secreta* et eam quae in angelis est, diuinae claritatis illuminationem *perpendit*, ex qua paulatim in *inuisibilium agnitionem succrescens, ad ipsum tandem diuini et summi luminis splendorem contemplandum conualescit*.

Vnum siquidem lumen ad multa se diuidit illuminanda. Vt illuminata omnia ad unius claritatis aspectum similitudinemque reformet.

Claritas Patris, unius emissionem simplicis radii et illuminationem, per *cuncta se diffundit et penetrat uniuersa*, quum *unam sapientiam Pater genuit*, per quam omnia cuncta sua fecit. Verbum quidem Patris lumen de lumine est. Vnum Verbum et radius unus. Et *ipsum Verbum sapientia est*. Et ipsa sapientia lumen et procedens» ...⁷

Estamos convencidos de que foi esta a fonte onde Hilário Moreira veio beber a sugestão da “ardente luz divina”, de que encontrou uma bela expressão no canto VI da *Eneida*, v. 724-728, e ainda a ideia de falar da visão dos bem aventurados, o que confirma com um pensamento de Santo Agostinho.

E embora estejamos convencido de que, ao falar da teologia, Hilário Moreira teria forçosamente de aludir à Trindade em Deus, parece-nos todavia que a alusão ao Verbo, como “Sabedoria do Deus Pai”, tenha sido ainda sugerida pela leitura deste capítulo.

⁶ Este autor é o que Hilário Moreira mais aproveita. A sua obra enciclopédica de 800 páginas, recheada de citações dos clássicos, deverá ter sido um dos melhores mananciais para aquele tempo.

⁷ Sublinhámos as passagens que tivemos por mais importantes.

Além dos autores já mencionados, Hilário Moreira aduz textos de Platão, Aristóteles, Plutarco, Diógenes Laércio, Virgílio, Homero, Santo Agostinho, a Sagrada Escritura especialmente S. Paulo, Demóstenes, Teofrasto, Temístio, Hipócrates, Quintiliano, Séneca, Galeno e Vitruvius.

Já vimos que muitos não foram colhidos na própria fonte. Era, na verdade, bem mais reduzido o seu conhecimento dos clássicos.

À parte Cícero, Virgílio, Homero, Quintiliano, nenhum outro autor deverá ter sido manuseado no original.

O próprio Diógenes Laércio deve ter sido consultado, não no texto grego, mas numa tradução latina do mesmo, como esperamos demonstrar mais adiante, ao fazermos as várias anotações ao texto.

A tendência para abonar, com exemplos tirados dos clássicos, a doutrina que se ia expondo, chega mesmo ao exagero. Atente-se na citação que faz do pseudo-Aristóteles, em que este compara os que deixam a filosofia pelas outras ciências, com os pretendentes de Penélope que, não podendo conquistar a senhora, se voltavam para as escravas. Esta citação foi tirada de Célio. Mas Hilário Moreira acrescentou-lhe uma localização dos pretendentes, o que, quanto a nós, vem totalmente a despropósito. É apenas um alardear erudição.

Tão longe vai a busca do molde clássico para o ajustar ao próprio pensamento, que, talvez por causa disso, Hilário Moreira chega a transpor as barreiras da ortodoxia.

Na teologia, ao falar do Espírito Santo, e levado certamente pelo desejo de adequar à grandeza do tema uma forma condigna, apresenta um pensamento de Virgílio, a que já nos referimos, todo ele repleto de panteísmo lucreciano, na linha directa da tradição greco-romana.

E, após o naufrágio, cândidamente rejubila, numa comparação cheia de poesia, de a sua frágil canoa ter transposto, sem novidade, os escolhos doutrinários.

Desculpemos o mestre em artes, para quem vinha longe ainda o doutoramento em teologia!

Voltemo-nos agora mais directamente para o aspecto formal, que tanto desvelo mereceu ao nosso autor.

Não há dúvida de que, para ele, estava Hilário Moreira especialmente preparado.

O seu período, embora muitas vezes um tecido feito de vários retalhos, é fluente, cadenciado, com o movimento longo da prosa ciceroniana.

Repare-se, por exemplo, nestes períodos, de cuja originalidade não nos seria lícito duvidar:

«Quidquid igitur, uiri patres, ultra mearum uirium tenuitatem, ausus uel offerre uel dicere fuero, id omne parendi necessitas excuset.

Quum enim, uestra animatus fiducia, huc ascenderim, non leporem sermonis inquiretis spero, in quo et uos apprime estis eruditi, sed quaecumque meum dicendi genus singulari fauore sustentabitis.

Nec nouis ac inusitatis immorabor, ex quibus attentionem petunt rhetores; scio enim summum eos subire discrimen qui nouis studeant, cum laus, si succedat ad uotum, uituperium, si contia, sint in procinctu.

Ea tamen rei est qua de agimus maiestas, ea dignitas, illud fastigium, ut nolentes uolentes, uos in admirationem rapiat» (p. 4 do original; cfr. p. 202 deste volume).

Há aqui um ritmo acentuado, uma frase larga sem constrangimento, uma cadência que nos faz lembrar Cícero.

De ordinário as várias partes do discurso estão bem concatenadas entre si, numa seqüência natural e espontânea, sem saltos nem transições bruscas. As passagens de uns assuntos para outros operam-se gradualmente, procurando mesmo aproximá-los pelo que têm de comum.

Veja-se, como modelo, a maneira de passar da dialéctica à eloquência: «Quam [dialecticam], quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rhetoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asserit Cicero» (p. 10 do original; cfr. p. 212 deste volume).

Revela-se um bom conhecedor da língua latina. Os seus termos são sempre apropriados, chegando mesmo a substituir palavras nas transcrições que faz dos vários autores.

Assim, enquanto Cataldo diz: «et cum uenisset defensurus Cicero», Hilário Moreira (p. 11, do original; cfr. p. 212 deste volume) põe: «At cum defensurus Cicero aduentasset». Acharnos mais feliz esta ordem de palavras e a escolha do verbo e da adversativa. A frase toma-se mais movimentada, mais enérgica, o que fica bem no ambiente de expectativa que a cena descrita em nós desperta.

Não podemos supor que estas substituições fossem eventuais. Elas revelam antes um destro conhecedor da língua, usando-a conscientemente e sabendo tirar dela efeitos estilísticos.

Mas ... «aliquando dormitat bonus Homerus».

Aparece-nos realmente um caso – além de outros, em que talvez haja corrupção do texto – a que estas nossas observações parecem não ter aplicação.

Na p. 6 do original (cfr. p. 204 deste volume), diz: ... «quod (Pythagoras) philosophiae *domicilium* in Italia diutissime *excoluerit*».⁸

Não vemos que possam unir-se *excolere* com *domicilium*. Pretenderia o nosso autor ligar *excolere* sintacticamente a *domicilium* e conceptualmente a *philosophiae*?

Se assim é, não achamos que se trate dum processo muito feliz.

Embora Hilário Moreira respigue pensamentos de vários autores e de diferentes épocas, não nos apercebemos, no entanto, de que houvesse evolução semântica no seu vocabulário. As palavras são usadas ordinariamente no sentido dos autores clássicos, em especial de Cícero. Exceptuamos termos como *academia*, *licium*, *rector*, etc. que, como é claro, se aplicam a conceitos diferentes dos conceitos antigos.

⁸ O itálico é nosso.

Há, por vezes, a busca da palavra rara do grecismo erudito, a que não parece alheio um certo preciosismo. Repare-se, por exemplo nesta frase: «At iam nos uocat operis coronis, iam in iocundissimam incidimus catastrophem» (p. 27 do original; cfr. p. 236 deste volume).

Apresenta algumas palavras em grego, palavras gregas isoladas, como Οὐρανόσκοπος (p. 8 do original; cfr. p. 208 deste volume), ψυχαγωγός (*ibidem*); aparecem palavras gregas vestidas de roupagens latinas, como *Matheseos* e *matesin* tiradas de Célio (p. 12; cfr. p. 214) *sophiam*, *sopbi* (p. 5-6; cfr. p. 204), vários helenismos morfológicos como: *logicen* (p. 9; cfr. 210), (*H*)*oromasin* (p. 17; p. 220), *Syrtim* (p. 21; cfr. p. 226) e *Charybdim* (*ibidem*).

Aparecem também dois helenismos sintácticos: dois infinitos a servir de complementos de fim, decerto numa tradução pouco livre de qualquer autor grego. Vejamos: [Grammatica] «linguam componit uoces formare formatas denique congrue eloqui⁹ instiuit».

Em resumo: a forma literária indica-nos que estamos diante dum humanista, bom conhecedor da língua latina e dos seus recursos.

Quanto ao grego, embora não possamos fazer um juízo tão seguro devido ao seu costume de beber abundantemente nas várias fontes, não há dúvida de que conhecia, pelo menos, os Poemas Homéricos. Apresenta citações da *Odisseia* que, sem dúvida, ele mesmo foi procurar. Mas não devia ficar-se só por aqui. De resto, não será muito arriscado ver neste autor um fruto da escola do célebre Vicente Fabrício, sobre cujo ensino Clenardo dizia: «se me é licito meter-me a profeta, muito Coimbra há-de florescer no estudo das línguas.»¹⁰

Não queremos terminar este capítulo sem uma alusão ao espírito poético que Hilário Moreira revela através da sua oração. Leia-se, por exemplo o que diz na p. 21 do original (cfr. p. 226 deste volume), quando começa: «Qui uero alienos quaerunt amores ... » Embora não saibamos até onde vai também neste caso a sua originalidade, não há dúvida, pelo menos, de que estamos diante de alguém de fino e apurado gosto pela arte das musas.

III – Cláusulas métricas

Parecia-nos incompleto o estudo do humanismo de Hilário Moreira, se não apresentássemos aqui, à maneira de epílogo, algumas considerações sobre o uso das cláusulas métricas.

⁹ Devemos acrescentar que dois manuscritos têm *eloquio*. Preferimos porém a forma verbal paralela *formare* e que vem no impresso. Parece-nos que o uso do advérbio em *congrue* reforça a nossa posição.

¹⁰ Doutor M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal. I – Clenardo e a Sociedade Portuguesa*, Quarta edição, revista, Coimbra, 1974, p. 375.

Se efectivamente o movimento largo e cadenciado da sua prosa nos sugere a prosa de Cícero, isso é devido também ao emprego, nos finais de período, das cláusulas do Arpinate.

De harmonia com a doutrina exposta nos tratados *Orator*, *De Oratore* e *Partitiones Oratoriae*, as combinações que mais recomenda e usa são as seguintes:

Duplo crético – ∪ – | – ∪ –

Crético mais espondeu – ∪ – | – –

Dicoreu – ∪ | – ∪

Duplo espondeu – – | – –

Péon 1º mais espondeu – ∪ ∪ ∪ | – –

De todas elas encontramos exemplos em Hilário Moreira. Vejamos:

Duplo crético: *non eram | nescius* (p. 3 do original; cfr. p. 200 deste volume); *antea effluxerit* (p. 6; cfr. p. 204); *ciuitas gesserat* (p. 11; cfr. p. 212); *officiis | excolant* (p. 22; cfr. p. 228).

Crético mais espondeu: *iniuria | dicam* (p. 3; cfr. p. 200); *aerumnarum leuamentum* (p. 5; cfr. p. 202); *procedit in | turbas* (p. 11); *referret acceptum* (p. 5; cfr. p. 204); *colloca | ti sunt* (p. 14; cfr. p. 216); *ore pro | fusa* (p. 17; cfr. p. 220).

Dicoreu: *satis explicare possit* (p. 3; cfr. p. 200); *attentissimas comparabit* (p. 5; cfr. p. 204); *diligenter sint interpretati* (p. 9; cfr. p. 208); *persuasus liberarit* (p. 12; cfr. p. 212); *animos induamus* (p. 5; cfr. p. 202); *iudiciorum illigata* (p. 19, alias 15; cfr. p. 218).

Duplo espondeu: *obtemperare deterrebant* (p. 4; cfr. p. 200); *necessitas excuset* (p. 4; cfr. p. 202); *in procinctu* (p. 4; cfr. p. 202); *litterarum culmen* (p. 4; cfr. p. 202); *sapientes appellati sunt* (p. 6; cfr. p. 204); *in tenebris saltare* (p. 23; cfr. p. 230); *distenta differt* (p. 11; cfr. p. 212); *ambiguitatem eferre; uiuendi modum praescribat* (p. 14; cfr. p. 216); *quos nemo uexat* (p. 19, alias 15; cfr. p. 218); *censurae plâne ostendunt* (p. 18; cfr. p. 222); *decus et ornamentum* (p. 25; cfr. p. 232); *Christiana metiris* (p. 26-27; cfr. p. 234); *calamitas extinguet* (p. 28; cfr. p. 236).

Péon 1º mais espondeu: *tranquillam agere uitam* (p. 26; cfr. p. 234).

Desta última, no entanto, só encontramos estes dois exemplos, enquanto que são muito numerosos os exemplos de dicoreu, duplo espondeu e crético mais espondeu.

Mas há ainda outras cláusulas embora menos frequentes. Tais são:

Espondeu crético: – – | – ∪ – : *singulari fauore sustentabitis* (p. 4; cfr. p. 202); *id sensit Socrates* (p. 6; cfr. p. 206); *si lucernam restinxeris* (p. 8; cfr. p. 206); *et splendescere* (p. 27; cfr. p. 234); *conseruantium* (p. 24; cfr. p. 232);

Cláusula heróica: – ∪ ∪ | – ∪ : *acrius exstimulauit* (p. 6; cfr. p. 204); *secum uiuere cogunt* (p. 5; cfr. p. 202); *sortiti exilierunt* (p. 6; cfr. p. 204);

Péon 4º tríbraco: ∪ ∪ ∪ – | ∪ ∪ ∪ : *consulere maluerim* (p. 3-4; cfr. p. 200);

Péon 4º mais crético: ∪ ∪ ∪ – | – ∪ – : *magnificentius et augustius* (p. 4; cfr. p. 202);

Espondeu tríbraco: – – | ∪ ∪ ∪ : *in admirationem rapiat* (p. 4; cfr. p. 202); *nomen peperit* (p. 25; cfr. p. 232); *discere non erubuit* (p. 23; cfr. p. 228);

Péon 4º espondeu: $\cup \cup \cup - | - -$: *sapere coepisset* (ibidem);
 Coreu crético: $- \cup | - \cup -$: *constipatum intuebitur* (p. 24; cfr. p. 230);
 Dáctilo crético: $- \cup \cup | - \cup -$: *legitime imperat* (p. 26; cfr. p. 232).
 Coriambo crético: $- \cup \cup - | - \cup -$: *philosophiae studiosissimus* (p. 5; cfr. p. 204).

Como se vê, há uma grande variedade de combinações; mas todas elas se podem incluir no esquema ciceroniano.

Pode causar talvez certa estranheza a relativa abundância do tríbraco, substituto do coreu. Porém o seu uso não deveria ficar mal, quebrando um tanto a monotonia dos finais longos.

E note-se como nas cláusulas menos usuais aparecem, como elementos componentes, e de harmonia ainda com a boa tradição ciceroniana, o crético e o péon.¹¹

IV – Textos da Oração e seu estudo crítico

Até ao presente, conhecem-se cinco testemunhos do texto da oração de sapiência de Hilário Moreira: dois impressos e três manuscritos.

Os impressos, que reputamos os mais antigos, são dois exemplares perfeitamente iguais duma única edição feita pelos tipógrafos régios João de Barreira e João Álvares, logo a seguir à leitura da oração em 1 de Outubro de 1552.

Os manuscritos, como iremos demonstrar, são cópias ulteriores de qualquer exemplar impresso. Encontram-se em Évora, Coimbra e Lisboa.

Os primeiros estão: um na Biblioteca Municipal do Porto e o outro na Biblioteca Menéndez Pelayo de Santander.

O do Porto faz parte duma miscelânea que tem a cota y'-3-58. Está na Casa Forte da Biblioteca e mede de comprimento 19 cm, e de largura 13,5 cm.

Compreende este volume várias obras de humanistas do século XVI, entre as quais cerca de uma quinzena de composições em poesia e prosa de Jorge Coelho e de Manuel da Costa, bem como um conjunto de sete peças de oratória da autoria, respectivamente, de Arnaldo Fabrício, Inácio de Morais, André de Resende, Petro Fernandes, António Pinto, Belchior Beleago e, justamente, o nosso autor Hilário Moreira, que apresenta a seguinte portada:

Hilarii Moreirae Co/nimbricensis, ad inuictissimum Lusitaniae Regem D. Ioannem tertium/ de omnium Philosophiae / partium laudibus /et studiis / oratio // Apud Conimbricense lyceum uniuersi terrarum orbis flo/rentissimum de more Academiae habi/ta calend. Octob. Anno salutis / 1552 // Conimbricae // Ionnes Barrerius et Ioannes Aluarus /Regii typographi/ excudebant.

¹¹ Neste trabalho seguimos de perto os esquemas de L. Laurand.

O exemplar de Santander é a quarta de cinco orações de sapiência, reunidas todas num único livro e que tem por título *Orationes Antiquae Lusitanorum*. São as outras as de Belchior Beleago (1548), Pedro Fernandes (1550), André de Resende (1551) e Jerónimo de Brito (1554). Há ainda, no mesmo volume, mais três orações panegíricas – as de António Luís (1539), Inácio Morais (1554) e Diogo de Teive (1553) e cinco orações manuscritas, que devem ser exercícios retóricos das aulas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.¹²

O manuscrito de Évora pertence ao códice *C XII/1-25*, n.º 480, da Biblioteca Pública daquela cidade. Não tem introdução, o mesmo se verificando com as outras duas orações de sapiência.

Deste códice, que mede 21 cm. de comprimento e 16 cm. de largura, fazem parte: obras do historiador Manuel Fernandes, de Lamego, do historiador e orador Manuel Constantino, do Funchal, de Cadaval Grávio Calidónio, isto é, Álvaro de Cadaval Valadares de Soto Maior, e bem assim as orações de sapiência de Arnaldo Fabrício, de Belchior Beleago e de Hilário Moreira.

O manuscrito de Coimbra encontra-se nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade e tem o número 527. Mede de comprimento 30 cm. e de largo 21 cm. O volume a que ele pertence contém também algumas poesias e uma oração de sapiência de Jerónimo Cardoso, bem como as orações de André de Resende, de Arnaldo Patrício, de Belchior Beleago, e Hilário Moreira.

Finalmente, no manuscrito 3174 *FG*. da Biblioteca Nacional de Lisboa, que mede de comprimento 21 cm e de largura 15 cm., encontramos as mesmas orações de Fabrício, Beleago, Resende do nosso Hilário Moreira.

Antes do procedermos ao estudo crítico destes textos, queremos advertir o leitor de que, em virtude de ser bastante irregular a grafia de muitas palavras, resolvemos abandonar o sistema renascentista, substituindo-o pelo clássico.

Poderíamos, por exemplo, conservar *Author, anthoritati, charos, charitas, literae, literatus, peccunia*. porque estas palavras aparecem sempre escritas da mesma forma.

Mas, como proceder com grafias como *adequatio, cesos* (esta tirada já assim de Cataldo), *felicitas, faelice, laeticia, stulticia, noticia, caelesti*, ao lado de *caeterum, foeliciuuem, foelici, speties, suspitio, coelesti*?

Perante tal arbitrariedade pelo que toca aos ditongos *ae* e *oe* e às sílabas *ti* e *ci* entendemos não ter outro caminho a seguir.

Devemos todavia sublinhar que os copistas dos manuscritos fizeram muitas emendas no sentido da grafia clássica, caindo, por vezes, em casos de ultracorreção.

¹² Foi nossa fonte de informação, pelo que diz respeito a este códice, um artigo do Sr. Dr. Luís de Matos no *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. III, I, e ainda uma nota do Sr. Doutor Costa Pimpão no seu *Compêndio de Literatura Portuguesa*.

Ora, quer duma forma quer doutra, as suas emendas podiam servir-nos de guia neste estudo crítico. Prescindimos delas todavia, para não apresentarmos uma inútil sobrecarga de provas.

Levados igualmente pela ideia de simplificação, vamos designar os textos apenas pelas iniciais das respectivas cidades onde se encontram. Respeitando a ordem por que os descrevemos atrás, teremos pois:

- P* = (exemplar da Biblioteca Municipal do Porto)
S = (exemplar da Biblioteca Menéndez Pelayo, de Santander)
E = (manuscrito da Biblioteca Pública de Évora)
C = (manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)
L = (manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa)

Quanto aos impressos *P* e *S*, nada interessa debruçarmo-nos sobre cada um em particular, visto tratar-se de dois exemplares da mesma edição, como já se disse.

Há, no entanto umas pequenas observações que pretendemos fazer.

Assim, em ambos, aparecem certos erros tipográficos – por exemplo *exposcepant* por *exposcebant* – que mãos cuidadosas emendaram e, com mais cuidado, em *P* que em *S*. E a prova do que acabo de afirmar fornece-no-lo uma troca de desinências, que aparece logo na primeira página do texto.

Aí por alturas do meio lê-se: «*quos labia soluere*».

Ora é evidente que devia ser não *quos*, mas *qui*, sujeito da oração.

Em ambos os impressos aparece a emenda e *P* tem-na ainda ao lado, escrita à mão.

Porém *S*, a avaliar pelas fotocópias de que nos servimos e que parecem suficientemente claras, emenda não só esta palavra, mas também – e igualmente para *qui* – um outro *quos* que se encontra umas linhas mais acima e está bem.

Estava mais consciente do que fazia a mão que emendou *P*. E como, quanto ao resto, são perfeitamente iguais, ponhamos então *S* de parte.

Dos três manuscritos o mais antigo, a avaliar pelo tipo de letra e pelo uso das abreviaturas, é *E*. Calculo que deverá ser ainda do séc. XVI. Está numa caligrafia bastante cuidada e facilmente legível. Corrige alguns erros ou pseudo-erros de *P*, mas deixa passar outros que nos dão a certeza da sua filiação em *P*.

Alguns exemplos do primeiro caso

<i>P</i>	<i>E</i>
<i>quos</i> (p. 3; cfr. p. 201)	<i>qui</i>
<i>tacco</i> (p. 23; cfr. p. 230)	<i>taceo</i>
<i>lycium</i> (p. 6; cfr. p. 204)	<i>lyceum</i>
<i>exstimulauit</i> (p. 6; cfr. p. 204)	<i>stimulauit</i>

Exemplos do segundo – erros conjuntivos:

P e E

Cauolam por *Scaeuolam* (p. 12; cfr. p. 212)

adlubecet por *adlubescet* (p. 12; cfr. p. 214)

deprauere por *deprauare* (p. 19; cfr. p. 224)

excrabantur por *exsecrabantur* (p. 22-23; cfr. p. 228)

Mas a prova mais clara desta dependência está no texto grego da p. 18, aliás 16 (cfr. p. 220).

Têm assim *P e E*:

... γε ἐοικό τικται ... por γε ἐοικότι κεῖται ¹³

Quando começámos a ler *E* e verificámos que não tinha a dedicatória a D. João III, veio-nos ao pensamento que poderia ter sido uma cópia directa do manuscrito de Hilário Moreira. Quando porém verificamos que o mesmo acontecia às outras orações de sapiência que ali se encontram e fizemos o estudo dos erros conjuntivos entre *P e E*, mudámos totalmente de opinião.

Passemos agora a *C*, que supomos deverá ser uns anos bons posterior a *E*; talvez dos fins do séc. XVII. O seu autor revela uma grande ignorância do latim. Está inçado de erros de todo o género: duplica consoantes indevidamente, arranja terminações que nunca existiram, une, numa só, duas palavras e vice-versa; não desdobra abreviaturas, etc. Alguns exemplos: *uittae* (p. 18; cfr. p. 222), *ad hibita* (p. 10; cfr. p. 210), *splen descet* (p. 11; cfr. p. 212), *ones* (p. 17; cfr. p. 220), *consensut* (p. 14; cfr. p. 216), *inme* (p. 3; cfr. p. 200).

Quanto ao grego, simplifica o assunto, pois não transcreve texto algum, deixando, no entanto, os respectivos espaços em branco.

Este manuscrito é, sem dúvida, cópia de outro manuscrito. Efectivamente, apesar da sua ignorância do latim, e mesmo por causa dela, há erros que não podem ter outra explicação que não seja a dificuldade de ler o texto que o copista tinha diante.

Vejamos alguns:

sapidillimo (p. 10) por *sapidissimo*

gramateae (p. 8) por *grammaticae*

cindae (p. 12) por *cinco*

seneretdendo (p. 18, aliás 16;) por *si in reddendo*

amodisno (p. 19, aliás 15) por *anodyno*

statisn (p. 11) por *statim*

Estivemos a observar atentamente *P* no que diz respeito à expressão «*si in reddendo*». Lê-se muito bem e as palavras estão separadas.

¹³ Esta gralha está no entanto emendada à mão nos dois impressos que se conhecem.

Como iria juntá-las numa palavra sem sentido o copista de *C*, se tivesse copiado aquele?

Passemos a *L*. É o mais recente dos manuscritos. O seu tipo de letra – bastarda italiana – leva-nos ao séc. XVIII. Se o confrontarmos com *C* verificaremos haver um número relativamente grande de elementos conjuntivos entre os dois. Vejamos e confrontemos simultaneamente com *P* e *E*:

Verifica-se que em ambos os manuscritos houve a preocupação de corrigir erros de *P* ou supostos ou verdadeiros,

<i>L e C</i>	<i>P</i>	<i>E</i>	
<i>apprimi</i>	<i>apprime</i>	<i>apprime</i>	p. 4, cfr. <i>infra</i> , p. 202
<i>lyceum</i>	<i>lycium</i>	<i>lyceum</i>	p. 6, cfr. <i>infra</i> , p. 204
<i>afferre</i>	<i>efferre</i>	<i>efferre</i>	p. 8, cfr. <i>infra</i> , p. 208
<i>constatur</i>	<i>conflatur</i>	<i>conflatur</i>	p. 9, cfr. <i>infra</i> , p. 208
<i>Scaeuolam</i>	<i>Caeuolam</i>	<i>Caeuolam</i>	p. 12; cfr. <i>infra</i> , p. 212
<i>Zelleccus</i>	<i>Zelleuccus</i>	<i>Zelleccus</i>	p. 18, aliás 16; cfr. <i>infra</i> , p. 218
<i>Lucrensis</i>	<i>Locrensis</i>	<i>Locrensis</i>	p. 18, aliás 16; cfr. <i>infra</i> , p. 218
<i>Insirtim</i>	<i>in Sirtim</i>	<i>in Sirtim</i>	p. 21; cfr. <i>infra</i> , p. 226
<i>Lusitani</i>	<i>Lusciani</i>	<i>Lusciani</i>	p. 23; cfr. <i>infra</i> , p. 230

Em face disto, três hipóteses poderiam pôr-se: ou *L* ser cópia de *C* e vice-versa, ou serem os dois cópias de um terceiro manuscrito. A hipótese de serem tirados dum impresso tem de pôr-se de parte, atendendo ao que já se disse acerca de *C*.

Ora *L* não pode ser cópia de *C*, pois que *C* não tem os textos gregos, ao contrário de *L*. Por sua vez *C* não pode ser cópia de *L*, por ser manifestamente mais antigo. Além de que era impossível a um copista, por mais inexperiente e desconhecedor do latim, ajuntar um tal amontoado de erros em *C*, tendo-o tirado de *L*, escrito em bastarda italiana e que se lê portanto com a maior facilidade.

Resta então a 3.^a hipótese: terem os dois uma fonte comum – um terceiro manuscrito.

Assim se explicam as várias coincidências entre os dois, cuja lista atrás deixámos.

Que este terceiro manuscrito fosse *E* não o podemos admitir. A lista de nomes que atrás fica é de molde a tirar-nos as dúvidas que pudessem surgir. Mas vamos todavia acrescentar mais alguns:

<i>L e C</i>	<i>E</i>	
<i>Quos</i>	<i>qui</i>	p. 3; cfr. <i>infra</i> , p. 201
<i>August</i>	<i>8August. 3</i>	p. 10; cfr. <i>infra</i> , p. 210
<i>Execrabantur</i>	<i>excrabantur</i>	p. 22-23; cfr. <i>infra</i> , p. 228
<i>tacco</i>	<i>taceo</i>	p. 23; cfr. <i>infra</i> , p. 230

Há que admitir um manuscrito diferente, de que não temos notícia e que vamos designar por α .

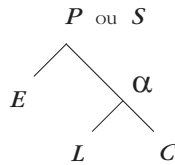
E agora uma última pergunta. Não teria sido este manuscrito o próprio original de Hilário Moreira, tanto mais que a cópia mais antiga se encontra em Coimbra?

Estamos certos que não. Há erros conjuntivos comuns aos três e que nos levam a concluir por uma filiação em P . Apontemos:

P C L

<i>quos</i> por <i>qui</i>	p. 3; cfr. 201
<i>coagmentadarum</i> por <i>coagmentandarum</i>	p. 9; cfr. 210
<i>deprauere</i> por <i>deprauare</i>	p. 19; cfr. 224
<i>tacco</i> por <i>taceo</i>	p. 23; cfr. 230
<i>mulgere</i> por <i>mulcere</i>	p. 19; cfr. 224

Esquematisando graficamente tudo quanto acaba de dizer-se, teremos o seguinte «stemma»:



Resumindo:

Se as nossas deduções estão bem, P é o texto mais antigo que se conhece. Dele derivam os outros ou directa ou indirectamente. As divergências que surgiram, à parte o caso impar de C , são devidas ao desejo de corrigir alguns erros ou pseudo-erros de P , e ainda ao coeficiente pessoal de erro de cada copista.

ALBINO DE ALMEIDA MATOS

TEXTO E TRADUÇÃO

HILARII MOREIRAE
CONIMBRICENSIS

AD INVICTISSIMUM LVSITANIAE REGEM
D. IOANNEM TERTIVM

DE OMNIVM PHILOSOPHIAE PARTIVM
LAVDIBVS ET STVDIIS
ORATIO

Apud inclitum Conimbricense Lycaeum
uniuersi terrarum orbis florentissimum
de more Academiae habita
Calend. Octob.
Anno Salutis
M. D. LII.

CONIMBRICAE
Ioannes Barrerius et Ioannes Aluarus
Regii typographi excudebant.

HILÁRIO MOREIRA
CONIMBRICENSE

ORAÇÃO
SOBRE O ESTUDO E LOUVOR
DE TODAS AS PARTES DA FILOSOFIA

DEDICADA AO INVICTÍSSIMO
REI DE PORTUGAL D. JOÃO III

Proferida na Universidade de Coimbra,
a mais próspera de todo o mundo,
segundo a praxe da Academia,
em 1 de Outubro
do ano da salvação
1552

COIMBRA
Imprimiram-na os tipógrafos régios
João de Barreira e João Álvares

[2]

INVICTISSIMO D. IOANNI TERTIO
LVSITANIAE REGI SERENISSIMO
HILARIVS MOREIRA, S.

Oratio qualiscumque a me habita in hoc tuo florentissimo Museo de disciplinarum laudibus, in publicum exitura, ad cuius patrociniū confugiet, nisi ad tuum, Rex piissime, ac nostri saeculi decus unicum, qui Musarum patronus es, et bonas artes in nostra Lusitania e tenebris uindicasti? Cuius se titulo et splendore tutabitur, nisi eius qui me ad multo maiora animauit, in suorum numero esse iussit, ad pristina studia reuoeauit, et sufficienti congiario prosequitus est?

Is enim es, ὃς περὶ μὲν ἐστὶ νόον βροτῶν.

Nam, ut ceteris in rebus Augusti Caesaris felicitatem imitatus uideris, sic quoque et optimarum artium studio, quo illum¹ ualde inflammatum fuisse memoriae proditum est.

Nec certe dubito quin me temeritatis arguendum facile omnes putent, qui de materia, quamuis per se ampla et magnifica, orationem tamen horridam et incultam ad tuam celsitudinem deferam; sed audaciae crimen mea erga te pietas facile excusabit, praesertim cum Regius animus quodcumque leue munus pro magno accipit.

Igitur me, meumque candidatae philosophiae munusculum tibi deuoueo. Bani itaque consulas, quaeso, quando id feci audacius, singulari tua humanitate, et commemoranda beneficentia prouocatus.

Faxit Deus Optimus Maximus ut, una cum pietatis Christianae incremento, crescat tibi incolome auitum regnum.

Vale, Rex inuictissime, et litteras, quod facis, ama.

¹ illum] ille *omn.*

[2]

AO INVICTÍSSIMO D. JOÃO III,
SERENÍSSIMO REI DE PORTUGAL,
SAÚDA HILÁRIO MOREIRA

Esta despretensiosa oração, por mim proferida nesta vossa muito próspera Academia, sobre o louvor das disciplinas e que vai sair a público, a que patrocínio há-de acolher-se senão ao vosso, Rei Piedosíssimo e glória única do nosso século, que sois o patrono das letras e fizestes emergir das trevas, no nosso Portugal, as artes liberais?

Com que título e auréola se escudará, senão com os daquele que me animou a voos mais altos, mandou incluir-me no número dos seus, me incitou a regressar às antigas ocupações e me amparou com estipêndio bastante?

Vós sois, com efeito, ὃς περὶ μὲν ἐστὶ νόον βροτῶν.¹

Na verdade, assim como parece que, em tudo o mais, imitastes a felicidade de César Augusto, assim pareceis tê-lo imitado também no interesse pelas belas artes, interesse que muito o entusiasmou, segundo diz a tradição.

Não duvido, por certo, que todos entendam ser fácil arguirem-me de temerário, a mim que, sobre uma matéria de si mesma o mais vasta e sublime, venho todavia apresentar a Vossa Alteza uma oração horrída e inculta, mas, desta temerária audácia, facilmente me desculpará a minha piedade para convosco, sobretudo porque o espírito régio recebe, como grande, qualquer leve serviço.

Ofereço-vos pois a minha pessoa e este insignificante trabalho que vos apresento sobre a filosofia. Dai-lhe a vossa aprovação, se vos apraz, posto que eu tenha sido um tanto audaz, excitado pela vossa singular brandura e inesquecíveis benefícios.

Que Deus Ótimo Máximo faça que, juntamente com o crescimento da piedade cristã, cresça incólume o reino que herdastes.

Saúde, Rei Invictíssimo, e amai as letras, como vindes fazendo.

[3]

HILARII MOREIRAE
DE OMNIVM PHILOSOPHIAE PARTIVM
LAVDIBVS ET STVDIIS ORATIO

Nihil equidem dubito quin dicendi uis, et ingenii acumen in me desideretur, Rector amplissime, Reipublicae Litterariae Proceres grauissimi, contio studiosissima, ad ea potissimum explicanda, quae huius loci sors et temporis opportunitas, exposcebant.

Ea est siquidem suscepti muneris dignitas, et magnitudo, quam uix ulla dicendi ubertas, ullus ornatissimae orationis splendor satis explicare possit. Praesertim cum has ornatissimas sedes ac subsellia, tot doctissimis uiris referta esse conspiciam, quos, ut in hoc praeclaro dicendi genere, ita in ceteris rebus, principes, mea sententia, non iniuria dicam. In quorum tremendo iudicio, qui² labia soluere debuisset, diuina admirabilique eloquentia et singulari quodam splendore praeditum esse debele non eram nescius.

Tamen cum me uel ad Conimbricensem banc Academiam, matrem meam longe dulcissimam, ubi natus et litteris educatus sum, uel ad summam in me beneuolentiam uestrarn, uiri patres, refero, quibus hoc, quantulumcumque est, quod in litteris ualeamus, acceptum referri uolo, nihil est quod de sapientia uestra aut ingenio meo diffidam, quando magis obsequendi studio, quam perficiendi spe id onus subierim.

Hoc enim apud me eruditissimi Domini Cancellarii, doctoris praestantissimi, auctoritas ualere potuit, ut natura mutata, potius ipsi eiusque praeceptis morem gerere, quam meis rebus et mihi ipsi consulere maluerim. [4] Quantum illius auctoritati me pius obtemperandi ardor prouocauit oboedire, tantum permultiplice³ aestuum moles, longa aegritudine oppressum⁴, uolentem obtemperare deterrebant.

² qui *E*] quos *PC*

³ permultiplices] per multiplices *omn.*

⁴ oppressum] oppressus *omn.*

[3]

ORAÇÃO
DE HILÁRIO MOREIRA SOBRE O LOUVOR E ESTUDO
DE TODAS AS PARTES DA FILOSOFIA

Nenhuma dúvida tenho, por certo, reitor magnífico, sapientíssimos lentes desta República das Letras, assembleia estudantil, de que me falte o vigor oratório e a agudeza de inteligência para explanar devidamente este assunto, de harmonia com as exigências do lugar e as circunstâncias de tempo.

Tal é efectivamente a categoria e importância do encargo recebido, que dificilmente alguém poderá desempenhar-se dele como convém, qualquer que seja a facilidade de expressão e o brilho da oração mais esmerada. Sobretudo depois de ver estes honrosíssimos cadeirais e bancadas cheios de tantos varões doutíssimos, a quem, não só neste brilhante género oratório, mas em tudo o mais, eu chamarei o escol – e isto não por adulação, mas porque é esse o meu pensar. E não ignorava que, quem na sua temível presença houvesse de despregar os lábios, devia ser dotado de divina e admirável eloquência e dum singular brilho estilístico.

Todavia ao dirigir-me a esta Universidade conimbricense, minha mãe muito querida onde nasci e recebi educação literária, ou à vossa extrema benevolência para comigo, respeitáveis varões, a quem quero agradecer o facto do meu valor literário, por insignificante que ele seja, não tenho razão para desesperar da vossa indulgência ou das minhas possibilidades, eu que aceitei este encargo,² mais por vontade de obedecer, do que por esperança de realizar obra perfeita.

É que tal poder teve em mim a autoridade do muito erudito Senhor Cancelário, doutor notabilíssimo, que, mudando-me a natureza, preferi obedecer a ele e às suas ordens,³ mais do que atender aos meus problemas e a mim mesmo. [4] Quanto um ardente e respeitoso empenho de obedecer me impeliu a ser dócil à sua autoridade, tanto a opressão duma longa doença, com múltiplos acessos de febre, afastava a minha vontade da obediência.

Sim, não receei aceitar, de rosto sereno, as ordens, posto que difícilimas, dum tão grande mestre que, dia a dia, com os seus ensinamentos e formação piedosa, me vai libertando das tenebrosas cadeias da ignorância.

Equidem tanti magistri iussa, licet difficillima, mihi sereno uultu non suscipere ueritus sum. Qui me quotidie, e caliginoso ignorantiae uinculo, bonis suis artibus piisque eximit disciplinis.

Quidquid igitur, uiri patres, ultra mearum uirium tenuitatem ausus uel offerre, uel dicere fuero, id omne parendi necessitas excuset. Quum enim uestra animatus fiducia huc ascenderim, non leporem sermonis inquiretis spero, in quo et nos apprime⁵ estis eruditi, sed quaecumque meum dicendi genus singulari fauore sustentabitis. Nec nouis ac inusitatis immorabor, ex quibus attentionem petunt rhetores; scio enim summum eos subire discrimen, qui nouis studeant, cum laus, si succedat ad uotum, uituperium si contra, sint in procinctu.

Ea tamen rei est qua de agimus maiestas, ea dignitas, illud fastigium, ut nolentes, uolentes, uos in admirationem rapiat. Agere enim de Republica Litteraria per se magnificum quippiam est et augustum. Quid enim, quaeso, philosophiae disciplinis praeclarius? Quid litterarum studiis delectabilius? Demum quid oratione, quae cum de earum laudibus habebitur, magnificentius et augustius?

Intendat quis modo animi aciem, expendatque ab effectu litterarum culmen.

Quibus, ut scribit Plutarchus, *De liberis educandis*, scire licet quid honestum, quid turpe, quid iustum, quid iniustum et summatim quid eligendum, quid fugiendum; quomodo parentibus, quomodo natu grandioribus, quomodo peregrinis, magistratibus, amicis, uxoribus, ac seruis utendum sit; utque Deos uenerari, parentes honorare, seniores uereri, legibus obtemperare; magistratibus cedere, amicos diligere oporteat, in mulieres seruare modestiam, caros habere liberas, minime seruire cum seruis et, quod maximum est, in prosperis fortunae successibus laetitia non effundi, nec in aduersis casibus [5] tristitia deprimi, nec omnino uoluptatibus esse deditos, nec ita per iracundiam affici, ut belluarum animos induamus.

Quae, Deus bone, litterarum uis! Hae seminaria uirtutum et incunabula, quibus iuuenum animi ad uerae gloriae cupiditatem aluntur, suggerunt: hae ad beate uiuendum adolescentiam commonent, hae senectutem suo uiatico delectant; suntque optimum aerumnarum leuamentum. Secundas res ornant, aduersis perfugium et solacium praebent, domi deiectant, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, et otio amoenissimo rusticantur.

Denique in senectute animum, tanquam emeritis stipendiis, ambitionis, contentionum, cupiditatum, uoluptatum, receptui canere hortantur omniumque rerum securum secum uiuere cogunt.

⁵ apprime *EP*] apprimi *LC*

Por conseguinte tudo o que, respeitáveis varões, para lá da fraqueza das minhas forças, eu ousar apresentar ou dizer, que isso tudo o desculpe a necessidade de obedecer.

E visto que foi animado pela vossa confiança que subi a este lugar, espero que não procureis em mim donaires de estilo, no que vós sois primorosamente versados, mas que favorecereis, com a vossa singular benevolência, este meu desprezencioso modo de expressão.⁴ Nem me deterei em assuntos novos e fora de uso, de que se servem os retóricos para conciliar a atenção, pois sei que quem se interessa por coisas novas, se sujeita a uma muito arriscada alternativa: a que desfechem sobre si louvores, se é bem sucedido, vitupérios, se pelo contrário.

Tal é contudo a majestade e nobreza da matéria de que tratamos, tal a sua altura que, queirais ou não, vos arrebatará de admiração.⁵

Com efeito, tratar da república literária é, de per si, algo de magnífico e augusto. Que mais notável do que as disciplinas da filosofia? Que mais deleitável do que o estudo das letras? Finalmente, que mais magnificente e augusto do que a oração que se proferir em seu louvor?

Apreste-se agora a agudeza da inteligência e desvie-se o seu gume do efeito literário.

É a nós que, como escreve Plutarco no livro *Sobre a educação dos filhos*, é possível saber o que é honesto, o que é torpe, o que é justo, o que é injusto e, em resumo, o que deve escolher-se, o que deve evitar-se; como se deve proceder com os pais, com as pessoas de idade, com os peregrinos, magistrados, amigos, esposas e criados; como é mister venerar os deuses, honrar os pais, respeitar os mais velhos, obedecer às leis, ceder aos magistrados, estimar os amigos, observar a modéstia em relação às mulheres, ser solícito com os filhos, não usar de atitudes servis com os servos e – o que é o máximo – não trasbordar de alegria nos sucessos prósperos da fortuna, nem nas adversidades se deixar deprimir pela tristeza; [5] não nos entregarmos totalmente aos prazeres, nem nos deixarmos dominar pela ira, a ponto de nos assemelharmos aos animais.⁶

Como é grande, bom Deus, o poder das letras! É nelas que se semeiam e embalam as virtudes, é nelas que o espírito dos jovens sorve a paixão da verdadeira glória; são elas que advertem a adolescência a viver com dignidade, são elas que deleitam a velhice com o seu viático, e são o melhor alívio das desditas. Realçam a prosperidade, fornecem um refúgio e consolo na adversidade, deleitam em casa, não estorvam fora, pernoitam e viajam conosco e acompanham-nos no ócio ameníssimo do campo.⁷

Finalmente, na velhice, exortam o espírito a que, como recompensa merecida, se veja livre da ambição, da luta pela vida, da paixão, dos prazeres, e forcem-no a viver consigo, livre de todas as coisas.⁸

Nada há pois, cultíssimos ouvintes, mais brilhante que o esplendor das artes liberais, o qual, se não for ofuscado pela minha oratória, irá conciliar-me a vossa melhor atenção.

Itaque nihil est, auditores humanissimi, bonarum litterarum splendore illustrius, qui, si a me dicendo non fit deterior, uestras mihi aures attentissimas comparabit.

Vetustissimam igitur philosophiae originem, ut hinc initium faciamus, contenderunt Romanae facundiae principes, studiorum omnium cupidissimi perquirere, omnemque conatum, abditissima quaeque peruestigantes, ad eam penitus inueniendam adhibuerunt, ut id quod industria sua et labore comperissent, posteritati scriptum relinquerent. Quod sane inter plurimos potissimum efficit M. Cicero, eloquentiae parens disertissimus et eloquentissimae philosophiae studiosissimus. Qui philosophiam, a Graecis inuentam, Latinis litteris excolere atque illustrare conatus est. Nec usque adeo sibi suisque indulsit, ut non Graecis aliquando referret acceptum.

Quandoquidem philosophia omnis, id est, omnes liberales disciplinae diu a solis Graecis tractatae, excultae, ac illustratae fuere, cum Romani Latinique arma magis quam studia litterarum exercerent et, dominandi libidine, imperium magis quam disciplinas obtinere meditarentur.

Illam autem purioris sapientiae disciplinam, qua Graeci ceteris longe praecelluerunt, sophiam, quae nunc philosophia muncupatur, appellitarunt, et qui hanc [6] modestissime profitebantur, sophi, id est, sapientes appellati sunt.

Pythagoras primus philosophiae nomen indidit, seque philosophum, id est, sapientiae studiosum nominauit; a quo Italicum philosophiae genus emanauit, quod philosophiae domicilium in Italia diutissime excoluerit, cum philosophia Ionica ab Anaximandro, Thaletis Ionici discipulo, ut testatur Diogenes Laertius, antea effluerit.

Ceterum, cum in dies Graecorum ingenia magis efflorescerent et litterarum studia auidius excolerentur, apud Athenienses illos catos atque legiferos emporium philosophorum constitutum est. Illic Academia Platonis, Lyceum Aristotelis, et Porticus Zenonis floruerunt. Ex ea illustrissima ciuitate complures philosophorum sectae, tanquam ex equo Troiano innumeri principes, prodierunt. Illinc Academici, illinc Stoici, illinc Peripatetici nomen sortiti exilierunt.

Sed quid tot philosophos, optimi genii dexteritate bene natos, ad quamlibet disciplinam degustandam propensiores ad discendumque⁶ promptissimos et inexplabiliter inhiantes ad capessendas philosophiae disciplinas, impulit, concitauit et acrius exstimulauit!⁷ Sane diuinum quoddam numen quo, diuinitus afflati, amarem ueritatis inspiciendae omnium maximum, perquirent et, quam dulcis sit et beata philosophiae possessio, aliquando intelligerent. Cuius excellentiam, dignitatem, ac perfectionem,

⁶ ad discendumque *PC*] addiscendumque *EL*

⁷ exstimulauit *PC*] stimulauit *EL*

Sobre a antiquíssima origem da filosofia, para começarmos por aqui, disputaram os príncipes da eloquência romana, ansiosos por tudo investigar, e empregaram todo o esforço por descobri-la totalmente, explorando até as coisas mais recônditas, para deixarem por escrito à posteridade o fruto do seu trabalho.

Neste aspecto destaca-se particularmente, entre muitos, M. Cícero, o muito facundo pai da eloquência e em extremo devotado à grandiloquente filosofia, esforçando-se por cultivar e abrilhantar, nas letras latinas, esta descoberta dos gregos. E não levou a condescendência consigo mesmo ou com o seu povo até ao ponto de não deixar transparecer, algumas vezes, a sua gratidão àqueles. Na verdade, durante muito tempo, só os gregos é que estudaram, aperfeiçoaram e abrilhantaram a totalidade da filosofia, ou seja, todas as artes liberais, enquanto que os romanos e latinos se exercitavam mais nas armas do que no estudo das letras e, levados pela ambição do domínio, preocupavam-se mais com a aquisição do império, do que com a instrução.

E àquela disciplina, constituída por uma mais pura sabedoria – no que os gregos ultrapassariam em muito os restantes – que hoje dá pelo nome de Filosofia, começaram a chamar-lhe *sophia*; àqueles que, [6] com tanta modéstia, a ela se aplicavam, deram-lhes o nome de *sophi*, isto é, sábios.

Pitágoras foi o primeiro a pôr-lhe o nome de filosofia e a si mesmo se chamou filósofo, ou seja, o que tem interesse pela sabedoria. Dele proveio a filosofia itálica, por ter sido na Itália onde, por longo tempo, assentou arraiais o seu ensino da filosofia, embora a filosofia jónica tenha provindo anteriormente de Anaximandro, discípulo de Tales de Mileto,⁹ como atesta Diógenes Laércio.

De resto, como o génio grego ia desabrochando de dia para dia e o estudo das letras se intensificava mais, é entre aqueles atenienses perspicazes e legisladores¹⁰ que vem a fixar-se o monopólio da filosofia. Ali floresceram a Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e o Pórtico de Zenão. Desta celeberrima cidade saíram muitas escolas de filósofos, como do cavalo de Tróia os inumeráveis chefes. Dali saíram os que deram pelo nome de Académicos, Estoicos, Peripatéticos,

Mas o que foi que impeliu, excitou e estimulou, com tal ardor, tantos filósofos, afortunadamente nascidos sob a protecção do melhor génio, tão propensos a saborear qualquer disciplina, mais que prontos a aprender e insaciavelmente ansiosos por abarcar as disciplinas da filosofia? Certamente algum poder divino,¹¹ sob cuja inspiração aprofundassem o interesse pela investigação da Verdade, o maior de todos, e viessem a compreender a doçura e felicidade de possuírem a filosofia.

E que ninguém julgue vir a alcançar alguma vez a excelência, dignidade e perfeição desta – no que excede as restantes artes – sem a ajuda duma inspiração divina. Do que, com grande beleza, nos adverte, no *Timeu*, o divino Platão que tão afeiçoado foi à verdade. A filosofia, diz, é a única dádiva dos deuses.¹² Por isso chama divinos a todos os filósofos. Nem é irreflectidamente que Platão, nos seus escritos, põe tal pensamento na boca de Sócrates.

Com efeito a linhagem dos filósofos não é muito mais fácil de discernir do que a dos deuses. A todos os filósofos que o são de verdade e não de aparência, a

qua ceteris praestat artibus, nemo diuina non adiutus inspiratione, se putet aliquando assequuturum. Quod diuinus ille Plato, ueritatis amicissimus, in *Timaeo* perpulchre commonefacit; philosophia, inquit, unicum deorum est munus. Omnesque ibidem philosophos diuinos appellat. Nec abs re, apud Platonem, id sensit Socrates.

Nam philosophorum genus haud multo facilius quam deorum discernitur. Omnes enim quicumque non fecte, sed uere philosophantur, propter aliorum inscitiam, omniformes apparent dum ciuitates circumeunt et, quasi ab excelso quodam speculo, inferiorum uitam prospectant. Quorum officium est diuina nosse, [7] gubernare humana. In illo contemplatiua philosophia, in hoc actiua deprehenditur. Philosophus itaque primo diuinam, id est, absolutam ipsius boni naturam per sapientiam contemplatur, deinde ad id bonum, uelut ad finem, humanas operationes dirigens, humana gubernat.

Quod, nisi philosophi dominantur, aut qui gubernant Rempublicam, diuina sorte philosophentur, protinus genus humanum periclitabitur.

Quapropter, cum philosophia non sit angustis finibus circumscripta, sed latissime pateat et, pedissequis suis comitata, orbem illum doctrinarum complectatur qui encyclopaedia dicitur, primum sibi locum ad disserendum uindicet obtineatque oportet.

Quam nihil peraeque extollit facitque admiratione dignam, quam eius praecipuum munus, indagatio scilicet, atque inuentio ueritatis.

Cuius ubique Plato studiosus atque auidus indagator, limites seruauit ut debuit; curo de rebus diuinis humanisque disserteret, negauit eas artes sapientis esse, quae plerumque uitae inseruiunt, siue illae necessariae, siue utiles, siue elegantes, siue ludicrae, siue auxiliares sint.

Propriam uero artem esse philosophi, non cathedrarii, sed ueri et antiqui, qui, discendi cupidus, dum peregrinas peragrat regiones, minime de pastu corporis anxius et molestus, ab unoquoque tam excellentis nominis admiratore, non minus quam amici certatim excipitur.

Haec est uirtus ea quae, ut Theophrastus inquit, nos in alienis locis prohibet uideri peregrinos uel, necessariis amissis, amicorum inopes, sed quamcumque adierimus ciuitatem, ea nos amplissime donat.

Haec uitae dux est, uirtutis indagatrix ac uitiorum expultrix, sicut a M. Tullio proditum nouimus; estque inuentrix legum, magistra morum et disciplinae, quam, si ex conuiuuiis exigendam censeas, amplius longe peccaris [8] quam si lucernam restinxeris.

Praeclaro philosophiae nomine, praesignes multi, in una hac, quasi tabernaculum uitae suae collocarunt, uelut plane sit benefactorum omnium mater, et suauissima hominum uita, sine qua nihil existit, ad quam confugiendum est tanquam ad sacram ancoram, a qua petendum subsidium, cui iugiter inuigilandum, in qua magnum ponendum animi studium et a qua efflagitandum senectutis uiaticum.

incapacidade destes destaca neles todas as formas de competência e saber, quando passam pelas cidades e contemplam a vida do vulgo como dum alto espelho. O seu múnus é conhecer as coisas divinas, [7] dirigir as humanas. Num caso temos a filosofia contemplativa, noutra, a activa.¹³ Portanto o filósofo contempla primeiro, pela sabedoria, a natureza divina, ou seja, a natureza absoluta do próprio bem; depois, orientando as operações humanas para esse bem, como para o fim, dirige as coisas humanas.¹⁴

E, se o poder não estiver na mão dos filósofos, ou os que governam o estado, por determinação divina,¹⁵ não procederem como filósofos, depressa o género humano correrá perigo.

Por conseguinte, visto que a filosofia, não se circunscreve em horizontes estreitos, mas se expande por um terreno muito vasto e, na companhia das suas aias, abarca todo esse anel de matérias que se chama enciclopédia, é preciso que para si reclame e consiga um lugar primacial na dissertação. E nada há igualmente que tanto a eleve e torne digna de admiração como o seu principal múnus, a saber, a procura e a descoberta da verdade.¹⁶

Platão, que sempre a isto se dedicou e de que foi um investigador ávido, respeitou-lhe os limites, como era seu dever. Ao dissertar sobre as coisas divinas e humanas, afirmou que não eram próprias do sábio aquelas artes que, na maior parte dos casos, estão subordinados à vida, quer sejam necessárias, úteis, elegantes, recreativas ou auxiliares, mas que sua arte própria era a do filósofo, não do que ensina de cátedra, mas do verdadeiro e antigo que,¹⁷ na ânsia de aprender, enquanto percorre terras estranhas, sem se preocupar nem incomodar de forma alguma com os cuidados do corpo, é recebido, à porfia, por todos os admiradores de tão excelente nome, tão bem como os amigos.

É esta aquela virtude que, como diz Teofrasto, nos coíbe de parecer peregrinos em terras alheias ou privados de amigos, depois de perdidos os mais íntimas, mas nos abre de par em par qualquer cidade em que entremos.¹⁸

É ela que dá orientação à vida, busca a virtude e expulsa os vícios tal como ensinou M. Túlio; é a inventora das leis, a mestra dos costumes e da disciplina, e procederia muito pior do que se apagasse uma lanterna quem pensasse [8] dever expulsá-la do convívio social.

Sob o prestígio do nome da filosofia, muitos e notáveis homens colocaram nela como que o tabernáculo da sua vida, como mãe que é de todo o bem e vida suavíssima dos homens, sem a qual nada existe, para quem se deve fugir como para uma âncora sagrada, a quem se há-de pedir auxílio, a quem há que estar continuamente atento, em quem se deve pôr um grande interesse e a quem há que solicitar o viático da velhice.¹⁹

Por isso chamemos sempre filosofia não à enfatuada, não à que se perde em disputas altercatórias, mas àquele amor da sabedoria que os gregos chamaram οὐρανόσκοπος,²⁰ isto é, voltado sempre para o céu. Sim, esta filosofia que busca

Quare philosophiam semper uocemus, non tumidam, non contentionibus altercatoriis elatam, sed sapientiae illum amorem, quem Graeci οὐρανόσκοπος dicunt, quasi in caelum semper arrectum. Haec denique philosophia sublimipeta, quam ob id docti et pii uiri οὐρανόφρωνα uocauerunt, non modo ξεναγωγός, sed etiam ψυχαγωγός Christianis esse solet. Cuius studium, animas, a cogitatione rerum sensibilibum abductas, ad sublimium speculationem subuehit et, mirificis diuini studii illectamentis, eo tandem perducit quo animae suapte natura et condicione uergunt. Hanc philosophiae excellentiam, eius partium singularis commendatio planius ostendit.

Grammatica

Nam et linguam componit uoces formare, formatas denique congrue eloqui⁸ instruit, ita ut certam sententiam dilucide repraesentent. In tenui, ut ait Maro, labor est, at tenuis non gloria, nec mediocre pretium operae, posse animi sensa citra ambiguitatem efferre.⁹

Nam quibus haec philosophiae pars, cuius obseruationem grammaticam uocamus, non satis familiariter nota est, ii, quia temere congerunt uoces, quod sentiunt non possunt explicare, sed dant sine mente sonum et, inani quodam strepitu, aures obtundunt perinde ac fluctus litora ferit.

Legitur de Cadmo, ab Agenore patre misso ad quaerendam Europam a Ioue raptam, cum iuxta Hippocrenem fontem sub tristis, ac meditabundus recumberet, sedecim litterarum characteres ibidem adinuenisse,¹⁰ quibus Graecia primo, deinde omnis posteritas usa est.

Quae litterae in syllabas coactae, a uocalibus animatae, dictiones constituunt, ex [9] quibus integerrima conflatur¹¹ oratio.

Quam sunt autem explodendi stolidi isti qui grammaticae negotium facessunt! Deus bone, perinde ac si non sit grammaticus qui litteratus. Quasi Hippocratis libras nobiles, olim grammatici, quos enumerat Erotianus, non diligenter sint interpretati!

Miror profecto uiles quosdam homunculos sese istius partis peritia censere, qui ne a limine, quod aiunt, litteras unquam salutarunt, tantum abest, ut abditissima quaeque auctorum loca possint dilucide explicare.

Est ergo in puerilibus studiis inprimis opera danda, ut sermonem sibi quisque perspicuum et planum paret, quo expromere animi cogitata sine ambiguitate possit. Indigni mihi hominis uocabulo uidentur qui, quoties res seriae¹² orationem flagitant, tanquam κῶφα πρόσωπα in comoediis, nullam uocem edere possunt. Saepe etiam comperi pueros, cum selectorum uerborum

⁸ eloqui *PEC*] eloquio *L*

⁹ efferre *PE*] afferre *CL*

¹⁰ adinuenisse *PEL*] ad inuenisse *L*

¹¹ conflatur *PE*] constatur *CL*

¹² seriae *P*] serie *ECL*

o sublime e que, por causa disso, foi pelos doutos e pios varões chamada οὐρανόφρωνα,²¹ para os cristãos costuma ser não só ξεναγωγός,²² mas ainda ψυχαγωγός.²³

As almas que retirou do pensamento das coisas sensíveis, o seu estudo leva-as à especulação do sublime e, por meio dos maravilhosos atractivos dum tão alto estudo, conduz, por fim, a um ponto tal em que as almas, por sua natureza e condição, se rendem.

Esta excelência da filosofia mostra-la-á mais claramente a apreciação de cada uma das suas partes.

É ela, com efeito, que prepara a língua para articular palavras; proferidas estas, dispõe-nas numa conveniente elocução, de modo que representem uma proposição clara.

Gramática

As coisas pequeninas, como diz Marão, exigem trabalho,²⁴ mas não é pequena a glória nem medíocre o valor de poder apresentar-se, sem ambiguidade, o sentido do que se pensa.

Ora aqueles a quem não é suficientemente familiar o conhecimento desta parte da filosofia a que chamamos *gramática*, esses, porque amontoam palavras ao acaso, não podem explicar o que sentem, mas proferem sons sem sentido e, com um ruído oco, aturdem os ouvidos, tal como a onda bate na praia.²⁵

Lê-se a respeito de Cadmo que, tendo sido enviado pelo pai Agenor à busca de Europa, raptada por Júpiter, tendo-se sentado triste e meditabundo junto da fonte de Hipocrene, ali encontrara os dezasseis caracteres das letras,²⁶ de que usou primeiro a Grécia e depois toda a posteridade.

Estas letras, reunidas em sílabas, vivificadas pelas vogais, formam os vocábulos, [9] com que se compõe a oração mais completa.

Como devem censurar-se esses insensatos que desprezam a gramática!²⁷ Bom Deus, como se gramático não seja o mesmo que literato! Como se não fossem os gramáticos que Erociano enumera, quem outrora, com toda a diligência, interpretou os afamados livros de Hipócrates!

Admiro-me, na verdade, que se tenham por peritos em tais assuntos certos homenzinhos vulgares que, como costuma dizer-se, nunca saudaram as letras,²⁸ nem sequer do limiar; tão longe estão de poderem explanar, com clareza, quaisquer passagens mais intrincadas dos autores.

No estudo a proporcionar às crianças deve, por conseguinte, prestar-se atenção sobretudo a que cada uma adquira uma linguagem clara e chã, com que possa, sem ambiguidade, manifestar o pensamento.

Parecem-me indignos do nome de homens aqueles que, sempre que graves circunstâncias lhes exigem o uso da palavra, tal como as κῶφα πρόσωπα²⁹ nas comédias, não são capazes de abrir a boca. Muitas vezes mesmo encontrei rapazes com grande abundância de termos seleccionados, mas, porque não conheciam o processo acertado de elaborar uma oração,³⁰ não ousavam falar. Para estes todo o

magnam haberent copiam, tamen, quia certe contexendae orationis rationem non norant, non esse ausos loqui, quibus opera omnis collata in litteras unam hanc ob causam perierat, quod grammaticam pedetentim non didicerant.

Quare diu mihi in hac philosophiae parte puer detinendus uidetur, dum omnes formulas coagmentandarum uocum cognouerit, et tanquam architectum orationis profiteri se ausit.¹³ Nam haec ars et orationis cohaerentiam inquirat et indebitae pronuntiationis luxuries quasi falce coercescit.

Et quae uel sola, omni studiorum genere, plus habet operis quam ostentationis.

Dialectica

Dialectice uero aptissimum sane ueri inueniendi organum, cuius sumus homines amantissimi, quam non nulli disputatricem dixerunt, alii logicen, et senio attingendam dixit Plato. Promptam et expeditam disserendi rationem de unoquoque probabili themate sibi uindicat, quae in uniuersum de rebus omnibus agit, sua aliis disciplinis instrumenta accommodans, qua instructi, ad pertingendas [10] altiores disciplinas, facilem habent aditum.

Quod collaudans Cicero, sub persona Crassi primo *De Oratore* cecinens, inquit: adhibita est ars quaedam ex alio genere quodam, quod sibi totum philosophi assumunt, quae rem dissolutam, diuulsamque conglutinaret et ratione quadam constringeret.

Et profecto nulla disciplina, citra dialecticam, perfecte acquiri potest, cuius ministerio primi homines perfectius sibi proposita expeditent, et expeditius quid ueri aut falsi, boni aut mali in eis contineretur, explorarent.

Sic Augustinus, 8 *De Ciuitate Dei*, quemadmodum, inquit, in rerum causis aut uitae moribus ueritas ipse quaeratur, logica disputat.

Quae figuratim est ille fluuius Phison, de quo *Geneseos*, 2; ipse est qui circumit omnem terram Heuilah, ubi nascitur aurum sapientiae. Instar gyri uel circuli, qui apud geographos figura capacissima est, omnia ambit.

Ergo uide arcum et benedic qui fecit illum; speciosus est in splendore suo. Est enim quasi arcus refulgens inter nebulas sapientiae, iaciens sagittas ueritatis contra hostes falsitatis. Quod, de se ipsa, his uerbis palam profitetur: frustra doctores, sine me, coluere sorores.

Quem illius usum breuiter subicit Augustinus in libro *De doctrina Christiana*: Dialectica clauis est argentea auri thesaurum reserans, sine qua nullae, et cum qua omnes scientiae acquiruntur.

Quam proinde Crassus necessariam esse putat formandis artibus, quamque cupit esse in iurisconsultis.

Sed deapidissimo huius omnium ministrae fructo gustandum est, non tamen ingurgitandum; in cuius, ut scribit Plato in *Gorgiam*, non est consensendum gyris atque Maeandris tanquam apud Sirenaeos scopulos.

¹³ profiteri se ausit *PEC*] se ausit profiteri *L*

esforço despendido com as letras se perdera, devido a esta única causa – o facto de não terem aprendido paulatinamente a gramática.

Eis por que me parece que a criança se deve deter demoradamente nesta parte da filosofia, até conhecer todos os processos de reunir as palavras, e ousar apresentar-se como um arquitecto da oração.³¹ É que esta arte não só busca a coerência da oração, mas também corta, à maneira duma foice, os exageros duma locução defeituosa por exuberante.

E em toda a espécie de matérias, é ela a única que tem mais obra do que aparato.³²

Agora a Dialéctica, que é o mais apto instrumento para encontrar a verdade, coisa de que nós os homens gostamos muito. Uns chamam-lhe disputadora, outros lógica,³³ e Platão disse que vinha a ser alcançada na velhice.³⁴ Reivindica um rápido e expedito sistema de dissertação sobre qualquer tema oportuno; debruça-se, em geral, sobre todos os assuntos, acomodando o seu processo às outras disciplinas, [10] e os que com ela se preparam têm acesso fácil às mais árduas matérias.

Dialéctica

Cícero refere-se-lhe, elogiosamente, no livro 1.º do *De Oratore*, ao dizer com felicidade pela boca de Crasso: usou-se uma arte dum outro género, cuja invenção os filósofos totalmente reivindicam, destinada a aglutinar as coisas desunidas e fraccionadas e a encadeá-las numa determinada ordem.³⁵

E realmente nenhuma disciplina se pode adquirir com perfeição sem a dialéctica; por seu intermédio os antigos, que a usaram, desenvolviam melhor os assuntos que lhes eram propostos e examinavam mais desembaraçadamente o que de verdadeiro ou falso, de bom ou de mau neles se continha.

Por isso Santo Agostinho, no livro 8.º da *Cidade de Deus*, diz: «A lógica discute como se procura a verdade nas causas das coisas ou nos usos da vida».³⁶

Dum modo figurado é aquele rio Fison de que fala o *Génese*, 2: É ele que cerca toda a terra de Hevilah, onde nasce o ouro da sabedoria.³⁷ À semelhança da circunferência ou do círculo, que para os geógrafos é a figura mais rica, tudo cerca.

Vê pois o arco e bendiz a quem o fez; é belo no seu esplendor.³⁸ É como um arco que brilha entre as nuvens da sabedoria,³⁹ lançando as setas da verdade contra a falsidade dos inimigos. O que ela, de si mesma, publicamente proclama com estas palavras: em vão, sem mim, os mestres honraram as minhas irmãs. Deste seu uso fala Santo Agostinho, em breves palavras, no livro *Da Doutrina Cristã*:⁴⁰ «A dialéctica é uma chave de prata que abre um tesouro de ouro; sem ela, nenhuma; com ela, todas as ciências se adquirem».

Por isso Crasso a julga necessária para informar as artes e deseja-a nos juriconsultos.⁴¹

Mas o fruto delicioso desta pública escrava de todos deve saborear-se, não porém até à saciedade. Como escreve Platão no *Górgias*, não se há-de envelhecer nos seus rodeios e meandros, como junto dos rochedos das sereias.⁴²

Eloquentia

Quam quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rethoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asseruit Cicero; et Zeno ille, a quo disciplina stoicorum est, manu demonstrare solebat hoc inter eas artes interesse, [11] quod in manu hominis, pugnus astrictus a palma distenta differt.

Hac breui oratione argumenta concludit: illa facundiae campos copioso sermone discurrit; dialectice, ad inueniendum promptior et acutior, raros et studiosos requirit; rethorice ad inuenta dicendum facundior frequenterque procedit in turbas.

Sicque concludit Cicero in *Paradoxis*: nihil est tam incredibile quod non dicendo fiat probabile; nihil tam horridum, nil tam incultum quod non splendescat oratione.

Haec facultas, suis cumulata dotibus, non nisi in bonis uiris esse potest. Ea est quae gloriosos extollat, effrenatis moderetur, innocentes absoluat, segnes ac timidos erigat, et ad omnia ardua cuiusuis animum promptissimum conuertat.

Quae res Demosthenis exemplo facilis est confirmatu; quippe solus ipse Athenienses in Philippum Macedonum regem, quamuis in se concitos, irritauit. Deinde Byzantiis, et Perintiis a Macedonibus lacessitis, praesidia ferenda ab eisdem, illis persuasit, oblitterata memoria eorum quae bello sociali utraque ciuitas gesserat. Post haec, per omnem Graeciam delatus, cunctas fere Graecas ciuitates in Philippum dicendo commouit.

Quid pro Lucio Flacco? Quid pro Murena? Nonne eos, uario crimine accusatos et multorum testimoniis conuictos ac propterea iam iam multandos, ipse Cicero dicendo liberauit?

In causa Ligarii, quae apud Caesarem dictatorem agebatur, fertur Caesar eo animo fuisse, ut omnino Ligarium esset condemnaturus.

At, cum defensurus Cicero aduentasset, dixit Caesar amicis: reum quidem damnari¹⁴ certissimum est, audire tamen Ciceronem nihil prohibet. Sed pulchrum est nunc referre quid deinde acciderit. Incipit iam Cicero; audiebat Ciceronem Caesar, sed nihil adhuc exordio illo mouebatur; at ubi Cicero aliquanto uehementius in dicendo incaluit adeo Caesar ui illa dicendi commotus est, ut statim condemnandi [12] propositum mutaret, totoque excusso corpore, libellos quos manu tenebat, prae indignatione eiiceret et reum, Ciceronis oratione persuasus, liberarit. Iam orator quas non egit causas florente Roma in imperii fastigio?

Si Ciceroni credimus, M. Crassus in causa M. Curii, tam multa contra scriptum pro aequo et bono dixit, ut Q. Scaeuolam in iure peritissimum, obrueret exemplorum et argumentorum copia.

¹⁴ damnari] damnare omn. (iam in Cataldo reperitur)

E, visto que esta sugere toda a nervura e a solidez que deve possuir qualquer oração e orienta o esquema geral, dando ainda vivacidade de colorido à retórica, por isso Cícero afirmou que era vizinha da *eloquência*,⁴³ e o célebre Zenão, de quem vem a doutrina dos estóicos, costumava demonstrar, com a mão, que a diferença entre estas artes [11] era a que há, na mão do homem, entre o punho fechado e a mão aberta.

Termina as suas considerações com esta curta frase: aquela percorre, com estilo copioso, os campos da facúndia ; mais rápida e mais subtil na invenção, a dialéctica exige raridades e homens de aplicação; a retórica é mais redundante na expressão do pensamento e com assiduidade avança até às multidões.

E desta forma conclui Cícero nos *Paradoxos*: nada há tão incrível que a oratória não faça aceitável; nada tão desordenado e inculto que não adquira brilho mediante a oração.⁴⁴

Este poder, completado pelos seus dotes próprios, não pode existir senão nos homens de bem. É ele que põe em destaque os homens gloriosos, modera os violentos, absolve os inocentes, anima os pusilânimes e tímidos e, com a maior rapidez, faz voltar o espirita de quem quer que seja para tudo o que exija esforço.

Do que nos dá uma fácil confirmação o exemplo de Demóstenes; foi ele só, com efeito, que excitou os atenienses, apesar de irritados consigo próprios, contra Filipe, rei da Macedónia. Em seguida persuadiu os povos de Bizâncio e Perinto, a quem os macedónios tinham procurado atrair, de que deviam tirar-lhes os presídios, depois de lhes ter apagado da memória os feitos belicosos de ambas as cidades. Depois disto, percorrendo a Grécia inteira, com a sua eloquência, pôs em movimento, contra Filipe, quase todas as cidades gregas.

E o que fez ela a favor de L. Flaco? E a favor de Murena? Porventura não os libertou o próprio Cícero com a sua eloquência, a eles acusados de vários crimes e convencidos por tantos testemunhos e, por isso, já prestes a serem castigados?

No processo de Ligário que decorria sob as vistas de César então ditador, diz-se que a disposição de César era condenar Ligário inexoravelmente. Como, porém, Cícero tivesse aparecido para o defender, César disse aos amigos que não havia dúvidas de que o réu seria condenado, mas todavia nada o estorvava de ouvir Cícero. É belo porém relatar agora o que depois aconteceu: Cícero começa; César escuta Cícero, mas nada o impressiona ainda aquele exórdio. Mas, quando a oratória de Cícero se tornou um pouco mais quente, de tal maneira César se comoveu com aquele vigor oratório, que imediatamente mudou [12] o propósito de o condenar e, com todo o corpo em agitação, deitou fora indignado os libelos que tinha na mão e, convencido pelo discurso de Cícero, absolveu o réu.⁴⁵

Além disso, que causas a oratória não advogou no apogeu do império, quando Roma estava em pleno florescimento?

Se dermos fé a Cícero, M. Crasso, no processo de M. Cúrio, tais coisas disse, guiado pelo equilíbrio do bom senso, contra um texto escrito, que, pela quantidade de exemplos e provas, esmagou Q. Cévola, homem muito versado em direito.⁴⁶

Haec itaque praestat oratoria facultas, quae et in philosophiae partibus enumeranda est. Maximis enim auctoribus credendum est philosophum ab oratore non seiungi, nam uetus quidem doctrina, ut Cicero docet *De Oratore*, eadem uidetur et recte faciendi et bene dicendique magistra.

Neque disiuncti doctores, sed iidem erant uiuendi praeceptores atque dicendi, ut ille apud Homerum Phoenix.

*Matheseum
quadriuum*

Egressis iam rhetorum officina, contemplatiua philosophiae pars, hoc est, matheseos quadriuum, fors adlubescet, in quo, quasi quibusdam gradibus, ueritatis speculatio ad summum conscendereprehenditur.

Sine quo nemo se putet recte philosophari, quoniam mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa quibus altiora conscenduntur, et quaedam praeludia ad diuinorum perpensionem.

Quarum speculatio a Platone suscepta est ad cogitationis acumen, quod erigat animum, et ad rerum diuinarum intuitum, aciem mentis exacuat. Qui prohibuisse fertur ne Matheseos ignari suam palestram ingrederentur.

Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est, nudior leberide ac cinclo pauperior.

Ceterum initio geometria, ceterarum metropolis, et arithmetica, in mathematicarum album a Pythagora sunt aduocatae, quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam has cum primis accommodas perspexisset.

Denique tanta certe est in his artibus utilitas ut, sine his ducibus et magistris, nihil humanum siue diuinum, nihil inferius siue [11 alias 13] superius, nihil suaue siue absonum percipi cognoscue queat.

At non placet quadragonis trigonos inscribere, caelum palmo metiri, sidera, cum sis humi, enumerare, fata hominum diuinare, symmetriis demum quibusdam tres hominum aetates consumere. Sunt tamen plurima quibus te delectare potes. Nam et modus ipse plurimum affert delectationis, cum uerae sint et iustae scientiae, uitaeque hominum plurimum attulerint emolumentum.

Quo fit ut, optimo sane iure, liberales a maioribus nostris uocitatae sint, siue quod ab omni ignorantiae nubilo studiosorum mentes liberarent, siue quod eas, utpote dignissimas ac nihil seruile in se habentes, nulli licebat ediscere, nisi libero liberaliterque educato homini.

*Naturalis
philosophia*

Reliquum contemplatiuae philosophiae membrum, physice, inquam ut paucis dicam, naturae arcana et inuisibiles rerum uisibilium causas scrutatur, cuius cognitio, ut ostendit Themistius primo *Auscultationis Physicae*, non solum perficit partem illam animae nobis associatam atque complicitam, sed etiam reliquis uiribus plurimum affert utilitatis et ornamentum.

Haec, cuiuscumque entis a natura creati, modo a nobis possibile percipi, ueritatem apprehendere docet, nam caeli et terrae, aquae et ignis causas atque uiuacia semina rerum naturalium plana ratione perstringit; quis sit terrae situs, quae forma, quae circumscriptio, quae maris, universas terras

Tal é o poder da oratória, que é mister juntá-la às outras partes da filosofia. Efectivamente é preciso acreditar em autores do maior peso, para quem o filósofo não se separa do orador, já que a doutrina dos antigos, como informa Cícero no *De Oratore*, parece fundir numa só as duas artes, a saber: bem agir e bem exprimir-se.

Nem havia mestres diferentes, mas eram os mesmos os que ensinavam a bem viver e a bem falar, como o célebre Fénix que aparece em Homero.⁴⁷

Deixando agora a oficina da retórica, talvez venha a propósito falar duma parte da filosofia contemplativa, ou seja, do quadrívio da *matemática*, onde se verifica que a especulação da verdade sobe ao máximo, mas como que por degraus.⁴⁸

E ninguém pense que será bom filósofo sem ele, porque as disciplinas matemáticas são como que degraus e elementos, por meio dos quais se sobe para mais alto, e ensaios para o exame atento das coisas divinas.

Platão aproveitou-as como esprevidadoras da inteligência, visto que o seu estudo excita o ânimo e estimula a penetração do espírito para a intuição das coisas divinas. Diz-se que proibiu de entrarem na sua academia as pessoas ignorantes da matemática.

Por isso Alcínoo diz que, se não continuarmos a servir-nos da matemática com este fim, toda a nossa investigação há-de voltar ao nada, mais nua que a pele da serpente e mais pobre que o fundujo.

De resto a geometria, de que as outras tiram a origem, e a aritmética colocou-as Pitágoras, a princípio, no catálogo das matemáticas, porque se tinha apercebido de que eram sobremodo acomodadas à aquisição de toda a ciência e de toda a educação.⁴⁹

Numa palavra: há tanta utilidade nestas ciências que nada nem humano ou divino, nem inferior ou **[11, aliás 13]** superior, nem suave ou dissonante pode compreender-se ou conhecer-se, se as não tomarmos como guias e mestras.

Embora não seja agradável traçar triângulos dentro de quadrágonos, medir o céu a palmos, contar os astros estando na terra, adivinhar o destino dos homens e por fim gastar três gerações a estabelecer determinadas simetrias, há todavia muitas coisas que podem deleitar-nos. Até o próprio aspecto prático produz grande prazer, visto tratar-se de ciências verdadeiras e exactas e trazerem muita vantagem à vida do homem.

Donde resulta que, de pleno direito, fossem pelos nossos antepassados chamadas liberais, quer porque libertavam a inteligência de toda a núvem de ignorância, quer porque, como disciplinas digníssimas e que em si nada de servil continham, a ninguém era permitido aprendê-las, a não ser ao homem livre e livremente educado.

A outra parte da filosofia contemplativa prescruta fisicamente, para me exprimir em poucas palavras, os segredos da natureza e as causas invisíveis das coisas visíveis.⁵⁰ O seu conhecimento, como demonstra Temístio, no primeiro livro da *Auscultação Física*, não só não aperfeiçoa aquela parte da alma a nós associada e unida, mas também traz muita utilidade às outras forças a que serve de adorno.⁵¹

Ensina-nos a apreender o que há de verdade em qualquer ente criado pela natureza, desde que nos seja possível captá-la, enquanto abarca com um raciocínio claro as causas do céu e da terra, da água e do fogo e os germens vivificantes das ciências naturais. Investiga a posição, a forma, o contorno da terra, o aspecto

Quadrívio da matemática

Filosofia Natural

ambientis, species et magnitudo, quae fontium atque fluminum natura, quam disparia atque dissimilia genera plantarum et animantium, quae sit origo uentorum, quae vis fulgurum et fulminum inuestigat; unde nocturnae faces flammis coruscantibus et cometae quos uulgus esse putat malorum praenuntios, atque euentus, quos hinc aut sperare solent aut timere mortales, existant; orbium motus, stellarum statae mansiones, cursus lunae¹⁵ positurae, quos uocant aspectus, inquirat, corpusque mobile et caducum speculatur.

Medicina

Cui, quia solum accidit sanitas et aegritudo, [10 alias 14] factum est ut e mediis eius uisceribus medicina profluxerit, quae scientia sanitatis est, teste Galeno 4, de differentiis pulsuum, de sanis, aegris et neutris pertractans, ut sanitas conseruetur et amissa reparetur.

Consistit enim indubitanter uita nostra in humorum quadam adaequatione, concordia et amicitia, quam sola medicina, corporis humani seruatrix, efficit, ideoque fracta imbecillaque corpora in integram restituit ualeitudinem.

Quid enim aliud, quam mors, uita haec nostra diceretur, si a prementibus morbis huius medela non liberaremur? Quamobrem recte ab Omnipotente Deo institutum est, qui medicum omnibus fere rebus ad salutem humanam conducentibus ita instruxit, ut, in medendis corporibus collapsis, diuinos potius quam humanos operetur effectus.

Quae utilitas tanti a ueteribus aestimari consueuit, ut, ex Ciceronis sententia, medicina sit Deorum immortalium inuentioni consecrata. Et profecto, si conditor omnium Deus, quos creauit, seruari uult, nulli dubium est medicum ipsum Dei ministrum esse, ut, quos ille creauit, hic, arte diuina diuinitusque exhibita, conseruet incolumes, lapsos curet, et mortales paene a mortuis saepe ad uitam reducat. Quo ex merito, et prisci illi medici, ob eorum admirandam utilitatem, in deorum numerum, uno omnium consensu, collocati sunt.

Medicus enim, si Hippocrati credimus, deus quidam est mortalis, naturae semper a secretis. Sed dicamus iam medicis suum uale.

*Moralis
philosophia*

Restat actiua philosophia, quae ethicen primo genuit, quam primus Cicero moralem uidetur dixisse, quod mores effingat, et bene uiuendi modum praescribat.

Haec neque lucifuga est, neque iners, nec otii gaudens ueterno, nec desidiose sellularia, ut multi criminantur, quae multorum incurrit odium, quod hominum uitiiis conuiuere non possit; sed dissimulationem, foedam assentationem, desultorias amicitias, id est, nec ueras nec constantes, [19 alias 15] sed tempori inseruientes, anniuersariasque morum mutationes auersatur.

Hanc, cum ad hominem spectet, et nostri cognitio – quod testatur Graecorum illud γνῶθι σεαυτόν – certissimam ad felicitatem uiam sternat, omnes summe reuereri debent.

¹⁵ lunae] luminae *omn.*

e a grandeza do mar que cerca toda a terra, a natureza das fontes e dos rios, a disparidade e dissemelhança dos géneros de plantas e animais, a origem dos ventos, a potência dos raios e coriscos, a origem dos meteoros e dos cometas que o vulgo julga precursores de desgraças, e a dos acontecimentos que os mortais costumam esperar ou temer deles. Indaga o movimento da esfera, as posições fixas das estrelas, as mudanças da Lua, a que chamam fases, e presta atenção cuidadosa ao corpo móvel e caduco.

E a este, porque só a saúde ou a doença lhe podem sobrevir, [10, aliás 14] daí que, do meio das suas entranhas, tenha dimanado a *medicina* que, no testemunho de Galeno, livro 4.º, é a ciência da saúde, que tem por objecto as diferenças de pulsações, o estudo do que é são, do que é doentio, do que é indiferente para a conservação da saúde e para a sua recuperação depois de perdida.⁵²

Medicina

A nossa vida está, sem dúvida alguma, numa espécie de ajustamento, concórdia e amizade dos humores, o que só a medicina realiza, na qualidade de defensora do corpo humano. Eis porque restitui a saúde completa a corpos alquebrados e sem forças.

Que outra coisa, senão morte, poderia chamar-se a esta nossa vida se, por seu intermédio, não fôssemos libertados das opressoras doenças?

Por isso é que Deus todo poderoso, que proveu o médico de quase tudo o que é útil à saúde dos homens, sabiamente determinou que, na cura dos corpos doentes, aquele obtivesse resultados mais divinos que humanos.

E os antigos tinham em tanto apreço a sua utilidade que, segundo Cícero, a medicina foi uma célebre descoberta dos deuses imortais.⁵³ E, na verdade, se Deus, criador de tudo, quer conservar as suas criaturas, ninguém duvida de que o próprio médico seja ministro de Deus, a fim de que, por arte divina e divinamente exercida, as conserve incólumes, cure os que caíram e reconduza tantas vezes à vida os que estão quase às portas da morte. Por este título é que aqueles médicos antigos, devido aos seus extraordinários serviços, foram colocados no número dos deuses.

E se dermos fé a Hipócrates, o médico é uma espécie de Deus⁵⁴ mortal, sempre do lado dos segredos da natureza.

Mas digamos já adeus aos médicos.

Resta a filosofia activa, que deu origem, em primeiro lugar, à ética e que Cícero parece ter sido o primeiro a chamar moral, visto que modela os costumes e fornece uma norma de vida honesta.⁵⁵

*Filosofia
Moral*

Esta não foge da luz, não é inerte, nem goza do torpor do ócio, nem é preguiçosamente sedentária, como muitos a acusam, ela que incorre no ódio de tantos, por não lhe ser possível conviver com os vícios humanos. É-lhe odiosa a dissimulação, a feia adulação, as amizades movediças, isto é, as que não são verdadeiras nem constantes, [19, aliás 15] mas se adaptam às circunstâncias e às habituais mudanças de humor.

E porque tem em vista o homem e o conhecimento de nós mesmos, como atesta o γνῶθι σεαυτόν⁵⁶ dos gregos, – abrindo assim um caminho infalível à felicidade –, todos devem ter-lhe o máximo de veneration.

Quae suffugium est tutissimum inter optimam conscientiam destitutis et iniquissimam fortunam. Habet enim tolerantiam aequanimitate conditam pro anodyno calamitatum.

Ius ciuile

Huius simul et oeconomice soror politica, siue ciuilis scientia est, ex qua tanquam ex fonte uiuo, leges ac caesarea iura oriuntur, ad furentes animi impetus compescendos, turbulentis cupiditatibus obsistendum, motus ratione uacuos, effrenatos comprimendos, ad uulgares animi insolentias, et effrenem denique audaciam moderandam.

Pertinere autem leges ad philosophiam tam sibi persuadere docti homines, ut iam axiomatis loco habeatur.

Et quid aliud nos docet philosophia, quam domitas habere animi libidines, coercere cupiditates, nostra tueri, ab alienis oculos, mentes manusque continere? Haec ubi expressius, quam in legibus?

Fremant omnes, inquit Cicero, dicam quod sentio: bibliothecas mehercle omnium philosophorum unus mihi uidetur Duodecim Tabularum libellus, siquis legum fontes, et capita uiderit, et auctoritatis pondere et utilitatis ubertate superare. Hactenus Cicero.

Iurisprudentia, etsi e mediis philosophiae uisceribus fluxerit, ita tamen ad generis humani commodum excolta et ordinata est, ut non aliter quam secundum eius praecepta esse nobis uiuendum censeamus.

Nam quis status, quae hominum condicio tuta in terris existeret, si leges non regnarent, fueritque humana cupiditas seueritate legum et metu iudiciorum illigata?

Arat propterea apud nos securus arator, uiuentibus legibus, agricola agriculturam exercet, transuehit mercator merces suas, diuersa percurrens maria, quos nemo turbat, nemo uexat.

Quod, si quis ὑπὲρ νόρου repagula iuris effringit, taetra et immania facinora [**18** alias **16**] molitur, aut patibulum aut strictum ferrum neci paratum, aut quoduis aliud supplicium statim praesto est: ἄθροά πάντ'ἀπέτισε.

Fitque ut, dum singuli supplicia metuunt, sese facilius uniuersi contineant, nec ulla ratione possunt, nisi metu legum saepti sint, uitae officia tueri.

Denique tanta sunt seueritate ipsae leges, ut nec iis quidem qui eas condiderunt, si flagitiose uixissent, ullo unquam pacto pepercissent.

Zaleucus Locrensis, ut suis pareret legibus, ciuium precibus aliqua ex parte uolens satisfacere petentium ut filio suo, pro commisso adulterio condemnando, parceret, uoluit prius suum, deinde filii oculum tollere; talis enim erat legis poena, ut utiumque oculum adulter perderet.

Nela está um abrigo inviolável para os que têm de optar entre uma consciência ilibada e a sorte mais iníqua.⁵⁷ No torpor das calamidades, sabe usar da tolerância temperada de benevolência.

Ao lado desta, temos a sua irmã, a economia política ou ciência do *direito civil*, donde provêm, como de fonte viva, as leis e o direito régio, para reprimir os ímpetos desvairados do espírito, oferecer resistência às paixões violentas, refrear os impulsos cegos e à solta, dominar as habituais faltas de moderação do espírito e a audácia sem peias.

Direito Civil

De que as leis entravam no âmbito da filosofia, tanto disso estavam persuadidos os homens cultos, que o facto passou a ter o lugar de axioma.

E que nos ensina a filosofia mais que dominar os apetites, reprimir as paixões, defender o que é nosso, retirar os olhos, o pensamento, as mãos das coisas alheias?

Onde virá isto mais claro do que nas leis?

Barafustem todos, afirma Cícero, eu direi o que sinto: sim, para mim, o pequeno livro das *Doze Tábuas*, origem e fundamento das nossas leis, supera, no peso da autoridade e na sua grande utilidade, as bibliotecas de todos os filósofos.⁵⁸ Até aqui Cícero.

A jurisprudência, posto que tenha dimanado das entranhas da filosofia, de tal modo foi desenvolvida para vantagem do género humano, que criamos a convicção de que não devemos viver de outro modo, que não seja de harmonia com as suas prescrições.

Efectivamente, que estado, que situação haveria na terra que se dissesse segura, se não reinassem as leis e se a cobiça humana não fosse coarctada pelo rigor das mesmas e pelo medo dos tribunais?

Porque as leis estão em vigor, por isso é que o lavrador, entre nós, lavra com segurança, o agricultor pratica a cultura dos campos, o mercador transporta a sua fazenda, sulcando diversos mares, sem haver quem os perturbe ou maltrate.

E se alguém, ὑπὲρ νόμου,⁶⁰ quebra as barreiras do direito⁶¹ e maquina crimes hediondos e cruéis, [18, alias 16] imediatamente estão à mão ou o patíbulo ou a espada desembainhada a postos para matar, ou outro qualquer suplício: ἄθροα πάντ' ἀπέτισε.⁶²

E assim acontece que, temendo cada um isoladamente o suplício, é mais fácil para todos conterem-se. Nem, de modo algum podem garantir as suas obrigações diárias, a não ser couraçados pelo medo das leis.

Em suma, são de tal severidade as mesmas leis, que nem sequer aos que as criaram, de qualquer forma poupariam, se eles levassem vida escandalosa.

Zaleuco de Locros, para obedecer às suas leis e pretendendo, por outro lado, atender às súplicas dos cidadãos que lhe pediam perdão para o seu filho que devia ser condenado por adultério, quis arrancar primeiro um olho seu, depois um do filho, pois que a pena da lei era que o adúltero perdesse os dois olhos.

Acrescente-se o memorável feito de L. Bruto: durante o seu consulado, descobrindo que também os seus filhos estavam culpados no repatriamento dos reis, levou-os

Adde et L. Bruti memorabile facinus, qui, cum in consulatu, de reuocandis in urbem regibus, liberos suos etiam in culpa comperisset, eos in forum adduxit et, media contione caesos, securi percuti iussit.

Huc etiam illud M. Torquati in Decii Silani filii iudicio, adduci potest, de quo, cum apud illum Macedones prouinciales, quod eis contra ius pecunias extorserat, quererentur, cognita prius causa, et domo sua et patria protinus eum priuauit. Inde filius ob tam grauem patris sententiam, laqueo se suspendit. Vnde carmina:

Καὶ λῆν κείνος γε εἰκότι κείται ὀλέθρῳ
ὥς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος ὅς τις τοιαῦτά γε ῥέξοι.

Itaque magistratus ipsi, in imperio iurisdictioneque aliqua constituti, si in reddendo iure male se gesserint, nulla saepe habita differentia, non leuiter puniuntur, ut inde ceteri omnes, qui futuri sunt magistratus, recta facie, quid aequum quidue bonum sit, administrent.

Vnde et Demosthenes orator legem sic definit: lex est cui omnes homines decet oboedire, cum propter multa et uaria, tum maxime quia omnis lex est inuentio et donum Dei, decretum hominum sapientum, delictorum omnium quae sponte uel ignorantia [17] contrahuntur, coertio, ciuitatis autem compositio communis, secundum quam omnes decet uiuere qui in ciuitate sunt.

Equidem humanarum diuinarumque rerum cognitio leges sunt, quod humana sine diuinitatis cognitione tractari nequeant. Hinc factum est ut et gentium legislatores leges suas ad deos retulerint.

Legimus enim Zoroastrum, qui Bactrianis et Persis leges tradidit, in Oromasin retulisse. Trimegistus, qui Aegyptiis retulit, in Mercurium; Charondas Zaleucus, qui Carthaginensibus, in Saturnum. Qui Atheniensibus, Draco et Solon, in Mineruam; in Vestam Zalmoxis, quae tulit Scythis. Denique perfidus ille Mahumet Gabrielem agnoscit legum suarum archetypum.

Haec omnia legum utilitatem, a diuina mente ad humanae uitae cultum defluxisse, comprobant. Cuius rei textus est apertissimus: *C. de Iure Enucleando, L. I, § Sed neque ...*, cuius ecce uerba: quod Principi placuit legis habet uigorem; tanquam si eorum studia, ex nostris principalis constitutionibus profecta, et a nostro fuerint diuino ore profusa.

Est enim legislatoris intentio hominem ducere ad uirtutem, auctore Aristotele, *Ethicorum 2*.

Fuit itaque rebus humanis, hoc caelesti legum munere, diuinitus consultum. Quod quidem praestat ut aliquando metu comprimatur audacia et innocentia sine cura sit.

Quare legibus nihil sanctius, nil utilius, nil naturae hominum accommodatius.

ao foro e, depois de os ter inculpado publicamente, mandou que os matassem à machadada.

Pode também aduzir-se aqui o que se passou com M. Torcato no julgamento do filho Décio Silano: como os habitantes da província da Macedónia lhe fizessem queixa de que aquele, contra o direito, lhes extorquirá dinheiro, este, depois de ter tomado conhecimento do caso, privou-o, sem detença, da casa e da pátria. O filho depois, por causa da severidade da setença paterna, enforcou-se.⁶³ Daí os versos:

Καὶ λῆν κείνος γε εἰκότι κείται ὀλέθρῳ
ὥς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος ὅς τις τοιαῦτά γε ῥέξει.⁶⁴

Portanto os próprios magistrados investidos em qualquer cargo que implique poder e jurisdição, se na aplicação da justiça se conduzirem mal, não atendendo, por vezes, às circunstâncias, sofrerão não leve castigo, para que todos os outros, que venham a ser magistrados, sirvam depois com rectidão a equidade e o bem.

Daí que Demóstenes, o orador, apresente a seguinte definição de lei:

Lei é aquilo a que é mister todos os homens obedecerem, não só por muitos e variados motivos, mas principalmente porque toda a lei é invenção e dom de Deus, decreto de homens sábios, repressão de todos os delitos cometidos espontaneamente ou por ignorância, [17] ordenação geral da cidade, segundo a qual hão-de viver os que na cidade estão.⁶⁵

As leis são o conhecimento das coisas divinas e humanas, uma vez que os problemas humanos não são susceptíveis de serem tratados sem conhecimento da divindade. Daí a razão por que os legisladores gentios ligavam as suas leis aos deuses.

Assim lemos que Zoroastro, que legislou para bactrianos e persas, o fez em nome de Orómase. Trimegisto, que legislou para os egípcios, fê-lo em nome de Mercúrio. Carondas Zaleuco, que deu leis aos cartagineses, leu-as em nome de Saturno. Draco e Sólon, que legislaram para os atenienses, foi em nome de Minerva que o fizeram. E as leis que Zalmóxis leu aos citas, deu-as em nome de Vesta. Finalmente o pérfido Maomé vê em Gabriel o arquétipo das suas leis.⁶⁶

Tudo isto prova a utilidade das leis provenientes da mente divina, para educação da vida humana. A este respeito há um texto muito claro, o *Código das dificuldades do direito*, L I, § *sed neque*.

Eis as suas palavras: o querer do príncipe tem vigor de lei,⁶⁷ como se as suas vontades, tendo por base as nossas principais constituições, proviessem da nossa boca, como duma boca divina.⁶⁸

É portanto intenção do legislador conduzir o homem à virtude, segundo Aristóteles no livro 2.º da *Ética*.⁶⁹

E assim, com esta celeste dádiva das leis, atendeu-se, por mercê divina, aos problemas humanos, o que faz com que, por vezes, o medo seja um freio para a audácia e viva despreocupada a inocência.

Por isso nada mais santo, nem mais útil, nem mais acomodado à natureza humana do que as leis.

Ius Pontificium Adde et ius canonicum diuinasque illas sanctiones a summis Pontificibus latas, quae non modo publicam utilitatem, sed animae salutem, ante omnia, spectant.

Nam iura pontificia petulantiam, auaritiam, ambitum compescunt, quibus Deo seruitur ornamentis ostendunt, sacro clero optimum uiuendi modum praebent, in Ecclesiae rebus impetrandis effrenatas cupiditates refrenant, indebita matrimonia prohibent, sanctaque conciliant et, quod omnium sanctissimum est, iniqua uetant cogitata. [18] Ex quibus totius uitae ordo, qualis futurus sit, nascitur, et uitiorum benefactorumque omnium censura inter mortales constituitur. Illud etiam optimum et praeclarum faciunt, quod infidelium errores haereticorum insaniam confutant, refellunt et extinguunt; lapsis et ueniam petentibus quam mitissime poenas irrogent, sacratissimae censurae plane ostendunt.

Summus Pontifex Quae omnia, ad medendas animas in Christiana libertate uiuentes, summus Ecclesiae Vicarius docet et custodienda praecipit. Nam constituit illum Deus Optimus Maximus in terris uniuersorum dominum, sacri pontificii ac Summi Sacerdotii certissimum praesidem, pastorem ouium ac dominici gregis uigilantissimum praesulem, cuius in manu est potestas et imperium, cui traditae sunt clauēs regni Caelorum, cui data est facultas animos ligandi et soluendi, cui omnes homines et fideles Christi nationes parere debent. Qui Petri nauiculam, in hoc salo fluctuantis pelagi gubernaturus, hos sanctos canones salubres, omni iniquitate carentes, composuit, dicente Apostolo: lex Domini sancta et mandatum eius iustum, sanctum et bonum. Et Propheta: lex domini immaculata, conuertens animas. Et apud Job: non inuenietis in ore meo iniquitatem, nec in faucibus meis stultitia personabit.

Sacrossanta Theologia Accedit iam ultimo illa super creata omnia, super caelos, super uirtutes, super disciplinas, excelsa Dei, quantum fas est homini, reuelata cognitio ipsa, non humanis, sed angelicis praedicanda uocibus, quam nostri theologiam uocant, omnium scientiarum prima, diuinissima et diuinitus, teste Paulo, inspirata, ad quam tersissima liberalium artium studia contendunt. De cuius mirificis laudibus, nunc silendum censuerim potius, ne, si rem adeo grandem et ultra uires attentare uelim, in ipso conatu succumbam. Grandes enim materias, teste Hieronymo, ingenia parua non sustinent.

Nam si uires eloquentissimorum hominum, [19] cum humanam sapientiam laudibus exornare uolunt, rei magnitudine interdum obruuntur, quod orationis genus incredibile atque diuinum erit, quo possit quisquam partem aliquam tantae dignitatis explicare?

Ego uero, quamquam nec ingenio nec exercitatione ualeam, posteaquam semel res tanta a me suscepta est, ne sit maius desidiaē crimen, quam fuit audaciae in suscipiendo, quantum in me situm erit, ne oflicio meo desim, conabor.

Acrescente-se ainda o Direito Canônico e aquelas divinas sanções dadas pelos Sumos Pontífices, que visam não só a utilidade pública, mas, antes de tudo, a salvação da alma.⁷⁰

*Direito
Pontifício*

O direito pontifício reprime a petulância, a avareza, a ambição, indica os ornamentos do culto divino, fornece ao clero sagrado um excelente modo de vida,⁷¹ modera o desejo desenfreado de obter vantagens eclesiásticas, proíbe os matrimônios ilegítimos, favorece os legítimos e – coisa mais santa de todas – proíbe os pensamentos iníquos. [18] A partir dele nasce a ordem futura de toda a vida e estabelece-se entre os mortais a crítica de todas as acções, más e boas.

Excelente e muito notável é também o seu papel em refutar, desmentir e extinguir os erros dos infiéis, o desvario dos herejes; aos lapsos e arrependidos aplica penas muito brandas, como bem o mostram as santíssimas censuras.⁷²

E tudo isto o ensina e manda observar o supremo vigário da Igreja, para curar as almas que vivem na liberdade cristã. Deus Ótimo Máximo constituiu-o na terra senhor de tudo, chefe incontestável do poder pontifício e do Sumo sacerdócio, guarda vigilantíssimo das ovelhas e do rebanho do Senhor, em cujas mãos está o poder e o império, a quem foram confiadas as chaves do reino do céu, a quem foi dado o poder de ligar e desligar os espíritos e a quem todos os homens e nações fiéis a Cristo devem obedecer. Para governar a barca de Pedro nas ondas deste mar agitado, fez estes cânones santos, puros e salutareis, destituídos de toda a iniquidade. Como diz o Apóstolo, a lei do Senhor é santa e os seus preceitos justos, santos e bons.⁷³ E o Profeta: a lei do Senhor, que converte as almas, é imaculada.⁷⁴ E Job: não encontrareis a iniquidade na minha boca, nem a loucura ressoará na minha garganta.⁷⁵

*O Sumo
Pontífice*

Vem agora, em último lugar, aquela que excede as coisas criadas, os céus, as virtudes, as disciplinas, – aquele mesmo sublime conhecimento de Deus revelado aos homens, quanto é possível, e que devia ser anunciada não com vozes humanas mas angélicas, aquela que os nossos chamam *teologia*, a primeira de todas as ciências, a mais divina e divinamente inspirada no testemunho de S. Paulo.⁷⁶ Para ela se dirige o estudo aturado das artes liberais. Sobre o seu admirável louvor eu preferiria agora calar-me, para não acontecer que, pretendendo pôr a mão em assunto tão elevado e para lá das minhas forças, sucumba no próprio esforço. Temas grandiosos, no dizer de S. Jerónimo, não são para inteligências tacanhas.

*Sacrossanta
Teologia*

Se os dotes dos homens mais eloquentes, [19] quando querem enfeitar com os seus louvores a sabedoria humana, ficam, por vezes, esmagados pela grandeza do empreendimento, que inconcebível e divino estilo oratório haverá, com que se possa expor algo sobre um assunto de tal sublimidade?⁷⁷

Eu, porém, ainda que não tenha valia nem pelo engenho, nem pelo exercício, uma vez que me abalancei a um trabalho de tal magnitude, para não ser maior a «censura» de cobardia do que foi a de audácia ao aceitá-lo, esforçar-me-ei, quanto de mim depende, para não faltar ao meu dever.

Audiamus iam eam, quae nos ab incunabulis fidei, usque ad perfectam ducit aetatem, et per singulos gradus uiuendi praecepta constituens, in nobis Christianis ceteros erudit. Quae ecclesiae Caelestisque Hierusalem spiritualia regna describit, ueram sapientiae disciplinam, resque longe ab humana scientia remotissimas, mentibus nostris inspirat, quas diuinis motibus inflammat.

Illapsus enim quidam diuini numinis ardor adeo in intima praecordia descendit, ut caelum ac terras camposque liquentes, lucentemque globum lunae Titaniaque astra spiritus intus alat, totamque infusa per artus mens agitet molem et magno se corpore fundat.

Quantam gratiam consequeretur, si Triadem illam diuinam graphice ponerem sub oculos!

Non enim licet iam scholasticis floribus ludere et sermone composito contionis aurem mulcere¹⁶ et ad sensumque meum incongrua aptare testimonia.

Sic etiam Maronem sine Christo possimus dicere Christianum quia scripserit:

*Iam redit et uirgo, redeunt Saturnia regna,
Iam noua progenies caelo demittitur alto.*

Et patrem loquentem ad filium:

Nate, meae uires, mea magna potentia solus,

Et post uerba Saluatoris in cruce:

Talia perstabat memorans fixusque manebat.

Quasi grande sit, et non uitiosissimum docendi genus, deprauare¹⁷ sententias et ad uoluntatem nostram scripturam trahere repugnantem. Vt ait diuus Hieronymus, quid Apostoli, quid Prophetae censuerint, scire interest: Patrem Aeternum, qui sacerrimae huius disciplinae doctorem Filium indicauit: [20] Hic est, inquit, Filius meus dilectus, ipsum audite! Spiritum illum diuinum qui tandem docuit omnia, et Christum ipsum, huius sapientiae antistitem, quem, ad omnem errorem depellendum atque hominum genus e tenebris uindicandum, e caelis in terras missum, nostra haec sacrossanta theologia celebrat.

Videns enim caelestis ille doctor humanas mentes multis erroribus implicatas et infinitis sceleribus astrictas, diuina motus benignitate, humanam naturam inexplicabili ratione sibi assumpsit, ut, in humano habitu atque forma delitescens, nos a seruitute miserrima, qua oppressi tenebamur, eriperet, et in caelestem libertatem restitueret.

¹⁶ mulcere] mulgere *omn.*

¹⁷ deprauare] deprauere *omn.*

Ouçamos agora a que nos conduz do começo da fé à idade perfeita⁷⁸ e, impondo preceitos a todas as fases da vida, instrui, por nós cristãos, os outros.

É ela que descreve o reino espiritual da Igreja e da Jerusalém Celeste,⁷⁹ inspira à nossa mente a verdadeira doutrina da sabedoria e assuntos os mais inacessíveis à ciência humana,⁸⁰ tudo isto inflamado por impulsos divinos. Uma tal irrupção de fogo divino desce ao íntimo do peito, para que um espírito íntimo passe a animar o céu, as terras, as superfícies líquidas, o disco luminoso da lua, os astros grandiosos, e, difundindo-se por todos os pontos, esse espírito-pensamento agite toda a massa, vindo a fundir-se num grande corpo.⁸¹

Que grande graça eu conseguiria, se me fosse possível pôr-vos diante dos olhos um quadro perfeito daquela Trindade Divina!

Aqui já me não é lícito exercitar-me com flores de retórica e afagar os ouvidos com uma redundante linguagem oratória e adaptar ao meu pensamento textos que não condigam.

Poderíamos, por exemplo, chamar a Virgílio um cristão sem Cristo por ter escrito:

*Já regressa a Virgem, volta o reino de Saturno,
Uma nova raça desce já do alto do céu.*

E referir ao Pai Eterno em conversa com o Filho:

Filho, tu só és a minha força, o meu grande poder.

E como sendo do Salvador na cruz as palavras:

Continuava a recordar tais coisas e permanecia pregado.⁸²

Como se fosse sistema de ensino notável e não antes muito defeituoso torcer os pensamentos e repuxar aos nossos desejos textos incompatíveis. Como diz S. Jerónimo, interessa conhecer o pensamento dos Apóstolos e dos Profetas, sobre o Pai Eterno que indicou o Filho como mestre desta sacratíssima disciplina dizendo: [20] Este é o meu Filho muito amado, ouvi-o!⁸³ Sobre aquele Divino Espírito que finalmente ensinou tudo,⁸⁴ e sobre o próprio Cristo, antístite desta sabedoria, que a nossa sacrossanta teologia celebra, como descido do céu à terra, para repelir todo o erro e libertar das trevas o género humano.

Efectivamente vendo aquele mestre celestial a inteligência dos homens enredada em muitos erros e presa a pecados sem conta, movido por divina benignidade, assumiu inexplicavelmente a natureza humana, para que, escondendo-se sob o aspecto e forma humana, nos arrebatasse da misérrima escravidão que nos oprimia e nos restituísse à liberdade celeste.⁸⁵

Foi ele que expiou, com o seu sangue, os nossos crimes e extinguiu o império do pestífero inimigo, para finalmente esconjurar a peste das nossas cabeças.

E foi não só por este meio que quis tratar as incuráveis doenças do género humano, mas também mediante esta celeste disciplina e pelo exemplo da sua virtude e santidade divinas. Ele mesmo, com a sua presença, dissipou a fuligem espalhada

Luit quidem ille suo sanguine nostra facinora, pestiferique hostis imperium exstinxit, ut tandem a nostris capitibus pestem propulsaret.

Sed non hac solum ratione insanabiles humani generis aegritudines curare uoluit, sed etiam hac disciplina caelesti, diuinaeque uirtutis atque sanctitatis exemplo. Caliginem enim mentibus nostris offusam ipse excussit, atque docuit quae esset uera et constans uirtutis ratio; nempe quam solum illi possunt colere qui nulla cupiditate impediuntur, nullo motu iracundiae a mentis statu deducuntur, nullius odio aut offensione commouentur, nec, iniuriis prouocati, ullam ultionem machinantur. Qui postremo non hominum rumori inseruiunt, sed ipsa recte factorum conscientia sustentantur. Deinde quod esset illud summum et extremum in bonis demonstrauit: excellens, scilicet, illud praestantissimae mentis numem, quem Deum universique conditorem et opificem ueneramur. Vt enim ignis et aquae reliquarumque rerum omnium, eum finem esse dicimus in quem res ipsae, si nihil obsistat, insita cupiditate feruntur, sic etiam hominis finis Deus est, quem, natura duce, prosequimur et cuius, qui fuerint participes, erunt in omni generi iocunditatis beatissimi.

Postremo docuit quibus ornamentis esset animus excolendus et quibus gradibus in caelum ascenderemus, [12 alias 21] ubi lucem illam diuinam perpetuo contemplantes, uita beatissima florente atque felice, omni genere mali uacante et omnibus bonis affluente, perpetuo frueremur.

Vbi Deum in solio suae maiestatis sedentem contemplabimur; uidebimus et mira omnipotentis Dei quae, secundum Apostolum, non licet homini loqui; uidebimus quae in caelo et quae sub caelo sunt, nam, ut ait Augustinus, quid est quod eius aspectus fugiat qui uidebit uidentem omnia?

Hoc doctus Plato nesciuit, hoc Demosthenes eloquens ignorauit; abscondit enim haec Deus arcana a sapientibus et prudentibus huius saeculi, quae erat paruulis quandoque reuelaturus. Haec enim est sapientia quam loquitur Paulus inter perfectos, non saeculi huius quae destruitur, sed Dei in mysterio absconditam, quam praedestinauit ante saecula, quae Ecclesiam iungit et Christum sanctarumque nuptiarum dulce canit epithalamium.

Qui uero alienos quaerunt amores facessant hinc ocius et aufugiant. Procul hinc, procul estote profani! Sacer est locus, extra me ite! Non hic uobis canitur, non Veneris ista sunt carmina, non sunt hic Adonidis horti, quos quaeritis. Vobis canat uestra Venus, ad uestras abite Sirenes, quae uos in Syrtim trahant atque Charybdim. Vos uestra Circaea ebibite pocula, quibus in belluarum monstra transformemini. Vobis hic canitur solus Iesus Saluator, ideoque languentis animi medicina est, omnem animorum cupiditatem a rebus abstrahens humanis.

Ostendit enim nihil esse in terris summopere metuendum: non mortem, quae corpori tantum interitum affert, animum autem non attingit; non orbitatem, non reliqua huiusmodi mala, quae, si corpori officiant, opes

nas nossas inteligências e ensinou o verdadeiro e constante fundamento da virtude, que só pode ser cultivada por aqueles a quem nenhuma paixão estorva, nenhum acesso de ira perturba o raciocínio, que não se deixam agitar pelo ódio ou pelas ofensas de quem quer que seja, nem planeiam qualquer vingança quando os injuriam. Estes, em suma, não se preocupam com o ruído dos homens, mas sustenta-os a própria consciência do bem.

Ensinou depois qual era o sumo e último dos bens, a saber, aquele Nume superior, de altíssima inteligência a quem veneramos como Deus, criador e arquitecto do universo. Assim como dizemos que o fim do fogo, da água e de todas as outras coisas é aquele ao qual essas próprias coisas, se nada se opõe, são atraídas por uma tendência inata, assim também o fim do homem é Deus a quem buscamos guiados pela natureza, e do qual os que vierem a ser participantes receberão a maior felicidade, mediante toda a espécie de venturas.

Por último ensinou com que adornos deve embelezar-se a alma e por que degraus subiríamos ao céu, [12, aliás 21] onde, contemplando perpetuamente aquela luz divina, gozásemos duma vida felicíssima, bela e fecunda, livres de toda a espécie de males e repletos, para sempre, de todos os bens.

Lá contemplaremos Deus sentado no sólio da sua majestade; veremos também as maravilhas da sua onipotência, maravilhas que, no dizer do Apóstolo,⁸⁶ o homem não tem possibilidade de exprimir; veremos o que está no céu e debaixo do céu, pois, como diz Santo Agostinho, o que há que escape à vista daquele que vir O que vê tudo?⁸⁷

Isto desconheceu-o a ciência de Platão, isto ignorou-o a eloquência de Demóstenes.⁸⁸ Deus escondeu dos sábios e prudentes deste mundo estes mistérios, que havia de revelar um dia aos seus pequeninos.⁸⁹

É desta sabedoria que fala S. Paulo aos cristãos, não da sabedoria deste mundo que desaparece, mas da que está escondida no mistério de Deus e que ele predestinou antes dos séculos, a qual une a Igreja a Cristo e canta o suave epitalâmio dessas núpcias santas.⁹⁰

Afastem-se já daqui e fujam os que buscam outros amores. Longe daqui profanos, longe! Este lugar é sagrado, deixai-o. Aqui não se canta para vós. Não são estes os hinos de Vénus, não são aqui os jardins de Adónis⁹¹ que procurais. Cante-vos a vossa Vénus, ide-vos para as vossas sereias, que vos atraíam a Sirte e Caríbdis.⁹² Esgotai vossas circeias beberagens⁹³ que vos transformem em monstruosos animais. Aqui ressoa apenas para nós a voz de Jesus Salvador, medicina da alma enferma,⁹⁴ e que afasta das coisas humanas todo o impulso do espírito.

Efectivamente mostra que nada há na terra que se deva temer mais: nem a morte que só traz a destruição do corpo, mas não atinge a alma, nem a orfandade, nem outros males idênticos que, se prejudicam o corpo, não podem todavia abalar os recursos da alma imortal. Dispõe também para a caridade, beneficência e moderação de espírito.

tamen animi immortalis labefactare nequunt. Instruit etiam ad caritatem, beneficentiam ac animi moderationem.

Quae omnia, cum in intimis hominum sensibus adfigat, ad spem gloriae immortalis mortales auditores erigit, studioque diuinitatis ad religionem et honestatis officia erudit et inflammat ac ultra uires confirmat, quibus, ea quae docet, perfici constanter possint. Et quamuis mortem carnis [22] doceat, non id significat expetendam esse animae solutionem a corpore antequam praestitutum a Deo tempus aduenerit, sed debere unumquemque animum ab hac mole corporea et uitiiis hinc inde scaturientibus surrigere et, quantum fieri potest, omni contagione carnis sequestrata, in sola profundissimarum rerum contemplatione uersari.

Huic subscribit sententiae Macrobius in *Scipionis somnium*, qui bipartitam hanc mortis diuisionem refert, ut altera natura accidat, altera ex uirtute proficiscatur. Ad hoc et illud Pauli: cupio dissolui et esse cum Christo. Ad haec etiam pertinent quae scribit Aurelius Augustinus in libro de *Vera Religione*: Platonem siquidem, refert, hortari solitum adolescentes suos, ut a Venereis uoluptatibus abstinerent persuasissimumque haberent ueritatem non corporeis oculis aut sensu aliquo, sed sola mentis puritate uideri. Ad quam percipiendam nihil magis impedimento esse, quam uitam libidini deditam, et falsas imagines rerum sensibilibum quae nobis per corpus imprimuntur.

Cernitis me, auditores humanissimi, diuinae theologiae amore raptum, excessisse modum orationis, et tamen non implesse quod uolui. Sed quoniam e scopulosis locis enauigauit oratio et, inter canas spumeis fluctibus cauteis, fragilis in altum cymba processit, doctrinarum scopulis transuadatis, alio iam uela torqueamus. Precor tamen ueritatis euangelicae amantissimos, ut eam sincera fide et honestis uirtutum officiis excolant.

Audiuimus, studiosi adolescentes, quid nosse, quid cupere debeamus. Id hactenus elaborauit ut philosophiae partes ederem, quarum disciplinis assuefacti homines et exculi, efficacissimo medicamento gaudent, quo et animorum morbos curant, et nomen, quod una cum corporibus delesset uetustas, immortalitati tradunt; quarum, qui se muneribus insinuat, statim faciunt Iouis filium felici sidere natum atque, multiplici uirtute, aurea saecula referentem. Quarum suauitate allecti, tandem sophi illi ueteres diminutas hominum aetates exsecrabantur.

[23]Vnde et Socrates, cuius morte in philosophiam peccarunt homines, uicina morte id fatebatur: hoc tantum scio quod nescio. Et sapiens ille Themistocles, cum expletis centum et septem annis, se mori cerneret, dixisse fertur se dolere quod tunc egrederetur e uita quando sapere coepisset. Princeps ingenii et doctrinae Plato, octogesimo primo anno scribens mortuus est. Isocrates nonaginta et nouem annos indicendi scribendique labore compleuit. Et Cato ille Censorius, uir sapientissimus, iam senex, Graecas litteras discere non erubuit.

E gravando tudo isto no íntimo do coração humano, levanta os ouvintes à esperança da glória imortal e, dando-lhes a conhecer a divindade, instrui-os e inflama-os na religião e na virtude e, além disso, robustece-lhes as forças, de forma a poderem constantemente pôr em prática o que é ensinado. E embora fale da morte do corpo, [22] isso não quer dizer que se deva desejar a sua separação da alma antes que chegue o tempo marcado por Deus, mas que cada um deve levantar o espírito acima desta massa corpórea e dos vícios que daqui dimanam e, afastado quanto pode ser todo o contágio carnal, ocupar-se só na contemplação das coisas mais altas.

A este pensamento adere Macróbio no *Sonho de Cipião*; fala da divisão bipartida da morte: uma que vem da natureza, outra que parte da virtude.⁹⁵ A este propósito vem ainda aquela frase de S. Paulo: desejo ardentemente soltar-me do corpo e estar com Cristo.⁹⁶ A isto se ligam também as palavras de Aurélio Agostinho no livro *Da Verdadeira Religião*: refere que Platão tinha por costume exortar os seus jovens a absterem-se dos prazeres venéreos e que estivessem plenamente persuadidos de que a verdade não é acessível aos olhos do corpo ou a outro sentido qualquer, mas só ao espírito puro. Para a apreender não havia maior impedimento do que uma vida dada à luxúria e as falsas imagens das coisas sensíveis que, mediante corpo, se gravam em nós.⁹⁷

Vedes, cultíssimos ouvintes, que eu, arrebatado pelo amor da divina teologia, ultrapassei a medida oratória e que todavia não realizei o que pretendia.⁹⁸ Mas já que a minha oração se escapou de lugares cheios de escolhos e, por entre rochas brancas da espuma das ondas, a frágil canoa avançou para o alto mar depois de ter deixado ao largo os escolhos doutrinários,⁹⁹ voltemos já as velas noutra direcção. Suplico todavia aos que tanto amam a verdade evangélica, que a honrem com uma fé sincera e com as honestas homenagens da virtude.

Ouvimos, juventude estudiosa, o que devemos conhecer e desejar,¹⁰⁰ trabalho que eu elaborei somente para apresentar as divisões da filosofia. Aqueles que a ela se habituam e a aprendem, gozam dum medicamento muito eficaz com que não apenas curam as doenças da alma, mas também transmitem à imortalidade um nome que a velhice teria destruído juntamente com o corpo. Quem se inicia nos seus dons é constituído imediatamente filho de Zeus, nascido sob o signo duma estrela favorável e traz, de novo, pelo seu incalculável valor, a idade de ouro. Atraídos pela sua doçura é que aqueles antigos sábios dirigiam imprecações contra a brevidade da vida humana.

[23] Eis porque Sócrates, com cuja morte os homens pecaram contra a filosofia,¹⁰¹ ao avizinhar-se aquela, confessava: uma coisa somente sei, é que não sei.¹⁰² E diz-se que o sábio Temístocles, ao pressentir que ia morrer, depois de ter completado cento e sete anos, afirmava que sentia pena de deixar a vida na ocasião em que começava a ter gosto de saber.¹⁰³ Platão, príncipe do talento e do saber, morreu aos oitenta e um anos, a escrever. Isócrates completou noventa e nove anos no trabalho de ditar e escrever.¹⁰⁴ E Catão o Censor, homem sapientíssimo, não sentiu desdouro de aprender, já velho, o grego.¹⁰⁵

Taceo multos philosophos, Pythagoram, Democritum, Xenocratem, Zenonem, qui, iam aetate longaeua, in philosophiae studiis floruerunt. Etiam plurimum laudatur Cleanthes, qui, cum philosophiae siti arderet, nec sibi unde uictus suppeditaretur esset, noctu ad hauriendam aquam operam locabat suam, ut interdiu Chrysippi praeceptis uacare posset.

Proinde nec ignobilis auctor Vitruuius maximas parentibus gratias agit, qui illum ingenue educandum instituendumque censuissent. Alexander quoque Magnus, uir discendi et legendi cupidus, Philippo patri gratias agebat quod eum uoluerit Aristoteli tradere instituendum, a quo bene uiuendi rationem se assequutum gloriatur. Seneca porro, seuerissimus morum castigator, ad philosophiam confugiendum monet, quod eiusmodi litterae, non apud bonos modo, sed et apud mediocriter malos infularum loco sunt.

Scitum quoque Luciani¹⁸ illud, uelut ex oraculo euulgatum, philosophicis mysteriis non initiatos in tenebris saltare.

Quid praeter seria philosophiae studia, Aristotelem, summum peripateticorum principem, naturalium rerum consecratorem et solertissimum indagatorem adeo extulit, fecitque omnium in manibus haberi et mordicus teneri? Qui, ex nobili lectionis multiugae uariantisque cura, a Platone, ut refert Caelius in *Antiquis Lectionibus*, ἀναγνώστης nuncupatus fuit, tanquam lector foret infatigabilis et χαλκεύτερος plane, ut etiam Graeci dicunt, ac sititor inexplebilis.

[42 alias 24] Hic porro philosophiam tanto studio amplexabatur, ut dicere non dubitaret eos, qui artes reliquas consecrarentur, hanc uero negligerent, esse Penelopes procis consimiles, qui, ut traditum ab Homero nouimus, cum domina potiri nequissent, ad ancillas diuertebant. Hos inuenisse, iuxta uestibulum atrii Vlysses, Minerua, his uersibus affirmat ipse Homerus:

Εὔρε δ' ἄρα μνηστῆρας ἀγήνορας· οἱ μὲν ἔπειτα
πεσοῦσι προπάροιθε θυράων θυμὸν ἔτερπον,
ἤμενοι ἐν ῥινοῖσι βῶων, οὓς ἔκτανον αὐτοί·

Felix demum ille habendus est qui ingenio, non ad quaestum et libidinem abutitur, sed qui rerum potuit cognoscere causas et cuius mens, hoc diuino contemplationis pabulo, quasi quodam nectare et ambrosia, alitur. Quid enim aliud est deorum interesse conuiuuiis, quam diuinis philosophiae opibus, quae epulae sunt mentis et cogitationis, abundare? Cui qui indulserit, elementorum compaginem, terrae stabilimentum, rationem et symmetriam illarum quae ex aeris meditullio securas hominum mentes irruptione sollicitant, consequetur. Animae uim et ingenium mundi artificem, caelestium mentium satellitio constipatum, intuebitur. Iocunditatem denique illam sentiet quae percipitur

¹⁸ Luciani] Lusiani *PE* Lusitani *CL*

Passo em silêncio muitos filósofos, como Pitágoras, Demócrito, Xenofonte, Zenão, que se notabilizaram no estudo da filosofia em idade já avançada.¹⁰⁶ Igualmente é muito digno de louvor Cleantes que, ardendo no desejo de aprender filosofia e não tendo recursos com que se sustentar, se empregava a tirar água de noite,¹⁰⁷ para, durante o dia, poder assistir às lições de Crisipo.

Também o conhecido autor Vitrúvio agradecia muito aos pais, porque tinham pensado em educá-lo e instruí-lo nas artes liberais.¹⁰⁸ E Alexandre Magno, homem apaixonado pela aprendizagem e pela leitura, agradecia a Filipe, seu pai, por ter querido confiá-lo, como aluno, a Aristóteles, de quem se gloriava ter recebido o modo de bem viver.¹⁰⁹

E ainda Séneca, moralista de grande austeridade, lembra que nos devemos refugiar na filosofia, pois que ela faz as vezes dum belo enfeite não só para os bons, mas também para aqueles em que há algo de mal.

Conhece-se também aquele pensamento de Luciano, divulgado como se dum oráculo proviesse: que os não iniciados nos mistérios filosóficos dançam nas trevas.¹¹⁰

E o que foi que, além dum profundo estudo da filosofia, elevou tanto Aristóteles, o grande príncipe dos peripatéticos, pesquisador dos fenómenos naturais e diligentíssimo investigador, e o fez andar de mão em mão, prendendo-se tenazmente a todas? Ele, que, devido à sua famosa preocupação de ministrar lições variadas e variáveis, recebeu de Platão, como refere Célio nas *Lições Antigas*, o nome de ἀναγνώστης, como se fosse um leitor infatigável e, com pleno acerto, χαλκεύτερος, como os gregos também dizem, além de dotado de um insaciável desejo de saber.

[42, aliás 24] Efectivamente applicava-se à filosofia com tanto interesse, que não duvidava dizer que os que se dedicavam às outras artes e desprezavam esta, eram semelhantes aos pretendentes de Penélope, que, como nos transmite Homero, não podendo apoderar-se da senhora, se voltavam para as escravas.¹¹¹ Minerva: encontrara-os junto do vestibulo da casa de Ulisses, como afirma Homero nestes versos:

Εὖρε δ' ἄρα μνηστήρας ἀγήνορας· οἱ μὲν ἔπειτα
πεσοῖσι προπάροιθε θυράων θυμὸν ἔτερπον,
ἦμενοι ἐν ῥίνοισι βοῶν, οὓς ἔκτανον αὐτοί.¹¹²

Em resumo: devemos considerar feliz, não aquele que usa a inteligência para enriquecer ou dar-se à devassidão, mas o que pode conhecer as causa das coisas e cujo espírito se sustenta com este divino alimento da contemplação, como se fosse néctar ou ambrosia.¹¹³ Pois que outra coisa é assistir aos convívios dos deuses do que ter em abundância os divinos recursos da filosofia, que são o alimento da alma e do pensamento? Quem a ela se aplicar, compreenderá a conexão dos elementos, a firmeza da terra, a razão e simetria daqueles fenómenos que, irrompendo do meio do espaço, chamam a atenção do tranquilo pensamento humano. Contemplará o poder do espírito e a inteligência criadora do mundo, rodeada duma escolta de espíritos celestes. Por fim sentirá aquele encanto que comunica o próprio aspecto

ex ipsa caeli reidentis facie, admirabili specie, et pulchritudine siderum, immutabili constantia, in omni aetate, conseruantium.

Qua quidem notitia nihil utilius, an humanae naturae conuenientius, inueniri potest. Nam si natura pulchritudinem amamus, nihil cernere possumus hac tam excellenti mundi specie pulchrius, si uoluptas omnes mortales allicit, nullae uoluptates sunt cum iis quae mente ex notitia rerum capiuntur, ulla ex parte, conferendae, si tranquillus animi status est ardentem expetendus, nihil est quod maiorem uim habeat ad animi constantiam comparandam.

Is enim qui diuinarum [25] rerum pulchritudinem amare coeperit, nunquam, humanarum uoluptate captus, ullum scelus admittet, nec aliquid in uita suscipiet in quod humilitatis aut inconstantiae aut turpitudinis suspicio conuenire possit.

Siquidem humilitati repugnat naturae amplitudo, inconstantiae rati ac aequabiles siderum cursus, totiusque caelestis naturae firmitas, turpitudini uero tam magnifici operis decus et ornamentum. Quare, ex iis studiis praeclarissimis, efflorescat tandem necesse est pietas atque iustitia et reliquae uirtutes quibus humani animi excoluntur et ad diuinae mentis similitudinem accedunt.

Quo bono allectus Alexander ille Magnus momenti non minus ponebat in bonarum philosophiae artium cognitione, quam in tanto eius imperio, quo maximam orbis terrarum partem occupauerat. Vnde suarum expeditionum comites et commilitones semper habuit tum praeclaros philosophos, tum praeclarissimorum auctorum codices, quibus omne ab armis otiosum tempus impenderet; quo certe sibi celebre ac sempiternum nomen peperit.

*Inuictissimus
Rex noster
Ioannes
tertius*

Quantum igitur manet trophaeum inuictissimo Portugaliae regi Ioanni tertio, quam iusta praeconia, quam uerae ac germanae laudes! Qui philosophiae iam paene sepultam cognitionem ab inferis quodammodo excitauit, barbariem expulit et profligauit omnemquem humanitatem, quasi e caelo petitam, in domos induxit, quando Lusitaniam, bonarum artium rudem, omnibus disciplinis instruendam curauit.

O Lusitania felix, tanto principe digna, per quam domita est inimicorum Christi et persecutorum Ecclesiae temeritas et insania, aucta et amplificata orthodoxae fidei Christianaeque religionis dignitas! Quae omnia, non sine diuino Sanctissimae Triadis consilio, a piissimo rege sunt effecta, qui terras Ecclesiae ab infidelibus tyrannide occupatas, in dies expugnat et Romano eas restituit Tribunali, quae illum iam suum Regem agnoscunt, et principem ad mortales iuuandos natum profitentur. Quae omnia non modo nobis nota sunt, sed et aliis quoque nationibus longinquis, quibus [26] ille iuste atque legitime imperat.

Qui rursus, post tot deuictas gentes, reportatis inde non incruentis uictoriis, post Christianae religionis longe lateque apud Indos propagatam

do céu brilhante, com a sua apresentação admirável e com a beleza dos astros que, devido a uma constância imutável, conservam, em todo o tempo, movimentos certos e uniformes.

E nada de mais útil ou de mais conveniente à natureza humana pode encontrar-se, do que este conhecimento. Se amamos o belo por natureza, nada podemos ver mais belo do que este tão excelente aspecto do mundo; se o prazer atrai todos os mortais, nenhum prazer é comparável, sob qualquer aspecto, com aquele que o espírito recebe do conhecimento das coisas; se é muito de procurar um estado de alma tranquilo, nada há que maior poder tenha para adquirir essa calma de espírito.

Aquele que começou [25] a amar a beleza das coisas divinas, nunca o prazer das humanas o poderá seduzir, levando-o a cometer qualquer acção má, nem a aceitar algo, na vida, em que possa convergir suspeita de pequenez, de inconstância ou de torpeza. É que à pequenez repugna a vastidão da natureza, à inconstância as calculadas e constantes órbitas siderais e a estabilidade de todo o mundo celeste, à torpeza o adorno e asseio de tão magnífica obra.

Eis porque é forçoso que, de tão notabilíssimas ocupações, saia, por fim, a flor da piedade, da justiça e das restantes virtudes que embelezam a alma humana e a aproximam da semelhança com a mente divina.

Atraído por este bem, o célebre Alexandre Magno não punha menos interesse no conhecimento das artes liberais da filosofia, do que no seu império tão grande, que ocupava a maior parte da terra.¹¹⁴ Eis porque teve sempre, como companheiros das suas expedições e camaradas de armas, não só ilustres filósofos, mas também os códices de autores de grande nome, com quem dispendia todo o tempo de lazer que as armas lhe deixavam. Assim granjeou incontestavelmente um nome célebre e imorredoiro.¹¹⁵

Que grande troféu está então reservado a D. João III, invictíssimo rei de Portugal, quão justos panegíricos, quão verdadeiros e legítimos louvores! Foi ele que, de algum modo, fez sair das profundezas, onde estava quase sepultado, o estudo da filosofia, expulsou e destruiu a ignorância e abriu as portas a toda a cultura, pedida como que ao céu,¹¹⁶ quando cuidou de instruir a inculta Lusitânia em todos as disciplinas das artes liberais.

Ó Lusitânia feliz, digna de um tão grande Príncipe, por quem foi subjugada a audácia e a loucura dos inimigos de Cristo e dos perseguidores da Igreja, aumentada e amplificada a glória da fé ortodoxa e da religião cristã! E tudo isto levado a cabo pelo Rei Piedosíssimo, não sem um divino desígnio da Santíssima Trindade.

É ele quem subjuga, dia a dia, as terras da Igreja ocupadas pela tirania dos infiéis e restitui à cátedra de Roma aquelas que já o conhecem como seu rei, e vêem nele o Príncipe que nasceu para ajudar os mortais.

Tudo isto é, não só do nosso conhecimento, mas também do de outras terras longínquas, em que [26] ele justa e legitimamente exerce o poder.

E agora, depois de vencidos tantos povos, não sem vitórias sangrentas, depois de propagada, na Índia, ao longe e ao largo, a religião cristã, depois de subjugado

*O nosso
invictíssimo
D. João III*

persuasionem, post expugnata Mauritaniae litora, tam multis erectis trophaeis iustis triumphis, nondum tamen ad felicitatis summam suam peruenisse Lusitaniam ratus, addit ultimam manum: inducit ad umbilicos opus, dum eam omnibus litterarum ornamentis ornat et illustrat. Qui pietatis et sapientiae studio flagrans, inclitum hoc Conimbricense Lyceum, uniuersi terrarum orbis florentissimum, instituit, superbia et insignia collegia erexit, tum re ipsa honorifica, tum didactro et priuilegiis neutiquam paenitenda.

Vbi innumeris positus musarum sedibus, praeceptores doctissimos est magnis congiariis, amplissimisque muneribus prosecutus. Nec contentus ista tam rara munificentia, magnificentissimus Rex addidit insuper opima beneficia aliaque emolumenta, quibus donati emeriti professores disciplinarum queant in posterum securam et tranquillam agere uitam.

Quem pium Regis conatum et sanctam liberalitatem summis laudibus dignam iudicans et comprobans, Sanctissimus Papa Paulus tertius, e suo ipso sacro gazophilacio, immensa spiritualia dona et praerogatiuas adiecit.

*D. Emmanuel
a Menesio
Rector*

Quae omnia, ut in suo loco apte, conuenienter et condigne distribuerentur te, illustrissime Rector, oeconomon et dispensatorem statuerunt nostri classici auctores, cuius nutu et consiliis tota litteraria Republica constitueretur. Nouerant siquidem te uiri omnigena eruditione instructissimi, optimum esse iuris pontificii specimen, nouerant admirandam tuarum uirtutum amplitudinem, pulcherrimasque animi dotes, quibus nos sapienter instrues et moderaberis. Nam cum uirtutibus humanitatis, nobilitatis, liberalitatis, prudentiae, integritatis et constantiae mirabiliter ornatus sis, tum illud est in tuis moribus amplissimum, quod omnia uitae consilia pietate et religione Christiana [27] metiris.

Conimbrica

Optimo autem consilio, Rex Prudentissimus suam hic Academiam instituit, in urbe amoenissima et opulentissima. Par enim erat Conimbricam, cum primis in Lusitania urbem antiquam, antiquissimis etiam ornamentis, utpote litteris, exornari et cineres Alphonsi Regis fortunatissimi, cui optimam Portugaliae partem debemus, litterarum claritate nobilitari et splendescere.

Huic enim urbi, tanquam Pandore, dii omnes, ut poetice loquar, singuli bona singula dono dederunt, cui nihil deest, quod ad humanam conferat felicitatem. Nam et rerum abundantia, fertilitate, aeris temperie, pulchritudine praestat; agris etiam et campis latissime patet, Munda, nobili fluuio, alluitur, eminet saluberrimis collibus, uiget hortorum amoenitate, nec feruentiori aestu flagrat, nec pluuiis exundat, nec gelu riget, sed medium quoddam est assequuta.

Non desunt circum circa prata omni tempore uirentia, non siluae tot arboribus consitae, ubi apri, cerui, damae, lacus et fontes garritibus auium celebrati, uineta quoque cum oliuetis et amoenissima pomaria reperiuntur.

Quid aedificia magnifice structa et Deorum templa referam, quae cum ipsa uetustate non modo contendunt, sed eandem etiam superant?

o litoral da Mauritània, com tantos troféus erguidos a seus justos triunfos, pensando que a sua Lusitânia não chegara todavia ao máximo da felicidade, acrescenta-lhe uma última demão: leva o trabalho ao fim, adornando-a e celebrizando-a com todos os enfeites das letras. Ardendo no amor da virtude e da sabedoria, fundou esta Universidade de Coimbra, a mais florescente de todo o mundo, levantou notáveis colégios que, quer pelas honrarias, quer pelos honorários e privilégios de que os dotou, jamais lhe serão motivo de pesar. Ali fez assentar arraiais às inumeráveis musas e cumulou os doutíssimos mestres de grandes remunerações e amplíssimas mercês. E não contente com uma tão rara liberalidade, o rei magnificéntissimo acrescentou-lhe pingues benefícios e outros emolumentos, que dão aos eméritos professores das várias disciplinas a possibilidade, de, no futuro, levarem uma vida calma e tranquila.

Julgando digno dos maiores louvores e aprovando este piedoso empenho e santa liberalidade do Rei, o Santíssimo Papa Paulo III somou-lhe, do seu tesouro sagrado,¹¹⁷ imensos dons espirituais e prerrogativas.

E para que tudo fosse distribuído apta, conveniente e condignamente, cada coisa no seu lugar, os nossos sábios mestres constituíram-vos, Ilustríssimo Reitor, ecónomo e superintendente, a cujo aceno e deliberações fosse organizada toda a república literária.

*D. Manuel
de Meneses,
Reitor*

Sabiam bem esses homens dotados duma enciclopédica erudição que vós ereis um excelente modelo de direito pontifício; conheciam a admirável extensão das vossas virtudes e os encantadores dotes do vosso espírito, com que sabiamente nos instruireis e governareis. Tendo como admirável adorno as virtudes da benevolência, nobreza, liberalidade, prudência, honestidade e constância, numa coisa todavia se agiganta sobremodo o vosso carácter: em pautar todos os projectos da vossa vida pela piedade e religião [27] cristãs.

Muito bem avisado andou também o rei prudentíssimo em estabelecer a sua Academia aqui, numa cidade tão amena e opulenta.

Coimbra

Era justo na verdade que Coimbra, cidade antiga entre as primeiras de Portugal, fosse ataviada com os mais antigos adornos, como são as letras, e que as cinzas do venturosíssimo rei Afonso, a quem devemos a melhor parte de Portugal, recebessem, do brilho delas, glória e esplendor.

Para falar em linguagem poética, a esta cidade, qual Pandora,¹¹⁸ todos os deuses ofertaram de presente a sua dádiva, nada lhe faltando daquilo que contribui para a felicidade humana. Destaca-se pela abundância de géneros, fertilidade, doçura de clima e beleza. Tem grande extensão de campos e planícies, é irrigada pelo célebre Mondego;¹¹⁹ sobressai pela salubridade das suas colinas e pelo viço e encanto dos jardins; não a queima o calor demasiado, não a inundam as chuvas, não a endurece o gelo, mas está num meio termo.

Não lhe minguem em redor prados verdejantes em todo o tempo, bosques com toda a espécie de árvores, onde há javalis, veados, corças. Tem lagos e fontes frequentadas pelo chilreio das aves, tem vinhas, olivais e pomares muito aprazíveis.

At iam nos uocat operis coronis, iam in iocundissimam incidimus catastrophem!

Philosophia quidem nihil praeclarius, ad laudem nihil illustrius, ad uirtutem et gloriam consequendam nihil aptius, nihil denique, si opes petantur ad communis usus necessitatem, utilius; quae immortalitatis gloria suos cultores remuneratur.

Qui igitur laudem, qui dignitatem, qui gloriam quaerit in studium philosophiae ardentissime incumbat; ueram iustitiam, absolutam [28] liberalitatem et perfectam animi moderationem amplectatur eamque fortitudinem retineat cui adiunctum est sapientiae decus et amplitudo. Quid enim aliud est in uita constans, excelsum atque magnificum? Quid non potius fluxum, demissum et turpiter abiectum?

Siue enim diuitiarum inconstantiam respiciamus, siue honoris et humanae gloriae leuitatem, siue quemdam fucatum generis et nobilitatis splendorem, siue postremo humanae uirtutis speciem simulatam atque fallacem, nihil reperiemus quod mentem ualeat explere, aut animum uoluptate diuturna possit allicere. Omnia namque sunt angusta, fluxa, mortalia, erroris atque inanitatis plenissima. Sola litterarum ornamenta ampla sunt, augusta, diuina, immortalia, quae nulla unquam uis eripiet, nulla uetustas obliuione obruet, nulla calamitas extinguet.

DIXI

E porque hei-de referir-me aos magníficos edifícios e aos templos divinos, que não só não rivalizam com a antiguidade, mas ainda a excedem?

Mas já o sinal de acabar nos despertou; já chegámos ao tão almejado fim. Na verdade, nada mais notável do que a filosofia, nada mais brilhante para alcançar celebridade, nada mais apto para adquirir a virtude e a glória e finalmente, se se exigem disponibilidades para as exigências do dia-a-dia, nada mais útil. Ela recompensa os que a cultivam com a glória da imortalidade.

Quem pois busque renome, consideração, glória, aplique-se com todo o afinco, ao estudo da filosofia, abrace a verdadeira justiça, a liberalidade sem peias e uma perfeita moderação de espírito, e conserve aquela firmeza a que anda ligado o decoro e a amplitude da sabedoria. Pois o que há na vida que seja constante, elevado e magnífico e não antes passageiro, baixo e vergonhosamente objecto?

Quer olhemos para a mobilidade da riqueza ou da honra e para a futilidade da glória humana, quer para essa espécie de brilho postiço da ascendência e da nobreza, quer, por fim, para a simulada e falaz aparência de valor humano, nada encontraremos que possa encher a alma, ou seduzi-la com um prazer duradouro. Todas as coisas, com efeito, são limitadas, passageiras, mortais, repletas de erro e de futilidade. Só a glória das letras é grande, augusta, divina, imortal; nenhuma violência a arrebatará, o tempo, por mais longo, não a lançará ao esquecimento, desgraça alguma a fará desaparecer.

DISSE.

(Página deixada propositadamente em branco)

JERÓNIMO DE BRITO

ORAÇÃO
ACERCA DOS LOUVORES
DE TODAS AS CIÊNCIAS E SABERES

1 de Outubro de 1554

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

I

Das seis orações académicas que compõem este volume, a presente é de longe a menos conhecida, circunstância que decorreu do facto de contra ela terem militado dois motivos adversos que com brevidade procuraremos caracterizar. Foi o primeiro a localização (desviada das rotas tradicionalmente pisadas pela grei académica) do único exemplar impresso actualmente conhecido: o que fazia parte do acervo bibliográfico que o “monstro de erudição” e intrépido ideólogo tradicionalista espanhol don Marcelino Menéndez Pelayo legou à sua cidade natal, Santander, e que hoje aqui se guarda na Biblioteca Provincial que ostenta o seu nome. A segunda pecha com que teve que arcar este humilde opúsculo e o condenou a uma obscuridade de vários séculos derivou, em nosso entender, de dois mofinos e inesperados (tendo em conta o altíssimo valor intelectual das personalidades em causa) acasos: por um lado, o facto de Barbosa Machado com a máxima probabilidade não ter tido conhecimento *de visu* do impresso publicado por João Barreira, em Coimbra, em 1554; por outro lado, o pouco interesse do Prof. Luís de Matos em procurar determinar a identidade de um Jerónimo de Brito a cuja obra eu penso que ele foi o único estudioso português do século XX a fazer referência directa. Estou convicto de que, a não se terem verificado estes dois contratempos – mas muito especialmente o segundo, que se liga com a correcta determinação da identidade do autor –, hoje a obrinha, apesar da modéstia dos seus quilates literários, possuiria uma nomeada bem maior e que em grande parte lhe resultaria do prestígio histórico, religioso e social (bem acima do quase anonimato em que decorreram as existências dos seus actuais “companheiros de livro”) que esse mesmo autor alcançaria nos fastos nacionais, primeiro sob o nome de frei Henrique de S. Jerónimo, monge dominicano com participação em Trento, e depois como D. frei Henrique de Távora, bispo de Cochim e arcebispo de Goa.

Vejamos, pois, as breves referências que o autor da *Oratio* académica de 1554, nesta qualidade, mereceu aos dois citados sábios.

Assim, na *Biblioteca Lusitana* o curioso leitor, entre os numerosos, e hoje maioritariamente esquecidos, “Jerónimos” ali arrolados e biografados, não irá

encontrar nenhum com o sobrenome Brito. Se pesquisar, porém, no sector reservado aos escritores nacionais de prenome “Henrique”, terá a surpresa de encontrar um Henrique de Brito,¹ acerca do qual se escreve, com parcimónia inusual no copioso Barbosa Machado:

«HENRIQUE DE BRITO. Professor de Humanidades em a famosa Universidade de Coimbra no feliz tempo em que com igual glória floreciam as letras sagradas e profanas. Foi insigne latino e elegante orador, como deixou manifesto na obra seguinte: *Oratio de scientiarum disciplinarumque omnium laudibus habita Conimbricae, Conimbricae, 1554, 8º.*»²

Ora, é meridianamente manifesto, para quem tem algum trato com o estilo do nosso bibliógrafo setecentista, que ele se encontrava completamente *in albis* no que tange à vida e carreira deste *Henrique* de Brito, a quem atribui a autoria da nossa *Oratio*, cujo título aliás cita alinhando as palavras que o compõem numa ordem diferente da do impresso. Parece-me, pois, evidente que Barbosa Machado não viu o original, porquanto é intuitivo que o *Hieronymo a Brito* que aí figura, não apenas na página de rosto, mas também na parte superior de metade das páginas do folheto impresso, muito dificilmente deixaria de evocar na sua memória um nome ao qual, muito poucas folhas à frente, se refere, no longo artigo que consagra a D. frei Henrique de Távora e ao qual voltaremos já de seguida.

Pelo seu lado, Luís de Matos, na monumental tese *L'Expansion Portugaise dans la Litterature Latine de la Renaissance*, em referência na qual inclui também Pedro Fernandes e António Pinto, escreve que estes nossos conhecidos e: *Jerónimo de Brito rappelleront que la domination portugaise s' étend jusqu' aux confins de l'Inde dont les souverains prêtent obéissance au roi du Portugal*,³ indicando em nota o número das páginas onde se poderão encontrar as palavras a que o texto alude, o que prova que as leu nos respectivos originais. Mais à frente, na p. 367, reconhece, com a nobreza do verdadeiro sábio, que errara ao identificar, em obra anterior,⁴ o nosso Jerónimo de Brito com o italiano Girolamo Britonio, autor de compilações de relatos de viagens, mas infelizmente esta confusão não o moveu, ao que supomos, a procurar colher elementos biográficos sobre a personagem de que nos ocupamos.

Mas tudo se clarifica com a leitura do dilatado artigo que o erudito abade de Sever dedica a D. frei Henrique de Távora, para ao cabo o averbar como autor de apenas duas magras espécies bibliográficas: as *Advertências para o que devem*

¹ Sob este nome, e na fé dos informes de Barbosa Machado, consigna Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, com o nº 1083, a *Oratio* que agora se reedita e traduz.

² As transcrições que fazemos de textos antigos portugueses são feitas com a ortografia atualizada, respeitando porém as particularidades fonéticas próprias da época.

³ O. c. no corpo do texto, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 26.

⁴ *Les Portugais en France au XVI^e siècle – Études et documents*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1952, p. 115, nota (1).

fazer os Confessores (aliás, pequeno livro de facto intitulado *Tratado de avisos de confessores*, e no qual, segundo confissão própria, a sua intervenção é mais de adaptador do que de autor), impressas em 1560, e a notável *Oratio de Calamitatibus Ecclesiae*, pronunciada em Trento, em Fevereiro de 1562, e editada neste mesmo ano em Bréscia, às quais nos referiremos à frente com um pouco mais de vagar. Respiquemos da *Biblioteca Lusitana* o que interessa ao nosso intento, que é duplo: primeiro, provar que o leigo Jerónimo de Brito corresponde ao religioso dominicano que usou dos nomes frei Henrique de S. Jerónimo e D. frei Henrique de Távora; depois, traçar-lhe um breve bosquejo biográfico. Vejamos pois:

«D. FREI HENRIQUE DE TÁVORA. Nasceu na nobre vila de Santarém sendo filho terceiro de Fernão Cardoso, muito estimado na corte del-rei D. João o III pelos seus sentenciosos apotegmas, e D. Filipa de Brito. [...] Por insinuação do cardeal D. Henrique, de quem fora moço de câmara, recebeu o ilustre hábito da Ordem dos Pregadores em [...] Benfica [...] a cujo acto assistiu aquele príncipe, mudando em seu obséquio o nome de Jerónimo, que tinha no século, em o de Henrique. Passado o ano do noviciado, professou solenemente a 14 de Agosto de 1557 nas mãos do insigne varão frei Bartolomeu dos Mártires, prior de Benfica, [...] que, sendo constringido a aceitar a Mitra Primacial de Braga, o elegeu por seu doméstico. [...] querendo que o acompanhasse ao Concílio Tridentino. [...] Neste venerável congresso conciliou frei Henrique geral aclamação [...] pregando a 1ª Dominga da Quaresma, que caiu a 15 de Fevereiro de 1562, na presença daquela autorizada assembleia. [...] Restituído ao Reino, foi eleito prior do convento de Évora [...] sendo nomeado por el-rei D. Sebastião bispo de [...] Cochim, em cuja dignidade o confirmou S. Pio V a 13 de Janeiro de 1567, donde foi promovido para arcebispo de Goa, primaz do Oriente, por bula de Gregório XIII, a 20 de Janeiro de 1578. [...] visitou tão vasta diocese [...] até chegar à cidade de Chaul [...] e, como a achasse infeccionada de enormes vícios, se armou com as obras e palavras a reduzi-la ao caminho da penitência. Porém como desta redução se ofendesse um dos seus moradores, para se vingar do zeloso prelado lhe deu ocultamente veneno, que o privou da vida a 17 de Maio de 1581. Jaz sepultado no cruzeiro do convento de S. Domingos.»

Barbosa Machado cita depois, consoante a praxe, a bibliografia onde colheu estas informações, concedendo, como seria de esperar, a primazia ao cronista da Ordem Dominicana frei Luís de Sousa, fonte que se reveste para nós do crédito acrescido de ser também escalabitano e quase contemporâneo da personagem de que tratamos. Ora, o capítulo 12, do livro 2º da 2ª parte da *História de S. Domingos* é todo ele consagrado aos “Padres frei Jerónimo e frei Fernando de Távora, irmãos, e tirados ambos da Ordem para bispos”. Cederemos agora a palavra (de muito bom grado e para refrigério do leitor) ao mavioso estilista, dele transcrevendo as informações que corroboram ou acrescentam algo àquilo que Barbosa Machado nos dissera:

«Seguem dous irmãos, filhos da vila de Santarém por sangue e nascimento, e deste convento [=Benfica] por criação e profissão, e ambos bispos por merecimentos pessoais de virtudes e letras. Seu pai foi Fernão Cardoso, tão conhecido e estimado

na corte del-rei D. João o III por excelências de aviso e ditos agudos, que falando dele com alguns velhos mo nomearam pelo *grande Fernão Cardoso*. [...] Foi de geração nobre e por tal casou em Santarém com Filipa de Brito, senhora principal [...] da qual teve muitos filhos, e foram terceiro e quarto Jerónimo de Brito e Fernão Cardoso, que tomaram o hábito neste convento e tiveram a boa ventura de serem discípulos nele do grande espírito de D. frei Bertolameu dos Mártires, arcebispo de Braga, sendo aqui prior antes de sua eleição em arcebispo. Do Jerónimo dizem que o cardeal D. Henrique lhe mandou que fosse frade e, porque honrou o dia de sua entrada com sua presença, agradecido o moço trocou o nome da pia em Henrique e o da geração em S. Jerónimo, e chamou-se frei Henrique de S. Jerónimo. O Fernando, contando muitos apelidos honrados na linha de sua mãe e querendo esconder-se do mundo, polo muito que seu pai era conhecido nele, deixou o Cardoso e chamou-se Távora, e foi causa que por Távoras fossem despois muito conhecidos ambos os irmãos. [...] Foi natural em ambos uma inclinação à pintura que, se fora ajudada com trabalho e arte, os pudera fazer tão insignes como os grandes que celebra a Antiguidade. [...] Frei Henrique [...] estava governando o nosso convento de S. Domingos de Évora, de que era prior, [...] foi chamado pera bispo de [...] Cochim na Índia. Era entrado o ano de 1566. [...] tal conta deu de si no cargo que, vagando a cadeira de Goa, [...] o mandou el-rei passar a ela. [...] Foi a última cidade que visitou Chaul [...]. Sentiu-se um castigado [...] determinou vingar-se [...] soube tão bem temperar a peçonha e o modo de a dar que não foi entendida. [...] Foram dous os colhidos na treição [...] um o arcebispo, o outro seu companheiro. Este resistiu ao mal, como robusto que era de forças e idade, e ajudado de muitos antídotos, com que se lhe acudiu, sustentou a vida; o santo arcebispo era entrado em dias e fraco de compreensão, não lhe valeu nenhum remédio e acabou logo.⁵

Como complemento às notícias aqui transcritas, o mesmo cronista de S. Domingos nos remete para a sua *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, obra onde as passagens alusivas à ida de frei Henrique a Trento como companheiro do prelado bracarense serão mais adiante e em ensejo mais adequado por nós lembradas.

Neste momento parece justo contribuirmos com algumas achegas de nossa colheita para vincar, corrigir ou completar alguns dos traços que a fisionomia de Jerónimo de Brito já foi tomando aos nossos olhos.

Assim, a primeira observação que nos ocorre, e que tira quaisquer dúvidas sobre a identidade do autor da *Oratio* académica com o jovem santareno do mesmo nome, é a paixão pela pintura, que chamou a atenção tanto de Inácio de Moraes,⁶ no poema laudatório latino com que contribuiu para a brochura do amigo, como de

⁵ Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977, volume 1º, pp. 859-863.

⁶ Veja-se infra, *Oratio*, p. 2º. É também curiosa a aproximação que ambos os escritores estabelecem: com os modelos da Antiguidade, de forma genérica, no caso de frei Luís de Sousa, e Apeles, no caso de Inácio de Moraes.

frei Luís de Sousa, ao apontá-la como um dos laços que mais aproximava os dois irmãos destinados a seguirem uma carreira religiosa paralela.

Depois, causa-nos algum enleio o modo como o cronista de S. Domingos alude à escolha que ambos os irmãos fizeram do sobrenome de família que passaram a adoptar quando foram guindados à dignidade episcopal – Távora – e que faz supor que este apelido lhes cabia por linha feminina. Conquanto tal seja perfeitamente possível, dada a frequente consanguinidade dos cônjuges de famílias nobres, o que lográmos coligir sobre a linhagem do nosso Autor faz-nos pender para a suposição de que o Távora lhe advinha da bisavó paterna. De facto, segundo a *Pedatura Lusitana*, Diogo Fernandes Cardoso foi casado com uma senhora de apelido Távora, nascendo desta união Gonçalo Fernandes Cardoso, de entre cuja prole se destacam como varão primogénito o doutor Simão Gonçalves Cardoso, que foi chanceler da Casa do Cível e desembargador dos agravos da Casa da Suplicação,⁷ e Fernão Cardoso, pai do nosso Autor.⁸ Do agudo engenho, felicidade de linguagem e graça natural desta personagem, com relevo social na corte de D. João III,⁹ ficaram-nos diversos registos escritos contemporâneos que nos permitem corroborar a justeza das palavras de encarecimento do seu conterrâneo frei Luís de Sousa. Assim, além da sua participação no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, para o qual contribuiu com oito composições,¹⁰ o conhecido repositório, coligido por um anónimo quinhentista, de *Ditos Portugueses Dignos de Memória*,¹¹ recolhe nada menos que quarenta e seis historietas centradas nas respostas e ditos sentenciosos do pai de Jerónimo de Brito.¹² Ainda cerca de 1624 Manuel Severim de Faria, doutrinando sobre os três

⁷ Veja-se Maria do Rosário de Azevedo Cruz, *As Regências na Menoridade de D. Sebastião*, Lisboa, INCM, 1992, volume 1º, pp. 149 e 165.

⁸ Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Braga, Edições Carvalhos de Basto, 1998, volume 5º, p. 108. – Esta referência devo ao saber linhagístico de José Alexandre Sarmento, cuja fraterna, firmíssima, prestante e diamantina amizade é um raro oásis e fonte de alento no vasto areal de tolice em que temos de caminhar e por vezes as forças nos falecem.

⁹ De uma das suas composições poéticas colige-se que militou em Safim; sabemos também que foi feitor da Mina e vencia moradia na Casa Real; frei Luís de Sousa, seu conterrâneo, quase contemporâneo e homem obrigado pela sua profissão religiosa a não faltar à verdade, diz dele, como vemos, que “foi de geração nobre”: tudo isto, no entanto, não foi óbice para que, indefesso na calúnia e no dislate gratuito, o anotador da edição moderna dos *Ditos Portugueses* que mais abaixo se referencia, tenha escrito: “Fernão Cardoso, homem de origem popular”...

¹⁰ Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias, Lisboa, INCM, 1993, volume 3º, pp. 556-560. – Entre os trinta e um poemas com que o Prof. Rodrigues Lapa formou o seu *Florilégio do Cancioneiro de Resende*, Lisboa, Textos Literários, 1960, uma das eleitas é o poema de Cardoso *Indo-se pelas serras de Ansião*, que pode ler-se na p. 20.

¹¹ A única edição impressa desta obra, da qual existem inúmeras cópias manuscritas, é a das Publicações Europa-América, “anotada e comentada por José Hermano Saraiva”.

¹² Também se recolhe aí um *mot d'esprit* de uma irmã sua, que demonstra que, à semelhança do outro irmão frei Fernando de Távora, era bem filha de seu pai “na graça”. Vd. Frei Luís de Sousa, obra e lugar citados.

estilos (“humilde, meão e grave”) através dos quais a língua portuguesa podia luzir e demonstrar a sua superioridade sobre os demais idiomas modernos, escrevia:

«Que direi do estilo humilde e jocoso, o qual parece que em nenhũa outra língua pode ter a graça e elegância com que Lourenço de Cáceres, Fernão Cardoso e Luís de Camões compuseram as suas cartas e outras semelhantes obras?»¹³

Uma vez confirmado o que os dois biógrafos de Brito escreveram acerca dos superiores dotes intelectuais que exornavam o progenitor, não deixou de nos causar alguma estranheza o silêncio que guardaram relativamente aos estudos académicos do nosso Autor, como que restringindo toda a sua preparação tanto intelectual como religiosa ao ano de noviciado passado no convento de Benfica, o que é francamente inverosímil e nos levou, já cientes da verdadeira identidade do autor da *Oratio*, a procurar o seu rasto no meio académico coimbrão ao qual ele necessariamente estava ligado, não apenas na sua qualidade de orador convidado, como na de Mestre, com que aparece designado na página de rosto do seu opúsculo latino de 1554. E, de facto, como vai ver-se, não faltam provas da sua presença na Academia de Coimbra.

Assim, se consultarmos *O processo na Inquisição de Mestre João da Costa*,¹⁴ ficaremos a saber que, no rol de testemunhas de defesa indicadas pelo réu, se encontra o nome do nosso Autor,¹⁵ o qual foi interrogado pelos inquisidores no dia 12 de Janeiro de 1551. Transcrevamos as palavras processuais que, além de ricas de informação biográfica, mostram da parte do declarante a ausência de qualquer propósito de prejudicar o acusado:

«[177] *Item* Jerónimo de Brito, capelão del-rei nosso Senhor, testemunha a que foi dado juramento dos santos Evangelhos, em que ele pôs a mão, e preguntado polo costume e cousas dele, disse que era amigo do réu, e porém que diria a verdade.

Item preguntado polo outavo artigo da dita defesa, que lhe foi lido etc., disse ele testemunha que era verdade que ele testemunha viu algũas vezes o réu fazer as práticas conteúdas no artigo, encomendando aos colegiais e ouvintes do Colégio que fossem bons e vertuosos e que se confessassem e tomassem o santo sacramento e servissem a Nosso Senhor mais por amor que por temor, e assi ouviu dizer ao réu algũas vezes aos ouvintes do dito Colégio que fizessem de maneira que suas vertudes soassem fora, pera que se soubesse que no Colégio se ensinava vertude e boa doutrina, e que ele testemunha viu sempre ao réu ter bom zelo nas cousas de serviço de Nosso Senhor. E deste mais non disse.

Item preguntado polo undécimo artigo da dita defesa que lhe foi lido, disse ele testemunha que assi passava como o réu dizia em seu artigo *scilicet* de fazer as precisões da dita maneira com toda boa ordem e muito devotas, levando todos seus livros s. os pequininos, e mandando chamar os clérigos de fora e fazia de

¹³ Manuel Severim de Faria, *Discursos Vários Políticos*, Lisboa, INCM, 1999, p. 92. A 1ª edição saiu dos prelos de Manuel Carvalho, em Évora, no ano de 1624.

¹⁴ Edição de Mário Brandão, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1944.

¹⁵ O. c., p. 115.

dizer as missas muito solenes e muito bem oficiadas e o réu ajudava com todas as cousas de sua casa necessárias e pertencentes pera o auto, e ele testemunha a rogo do réu o ajudou algũas vezes nas ditas missas, por ser clérigo: polo que ele, testemunha, tem pera si que o réu fazia tudo aquilo como bom cristão e homem temente a Deus, e ele testemunha nessa conta o tem. E mais non disse. Aº Roiz o escrevi / Aires Botelho / Jerónimo de Brito»

Da documentação processual também consta, na p. 117 da transcrição citada, que “Jerónimo de Brito ouve [=é *aluno*] no curso de António do Souto”. Ora, consoante nos ensina Mário Brandão, António de Souto regeu um Curso de Artes, no Colégio das Artes, de Outubro de 1549 até à Primavera 1553.¹⁶ Destarte bem encaminhados, e postos a compulsar os livros de *Autos e Graus* da Universidade de Coimbra relativos a esta época, descobrimos no livro 3º do tomo 4º que, a 8 de Fevereiro de 1552, Jerónimo de Brito provou a frequência das cadeiras que o habilitavam à obtenção do grau de bacharel em Artes, o qual, consoante o respectivo assento, lhe foi concedido em 6 do seguinte mês de Março do mesmo ano.¹⁷ Com miras à obtenção da licenciatura na mesma Faculdade de Artes, a 17 de Abril de 1554:

«Provou Hierónimo de Brito, bacharel em Artes, que ouviu dous meses do Mestre António do Souto, com certo tempo que ouviu do Mestre Francisco de Pina, todos os livros de Aristóteles que se requerem pera se fazer licenciado na dita Faculdade, e foram testemunhas que assi o juraram Francisco de Carvalho e Cristóvão de Benavente.»¹⁸

Poucos fólhos à frente se lê o registo oficial, tanto do exame para a concessão deste grau académico, como da cerimónia de imposição do mesmo:

[20] «O derradeiro dia do mês de Abril de 1554 anos na cidade de Coimbra e sala da Rainha dos Paços del-rei nosso Senhor onde se fazem os autos de Medecina e Artes, sendo í presentes o Doutor frei Martinho de Ledesma, lente de Véspera de Teologia e Vice-Reitor por comissão de D. Clemente, prior crasteiro do mosteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade desta cidade, e o Doutor Marcos Romeiro, Vice-Reitor pera este auto seguinte por comissão do doutor Afonso do Prado, Reitor,¹⁹ que também é examinador, e o Mestre Melchior Beliago e o Mestre Pero Leitão e o Mestre Francisco Martins e Mestre Francisco Carlos, que este ano foram

¹⁶ Vd. Mário Brandão: “Os professores dos Cursos das Artes nas escolas do convento de Santa Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes”, artigo inserto em *Estudos Vários*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1972, 1º volume, pp. 122-154. A referência a António de Souto encontra-se nas pp. 141-142; *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1969, volume 2º, p. 509.

¹⁷ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, tomo 4º, livro 3º, fólhos 11 vº e 12, respectivamente.

¹⁸ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, tomo 5º, livro 1º, fólho 18 vº.

¹⁹ A desempenhar o cargo de reitor certamente por impedimento temporário do Reitor “efectivo”, o célebre frei Diogo de Murça, que aliás já vemos no desempenho das suas funções a presidir ao doutoramento de Cristóvão Monteiro: “Aos 17 dias do mês de Junho de 1554 (...) sendo presente o Senhor frei Diogo de Murça, Reitor.” (*Autos e Graus*, tomo 5, livro 1, fl. 34)

eleitos por examinadores de cinco bacharéis artistas que estudaram e ouviram todo o Curso de Artes de diversos mestres *scl* André Velho, Hierónimo de Brito, A° Manhoz, João Álvares e Diogo da Costa, juntos assi eles, Vice-Cancelário e Vice-Reitor e examinadores, pera comunicarem e votarem sobre a suficiêcia dos ditos bacharéis examinados, e tendo já feito o exame e comunicado antre si, segundo polos Estatutos é ordenado, começaram de votar por AA e RR pera saber os que amitiriam ou reprovariam, e foi logo primeiro votado sobre o bacharel André Velho e foi por todos aprovado *nemine discrepante*, lançando todos AA e nenhum R, e foram por todos seis AA, e tantos votaram.

Hierónimo de Brito foi aprovado *nemine discrepante*, lançando todos AA e nenhum R, e foram por todos seis AA, e tantos votaram.

[20 vº] [*Nos mesmos termos para os outros três*] E sendo assi aprovados, logo se lançaram sortes antre estes ditos bacharéis pera se saber a ordem que teriam em se fazer mestres em a dita Faculadde, e saiu pela ordem seguinte: André Velho o primeiro; João Álvares o segundo; Diogo da Costa o terceiro; Jerónimo de Brito o quarto; e A° Manhoz o derradeiro. E foi-lhe mandado que tomem os ditos graus de mestres conforme a ordem dos Estatutos. Diogo de Azevedo o escrevi.

Marcos Romeiro Martinus Cancelarius Belchior Beleago»

[21] «Grau de licenciados

O 1º dia de Maio do ano de 1554 na cidade de Coimbra e capela de São Miguel dos Paços del-rei nosso Senhor, sendo í presente o Doutor Marcos Romeiro, Vice-Reitor e examinador, e os outros quatro examinadores atrás nomeados, o Doutor frei Martinho de Ledesma, Vice-Cancelário por comissão de D. Clemente, prior crasteiro do mosteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade de Coimbra, deu os graus de licenciados em Artes a: André Velho, de Barcelos, e a João Álvares, de Taveiro, e a Diogo da Costa, de Vila Nova de Portimão, e a Hierónimo de Brito, de Lisboa, e a A° Manhoz, de Soure, dando-lhes licença pera se poderem logo fazer mestres na dita Faculdade, os quais graus se deram às nove horas de pola minhã, sendo testemunhas o Mestre Vicente Fabrício e o Mestre Diogo de Gouvea e o Mestre António do Souto e o Mestre Pêro Leitão, e outros muitos. E eu Diogo de Azevedo lhes dei juramento a eles licenciados conforme ao Estatuto, que esto escrevi.»

A imposição das insígnias do grau de mestre, que não implicava quaisquer provas adicionais e era uma mera formalidade, onerosa apenas para a bolsa do candidato, realizou-se 13 dias depois para o nosso Autor e ficou consignada nos termos seguintes:

[21 vº] «Magistério de Hierónimo de Brito

Aos catorze dias do mês de Maio de 1554 às nove horas de pola minhã na cidade de Coimbra e capela de São Miguel dos Paços del-rei nosso Senhor, em presença

do Doutor frei Martinho de Ledesma, Vice-Cancelário por comissão de D. Clemente, prior crasteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade, e do Doutor Afonso do Prado, Reitor, e do Doutor Marcos Romeiro, padrinho, e de outros muitos doutores e mestres: o dito padrinho, por comissão do dito Vice-Cancelário, deu o grau de Mestre em Artes a Hierónimo de Brito, de Lisboa. E foram testemunhas o Doutor Rodrigo de Reinoso e Francisco Franco e o Mestre Diogo de Gouvea e o Mestre António [*dalvim?*] e outros, e eu, Diogo de Azevedo, lhe dei juramento, conforme aos Estatutos, que esto escrevi.»

A derradeira prova documental da frequência da Universidade de Coimbra por parte de Jerónimo de Brito mostra-no-lo, em 23 de Maio de 1554, como estudante da Faculdade de Teologia, e reza o seguinte:

«Provou Hierónimo de Brito, de Lisboa, e Diogo da Costa, de Vila Nova de Portimão, que ouviram Teologia *scl* Hierónimo de Brito provou que começara de ouvir Teologia desde o princípio do mês de Julho de 553 até à feitura deste assento [...] e os dous meses de férias do dito ano de cinquenta e três [...]»²⁰

Ora, a 27 de Outubro deste mesmo ano, na p. 3* da carta dedicatória que antecede a *Oratio* académica que 26 dias antes pronunciara diante de toda a Universidade, não só confessa a D. João III que resultara do incitamento do monarca o seu propósito de frequentar a Academia conimbricense, como também a nós nos confirma tudo quanto acabámos de concluir recorrendo às fontes documentais:

«*Quantum in suscepto munere perfunctus, in banc tuam florentissimam Conimbricæ Academiae ingenii excolendi gratia me contulerim ibique primis litteris et Logicæ et Philosophiæ praeceptis optimis praeceptoribus sim imbutus, tandemque sacrosanctæ Theologiæ studium aggressus.*» (“O quanto me apliquei na tarefa a que me votei, mostrá-lo-ia a Vossa Alteza até por esta forma, como aquele que, cumprindo o vosso encargo, me desloquei para esta florentíssima Academia de Coimbra para cultivar a minha inteligência e aí fui instruído pelos melhores mestres nas primeiras letras e nos preceitos da Lógica e da Filosofia e, ao cabo, empreendi o estudo da sacrossanta Teologia.”).

Ou seja, estamos perante um clérigo jovem, muito provavelmente só com ordens menores (que já lhe permitiriam fruir das benesses de capelão del-rei), pertencente a uma família ilustre com entrada na Corte e assento em Lisboa, conquanto de origem santarena, mestre em Artes e a meio de um curso de Teologia: um conjunto de circunstâncias abonatórias que parecem ter contribuído para o convite que Brito recebeu da parte de D. Clemente da Silva, cancelário da Universidade e prior de Santa Cruz,²¹ para escrever e pronunciar o discurso com que se inaugurou o ano académico de 1554-1555.

²⁰ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, tomo 5, livro 1, fl. 6.

²¹ Veja-se a nota que consagramos *infra*, no início da tradução do texto da *Oratio*, a esta personagem.

No entanto, tudo semelha indicar que o nosso Autor pôs de parte a continuação dos seus estudos universitários e tomou a decisão de ingressar na vida religiosa, optando pela austera Ordem de S. Domingos. Dada a sua presumível idade (em anos moços, mas adulto), é de supor que tal passo tenha resultado de um reflexão madura e de uma incontornável vocação, apesar das estranhas e sibilinas palavras, atrás citadas, com que frei Luís de Sousa a ele se refere: “Do Jerónimo dizem que o cardeal D. Henrique lhe mandou que fosse frade”. É que não nos parece verosímil que um tão zeloso reformador da vida religiosa lusitana, como se revelou o cardeal-infante, fosse constranger alguém a entrar na vida monástica, a menos que gravíssimas circunstâncias, que desconhecemos, tenham impellido D. Henrique a decidir-se por esta imposição anti-canónica. Seja como for, a 28 de Janeiro de 1556 vêmo-lo assinar em Lisboa uma carta laudatória impressa à testa dos *Commentaria in Exodum*,²² de frei Jerónimo de Azambuja, que o alemão de Colónia João Blávio imprimiu em Lisboa naquele ano. Aí se identifica diante do *pius lector* como *M. Hieronymus a Brito, Lusitanus, uir theologus*.

Ora, atendendo ao facto de a obra prologada pertencer a um dominicano, com o qual Brito confessa ter trato próximo (*meum erga illius auctorem studium*), e ao pormenor de se encontrar datada de Lisboa em pleno período escolar, somos levados a dar como provável a hipótese de o nosso Autor já haver então abandonado os estudos teológicos, que verosimilmente encetara tendo em mira a obtenção do grau de Mestre ou de Doutor, e se acolhera, a fazer o noviciado, ao claustro de São Domingos, convento onde, a 14 de Agosto de 1557, o vamos ver professar, de acordo com o que consta de um documento que afortunadamente chegou até nós:

[7 vº] «23. Anno Domini 1557, 14 die Augusti fecerunt professionem post Vesperas simul: 1. Fr. Emanuel de Sousa et 2. Fr. Henricus de S. Jeronimo [*à margem*: iste Fr. Henricus fuit Archiepiscopus de Goa] et 3. Fr. Reginaldus Portuensis [*alias* Assunção] sub Rdo P. Fr. Ludouico Granatensi prouinciali huius Prouinciae, existente priore huius conuentus de Benfca Fr. Gabriele de Sancta [8] Maria, et magistro nouitiorum Fr. Simone das Chagas non habente tunc Ordine Magistrum. [*Assinaturas*:] fr. Gabriel de Scta Maria, prior / Fr. Henricus de S. Ihmo [*Anotado*: Archiepiscopus Goanensis] / fr. Simão das Chagas [*à margem*: uirtutibus et miraculis clarus. Obiit Solor] / frei Manoel de Sousa / fr. Reginaldo dassunsam.»²³

Postos diante da evidência documental, ocorrem-nos algumas observações. A primeira é a exacção da data que Barbosa Machado apontou para a profissão religiosa do nosso Autor (14 de Agosto de 1557). A segunda é o facto de logo em seguida cinçar ao escrever que “professou solenemente nas mãos do insigne varão frei Bartolomeu dos Mártires, prior de Benfca”. Como acabámos de ver, o prior de

²² Que mais à frente se transcreve e traduz como Apêndice 1º.

²³ *Professiones Sancti Dominici de Benfca 1551-1599*, ms PORT 4789, Harvard College Library, publicado por António do Rosário, OP, *Cartório Dominicano Português. Século XVI*, fascículo 12, Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português, 1981, p. 8.

Benfica era então frei Gabriel de Santa Maria, e frei Bartolomeu dos Mártires só nos aparece, neste mesmo documento, como prior de Benfica numa profissão datada de 13 de Maio do ano seguinte. Finalmente, parece-nos plausível a explicação que tanto Barbosa como Sousa dão para a eleição que o nosso Autor fez do prenome religioso, atribuindo-a a homenagem ao cardeal-infante, do qual, segundo diz o abade de Sever mas o cronista de S. Domingos não confirma, teria sido moço de câmara. Também não deixa de ser curiosa a espécie de vínculo que o nosso Autor parece ter querido manter com a sua anterior identidade, ao escolher um tal sobrenome religioso.

Poucos anos volvidos sobre a sua entrada na vida religiosa, frei Henrique fará parte da selecta equipa de confrades que D. frei Bartolomeu dos Mártires levará consigo ao ser investido, em 1559, na primacial Sé bracarense. Que frei Henrique lhe merecia uma fundada confiança parece prová-lo o facto de, logo a 23 de Março do ano seguinte, sair dos prelos coimbrãos de João Barreira um *Tratado de confesores*, a que já nos referimos, em cujo *Prólogo* “Frei Anrique de São Jerónimo, da Ordem dos Pregadores”, diz ao leitor, na p. 4, que compilara aquele “tratado de avisos de confesores por mandado do reverendíssimo Senhor D. frei Bertolameu dos Mártires, arcebispo e senhor de Braga, primaz.”²⁴ Também no cap. XXV do Livro 1º da *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, frei Luís de Sousa, depois de no capítulo anterior nos informar acerca “dos motivos que teve o arcebispo pera fundar o convento de Santa Cruz da Ordem de S. Domingos na insigne vila de Viana”, escreve que “não tardou o arcebispo em propor ao governo e magistrados da vila de Viana o que tinha tratado com o provincial e mandou a isso, logo na entrada de Novembro do mesmo ano (=1560), o padre frei Anrique de Távora, religioso da sua Ordem.”²⁵

No cap. I do Livro 2º, ao tratar frei Luís de Sousa de “Como partiu o arcebispo pera a cidade de Trento ao santo Concílio e da casa e acompanhamento que levou”, viagem que se encetou em 24 de Março de 1561, informa-nos, relativamente à personagem objecto do nosso interesse:

«pera sua companhia não quis mais gente que aquela que lhe era precisamente necessária. [...] o padre frei Anrique de Távora, filho seu de profissão e criado em sua doutrina no tempo que fora prior do convento de Benfica. Este religioso andando o tempo foi bispo de Cochim e despois eleito arcebispo de Goa e primaz da Índia Oriental.»²⁶

Falando depois dos primeiros meses da estada em Trento e do teor de vida com que o santo arcebispo movia a espanto todos os que com ele tinham trato, frei de Luís de Sousa transcreve parte de uma carta que, com data de 3 de Novembro de 1561, frei Henrique endereçou da cidade tirolesa ao reitor do Colégio de Jesus em

²⁴ Transcrevemos *infra* este *Prólogo* como Apêndice 2º.

²⁵ Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1946, volume 1º, p. 146.

²⁶ O. c., 171.

Braga, o futuro mártir Padre Inácio de Azevedo,²⁷ para poucas páginas adiante nos informar que:

«Entrou a Quaresma deste ano de 1562 e [...] quis o arcebispo que os menos ocupados também de sua parte ajudassem animando ao trabalho e acendendo em devoção os que com suor e fadiga contínua cavavam na vinha do Senhor; e ordenou pera este efeito algumas pregações particulares dos padres portugueses que havia em Trento.

Tocou o primeiro Domingo da Quaresma ao padre frei Anrique de S. Jerónimo, aliás de Távora, seu companheiro, e foi ouvido por essa razão de grande parte dos padres do Concílio. O sermão foi tal que redundou em honra da Ordem e do arcebispo, a quem se davam os parabéns por muitos prelados dizendo que bem se parecia o filho com o pai e o discípulo com o mestre.»²⁸

Não exagerou no encarecimento o melífluo biógrafo, se merece algum crédito a opinião de quem perpetrou a tradução, que, como Apêndice 3º, o leitor poderá encontrar mais à frente, desta desassombrada peça de oratória latina, que aliás nesse mesmo ano mereceu a honra de ser impressa em Bréscia *apud Ludouicum Sabiensem*.

Uma vez concluído o Concílio,²⁹ frei Henrique regressou à pátria, vindo a desempenhar, segundo a informação coincidente de Sousa e Barbosa Machado, o cargo de prior do convento de Évora da sua Ordem. Ora, conforme atrás se viu, o Autor da *Biblioteca Lusitana* aponta a data de 13 de Janeiro de 1567 como a da confirmação, por parte de Pio V, da nomeação, feita por D. Sebastião, de frei Henrique para bispo de Cochim, ao passo que o cronista de S. Domingos escreve que “era entrado o ano de 1566” quando se verificou a designação régia para aquela prelatura oriental. Mais perto do nosso tempo, Fortunato de Almeida escreve: “D. Frei Henrique de Távora e Brito, confirmado bispo de Cochim em data que

²⁷ No propósito de aqui se recolher toda a obra literária original do nosso Autor, transcrevemos a seguir esse pequeno texto, que pela escassez de dimensões não parece merecer honras de figurar em apêndice:

“Do senhor arcebispo digo que cada vez é mais santo e mortificado e creio que nunca gastou tão bem o tempo, e se lá for como esperamos em Deus, levará grande alforge pera si e pera suas ovelhas, e nunca viveu tão conforme a seus intentos como cá. Parece-me que se por ele fosse não deixaria este género de vida. Tem dado grande cheiro nesta terra e buscam-no tantos pobres como em Braga e a todos satisfaz. Os prelados têm grande conceito dele. Não quero parecer que louvo minhas cousas, posto que falo com quem o conhece. Ele e a casa todos ficam bem.

Deus louvado.

De Trento, a 3 de Novembro de 1561” (o. c., p. 205).

²⁸ O. c., p. 216.

²⁹ Os seis volumes da obra de José de Castro *Portugal no Concílio de Trento*, Lisboa, União Gráfica, 1944-1946, nada acrescentam ao que dizemos relativamente à estadia e participação de frei Henrique de S. Jerónimo na cidade do Tirol italiano.

No “Catalogus legatorum patrorum, oratorum et theologorum”, apenso à maioria das edições dos *Sacrosancti Concilii Tridentini Canones et Decreta*, na secção reservada aos “Theologi Ordinis Fratrum Praedicatorum”, pode ler-se: “Henricus de Sancto Hieronymo, cum Reverendissimo D. Bracharensi”.

desconhecemos, mas certamente posterior a Abril de 1571.³⁰ Finalmente, José de Castro, estribando-se na *Hierarchia Catholica* (tomo 3º, p. 171) de Guilelmus van Gulik, corrobora a data apontada por Machado.³¹ Desta diocese foi promovido para a Sé metropolitana de Goa, segundo Barbosa Machado (consoante se viu), por bula de Gregório XIII datada de 20 de Janeiro de 1578,³² mas, em opinião de Fortunato de Almeida³³: “provavelmente em Janeiro de 1577.” E ao abrirmos a obra clássica sobre *O Reinado do Cardeal D. Henrique*, nas páginas 26-27 lemos o seguinte:

«A 20 de Setembro de 1578, por ordem de D. Henrique, celebraram-se solenes exéquias, na igreja dos Jerónimos, em honra do seu antecessor. Foi celebrante o arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida; estiveram presentes el-rei, o duque de Bragança, os bispos do Algarve e de Portalegre,³⁴ o antigo bispo de Viseu, D. Jorge de Ataíde, e os prelados eleitos de S. Tomé, D. Martinho de Ulhoa, e das Índias, D. Frei Henrique de Távora e Brito.»³⁵

É esta a única referência que encontrámos a uma viagem à pátria após a sua partida para a indiática Cochim. Se de facto esta visita se deu, não pode ter sido longa, pois “a 9 de Abril de 1579 presidiu [*em Goa*] a uma junta de teólogos na qual se ventilou se era lícito permitirem-se aos gentios das terras de Salsete alguns ritos e cerimónias gentílicas.”³⁶

A isto praticamente se resume o que lográmos apurar sobre o percurso humano desta personagem, que pelos especiais contornos de que se reveste nos evoca o título de uma das peças de António José da Silva: “As variedades de Proteu”. Conforme Barbosa Machado e frei Luís de Sousa já nos contaram, o decesso de D. Frei Henrique de Távora – verificado a 17 de Maio de 1581 – assumiu uma forma melodramática que toca as raias do inverosímil, porquanto dá visos de supina insânia atrever-se alguém a propinar peçonha e ocasionar a morte de um tão alto dignitário, arriscando-se dessa forma ao incómodo da pena capital, só como desquite por uma reprimenda moral. Na impossibilidade de aprofundarmos a questão, encerramos

³⁰ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 2ª edição (a 1ª é de 1915-1917), Porto, Livraria Civilização Editora, Porto, 2º volume, 1968, p. 690.

³¹ José de Castro, o. c., 1944, volume 3º, p. 420.

³² Fundando-se igualmente em van Gulik, o. c., p. 204, José de Castro, *id.*, *ibi.*, consigna uma data ligeiramente diversa (29 de Janeiro de 1578), diferença de oito dias que aliás facilmente se explica se atendermos à similitude dos algarismos envolvidos.

³³ O. c., p. 700.

³⁴ D. Jerónimo Osório e D. André de Noronha, respectivamente.

³⁵ José Maria Queirós Veloso, *O Reinado do Cardeal D. Henrique*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1946. – Em nota, o Autor esclarece que colheira esta informação em José de Castro, *D. Sebastião e D. Henrique*, Lisboa, União Gráfica, 1942, p. 239, o qual, por sua vez, se funda na documentação existente no Arquivo Secreto do Vaticano (conquanto por vezes o faça de modo assaz desastrado, permita-se-me a confidência, como aliás oferece aqui mesmo um colossal exemplo, ao dar ao bispo de Portalegre em 1578 o nome do inglês D. Ricardo Russell, que de facto esteve à frente da diocese alentejana...a partir de 1671.)

³⁶ Fortunato de Almeida, o. c., p. 700.

este capítulo transcrevendo a narração do mesmo episódio final, feita pela pena de um dominicano que escreveu alguns lustros antes de frei Luís de Sousa e teve sobre este a vantagem de haver cursado terras mais próximas do cenário onde ele se desenrolou:

«Determinou de visitar pessoalmente seu arcebispado. [...] E tendo já visitado todas suas cidades e fortalezas, veio ter a Chaul, onde lhe deram peçonha, por ser muito inteiro e rigoroso em repreender e castigar pecados públicos. Da qual peçonha morreu e jaz sepultado em ãa sepultura, que está no cruzeiro de S. Domingos de Chaul, na parede junto do altar de Nossa Senhora do Rosário. O companheiro do arcebispo, religioso da mesma Ordem, que ajudou a comer da peçonha, não morreu dela, mas pelou-se todo e esteve muito mal.»³⁷

II

1. Damos em seguida a relação circunstanciada das orações de sapiência directamente relacionadas com a cultura portuguesa cujos textos chegaram até nós e pronunciadas até ao 1º de Outubro de 1555, data da lida pelo bacharel em Artes vianense António Pinto diante da Academia de Coimbra:

– Cataldo Parísio Sículo: *Oratio habita Bononiae publice a Cataldo in omnium scientiarum et in ipsius Bononiae laudes*, pronunciada em Bolonha,³⁸ antes de 1485, ano provável da sua vinda para Portugal.³⁹

Edições: *Epistolae et orationes quaedam Cataldi Siculi*, Lisboa, Valentim Fernandes, 1500, fls. h5 vº-i iii vº. Deste volume e da sua continuação se fez uma edição moderna fac-similada: *Epistolae et Orationes* de Cataldo Parísio Sículo, com introdução de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1988.

– D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim: *Oratio habita a Petro Menesio comite Alcotini coram Emmanuele S. rege in scholis Vlyxbone*, pronunciada no Estudo Geral de Lisboa em 18 de Outubro (dia de S. Lucas) de 1504.

Edições: a) apud *Epistolarum et quarundam orationum secunda pars* de Cataldo, sem lugar nem data de impressão (mas *circa* 1513), foll D-Eiii; b) D. Pedro de Meneses, *Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa*, com reprodução fac-similada. Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1964.

³⁷ Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p. 505. – A 1ª edição deste livro saiu dos prelos de Manuel de Lira, em Évora, no ano de 1609.

³⁸ Embora lida fora do território nacional e por Autor estrangeiro, a importância do magistério de Cataldo e a influência desta oração em escritores portugueses – além da circunstância de a sua 1ª edição ter saído de prelos lusitanos – justificam plenamente a sua inclusão nesta lista.

³⁹ Vd. Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal – I*, Coimbra, INIC, 1988, p. 41.

– André de Resende: *Oratio pro rostris*, pronunciada perante a Universidade de Lisboa no 1º de Outubro (dia de S. Remígio) de 1534.

Edições: a) *L. Andreae Resendii Lusitani Oratio pro rostris pronunciata in Olisiponensi Academia, Calendis Octobris 1534*, Lisboa, Germam Galhard, Outubro de 1534; b) André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, com reprodução fac-similada. Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.

– Jerónimo Cardoso: *Oratio pro rostris*, pronunciada perante a Universidade de Lisboa no 1º de Outubro de 1536.

Edições: a) *Oratio pro rostris habita Calendis Octobris Olisiponensi Academia, de laudibus omnium disciplinarum. Anno tricesimo sexto supra sesquimillesimum*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares, 1550; b) Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*, com reprodução fac-similada. Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965; c) *Apud* Jerónimo Cardoso, *Obra literária. Tomo 1º: Prosa latina*, estabelecimento do texto e tradução de Telmo Reis, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009, pp. 51-99.

– Juan Fernández: *Oratio pro rostris*, pronunciada no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, no 1º de Outubro de 1538.

Edição: o original, intitulado *Oratio pro rostris pronuntiata Conimbricensi Academia a M. Ioanne Fernando anno secundo a nouae Academiae institutione*, encontra-se em manuscrito na Biblioteca Municipal do Porto, tendo sido reproduzido fotograficamente *apud* Jorge Alves Osório, *Autour d' un discours humaniste d'un éditeur Coimbrois des Colloques d'Erasmé*, “Arquivos do Centro Cultural Português”, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, XI, 1977, pp. 89-106.

– Arnaldo Fabrício: *De liberalium Artium Studiis Oratio*, pronunciada no Colégio das Artes, em Coimbra, a 21 de Fevereiro de 1548, véspera do início das aulas na recém-fundada escola.

Edições: a) *De liberalium Artium Studiis Oratio Conimbricae habita in Gymnasio Regio*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares, 1548; b) Mário Brandão, *Uma oração académica do Renascimento*, Coimbra, 1926; c) Luís de Matos, *Quatro Orações Latinas Proferidas na Universidade e Colégio das Artes (Século XVI)*, Coimbra, Universitatis Conimbricensis Studia ac Regesta, 1937, pp. 3-23; c) a incluída neste volume.

– Belchior Beleago: *De disciplinarum omnium studiis oratio*, lida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1548.

Edições: a) *De disciplinarum omnium studiis ad uniuersam Academiam Conimbricae habita Calendis Octobris 1548*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares; b) Luís de Matos, transcrição do texto latino na colectânea citada no ítem anterior; c) *Oração sobre o estudo de todas as disciplinas de Belchior Beleago*, com reprodução fac-similada. Prefácio, tradução e notas de M^a Helena da Rocha Pereira, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1959; d) a incluída neste volume.

– Pedro Fernandes: *In doctrinarum scientiarumque omnium commendationem oratio*, lida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1550.

Edições: a) *Petri Ferdinandi in doctrinarum scientiarumque omnium commendationem oratio apud uniuersam Conimbricam Academiam habita Calendis Octobris anno 1550*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares; b) transcrição do texto latino, publicada como Apêndice à obra de Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2ª parte, volume 3, tomo 2, 1956, pp. 1012-1040; c) a incluída neste volume.

– Hilário Moreira: *De omnium Philosophiae partium laudibus et studiis Oratio*, proferida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1552.

Edições: a) *Hilarii Moreirae Conimbricensis ad inuictissimum Lusitaniae regem D. Ioannem tertium, De omnium Philosophiae partium laudibus et studiis oratio, apud inclytum Conimbricense lyceum universi terrarum orbis florentissimum de more Academiae habita Calendis Octobris Anno Salutis 1552*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares; b) transcrição do texto latino na colectânea já citada de Luís de Matos; c) *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*, tradução portuguesa, introdução e notas Albino de Almeida Matos, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da F. de Letras, 1990; d) a incluída neste volume.

– Jerónimo de Brito: *De scientiarum disciplinarumque omnium laudibus oratio*, lida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1554.

Edições: a) *De scientiarum disciplinarumque omnium laudibus oratio apud Vniuersam Conimbricam pronunciata Calendis Octobris anno Domini 1554*, Coimbra, João de Barreira; b) a incluída neste volume.

– António Pinto: *Oratio de scientiarum omnium magnarumque artium laude*, lido perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1555.

Edições: a) *Oratio de scientiarum omnium magnarumque artium laude ab Antonio Pinto habita apud Vniuersam Conimbricensem Academiam Calendis Octobris anno Domini 1555*, Coimbra, João Álvares; b) a presente.

– Pedro João Perpinhão,⁴⁰ S. I.: *De Societatis Iesu gymnasiis*, pronunciada em Coimbra no 1º de Outubro de 1555 (às três horas da tarde) na cerimónia de entrega do Colégio das Artes aos jesuítas.

Edições: a) incluída, como *Oratio IV*, em *Petri Ioannis Perpiniani [...] orationes duodeviginti*, Roma, apud Zannettum et Ruffinellum, 1587, pp. 165-209. Nas páginas liminares deste volume apontam-se os lugares e épocas em que as diferentes peças oratórias foram pronunciadas pelo religioso valenciano, consignando-se a respeito desta que: *Primam de Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione habuit Conimbricae Kal. Octobris 1555, cum Lusitaniae rex inuictissimus Ioannes, hoc nomine tertius, Conimbricense Gymnasium Societati Iesu tradidisset*. (“O primeiro discurso

⁴⁰ Damos a forma aportuguesada do sobrenome deste jesuíta, que em valenciano, língua da sua pátria, se ortografa Perpinyà.

acerca dos colégios e do método de ensino da Companhia de Jesus pronunciou-o em Coimbra, no 1º de Outubro de 1555, por ocasião de o invictíssimo rei de Portugal D. João III ter entregue o Colégio Conimbricense das Artes à Companhia de Jesus”); b) teve inúmeras reedições, cuja relação se pode ver nos reportórios bibliográficos da corporação religiosa a que o Autor pertencia, especialmente a obra clássica de Carlos Sommervogel, S. I., *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Bruxelas, tomo 6, 1895, pp. 547-554.

A leitura que fizemos de todas as peças oratórias académicas que hoje se enfeixam neste volume leva-nos a capitular a presente como a de mais rasteiros voos literários. Embora o vínculo de quase paternidade que a ela nos liga como responsável pela tradução nos pudesse induzir ao vício em que a maior parte dos progenitores humanos incorre quando se trata de qualificar os méritos da sua prole, o amor da verdade obriga-nos a prevenir o leitor de que não se encontra perante uma obra de génio. Do mesmo passo também nos parece da mais elementar justiça desde já qualificá-la como o que nos parece que é: trabalho metódico, mediano e competente, bem-intencionado e honesto, em que o pendor moralizante avulta e faz adivinhar o teor de vida por que muito em breve o Autor irá enveredar.

Ora, nestas condições, em vez de retalharmos com o bisturi de uma análise severa uma peça oratória a que as imposições da praxe obrigavam a um desenvolvimento pré-determinado dentro de um período de tempo relativamente curto, parece-nos preferível chamar a atenção do leitor para alguns dos aspectos (poucos e sobretudo acessórios) em que esta obra se singulariza relativamente à toada comum em que se une com as suas congéneres.

Assim, a primeira e imediata observação tange às próprias dimensões físicas da *Oratio* de Jerónimo de Brito, que são inferiores às das suas irmãs. É certo que esta aparente desvantagem é compensada pelos fortes esteios a que se arrima: o Doutor frei Martinho de Ledesma, o poeta Inácio de Moraes, D. João III e o Cancelário da Universidade (o Geral dos Crúzios D. Clemente da Silva).

A “censura” do dominicano frei Martinho de Ledesma, a breve trecho irmão de hábito do nosso Autor e seu mestre na Faculdade de Teologia, toda ela ressuma a mais cálida simpatia, sentimentos que, sob a forma de três dísticos elegíacos, também quis exprimir Inácio de Moraes, que por então frequentava a Faculdade de Leis, na qual obtivera o grau de bacharel a 26 de Julho deste mesmo ano de 1554.⁴¹ Nesta pequena composição, a amizade do vate transmontano leva-o a emparelhar hiperbolicamente os dotes de pintor e de orador de Brito com os dos seus supostos émulos greco-latinos: Apeles e Cícero...

⁴¹ Vd. Mário Brandão, *Estudos Vários*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1972, 1º volume, p. 302.

Das palavras que, no prefácio-dedicatória, dirige ao monarca colhe-se, como atrás vimos, que a sua ida para Coimbra, onde se graduara em Artes e cursava então Teologia, se ficaria a dever ao incitamento do destinatário, que, ao que indicam as fontes históricas, sentia grande apreço por Fernão Cardoso, pai de Jerónimo de Brito.

No exórdio da *Oratio*, o nosso Autor alude à responsabilidade que cabe ao Cancelário da Universidade pela escolha do seu nome para o desempenho daquele papel na cerimónia com que se oficializava a abertura do ano escolar: «*qui, quod optimo iure poterat imperare, beneuole et amice postulans, [...] ad hoc tamen munus tractandum designauerit.*» (“o qual, rogando bondosa e amigavelmente aquilo que com todo o direito poderia ordenar, [...] indicou-me para tratar deste assunto.”). P. 6.

Não será de descartar a possibilidade de aquela “bondade e amizade” com as quais D. Clemente da Silva instou junto de Brito para movê-lo a pronunciar a *Oração* académica derivasse de laços de família que os uniriam e que nos atrevemos a sugerir, atendendo ao facto de ambos procederem de senhoras de apelido Távora.⁴²

Passando aos louvores das diferentes ciências, não é de estranhar que um aluno de Teologia – à qual aliás cabia então a primazia no elenco dos saberes – se ocupe de modo significativamente mais dilatado com os da sua Faculdade que com os das demais, merecendo-nos sim algum reparo o modo talvez excessivamente alusivo como trata de algumas, como é o caso, por exemplo, da Geometria, Aritmética e Gramática. Depois dos estudos teológicos, são a Música e a Eloquência as áreas de saber sobre que mais se derrama, o que talvez tenha uma explicação psicológica se nestas, por um lado, virmos as actividades mais “artísticas” (no sentido de “artes do belo”) de quantas compunham o currículo académico de então, e, por outro, nos recordarmos da excepcional vocação para a pintura que tanto frei Luís de Sousa como Inácio de Moraes atribuíram a Jerónimo de Brito. A propósito, e tendo em conta esta sensibilidade estética, devemos confessar que não foi sem estranheza que verificámos a quase nula presença da poesia e dos poetas no corpo desta *Oratio*,⁴³ ao invés do que sucede com as suas congéneres reunidas neste volume, com a só excepção da de Arnaldo Fabrício, que nos aparece como igualmente infenso às musas.

Sem embargo do parcimonioso desenvolvimento que o Autor deu aos núcleos temáticos que estava obrigado a glosar, estranhamente o recurso retórico a que mais amiúde parece recorrer é aquele que, entre as figuras que a preceptista tradicional incluía na rubrica das *figurae per detractionem*, recebia o nome de *praeteritio*.⁴⁴

⁴² A mãe de D. Clemente e a bisavó paterna de Jerónimo de Brito. Vd. nota 8 desta Introdução e nota 4 ao Texto da Oração.

⁴³ As excepções são: a) na p. 14, a breve citação do fr. 129 Snell, de Píndaro, procedente de um passo doutrinal de Platão; b) e, na p. 29, a sumária alusão às “Musas Carmentas”, que, “mediante uma certa agradável diversidade de ritmos”, compõem diversos cantares.

⁴⁴ “É uma referência à situação do discurso e consiste em anunciar expressamente a intenção de deixar de lado o tratamento exaustivo de um objecto referido ou de vários objectos referidos no discurso.” Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária*, tradução de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 243-244.

Como se temesse que o seu fôlego e a paciência do auditório se fossem esgotar a muito breve prazo, vemos Jerónimo de Brito quase desde o início procurar por esta via expedita dar-se pressa por chegar ao anelado *dixi* final. De facto, veja-se:

[p. 13] «*et alia permulta quae uix poterunt oratione comprehendendi.*» (“e muitas outras coisas que dificilmente se poderão incluir num discurso.”)

[p. 15] «*de iis hactenus, nullum enim est tempus in quo quantum huic iuri debeatur possit recenseri.*» (“com isto basta sobre este assunto, pois não há tempo para se poder enumerar o quanto se deve a este direito.”)

[pp. 15-16] «*Omitto Asclepiadem[...] Chrysippum, Empiricum, Herophilum et plerosque alios [...] ne longa oratione uobis fastidium uidear afferre.*» (“Não refiro Asclepiades [...] Crisipo, Empírico, Herófilo e muitos outros [...] para que não pareça que vos causo enfado com um discurso mais dilatado.”)

[p. 17] «*Possem ego multorum sententias in medium afferre [...]. Sed quorsum haec?*» (“Eu poderia aduzir aqui as opiniões de muitos [...] Mas a que fim?”)

[p. 20] «*Multa possem [...] uobis afferre, sed non sine aliarum artium iactura, nam uideo mihi tempus praefinitum ad dicendum deesse.*» (“Poderia alegar-vos muitos factos [...] mas não sem detrimento das outras artes, pois vejo que me falta o tempo que me foi prescrito para falar.”)

[p. 28] «*Sed ne amore Eloquentiae uidear de illa plura dicere quam quae nostra postulet oratio, Grammaticam ultimo explicemus.*» (“Mas para que não pareça que por amor da Eloquência digo mais do que aquilo que pede o nosso discurso, passemos a expor por último a Gramática.”)

A piedosa peroração final, endereçada a encaminhar a mocidade estudiosa na senda do saber consorciado com a verdadeira religiosidade, tem o amplo e inspirado alento que resulta de uma forte convicção e parece-nos, mesmo na sua brevidade, a parte literariamente mais lograda de toda a *Oração*, seguramente porque dimanou espontânea do fundo da alma.

Concluiremos, dizendo que, em nossa opinião, Jerónimo de Brito maneja um latim elegante e eficaz, rarissimamente mareado por um ou outro trecho em que talvez um desígnio de agudeza ou excessiva brevidade o tenham feito incorrer em um tal ou qual enleio de sintaxe, provável marca hereditária do filho do “sentencioso” Fernão Cardoso.

2. Aproveitou-se a hospitalidade que este volume ofereceu à até hoje quase ignorada *Oratio* académica de 1554 para, em três apêndices, oferecer ao leitor o que julgamos ser todo o restante e magro legado literário da esquiua personalidade que cremos ter sido o primeiro a completamente identificar.

Como Apêndice 1º transcrevemos e traduzimos uma carta latina, datada de 28 de Janeiro de 1556, impressa no 3º fólio, não numerado, dos *Commentaria in Exodum*, do dominicano frei Jerónimo de Azambuja (o célebre inquisidor que, sob

o nome de *Oleastro*, gozou, como exegeta do *Pentateuco* e hebraísta, de vasta e duradoira fama europeia), publicados naquele mesmo ano em Lisboa, por João Blávio de Colónia. Curiosa e agradavelmente (para quem isto escreve, pelo menos), apresenta-se imediatamente a seguir a uma carta do mesmo teor de Jerónimo Osório, cuja tradução já em tempos publicámos.⁴⁵ O escrito de Jerónimo de Brito, Mestre em Artes e teólogo, ao encarecer a obra do amigo, não trilhou o caminho fácil da acumulação de banalidades retóricas, mas, para além de revelar perspicácia na caracterização que faz do modo como são diferentemente acolhidas os livros que saem a lume, aponta com notória madureza de juízo e solidez de doutrina os aspectos francamente positivos que recomendavam a obra de Oleastro e sublinha com convicção os proveitos que com ela adviriam à grei cristã.

O pequeno Apêndice 2º recolhe o texto, neste caso em vernáculo, do *Prólogo* que o nosso Autor, agora sob o *alias* de frei Henrique de S. Jerónimo, antepôs ao hoje raríssimo *Tratado de avisos de confessores*, que João Barreira editou em Coimbra no ano de 1560. Nesta pequena obra o Autor, consoante já atrás escrevemos, “por mandado do reverendíssimo Senhor D. Frei Bertolameu dos Mártires,” seguindo o modelo de uma obra similar “que o sereníssimo cardeal ifante mandou fazer no seu arcebispado de Évora”, compilou uma série de avisos de utilidade para os confessores de escassa preparação teológica, “pera não errarem em seu ofício tão crassamente, como fazem os que desta matéria não tem nenhum conhecimento.”

Como Apêndice 3º tornamos acessível ao leitor de língua portuguesa o texto e a versão portuguesa daquela que consideramos a obra mais notável do nosso Autor: o sermão que este, na edição *princeps*, não trepidou em subintitular *De calamitatibus Ecclesiae*, pronunciado diante dos Padres de Trento em 15 de Fevereiro de 1562 e dado à luz da publicidade no mesmo ano pelo impressor de Bréscia, Ludouicus Sabiensis. Já nos referimos às circunstâncias que estão na génese desta brilhante peça oratória, sendo também certo que, ao mesmo D. Frei Bartolomeu que indignou o nome do seu teólogo privado e companheiro de jornada para o desempenho desta função concionatória, devemos nós ter grandemente contribuído para o triunfo que, também como orador sagrado, alcançou em Trento outro ilustre dominicano português: frei Francisco Foreiro.⁴⁶

⁴⁵ D. Jerónimo Osório, *Cartas*. Tradução, compilação e nota de A. Guimarães Pinto, Silves, Câmara Municipal, 1995, pp. 32-34.

⁴⁶ Vd. frei Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo*, o. c., volume 1º, p. 216: “Logo pera a terceira Sexta-feira, convidou o arcebispo muitos prelados italianos e de outras nações pera ouvirem o *Sermão da Vinha* do padre-mestre frei Francisco Foreiro [...] Acudiram a ele todos os espanhóis pola fama de suas letras e eloquência, que este dia ficou de novo acreditado com a obra, e foi causa de o fazerem continuar na Quaresma do ano seguinte com extraordinário concurso e aplauso e com uma clara confissão que andava em alto ponto entre os Portugueses aquele santo ministério do púlpito.” – Ficou um testemunho impresso das prédicas trentinas de frei Francisco Foreiro na Quaresma de 1563: *F. Francisci Forerii [...] sermo quem habuit ad Patres Dominica prima Aduentus Anno 1563*, Bréscia, Ioannis Baptista Bozola, 1564. Deste sermão, em que o estilo ciceroniano do frade vai de par com uma desassomburada crítica tanto das

No estabelecimento dos textos latinos que publicamos – e em todas transcrições de textos latinos que efectuámos – procurámos corrigir gralhas evidentes de impressão, uniformizámos a ortografia e pontuação e, quando nos pareceu necessário, abrimos parágrafos.

Agradecemos à *Biblioteca Comunale* de Trento o pronto e gratuito envio que fez das raríssimas espécies bibliográficas que lhe solicitámos, gentileza que nos penhora e, por contraste, mais avulta aos olhos e carteira de quem está acostumado à *via crucis* de algumas das congéneres lusitanas.

Ao meu Amigo e antigo Professor Sebastião Tavares de Pinho agradeço a possibilidade que mais uma vez me oferece de publicar uma parte do trabalho com que tenho procurado justificar diante de mim mesmo e tornar de alguma utilidade ao próximo a minha passagem por este mundo.

materialidades do alto clero católico como do que considera demoníacos desvíos da teologia luterana *de fide*, fizemos em tempos uma tradução, que espera inédita melhores dias na companhia da versão que igualmente perpetrámos de outra peça oratória lida em Trento por uma das mais eminentes personalidades que aqui actuaram, o hoje quase esquecido Diogo de Paiva de Andrade.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICES

APÊNDICE 1º
(TEXTO)

Reuerendi admodum Patris Fratris Hieronymi ab Oleastro Lusitani, Praedicatorii Ordinis [...] *Commentaria in Exodum*, [...] Olyssipone, ex officina Ioannis Blauui Coloniensis, 1556.

[3*]

M. HIERONYMVS A BRITO, LVSITANVS, VIR THEOLOGVS,
PIO LECTORI S.

Non tantum mihi assumo, lector optime, ut existimem posse me facile de ingeniis et eruditione doctorum hominum iudicare. Verum enimvero uel huius operis dignitas, uel meum erga illius auctorem studium facit ut aliquid de illius utilitate ac praestantia dicam, praesertim cum multi admonendi sint ne ita antiquitatem admirentur ut, si quid commode a recentioribus explicatum sit, id ne legendum quidem putent. Vt enim plerique exstiterunt quibus quo aliqua recentiora, eo iucundiora uidentur, quique nouitatis studio omnia probantur, sic alii sunt qui antiquarum rerum studiis ita delectantur ut quae uiri huius tempestatis eruditi litteris mandarunt uituperent ac detestentur, atque adeo ut iam optimae cuique uirorum studiosorum exercitationi uelint inuidiose detrudere. Quod esse in causa non dubito ut uiri, bonis artibus exculti et Sacrarum Litterarum studiosi, quae pro disciplinis illustrandis in lucem edere uoluissent, eorum perterriti iudicio, iam efficere recusarent. Vtrique iure reprehendendi. Illorum profecto arrogancia, nam quae ipsi fortasse ignorant, ob idque ad multitudinis opinionem temerarie reprehendunt, latere maluissent. Istorum extrema demissio, a magnitudine animi non porro aliena, qui quae doctis et piis probari intelligunt, eorum iudicia ita formidarunt ut ea in uulgus edere dubitarent. Itaque hominum deprauata uituperandi libido, quae in aliorum opera effrenate saeuit, multorum ingenia, ac praesertim Lusitanorum,

APÊNDICE 1º
(TRADUÇÃO)

Comentários [...] ao Êxodo [...] Do mui Reverendo Padre Frei Jerónimo de Azambuja, Português, da Ordem do Pregadores, Na oficina de João Blávio, de Colónia, 1557.

[3*]

O MESTRE JERÓNIMO DE BRITO, PORTUGUÊS, TEÓLOGO,
SAÚDA O PIEDOSO LEITOR

Prezado leitor, não presumo tanto acerca de mim mesmo que considere que posso ajuizar com facilidade acerca das capacidades intelectuais e saber dos homens doutos. Contudo, quer a importância desta obra, quer o meu afecto pelo seu autor fazem que diga alguma coisa acerca da sua utilidade e excelência, sobretudo quando se faz mister aconselhar muitas pessoas a que não admirem tanto a antiguidade que, se os mais recentes expõem algo de modo conveniente, nem sequer o consideram digno de leitura. É que, da mesma forma que existiram muitos que, quanto mais modernas são algumas coisas, tanto mais agradáveis lhes parecem,⁴⁷ e que, por amor da novidade, tudo aprovaram, assim há outros que, de tal sorte se deleitam com o estudo das coisas antigas, que aborrecem e dizem mal do que escreveram os varões sábios desta época, e a tal ponto que já pretendem odiosamente detrair qualquer excelente trabalho dos estudiosos. Não duvido de que o fazem a fim de que os varões aperfeiçoados pelas boas artes e estudiosos das Sagradas Escrituras já se recusem a levar a cabo aquilo que tinham querido dar a lume, para lustre das ciências, temerosos do juízo crítico dos tais. Uns e outros com razão devem ser criticados. Os segundos, por arrogância, pois teriam preferido que se mantivesse

⁴⁷ Cf. este passo com o quase idêntico que o Autor escreveu na dedicatória a D. João III da sua *Oratio* académica.

a maximarum rerum studiis retardauit, ut, licet bonis artibus et ingenio pollerent, raro tamen in lucem ausi sint prodire.

Quo maiore laude dignus est Hieronymus ab Oleastro, uir singulari doctrina ac uirtute praeditus, Instituti Praedicatorum decus, quando nec timore hoc est impeditus quominus cogitationes suas litteris mandaret atque pro uiribus Ecclesiae utilitati consuleret! Hunc igitur aliorum arrogantia non modo non deterruit ut a piis sacrisque studiis animum auocaret, uerum etiam, quae maximis uigiliis ac laboribus litteris mandauit, sine ulla detractorum formidine, ut Christianae pietati incremento amicis utilitate ceterisque emolumento esse possent, typis curauit committenda. Neque enim puerilia uel quae sensui populari essent accommodata (ut saepe usu uenit) nobis edidit, uerum, Platonem imitatus, qui uiros graues a comoediis, hoc est, a rebus friuolis et quae parum habeant momenti, docuit abstinendum, quae Bibliis sacris interpretandis, ingenio non mediocri, multis diebus elaborauit, summa cum moderatione ac modestia omnibus offerret atque docta illa piaque "Commentaria" in libros Moseh, quos Pentateuchum uocant, quae singulari doctrina industriaque composuerat, ad communem utilitatem et in gratiam litterarum nunc demum in publicum emisit.

Qua in re quantum eruditionis ac doctrinae ostenderit aliorum sit iudicio, mihi uero in hoc opere id praeclarum uidetur, quod non modo Scripturae sensus explanat, uerum illam ad mores et instituta uitae sapientissime transfert atque mirifice cum litterae explicatione spiritum coniungit. Multi enim ita scripto addicti sunt ut diuinum ipsius scripti sensum repudient et, dum plus nimio litterae adhaerent, spiritum neglegunt. In quo non modo ab Chrysostomo (cuius Auctor uidetur uestigia fuisse secutus), Hilario, Cyrillo, Hieronymo, Augustino, Bernardo et aliis uiris sanctissimis longe dissident, uerum etiam a Paulo, totius Theologiae splendore, dissentiunt. Is enim ad Galatas quarto loquens de filiis Abrahae, ex sacris eloquiis spiritum et doctrinam depromens, nonnulla per allegoriam dicta retulit, multisque aliis locis, ad Corinthios, ad Hebraeos et alibi (quae quia breuitati studii silentio praetereo) in quibus, spiritum ex Scripturis accipiens, significat ex Sacris Litteris, quae ad nostram doctrinam, non solum ad historiam referendam, scriptae sunt, eruditionem et spiritualem intelligentiam etiam esse petendam. Hoc enim interpretandi genere mens illustratur, totus animus rerum diuinarum studio concalescit atque ad caelum magnis conatibus aspirat. Qui igitur

oculto aquilo que eles mesmos porventura ignoram, motivo pelo qual repreendem desatinadamente a opinião da multidão. Os primeiros, pela sua excessiva modéstia, por outro lado não alheia à grandeza de ânimo, os quais se dão conta de que os seus escritos são aprovados pelos sábios e piedosos, mas de tal forma se temem do juízo críticos deles que hesitam em dá-los a público. E assim a perversa paixão humana de dizer mal, que desenfreadamente se cevou nas obras dos outros, impediu que se aplicassem aos estudos as capacidades intelectuais de muitos, e sobretudo de Portugueses, por tal forma que, embora sobressaíssem pelas boas artes e inteligência, todavia raramente se atreveram a publicar.

De quanto maior louvor é merecedor Jerónimo de Azambuja, varão provido de excepcional saber e virtude, lustre da Ordem dos Pregadores, uma vez que este receio não o embargou de mandar para o prelo os seus trabalho e, em conformidade com as suas capacidades, olhar pelo proveito da Igreja! Por conseguinte, a presunção dos demais não apenas não o obrigou por medo a desviar-se dos piedosos e sagrados estudos, mas também, o que escrevera com o máximo desvelo e trabalho, tratou de imprimir-lo sem qualquer receio dos detractores, a fim de poder aumentar a piedade cristã e ser de proveito aos amigos e útil aos demais. É que não deu a lume frivolidades ou coisas que estejam adaptadas ao gosto popular (como amiúde acontece), mas, imitando Platão, que ensinou que os varões sérios se devem abster das comédias,⁴⁸ ou seja, das coisas vãs e que são de somenos importância, com o máximo comedimento e modéstia a todos presenteou com aquilo que com uma penetração intelectual incomum coligiu durante muito tempo na interpretação da Bíblia sagrada, e deu agora finalmente à luz da publicidade, para utilidade comum e em benefício das letras: os doutos e piedosos *Comentários* aos livros de Moisés, a que chamam Pentateuco, que escrevera com saber e desvelo excepcionais.

Quão grande erudição e saber mostrou nesta empresa, fique a outros o avaliá-lo, mas o que nesta obra me parece notável é que não só explica o sentido da Escritura, mas de forma muito sábia aplica-a aos usos e costumes da vida e consorcia admiravelmente a explicação da letra com o espírito da mesma. É que muitos de tal maneira estão amarrados ao que está escrito que rejeitam o sentido divino da mesma letra e, ao tempo que se cingem sobejamente à letra, estão a negligenciar o espírito. Com este procedimento afastam-se muitíssimo não apenas de Crisóstomo (de quem o Autor parece seguir as pisadas), de Hilário, de Cirilo, de Jerónimo, de Agostinho, de Bernardo e de outros varões santíssimos, mas também divergem de Paulo, esplendor da inteira Teologia. Com efeito, falando em *Gl* 4. 24 acerca dos filhos de Abraão, extraindo o espírito e doutrina das palavras sagradas, afirma que muitas coisas foram ditas por alegoria, e em muitas outras passagens, aos Coríntios, aos Hebreus e alhures (que por amor da brevidade aqui remeto ao silêncio) nas

⁴⁸ Possível alusão a *Leis*, 816e-817a. É certo que Platão se pronunciou, mas mais concretamente contra a tragédia, em outros conhecidos passos: *República*, 568c e 605e-606a; *Górgias*, 502d-e; *Filebo*, 816d-817e.

hanc diuinam explicandi rationem ex Diuinis Litteris repellendam putant, magno pietatis fructu studiosis [3* vº] priuant.

Hinc iam poterit intelligi quantum huius Auctoris debeatur, qui omne suum tempus in fide amplificanda nostrisque animis moderandis transigendum putauit. Et eum animum, quo erga Deum Optimum Maximum flagrabat, singulari caritate in proximos, sacris contionibus, declamatorum more, quibus maxime floruit, semper ostenderit. A quibus, cum propter tot ardua negotia pro fidei amplitudine ab eo suscepta, dum fidei ac religionis tractandarum rerum muneri a cardinali amplissimo Henrico, Portugaliae infanti, praeficeretur, esset praepeditus, istis monumentis Scripturae claritatem et morum instructionem posteris summa cum laude reliquerit, ex quo maximam gloriam et famae splendorem est consecuturus.

Precor te igitur, lector humanissime, ut hoc tibi collatum beneficium Christiano affectu traditum, ea animi alacritate et candore suscipias quos scis esse oblatum. Aliorum fruire laboribus, quos tibi non minimam credo utilitatem allaturos.

Bene uale.

Olisipone, 5 Calendis Februarii 1556

quais, tomando o espírito das Escrituras, dá a entender que nas Sagradas Escrituras, que foram escritas para nosso ensinamento, se deve procurar alcançar não apenas o que tem a ver com a história, mas também com o saber e a interpretação espiritual. É que, com este modo de interpretar, o entendimento ilumina-se, a alma abrasa-se inteiramente no amor das coisas divinas e aspira ao Céu com grande empenho. Por conseguinte, os que consideram que se deve repelir das Sagradas Escrituras este divino método de expor, privam os estudiosos de grande fruto [3* vº] de piedade.

Já pelo que vai dito se poderá compreender o quanto se deve ao Autor deste livro, que considerou que devia ocupar todo o seu tempo em aumentar a fé e em dirigir as nossas almas. E a mesma disposição de espírito em que se abrasava em relação a Deus Ótimo Máximo, foi a que sempre mostrou na singular caridade para com os próximos, nas sagradas prédicas ao modo dos declamadores,⁴⁹ nas quais gozou de imenso prestígio. Uma vez que delas se viu impedido, por causa do grande número de negócios que tomou a seu cargo em prol do acrescentamento da fé, quando o sereníssimo cardeal D. Henrique, infante de Portugal, o incumbiu da tarefa de tratar dos assuntos da fé e religião,⁵⁰ com imenso louvor, através desses testemunhos escritos, deixou aos vindouros a explicação da Escritura e o ensino dos costumes, com o que há-de alcançar a glória mais levantada e o esplendor da fama.

Por conseguinte, benévolo leitor, rogo-te que a este favor que se te faz, oferecido com afecto cristão, tu o recebas com aquela alegria e boa-fé com que sabes que te foi oferecido. Usei dos trabalhos dos outros, que creio que não te hão-de ser de proveito nada pequeno.

Fica bem.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1556.

⁴⁹ Com este circunlóquio quis com certeza significar o nosso Autor “prédicas”, “pregações” ou “sermões”.

⁵⁰ Consoante informa a substancial síntese biográfica, que Domingos Maurício escreveu para o artigo que a *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* consigna para este notável exegeta dominicano, a sua tomada de posse como inquisidor de Évora, por nomeação do cardeal-infante, deu-se a 2 de Setembro de 1552, transitando para o Conselho da congênera lisboeta em 4 de Outubro de 1555.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICE 2º

Tratado de avisos de confesores, ordenado por mandado do Reverendíssimo Sr. D. F. Bertolameu dos Mártires, arcebispo e senhor de Braga, primaz. Em Coimbra, por João de Barreira, impressor da Universidade, 1560. 8º, [2] 3-127, [1] p., 19 l. Prólogo em caracteres góticos. (Exemplar da BPA de Évora, Res 282)

[3]

PRÓLOGO

FREI ANRIQUE DE SÃO JERÓNIMO, DA ORDEM DOS PREGADORES,
AO LEITOR

É tamanho o estrago que padecem as almas remidas polo sangue de Cristo por falta de confesores idóneos que obriga aos que se tem por cristãos, a quem Deus comunicou algum desejo do Céu, a que, compadecendo-se desta calamidade tão grande spiritual, lhe acudam nesta parte como puderem. E porque muitos dos confesores, deles por não serem letrados, deles por nem ao menos serem instructos em sumas que tratam dos casos de consciência, individamente e com temeridade absolvendo quem nem devem nem podem, donde nace ficarem muitos penitentes em seus ódios, desonestidades e cargos de fazendas alheas por muitos [4] anos, com grande dano de suas almas e escândalo dos próximos: vista esta necessidade tamanha, copilei este tratado de avisos de confesores por mandado do reverendíssimo Senhor D. frei Bertolameu dos Mártires, arcebispo e senhor de Braga, primaz, pola ordem doutro que o sereníssimo cardeal ifante mandou fazer no seu arcebispado de Évora, tirando muita parte dele, acrescentando-lhe um interrogatório, censuras e irregularidades e outras regras que me pareceram necessárias, com que se provesse aos que não sabem dalgum género de luz pera não errarem em seu officio tão crassamente, como fazem os que desta matéria não tem nenhum conhecimento.

Peço aos que o larem que recebam a vontade cristã com que se tomou este pequeno de trabalho pera glória de Deus, do qual se tirará algum fruto se com caridade se ler.

[Colofão:] Acabou-se aos vinte e três dias de Março de 1560.

APÊNDICE 3°
(TEXTO)

F. Henrici de S. Hieronymo Lusitani, Theologi et Artium Liberalium magistri, Dominicani, DE CALAMITATIBVS ECCLESIAE, oratio habita I. Dominica Quadragesimae apud Sacrum Concilium Tridentinum. Anno 1562. Brixiae, apud Ludouicum Sabiensem, 1562.

[Aii]

Nemo est, Sanctissimi Patres, qui huius nostri turbulenti saeculi miserandum statum cernere perfecte possit dignisque lacrimis deplorare, nisi is sibi proponat ante oculos praeclara illa ac felicia nascentis et florescentis Ecclesiae primordia et incrementa. Nam, si serio rem perpendamus et conferamus recte singula – uitam, mores, pietatem, fidei religionisque ardorem et amplitudinem –, uidebimus plane, si aequi rerum simus iudices et ueri aestimatores, heu!, in quam lugenda et calamitosa tempora inciderit posteritas ista nostra, et in qualem infelicitatem deuenerimus, quantumque labentis haec et senescentis, ne dicam exspirantis mundi, degenerans aetas, ab illo prisco maiorum nostrorum exciderit, aureo, florente ac beato saeculo. De praesentibus igitur Ecclesiae calamitatibus sermonem habiturus, earum causam ex euangelica recitata lectione depromam, remedia, Deo auspice, et antidota salutaria indicabo. Sed uincit, fateor, dicturi uires iniunctum onus.

Timorem incutit dignissimus hic locus ac sacerrimus. Deterret grauis-simorum et sapientissimorum praesentia auditorum, mundi procerum, Ecclesiae luminum, christorum [Aii v°] Dei, quibus sane iure potuissem optimo despondere animum, nisi uestra, Sanctissimi Patres, tanta esset humanitas ac facilitas quanta profecto est auctoritas, dignitas et eruditio, quae patiens mihi dicturo pollicentur silentium et trepidanti praebent audaciam fauoremque conciliant.

APÊNDICE 3º (TRADUÇÃO)

Sermão pronunciado no Sagrado Concílio Tridentino na 1ª domingo da Quaresma do ano de 1562, Acerca das desgraças da Igreja, por frei Henrique de S. Jerónimo, português, teólogo e mestre em Artes Liberais, dominicano. Em Bréscia, na casa de Luís Sabiense, 1562. (Exemplar da Biblioteca Comunale Trento, cota G 2 – op.)

[Aii]

Santíssimos Padres, não existe ninguém que possa compreender perfeitamente o lastimável estado deste nosso turbulento século e deplorá-lo com as merecidas lágrimas se não puser diante dos olhos aqueles brilhantes e venturosos primórdios e crescimento da Igreja ao nascer e começar a florir. É que, se examinarmos seriamente a questão e compararmos correctamente cada aspecto – vida, costumes, piedade, ardor e profundidade de fé e de religiosidade –, veremos claramente, se formos juízes imparciais dos factos e amantes da verdade, ai de nós!, em quão lastimáveis e calamitosos tempos caiu esta nossa posteridade, e a que espécie de infelicidade chegámos, e o quanto esta época abastardada, de um mundo que desaba e envelhece, para não dizer que expira, degenerou daquele primitivo, áureo, florescente e bem-aventurado século dos nossos antepassados. Por conseguinte, tendo a intenção de falar acerca das actuais desgraças da Igreja, irei buscar a causa delas à leitura que se fez do Evangelho e, com o patrocínio de Deus, indicarei os remédios e antídotos para os curar. Mas confesso que a carga que me impus é superior às forças de quem irá falar.

Este digníssimo e sacratíssimo lugar infunde receio. Intimida a presença dos mui respeitáveis e sábios ouvintes, os homens mais eminentes do mundo, luzes da Igreja, ungidos [Aii vº] de Deus, diante dos quais com toda a razão eu teria podido perder a coragem, se, santíssimos Padres, a vossa afabilidade e indulgência não fossem tão grandes quanto o são a vossa autoridade, dignidade e saber, as quais a mim que, cheio de temor, estou prestes a falar, me prometem paciente silêncio, encorajam e mostram simpatia.

Constat igitur, ut hinc initium capiamus, Christum Optimum Maximum, “Dei uirtutem et sapientiam”, [1 Cor 1. 24] reipublicae Christianae fuisse auctorem ac parentem. Eumdemque (ut de diuino illius numine sempiternaque maiestate conticescam) uitam in hoc mundo pauperem, humilem, abiectam, despectam incommodis omnibus ac laboribus refertam delegisse. Talem is asciuit populum rempublicam instituit quae eius insectaretur uestigia, mores imitaretur, leges et instituta uitae seruaret. Hanc, ut sponsam carissimam, quam adeo dilexerat ut sanguinem pro ea fuderit extremaque supplicia subierit et miseram mortem, qua eam a tenebrarum imperio et Satanae tyrannide liberaret, non perituris diuitiis et gloria ditauit, sed ut inopia, despectu, paupertate et uitae iniuriis, quae res ad illius sane regnum manu ducunt et prouehunt, ita maximis, optimis atque diuinis donis ornauit, affecit ac persecutus est. Eos [Aiii*] quos ad eam gubernandam praefecerat, apostolos inquam, ignobiles, pauperes et piscatores elegit, nullo fucio inaniue philosophia suffultos, diuino tamen Spiritu afflatos et caelestibus uirtutibus praestantes.

Haec itaque, sic cunctis mundi praesidiis destituta et caelo diues, Deus bone!, quam creuit? Quam floruit? Quam splenduit? Quam amplificauit fines suos? Quam denique uniuersis non solum agrestibus hominibus, uerum philosophis sapientibus, regibus ac principibus admirationi fuit? Quam feruens tunc temporis religio? Quae pietas, caritas, “gaudium, pax in Spiritu Sancto”? [Rom 14. 17] Quae demum omnium in Deo concordia et animorum coniunctio? Quae templa magnifica et coenobiorum multitudo, quorum adhuc iacentia ac prostrata cadauera feruorem et deuotionem non uulgare ostendunt? Deinde qualis in pastoribus zelus, quotidie pro ouibus suis morientibus? [1 Cor 15. 31] Qualis in doctoribus sapientia ad refellendas haereses “reddendamque rationem de ea quae in eis esset spe”? [1 Petr 3. 15] Qualis in monachis deuotio, modestia, disciplina, morigeratio et mentis in caelum iugis eleuatio? Quae in uirginibus puritas, honestas ac pudicitia? [Aiii* v°] Quam in coniugibus reciprocus amor? In populo iam quae sinceritas, simplicitas et ad magistratus subiectio? Quae denique humanarum diuinarumque legum sedula obseruantia diligensque completio? Superbiae segnitiae, socordiae aut ceteris sceleribus nihil fere relinquebatur loci.

Contra uero, postquam cessere iura peccatis et triticum zizania suffocare cepit, transacto illo ardente Ecclesiae tirocinio, quid iam non triste, non miserum, non funestum ac calamitosum cernere licet? Omnia euersa, exstincta, conuulsa et labefactata sunt et prope interitum. Refrixit impietate pietas, superstitione religio, bello pax, rebellione subiectio, mendacio ueritas, procacitate pudicitia, edacitate temperantia, intemperantia sobrietas, fastu modestia, dissolutione deuotio, luxu moderatio, tenacitate eleemosyna, temeritate prudentia, praecipitatione consilium, superbia et insolentia humilitas, infidelitate fides, inani fiducia spes, cupiditate caritas, uitio denique

Portanto, para começarmos a partir daqui, é coisa assente que Cristo Ótimo Máximo, “virtude e sabedoria de Deus”, [1 Cor 1. 24] foi o autor e progenitor da comunidade cristã. E que ele (deixando em silêncio a sua divindade e eterna majestade) levou neste mundo uma vida pobre, humilde, baixa, desprezada e cheia de todos os incômodos e trabalhos. Associou a si um povo e estabeleceu uma comunidade de tal natureza que seguissem as suas pisadas, imitassem os seus costumes e conservassem as suas leis e regras de vida. A esta, como a esposa muito amada, que a tal ponto amara que por ela derramou o sangue e padeceu as piores torturas e uma morte mofina, para através dela a libertar do senhorio das trevas e da tirania de Satã: a esta, pois, não a enriqueceu com tesouros e glória, mas ataviou-a, dotou-a e cumulou-a, com as maiores, as melhores e as mais divinas dádivas, com a pobreza, o desprezo, as privações e os agravos, coisas estas que sem dúvida conduzem e levam ao seu Reino. Por outro lado, àqueles [Aiii*] que pusera à sua testa para que a governassem, refiro-me aos apóstolos, escolheu-os de nascimento humilde, pobres e pescadores de profissão, desprovidos de arrebiques e vãs filosofias, mas inspirados pelo Espírito de Deus e eminentes pelas suas celestiais virtudes.

E ela, assim despojada de todas as ajudas do mundo, e rica em Céu, bom Deus, quanto cresceu? Quanto floresceu? Quanto resplandeceu? Quanto aumentou as suas fronteiras? Finalmente, quanta admiração causou, não apenas a todos os homens rústicos, mas igualmente a sábios, filósofos, reis e príncipes? Quão fervorosa era a religiosidade daquela época? Que piedade, caridade, “alegria, paz no Espírito Santo”? [Rm 14. 17] Que concórdia e unanimidade de todos em Deus? Que magníficos templos e grande número de conventos, de que os derruídos e prostrados cadáveres provam até hoje o fervor e devoção não comuns? Depois, como era grande nos pastores o zelo, morrendo todos os dias pelas suas ovelhas? [1 Cor 15. 31] Nos mestres, que sabedoria para refutar as heresias e “dar razão da esperança que havia neles”? [1 Ped 3. 15] Nos monges, que devoção, modéstia, disciplina, morigeração e incessante elevação do espírito para o Céu? Nas donzelas, que pureza, honestidade e pudico recato? [Aiii* vº] Nos casais, que amor recíproco? E no povo, que integridade, singeleza e obediência às autoridades? Por derradeiro, que zeloso acatamento e diligente cumprimento das leis divinas e humanas? Quase não restava lugar para a soberba, para a indolência, para a frouxidão ou para as demais graves faltas.

Mas, ao invés, depois que o direito recuou diante dos pecados e a cizânia começou a sufocar o trigo, acabado aquele período de tirocínio da Igreja, que não pôde então ver-se de triste, de mofino, de funesto e de calamitoso? Tudo foi derrubado, extinto, subvertido e derribado e esteve a pontos de desaparecer. A piedade esfriou com a impiedade, a religiosidade com a superstição, a paz com a guerra, a obediência com a rebelião, a verdade com a mentira, o pudor com a insolência, a temperança com a glotonaria, a sobriedade com a intemperança, o comedimento com o fausto, a devoção com a frouxidão, a moderação com o luxo, a esmola com a avareza, a prudência com o desatino, a sensatez com a precipitação, a humildade com a soberba e a insolência, a fé com a infidelidade, a esperança com a vã confiança,

uirtus et malo bonum: “Vt nihil”, auctore Cypriano, “iam non ceperit esse licitum cum publicum est.” [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*]

Adeo ut uix uestigium illius antiquae sanctitatis et ueteris nitoris in Christi sponsa reperias. Quin eam, quam benignus eius sponsus [**B***] tot tantisque donis ornauit, ut commemorauit, et liberali fuerat munificentia prosecutus, frigescente in dies caritate, succrescentibus peccatis et pullulantibus haeresibus, fide ipsa uelut in fontem remeante et reliquum orbis quasi deserente, ad Petri sedem, ad ecclesiam Romanam, unde efluxerat et emanauerat, retro labente, senio confectam, rugis plenam et deturpatam maculis, aurum denique uersum in scoriam, summo cum dolore et non sine lacrimis perennibus contemplerur. Quod, si magnus ille Basilius statum sui temporis similem esse dicebat nauali proelio et quidem nocturno, mari magnis undique concitato uentis, ingruentibus procellis, utrimque congregiente classe, ubi quis dux aut imperator, miles aut aduersarius non possis diuidere, sed commisceri omnia, confundi, turbari, quati, collidi et funditus euertere: [*Basil. de Spi. Sanct. cap. ult*] nos qui non leuioribus, ut reor, malis implicamur et cladibus atterimur, in ea iam manentes uita in qua nihil sit aliquid quam quaedam miserissimi temporis prorogatio: quid de nostro calamitoso saeculo fingere aut ratiocinari possumus?

Nihil non turbatum uideas. Caligantem fidem apud plerosque et in mille sectas dissectam. Templata dominica polluta, sacris [**B* v^o**] imaginibus eiectis et conspurcatis diruta, et prope ruinam. Sacramenta potissima, inquam, illa diuinae erga nos misericordia organa et animi praesidia, calcata pedibus et uilipendi. Summum totius Ecclesiae pastorem et Christi uicarium passim contemni. Grassantes ac saeuientes lupos, eos qui arceat uel rarum uel neminem. “Magis ac magis”, ut uerbis utar Cypriani, “saeuiente aduersario, errorem fallere, liuorem incendere, superbiam inflare, iram praecipitare, cupiditatem excaecare.” [*Cyprian. de simpl. Prael.*] Et, ut paucis concludam, multos, amissa fide irrisisque operibus, aut flocci factis, falso nescio unde sibi salutem promittentes, sub Christiano titulo, quem honoris causa retinere uidentur, Epicurea, aut Mahumetica, longe turpiorem, uitam agere. Orbem denique uniuersum ardere flagitiis et peccatorum incendiis, si quae peiora mala peccata nostra non minantur, ut boni quicquam nihil iam occurrat quod sperare possis, uix quod optare audeas, nisi forte malle pios ad uitae exitum uocari (quae felix nunc esset condicio) quam “uidere mala gentis suae et sanctorum.” [*1 Mach 3. 59*]

a caridade com a cobiça, e, finalmente, a virtude com o vício e o bem com o mal: “Para tudo começar já a ser lícito, desde o momento que é comum”, consoante escreveu Cipriano. [*lib. 2, epist. 2*]

E chegou-se ao ponto que na esposa de Cristo dificilmente se encontrariam vestígios daquela antiga santidade e primitivo lustre. E até, a ela, a quem o seu benigno esposo [Aiiii*] com tantos e tão grandes dádivas ornamentou, como lembrei, e cumulou com liberal munificência, de dia para dia foi arrefecendo em caridade, aumentando em pecados, pululando em heresias, com a própria fé como que regressando à sua fonte e quase abandonando o resto do mundo, refugiando-se na sé de Pedro e na igreja romana donde se espalhara e manara: a ela, com imensa dor e não sem lágrimas incessantes, contemplamo-la arruinada pela decrepidez, cheia de rugas e desfigurada pelas manchas, numa palavra, ouro lançado nas escórias. Pelo que, se aquele grande Basílio dizia que o estado da sua época era semelhante a uma batalha naval travada de noite, num mar agitado por todos os lados com ventos violentos, em meio de desatada procela, com a esquadra a pelejar em ambos os bordos, onde não é possível discernir quem é o capitão ou o general, o camarada de armas ou o adversário, mas tudo se mistura, tudo se confunde, tudo está em desordem e se agita e entrechoca e completamente se desmorona: [*Basil. de spi. Sanct. cap. ult.*] nós que, conforme penso, nos encontramos envolvidos e esmagados por males e desgraças não mais leves, permanecendo agora nesta vida na qual nada mais há senão uma espécie de prorrogação da mais mofina das épocas: que podemos nós imaginar ou cogitar acerca do nosso calamitoso século?

Nada vemos que não esteja perturbado. Vemos em quase todos a fé envolta em trevas e rasgada em mil seitas. Os templos do Senhor violados, demolidos e quase arruinados, com as sagradas [Aiiii* vº] imagens banidas e conspurcadas. Os principais sacramentos, digo, aqueles instrumentos da misericórdia divina para connosco e aquelas defesas da alma, vemo-los serem calcados aos pés e vilipendiados, e o supremo pastor da Igreja inteira e vigário de Cristo ser desprezado por toda a parte. E a estes lobos assoladores, ou é raro ou não há ninguém para os rechaçar. Para me servir das palavras de Cipriano: “Tomado de sanha o adversário, cada vez mais o erro engana, a inveja abrasa, a soberba incha, a ira acomete, a cobiça cega.” [*Cyprian. de simpl. Prael.*] E, para concluir em poucas palavras, vemos que, perdida a fé e escarnecendo das obras, ou delas fazendo pouco caso, falsamente a si mesmos se prometendo, não sei a partir de quê, a salvação, debaixo do nome de cristãos, que parecem manter por causa da honra, levam uma vida de epicuristas, ou de maometanos, de longe mais abjecta. Finalmente, vemos que o mundo inteiro arde em ignomínias e em incêndios de pecados, se os nossos pecados não ameaçam com alguns males piores, de maneira que já não podemos esperar que aconteça seja o que for de bom e mal nos atrevemos a desejá-lo, a não ser talvez preferir que os pios sejam chamados para a morte (que seria agora uma venturosa condição) “a ver os males do seu povo e do nosso santuário”. [*1 Mac 3. 59*]

Qua in re, Sanctissimi Patres, id ego dolentius esse arbitror atque deplorandum magis **[Bi]** quod, uelut febricitatos qui nec medicum agnoscunt aut pharmacum admittunt, seu ut illi qui, in imo maris positi, immensum aquarum pondus non sentiunt, nos, qui a Deo, tamquam a parente optimo et nostri amantissimo, quotidie flagellis caedimur, extremis calamitatibus attriti, tantum abest ut resipiscere uelimus quin (quod extremae est caecitatis), in tanto naufragio constituti et periculorum discrimine, sic uitam traducimus oscitanter per inde ac in summa pace uersaremur nec quicquam a nobis, quod ad bene uiuendum spectat, insignia utinam uirtutis assecuti, omissum esse uideatur. Vt merito in nos illud Ieremiae cadat ad flagella ut alter pharao obdurescentes [*Ex* 7. 13] et ad correptiones ut aspides surdescentes: [*Ps* 58. 5] “Frustra percussi filii, disciplinam non receperunt.” [*Ier* 2. 30]

Hic status, haec rerum nostrarum condicio est, Optimi Patres, hic praesens quo periclitamur naufragium.

Iam uero tantorum malorum causam mihi inuestigandi, nulla alia sane occurrit quam quod succubuerimus tribus illis Satanae telis quibus nefarius ille olim caput nostrum, Christum inquam Optimum **[Bi v°]** Maximum, ieiunantem in deserto impetiit et experiendi causa, quemadmodum Ecclesia hodie commemorat, temptauit gulae, ambitioni, auaritiae. Haec sunt tres illae plagae de pessimorum equorum ore procedentes, ut est in “Apocalypsi”, quae tertiam partem hominum occiderunt: ignis, fumus et sulphur. [*Apoc* 9. 17-18] Haec inquam tres illae pestes exitium ac perniciem uniuerso orbi inferentes, ut testatur Ioannes, “concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum et superbia uitae.” [*I Io* 2. 16] Simul atque enim ista in hominum mentes irrepserunt et serpere coeperunt, continuo uirtus languit, emarcuit, conticuit, euanuit et posthabita est.

Nam, ut a gulae uitio exordiar, quae non mala mundo peperit? Parsimoniam haec (ne toties primorum parentum infelix casus repetatur) [*Gen* 3] omnino abstulit. Abstinenciam pepulit. Ieiunia sacra non modo fregit, uerum procul ablegauit. Corporis denique disciplinam, qua ueluti munitissimis arcibus caritas circumuallata constat ac firmatur, abrogauit. Intemperantiam, luxum, crapulam, uenerem, ebrietatem et petulantiam induxit. Quae, cum maiores nostri uiri sanctissimi probe ac sapienter nouerint, adeo corporis disciplinam fuere uenerati ut semper cum pietate coniunxerint. **[Bii]** Non sicut multi hodie “inimici crucis Christi, quorum deus uenter est, qui terrena sapiunt” [*Phil* 3. 18-19] (ut reliquos uoluptuosos omittam), quos ob unam ciborum licentiam a fide, ab Ecclesia, a Deo defecisse uidemus.

Deinde iam inanis gloriae appetitus et honoris ambitio pompam, fastum, apparatus et mille alia portenta et monstra dedit. Quos enim ambitiosus,

Nesta situação, santíssimos Padres, considero que o mais doloroso e mais deplorável é **[Bi*]** o facto de que, à semelhança de enfermos, que nem consentem médico nem toleram remédios, ou como aqueles que, colocados no fundo do mar, não sentem o peso imenso das águas, nós, que todos os dias, como pelo melhor e mais extremoso dos pais, somos golpeados pelo açoite de Deus, esmagados pelas mais violentas calamidades, estamos tão longe de querermos arrependêr-nos que (algo que é o cúmulo da cegueira), no meio de um tão grande naufrágio e graves perigos, vivemos tão negligentemente como se nos encontrássemos na mais completa paz e parecesse que nada tínhamos omitido do que tange ao bem viver, marchando (prouvera a Deus!) empós dos pendões da virtude. Por tal forma que, tendo permanecido obstinados como um segundo faraó diante dos golpes [Êx 7. 13] e surdos como as serpentes diante das reprimendas, [Sl 58. 5] com razão se nos podem aplicar as conhecidas palavras de Jeremias: “Em vão castiguei os vossos filhos, eles não receberam a correcção.” [Jr 2. 30]

É este o nosso estado, é esta a situação da nossa cristandade, excelentíssimos Padres, este o presente naufrágio em que corremos perigo.

Ora, acresce que ao perscrutar eu a causa de tão grandes males, nenhuma outra me ocorre senão o facto de que sucumbimos àqueles três dardos de Satanás com que antigamente este abominável atacou a nossa cabeça, digo, Cristo Ótimo **[Bi* v°]** Máximo, que jejuava no deserto e, para pô-lo à prova, conforme hoje a Igreja recorda, o tentou com a gula, a ambição e a avareza. São estas as três pragas que saíam da boca dos três terríveis cavalos, tal como se encontra no *Apocalipse*, as quais mataram a terça parte dos homens: fogo, fumo e enxofre. [Ap 9. 17-18] Ora, estas três pestes que causam a destruição e perdição de todo o mundo são, consoante o testemunho de S. João, “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida.” [1 Jo 2. 16] É que, logo que estas começam a introduzir-se e insinuar-se no espírito dos homens, imediatamente a virtude enfraquece, emurchece, emudece, desvanece-se e é postergada.

Com efeito, começando pelo defeito da gula: que males não produziu no mundo? Ela acabou completamente com a sobriedade (para não repetir tão amiúde a infeliz queda dos primeiros pais). [Gn 3] Baniu a abstinência. Não apenas quebrou os sagrados jejuns, mas desterrou-os. Finalmente, suprimiu a disciplina do corpo, mediante a qual a caridade se mantém protegida e fortificada como por fortíssimas muralhas. Abriu o caminho à intemperança, ao luxo, à bebedice, à sensualidade e à impudência. Os nossos antepassados, varões santíssimos, como pura e sabiamente tinham consciência destas coisas, a tal ponto veneraram a disciplina do corpo que uniram-na sempre com a piedade. **[Bii]** Não como hoje muitos “inimigos da cruz de Cristo, cujo deus é o ventre, que gostam só do que é terreno”, [Fl 3. 18-19] (para não me referir aos restantes amantes dos deleites) que vemos que abandonam a fé, a Igreja e Deus exclusivamente por amor da liberdade de alimentos.

Depois, já o apetite da vã glória e a ambição de honrarias deram de si os cortejos, o fausto, o aparato e mil outras aberrações e monstruosidades. É que, conforme

ut inquit Cyprianus, arrogantium fastus prius pertulit? Quas superbas fores matutinus saluator obsedit? Quod tumentium contumeliosa uestigia stipatus cuneis ante praecessit, ut ipsum etiam salutantium comes postmodum pompa praecederet, obnoxia non homini, sed potestati? Quibus denique sordibus emit ut fulgeat? [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*] Haec demum incredibili quadam et mira philautia gloriam et excellentiam, quae uerae uirtutis sunt praemia et iure studiosis debentur, sibi usurpans et falso arrogans, sublimem illam humilitatem uereque euangelicam uirtutem exstinxit et profligauit, hypocrisim et simulationem intulit.

Iis accessit auaritia, uenenum illud mortiferum et pestilens, qua nocentius nihil et perniciosius fingi aut excogitari potest, quae quod residuum fuerat a grandine comedit et demolita est. Et, uelut uentus ille urens de [**Bii vº**] quo meminit Oseas, desolauit fontes et siccauit uenas, scilicet caritatis, diripiens thesaurum omnis uasis desiderabilis, iustitiae inquam et pietatis. [*Os 13. 15*] “Haec”, Magnus ait Basilius, “non memor fuit communis naturae. Non putauit oportere superfluum in egenos distribuere. Nullam praecepti habuit rationem. Miser est,” inquit, “auarus ob fertilitatem, miserabilis ob praesentia bona, miserabilior ob futura quae spectat. Omnia aurum uidet, aurum imaginatur, hoc dormienti insomnium est et uigilantis animum possidet, optaque omnia in auri naturam transmutari; iucundius aurum aspicit quam Solem.” [*Basil. Conc. de Auarit.*] Haec detestabilis caecitas mentium Cyprianus ait et cupiditatis insanae profunda caligo ad hoc tantum possidet ne alteri possidere liceat. [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*] Omnia denique sui labe tingit, foedat, maculat, inficit, corrumpit atque contaminat.

Harum igitur temptationum primam, si attente animaduertas, in deserto reperies apud carnales et animales homines, qui sensu dumtaxat ueluti pecora et uoluptate ducuntur. Secundam Hierosolymis, in Sancta Ciuitate, in Domo Dei, in templo et in pinna templi. Tertiam in montibus.

“Accedens igitur temptator”, narrat Beatus Matthaueus, “dixit Christo: ‘Si filius Dei es, dic ut [**Biii**] lapides isti panes fiant.’” [*Mt 4. 3*] Quid malignus iste et miser machinatur? Non lapides in panem Christus transmutaturus erat – quam quidem potentiam uersipellis iste inficiari nequit –, sed panem in carnem quae det uitam mundo. [*Io 6. 33*] Vnde Satanae sectatores in animum nequeunt inducere aut sibi persuadere, posse fieri quod homo non ita cibo addictus sit carnisue turpissimis uoluptatibus ut alia in re quappiam delectetur. Cum “non in solo pane uiuat homo”, ut Christus inquit, “sed in omni uerbo quod procedit de ore Dei”, [*Mt 4. 4*] diuinis inquam colloquiis familiaritateque cum Deo, qui “uerus cibus est, qui non perit, sed qui permanet in uitam aeternam”, [*Io 6. 27*] suauius sapiens, nutriens interius,

diz Cipriano, que soberbas de homens arrogantes não teve de suportar primeiro o ambicioso? A quantos altivos umbrais se postou o cortesão matutino? E que dizer do facto de que, integrando o esquadrão dos clientes, caminhou à frente das passadas insolentes dos inflados, por forma a que os outros companheiros de adulação marchem também imediatamente à sua frente no cortejo, em que se presta homenagem não ao homem, mas ao poder? Por derradeiro, a preço de que torpezas compra o ser ilustre? [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*] Ela, com uma incrível e deveras espantosa filáucia indevidamente se apropriando e falsamente se arrogando a glória e superioridade, que são os prémios da verdadeira virtude e de justiça se devem aos aplicados, extinguiu e causou a ruína daquela sublime humildade e virtude verdadeiramente evangélica, e provocou a hipocrisia e a simulação.

A isto acresceu a avareza, aquela peçonha mortífera e pestilencial, que é a coisa mais prejudicial e perniciosa que pode imaginar-se ou conjecturar-se, a qual devorou e derribou o que se salvara do granizo. E, tal como aquele vento abrasador de [Bii vº] que Oseias faz menção, estancou as fontes e secou os regatos (entenda-se, da caridade), roubando o tesouro de todos os seus vasos apetecíveis: quer dizer, da justiça e da piedade. [Os 13. 15] “Esta”, conforme diz Basílio Magno, “não se lembrou da comum natureza. Não considerou que é mister distribuir o supérfluo pelos pobres. Não atendeu ao que está preceituado. O avarento é infeliz devido à abundância, miserável devido aos bens presentes, mais miserável devido às eventualidades futuras que imagina. Só vê ouro, só imagina ouro, ao dormir, este tira-lhe o sono, e senhoreia-se do seu espírito, quando está desperto, e deseja que tudo se transforme na natureza do ouro; olha com mais alegria para o ouro do que para o Sol.” [*Basil. Conc. de Auarit.*] Cipriano diz que ela é uma odiosa cegueira do entendimento e que as profundas trevas da insana cobiça servem unicamente para que se não possa possuir outra coisa. [*Cyprian. lib. 2 epist 2*] Finalmente, ela tudo tinge, afeia, mancha, infecciona, corrompe e contamina com a sua nódoa.

Por conseguinte, se atentamente observarmos, destas tentações encontraremos a primeira no deserto, entre os homens carnis e animais, que, tal como gado, são arrastados pelos sentidos e pelo prazer. A segunda em Jerusalém, na Cidade Santa, na Casa de Deus, no templo e no pináculo do templo. A terceira nas montanhas.

Ora, conta S. Mateus: «Chegando o tentador, disse a Cristo: Se és Filho de Deus, ordena que [Biii] estas pedras se convertam em pães». [*Mt 4. 3.*] Que é que máquina essa maligna e mofina criatura? Cristo não haveria de transformar as pedras em pão – este poder não pode certamente negá-lo aquela criatura arteira –, mas sim pão na carne que daria a vida ao mundo. [*Jo 6. 33*] Por isso os sequazes de Satanás não são capazes de com penetrar-se ou persuadir-se a si mesmos de que é possível que o homem não ficou de tal maneira sujeito ao alimento e aos torpíssimos prazeres da carne que não se deleita em outra coisa alguma. Uma vez que “não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus,” [*Mt 4. 4*] conforme diz Cristo, ou seja, das divinas conversas e familiaridade com Deus, que é “a verdadeira comida, que não perece, mas que dura até à vida eterna,” [*Jo 6. 27*] que sabe mais

reficiens, sustentans ac “cor hominis confirmans”. [Ps 104. 15] Quo cum usi sunt Moses, Elias et tandem Christus Dominus quadraginta dierum, inedia pro suauissimis ferculis opulentissimisque conuiuuiis summa cum uoluptate duxerunt. [Ex 34. 28; 3 Reg 19. 8]

Hos qui secuti sunt, ueri Christi imitatores et uiri euangelici, quique “Regnum Dei non escam et potum esse” [Rom 14. 17] (ut nostri helluones fingunt) intelligentes et, sacra ieiunia cum Ecclesia uenerantes, desertis in locis uitam omnem uigiliis et orationibus et suspensionibus diuinis insumentes, non solum a cruentis **[Biii v°]** dapibus et epulis abstinuere superfluis aut uaria ferculorum multitudine, quam natura contenta paucis perhorrescit, sed, quasi quodam diuino furore perciti, ut Philo est auctor, nonnulli uix tertio quoque die famem sentiebant. Alii, qui prae laute accepti epulo sapientiae copiose praebentis sua placita, duplum perdurabant eius temporis et uix sexto die cibum degustabant necessarium. [Philo, *contempl. T. 2*] Potum e fluentis hauriebant, contenti placare dominas, a natura mortalibus additas famem sitimque, absque omnibus lenociniis fruendo rebus sine quibus non licet uiuere: edentes ne esurirent, bibentes ne sitirent, saturitatem cauendo ut inimicam animo pariter ac corpori.

Assumptio deinde Christi a Satana in pinnam templi (ne longius progrediar) hoc docet, sublimibus nimirum et summo fastigio positus, ruinam saepe, casum et praecipitationem imminere, et quo altius fortuna leuet, eo maiora pericula praecipitet, semperque ea quae diabolus suggerat, ut Hieronymus placet, licet prima specie alta sapiant, ad ima tendere. [Hieron. *Sup. Matth.*] Ad haec, omnia regna mundi Christo oblata, quid aliud quam lucri causa auarum diabololum adorare docent? Quod alias Paulus de auaritia praemonuit, quod sit “idolorum seruitus.” [Eph 5. 5] Nec **[Biiii]** putandum solum Satanam omnium regnorum mundi pretio adorationem mercari uoluisse, cum nihil tam mortalium mentes uindictet, alliciat et rapiat quam ardor gloriae et propriae cupiditas excellentiae sibi que diuinos honores impendendi. Vt facile res omnes, aurum, copias, supellectilem, uitam, corpus, animum, caelum et Deum ipsum repudient pariter et contemnunt et uili exponant, dummodo adorentur, colantur et habeantur in pretio.

Huius congressionis Satanae priorem istum Christus illisit sacro ieiunio et abstinentia, diuino profecto aduersus gulae uitium antidoto ac praestanti medicamine. Nam, sicut oleum pinguefacit athletam, Magnus ait Basilius, sic ieiunium exercitorem pietatis. [Basil. *Conc. de ieiun.*]

Secundum humilitate. Nec enim “labitur humilis”, ut sanctus uult Macharius.” Nam, “unde labi posset”, inquit, “qui sub omnibus est?” [Machar. *Aegypt. Hom. 19*] Quam qui habeat, nempe totius, ut aiunt, spiritalis uitae

suavemente, alimenta o interior, restaura, sustenta e “fortalece o coração do homem”. [Sl 104. 15] Quando a ele recorreram Moisés, Elias e, por derradeiro, Cristo Senhor durante quarenta dias, com imenso prazer tiveram a abstinência de alimentos na conta das mais suaves iguarias e dos banquetes mais opulentos. [Êx 34. 28; 1 Rs 19. 8]

Os que a estes seguiram, verdadeiros imitadores de Cristo e varões evangélicos, e que, entendendo que “o Reino de Deus não é comida nem bebida” [Rom 14. 17] (como fingem estes nossos glutões) e, respeitando os sagrados jejuns juntamente com a Igreja, consagrando a vida toda em lugares desertos à vigília, à oração e divinas tribulações, não só se abstiveram de cruentos [Biii v^o] festins e banquetes supérfluos ou da variegada multidão dos manjares, que a natureza, que se satisfaz com pouco, abomina, mas, como que tomados por uma espécie de loucura divina, consoante escreve Filon, muitos mal sentiam fome a cada três dias. Outros, lautamente tratados no festim da sabedoria que de sobejo acudia aos seus desejos, subsistiam o dobro deste tempo e a duras penas provavam ao sexto dia o necessário alimento. [Philo. de vit. Contempl. T. 2] Bebiam a água dos regatos, satisfeitos com aplacar a fome e a sede, que a natureza impôs como senhoras aos mortais, usando sem qualquer íntima complacência daquelas coisas sem as quais não se pode viver: comendo para não morrer à fome, bebendo para não morrer à sede, fugindo da fartura como igualmente inimiga da alma e do corpo.

Em seguida, o ser Cristo posto no pináculo do templo por Satanás (para não me dilatar mais) ensina que, aos que estão colocados nas posição cimeiras e mais elevadas, ameaça-os amiúde a ruína, a queda e a desgraça, e que, quanto mais alto a fortuna levanta, tanto precipita em maiores perigos, e que, consoante opina Jerónimo, aquilo que o diabo oferece, ainda que à primeira vista pareça elevado, sempre visa ao baixo. [Hieron. Sup. Matth.] Além disso, todos os reinos do mundo oferecidos a Cristo, que outra coisa ensinam senão que o avarento adora o diabo por amor do lucro? Tal como aliás S. Paulo advertiu acerca da avareza, ao dizer que “é culto de ídolos”. [Ef 5. 5] E não [Biiii] se deve pensar só que Satanás quis comprar a adoração pelo preço de todos os reinos do mundo, visto que não há nada que tanto atraia, seduza e prenda o entendimento dos mortais como a paixão da glória e o desejo da própria grandeza e de se lhes concederem honrarias divinas. De tal sorte que facilmente repudiam e do mesmo passo desprezam e têm em baixo preço todas as coisas: oiro, riquezas, mobílias, vida, corpo, alma, Céu e o próprio Deus, contanto que a eles os adorem, venerem e tenham em grande conta.

Cristo, nessa primeira parte do encontro com Satanás, venceu mediante o jejum e a abstinência, que são certamente um antídoto divino e uma mezinha extraordinária contra o defeito da gula. É que, consoante diz S. Basílio Magno, assim como o azeite engorda o atleta, assim faz o jejum a quem se exercita na piedade. [Basil. Conc. de ieiun.]

Na segunda parte, venceu através da humildade, porquanto, conforme pretende S. Macário, “o humilde não cai. É que”, pergunta, “donde pode cair quem está por baixo de todos?” [Machar. Aegypt. Hom. 19] Quem a tiver, a esta que dizem ser o fundamento

fundamentum, omnem fuisse uidebitur assecutus uirtutem. Nam omnis in uirtute progressus, ut eidem Basilio placet, in humilitate progressus est.

Postremum, mundi contemptu. Cur enim non contemneret quae in puncto ostendi possunt et in momento? [*Lc* 4. 5] Vnde contemptor mundi, quasi ex specula [**Biiii vº**] cum propheta uidens mentis acie eius gloriam, diuitias, dominatum, copias et eiusdem generis cetera, quae plurimi aestimanda putant mundi sectatores, facile iudicat esse “uanitates et insanias falsas” quae, [*Ps* 40. 5] sicut ostenduntur in puncto, puncto durant et puncto continentur. Eaque “arbitratur ut stercora, ut Christum lucri faciat.” [*Phil* 3. 8]

Vos igitur, optimi Patres, qui numquam ab Ecclesia recessistis, “nec quia in ea zizania fides aut caritas uestra est impedita,” ut diuine admonet Cyprianus, uerum “manentes ac consistentes intra domestica castra”, [*Cyprian. lib. 3 epist. 2*] ut ille sapienter inquit, et, intus positi, ea quae in communi tractanda sunt agitis ac prouidetis: iis Seruatoris nostri exemplis et salutaribus remediis colapsis et corruptis moribus mederi potestis, intemperantiam, ambitionem, auaritiam, e quibus alia, uelut e fontibus, scaturiunt incommoda rescindentes, “ne ultra offenculo esse possimus infirmis”, [*1 Cor* 8. 9] ut docet Paulus, sed incitamento ad uirtutem. Quo illi Concilii parti quae circa mores uersatur prouisum ac satisfactum erit.

Secundae uero, quae ad fidem spectat, communem imitati et caput nostrum, olim a diabolo Scripturis impetum, ipsarum Scripturarum testimoniis, quibus fides ipsa haeret ac fulcitur, prouidebitis. [*Vincent Lirium de Antiq. fidei cath.*] [**C**] Sic enim maiores nostri, sacris conciliis congregati, sacrorum Bibliorum propugnaculis ac firmissimis praesidiis haereses conuicerunt, haereticos ad fidem aliquando reducerunt. Nam, ut ille uersipellis Christum aggressus est Scripturis, [*2 Petr* 3. 3] sic eius satellites haeretici faciunt, qui Sacras deprauant Scripturas ac detorquent et falsis conspurcant commentariis [*Tertul. de carn. Christ.*] aut facile reiiciunt, si suis manifeste aduersentur insaniis, sacris Bibliis imponentes quae numquam mens diuinae uoluit, ut liberius ac licentius suis uoluptatibus uacent et cupiditatibus inseruiant. Cum tamen librum hunc nemo soluat nisi Agnus [*Apoc* 5. 8-9] et Agni sponsa, cui ille uoluit reuelare et sensum aperire ut intelligeret Scripturas, [*Lc* 24. 27] tantum abest ut illi putare debeant, quemadmodum Cyprianus mirifice docet, se Euangelium Christi asserere, dum semetipsos a Christi grege et ab eius pace et concordia separarunt. [*Cyprian. lib. 3 epist. 2*] Taceo quod per se ipsa diuinorum eloquiorum aperta contemplatio, ut magnus ait Donysius, theologorum facile princeps, senilis cuiusdam uirtutis est. [*Diony. Di. Diu. Nom. c 3. 681C*]

de toda a vida espiritual, parecerá que alcançou toda a virtude. De facto, consoante pensa o mesmo Basílio, todo o avanço na virtude é um avanço na humildade.

Na última parte, venceu com o desprezo do mundo. É que, por que não desprezaria o que pode ser mostrado num instante e num momento? [Lc 4. 5] Daqui procede que quem despreza o mundo, como que vendo com a vista do entendimento, desde um ponto elevado, [Biiii vº] juntamente com o profeta, a glória do mundo, as suas riquezas, senhorio, tropas e as demais coisas deste género que a maior parte dos seus seguidores pensa que devem ser estimadas, facilmente conclui que não passam de “ vaidades e necedades enganosas” [Sl 40. 5] que, assim como se mostram num instante, assim duram um instante e se encerram num instante. E estas coisas “avalias como esterco, contanto que ganhe a Cristo.” [Fl 3. 8]

Portanto, excelentes Padres, que nunca vos afastastes da Igreja, “nem porque nela a vossa fé e caridade foram embaraçadas pela cizânia”, conforme Cipriano de modo divino escreve, mas “mantendo-vos firmes e permanecendo dentro dos vossos arraiais”, [Cyprian. lib. 3 epist. 2] como sabiamente ele diz, e, colocados no seu interior, tratais e providenciais aquelas coisas que é mister resolver em comum: com estes exemplos e salutareis medicamentos do nosso Salvador podeis dar remédio aos costumes corruptos e abatidos, pondo termo à intemperança, ambição e avareza, das quais, como de fontes, jorram os outros inconvenientes, para que, conforme ensina S. Paulo, além disso “não possamos ser ocasião de tropeço aos fracos”, [1 Cor 8. 9] mas de incitamento para a virtude. A isto se terá providenciado e atendido com aquela parte do Concílio que se ocupa com os costumes.

E providenciareis à segunda, que tem a ver com a fé, imitando o comum e a nossa cabeça, antigamente atacada pelo diabo com as Escrituras, mediante os testemunhos das mesmas Escrituras, nas quais se apoia e está encerrada a própria fé. [Vincent. Lirium de Antiq. fidei cath.] [C] É que foi assim que os nossos antepassados, reunidos nos sagrados concílios, venceram as heresias com as defesas e firmíssimas armas da sagrada Bíblia e reduziram por vezes os hereges à fé. É que, da mesma maneira que o astucioso demónio procurou tentar Cristo com as Escrituras, [2 Petr 3. 3] assim procedem os hereges seus servidores, os quais pervertem e desfiguram as Sagradas Escrituras e as conspurcam com falsos comentários [Tertul. de carn. Christ.] ou com à-vontade as refazem, se manifestamente se opõem aos seus desatinos, atribuindo à santa Bíblia sentidos que o entendimento divino nunca pretendeu, a fim de com mais liberdade e licença se entregarem às suas deleitações e se porem ao serviço dos seus apetites. Todavia, uma vez que só o Cordeiro desata este livro [Ap 5. 8-9] e a esposa do Cordeiro, à qual ele quis revelá-lo e explicar-lhe o sentido para que entendesse as Escrituras, [Lc 24. 27] eles estão tão longe de deverem pensar, tal como de modo maravilhoso ensina Cipriano, que sustentam o Evangelho de Cristo, quanto é certo que se apartaram do rebanho de Cristo e da sua paz e concórdia. [Cyprian. lib. 3 epist. 2] Para não me referir ao facto de que por si mesma a própria contemplação das palavras de Deus é própria de uma virtude de certa maneira propecta, conforme diz o grande Dionísio, sem dúvida o primaz dos teólogos. [Diony. Di. Diu. Nom. c 3 681C]

His ergo armis si utamur, optimi Patres, et remedia adhibeamus Satanaeque incursibus [**C v°**] reluctemur, consumabitur temptatio, praesto aderunt angeli suppetias uenient, accedent et ministrabunt nobis, suffragio, praesidio ac patrocinio erunt. Deumque, quem demeritis et peccatis ad iram prouocauimus ac uindictam, placabunt precibus sedabuntque, pium, benignum ac clementem reddent. Auertentque eius gladium iamiam ceruicibus nostris interitum, ut “post tempestatem tranquillum faciat et post tribulationem mittat consolationem.” [*Tob* 3. 22] Concilio, ministrabunt consilium, sapientiam ac prudentiam, conciliabuntque fauorem et gratiam ut cuncta prospere, fauste feliciterque succedant et pro uotis fidelium. Haeretici, dolis et imposturis diaboli seducti, ad Christi ouile, ad Ecclesiam Romanam, quae mater, doctrix ac magistra est omnium ecclesiarum, cui omnes caput inclinant, summa concordia reducantur. Iura resarciantur uetera, noua salubria sanciantur; abusus, si qui sunt, radicitus euellantur. Vt hoc saluberrimo oecumenico Concilio, tot tantorumque antistitum, multis nominibus colendorum, illustrium, sanctorum doctorumque uirorum digna praesentia frequente, [**Cii**] quo augustius in terris nihil aut diuinius inueniri potest, feliciter absoluto, diu ab omnibus exoptata pace, concordia, unione, foedere et caritate, diuina suppeditante clementia perfruamur.

Dixi

FINIS

Auctoritate reuerendissimi inquisitoris Brixiae impressa est.

Por conseguinte, excelentes Padres, se usarmos estas armas e empregarmos estes remédios e opusermos resistência às arremetidas de Satanás, [C vº] a tentação sucumbirá, os anjos ficarão às nossas ordens, ajudar-nos-ão, juntar-se-ão a nós e servir-nos-ão, dando-nos o seu favor, defesa e protecção. E a Deus, a quem encolerizámos e movemos à vingança com os nossos deméritos e pecados, hão-de aplacá-lo e acalmá-lo com as suas preces e torná-lo compassivo, benigno e clemente. E hão-de desviar a sua espada que já ameaçava com a morte as nossas cervizes, a fim de que “depois da tempestade faça a bonança e depois da tribulação envie a consolação.” [Tb 3. 22] Ao Concílio, hão-de oferecer conselho, sabedoria e prudência, e hão-de conseguir favor e graça por forma a que tudo suceda próspera, feliz e venturosamente e em conformidade com o desejo dos fiéis. Que se extirpem as heresias. Que os hereges, enganados pelos embustes e dolos do diabo, na mais completa harmonia se reduzam ao aprisco de Cristo e à Igreja Romana, que é a mãe, a mestra e educadora de todas as igrejas à qual todas inclinam a cabeça. Que se corrijam as antigas leis, que se aprovelem novas e salutares; se existem alguns abusos, que se arranquem de raiz. De maneira a que, depois de felizmente concluído este mui salutar Concílio ecuménico, condecorado com a digna presença de tantos e tão importantes prelados, veneráveis a muitos títulos, e ilustres, santos e sábios varões, [Cii] que é a coisa mais augusta e divina que se pode encontrar no mundo, nós, com a ajuda da clemência divina, gozemos por muito tempo da paz, da concórdia, da união, do mútuo entendimento e da caridade.

Disse

FIM

Foi impresso com autorização do reverendíssimo inquisidor de Bréscia.

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

M. HIERONYMI A BRITO

DE SCIENTIARVM
DISCIPLINARVMQVE OMNIVM
LAVDIBVS ORATIO

APVD UNIVERSAM CONIMBRICAM
PRONVNTIATA
CALENDIS OCTOBRIBVS
ANNO DOMINI 1554

Excudebat Ioannes Barrerius
CONIMBRICAE

MESTRE JERÓNIMO DE BRITO

ORAÇÃO
ACERCA DOS LOUVORES
DE TODAS AS CIÊNCIAS E SABERES

PRONUNCIADA NO 1º DE OUTUBRO
DIANTE DE TODA A COIMBRA
NO ANO DO SENHOR
DE 1554

Impresso por João de Barreira
COIMBRA

[2]

Habes in libello hoc, optime lector, elegantem, pulchram ac graphice orationem scriptam, ubi in laudem Musarum multa et grauia ingeniose sunt allata, absque errore qui orthodoxae fidei opponatur: ideo uolue, reuolue rogo.

Doctor frater Martinus Ledesmius

IGNATII MORALIS EPIGRAMMA

Extulit eloquio doctas Hieronymus artes
Dicenti plausum, turba diserta dedit.
Tam bene namque illas facundo expresserat ore
Quam scite docta pingit et ipse manu
Vtque refert dulci Ciceronem flumine linguae
Sic et Apelleum dextra imitatur opus.

[2]

Caríssimo leitor, neste livrinho encontras um discurso elegante, formoso e artisticamente escrito, onde de modo inteligente se aduziram muitas e graves cousas em louvor das musas, sem erros que se oponham à fé ortodoxa: razão pela qual te peço que o leias e releias.

O Doutor frei Martinho de Ledesma¹

EPIGRAMA DE INÁCIO DE MORAIS

Jerónimo louvou as sábias artes com o verbo
E a eloquente multidão aplaudiu o orador.
É que ele com lábio facundo as representara tão à perfeição
Quanto é entendido em pintá-las
E, tal como com doce fluir da língua se mostra um outro Cícero,
Assim com sua dextra imita os painéis de Apeles.²

[3]

INVICTISSIMO CHRISTIANISSIMOQVE
LVSITANIAE REGI IOANNI HVIVS NOMINE TERTIO
M. HIERONYMVS A BRITO S.

Orationem quam superioribus diebus, ut mos est Academiae, de disciplinarum laudibus publice habui, rex inuictissime, typis mandare et in publicum edere uisus sum, eo tamen consilio ut non amicorum adhortatione (quod, alioqui lateret, maluissem) in uulgus prodiri esset tribuendum: eorum auctoritati numquam succubui. Non gloriae alicuius cupiditate captus (nullam enim ex hoc mihi deferendam umquam existimaui), uerum tua solum beneficentia ductus, quamquam in oculorum iudicium quam aurium prodire multo sit periculosius. Quantum in suscepto munere elaborauerim, Celsitudini tuae uel in hunc modum aperirem, ut qui, tuo munere perfunctus, in hanc tuam florentissimam Conimbricae Academiam ingenii excolendi gratia me contulerim ibique primis litteris et Logicae et Philosophiae praeceptis optimis praeceptoribus sim imbutus, tandemque sacrosanctae Theologiae studium aggressus. Saltem hoc nomine, ut par erat, tibi uiderer [4] gratulari et pro maximis in tuosque collatis beneficiis quodammodo gratiam habere. Et uelut flumina quae e mari scaturiunt in idem semper redire cernimus, sic tibi, litterarum bonarum parenti optimo, suos ipsa Academia fructus, quorum tu, rex maxime, quasi effector consistis, in me uno offerre uideretur.

Iam uero, tuo praesidio munitus, eam quam in suscipiendo munere uel etiam pertractando concepi fiduciam, nunc prodendo publice numquam deponendam iudicaui, meque in tam uaria hominum iudicia, eorum praesertim qui quo aliqua recentiora, eo iucundiora esse existimantes, quae uiri docti comprobarunt solent uituperare, plane intrepidum conieci: ut quod me ab incepto antea uidebatur retardare, tuae beneficentiae suffultus amplius iam non formidarem.

Ea igitur hilari fronte et beneuolentia qua omnes e tua Academia fructus soles recipere, hoc precor munusculum quod non mediocri studio in gratiam litterarum composui a me suscipias, meque, ut maximis semper beneficiis

[3]

O MESTRE JERÓNIMO DE BRITO
SAÚDA O INVICTÍSSIMO E CRISTIANÍSSIMO REI DE PORTUGAL
D. JOÃO, O TERCEIRO DESTE NOME

Decidi, invictíssimo rei, mandar imprimir e publicar o discurso que, em conformidade com a usança académica, recentemente pronunciei em público acerca dos louvores das ciências, todavia com o desígnio de que não deveria atribuir-se a sua edição ao incitamento dos amigos (sob outro aspecto, para que nada se ocultasse, teria preferido): nunca sucumbi à sua influência. Tão-pouco fui seduzido pelo desejo de alguma glória (pois nunca pensei que por isto se me deveria conceder alguma), mas unicamente induzido pela vossa bondade, ainda que seja muito mais arriscado apresentar-se alguém ao julgamento dos olhos do que ao dos ouvidos. O quanto me apliquei na tarefa a que me votei, mostrá-lo-ia a Vossa Alteza até por esta forma, como aquele que, cumprindo o vosso encargo, me desloquei para esta vossa florentíssima Academia de Coimbra para cultivar a minha inteligência e aí fui instruído pelos melhores mestres nas primeiras letras e nos preceitos da Lógica e da Filosofia e, ao cabo, empreendi o estudo da sacrossanta Teologia. Pelo menos a este título, como era justo, pareça-vos [4] que vos cumprimento e de certa maneira vos agradeço pelos inexcusáveis benefícios que me oferecestes a mim e aos vossos súbditos. E assim como vemos que os rios que manam do mar voltam sempre para o mesmo, assim, óptimo progenitor das boas letras, a própria Academia pareça que só através de mim vos oferece os seus frutos, dos quais vós, ó maior dos reis, sois como uma espécie de produtor.

Demais, defendido com a vossa protecção, pensei que agora, ao mostrar-me em público, nunca deveria dar de mão a esta confiança que concebi ao aceitar o encargo ou até ao desempenhá-lo, e com toda a intrepidez arrotei as diversas opiniões críticas dos homens, principalmente daqueles que, julgando que algumas coisas, quanto mais recentes, tanto mais agradáveis são, têm por costume criticar o que os varões sábios aprovaram: de maneira que, amparado com a vossa bondade, já não receava mais aquilo que anteriormente parecia reter-me no meu intento.

Por conseguinte, rogo-vos que, com a mesma benevolência e rosto prazenteiro com que costumais receber todos os frutos da vossa Academia, aceiteis de mim este pequeno presente que com não pequeno desvelo compus em obséquio das letras e

exornasti, benigno fauore prosequaris. Sic enim, ad altiora studio allectus, litterarum fructus uberiores multo aliquando deferendos sperabo.

Deus Optimus Maximus maiestatem tuam ad ipsius gloriam et ad tuae rei publicae conseruationem quam diutissime nobis seruet incolumem.

Conimbricae, VI Calendis Nouembris

me continueis a favorecer da mesma forma que sempre me honrastes com os maiores favores. É que assim, atraído pelo favor para cousas mais elevadas, acalentarei a esperança de algum dia vos oferecer frutos literários muito mais abundantes.

Que Deus Ótimo Máximo para Sua própria glória e conservação do vosso reino vos conserve são e salvo por muitíssimo tempo.

Coimbra, 27 de Outubro

[5]

MVLTA ME COMPVLERVNT, Rector amplissime, Patres sapientissimi, uiri ornatissimi, ad hoc arduum negotium suscipiendum. Quae, cum saepe animo cogitarem, licet tantae rei amplitudo, ab iis, qui ante me amplissimum hunc locum tenuerunt, longe melius et multo praeclarius illustratae, cum propter doctissimorum uirorum grauissimum conspectum, in quem nihil nisi perfectum ingenio et elaboratum industria afferri debuit, tum propter meam uel nullam uel perexiguam in dicendo facultatem, ab illo omnino esse discedendum aut certe modeste et laboriose tractandum ostenderet: tamen non modo ut susciperem, uerum etiam ut libenter susciperem commouerunt. Ita enim natura comparatum est ut a quibus nos rei difficultas deterreat, ea pietas uelit et exsequatur. Primum itaque se se mihi obtulit scientiarum disciplinarumque omnium commendatio, quibus nihil in uita melius, nihil praestantius, nihil denique iucundius potuit umquam reperiri – qua de re praesens habenda est oratio –, quae, cum semper mihi maximam delectationem attulerint, non est cur non laeto animo aliquid de earum dignitate uelim praedicare. [6] Deinde, dignissimus cancellarius beneuolentia occurrebat, qui, quod optimo iure poterat imperare, beneuole et amice postulans, tametsi nulla me auctoritate, nulla dexteritate ingenii, nulla dicendi exercitatione commendatum, ad hoc tamen munus tractandum designauerit. Accessit uestra omnium humanitas, uiri sapientissimi, quos, etsi quid minus a me recte dictum uestroque ingenio indignum parum ornatum publice hodierno die huc afferre, praesertim cum a praestantissimis uiris, maxima ingenii ubertate, dicendi usu ac exercitatione, hoc idem argumentum professis, praeclariora multo et elegantiora iam audieritis, pro uestro erga bonas litteras animo facile esse condonatuos sperabam.

Neque uero mirandum erat si, uel mihi iniunctum munus recusassem, quod alios non minus praestanti ingenio uiros quam singulari eloquentia praeditos solet deterrere, uel (cum in me doctissimorum uirorum oculos uideo coniectos et exspectationi, quam de me fortasse concepistis, non

[5]

FORAM MUITOS OS MOTIVOS, Magnífico Reitor³, sapientíssimos Padres e distintíssimos varões, que me compeliram a aceitar esta árdua empresa. Ao pensar repetidas vezes sobre eles, embora a importância de uma tão grande matéria, incomparavelmente melhor e muito mais brilhantemente esclarecida por aqueles que antes de mim ocuparam este ilustríssimo lugar, mostrasse, por um lado devido à intimidante presença dos varões mais sábios, à qual só devem oferecer-se coisas de acabado engenho e aprimorada feitura, por outro devido ao meu nulo ou muito escasso talento oratório, que cumpria que uma pessoa dele se afastasse ou então o ocupasse de modo comedido e aplicado: mesmo assim esses motivos moveram-me, não só a aceitar esta empresa, mas a aceitá-la de bom grado. É que a natureza estabeleceu que a dedicação queira e execute aquelas coisas que pela sua dificuldade nos atemorizam. E, em primeiro lugar, desta maneira se me ofereceu a recomendação de todas as ciências e saberes, que são o que de melhor, de mais excelente e, enfim, de mais agradável pode alguma vez encontrar-se nesta vida – tema sobre o qual deve tratar o presente discurso –, os quais, visto como sempre me ocasionaram a máxima deleitação, não há motivo para que não queira dizer publicamente com aprazimento algo acerca da sua dignidade. [6] Em segundo lugar, acudia-me ao espírito a bondade do digníssimo Cancelário, o qual, rogando bondosa e amigavelmente aquilo que com todo o direito poderia ordenar, conquanto nenhum prestígio, nenhuma superior capacidade intelectual e nenhuma prática oratória me recomendassem, mesmo assim indicou-me para tratar deste assunto.⁴ Acresceu a indulgência de todos vós, ó varões sapientíssimos, aos quais, ainda que hoje alegue aqui publicamente algo de menos correctamente dito e pouco ataviado, indigno das vossas inteligências, sobretudo sendo certo que já escutastes coisas muito mais brilhantes e elegantes da boca dos mais notáveis varões, dotados das máximas capacidades intelectuais e com prática e exercício da oratória, e que se pronunciaram sobre este mesmo tema, mesmo assim eu acalentava a esperança de que, em conformidade com a vossa boa disposição em relação à literatura, facilmente haveríeis de perdoar-me.

Mas tão-pouco causaria espanto se, ou tivesse recusado o encargo a mim imposto, que costuma afastar pelo temor a outros varões dotados tanto de superior inteligência quanto de excepcionais capacidades oratórias, ou (quando vejo dirigidos sobre mim os olhares dos varões mais sábios, e que de forma alguma posso corresponder à

posse ulla ex parte responderem, nisi uestra singulari humanitate eximiaque modestia ducerer, qua non tam muneris oblata dignitatem, quam offerentis animum consideratis) non uehementer perhorrescerem et reformidarem. Quamobrem uos rogo atque [7] obtestor, uiri praestantissimi, ut eam mihi attentionem hodierno die concedatis, de uestris laudibus aliquid dicere cupienti uestrisque studiis gratulanti, quam aliis de uirtute dicentibus praebere consueuistis.

Theologia

De scientiis igitur dicturus earumque laudes explicaturus, ab ea potissimum uolui exordiri quae ceteris ualde praestat atque easdem longe superat, a qua tamquam e liquido fonte ceterae omnes artes emanarunt (sic enim ratio postulare uidebatur), ut in auditorum auribus, quae quadam naturae infirmitate ad audiendum in principio semper sunt promptiores et in fine tardiores, de ea scientia aliquid remaneret, quae ad reliqua eorum studia quibus illi, ceteris contemptis, delectantur plurimum afferret adiumenti, et illis quibus ipsa iam plurimum contulerit, quique in ea diu sunt uersati ut illam ardentiori animo prosequantur esset incitamento non minimo. Neque uero meae auctoritati in hoc solum credidi, uerum Noe illum uirum sanctum imitatus qui suos filios primum praecepta Theologiae, deinde Mathematicas artes et Philosophiam docuisse traditur, de Theologia primo dicendum putauit.

Vt hinc igitur initium capiamus, cum Deus Optimus Maximus homines ex nihilo procreasset illisque tum corporis tum mentis maxima [8] tribuisset ornamenta, quibus bruta animantia parerent, ut globum hunc, quem Terram appellant, tanto splendore tantoque nitore mira pulchritudine depictum, regerent ac moderarentur. Illi uero per arrogantiam nefario crimine perpetrato diuino numine contempto, cum celsam eius maiestatem laesissent optimique Parentis praecepta nimia temeritate uiolassent, in deplorandam infelicitatem deuenerunt diuinamque illam cognoscendi uim, ab illo rerum opifice deriuata, qua eorum mens et ratio perficiebatur, offuscantes, brutorum uitam degentes, amiserunt. Quorum tamen benignus ille Pater misertus uidensque in quot calamitates per peccatum incidissent, non est passus homines, quos incredibili perfectione efformauerat, auxilio destitutos perire, quin illis instinctum quodam naturale diuinaeque sapientiae lumen tribuerit, ut suam originem primamque rerum causam conquirentes, quasi unde orti essent recordati, diuinorum cupiditate stimularentur. Nec enim ulla gens est tam fera, nemo mortalium tam fuit immanis cuius mentem de Deo non imbueret opinio. Immo omnes ita uim aliquam et naturam diuinam fassi sunt ut, si qualem habere Deum deceret ignorarent, tamen habendum scirent. Qui, licet [9] magna ex parte a ueritate aberrarent, uarias de rebus opiniones concipientes, rerum euentus contemplantes, diuinum aliquid in ipsis cernentes et in se sentientes, Philosophiam contraxere, quae homines

expectativa que se calhar concebestes a meu respeito, se não tivesse por juiz a vossa singular indulgência e extraordinário comedimento, mediante a qual avaliais não tanto o valor da dádiva oferecida, quanto a intenção de quem oferece) não me sentisse dominado por um enorme terror e receio. Motivo pelo qual vos rogo e [7] suplico, excelentíssimos varões, que me presteis hoje aquela atenção, a mim que desejo dizer alguma coisa sobre os vossos merecimentos e que vos felicito pelos vossos estudos, que costumastes mostrar a outros que falavam acerca da virtude.

Portanto, ao propor-me falar acerca das ciências e expor os louvores das mesmas, quis começar antes de mais por aquela que assaz se avantajava às restantes e de longe as supera, da qual como de uma nascente límpida emanaram todas as demais artes (é que dava visos que o método assim o exigia), por forma a que nos ouvidos dos ouvintes, que devido a uma espécie de debilidade da natureza sempre no início estão mais disponíveis para escutar e no final mais desatentos, permanecesse alguma coisa relativa a esta ciência, que ajudasse sobremaneira aos restantes estudos daquelas coisas com as quais eles, desprezando tudo o mais, se deleitam, e fosse não pequeno incitamento para prosseguirem com entusiasmo para aqueles aos quais ela já ofereceu muito e que a ela se entregaram durante muito tempo. E ao pensar assim não me limitei a dar crédito ao meu parecer, mas, imitando aquele santo varão Noé, o qual, segundo se diz, ensinou aos filhos em primeiro lugar os preceitos da Teologia e depois as Matemáticas e a Filosofia, eu considerei que deveria falar primeiro acerca da Teologia.

Teologia

Por conseguinte, começando por aqui, sendo certo que Deus Ótimo Máximo criou os homens a partir do nada e lhes concedeu os mais perfeitos ornamentos quer do corpo quer do espírito, [8] para os brutos animais lhes obedecerem, por forma a senhorearem e governarem este globo a que chamam Terra, de tão grande esplendor e brilho e pintado com maravilhosa formosura. Mas eles devido à arrogância, perpetrando um crime abominável com desprezo pela majestade divina, como atentaram contra a majestade celestial de Deus e com o seu excessivo desatino violaram as ordens do melhor dos pais, caíram num lamentável infortúnio e, passando a levar uma vida de brutas alimárias, perderam, manchando-a, aquela divina potência de conhecer derivada daquele Criador das coisas, graças à qual o seu entendimento e razão eram perfeitos. Aquele bondoso Pai, porém, compadecido deles e vendo o grande número de desgraças em que tinham caído devido ao pecado, não permitiu que peressem privados de ajuda os homens que moldara com incedível perfeição e não deixou de lhes conceder uma espécie de instinto natural e um lume de sabedoria divina, a fim de que, indagando a sua origem e a causa primeira das cousas, como que recordando donde tinham provindo, se sentissem estimulados pelo desejo das coisas divinas. É que não existe povo algum tão selvagem nem houve nenhum mortal tão desumano que não tivesse inculcada em seu espírito a crença em Deus. E até todos a tal ponto reconheceram alguma força e natureza divina que, mesmo que ignorassem que espécie de Deus cumpria que existisse, todavia sabiam que deveria existir.⁵ Os quais, ainda que [9] em grande

per orbem dispersos et ignorantia seiunctos, in uitae societatem humanumque consortium conuocauit. Quae, licet multis saeculis floruisset, a Christiana tamen pietate ita est illustrata ut ne, ueterum permultorum falsis rationibus adhaerentes, eorum erroribus imbueremur, sed quae tantum uera essent et fidei consona complectentes, summum quod omnes appetunt bonum tandem consequeremur.

Quod autem ista docet sacrosancta Theologia est, quae tantum aliis scientiis tribuit dignitatis ut, si qua sit ceterarum laus, si qua gloria, si qua denique commoditas, nisi in hanc diuinam sapientiam referatur, caduca et inanis appareat sit necesse. Quae si a certitudine nobilitateque subiecti debeat commendari, ut placuit Aristoteli, nonne ceterarum artium principem esse iudicatis? Agit de Deo Optimo Maximo: quo quid nobiliter? Quid potentius? Quid praestantius atque excellentius? Vt ne quidem quid ipse sit, nisi forte quid non sit, excogitare quisquam possit neque uerbis explicare. In quo uiuimus, mouemur et sumus; cui omnia parent, cui [10] omnia oboediunt, per quem cuncta subsistunt elementa, summe bonus, maxime potens, infinite sapiens, undique in se ipso perfectus atque omni ex parte beatus, quem, cum humana mens conatur contemplari, expauescit, sensus deiicitur, cum sub sensum minime cadat, melius enim, ut inquit Augustinus, mente concipitur quam explicatur, ueriusque est quam mente concipiatur.

Creationem etiam mundi docet, philosophorum turbis incognitam, qua supremus ille rerum omnium Artifex sua incredibili bonitate ac infinita potentia uniuersam hanc mundi machinam, tanta rerum uarietate distinctam, mirabili concentu informatam, ex nihilo est fabricatus, ut homini, quem ad summam beatitudinem comparandam aedificauerat, necessaria suppeditaret. Hominum spirituumque productionem, quibus talia ac tanta tribuit ornamenta, tot tantisque muneribus exornauit; Incarnationem diuini Verbi et reparationem labentium hominum per sacramenta a Christo instituta; denique quae bene beateque uiuendum pertinent: quae, quoniam ab ineffabili illo Spiritu reuelata et a Christo Salvatore nostro sint edocta, Sanctorum Patrum uoluminibus et auctoritate comprobata, certissima esse omnium consensu iudicatur.

Haec est igitur illa diuina Philosophia [11] quam ueteres philosophi perquirentes se nihil scire passim profitebantur. Haec est quae depressas hominum mentes, fictilibus carceribus interclusas, caducis rebus inhaerentes, in caelestium rerum amorem subleuat atque rapit, et ad beatorum coetum

parte se desviavam da verdade, concebendo diversas opiniões acerca das coisas, e considerando os acontecimentos, e neles observando e em si mesmos sentindo algo de divino, deram origem à Filosofia, a qual, aos homens “esparzidos pelo mundo e apartados pela ignorância, os chamou para a vida social e em comunidade”.⁶ A qual, conquanto tivesse prosperado durante muitos séculos, todavia por tal forma se abrilhantou com a piedade cristã que não só impediu que, aderindo às falsas razões de muitos antigos, nós fôssemos impregnados pelos seus erros, mas fez que, abraçando unicamente o que é verdade e conforme com a fé, ao cabo alcançássemos aquele sumo bem que todos desejam.

Ora, quem ensina essas coisas é a sagrada Teologia, a qual confere tamanha dignidade às outras ciências que, se as restantes possuem algum merecimento, alguma reputação e, enfim, algum proveito, se não imitarem esta divina sabedoria, é forçoso que se revelem caducos e vãos. Sabedoria esta que, se deve recomendar-se devido à certeza e nobreza da sua matéria, consoante o parecer de Aristóteles: porventura não pensais que é a principal das restantes artes?⁷ Ora, ela ocupa-se de Deus Ótimo Máximo: que há de mais nobre do que Ele? Que há de mais poderoso? Que há de mais excelente e de superior? Por tal forma, que nem sequer alguém pode conjecturar ou expor por palavras aquilo que Ele é: talvez apenas aquilo que não é.⁸ No qual vivemos, somos movidos e existimos; ao qual tudo obedece, a quem [10] tudo acata, mediante o qual subsistem todos os elementos, sumamente bom, insuperavelmente poderoso, infinitamente sábio, em si mesmo perfeito por todas as partes e totalmente bem-aventurado, perante o qual o entendimento humano sente pavor, quando se esforça por contemplá-lo, os sentidos se desvanecem, porque não cai sob a alçada dos sentidos, porquanto, tal como diz Santo Agostinho, mais facilmente o entendimento o concebe do que o explica, e existe mais verdadeiramente do que o entendimento o concebe.

A Teologia também ensina a Criação do mundo, desconhecida às turbas dos filósofos, com a qual aquele supremo Artífice de todas as coisas, pela Sua inefável bondade e infinita potência construiu a partir do nada toda esta máquina do mundo, matizada com tão grande variedade de coisas e moldada com maravilhosa harmonia, a fim de prover do necessário o homem, a quem criara para que alcançasse a bem-aventurança. A produção dos homens e dos espíritos, aos quais concedeu tais e tão grandes ornamentos e ataviou com tantas e tamanhas mercês; a Encarnação do Verbo divino e a reparação dos homens caídos através dos sacramentos instituídos por Cristo; e, finalmente, aquelas cousas que tangem a viver bem e santamente: tudo isto, porquanto foi revelado por aquele Espírito inefável e ensinado por Cristo nosso Salvador, e ratificado pelos livros e autoridade dos Santos Padres, é considerado acima de qualquer dúvida pela opinião unânime de todos.

Por conseguinte, é esta aquela divina Filosofia [11] que os antigos filósofos procuravam, confessando amiúde que nada sabiam. É esta a que eleva e arrebatou o abatido espírito dos homens, aprisionado em cárceres terrenos e apegado a coisas caducas, ao amor das coisas celestiais, e lhes mostra a entrada para a assembleia

qui, iam corporibus expediti, in supremo huius magni globi et Dei Optimi Maximi domicilio sempiterno diuinam contuentur essentiam, aditus facit patere. Hac una uirtutes augentur, extirpantur uitia, expetenda fugiendaque demonstrantur. Haec denique cum ceteras res omnes, tum quod est difficillimum: ut nos ipsos agnoscamus ac, proinde diuina sapientia illustratos, bonos uiros effici tandemque nos fore beatos ob eam causam cernamus. De qua satius ut arbitror duxerim tacere quam pauca eaque eius dignitati satis imparia praedicare: quae enim ex se laudibus egent uerbis solent exornari.

Quare ad reliqua studia nostra conuertatur oratio, quae, quamquam plurimum habeant dignitatis, humana mens fortasse poterit comprehendere.

In
Pontificium

Ab hac igitur diuina Philosophia et sacrosancta sapientia Ius Pontificium Sanctorum Patrum decretis et institutis contentum deriuatur, quod tanto dignius et excellentius iudicatur ceterasque disciplinas uidetur excellere quanto [12] illi diuinae sapientiae propius accedit. Cuius ipse Christus Saluator noster primus fuit auctor ac institutor, cum primo pontifici Diuo Petro eiusque successoribus diuinam tribuit potestatem et gregem suum, hoc est, Ecclesiam uniuersam, pascendam commendauit; cuique prima fidei rudimenta, pontificio iure contenta, praebens, clauas ligandi ac soluendi, ut quae ageret in terris arbitrio in caelo ipse comprobaret, perpetua stabilique tradidit sanctione, quaeue sancti ut appellant Canones docerent, euangelica auctoritate confirmata, ab illo initium traxisse, plane iudicemus. Quod in primordio Ecclesiae diuino afflatum Spiritu, apostolorum doctrina collustratum, orbem docuit uniuersum et sedatum reddidit. Vt si qua postea de re esset apud Christianos, si qua quaestio, quae uel ad tuendam fidem uel ad conseruandam religionem pertineret, ad Ecclesiae traditiones, apostolorum ueterumque pontificum sanctissima decreta esset secure recurrentum. Quod demum temporis successu, multis exortis quaestionibus, dogmate Christiano mirum in modum amplificato, alii pontifices litteris et sanctimonia uitae celebres, nulla uel temporum uel rerum uicissitudine fama hominumque memoria [13] umquam perituri, sic in ampliorem formam posuerunt ut in eo nihil amplius possit desiderari.

Huius officium est pestiferas sceleratorum hominum haereses tamquam spinas uenenosas ab horto Christi, hoc est, ab Ecclesia, eius carissima sponsa, et radicitus auellere et auulsas omnino extirpare, earumque auctores, serpentis imposturis nimium deceptos, pestem hanc rei publicae Christianae audacia effrenata inferentes, corripere; et Christianis dogmatibus optime informare; impios punire uel etiam subleuare, rudes commonere

dos bem-aventurados que, já livres dos corpos, contemplam a essência divina no mais elevado deste grande globo e sempiterno domicílio de Deus Ótimo Máximo. Só mediante ela as virtudes aumentam, os defeitos se extirpam e se mostra aquilo que deve desejar-se e o de que cumpre fugir-se. Ela, finalmente, ensina não apenas todas as restantes coisas, mas também aquilo que é o mais difícil: a conhecermos a nós mesmos e a compreendermos que, como que iluminados pela divina sabedoria, nos tornamos homens bons e que, ao cabo, por este motivo, viremos a ser bem-aventurados. Acerca dela pensei que mais valia calar do que proferir poucas coisas e estas assaz inferiores à sua dignidade: é que aquilo que da sua parte tem necessidade de louvores costuma ser ornamentado com palavras.

Por isso, passemos a ocupar-nos no nosso discurso com os nossos restantes estudos, que, embora sejam sobremaneira honrosos, provavelmente o entendimento humano estará em condições de abarcá-los.

Portanto, desta divina Filosofia e sacrossanta sabedoria provém o Direito Pontifício, que encerra os decretos e disposições dos Santos Padres, o qual se julga tanto mais digno e mais excelente e parece avantajá-lo às demais ciências quanto [12] mais se aproxima daquela divina sabedoria. O seu primeiro autor e instituidor foi o próprio Cristo nosso Salvador, quando concedeu ao primeiro pontífice São Pedro e aos seus sucessores a potestade divina e lhe encomendou que apascentasse o seu rebanho, isto é, a Igreja inteira; e, dando-lhe os primeiros ensinamentos da fé, que se encerram no Direito Pontifício, entregou-lhe, com perpétua e estável sanção, as chaves de ligar e desatar, a fim de que aquilo que por sua vontade fizesse na terra, ele mesmo o aprovasse no Céu, ou para que não tivéssemos qualquer dúvida de que tem nele a sua origem o que ensinam aquilo a que se chamam os santos Cânones, confirmados pela autoridade evangélica. Direito que nos primórdios da Igreja foi inspirado pelo Espírito divino, esclarecido pela doutrina dos apóstolos, ensinou a todo o mundo e o aquietou. A fim de que, se mais tarde surgisse entre os cristãos alguma dúvida sobre alguma coisa, alguma questão, que tivesse a ver quer com a salvaguarda da fé, quer com a conservação da religião, se devesse recorrer com segurança às tradições da Igreja e aos santíssimos decretos dos apóstolos e dos antigos pontífices. A este Direito, finalmente, com o passar do tempo e o surgimento de muitas questões e depois que as ordenações cristãs aumentaram de modo extraordinário, outros pontífices, célebres pelas suas letras e vida santa, que nenhuma vicissitude dos tempos ou das coisas hão-de jamais fazer desaparecer da fama e memória dos homens, [13] puseram-no num estado de perfeição tal que nele não pode sentir-se a falta de nada mais.

A sua função é arrancar de raiz e extirpar por completo, como peçonhentos espinheiros da horta de Cristo, isto é, da Igreja, sua queridíssima esposa, as pestilenciais heresias dos homens ímpios, e castigar os seus autores, assaz iludidos pelos embustes da serpente e que com desenfreado atrevimento introduzem esta peste na cristandade; e instruir da melhor maneira com os princípios cristãos; aos ímpios puni-los ou também socorrê-los, aos ignorantes aconselhá-los e ensinar-lhes

*Direito
Pontifício*

et moribus instruere; lapsis indulgere et ad paenitentiam reuocare; iura et statuta decernere, leges promulgare, sacra etiam praecepta interpretari, et alia permulta quae uix poterunt oratione comprehendi.

Ius Caesareum

Huic proximum est Ius Caesareum, cuius commoditas et late patens utilitas tanta a uiris doctis censetur ut, hoc uno sublato, terrarum orbis uitaque hominum putetur esse peritura. Quod tandem ex sacris eloquis depromptum esse iudicabimus, quando Deus ipse Hebraeo populo leges optimas tradidit, quibus etiam nunc utimur et ius ipsum continetur: ut populus ille electus, optimis institutis instructus, summa perfectione polleret et barbaris exterarumque gentium nationibus cultu et religione [14] ualde praestaret. De quo iure tanta apud ueteres fuit auctoritas ut legem ueritatis inuentionem nuncuparent. Tradunt enim Pindarum, cum reges a legibus immunes esse uiderentur, dixisse: “Quis imperabit principi? – Nempe, leges omnium et mortalium et immortalium reginae.” Leonem etiam, cum Euricratidem interrogasset quam quis urbem incolens tutus esset, respondisse: “Vbi iustitia polleret et iaceret iniustitia.” “Quid” enim “fuissent magna regna”, ut inquit Diuus Augustinus, “nisi magna latrocinia, si non esset lex et iustitia?” Vt ne muneribus quidem quae Deus largitur frui liceret nec recte uti, si lex deesset.

In quo iure permulti claruerunt, inter quos fuit ille magnus Lycurgus, legum Lacedaemoniarum conditor, Solon, Zaleucus, Bartolus, Baldus, Iustinianus imperator atque alii, de quorum summo ingenio et eruditione apud omnes illustris et immortalis fama celebratur. Huius proprium munus est unicuique quod suum est tribuere, ut nemo plus habeat, ut inquit Plato, neque dominus neque seruus neque aduena, sed aequalis eademque similiter sit omnis distributio, ut, si de aliqua re esset in re publica controuersia, de qua singuli propter rem familiarem et suburbanam decertarent, ipsum decerneret. Huius etiam est [15] proprium nefariis hominibus ciuibusque perditis rem publicam perturbantibus illique detrimenta praebentibus, grauia inferre supplicia; tyrannos ab urbe propulsare, insontes defendere, rem publicam denique tueri ac optimis semper institutis conseruare. Sed de iis hactenus, nullum enim est tempus in quo quantum huic iuri debeatur possit recenseri: quamobrem de arte medendi, quae optima ratione subsequitur, aliquid dicamus.

Medicina

Nam si superiores, quas paulo ante commemorauimus, ad animum pertinent, haec uero ad corpus: ita enim rem nostram commode persequi uidebimur. Medicinae ergo scientiam, ut corporis ualetudini conseruandae recuperandaeque sanitati commodissima, ita hominum generi ualde necessariam existimo. Quae, si ab ipsius fonte repetatur, primum a Deo

os bons costumes; ser indulgente com os que fraquejaram e chamá-los à penitência; propor regulamentos e direitos, promulgar leis e também interpretar preceitos sagrados, e muitas outras coisas que dificilmente se poderão incluir num discurso.

Próximo a ele encontra-se o Direito Cesáreo, cuja vantagem e sobejante manifesta utilidade é considerada tão grande pelos homens sábios que se pensa que, se apenas ele desaparecer, o mundo e a vida dos homens perecerão. Direito que ao cabo de contas cuidaremos ter sido extraído das palavras sagradas, visto como o próprio Deus transmitiu ao povo hebreu as melhores leis, que nós também hoje usamos e nas quais se encerra o próprio direito: com o propósito de que aquele povo escolhido, instruído com os melhores ensinamentos, sobressaísse pela suprema perfeição e muito se avantajasse em civilização e religiosidade [14] aos bárbaros e às nações de raças estrangeiras. Os antigos atribuíram tamanho prestígio a este direito que chamavam à lei “descoberta da verdade”.⁹ Com efeito, conta-se que Píndaro, como parecia que os reis estavam isentos das leis, disse: “Quem há-de mandar sobre os reis? – As leis, rainhas de todos, tanto mortais como imortais.”¹⁰ Também se conta que, perguntando a Leão, filho de Euricrátides, qual a cidade em que se viveria em segurança, este respondeu: “Onde a justiça sobressair e a injustiça estiver derribada.”¹¹ É que: “Que teriam sido”, como diz Santo Agostinho, “os grandes reinos senão grandes latrocínios, se não existissem a lei e a justiça?”¹² De tal forma que, se faltasse a lei, nem sequer seria possível gozar e correctamente servirmo-nos das dádivas que Deus liberalmente concede.

Foram inúmeros os que se tornaram ilustres neste direito, entre os quais se contou aquele grande Licurgo, autor das leis de Esparta, Sólon, Zaleuco, Bártolo, Baldo, o imperador Justiniano e outros, de cujas superiores capacidades intelectuais e erudição todos celebram a ilustre e imorredoura fama.

A função própria deste direito é dar a cada um o que lhe pertence, por forma que ninguém seja favorecido, conforme diz Platão,¹³ nem o amo nem o escravo nem o estrangeiro, mas a repartição seja totalmente igual, a mesma e feita de modo semelhante, a fim de que, se na comunidade se suscitar litígio acerca de alguma coisa, a respeito da qual cada um contenda relativamente ao património ou a propriedade suburbana, o direito decida da mesma maneira. Também é próprio dele [15] punir com pesadas penas os homens e cidadãos criminosos, que perturbam e causam dano ao Estado; expulsar da cidade os tiranos, defender os inocentes e, por derradeiro, proteger a comunidade e preservá-la sempre com os melhores regulamentos. Mas com isto basta sobre este assunto, pois não há tempo para se poder enumerar o quanto se deve a este direito: digamos por isso alguma coisa acerca da arte de curar, a qual, pela melhor das razões, é a que se segue.

Com efeito, se as artes precedentes, que acabámos de recordar, dizem respeito ao espírito, esta tem a ver com o corpo: pelo que semelhará que tratámos do nosso assunto de modo adequado. Portanto, considero que a ciência da Medicina, na mesma medida em que é a mais apropriada para a conservação e recuperação da saúde, assim é sobremaneira necessária para o género humano. Se remontarmos à sua origem,

Direito Cesáreo

Medicina

natam, tum ab Hippocrate illustratam reperiemus. Cuius laus et summa excellentia praemia et uiri huius artis illustres satis probant. Tradit enim Plinius, uir summo ingenio et eruditione clarus, quemdam Erasistratum, medicum peritissimum, Antiocho rege sanato et pristinae ualitudini eius ope restituto, C talentis a rege Ptolemaeo eius filio fuisse donatum. Omitto Asclepiadem, medicum doctissimum, qui hanc artem mirum in modum coluit [16] et auxit, a quo pulsandi uis est inuenta, Chrysippum, Empiricum,* Herophilum et plerosque alios clarissimos uiros et huius artis ualde eruditos, ne longa oratione uobis fastidium uidear afferre. Quorum eruditio et summa auctoritas ut oratione complecti ne queunt, ita medendi rationem maxime uidentur extollere. Haec itaque in sanando corporibus humanis uersatur, illique cum optima tum salubria tribuit medicamenta, uim naturamque herbarum inuestigat ut ualetudini accuratius inseruiat. Quae, inter diuersa morborum genera discernens, Deum ipsum, uitae datorem eiusdemque moderatorem, conseruando, imitata, quantas commoditates ad uitae tutelam nobis afferat ut luce clarius neminem puto latere.

Philosophia

Quamobrem ad reliquas nos transferamus disciplinas et Philosophiam eiusque partes explicemus, quae, quamquam ad animum pertineant, a doctioribus tamen quasi aliarum artium ancillae constituuntur iuuenibusque perdiscendas primo in limine, quasi ad reliqua studia adminicula quaedam, semper ponunt. Quam rem ut possem efficere, necessaria mihi illa uel Ciceronis uel Demosthenis uberrima eloquentia et ingenii acumen, quod in me censeo nullum uidebatur. Quae, ut nomen ipsum Philosophiae declarat, nempe [17] “sapientiae amor”, sapientia uero – humanarum diuinarumque rerum cognitio –, si oculis cerneretur, incredibile est, ut Plato inquit, quam arduos sui amores excitaret. Siue enim ad animum instruendum, siue ad religionem moderandam, siue ad uitam tranquillam degendam, siue si tecum agas quid, uel cum altero contrahas: nihil Philosophia amabilius, nihil praestabilius, nihil illustrius, nihil commodius, nihil denique florentius a Deo datum iudicabitur. Vt nulla sit uita pars nec publicis neque domesticis in rebus quae uacare possit Philosophia, in eaque excolenda sita uitae est honestas omnis et urbanitas. In qua peruestiganda tanta fuit ueterum industria, tantus affectus ut, rapti et quasi extra se positi, admirantes, rerum euentus contemplantes, uim philosophandi reppererunt (ceperunt enim admirari, ceperunt philosophari) et abditissimarum rerum pulchram, gratam et ingentem sibi cognitionem compararunt.

Possem ego multorum sententias in medium afferre quae ualde et non uulgariter extollere uidentur Philosophiam. Sed quorsum haec? Quasi uero quantum Philosophiae debeatur paucis iis uerbis a me rudi adhuc in hoc

* Emperidem P.

dar-nos-emos conta de que no início nasceu de Deus, sendo ao depois celebrizada por Hipócrates. Assaz comprovam o seu merecimento e insuperável excelência os prêmios e os ilustres varões cultivadores desta arte. De facto, Plínio, varão notável pela sua excepcional inteligência e erudição, conta que certo Erasístrato, médico muitíssimo competente, depois de com a sua ajuda ter curado e restituído ao seu primitivo estado de saúde o rei Antíoco, foi recompensado com cem talentos pelo rei Ptolomeu, seu filho.¹⁴ Não refiro Asclepiades, médico muitíssimo entendido, que cultivou e aumentou esta arte de forma admirável, [16] que descobriu a importância do toque,¹⁵ Crisipo,¹⁶ Empírico,¹⁷ Herófilo¹⁸ e muitos outros ilustríssimos varões e assaz entendidos nesta arte, para que não pareça que vos causo enfado com um discurso mais dilatado. Tal como é impossível abarcar com a palavra o saber e autoridade insuperável destes, assim parece que levaram ao mais alto ápice o modo de curar. E destarte esta ciência ocupa-se em sarar os corpos humanos, e aplica-lhes os melhores e salutareos medicamentos, e investiga a essência e natureza das ervas a fim de mais diligentemente tratar da saúde. Ela, ao discriminar entre as diversas espécies de enfermidades e ao imitar o próprio Deus, que dá a vida e, dirigindo-a, a conserva: cuida que a ninguém se oculta e é mais claro que a luz as grandes vantagens que nos oferece para a protecção da vida.

Por este motivo, passemos para as restantes ciências e ocupemo-nos da Filosofia e das suas partes, as quais, embora tenham a ver com o espírito, todavia são definidas pelos sábios como uma espécie de servas das outras artes, e propõem sempre que os jovens as aprendam no princípio como uma espécie de ajudas para os restantes estudos. Para levar a cabo esta tarefa, parecia que me era necessária a celebrada e fecunda eloquência ou de Cícero ou de Demóstenes e uma penetração intelectual que estou ciente de que careço por completo. A qual, como o próprio nome de Filosofia mostra, quer dizer [17] “amor da sabedoria”, e a sabedoria – conhecimento das coisas humanas e divinas –¹⁹ se fosse contemplada pelos olhos, é inacreditável (consoante diz Platão) quão inflamado amor por si despertaria. É que, quer para guarnecer o espírito, quer para governar a religião, quer para levar uma vida tranquila, quer se reflectires contigo mesmo sobre alguma coisa ou se tratares com outra pessoa: julgar-se-á que Deus não deu nada de mais amável do que a Filosofia,²⁰ nada de mais excelente, nada de mais brilhante, nada de mais proveitoso, nada, enfim, de mais resplandecente. Por tal forma que tanto na vida pública como nos negócios privados não há nenhuma parte que possa estar vazia da Filosofia, e em cultivá-la reside toda a dignidade e carácter civilizado da vida. Na investigação filosófica foi tamanha a diligência dos antigos, tamanha a paixão que, arrebatados e, como que postos fora de si, admirados, com os olhos fitos nos fenómenos, descobriram a essência do filosofar (pois, ao começarem a admirar-se, começaram a filosofar) e alcançaram para si o formoso, grato e imenso conhecimento das coisas mais recônditas.

Eu poderia aduzir aqui as opiniões de muitos que parecem encarecer assaz e sobremaneira a Filosofia. Mas a que fim? Como se eu pudesse expor ainda nestas poucas palavras e neste tosco estilo oratório quanto se deve à Filosofia, quando é

Filosofia

genere dicendi possit explicari, cum neque uiri doctissimi bonarum artium neque ueterum aliquis [18] id peragere uix potuissent. Ergo, ut sermo de Philosophia concludatur, Solem e medio et lucem tollere uidentur ii qui Philosophiam et rerum cognitionem e mundo ab hominum consortio tollunt. Quam qui de ea recte senserunt diuidunt in eam quae rerum obscuritates obseruat, quam Physicam uocant, et in eam quae mores instruit, quam Ethicam appellant, et in Mathematicam et Rationalem.

Physica Naturalis igitur, rerum causas inquirens, orbem componit uniuersum, ut quid materia, quid forma, ex quibus omne, quod natura constat, componitur, quid natura, quid motus, quidue tempus sit scrutatur diligenter. Atque elementa ipsa distinguens, quae ex illis uel oriantur uel intereant ostendit. Vnde tonitrua, fulgura, coruscationes, Galaxia, cometae, nix, grando, pluuias, uentus ac terraemotus gignantur optime describit. Naturamque uniuersarum singularumque rerum, quae sub sensum cadunt et motu cientur, apte et accurate perquirat. Neque uero iis contenta solum Philoiphia, uerum caelestem naturam transcendens, heroes illos et diuinas mentes, orbium astrorumque moderatrices, rerumque essentias, quae sub sensum minime cadunt, contemplatur.

Ethica Ethica uero animum componit, moribus instruit et [19] uirtutibus imbuit, humanis actionibus finem optimum ipsum, inquam, summum bonum, in quod omnia referuntur quodque omnes appetunt proponit. Aegritudines et animi perturbationes accurate explicando ab eo depellit uel depellendas demonstrat. Hominem denique, quem Deus ipse, rerum omnium Fabricator, tanta celeritate mentis effinxerat, omni studio felicem reddere conatur. In hanc, uelut fontem et originem, Ars Politica, quae in rei publicae administratione uersatur, et Oeconomica, quae in domus ac familiae gubernatione consistit, referuntur.

Mathematica Nunc autem Mathematicam et Rationalem disputatione nostra persequamur, sub quibus septem illae artes quae liberales dicuntur, quasi hominem ipsum liberum efficiant, continentur. Mathematica igitur scientia, quae in rerum separatarum non tamen omnino cognitione uersatur. Quattuor sub se species comprehendit, quas Pythagorei germanas appellarunt: Geometriam, Arithmetiam, Musicam, Astronomiam.

Geometria Geometriae uero ars, quae eius quod est semper est cognitio, puras dimensiones quantitatum considerat et quid rectum, quid circumductum, quid planum sit denique demonstrat. Cui tantus olim habitus est honor, [20] tanta gloria ut nemo sibi scire quidquam uideretur qui Geometriam ignoraret. In qua Plato tantum interesse putabat ut eam adolescentibus post prima Grammatices rudimenta perdiscendum proponeret, ut nulli alias aggredi liceret disciplinas quin prius Geometriae scientiam perdisceret. Et quidem ad rem bellicam instruendam, ad castra ponenda, regionem occupandam, ad colligendas turmas uel etiam dispergendas et ad cetera

certo que os varões mais entendidos nas artes literárias ou algum dos antigos [18] dificilmente teriam logrado realizar tal. Portanto, para concluirmos a nossa abordagem da Filosofia, parece que suprimem o Sol e a luz aquelas pessoas que afastam do mundo e comunhão dos homens a Filosofia e o conhecimento das coisas. Aqueles que pensaram de forma correcta acerca dela dividem-na naquela que observa os mistérios das coisas, a que chamam Física, e naquela que trata dos costumes, que designam por Ética, e na Matemática e [Filosofia] Racional.

Por conseguinte, a [Filosofia] natural, esquadrinhando as causas das coisas, ordena todo o orbe, de maneira a diligentemente procurar saber o que é a matéria, o que é a forma, dos quais se compõe tudo o que naturalmente existe, e o que são a natureza, o movimento ou tempo. E, distinguindo os próprios elementos, mostra quais os que deles ou nascem ou morrem. Descreve de forma excelente donde provêm os trovões, os relâmpagos, os clarões, a Via Láctea, os cometas, a neve, o granizo, a chuva, o vento e os terremotos. E investiga adequada e cuidadosamente a natureza de todas e cada uma das coisas que caem sob a alçada dos sentidos e se movem. Mas a Filosofia não se satisfaz apenas com estas coisas, mas, passando para a natureza celeste, contempla aqueles heróis e divinos entendimentos, que governam os orbes e astros, e as essências das cousas que não caem sob a alçada dos sentidos.

Física

E com a Ética pacífica o espírito, guarnece-o com bons costumes, [19] inculca-lhe virtudes e propõe para as acções humanas o seu melhor fim, quero dizer, o bem supremo, para o qual tudo aponta e que todos desejam. Explicando-as, afasta do espírito as aflições e inquietações, ou mostra que devem ser afastadas. Finalmente, com todo o empenho se esforça por tornar feliz o homem, a quem o próprio Deus, Criador de todas as coisas, moldara com tão grande presteza de entendimento. A ela, como a sua fonte e origem, se submetem a Arte Política, que se ocupa com a governação do Estado, e a Económica, que consiste na administração da casa e da família.²¹

Ética

Ora, ocupemo-nos agora na nossa dissertação com a Matemática e a [Filosofia] Racional, sob as quais se incluem aquelas sete artes que se chamam liberais, como se tornassem livre o próprio homem.²² Portanto, a Matemática é a ciência que se ocupa do conhecimento das coisas divididas mas não totalmente. Compreende em si quatro espécies, a que os Pitagóricos chamaram afins: a Geometria, a Aritmética, a Música e a Astronomia.²³

Matemática

Ora, a arte da Geometria, que é o conhecimento daquilo que sempre existe, considera as dimensões puras das quantidades e mostra o que é a recta, o que é o círculo e o que é o plano. A ela outrora concedeu-se tão grande honra [20] e glória que ninguém pensava que sabia alguma coisa se ignorasse a Geometria. Platão pensava que ela era tão importante que propunha que devia ser aprendida pelos moços após os primeiros rudimentos da Gramática, por forma que não fosse permitido a ninguém abordar as outras matérias sem primeiro aprender a ciência da Geometria.²⁴ E, de facto, a Geometria é da máxima importância para os preparativos bélicos, para dispor os acampamentos, para invadir países, para ajuntar tropas ou

Geometria

belli machinamenta, quibus circa acies uel in obsidione uel in itinere uti solent, in Geometria maximum est momentum. Nam, quis credere auderet Romanorum exercitus a uiro illustrissimo et fortissimo duce Hannibale sic fuisse dissipatos, nisi Geometriae instrumentis uteretur? Cur Caesar ille clarissimus Gallorum urbes expugnauit, arces euertit, castra diremit, Galliam denique superauit? An quia Geometriae artificio utebatur?

Multa possem de Geometriae laudibus commoditatibusque uobis afferre, sed non sine aliarum artium iactura, nam uideo mihi tempus praefinitum dicendum deesse. Quamobrem ad Arithmetica nos conuertamus.

Arithmetica

Quae, rerum proportionem et mensuras complectens, parium et imparium uarias complexiones producendo, uim numerandi, non quidem popularem illam, [21] qua uidentes et ementes utuntur, sed eam demum quae, certa quadam coniunctione, rerum certitudinem, qua noster animus uirtusque perficitur, sufficienter includens, optimo nobis ordine patefacit. Quin et homini ratione utenti prae ceteris animantibus fides, ut inquit Aristoteles, est adhibenda, quia natura facultate numerandi sit praeditus ob idque ad reliqua studia capessenda aptior et magis idoneus. Quamquidem artem Plato tanti aestimauit ut eam ceteris liberalibus disciplinis ueluti principem anteponeret. Quin et philosophorum permulti animas cum corporibus certo quodam numero deuinctas asserentes, animas numeros esse se ipsos mouentes tradiderunt. Ita efficax, ita necessaria numerandi facultas censetur ut neque res ulla publica, neque ciuitas, neque familia, neque denique uita hominum sine numeris poterit constare. Nam Deus ipse Optimus Maximus omnia numero, pondere et mensura creauit. Porro ita numerandi ratio necessaria et Musicae coniuncta ponitur ut neque Musica sine numeris neque numerus sine Musica percipi possit ullo modo.

Musica

Consistit enim Musicae ratio in numero sonoro. Quam ueteres tanti faciebant eandemque sunt uenerati ut aures, quia Musicae perceptibiles, menti praeponerent. Huius inuentio Pythagorae [23 **alias** 22] tribuitur? Inquit enim Xenocrates, philosophus eximius, cum Pythagoras aerarios fabros esset contemplatus cerneretque ex malleorum ictibus consonantiam lege ponderum exoriri, neruos quosdam tetendisse, uario illo pondere colligatos, atque ita Musicae interualla inuenisse. At uero Iubal, filius Ada, ex stirpe Cain, ut ex Sacris Eloquis accepimus, ipse “fuit pater canentium cithara et organo”. Summam itaque eruditionem Graeci sitam censebant in neruorum uocumque cantibus, quod exemplo Themistoclis probari potest, qui, cum in epulis recusasset lyram, habitus est indoctior. Tantoque in Graecia musici floruerunt, in id studium omnes fere incumbentes, ut qui Musicam ignoraret non satis excultus doctrina putaretur. Aristoxenus enim, musicus doctissimus idemque philosophus, ita corporis ipsius intensionem uelut in cantu et fidibus (quae harmonia dicitur) esse existimauit ut, ex corporis

também dispersá-las, e para os demais expedientes da guerra de que os exércitos costumam usar quer nos assédios, quer em marcha. É que, quem se atreveria a acreditar que os exércitos romanos por tal forma foram desbaratados pelo ilustríssimo varão e fortíssimo general Aníbal, se não tivesse usado os recursos da Geometria? Por que é que o célebre e nobilíssimo César venceu as cidades gaulesas, derribou os seus baluartes, arrasou os seus acampamentos e acabou por derrotar a Gália? Não foi porventura porque se servia do conhecimento da Geometria?

Poderia alegar-vos muitos factos sobre os louvores e vantagens da Geometria, mas não sem detrimento das outras artes, pois vejo que me falta o tempo que me foi prescrito para falar. Por isso, dirijamos o nosso olhar para a Aritmética.

Esta, abarcando as proporções e medidas das coisas, ao revelar as diferentes combinações dos pares e dos ímpares, numa ordem perfeita mostra-nos a essência do contar, não decerto o popular, [21] de que se servem os que vendem e os que compram, mas aquele que, mediante uma certa união, de modo suficiente inclui a certeza das coisas com a qual se aperfeiçoam a nossa alma e virtude. E até ao homem que tem uso de razão, em comparação com os restantes seres vivos deve dar-se-lhe crédito, segundo diz Aristóteles, porque a natureza o proveu com a capacidade de contar, e por isso é mais apto e idóneo para se entregar aos restantes estudos.²⁵ Platão teve em tão grande conta esta arte que a antepunha como primeira às restantes disciplinas liberais.²⁶ E até muitos filósofos, asseverando que as almas se encontravam unidas aos corpos mediante uma espécie de número, ensinaram que as almas eram números que se moviam a si mesmos.²⁷ E pensa-se que a faculdade de contar é de tal maneira eficaz e necessária que nenhum Estado, nenhuma cidade, nenhuma família, nem, finalmente, a existência humana poderá subsistir sem os números. É que Deus Ótimo Máximo tudo criou com número, peso e medida.²⁸ Enfim, supõe-se o método de contar de tal modo necessário e ligado à Música que de forma alguma pode entender-se a Música sem os números nem os números sem a Música.

Aritmética

Com efeito, a natureza da Música consiste no número sonoro. Os antigos estimavam-na e veneravam-na tanto que antepunham os ouvidos ao entendimento porque eles escutavam a Música. Atribui-se a sua descoberta a Pitágoras. [23 aliás 22] Com efeito, o extraordinário filósofo Xenócrates diz que Pitágoras, ao olhar para os cinzeladores e aperceber-se de que dos golpes dos martelos nascia, devido à disposição dos pesos, uma harmonia, estendeu certas cordas, ligadas com aquele variado peso, e por essa forma descobriu os intervalos musicais.²⁹ Mas, na verdade, consoante as Sagradas Escrituras nos informam, Jubal, filho de Ada, da linhagem de Caim, “foi pai de quantos tocam cítara e flauta”.³⁰ E assim os Gregos consideravam que o máximo saber se encerrava nas melodias das cordas e das vozes, tal como se pode provar com o exemplo de Temístocles, o qual foi tido na conta de ignorante por se ter recusado a tocar lira num banquete.³¹ E na Grécia a tal ponto os músicos eram importantes, aplicando-se quase toda a gente a este estudo, que se considerava que não era suficientemente culto quem ignorasse a Música. Aristóximo, sapientíssimo músico e filósofo,³² considerou que a tensão do próprio corpo é a

Música

totius natura ac figura, uarios motus efficeret tamquam in cantu sonos. Quin et naturae motus Musica quaedam est, animi inuecta a perturbationibus mala ab eo depellens.

Atque adeo ut Pythagorei, quibus Plato assentitur, ex orbium impulsu et agitatione concentum quemdam suauissimum aequabiliter exoriri, **[24 alias 23]** quem nostrarum aurium imbecillitas, uel potius natura assuefacta, capere non potest, ausi sint affirmare. Quod, si nihil molestius, nihil insuauius nostris auribus afferri potest quam cantus inconcinnus, qualeis, quaeso, uoluptates nobis certissima illa, quibus etiam ferae domabantur, cantica Orpheica, Olympia, Pindarica, Paeanica, Terpandria essent allatura, si ea perciperemus? Et quidem Alexander ille Macedo, cum ad arma capessenda se contulisset, philosophus quidam subito exclamauit illi ab incepto esse desistendum, quandoquidem arma ipsa cantica esse regia oporteret. Ergo concentus qui sentitur quasi animatus mentem nostram sic afficit ut ceterorum sensuum nulla sit tam efficax uis, nulla tam uiua motio. Sonus enim, aereum spiritum concitando, sensum simul et animum perficit, ac, per significationem agens in mentem et uehementer penetrans, mira quadam uoluptate perfudit totumque hominem sibi uindicat.

Astronomia

Cuius non ignari, philosophi quantum, natura admonente, cognouerant! Visis praesertim nocturnis persaepe commoti, orbium omnium astrorumque uarias atque diuersas circulationes, denique singulorum planetarum uim et signorum **[24]** influentias actionesque contemplati, Astronomiae scientiam sunt adepti. Quae tantum utilitatis ac momenti nobis est allatura, si bonis usibus accommodetur, ut ne suspicari quidem possit. Astronomus enim motus caeli celeritatem intuetur qualiter cogitare non possumus. Tum uicissitudines dierum ac noctium commutationesque temporum quadripartitas, ad maturitatem frugum aptas, eorumque omnium duces Solem, Lunamque, accretione et deminutione luminis dies significantem, fluxumque et refluxum maris producentem. Deinde in eodem orbe, duodecim partibus distributo, quinque alias stellas ferri, quae uulgo planetae dicuntur, disparibus inter se motibus circulos suos mira agitatione conficientes. Tum terram ipsam, eminentem e mari, in medio mundi praefixam perpetuoque haerentem, omnibus fere partibus habitabilem. Nocturnam denique caeli formam, undique sideribus ornatam. Efficitur plane ut ex earum rerum cognitione summam capiat uoluptatem utque in ipsorum effectoris et moderatoris, Dei Optimi Maximi, qui minime oculis cernitur, sed ex operibus agnoscitur, incredibili admiratione feratur: “Inuisibilia enim Dei”, ut inquit Diuus Paulus, “per ea quae facta sunt a **[25]** creatura mundi intellecta conspiciuntur.” Quam quidem rationem quasi attingens diuinus ille Plato iis rebus sic utendum esse uoluit tamquam exemplo quodam et argumento ad supernarum diuinarumque

tal ponto semelhante à do canto e das líras (que se chama harmonia) que, a partir da natureza e figura do corpo todo, produz vários movimentos, tal como os sons no canto. E até o movimento da natureza é uma espécie de Música, que repele do espírito os males que as perturbações nele introduziram.

E de tal maneira que os Pitagóricos, aos quais Platão dá o assentimento, atreveram-se a asseverar que do movimento e agitação dos orbes nasce de modo uniforme uma espécie de suavíssima melodia [24 aliás 23] que a fraqueza dos nossos ouvidos, ou melhor, a natureza acostumada, não é capaz de captar.³³ Motivo pelo qual, se aos nossos ouvidos não pode oferecer-se nada de mais desagradável e molesto do que um canto desafinado, pergunto quão grandes prazeres nos haveriam certamente de oferecer aqueles cantares, com os quais até as feras se amansavam, de Orfeu, de Olimpo,³⁴ de Píndaro, de Apolo e de Terpandro, se os escutássemos? Encaminhando-se o célebre Alexandre da Macedónia para pegar nas armas, certo filósofo bradou de repente que lhe cumpria desistir do que intentava, porquanto convinha que as próprias armas fossem o “modo régio”.³⁵ Logo, a harmonia que se escuta, como que dotada de vida, por tal forma impressiona o nosso espírito que de modo algum é tão eficaz a força ou tão vivo o impulso dos restantes sentidos. É que o som, ao mover o ar, impressiona simultaneamente o sentido e o espírito, e, ao actuar através da significação e ao penetrar vivamente no entendimento, inunda o homem com um prazer verdadeiramente espantoso e apodera-se por completo dele.

Disto sabedores, quanto não descobriram os filósofos com os ensinamentos da natureza! Sobretudo mui amiúde impressionados com o que viam à noite, contemplando as diferentes e variadas órbitas de todos os orbes e astros e, finalmente, a força e influências de cada planeta e constelação, [24] alcançaram a ciência da Astronomia. A qual, se se aplicar a bons fins, há-de ser-nos de uma utilidade e importância tão grandes que nem se podem imaginar. É que o astrónomo vê a rapidez do movimento do céu como não podemos imaginar. Depois, as alternâncias dos dias e das noites e a sucessão das quatro estações, ajustadas ao amadurecimento dos produtos do solo, e o Sol, que está à testa de tudo isto, e a Lua, que com o seu crescer e minguar indica os dias da vida e que provoca o fluxo e refluxo do mar. Em seguida, no mesmo orbe dividido em doze partes, vê que se movem as outras cinco estrelas, a que o vulgo chama planetas, que com movimentos diferentes entre si levam a cabo as suas órbitas mediante um admirável movimento. Vê depois, erguendo-se do mar, a própria terra, colocada e para sempre fixa no meio do mundo, habitável em quase todas as regiões. E, finalmente, a aparência da noite, por todos os lados ornamentada com corpos celestes. Conclui-se claramente que o conhecimento destas cousas lhe ocasione uma imensa deleitação e que seja arrebatado por uma inefável admiração por Deus Ótimo Máximo, que as criou e governa, o qual não se pode divisar com os olhos, mas se conhece através das obras: “Porque o que é invisível em Deus”, consoante diz São Paulo, “tornou-se visível à inteligência, através daquilo que foi feito desde [25] a criação do mundo”.³⁶ Aquele divino Platão, quase tocando este raciocínio, defendeu que estas coisas se deveriam utilizar como uma espécie

Astronomia

rerum contemplationem, perinde ac si is, qui figuras a Daedalo cerneret elaboratas, ipsum laudaret: absurdum tamen esset in iis, quoniam corpora sunt motationique temporum subnixa, omni studio ueritatem exquirere, si earum effectorem non contemplemur.

Ex quo relinquitur perspicuum quantum Astronomiae debeatur. Reliquum est ut Philosophiae partem quae ratione continetur explicemus.

Dialectica

Cuius prima species Dialectica constituitur, quae alio nomine diligens disserendi ratio appellatur. Cuius cum duae sint partes, altera inueniendi, iudicandi altera, utriusque tamen, licet ab aliis de Dialectica multa tradantur, Aristoteles uere princeps fuit. Quae, ut ueri et falsi in oratione indagatrix, a Platone progressio ad alia studia merito appellatur. Quam qui minime perceperunt ut aliam scientiam difficillime aut non recte uidebuntur assequi, sic Dialecticae pernecessario adiumento, qui probe in ea fuerint exculti, ea ueluti praeceptore ducente, ceteras disciplinas multo melius et multo [26] celerius consequentur. Neque enim ars ulla neque scientia quae diuidendi, definiendi demonstrandique ratione careat, quam docet Dialectica, recte potest consistere. Haec porro quid in oratione sit falsum, quid uerum, quid efficiatur e quoque, quid alteri consequens quidque repugnans, quid planum, quid ambiguum sit demonstrat. Rerum denique uniuersarum et singularum sedes quasdam praescribit, ad quae omnia quae sunt referuntur. Ac praeterea, loca quaedam et fontes aperiens, magnam nobis argumentandi copiam suppeditat, ut de quacumque proposita quaestione probabiliter possimus disserere. At uero dialecticus comprehensius loquitur quam rhetor, ita incredibile est quantum paucis dialecticus comprehendat. Quod enim rhetor multis sermonibus expensis uix potest persuadere, hoc ipsum dialecticus tribus propositionibus tantum quadam necessitate efficit. Quam, ut uno uerbo complectar, ita ad ceteras scientias necessariam nonnulli existimarunt, ut nemo satis disertus censendus sit qui uel uestigium Dialecticae non perdisceret.

Eloquentia

Huic finitima Eloquentia censetur, cuius finis est persuadere, ut quid iustum, quid iniustum, quid turpe, quid honestum quidue commodum, [27] tum excitando, tum inserendo, tum deprimendo apte, accurate splendideque demonstrat. Oratorem uero bonum uirum esse oportere existimant, ne, cum aliis persuadeat, sibi ipsi dissuadere uideatur. Neque uero, si artificium illud Dialecticae et uim comprehensionis, qua tribus dumtaxat uerbis complexa unumquemquam cogit et sermone concludit, antea laudauimus, hoc ipsum Rhetoricae, quia, multis sermonibus habitis, uerborum ornatu, facundia et ubertate nititur persuadere, quasi dedecus et turpe quid debemus imponere. Orator enim, ut inquit Plato, potius fidem, qua uerborum copia, apud quem

de exemplo e argumento para a contemplação das cousas mais elevadas e divinas, à semelhança de alguém que, vendo as imagens produzidas por Dédalo, o louvasse: seria todavia absurdo se com todo o desvelo naquelas coisas procurássemos a verdade, visto como são corpos e se apoiam no movimento frequente dos tempos, sem nelas contemplarmos do mesmo passo o seu Criador.³⁷

Daqui se conclui à evidência o quanto se deve à Astronomia. Resta referirmo-nos à parte da Filosofia que se funda na razão.³⁸

A primeira espécie desta é constituída pela Dialéctica, que por outro nome é chamada o rigoroso método de raciocinar. Embora tenha duas partes, sendo uma a de descobrir, a outra a de julgar, todavia de ambas o verdadeiro mestre foi Aristóteles, ainda que outros ensinem muitas coisas sobre a Dialéctica. A esta com razão Platão define-a como um aperfeiçoamento para os outros estudos, sendo como é a arte que no discurso indaga o verdadeiro e o falso.³⁹ Assim como os que a não entenderam parece que muito dificilmente ou incorrectamente se hão de aplicar a outra ciência, do mesmo modo, mediante a muito necessária ajuda da Dialéctica, os que nela se tiverem aperfeiçoado, tomando-a como preceptora, muito melhor e muito [26] mais rapidamente hão-de assenhorear-se dos demais saberes. É que tão-pouco se pode estabelecer correctamente qualquer arte ou ciência que esteja privada de um método de dividir, definir e demonstrar, que é o que a Dialéctica ensina. Demais, mostra o que no discurso é falso, o que é verdadeiro, o que se deduz de uma coisa, que consequência se tira de outra e que está em contradição com ela, o que é evidente e o que é ambíguo. Por derradeiro, prescreve os lugares que competem a todas e cada uma das coisas, pelos quais se reparte tudo o que existe. E além disso, oferecendo certos lugares comuns e fontes, põe à nossa disposição grande abundância de recursos para argumentar, para que possamos discorrer com probabilidade acerca de qualquer questão que nos seja proposta. E a verdade é que o dialéctico fala com mais rigor que o orador, da mesma forma que é espantoso o quanto abarca em poucas palavras. É que aquilo que o orador dificilmente pode persuadir a expensas de muitas frases, isso o dialéctico logra-o apenas com três proposições graças a uma espécie de necessidade. Para dizê-lo numa única palavra, muitos a consideraram de tal maneira necessária às restantes ciências que não deve considerar-se como suficientemente eloquente ninguém que não tenha aprendido à perfeição a Dialéctica.

Dialéctica

Contígua a esta considera-se a Eloquência,⁴⁰ cujo fim é persuadir, por forma a, de modo adequado, diligente e esplêndido mostrar o que é justo, o que é injusto, o que é infame, o que é honroso ou proveitoso, [27] ora incitando, ora inculcando, ora rebaixando. Mas consideram que o orador deve ser um homem bom, de maneira a não parecer que, ao tempo que persuade os outros, está a falar contra si mesmo. E se louvamos atrás aquele artifício e capacidade de síntese da Dialéctica mediante a qual apenas com três palavras obriga cada um a concluir e encerra um raciocínio, isto mesmo não menos devemos tê-lo na conta de quase um desdouro e indignidade na Retórica, visto que, servindo-se de muitas frases, se esforça por persuadir mediante o ornato, a eloquência e a abundância das palavras. É que, tal como diz Platão, o

Eloquência

sermonem protendit, adhortatur, inducit, dialecticus uero doctrinam, quae, quadam connexionis methodo, paucis uerbis continetur, includit. Hanc denique, etsi alii artem adulatoriam nuncuparunt, Plato tamen peritiam quamdam, uoluptatem auditoribus afferentem, appellauit.

Huius in oratione concinnitas Gorgiae tribuitur, Aristoteli neruositas, Theophrasto dulcedo, Platoni ubertas, Demostheni audacia, Pericli auctoritas, Ciceroni uero haec omnia cumulate, ac praeterea uehementia, facundia, grauitas et summa auctoritas, uultus, gestus, uocis motusque cum [28] optima tum iucunda moderatio. Quae cum in oratione perfecta et suis numeris absoluta semper desiderentur, nonne ut sic difficillimum captu, excellentem gloria iudicatis? Haec itaque ad tolerandas iniurias, ad sedandos animos uel etiam demulcendos et quoquo uelis deducendos, ad uoluntates hominum impellendas in rebus arduis plurimum potest. Quae, ut reliqua praetermittam, ita necessaria rei publicae iudicatur ut qua uel iudicis religio, uel magistratus auctoritas, uel urbis moderatio et uirtutum incitatio contineatur, sic nihil munificentius, iucundius nihil, nihil uberius, nihil hominum generi commodius, nihil a feritate remotius et humanitati coniunctius esse uideatur quam elegans pulchra, uenusta perpolitaeque oratio. Hac denique, ut bruta ab hominibus ratione superantur, homines alios antecellunt ut, quod ui et armis effici non possit, eloquentia superetur. Sed, ne amore Eloquentiae uidear de illa plura dicere quam quae nostra postulet oratio, Grammaticam ultimo explicemus.

Grammatica

Quae, ut dialecticus uerum et rhetor ornatum, sic grammaticus congruum in oratione considerat. Ita ut nihil insuaue, nihil obscure, nihil barbare in oratione contineatur quod nostras aures offendat, [29] sed ea uerborum elegantia et dictionum cohaerentia ita eluceat oratio ut easdem aures demulceat nimiaque afficiat uoluptate. Neque solum iis contenta limitibus Grammatica facultas, uerum Carmentes Musas ita docuit ut suauis quadam differentia diuersos cantus componant. Et ueteres scriptores admonuit ut, quasi perpetuis monumentis, maiorum nostrorum res praeclare gestas tamquam praesentes efficerent.

Haec autem a Socrate uelut fundamentum quodam et aliarum artium tutela definitur, quibus, nisi prius bene iactis, nulla alia scientia recte poterit consistere. Quae tanto in pretio apud priscos illos Aegyptios habebatur ut Theuth ille, huius artis inuentor, (quamquam Cadmo primae litterae tribuantur, uerius tamen Mosi uel Adamo) a Platone scientiarum omnium pater appelletur. Quamobrem omnem laudem omnemque commendationem suo quodammodo iure sibi uindicat.

orador, mediante a abundância de palavras, antes de mais inculca confiança naquela pessoa a quem dirige o discurso,⁴¹ ao passo que o dialético limita-se ao conteúdo, que encerra em poucas palavras graças a certo método de síntese.⁴² Finalmente, embora outros tenham chamado a esta a arte da adulação,⁴³ Platão todavia designou-a por uma espécie de habilidade que causa prazer aos que escutam.⁴⁴

A simetria da eloquência no discurso é atribuída a Górgias, a Aristóteles o vigor, a Teofrasto o encanto, a Platão a abundância, a Demóstenes a ousadia, a Péricles a autoridade e a Cícero tudo isto de sobejo, além da veemência, da facúndia, da gravidade e de uma inexcedível autoridade, unidas a um excelente e agradável comedimento do semblante, do porte, da voz e dos movimentos. [28] Sendo certo que estes atributos sempre se requerem num discurso perfeito e bem acabado, porventura não considerais que a eloquência é tão difícil de conseguir-se como excelente a honra de possuí-la? E assim ela é de grande eficácia para combater as injustiças, para tranquilizar os espíritos e até para seduzi-los e afastá-los de onde quiserdes, e para incitar a vontade dos homens nas situações difíceis.⁴⁵ Para não me referir ao mais, ela de tal modo é considerada necessária ao Estado que, assim como nela se encerra quer a respeitabilidade do juiz, quer a autoridade das magistraturas, quer a moderação da cidade e o incitamento às virtudes, da mesma maneira nada parece ser mais generoso, mais agradável, mais fecundo, mais proveitoso para o género humano, mais apartado da selvajaria e mais próprio da condição humana do que um discurso elegante, formoso, harmonioso e acepilhado. Finalmente, com ela, assim como os homens superam os brutos graças à razão, assim uns homens se avantajam a outros, por forma a vencer-se mediante a eloquência o que não consegue lograr-se pela força e pelas armas. Mas para que não pareça que por amor da Eloquência digo mais do que aquilo que pede o nosso discurso, passemos a expor por último a Gramática.

Esta, da mesma maneira que o dialético atende à verdade e o retórico ao ornato, assim o gramático ao que convém no discurso. Por forma a que neste não haja nada de desagradável, nada de obscuro e nada de bárbaro capaz [29] de ofender os nossos ouvidos, mas que com a elegância das palavras e a propriedade das expressões o discurso de tal sorte se abrilhante que afague os mesmos ouvidos e lhes cause sobeja deleitação. E a arte gramatical não se restringiu apenas a isto, mas ensinou as Musas Carmentas⁴⁶ a, mediante uma certa agradável diversidade de ritmos, comporem diversos cantares. E incitou os antigos escritores a, através de registos quase imorredoiros, tornarem como que presentes as nobres façanhas dos nossos antepassados.

Por outro lado, Sócrates definiu-a como uma espécie de alicerces e protecção das outras artes, afirmando que se estes não forem bem assentados, não haverá nenhuma outra ciência que possa duradoira e perfeitamente subsistir.⁴⁷ A ela, os antigos tinham-na em tão alta estima que Platão chama a Theuth, célebre descobridor desta arte (conquanto se atribuam a Cadmo as primeiras letras, ainda que com mais verdade a Moisés ou a Adão), pai de todas as ciências.⁴⁸ Motivo pelo qual se acha em certa maneira com direito a reivindicar todos os louvores e consideração.

Gramática

Audistis igitur, auditores humanissimi, uel minimam partem eorum quae disciplinis omnibus debeatur quantumque honorem et auctoritatem illis ueteres tribuissent. Has tamen non hominum industria, non humano consilio inuentas, sed Dei Optimi Maximi munere, primum Adamo et populo Hebraeo, deinde Graecis hominibus donatas esse credimus. Nam omnis [30] sapientia a Domino Deo est et cum illo fuit et semper est ante aeuum, et ipse creauit illam in Spiritu Sancto, et effudit illam super omnia opera sua et super omnem carnem secundum datum suum. Quae tamen, nescio qua temporum iniuria, uel hominum socordia, uel etiam diuina prouidentia, multis ab hinc annis paene sepultae iacuerunt, donec ipsius Dei iterum prouidentia, primum in Gallia, tum in Hispania, tandem in Lusitania reuixerunt.

Rex
Ioannes Quarum optima illa et iucunda possessio quam nunc ex illis habemus, etsi non effectori, moderatori tamen et conseruatori, regi nostro Ioanni huius nominis tertio, ut bonarum artium quam optimo patrono tribui debet. Qui non modo ut feritatem illam et barbariem, quae totam Lusitaniam inuaserat, e patria nixus est propulsare, uerum etiam, quasi humanis diuinis coniungens, ut optimis fidei praeceptis (quibus semper Lusitania abundauit), summa religione et sanctitate, sic bonis litteris et urbanitate res ipsa publica consisteret et ceteris ualde praestaret. Ex quo tantam gloriam est adeptus ut aliis, quos e rebus bellicis et partis uictoriis, uniuersis ferme Africa et Asia superatis, triumphos acquisiuerat, non modo se aequauerit, uerum etiam eosdem longe superauerit. [31] Conimbricam denique urbem frequentissimam, quam maiores eius perpetuam sibi sedem delegerunt, sapientiae ut locum daret, ipse cedens sapientiae, sapientibus aptauit, ut in qua urbe antea reges imperii sui insignia et diademata, in eadem uiri docti sapientiae palmas et coronas referrent.

Restat nunc, auditores humanissimi, ut aliquando perorem quae dicenda proposueram, et sicut uobis quodammodo artium fontes aperui, sic pro officio et religione commonerem, ut quibus studiis nunc datis operam, posthac multo feruentius et accuratius incumbatis, et non praemia, non humanam gloriam, quae cito deperditur, inde requiratis, immo Deum ipsum Optimum Maximum laborum uestrorum finem propositum habeatis, hoc unum in memoriam reuocantes, “sapientiae initium timorem esse Domini”, eamque in maleuolam animam nusquam intrasse. Atque ita animi aegritudines, quae ad hoc uerbis erunt impedimento, primum depellentes, animum uirtutibus quisque uestrum componat, et diuinis praeceptis, in quibus obseruandis omnis scientia continetur, tota contentione adhaerescat. Summa denique animi demissione sanctorum Patrum monumentis et Ecclesiae traditionibus semper oboediat [32] et omnino colum dulci iugo subiiciat, captiuantes intellectum in obsequium fidei, ne, sicut qui Solem intuentur eorum aspectus eius radiis uincuntur, sic intellectus uestri acies, diuinas res

Portanto, benévolos ouvintes, escutastes uma pequeníssima parte do que se deve a todos os ramos do saber e da grande honra e autoridade que lhes foram atribuídas pelos Antigos. Cremos, todavia, que as ciências não foram descobertas por diligência ou deliberação humanas, mas sim oferecidas por mercê de Deus Ótimo Máximo, primeiro a Adão e ao povo hebreu, e depois aos homens gregos. É que toda [30] a sabedoria provém do Senhor Deus e esteve e sempre está com Ele antes do tempo, e Ele mesmo a criou no Espírito Santo, e derramou-a sobre todas as Suas obras e sobre toda a carne em conformidade com a Sua dádiva. Estas ciências, todavia, por não sei que ultraje do tempo, ou por desleixo, ou até por vontade da divina providência, desde há muitos anos atrás que se mantiveram como que sepultadas, até que finalmente, de novo por providência do mesmo Deus, reviveram, primeiro na França, depois na Espanha e, por derradeiro, em Portugal.

A excelente e feliz posse das mesmas, de que hoje desfrutamos, deve atribuir-se, se não na qualidade de criador, sem dúvida na de governante e zelador, como inexcusável patrono das boas artes, ao nosso Rei D. João, deste nome o terceiro. O qual se esforçou, não só por desterrar da Pátria aquela rudeza e barbárie, que se apossara inteiramente de Portugal, mas também, como que juntando as coisas divinas às humanas, por que a própria nação assentasse, e às demais muito se avantajasse, tanto nos melhores preceitos da fé (nos quais Portugal sempre abundou), da mais pura religiosidade e santidade, como nas boas letras e na civilidade. Com isto alcançou tamanha glória que não só igualou, como de longe superou os outros triunfos que conquistara com as acções militares e vitórias conseguidas, vencendo quase toda a África e Ásia. [31] Finalmente, acomodou para os sábios a mui frequentada cidade de Coimbra, que os seus antepassados escolheram como sua morada perpétua, por forma a, submetendo-se ele próprio à sabedoria, dar lugar à mesma, a fim de que na mesma cidade em que anteriormente os reis recebiam as insígnias e diademas da soberania, aí os varões sábios ostentassem as palmas e coroas da sabedoria.

Rei D. João

Resta agora, benévolos ouvintes, que enfim conclua o que me propusera dizer, e assim como de certa maneira vos abri as fontes das artes, assim vos admoeste em favor do dever e da religião, para que doravante muito mais apaixonada e desveladamente vos consagreis aos estudos com que agora vos ocupais, e que neles não busqueis prémios e glória humana, que depressa se perdem, mas sim que proponhais como fim dos vossos trabalhos o próprio Deus Ótimo Máximo, tendo unicamente presente no espírito que o “o temor do Senhor é o princípio do conhecimento”⁴⁹ e que ela nunca entrou num espírito mal intencionado. E, assim, que cada um de vós, repelindo primeiro as inquietações da alma, que além disso serão embaraço para as palavras, apazigúe a mesma alma com as virtudes, e com o máximo empenho acate os divinos mandados, na obediência aos quais se cifra toda a ciência. Por derradeiro, com a mais completa humildade sempre dê ouvidos aos escritos dos santos Padres e ao ensino da Igreja [32] e por inteiro submeta a cerviz ao doce jugo, escravizando a inteligência em obséquio à fé, para evitar que, assim como os que fitam o Sol ficam com a visão destruída pelos raios dele, da mesma

temerarie contemplata, in erroris caecitatem incidat et ignorantiae tenebris inuoluatur, ne altum sapere, sed timere uideamini. Sicque in studiis uestris, uirtute et ingenio temperatis, magnos efficietis progressus, tandemque illam sapientiam consequemini, quae non, ut sapientia carnis, mors est, sed eam demum quae, de caelo delapsa, mentes uestras sic eleuet ac paene diuinis efficiat ut omnia, quae infra sunt, caduca, defluxa et mortalia, quorum etiam nec perfectam cognitionem habemus, plane cernentes, ad Saluatorem nostrum, Dei praepotentis filium, in quo omnes thesauri sapientiae sunt absconditi, aspirantes, eundem summa religione ueneremur atque, eius amore inflammati, caelesti tandem beatitudine nobis esse perfruentum certo speremus.

DIXI

maneira a vossa penetração intelectual, ao contemplar de modo temerário as coisas de Deus, caia na cegueira do erro e seja envolvida pelas trevas da ignorância, e para que não pareça que conhecemos o Céu, mas sim que o tememos. E assim fareis grandes progressos nos vossos estudos, devidamente sazoados com a virtude e a inteligência, e ao cabo obtereis aquela sabedoria, não a que, como sabedoria da carne, mais não é que morte, mas sim a que, descida do Céu, por tal forma eleva os vossos entendimentos e quase os torna divinos que, ao vermos claramente que tudo aquilo que se encontra por baixo é caduco, perecível e mortal, coisas de que mesmo assim não temos um conhecimento perfeito, aspirando ao nosso Salvador, filho de Deus Todo Poderoso, no qual se ocultam todos os tesouros da sabedoria, o veneramos com a máxima religiosidade e, abrasados no Seu amor, sentimos certa esperança de que devemos acabar por gozar da bem-aventurança celestial.

DISSE

(Página deixada propositadamente em branco)

ANTÓNIO PINTO

ORAÇÃO
EM LOUVOR DE TODAS AS CIÊNCIAS
E DAS GRANDES ARTES

1 de Outubro de 1555

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

I

Quem foi (ou não foi) o António Pinto autor da *Oratio* académica de 1555¹

Uma das espécies mais raras da bibliografia portuguesa quinhentista em língua latina é constituída pelo opúsculo, *in quarto*, de 40 páginas não numeradas, publicado por João Álvares, em Coimbra, presumivelmente no ano de 1555.² Na sua página de rosto inscreve-se: *ORATIO de scientiarum omnium magnarumque artium laude ab Antonio Pinto habita apud Vniuersam Conimbricensem Academiam Kalendis Octobris Anno Domini 1555. Ad Illustrissimum Ioannem Ducem Daueiro. Conimbricae. Apud Ioannem Aluarem typographum Regium.* Ou seja, em português: “Oração em louvor de todas as ciências e das artes elevadas pronunciada diante de toda a Academia Conimbricense por António Pinto no 1º de Outubro do ano do Senhor de 1555. Dedicada ao ilustríssimo Senhor D. João, duque de Aveiro. Em Coimbra, nas oficinas de João Álvares, tipógrafo régio.” O prefácio do autor, dirigido ao dedicatário, está datado de 15 de Outubro do mesmo ano de 1555 e encerra as pistas que nos permitiram, senão a identificação plena, pelo menos uma aproximação razoavelmente satisfatória, a este durante tanto tempo problemático António Pinto.

¹ Esta Introdução biográfica repete, nas suas linhas gerais e com algumas correcções e acrescentos, o texto do estudo do mesmo título, com o qual contribuimos para o volume colectivo de homenagem ao Doutor Braz Teixeira, intitulado *Convergências e Afinidades*, Lisboa, Centro de Estudos de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da UCP e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, pp. 339-367.

² Temos conhecimento directo do exemplar existente na Biblioteca Municipal do Porto, do qual nos servimos para a tradução e fixação do texto latino que irão ler-se nas páginas seguintes. A Biblioteca da Universidade de Coimbra possui outro exemplar desta raridade bibliográfica, em tudo idêntico ao espécime depositado na biblioteca portuense.

De facto, os bibliógrafos em geral e os estudiosos do humanismo português em particular,³ ao tratarem do autor desta oração académica, ou dele fizeram um ser compósito que resulta da sobreposição de vários homónimos, ou o têm confundido com o António Pinto de maior nomeada nos fastos do século XVI, ou lhanamente reconheceram a impossibilidade de chegar a conclusões definitivas, em face da escassez ou carácter inconclusivo dos elementos disponíveis.⁴ A esta atitude de forçosa resignação tínhamos chegado, depois de alguns anos de baldadas investigações, quando o mero acaso nos deparou a imprevista identificação do nosso xará quinhentista.

Cuidamos que estas três tendências resultaram, no fundo, da maior ou menor crítica com que se têm lido e seguido as pistas apontadas pelo artigo que, na *Biblioteca Lusitana*, Barbosa Machado consagrou ao nome que nos ocupa, razão pela qual pedimos vénia para a sua transcrição, relativamente extensa:

«António Pinto. Natural de Lisboa, não somente insigne na faculdade de Leis nas quais recebendo o grau de Doutor na universidade de Coimbra, ilustrou o Senado de Lisboa com o lugar de desembargador dos agravos, de que tomou posse a 3 de Dezembro de 1575, mas na elegância e pureza com que falava a língua latina, e na poesia de todo o género como entre os professores mais célebres desta arte o numera com grande louvor Pedro Sanches na “Epistola ad Ignatium Moraliu de Poet. Latin.” [*cita os três primeiros versos do trecho que Sanches consagra a António Pinto, que veremos na totalidade mais à frente*] Por estes singulares dotes o elegeu por seu secretário o insigne herói Lourenço Pires de Távora, quando foi por embaixador a Roma, e tanto confiou da sua prudente actividade, que lhe cometeu no ano de 1561 a grave incumbência de partir ao Preste João com cartas de Pio IV e del-rei D. Sebastião para que o imperador daquele vasto império mandasse seus embaixadores que assistissem ao Concílio Tridentino. O mesmo lugar de secretário exercitou com D. Fernando de Meneses embaixador na cúria recitando no ano de 1566 a oração obediencial em nome del-rei D. Sebastião na presença de S. Pio V

³ Especial menção merece Francisco José Avelar Nobre, que, como dissertação para licenciatura em Filologia Clássica, apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1962, o trabalho dactilografado *A oração laudatória de todas as ciências e das belas-artes de António Pinto*. A transcrição do texto latino e a versão portuguesa do mesmo são precedidas de uma laboriosa introdução, em que o autor, depois de nos apresentar o resultado dos seus diligentes esforços, com a verdadeira humildade dos sábios confessa: “Devemos desde já prevenir de que, à face da documentação encontrada, nos foi impossível atribuir a esse jurisperito a autoria da Oração, como o fez, categoricamente, Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*. Mas também nos pareceu arrojado atribuí-la, sem provas bastantes, a qualquer dos vários indivíduos que, com este nome, floresceram nas letras, no referido século. A dúvida, deste modo, persiste e fomos incapazes de transformá-la na certeza de que precisávamos, do que nos penitenciámos.” O. c., p. 4.

⁴ Posição do nosso Mestre e Amigo Professor Américo da Costa Ramalho, sintetizada no artigo que consagra a António Pinto na última edição da enciclopédia *VERBO*. Do mesmo autor, veja-se também *Camões no seu tempo e no nosso*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 21-23 e 199.

novamente sublimado ao trono de S. Pedro, a qual imprimiu em Roma com este título: “Oratio ad Pium V [...]”; “Oratio de scientiarum [...]”; “Regis Sebastiani infelix bellum, et obitus”, poema em verso heróico que se não imprimiu por não querer riscar a palavra *Fatum* que a indiscreta crítica do censor que examinou a obra mandava tirar; “Cartas originais sendo residente em Roma desde o ano de 1562 até 1572 para Lourenço Pires de Távora”. Manuscrito conservado na livraria do excelentíssimo marquês de Abrantes.»

Pensamos que Barbosa Machado adjudica a um único António Pinto elementos biográficos procedentes de, pelo menos, quatro personagens do mesmo nome: 1) o poeta latino retratado na epístola de Pedro Sanches; 2) o que no ano de 1561 recebeu a incumbência de partir ao Preste João com cartas de Pio IV e de D. Sebastião; 3) o doutor canonista, secretário de embaixada e agente, durante longos anos, da corte portuguesa em Roma, autor da oração obediencial ao papa Pio V; 4) o autor da *Oratio* pronunciada em Coimbra, em 1555.

De cada um deles nos ocuparemos agora em separado, no sentido de, também por exclusão de partes, chegarmos à determinação da identidade deste último.

1. Na célebre resenha e crítica que Pedro Sanches, sob forma de carta a Inácio de Moraes, faz dos portugueses seus contemporâneos que se aplicaram à poesia latina, lemos, nas páginas 22 e 23 do tomo primeiro do *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum, qui Latine scripserunt, nunc primum in lucem editum ab Antonio dos Reys*, Lisboa, Typis regalibus Sylvianis, Regiaeque Academiae, 1745:

Pintus adest alter, Pintus, cui carmina saepe
 Plura dedit Paeon, quam praebent litora conchas,
 Quam fert Hybla thymum, quam Ladon uoluit arenas :
 Et quamuis multos Regis perductus in aulam
 Ingenuos docuit iuvenes, sudavit et alsit
 Attamen ille fame tabescit, penula semper
 Ex humeris detrita cadit, toga pandit hiatus,
 Et uetus insidit ueneranda in fronte galerus;
 (Ne temere haec dicas te solum incommoda ferre)
 At bonus est, doctus, simplex, uir candidus, ut si
 Quisquam alius sancte nostro nunc degit in aeuo.

Ou seja, na nossa língua:

«Presente está um segundo Pinto, a quem amiúde Apolo mais carmes concedeu do que conchas oferecem as praias, do que tomilho produz o Hibla, do que areias o rio Ladão rola: e, ainda que, colocado na corte do rei, muitos moços nobres tenha ensinado e suado tenha e sofrido frios, não obstante definha de fome, a usada capa anda sempre a cair-lhe dos ombros, a toga abre-se em rasgões e sobre a veneranda frente assenta um chapéu velho: para que não te atrevas a dizer que és o único a

suportar estes incómodos. Mas é varão bom, douto, singelo e franco, igual a qualquer outro que hoje viva santamente na nossa época.»

A leitura deste retrato, além de imediatamente nos evocar aqueles versos de Cesário Verde, que todo o latinista português tão bem conhece:

“Dó da miséria!...Compaixão de mim!...”
 E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
 Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,
 Meu velho professor nas aulas de latim! ⁵

sublinha, por um lado, a fecundidade do estro desta mofina personagem, e, por outro, informa-nos do quão pouco lucrativa era a actividade profissional deste mestre que, consoante esclarece uma nota do compilador, sucedera a António Pinheiro como professor dos moços fidalgos com residência na corte (*“Antonius Pintus, post Antonium Pinheiro, magister Aulicorum Puerorum, vulgo: moços fidalgos”*). Ora, sabe-se que António Pinheiro foi escolhido para esta função em 1540-1541, logo após o seu regresso ao reino, depois dos anos de estudo em Paris, cargo que desempenhou antes de ser nomeado preceptor do príncipe herdeiro D. João (nascido em 1537 e morto em 1554). Da produção copiosa da musa latina deste António Pinto só temos conhecimento de duas composições, manuscritas, que se encontram no *Códice 8920* da BNL, fólhos 85 (recto e verso) e 96 (recto e verso), e com os seguintes encabeçamentos em português: *Versos de António Pinto, estando preso na cadea, sobre ãas palavras que disse a um desembargador* e *Outros versos de António Pinto sobela mesma prisão*.⁶ De ambas daremos, no Apêndice 1º, o texto latino e a versão portuguesa, podendo desde já adiantar que a inspiração deste poeta não nos parece que corresse parelhas com a torrencial abundância que Sanches lhe atribui.⁷ Para o fim meramente histórico que aqui perseguimos, interessa-nos

⁵ *O Livro de Cesário Verde*, “Cristalizações. III. Ao Gás”.

⁶ Em 1980 publicou Christopher L. Lund, com o título *Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista*, Almedina, Coimbra, a reprodução diplomática de um manuscrito, presumivelmente seiscentista, existente na Biblioteca do Congresso dos EUA com a cota P-129. Nele se enfeixam “histórias e ditos galantes que se disseram no paço” e se promete, no estilo de *slogan* caro aos compatriotas do editor: “matéria biobibliográfica inédita de Luís de Camões e outros escritores do século XVI.” Ora, nas pp. 171-172, menciona-se um “António Pinto, homem de notável habilidade. A ele só na poesia reconhecia Luís de Camões ãa certa excelência, de maneira que em sua presença não ousava muitas vezes fazer versos. Na prosa levava a todos os do tempo ãa ventagem tão conhecida / que por ordem del-rei lhe estava já encomendado continuar as *Décadas* de João de Barros na história da Índia, a qual obra lhe não chegou a dar princípio porque o tirou deste mundo a morte antecipada.” Infelizmente não possuímos quaisquer suportes documentais que nos permitam conceder grande crédito a esta notícia.

⁷ Não nos parece que estas duas composições consintam atribuir ao autor mais méritos que os de um paciente e memorioso ensamblador de versos e prosa alheios. À primeira leitura

colher os elementos cronológicos que estes versos oferecem e que se cifram em, em primeiro lugar, o autor, no verso 4 do segundo poema, se referir à sua idade provectora (*senis ... senem*), e, em segundo lugar, podermos datar a composição desta súplica metrificada, tal como a da anterior, numa data que se situa entre finais de 1560 e meados de 1569, uma vez que ambas estão endereçadas aos membros da Casa da Suplicação e à personagem que por inerência de cargo estava à sua frente, o regedor de justiça, aqui bem identificado como Lourenço da Silva. Ora, é bem sabido que o 13º regedor de justiça, comendador de Messejana e alcaide-mor de Lagos, Lourenço da Silva, foi nomeado para o desempenho desta importante função por alvará de 16 de Novembro de 1560, vindo a ser substituído quase nove anos depois por D. Luís Pereira de Castro, provido por alvará de 23 de Julho de 1569.⁸

2. Na Biblioteca da Ajuda, com a cota 49-IX-42, encontra-se um livro manuscrito, intitulado *Livro de cartas do senhor Lourenço Pires de Távora estando em Roma por Embaixador del-rei D. Sebastião para o mesmo rei e para a rainha Dona Catarina*, obra que supomos ter sido amplamente utilizada pelos compiladores do *Corpo Diplomático Português*. Das cartas diplomáticas que a compõem, a primeira é datada de 16 de Junho de 1559, imediatamente após a chegada de Pires de Távora a Roma,⁹ na penúltima indica o dia 23 de Abril de 1562 como o da saída definitiva da Cidade Eterna¹⁰ e a última foi escrita de Madrid, a 3 de Junho do mesmo ano de 1562.¹¹ No correr desta epistolografia diplomática, respigamos as seguintes referências a este segundo António Pinto, ex-cativo no Egipto e homem com todas as traças de agente duplo:

“Também levará este correo ãa carta de um António Pinto que está no Cairo e foi cativo com João de Lisboa” (Roma, 21 de Julho de 1559);¹²

“António Pinto e Bastião, criado, que foram cativos com João de Lisboa, estão em Messina segundo tenho por aviso de um amigo honrado daquela cidade [...] e consigo os mais portugueses que estavam cativos no Cairo, que creio chegam ao

se nos depararam várias citações directas de Virgílio, Juvenal e Cícero, além de constantes ecos de toadas conhecidas, estando nós convictos de que uma análise crítica um pouquinho mais detençosa (que o versista não merece) nos permitiria reduzir estes poemas à condição de centões.

⁸ Maria do Rosário Azevedo Cruz, *As Regências na Menoridade de D. Sebastião*, Lisboa, INCM, 1992, 1º volume, pp. 136-137; Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sintra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, II, pp. 63-64.

⁹ O. c., f. 1 vº. Em todas as transcrições de textos antigos em português actualizámos a ortografia, com respeito porém por todas as particularidades fonéticas próprias do português do século XVI.

¹⁰ O. c., f. 321.

¹¹ O. c., f. 322.

¹² O. c., f. 6 vº.

número de trinta ou trinta e tantos, por outros tantos mouros ou turcos comprados nestas partes” (Roma, 13 de Outubro de 1560);¹³

“António Pinto é muito prático nas cousas do Cairo e com sua informação tenho muita clareza do que ali se deve fazer em serviço de Vossa Alteza. Ordenei que ficasse nesta minha casa esperando pela repostagem de Vossa Alteza ao negócio destes cativos para ele ser o que leve os mouros ou turcos que se hão-de comprar, e como quem é tão prático tornar ao Cairo a acabar de concluir o livramento dos seus companheiros e fazê-los desembaraçar de todo e embarcar até Messina ou Veneza. [...] O dito António Pinto isto feito se quer ir do Cairo por terra à Índia por via de Hierusalém, Damasco e Alepo” (Roma, 9 de Novembro de 1560);¹⁴

“Enformei-me largamente de António Pinto que veio do Cairo da vida, do hábito, da conversação, do modo, do trato que o dito Bicudo tinha naquela cidade. [...] Por este António Pinto do Cairo entendi e deve saber pela liberdade que naquela cidade tinha e nela usar ofício de corretor” (Roma, Novembro de 1560);¹⁵

“Não achei outra [pessoa] mais suficiente que António Pinto que os dias passados veio do Cairo ao resgate dos cativos portugueses seus companheiros, e que atégora aqui esteve mal desposto, acha-se já bem oferece-se à dita jornada¹⁶ dizendo-lhe eu será serviço de Vossa Alteza e em certo modo mandando-se-lhe de sua parte ele se mostra esforçado e contente para o efeito, e cuida que o fará muito bem porque determina, sendo escravo do Turco, ainda que forro, e tendo os deste título grandes privilégios, pedir ao baxá do Cairo salvo-conduto para ir ao Abexim dizendo ser lá morto um seu irmão, da herança do qual espera recadar dinheiro, afirma, e eu creio, que lhe darão facilmente o dito salvo-conduto, e que poderá ir e trazer em sua companhia duas ou três pessoas em trajos dissimulados, quais o Preste ordenou que venham para se acharem no Concílio, e quando no salvo-conduto houvesse dificuldade, terá modo pela dita via passar por meio de cristãos do Abexim, e pela mesma virem os que o Preste mandar em trajos deromeiros que vem a Hierusalém, e postos em Alexandria facilmente se embarcarão para cá” (Roma, 12 de Agosto de 1561);¹⁷

“Quis Deus e ordenou a ventura não se achasse nesta corte outra pessoa mais suficiente para poder fazer esta viagem que o honrado António Pinto português experimentado em negócios e prático nas cousas do Cairo” (Roma, 23 de Agosto de 1561).¹⁸

¹³ O. c., f. 127.

¹⁴ O. c., ff. 137 vº-138.

¹⁵ O. c., ff. 146 e 147.

¹⁶ Refere-se ao envio de alguém ao Preste João com a incumbência de trazer um representante seu ao Concílio de Trento.

¹⁷ O. c., f. 270-270 vº.

¹⁸ O. c., f. 281 vº: daqui a 283 pode ler-se a cópia da carta que o embaixador Távora escreveu ao Preste João, de que António Pinto deveria ser o portador. Nos ff. 283-285 vº

3. Ocupar-nos-emos agora do António Pinto mais afamado, a vários títulos, do século XVI, e que, por uma irritante coincidência de circunstâncias, à primeira vista parecia reunir em si o maior número de probabilidades para ser inculcado como o autor da *Oratio* latina de 1555. Possuímos documentação não escassa sobre o percurso biográfico deste Doutor António Pinto, que tentaremos traçar de forma sumária e ajustada ao nosso intento.

Tanto a documentação coeva como as informações dos genealogistas coincidem em dar-nos o Doutor António Pinto como natural da vila transmontana do Mogadouro e como sobrinho do conhecido monge jerónimo frei Diogo de Murça, reformador da Congregação de Santa Cruz de Coimbra e um dos primeiros e mais activos reitores da universidade conimbricense. Felgueiras Gayo, no título dos Senhores de Felgueiras, apresenta-nos a linhagem do nosso autor, que extractaremos apenas nos itens que interessam ao nosso escopo:

- «7. Gonçalo Vaz Pinto, Senhor de Ferreiros de Tendais, teve:
- 8. Nuno Álvares Pereira, casou com Dona Isabel Pereira de Sampaio, tiveram:
- 9. Dona Maria Pinto Pereira, casou em Murça com Gonçalo Vaz Guedes,¹⁹ tiveram:
- 10. Frei Diogo de Murça;
- 11. Francisco Vaz Guedes,²⁰ casou no Mogadouro com Maria Valência, filha de Francisco Valência, fidalgo de Samora, e de sua mulher Maria de Burgos, o qual Francisco Valência tinha vindo para Portugal por causa da Excelente Senhora; tiveram:
- 12. António Pinto. Foi agente em Roma, mestre-escola da sé de Lamego, chantre da de Viseu, deão da de Coimbra e do conselho de Estado em Madrid e embaixador ao império.»²¹

copiava-se o breve em latim que o papa enviava ao soberano etíope pelo mesmo portador. Finalmente, os ff. 286-289 v^o transcrevem a instrução que o embaixador entregou a António Pinto “pera o que havia de fazer no Abexim”.

¹⁹ Apesar de nem Felgueiras Gayo nem os demais linhagistas que consultámos a ele se referirem, teve frei Diogo de Murça um cunhado de nome idêntico ao do pai, o licenciado Gonçalo Vaz, do qual encontrámos referências na correspondência travada entre o monge hieronimita e o rei D. João III: “O licenciado Gonçalo Vaz, meu cunhado, que serviu Vossa Alteza na comarca de Miranda do Doiro, é espedido da dita corregedoria ” (carta de frei Diogo, datada do Mosteiro da Costa, Guimarães, 25 de Março de 1542); “frei Diogo, vi a carta que me escrevestes sobre o licenciado Gonçalo Vaz, vosso cunhado, e pela boa enformação que dele tenho e por vosso respeito hei por bem de me servir dele no desembargo da Relação de Braga com aquele ordenado que tem os outros desembargadores dela e lhe escrevo sobre isso” (minuta de carta de D. João III a frei Diogo de Murça, de 1542). *Apud* Mário Brandão, *Coimbra e D. António Rei de Portugal. A educação de D. António*, 1^o tomo, Coimbra, 1939, pp. 145 e 153.

²⁰ Por uma questão prática colocámos frei Diogo de Murça antes do irmão Francisco Vaz Guedes, que era o morgado da casa de seus pais.

²¹ Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga, Carvalhos de Basto, 1989, 8^o tomo, pp. 287-288. As informações sobre os cargos de António Pinto não nos parecem totalmente correctas, como se verá.

Para que não restem dúvidas sobre o parentesco entre frei Diogo e António Pinto, baste-nos citar o seguinte passo de uma carta do embaixador Lourenço Pires de Távora para o rei: “e porque eles porventura darão outra informação a Vossa Alteza por o Doctor António Pinto sobrinho de frei Diogo de Murça ser meu secretário e cuidarem que com esse favor alcança justiça [...]”²² Também a heráldica nos leva à inclusão do nosso António Pinto nesta ilustre família transmontana, porquanto sabemos que usava no seu brasão de armas “cinco flores de lis e cinco crescentes”, ou seja, as tradicionais armas de Guedes e Pintos.²³

Apesar da luzida nobreza que o esmaltava pelo lado paterno,²⁴ sobre ele caiu a balda de cristão-novo pelo lado da mãe. De facto, o linhagista acabado de citar, sentiu-se obrigado a escrever em nota:

«Alguns quiseram infamar esta família dizendo que Maria Valência era filha de um médico de Mogadouro, porém de uma memória que vi se mostra o contrário, pois havendo no Mogadouro naquele tempo duas Marias Valências a mulher deste Francisco Vaz era diferente da outra, o que se mostrava por inquirição do Santo Ofício e serem seus filhos e netos clérigos e religiosos.»²⁵

Além de não deixarem de nos causar estranheza tantas coincidências de nomes estrangeiros numa localidade sertaneja como o Mogadouro, o facto é que outros indícios apontam na mesma direcção do sangue hebraico da progenitora do Doutor António Pinto.

O primeiro é a informação de Monsenhor André Calligari, que em correspondência enviada, em 1575, da Nunciatura de Lisboa para o cardeal Como, secretário de Estado do papa Gregório XIII, diz de Pinto “ser cristão-novo e tão novo que o seu avô materno, natural do Mogadouro, foi queimado por impenitente.”²⁶

Também um outro testemunho autorizado nos parece apontar sem margem para dúvidas neste sentido: o de D. Álvaro de Castro, sucessor de Lourenço Pires

²² *Livro de cartas do senhor Lourenço Pires de Távora*, o. c., f. 79. Carta de Roma, datada de 16 de Maio de 1560.

²³ Ver artigo de Charles-Martial De Witte, “Saint Charles Borromée et la couronne de Portugal”, *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, 7, nº 1, Janeiro-Março de 1966, pp. 114-156, onde, a propósito de uma carta de António Pinto, escrita de Roma a 25 de Fevereiro de 1574, o douto investigador belga, pouco versado em brasonística lusitana, cuida ver naqueles lises as armas dos Farnésios...

²⁴ Foi inclusivamente condiscípulo de D. Duarte, filho natural de D. João III, e de D. António, futuro Prior do Crato, nos estudos que estes régios pupilos frequentaram no Colégio da Costa, em Guimarães. Vide Mário Brandão, *Coimbra e D. António*, o. c., pp. 15, 16, 138, 141 e 142, onde se transcrevem cartas onde é designado como o “Antoninho, sobrinho de frei Diogo.”

²⁵ Felgueiras Gajo, obra e volume citados, p. 288.

²⁶ *Apud* José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*, I, Porto, Tipografia Porto Médico Lda., 1946, p.136. O texto original desta informação encontra-se, segundo este autor, no Arquivo Secreto do Vaticano, *Nunziatura di Portogallo*, vol. 3, f. 112.

de Távora na embaixada romana,²⁷ o qual, em carta ao rei de 11 de Setembro de 1562, escreve o seguinte:

«[...] pola qual [carta] entendi a ordem que havia por seu serviço que tivesse contra o requerimento com os cristãos-novos de seu reino trazem com Sua Santidade: creio que já Vossa Alteza terá sabido o que sobreeste caso fez António Pinto, o qual pôs isto em tais termos, que atégora se não falou mais neste negócio, e tenho sabido que stá o procurador desta gente de todo desesperado, por onde Vossa Alteza pode ver quão diferente informação teve de António Pinto, pois me mandava que o não fizesse sabedor desta matéria tendo-lhe ele feito todo serviço, que eu e qualquer outro ministro pudera fazer, e afirmo a Vossa Alteza que o que tenho conhecido deste homem é ter qualidades pera se fiar muito dele, e ser ele este, e filho dum homem honrado deve bastar pera satisfazer a raça que tem, que *nemo sine crimine uiuit*.»²⁸

Finalmente, certa posição tomada por António Pinto nos parece nascer da consciência do sangue “embaraçoso” que os seus avoengos maternos lhe legaram. Com efeito, tratando-se em 1591, em Madrid, da aprovação dos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, cuja revisão final correrá a cargo dos membros do Conselho de Portugal Doutor António Pinto, Doutor Pedro Barbosa e D. Jorge de Ataíde, este último, ao enviar a D. Cristóvão de Moura o texto definitivo, juntamente com o alvará de confirmação que o rei deveria assinar, acompanha-os de uma carta em que, a certa altura, escreve:

«Este livro foi visto pelos Doutores Pedro Barbosa e António Pinto e por mim, e se emendaram todas as cousas que nos pareceu a todos em conformidade. Só em duas cousas discordou António Pinto de nós. A primeira que diz o Estatuto antigo, que sempre houve, que os capelães da universidade sejam de *limpa geração* e sem raça. Ele queria que se tirasse isso, e que ficasse em lei mental, e que não ficasse em escrito. [...] Também diz o Estatuto Novo que as conesias doutorais e magistrais que se hão-de dar por oposição em Coimbra se não possam apresentar em elas pessoas que tenham raça. A isto contradisse o mesmo Doutor.»²⁹

²⁷ No período que nos interessa (1559-1588) as funções de embaixador português em Roma foram desempenhadas por Lourenço Pires de Távora (1559-1562); D. Álvaro de Castro (1562-1564); D. Fernando de Meneses (1566-1567); de novo D. Álvaro de Castro (1567-1568); D. João Telo de Meneses (1569); João Gomes da Silva (1578-1579). Como veremos, ou na qualidade de secretário dos embaixadores ou como agente do governo português, Pinto manter-se-á em Roma de 1559 até 1588, sendo neste ano substituído no cargo pelo sobrinho Francisco Vaz Pinto. Facilmente se depreende que o funcionamento da embaixada e a expedição dos negócios com a Cúria, na prática dependiam quase exclusivamente do Doutor Pinto. Veja-se Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 2º tomo, pp. 590-591.

²⁸ *Corpo Diplomático Português*, tomo 10, p. 20.

²⁹ Carta de D. Jorge de Ataíde a D. Cristóvão de Moura, Madrid, 17 de Novembro de 1591, in *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no Tempo da Invasão dos Denominados Jesuítas*, 1771, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1771, pp. 51-52. A vesânia antijesuítica dos autores do *Compêndio* cegou-os para este significativo detalhe da carta

Ora, atendo-nos aos informes fornecidos pelos arquivos da academia conimbricense, verificamos que, em 26 de Junho de 1549, António Pinto, natural do Mogadouro, provou a frequência de três cursos de cânones, iniciada em Outubro de 1546, e de seis meses de vacações (*Autos e graus*, tomo 3, f. 40); fez exame para bacharel na mencionada faculdade em 23 de Julho de 1550 (*Autos e graus*, tomo 4, livro 1, f. 37 vº); e, no mesmo dia, recebeu o grau respectivo (códice e livro citados, f. 38).³⁰ Em 30 de Outubro de 1557 o conselho da universidade escutou e deu provimento a uma

«petição do doutor António Pinto em que dizia que depois de bacharel em cânones nesta universidade esteve por muitos anos em Itália e algum tempo deles na universidade de Bolonha, na qual recebeu o grau de doutor na dita faculdade como constava da sua carta do dito grau que apresentava e por desejar ser incorporado nesta universidade onde recebeu o primeiro grau.»³¹

Por esta altura, já o Doutor António Pinto iniciara a incrível acumulação de cargos eclesiásticos, seguramente sem o ónus do pastoreio da grei cristã, que sobre ele, juntamente com ofícios civis, choveriam de uma forma incessante e copiosa e parecem demonstrar que o sangue hebreu não o desmerecia aos olhos dos poderosos de Portugal e de Roma.³²

Em 23 de Junho de 1559 Lourenço Pires de Távora, acabado de chegar à cidade papal, escreve para o rei português (mais exactamente, a rainha Dona Catarina, então regente na menoridade do neto D. Sebastião):

«Entre os homens que achei nesta corte para me poderem servir de secretário escolhi o doctor António Pinto que aqui era vindo ao negócio da dispensação da filha de Luís Álvares de Távora e por ele ser suficiente por letras e habilidade e por ser da nossa criação me parece poderei mui bem confiar dele, o que se deve fiar e isto farei enquanto ele puder e a mim não for necessário mudar deste propósito.»³³

A conselho do governo português, Pinto não acompanha Távora no seu regresso a Portugal e irá desempenhar junto do novo embaixador D. Álvaro de Castro as funções para que o talhavam “a prática que dos negócios de Roma tem e boa habilidade pera neles e em outros servir”, tratando-se de homem “do qual Sua Santidade tem muito conhecimento e assi todos os cardeais [...] e todos tem dele satisfação.”³⁴ Satisfação que se estendia não só ao regente português, que, por carta

transcrita, a tal ponto que está em manifesta contradição com o que se diz na página 18, que pretende ser consequência extraída deste mesmo passo.

³⁰ Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2º tomo, pp. 890-891.

³¹ Lúcia Cruz, *Actas dos Conselhos da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade, 3º volume, 1976, pp. 65-66.

³² Veja-se em José de Castro, *Bragança e Miranda (Bispado)*, o. c., 1º tomo, pp. 134-140, a enumeração dos principais cargos ligados à Igreja de cujos rendimentos gozou o Doutor António Pinto.

³³ *Livro de Cartas...*, o. c., ff. 3 vº-4.

³⁴ Carta de Lourenço Pires de Távora, de 12 de Abril de 1562. O. c., f. 326.

de 25 de Setembro de 1562, em nome del-rei o louva pelo seu bom serviço e pede continue a servi-lo com o novo embaixador D. Álvaro de Castro,³⁵ como também ao embaixador português ao Concílio de Trento, que, em missiva datada desta cidade, de 20 de Julho do mesmo ano, escreve ao seu soberano:

«Por algũas indulgências que tenho mandado pedir a Sua Santidade tenho entendido ser António Pinto mui bem ouvido e está Sua Santidade de mui bom ânimo para as cousas de Vossa Alteza e para os que estamos em seu serviço e que o dito António Pinto está habilitado e acreditado para que se Vossa Alteza mui bem possa servir dele em as cousas que naquela corte tocarem a seu serviço.»³⁶

Como remuneração pelos valiosos serviços que prestava ao bom andamento dos negócios entre a cúria romana e a coroa portuguesa, e para além das benesses eclesiásticas que nunca cessaram de o acompanhar,³⁷ recebeu, em 25 de Outubro de 1564, a nomeação para desembargador da Casa da Suplicação.³⁸

Em 22 de Abril de 1566 profere, no consistório público em que D. Fernando Meneses prestou, em nome de D. Sebastião, obediência ao recém-eleito papa Pio V, uma breve *Oração* latina, conforme era de praxe em tais solenidades, impressa pelo editor romano Julius Bolanus de Accoltis, que incluiu no opúsculo a brevíssima resposta que em nome do sumo pontífice pronunciou António Florebelli, bispo de Lavellino.³⁹

³⁵ *Corpo Diplomático Português*, tomo 10, p. 31. D. Álvaro de Castro entrou em Roma a 25 de Agosto do citado ano, como se vê de carta do Doutor António Pinto, de 6 de Setembro, dirigida de Roma ao rei português e que pode ler-se na página 16 do tomo 8º da colecção de textos diplomáticos acabada de citar.

³⁶ O. c., tomo 10, página 4. Do mesmo D. Fernão Martins Mascarenhas, veja-se o que, na mesma data, escreve a Lourenço Pires de Távora: “António Pinto, do qual estou tão contente segundo tenho entendido do seu proceder que tendo Sua Alteza naquela corte por agente escusaria com sua boa diligência um embaixador mor achando ele tão boa graça em Sua Santidade.” O. c., *ibi.*, página 5. Ver também carta do mesmo ao mesmo, de 17 de Agosto do mesmo ano, o. c., *ibi.*, página 7.

³⁷ E que parece não tinha muito pejo em pedir, como se vê do seguinte passo de uma carta ao recém nomeado arcebispo de Braga D. Agostinho de Castro: “Despois que Vossa Senhoria for em Braga cuidarei nas mercês que lhe hei-de suplicar e não será sobre visitaçõ de igrejas, por[que] nesse seu arcebispado não tenho mais que cem mil réis de pensão em ãa igreja, sendo eu natural dele.” Carta datada de Roma, 30 de Maio de 1588. Arquivo Distrital de Braga, *Gaveta das Cartas*, doc. 112, 1 vº. No mesmo arquivo, *ibi.*, com os números 113, 115, 116 e 230 se guardam mais quatro cartas de António Pinto ao mesmo destinatário, datadas respectivamente de 13 de Junho de 1588, 5 de Setembro de 1588, 1º de Outubro de 1588 e 10 de Março de 1592. As três primeiras foram escritas em Roma e a última em Madrid.

³⁸ ANTT, *Chancelaria de D. Sebastião*, livro 13, f. 383 vº.

³⁹ Veja-se o Apêndice II, onde reproduzimos o texto latino e damos a nossa versão deste discurso de circunstância, que, se não desabona os merecimentos de desempeçado latinista do Doutor Pinto, tão-pouco, pela sua brevidade e obrigada estreiteza de tema, permitiria uma brilhante revelação dos mesmos, caso eles fossem excepcionais.

Sabemos que esteve em Portugal pelo menos nos anos de 1568⁴⁰ e 1575,⁴¹ sem podermos precisar a data de início e a duração das estadas. De 12 de Maio de 1580, em plena crise sucessória do trono lusitano consequente à morte do rei D. Henrique (31 de Janeiro do mesmo ano), data a seguinte carta sua, escrita de Almeirim e dirigida a D. Filipe II de Espanha, merecedora de reprodução integral pelos elementos biográficos que fornece e por retratar à perfeição o feitio moral desta personagem:

«S[acra] C[atólica] M[ajestade]

O embaxador D. Cristóvão de Moura me deu ãa carta de Vossa Majestade per que me agardece a boa vontade com que para ele entendeu me empregava nas cousas de seu serviço, significando-me a satisfação que disso tem e segurando-me da gratificação continuando eu nela.

Beijo a real mão de Vossa Majestade pola honra e mercê que com esta carta me fez, que, como muito avantajada ao meu merecimento, estimei no grau que ela merece: e não sendo esta minha vontade, de que ora Vossa Majestade foi certificado, nova, senão muito antiga, como poderão testemunhar os embaxadores e outros seus ministros que, de vinte e cinco anos a esta parte, residiram em Roma

⁴⁰ Tal se conclui de carta do embaixador D. Álvaro de Castro para o rei, Roma, 17 de Junho de 1568: “Por um correio de Espanha que aqui chegou aos 14 deste entendi como António Pinto era partido de Barcelona por mar diante dele seis dias, os tempos tem corrido maus, Deus o trará a salvamento.” *Corpo Diplomático Português*, tomo 10, página 315. A proximidade de datas também nos faz supor que, se não portador da carta de D. Sebastião para o papa Pio V, de Lisboa, 20 de Maio de 1568, pelo menos deverá ter ficado directamente inteirado, em entrevista provável com o cardeal D. Henrique, do assunto aludido no seguinte passo: “Com toda humildade envio beijar seus santos pés, muito santo em Cristo padre e muito bem-aventurado Senhor, ao Doctor António Pinto do meu desembargo escrevo que de minha parte fale a Vossa Santidade em um certo negócio de muito serviço de Nosso Senhor e que toca ao officio da Santa Inquisição nestes reinos [...]” Biblioteca da Ajuda, 46-X-22 (Symmicta Lusitanica), ff. 61 v^o-62.

⁴¹ Fundado em informações enviadas de Lisboa pela nunciatura e hoje existentes no Arquivo Secreto do Vaticano, José de Castro, *D. Sebastião e D. Henrique*, Lisboa, União Gráfica, 1942, pp. 81-83, faz a súmula do que nesta altura se escreveu para Roma acerca de António Pinto: “Fora para Portugal, levando na algibeira breves ótimos do Santo Padre a recomendá-lo a el-rei e ao cardeal para ser beneficiado do melhor modo possível, recompensa aos seus serviços na Cidade Eterna. O cardeal infante nomeou-o arcediogo da catedral, a segunda dignidade depois da de pontifical, com renda de 1500 ducados, [Arq. Sec. do Vat. – Nunz. Di Port. – vol. 2, f. 124 v^o] o que não impediu que todos, desde el-rei até à rainha Dona Catarina, se empenhassem no seu regresso a Roma a prestar os mesmos serviços que até então tinha prestado. Isto, não obstante ser cristão novo [...] o que causava maravilha à corte de Lisboa, sobretudo por ver que ele se diz não só camareiro como secretário do Santo Padre. [lugares e obras citados, f. 112] Pois apesar de cristão-novo partiu para Roma outra vez carregado de cartas de recomendação: do rei [...]; da rainha Dona Catarina [...]; da infanta Dona Maria [...]; e do cardeal D. Henrique [...]. Enfim, o Doutor António Pinto partiu de Évora para Roma no dia 3 de Dezembro de 1575.”

e noutras partes de Itália, se vivos forem, pode Vossa Majestade ter por certo que não haverá nela mudança, e que antes crecerá muito vendo-o neste Reino, como espero e desejo, porque com isso se me oferecerão ocasiões de empregar o resto que me fica da vida em seu real serviço, como tenho feito a passada no dos reis D. Anrique [vº] e D. Sebastião, vossos tio e sobrinho, que Deus tem, e de merecer honras e favores da real grandeza de Vossa Majestade, que o Senhor conserve e com muito acrescentamento prospere por largos anos.

D'Almeirim, 12 de Maio de 1580

O dottor Antº Pinto»⁴²

Não espanta, pois, que, com a mudança de dinastia, o Doutor António Pinto continuasse a gozar em Roma da confiança do novo rei de Portugal, que dele se serviu como encarregado dos negócios eclesiásticos pertencentes à nova coroa agregada ao seu vasto império. É com manifesto orgulho que, em carta de 23 de Maio de 1583, confessa a Filipe I:

«Senhor: Antre outras cartas que recebi de Vossa Majestade aos 20 deste mês, vinha ãa feita em 9 de Março, per que mandou significar a satisfação que recebera do que fiz de minha parte no despacho da legatia de Portugal em pessoa do sereníssimo cardeal arquiduque e a diligência com que se despacharam e enviaram as letras do arcebispado de Goa e do pálio. Beijo a real mão de Vossa Majestade por esta mercê, que é grande consolação a quem serve, como deve, entender que seu serviço e trabalho seja accepto.»⁴³

⁴² Arquivo Geral de Simancas, *Estado, legajo 419, carta 125, rº e vº*. Neste volumoso maço se encontram reunidos inúmeros testemunhos directos de adesão às pretensões filipinas ao trono português procedentes de compatriotas nossos das mais diversas origens sociais e profissões, a maior parte dos quais, em nossa opinião, têm o inegável interesse pedagógico de mostrar os insuspeitados abismos de baixeza moral a que pode descer a natureza humana quando movida pela *auri sacra fames*.

⁴³ *Corpo Diplomático Português*, tomo 12, página 425.

No Arquivo Geral de Simancas, o códice *lib 1549, Secretarias Provinciales*, contém toda a correspondência que António Pinto, como agente da Coroa portuguesa em Roma, daqui enviou desde 15 de Novembro de 1583 até 28 de Novembro de 1588, data da derradeira carta, na qual escreve: “E eu me partirei amanhã, prazendo a Deus, e ficará meu sobrinho, o licenciado Francisco Vaz Pinto, como em outra digo, correndo com os negócios da Coroa de Portugal, per ordem do Conde de Olivares, até vir a pessoa que me houver de suceder, como Vossa Majestade tem ordenado.” Códice citado, f. 648.

A informação relativa à data da partida é corroborada pela seguinte passagem da carta que Francisco Vaz Pinto dirigiu, a 14 de Dezembro de 1588, ao rei D. Filipe I de Portugal: “O dottor António Pinto, meu tio, se partiu desta corte no último dia do mês passado, e me ordenou da parte de Vossa Majestade que houvesse de ficar nela continuando os negócios de seu serviço, até vir a pessoa que Vossa Majestade houver por bem que lhe haja de soceder neste cargo.” *Ibi.*, f. 655.

Como “Apêndice 3º” a esta Introdução decidimos transcrever uma carta e parte de outra, datadas de Março e Junho de 1585, e nas quais o Doutor António Pinto descreve a recepção com que foi acolhida em Roma a embaixada de jovens nobres japoneses, relatada também pela pena latina do jesuíta Duarte de Sande no livro *De missione legatorum iaponensium ad*

No entanto, volvidos três anos, ou por julgar que a recompensa régia não correspondera às esperanças que acalentara ao prestar tão pronta adesão ao novo monarca português, ou porque de facto (ao que se pode depreender das palavras abaixo transcritas) os cofres do tesouro público se mostravam remissos em prover ao pagamento dos salários que lhe eram devidos, o facto é que respiram um tom lamentoso estes termos com que conclui uma carta ao seu amo:

«Sou forçado a dizer a Vossa Majestade que não posso continuar mais tempo este serviço, porque, de seis anos a esta parte que fui a Badajoz, tenho consumido no serviço de Vossa Majestade um honesto cabedal que tinha junto e, demais disso, empenhadas minhas rendas, pera o mesmo efeito e por outras obrigações de caridade cristã: de maneira que me não posso ajudar delas como atégora foi. Vossa Majestade me manda dar dous mil cruzados cada ano. Estes, ou polas necessidades da fazenda de Portugal, ou não sei porquê, não se me pagam senão tarde e mal. Eu sou forçado a gastar cada ano cinco mil, e tantos tenho gastado cada um dos passados, e alguns mais, vivendo com toda a moderação possível.

Pelo que beijarei a Real mão de Vossa Majestade por me mandar fazer mercê e prover no pagamento do dito ordenado de maneira que me possa sustentar, ou me conceda licença pera me tornar pera minha casa, onde servirei o melhor que puder e souber e como fazem os outros sem obrigações públicas.

E não sendo esta pera mais, Nosso Senhor guarde e acrecente o Real estado de Vossa Majestade.

De Roma, 12 de Julho de 1586

O dor. António Pinto»⁴⁴

Dada pelo rei satisfação aos seus queixumes, como parece indicar a continuação da sua permanência em Roma por mais dois anos, o Doutor António Pinto viu enfim plenamente recompensados os seus serviços ao novo governo da pátria, ao ver-se nomeado, em 1588, para o Conselho do Reino de Portugal, com assento em Madrid. Sabemo-lo por breve pontifício do 1º de Outubro desse ano, no qual Sisto V, alegando esse motivo, concede por

«tempo de dois anos ao Doutor António Pinto, seu secretário particular, arcediogo e cónego da catedral de Lisboa, e a João Pinto,⁴⁵ clérigo de Braga, por autoridade apostólica coadjutor com futura sucessão de António Pinto na administração do canonicato, prebenda e arquiidiaconado da referida igreja, todos os frutos, rendas e

Romanam curiam dialogus, publicado pela primeira vez em Macau, no ano de 1590, e traduzido por Américo da Costa Ramalho com o título *Diálogo sobre a missão dos embaixadores japoneses à cúria romana*, Macau, Fundação Oriente, 1992 (1ª ed.) e Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, volumes I e II dos “Portugaliae Monumenta Neolatina”, 2009 (2ª ed., com reprodução do original latino). O texto da obra de Sande correspondente à relação do Doutor Pinto encontra-se no volume 2º da ed. acabada de citar, pp. 456-543.

⁴⁴ Códice citado, f. 255.

⁴⁵ Sobrinho de António Pinto.

demais emolumentos, tal qual como se eles residissem em Lisboa e assistissem no coro aos ofícios divinos.»⁴⁶

Na mesma data, aliás, em carta endereçada ao arcebispo de Braga D. Agostinho de Castro, António Pinto, ao mesmo tempo que de novo se mostra um zeloso arrimo dos sobrinhos, aponta para breve a sua partida de Roma, que de facto se deu, como já atrás vimos, no final do mês de Novembro de 1588:

«[...] até que me parta, que espero será neste mês, ou, a mais tardar, no que vem: e enquanto não chega Marcos Teixeira ficará aqui neste serviço Francisco Vaz Pinto, meu sobrinho, que servirá Vossa Senhoria no que lhe mandar melhor que eu, que sou já velho e cansado.»⁴⁷

À actividade governativa desenvolvida em Madrid já atrás fizemos referência, quando citámos uma passagem de carta de D. Jorge de Ataíde a D. Cristóvão de Moura. A última informação documental que temos sobre a passagem do Doutor António Pinto por este mundo é da sua própria mão e apresenta-no-lo em Madrid, no dia 10 de Março de 1592, informando o arcebispo de Braga do estado em que o achou a carta que este lhe escrevera,

«que é tal que [...] há perto de quatro meses que não pude sair da minha [casa], com gota que me tem desbaratado de maneira que posso dizer que já não presto pera nada. [...] porque eu estou tão velho e cansado que pouco poderei durar.»⁴⁸

4. Chegados ao António Pinto autor da *Oratio* académica pronunciada em Coimbra no 1º de Outubro de 1555, cumpre-nos atentar no prólogo deste impresso, uma vez que é nele (tal como apontámos no início deste estudo) que se encontra a chave do intrincado enigma de identificação que nos ocupa. Antes, porém, retenhamos o pormenor de que o autor, no corpo do seu discurso, com as seguintes palavras expressamente parece confessar que se encontra em anos juvenis: *Nec mebercle dubium esse puto, quin uobis bodie et temerarius, et iuuenilis cuiusdam arrogantiae appetens uidear, quod huius loci auctoritatem contingere ausus fuerim* (“Nem, por Deus, me restam quaisquer dúvidas de que hoje vos pareça ser atrevido e dominado por uma espécie de arrogância juvenil, por ter tido a ousadia de ocupar este lugar prestigioso”).⁴⁹

Passemos agora a transcrever a totalidade do preâmbulo-dedicatória:

«Quam illustrissimo laudatissimoque Domino Ioanni,
duci de Aueiro primo,
Antonius Pintus cum ueneratione magna s.

⁴⁶ José de Castro, *O Prior do Crato*, Lisboa, União Gráfica, 1942, pp. 379-380. A cópia deste breve, extractado por este autor, encontra-se, consoante informa, no Arquivo Secreto do Vaticano, *Arm* 32, vol 27, f. 452

⁴⁷ Carta do 1º de Outubro de 1588, de Roma, para D. Agostinho de Castro. Arquivo Distrital de Braga, *Gaveta das Cartas*, doc. 116, f. 1 vº.

⁴⁸ Arquivo Distrital de Braga, *Gaveta das Cartas*, doc. 230, f. 1.

⁴⁹ *Oratio de scientiarum ...*, o. c., f. 2.

Cum postularent amici, dux quam illustrissime, ut orationem, quam de scientiarum commendatione Calendis Octobris publice habueram, uellem emittere, primum equidem recusauī, ueritus ne, emissa illa oratione, quam nec tempore satis nec otio mentis adiutus (quae duo scis ad scribendi studium maxime requiri), sed partim dolore, partim negotio impeditus composueram, temere in uaria hominum iudicia diuersasque uoluntates inciderem. Nam, cum Idibus Augusti infaustam sane et acerbam de obitu fratris patruelis mei Ferdinandi de Campo, in quo et amorem et spem collocabam, epistolam acceperam, confestim ad eius sororem Leonoram, quae me arcessierat, profectus sum, ut ad eius negotium apud serenissimum regem conficiendum, cuius pro incredibili pietate et beneficentia tua patrociniū ac protectionem suscepisti, omnia tuo iussu praepararem.

Sed, cumulantibus amicis rem ut sibi uidebatur honestam resistere non possum, tuo fretus praesidio, princeps maxime, hoc publicae editionis periculum subiui. Itaque paruū munusculum tibi multis de causis offerre sum ausus: tum quia te studiorum omnium egregium et laudatorem et patronum academia nostra nacta est, ita ut quicquid sit de scientiarum laude tuo nomine consecratum non dubitem quin et placide accipias et iucunde ac alacri animo perlegas, tum quod hunc ingenioli mei fructum, quantuluscumque est, tuo tibi iure refferre debui, nam quotiens in regiam tuam me conferebam ad sororia negotia opem expetens, totiens clarissimum os tuum et iucundissimum, in quo tantum ingenii et eruditionis lumen apparet, me maxime ad scribendum illustrabat; accedit etiam te illis uirtutibus, quas in optimo principe inesse oportet, humanitate et beneficentia, praestantissimum esse.

Accipiens igitur hanc oratiunculam, quia parua tuo nomini consecrata sit, Artaxerxis illud ante oculos pones *βασιλικὸν εἶναι μικρὰ λάμβάνειν*.

Leonorae sororis opitulaberis, cuius equidem, nisi eam praesidio haberes, grauius miseriam et orbitatem, quam fratris desiderium, deplorarem; opitulandi munus recordabere te, cum princeps natus sis, a Deo Optimo Maximo acceperis.

Vale, dux felicissime, Deumque precor ut maximam nominis tui amplitudinem, cum illustrissima natorum tuorum prole, diutissime felicissimeque conseruet.

Conimbricæ, Idibus Octobris.»

Ou seja, em português:

«Com grande respeito António Pinto envia saudações
ao ilustríssimo e mui afamado Senhor D. João,
primeiro duque de Aveiro

Ilustríssimo duque, tendo-me os amigos pedido que quisesse dar a lume a oração que, em louvor das ciências, eu pronunciara em público no 1º de Outubro, a minha primeira reacção foi recusar, temendo que, uma vez publicada aquela oração, para cuja composição não só não dispusera de tempo suficiente nem tivera o concurso

da tranquilidade de espírito (requisitos ambos que, consoante sabeis, sobremaneira se requerem para a actividade literária), mas também me vira embaraçado em parte pelo desgosto e em parte por ocupações, afrontaria de modo temerário os juízos variados e as diversas disposições de espírito dos homens. É que, como tivesse recebido a 13 de Agosto uma assaz triste e dolorosa carta noticiando a morte do meu primo co-irmão Fernando do Campo, em quem depositava afecto e esperança, de imediato parti a encontrar-me com a sua irmã Leonor, que me chamara, a fim de, para tratar diante do sereníssimo rei dos interesses dela, cujo patrocínio e defesa, em conformidade com a vossa excepcional humanidade e bondade, tomastes a vosso cargo, tudo aprontar segundo as vossas ordens.

Mas, uma vez que não posso resistir a amigos que me pedem uma coisa que parecia honrosa, apoiando-me na vossa ajuda, nobilíssimo senhor, arrotei este risco de sair à luz pública. E assim atrevi-me, por muitas razões, a oferecer-vos um pequenino presente: não apenas porque a nossa Academia encontrou em vós um egrégio apologista e patrono de todos os estudos, de tal maneira que não duvido de que acolheis de bom grado e ledes com alegria e entusiasmo tudo quanto se vos dedique acerca do louvor das ciências, mas também porque com toda a justiça vos deveria devolver como vosso este fruto do meu parco engenho, por pouquinho que ele valha, porquanto, todas as vezes que me dirigia ao vosso paço, esperando ajuda para os assuntos da minha prima, sempre a vossa nobilíssima e ameníssima boca, que dá mostras de tamanho brilho de inteligência e erudição,⁵⁰ sobremodo me inspirava para escrever; acresce também que vós vos singularizais por aquelas virtudes que melhor quadram ao príncipe perfeito: a afabilidade e a bondade.

Por conseguinte, ao aceitardes este pequeno discurso, porquanto, embora de somenos, vos está dedicado, lembrai-vos daquele dito de Artaxerxes: *É próprio do rei receber coisas pequenas*.⁵¹

Acudireis à minha prima Leonor, de quem, se a não tomardes sob a vossa protecção, estou certo de que mais deplorarei a miséria e desamparo do que me punge a saudade do irmão; lembrai-vos que, ao nascerdes príncipe, recebestes de Deus Óptimo Máximo a obrigação de socorrer.

⁵⁰ Parece não haver exagero áulico nestes encarecimentos dos dotes intelectuais do duque D. João de Lencastre (1501-1571), a darmos crédito às palavras com que D. Jerónimo Osório se lhe refere no f. 103 vº do tratado dialogado *De regis institutione et disciplina*, Lisboa, João de Espanha, 1571, que aqui apresentamos na nossa versão: “Acabando eu de dizer isto, interveio então D. Francisco de Portugal: – Como eu gostaria que o duque de Aveiro, D. João, tivesse podido estar presente nesta nossa conversa! Tenho a certeza de que ter-lhe-ia sido de muito prazer! – Quanto a mim, disse eu, não sinto grande desgosto por ele não estar presente, pois se aqui estivesse ter-nos-ia podido amedrontar com a sua inteligência, que é poderosíssima.” Vd. D. Jerónimo Osório, *Da Ensino e Educação do Rei*, Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto, Lisboa, INCM, 2005, pp. 158-159.

⁵¹ Cf. Plutarco, *Artaxerxes*, 5.

Ficai de saúde, felicíssimo duque, e rogo a Deus que, com imensa prosperidade e incessantemente, conserve o máximo prestígio da vossa nomeada, em companhia da vossa ilustríssima prole.

Em Coimbra, 15 de Outubro.⁵²

Da leitura deste prólogo se conclui que a dedicatória ao duque de Aveiro tem como objecto primordial buscar o valimento do ilustre titular para a desamparada Leonor, privada do arrimo do irmão Fernando do Campo, precoce e inesperadamente falecido no correr de 1555 e primo co-irmão de António Pinto. Uma vez estabelecida a identidade dos primos Campo e, se possível, a relação de Leonor com a Casa de Aveiro, estaria dado o passo decisivo para a determinação de quem era (ou melhor, de quem não era) este António Pinto.

Ora, durante alguns anos malograram-se todas as nossas investigações nesse sentido, quando, no local e momento menos esperados, o mero acaso das nossas leituras vagabundas nos desatou de golpe todos os nós deste problema. De facto, numa fazenda do interior do Pará, onde veraneávamos, vimo-nos na necessidade de satisfazer o nosso vício de leitura com a sumariíssima biblioteca de que os nossos hospedeiros dispunham, que se reduzia a uma Bíblia e a uma edição, de catadura muito modesta mas eruditamente anotada por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão.⁵³ Ora, em nota a um passo do texto quinhentista em que se faz referência ao primeiro donatário da capitania de Porto Seguro, Pedro *do Campo* Tourinho, informava Rodolfo Garcia que este intrépido povoador:

- era vizinho de Viana do Minho;
- era casado com Inês Fernandes *Pinta*;
- a 19 de Novembro de 1554, com a mulher, renunciara a capitania (que tomou em doação em 7 de Outubro de 1534) a favor de seu filho *Fernando do Campo*, mandado logo meter na sua posse, e a quem, por falecer sem herdeiros, substituiu sua irmã *Leonor do Campo*, que obteve confirmação em 30 de Maio de 1556;
- e, finalmente, que *Leonor do Campo*, em 16 de Julho de 1559, viúva, obteve alvará de licença para vender a capitania de Porto Seguro ao *duque de Aveiro*, sendo a escritura passada a 9 de Agosto deste ano e confirmada a 6 de Fevereiro de 1560.⁵⁴

⁵² O. c., f. 1 vº.

⁵³ Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das Grandezas do Brasil*, Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1943.

⁵⁴ Resumimos o conteúdo da Nota 29 à obra citada na nota anterior, pp. 90-92. Tivemos também presente o que escreveram sobre estas personagens: Francisco Adolfo de Varnhagen, *História Geral do Brasil*, 5ª edição, São Paulo, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948, tomo

Acresce que Pedro Tourinho, pelo seu carácter assomadiço e anticlerical, acabou, em 1546, por ser posto em ferros por ordem do vigário de Porto Seguro, que improvisou um tribunal e procedeu a inquirições, formando um processo que, juntamente com o acusado, vieram para Lisboa em 1547. Entre os inquiridos no processo, que foi recentemente publicado,⁵⁵ encontramos um António Pinto, cunhado de Pedro Tourinho, um Pedro Mousinho, escudeiro do duque de Aveiro e um Manuel Colaço, capelão do mesmo titular, os dois primeiros com dois anos de residência no Brasil e o último aqui residente há ano e meio. A documentação compulsada pelo editor do processo inquisitorial permitiu-lhe escrever que: “Em 1544 Leonor do Campo, residente em Viana na Rua de São Sebastião, aparece no rol da cobrança do empréstimo ordenado nesse ano [pelas Cortes de Almeirim], escusando-se do pagamento *por seu pai ser capitão no Brasil*.”⁵⁶

Eis, pois, finalmente e sem sombra de dúvidas, o primeiro passo na identificação do António Pinto autor da *Oratio* de 1555, passo que, ao que supomos, nos permite pôr desde já de parte os três outros homónimos com que, em maior ou menor grau, tem sido confundido. É certo que com alguma plausibilidade se poderia pensar numa identificação com o António Pinto poeta latino e mestre-escola maltrapilho. Pendemos a crer, no entanto, que o pobre homem que, numa data indeterminada entre 1560 e 1569, se caracteriza como “velho”, muito dificilmente seria o mancebo que em 1555 pede ao auditório académico escusa pelo seu arrojo juvenil.

Cumpre-nos agora fazer alguns comentários ao exposto.

A primeira observação tem a ver com o facto de, sendo António Pinto primo co-irmão de Fernando e Leonor do Campo, e sendo a mãe destes Inês Fernandes Pinto (ou *Pinta*, ao modo quinhentista), parecerá ao leitor da tradução portuguesa que o parentesco entre os primos vem por via materna. Dá-se, porém, o caso que a língua latina é muito mais rigorosa que a nossa na especificação dos graus de parentesco, e o que de facto lemos na dedicatória da *Oratio é frater patruelis*, isto é, “primo co-irmão pelo lado do pai”, circunstância que ainda se torna mais

1º, p. 210; Capistrano de Abreu, *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, Belo Horizonte-São Paulo, Editora Itatiaia, 1988, p. 33-34

⁵⁵ António Matos Reis, *Entre o Sucesso e a Desgraça: Pêro do Campo Tourinho, fundador de Porto Seguro*, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 2000. A transcrição do processo ocupa as pp. 91-171.

A menção de Leonor do Campo pode ler-se no fólio 52 do códice manuscrito com cota 533, intitulado “Contribuição do concelho de Viana em relação ao pedido feito pelo rei nas Cortes de Almeirim de 1544”, existente no Arquivo Municipal de Viana do Castelo, cuja reprodução nos foi gentilmente cedida pelo seu director, o Dr. António Maranhão Peixoto, a quem queremos deixar publicamente consignado o nosso agradecimento por toda a cooperação com que contribuiu para o enriquecimento deste trabalho e para a divulgação do nome e obra deste até hoje ignorado Autor vianense.

⁵⁶ O. c., p. 10. Do processo consta também como testemunha um “Pêro Correia cavaleiro fidalgo: que tinha com ele [Tourinho] contrato feito para casar com sua filha.” O. c., p. 114. É de supor que este matrimónio contratado nunca se tenha concretizado.

complicada ao atentarmos que Pedro Tourinho tinha um cunhado, solteiro, também chamado António Pinto. Tendo em conta o modo aparentemente arbitrário como os sobrenomes mais díspares se distribuíam no século XVI pelos filhos dos mesmos pais, pode perfeitamente dar-se o caso de António Pinto ser de facto sobrinho de Pedro Tourinho, e não da mulher: com a qual, aliás, muito verosimilmente, Tourinho poderia ter laços de consanguinidade. Saliente-se, no entanto, que o linhagista Felgueiras Gayo, no título consagrado aos Tourinhos de Viana, ao enumerar os filhos de Gil Pires de Tourinho e de Branca Quesado, pais de Pedro do Campo Tourinho, entre os irmãos deste não aponta nenhum de sobrenome Pinto: o que tão-pouco é conclusivo, porquanto poderia tratar-se de apelido da família do cônjuge, repescado pelo filho António nos costados do outro progenitor.⁵⁷

A segunda observação tange à ligação que aqui se notou com a casa do duque de Aveiro. É possível que o interesse de D. João de Lencastre pela capitania de Porto Seguro já fosse anterior à morte de Fernando do Campo (leva-nos a supô-lo a presteza com que, conforme se depreende das palavras de Pinto, o duque nos aparece disposto a servir de mediano perante o rei na defesa dos assuntos da desamparada Leonor do Campo) e parece-nos provável que tenha sido despertado, ou pelo menos avivado, por aquelas pessoas ligadas à sua Casa que encontrámos como depoentes no processo de Pedro Tourinho.

Avancemos agora um passo na determinação mais concreta da identidade do nosso António Pinto.

O erudito e arguto historiador da Universidade de Coimbra, Mário Brandão, supôs que o António Pinto autor da *Oratio* do 1º de Outubro de 1555 é a personagem do mesmo nome que, como substituto, ocupou, em 4 de Março de 1555, a docência da cadeira de maior prestígio (a 1ª classe) das humanidades no Colégio das Artes quando Diogo de Teive, lente da mesma, ascendeu ao principalado desta Escola Real. Como prova aponta uma carta do jesuíta Padre Leão Henriques, reitor do Colégio de Jesus, dirigida a um confrade e datada de 4 de Março de 1555, na qual o informa de que a substituição tinha sido encarregada a Pinto. Desdobra depois o sagaz investigador o currículo de dois Antónios Pintos, parecendo-nos que se pode depreender das suas palavras que na atribuição da autoria do texto latino e da docência da 1ª classe de Humanidades oscila entre o Pinto do Mogadouro e um Pinto de Coimbra. Põe de parte:

«um outro António Pinto, natural de Viana de Caminha, que não deve ser o professor do Colégio Real, visto que só em 4 de Fevereiro de 1555 prestou prova de ter ouvido do Curso de Artes que lera no Colégio dos Jerónimos Mestre Luís Álvares Cabral, e do que regera Mestre Nicolau de Grouchy no Colégio das Artes, o tempo

⁵⁷ Felgueiras Gayo, o. c., volume 9, p. 613. Comete alguns ligeiros deslizes, talvez mais consequência de leituras imperfeitas do que erros substanciais.

e livros requeridos para bacharel em Artes» [*Autos e Graus*, t. 5, l. 3, f. 40],⁵⁸ «grau que lhe foi conferido em 21 do dito mês» [*código e livro citados*, f. 42)].⁵⁹

Ora, menos feliz do que nós, a quem uma acidental descoberta pôs no bom caminho, a intuição do eminente mestre falhou ao descartar da autoria da *Oratio* o António Pinto vianense, seu indisputável autor, se neste incerto mundo pode haver certezas sobre alguma coisa. Aliás, não se nos antolha momentosa a objecção que invoca, porquanto o facto de o António Pinto minhoto receber o grau de bacharel em Artes a 21 de Fevereiro não parece razão impeditiva para nos princípios de Março se encontrar a leccionar como substituto de Teive.

Para concluir, chamemos a atenção para dois factos que decorrem da análise da documentação académica que sem margem para dúvidas se refere ao nosso António Pinto vianense.

O primeiro tem a ver com a insólita circunstância de António Pinto colar grau de bacharel em Artes volvidos quase cinco anos após a conclusão da parte curricular necessária para a admissão ao respectivo exame. Com efeito, sabemos que o candidato àquele grau em artes “tinha de demonstrar previamente por meio de duas testemunhas ajuramentadas, escolhidas entre os discípulos, que frequentara dois e meio o Curso de Artes, durante os quais ouvira explanar a lógica e ética e dois livros de filosofia natural de Aristóteles.”⁶⁰ Como acabámos de ver, António

⁵⁸ No Arquivo da Universidade de Coimbra copiámos directamente os termos do assento a que a citação *supra* faz referência:

“António Pinto

Provou António Pinto, de Viana de Caminha, diante do Senhor Reitor, que ouvira, do Curso que leu o mestre Luís Álvares no Colégio dos Hierónimos, e do Curso que leu o mestre Nicolau Grochi, todo o tempo e os livros necessários pera se fazer bacharel em Artes. E foram testemunhas Pero de Sousa e Hierónimo de Forcada, e eu, Diogo de Azevedo, o escrevi a 4 de Fevereiro de 1555 anos.”

⁵⁹ Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, o. c., tomo 2º, pp. 890-891. É a seguinte a acta da cerimónia aludida no texto, também por nós copiada no Arquivo da Universidade de Coimbra:

“Graus dos bacharéis artistas do Curso de Manuel de Pina

Aos vinte e dias do mês de Fevereiro de 1555 anos na cidade de Coimbra e sala dos paços del-rei nosso Senhor onde se fazem os semelhantes autos, sendo í presente o senhor frei Diogo de Murça, reitor, e o doutor Afonso do Prado, decano das faculdades de Teologia e Artes, e assi toda a mais faculdade das Artes: o mestre Manuel de Pina deu o grau de bacharel na dita faculdade aos estudantes abaixo nomeados, que são do Curso que ele ora lê e que começou o mestre Monçon, e assi deu o grau de bacharel a outros estudantes que foram doutros Cursos, de que abaixo faço menção. E o dito grau deu às quatro horas da tarde e os ditos bacharéis são os seguintes: [*seguem-se, nesta página 42 e na seguinte, vinte e sete nomes, entre os quais:*] [...] António Pinto, de Viana de Caminha, do Curso do mestre Luís Álvares Cabral [...]. E foram testemunhas dos ditos graus de bacharéis que o dito Manuel de Pina lhe deu os mestres António de Souto e Melchior Beliago e Francisco Carlos, que os examinaram, e o doutor Afonso do Prado e o doutor António Vaz e o mestre Fabrício e outros muitos e eu, Diogo de Azevedo, lhe dei juramento que esto escrevi.”

⁶⁰ Mário Brandão, *Coimbra e D. António*, o. c., p. 93.

Pinto provou a sua frequência dos Cursos de Artes regidos pelos mestres Nicolau de Grouchy e Luís Álvares Cabral. Ora, tal como mostrou o indefesso historiador que nos tem servido de guia, o único Curso ministrado em Coimbra pelo professor francês foi sincrónico com o do colega português acabado de citar e decorreu entre 1547 e 1550,⁶¹ sendo ponto assente que o mestre bordalês em Fevereiro de 1551 já se encontrava bem longe das terras lusas, certamente escarmentado com as prisões que viu sofrerem os seus colegas e amigos Diogo de Teive, João da Costa e Jorge Buchanan.⁶² Qual a razão que levaria o nosso Autor a protelar durante tempo a conclusão formal da única graduação académica que lhe conhecemos?

O outro facto a merecer-nos referência, conquanto não possuamos elementos documentais que nos permitam fazer quaisquer extrapolações, é a conclusão a que chegámos de que este António Pinto minhoto foi em Coimbra, no Colégio dos Jerónimos e no Curso de mestre Luís Álvares Cabral, condiscípulo de D. António, futuro Prior do Crato, tal como em Guimarães também o fora o seu homónimo transmontano. Assim, sabemos que D. António, em 9 de Março de 1550, provou ter ouvido “do mestre Luís Álvares Cabral todo o tempo e os livros necessários pera se fazer bacharel em Artes.”⁶³ Ora, sendo o tempo de frequência do Curso de Artes exigido por lei, tal como já dissemos, dois anos e meio, segue-se que o António Pinto, de Viana do Minho, e D. António, filho natural do infante D. Luís, frequentaram em conjunto parte (como veremos) do Curso que aquele professor iniciou em Outubro de 1547 no Colégio dos Jerónimos. Com efeito, D. António abandonou no ano seguinte o Colégio de S. Jerónimo, trocando-o pelo Mosteiro de Santa Cruz, sendo acompanhado nesta mudança pelo seu mestre Luís Álvares, que continuou a ler o Curso de Artes no novo cenário dos gerais dos Crúzios. A maior parte dos condiscípulos acompanharam o régio pupilo e concluíram, em Março de 1550, sob a regência do mesmo mestre, o Curso começado dois anos e meio antes.⁶⁴ Porém, os alunos pertencentes à Ordem de S. Jerónimo e dois outros escolares leigos – o nosso António Pinto e um Henrique Mendes – transferiram-se para o Colégio das Artes, passando a frequentar o Curso de Artes que então aí professava o mestre francês Nicolau de Grouchy.⁶⁵

⁶¹ *Id.*, *Coimbra e D. António*, o. c., p. 30.

⁶² *Id.*, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, o. c., tomo 1º, p. 668-669.

⁶³ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, t. 5, l. 2, f. 40.

⁶⁴ Mário Brandão, *Coimbra e D. António*, o. c., p. 49.

⁶⁵ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Provas de Cursos*, t. 3, l. 3, f. 108.

APÊNDICES

APÊNDICE 1°

Biblioteca Nacional de Lisboa – *Códice 8920*

A

[85] *Versos de António Pinto, estando preso na cadeia, sobre ùas palavras que disse a um desembargador.*

Ad clarissimum et illustrissimum Dominum Laurentium Siluium maximum iustitiae rectorem in Regnis Lusitaniae et ad amplissimum senatum sacri praetorii conquestio.

Quid meruit, rector iustissime, caelitus orbi
Lisiaco concessit: meae quae causa catenae
tam durae ac uitae non conuenientis inermi.
Quid merui, patres conscripti: crimine uestrum
5 quo laesi nomen: quae furta aut uulnera feci
quas caedes quae damna dedi: quae incendia ieci
quae [stupra] aut thalami quae tetigi sacra pudici
religiosarum quae rupi claustra: sacratae
quod maiestatis crimen: quo grande tonantis
10 offendi numen: caelo numen: caelo quae bella parauit
more giganteo: poenis ut talibus angar
inclusus densis tenebris et carcere caeco
personae et carae tanto discrimine uitae
ut si latro ferus uel si plagiarius essem
15 uel quem pompeia uel sanctio iulia damnat
leniter ex merito quidquid patiare ferendum
[quae] uenit indigne magnum fert poena dolorem
clamat et hic clamor supero peruatit Olympo
[85 v°] est mea poena quidem uarie cumulata meaque
20 sorte aliena satis laesus non laedor iniquo
conuicio tactus patior quis (quaeso) quis umquam
supplicium laesi laedentis uidit honorem
uel poenam culpae uel culpam demere poenae
me miserum quanti cogor meminisse doloris

APÊNDICE 1º

A

[Tradução:]

[85] Queixume dirigido ao nobilíssimo e ilustríssimo Senhor Lourenço da Silva, regedor-mor de justiça nos Reinos de Portugal, e aos excelentíssimos membros da Casa da Suplicação

Justíssimo regedor, concedido pelo Céu à terra lusitana, porque mereci? Qual a causa da minha cadeia tão dura e não apropriada a uma vida inofensiva?

Membros do tribunal: porque mereci? Com que crime atentei contra o vosso prestígio? Que furtos ou violências físicas cometi, que assassínios, que danos occasionei, que incêndios ateei, que estupro, ou que santidade toquei de honesto tálamo? Que clausuras de religiosas violei, que delito contra a sagrada majestade que me levasse a cair no desagrado da potestade grande do Tonante, que guerras, à imitação dos Titãs, aparelhei contra o Céu, para ser atormentado por tais penas, encerrado em densas trevas e num cárcere sombrio, com tamanho risco para o meu prestígio e a estimada vida, como se fosse um feroz salteador ou um ladrão de escravos ou alguém a quem as leis júlia ou pompeia condenam?

Calmamente te prestarias a tudo quanto se deve suportar por o merecer, mas causa grande dor o castigo que vem injustamente. Brada, e este brado penetra pelo elevado Olimpo. A minha pena foi acrescentada de vários modos, e não sou assaz ultrajado por [uma pena] que não pertence à minha condição; suporto, ferido por iníquo baldão.

Pergunto: quem, quem jamais viu que o suplício do ultrajado suprimisse a honra do que ultraja ou a pena da culpa ou a culpa da pena?

[85 vº] Ai mofino de mim, que sou forçado a lembrar-me de tão grande dor! Não deve dar-se tribulação ao atribulado. Olha-se como culpa replicar a quem diz “Não falas verdade”. Que poderia a razão, que poderia a regra do estrito direito se é tida por mais elevada a condição daquele ofício do que a minha? Deste modo tanto mais

- 25 Afflicto non danda afflicio: culpa uidetur
 dicenti “uerum non dicis” reddere uerbum
 quod ratio possit stricti quod regula iuris
 officii illius ratio si maior habetur
 quam mea: sic tanto grauior sua culpa profecto
- 30 “omne animi uitium tanto conspectius in se
 crimen habet: quanto maior qui peccat habetur”
 ut Iuuenalis aut satirae descriptor acerbae
 quanto maior eris tanto submissior inquit
 Tullius eloquii princeps auctorque latini
- 35 iura pios reddunt homines: quid mitius aequo
 iustitia est melior cui sit clementia iuncta
 quam cui durities: “ius summum: iniuria summa”
 caelestes animos diuina scientia iuris
 efficit: ex caelo prodit sapientia caelo
- 40 mitia cuncta quidem crudelia nulla leguntur
 si mea fata uolunt ne tales soluere poenas
 soluere me facient: sed non meruisse ualebunt
 haec mala mihi dant infelicia: sed tu
 «parce pias scelerate manus», aequissime rector,
- 45 parce: memento tui generis quod condidit ille
 Siluius Aeneas genus a quo principe ducis
 huic pater Aeneas troius quo iustior alter
 nec pietate fuit nec bello maior et armis
 ut fert Virgilius romanae gloria musae.
- 50 Vos quoque, conscripti patres, moderamine iusto
 mancipis obsequio uestro subscribite causae
 sitque satis uinctum semel has uidisse tenebras
 me quia nulla uiro poena hac est maior honesto.⁶⁶

⁶⁶ Mantivemos a pontuação e grafia do manuscrito original, corrigindo, de forma assinalada no texto, um ou outro deslize evidente do copista.

Nota à tradução: Levado pela necessidade de acomodar ao seu caso particular o acervo de citações clássicas ou jurídicas que pretendeu embrechar nestas súplicas metrificadas, António Pinto cai em vários passos num estilo demasiado alusivo que só o conhecimento do processo judicial ou dos atropelos de que se queixa poderia iluminar. Daí o carácter de tentame que atribuímos à nossa versão, não nos parecendo, por outro lado, que se nos levará a mal não termos perdido demasiado *oleum et operam* com este colega quinhentista.

grave [é] a sua culpa, pois é certo que “quanto em mais alta conta alguém é tido, tanto mais visivelmente nele todo o defeito de ânimo incorre na pecha de crime”, como diz Juvenal⁶⁷ ou o pintor da acerba sátira, “quanto mais elevado estiveres, tanto mais humilde”, consoante Túlio, príncipe e modelo da linguagem latina, “o direito torna os homens benévolos: que [há] de mais suave do que a justiça? Melhor justiça é aquela a que se juntou a indulgência do que a que se uniu à dureza”, “direito extremo, extrema injustiça”,⁶⁸ a divina ciência do direito torna celestiais os espíritos, a sabedoria nasce do Céu, o Céu recolhe tudo quanto é suave e nada do que é cruel.

Se o meu Fado quer que eu sofra este castigo, far-me-á sofrê-lo: mas não conseguirá tornar-me dele merecedor. Um Fado ruim me causa estas desventuras. Mas tu, justíssimo regedor, “abstém-te, abstém-te de tornar criminosas as tuas mãos piedosas.”⁶⁹ Lembra-te da tua linhagem, que fundou aquele Eneias Sívio, príncipe de que procedes: foi seu pai o troiano Eneias e não existiu ninguém mais justo nem superior nem mais denodado nas armas e na guerra do que ele, conforme narra Virgílio, glória da musa romana.

Vós também, veneráveis magistrados, com justo tino, mediante a vossa deferência, aprovai a causa do reclamante e seja pena bastante ter visto no cárcere uma vez estas trevas, porque para um varão honrado não há pena maior do que esta.

⁶⁷ *Sat 8. 140-141.*

⁶⁸ *De officiis*, 1. 10. 33.

⁶⁹ *Eneida*, 3. 42.

B**[96]** *Outros versos de António Pinto sobela mesma prisão*

Ad illustrissimum Dominum Laurentium Siluium maximum in Regnis Lusitaniae rectorem iustitiae et amplissimum sacri praetorii senatum petitio

Rector iustitiae caelestis maior imago
iudiciis in terris expressa figura superni
quid miserum lacerare sinis uinctumque senemque
5 infirmum et guttae magnis angoribus actum
iustitiae patris summi clementia iuncta
haeret et ira pio sua demulcetur amore
respice: quod princeps respexit maximus: ille
haec mala quae patior: censet grauiora ferendis
quod iubet id fieri manda diuna quid obstat
10 iussa sequi: causis cum sint mandata probatis
est pietate tua iam nunc mea poena leuanda
precipue cum fata luo: non crimina: sed tu
parce diu tenebris indignis “parce sepulto”
tam premit unius qui sentit honore diei
15 poena uirum quantum multos tolerata per annos.
Vos quoque collegii iustissima numina sacri
doctores famulo iustum conferte fauorem
huic uestro: illiusque irae subscribere tantae
parcite nobilitas nescit saeuire, sed ultro est
20 pacis amans: saeuitque animis ignobile uulgus
[96 v°] Est quod debetis iustumque piumque modestum
non eadem uulgus debent et lumina rerum
impedimenta probant : quam me crudeliter angat
quam nocet inualidae nulla ratione saluti
25 nam quid (te summi testor moderatorem Olympi)
ad rem : cum nostri sit gratia regis [homagi]
quod mihi iure meo uos concessistis: id ergo
cum teneam quid habere domi prohibebor abunde
rege uolente: bona frustra fit gratia regi
30 Adde quod alterne loquitur lex regia nostrae
materiae: namque illa domi uel in arce prehendi
praecipit: eligere ergo potest qui debitor exstat
praterea cur acta mihi si nulla nocebunt
Haec bona iura uolunt rapidis comburere flammis
35 causa quidem nulla et acta nulla ac omnia nulla
occidunt hominem nulli (quo iure) nocentem
de ratione satis: uirtuti cetera trado
uestrae: quae semper fuit ardentissima iusti.

B**[96]**

[Tradução:]

Petição ao ilustríssimo Senhor Lourenço da Silva, regedor-mor de justiça nos Reinos de Portugal, e aos excelentíssimos membros da Casa da Suplicação

Regedor, mor imagem da celestial justiça, nítido retrato na Terra do juiz do Alto, porque deixas atormentar um desgraçado aprisionado e velho, enfermo e arrastado à lágrima por muitas aflições? A clemência do Pai supremo está estreitamente ligada à justiça e a Sua ira apazigua-se com o compassivo amor. Atende àquilo a que atendeu o mais alto dos príncipes. Ele julga que estes males que suporte são mais pesados que toleráveis, ordena tu que se faça aquilo que [Ele] manda; que impede de seguir os mandados divinos? Uma vez que se trata de mandados [em] causas aprovadas, desde agora a minha pena merece ser aliviada pela tua compaixão, sobretudo porque sou castigado pela minha má sina, não por delitos, mas tu “poupa quem durante muito tempo jazeu sepultado em trevas indignas”,⁷⁰ a pena de um só dia rebaixa tanto na honra o varão que sente quanto a que é suportada durante muitos anos.

Também vós, justíssimos numes do Santo Tribunal, mais doutos, concedei um justo favor a este vosso fâmulos: abstende-vos de dar o vosso assentimento à tão grande ira daquele, a nobreza não sabe ensanhar-se, mas é naturalmente amante da paz: e o vil vulgo ensanha-se contra as almas. **[96 vº]** Vós estais obrigados ao que é justo, benévolo e comedido: o vulgo e as luminárias do mundo não estão obrigados a um mesmo proceder. As dificuldades demonstram quão cruelmente me atormentam, quanto sem qualquer razão me faz mal à débil saúde. De facto (tomote por testemunha, ó Senhor do alto Olimpo), que importa: uma vez que [existe a graça da menagem do nosso rei], que vós me concedestes por meu direito; logo como tenho isso, porque serei proibido de possuí-lo abundantemente em casa, querendo-o o rei? [Debalde se está nas boas graças do rei?] Acresce que a lei régia fala alternadamente à nossa matéria, pois determina que seja preso em casa ou na fortaleza: logo, o condenado pode escolher. Além disso, por que é que, se nenhuma acções me hão-de fazer mal, querem queimar estes bons direitos com rápidas chamas? Certamente que uma causa e acções nulas e um total de coisa nenhuma matam um homem que a ninguém fez mal? Com que direito?

Basta no que tange a razões. O demais entrego-o à vossa virtude, que sempre se abrasou no vivo amor da justiça.

⁷⁰ Cf. *Eneida*, 3. 40.

APÊNDICE 2°

R. ANTONII PINTO LVSITANI ORATIO ad Pium V Pont. Max. In publico consistorio habita. Illustriss. D. Ferdinando Menesio Sebastiani I Portugaliae Regis nomine oboedientiam praestante. XXII Aprilis, MDLXVI. Romae. Apud Iulium Bolanum de Accoltis. In Banchis, in uia Paulina.

[Aii] Si ullo unquam tempore, Pater Beatissime, Christiana Respublica nefaria haeticorum impietate lacerata, spem concipere aliquam potuit: fore, ut tandem aliquando in pristinam illam suam integritatem, dignitatem, ac potentiam restitueretur: eam quidem uel maximam Sanctitate tua in hanc celsissimam Pontificiae dignitatis Sedem euecta, propositam sibi esse arbitratur. Nam diuina plane, totiusque humanae affectionis expers, Tui in apostolici istius muneris principatum assumptio: hoc ipsum indicare, et anteactae uitae tuae Sanctitas, morum integritas, praestans bonitas, et sapientia: tuum illud ardentissimum in Christiana religione, et Catholica fide tuenda, et propaganda studium, omnibus manifeste uidentur ostendere: inueniri non potuisse similem tibi, qui conseruaret legem excelsi. Plurima quidem P. B. uirtutum exempla, tua mihi uita suppeditat: quorum iucunda commemoratio, et ad imitationem, et ad ipsius Reip. spem corroborandam magnopere pertineret: quae cum nota, perspectaque sint omnibus: oratione prosequi superuacaneum esse existimaui. Omnes quidem Christianos Principes, praeclarae eximiaequae tuae uirtutis admiratione adductos certum est, accepto amplissimi istius tibi delati honoris nuntio, maxima quadam laetitia fuisse perfusos. Serenissimus uero Portugalliae Rex Sebastianus, ut te semper praecipua quadam ante alios beneuolentia fuerat prosecutus: ita ex amplificatione dignitatis tuae singulare quoddam praeter [Aii v°] ceteros gaudium cepit. Itaque indictis statim, per omnes Regni sui partes, publicis supplicationibus, gratias Deo agendas curauit, quod Spiritus Sancti gratia, corda uestra Patres amplissimi illustrauerit: ut sapientissimis sententiis, Pontificem Max. eum dixeritis, in quo ea insunt religionis, sapientiae, iustitiae, aliarumque uirtutum omnium ornamenta: ut Pontificia potestas

APÊNDICE 2º

[TRADUÇÃO:]

Oração proferida pelo R. Ant3nio Pinto, portugu4s, ao Santo Padre Pio V, no consist3rio p3blico em que o ilustr3ssimo Senbor D. Fernando de Meneses prestou obedi4ncia em nome do rei de Portugal D. Sebast3o I, em 22 de Abril de 1566.

Em Roma, na oficina de Julius Bolanus de Accoltis. Em Banchis, na uia Palatina

[**Aii**] Se jamais, Sant3ssimo Padre, a cristandade, dilacerada pela abomin4vel impiedade dos hereges, p3de acalentar alguma esperan7a de que algum dia h4-de vir a ser restitu3da 4quela sua origin4ria integridade, dignidade e poder, certamente julga que a tem certa diante dos olhos com a eleva7o de Vossa Santidade a esta excelsa cadeira da dignidade pontificia. 4 que 4 ind3cio disto mesmo a vossa assun7o, totalmente divina e sem qualquer interven7o de afectos humanos, ao principado dessa fun7o apost3lica, e a santidade, integridade de costumes, excepcional bondade e sabedoria da vossa vida precedente, aquele vosso ardent3ssimo desvelo em zelar e propagar a religi3o crist4 e a f4 cat3lica, parecem mostrar com toda a evid4ncia que n3o se teria podido encontrar nenhum outro como v3s para conservar a lei do C3u. Certamente, Sant3ssimo Padre, que a vossa vida me fornece in3meros exemplos de virtudes, cuja apraz3vel evoca7o serviria n3o apenas para a imita7o, mas tamb3m em grande medida para fortalecer a esperan7a da mesma cristandade; mas achei que seria sup3rfluo referi-los, uma vez que s3o p3blicos e not3rios a toda a gente. 4 indubit4vel que todos os pr3ncipes crist3os, atra3dos pela admira7o pela vossa not4vel e excepcional virtude, foram inundados por uma alegria deveras grande ao receberem a not3cia dessa important3ssima honraria a v3s concedida. Mas o seren3ssimo rei de Portugal, D. Sebast3o, assim como vos honrara com uma especial benevol4ncia antes dos outros, da mesma maneira se regozijou singularmente mais do que os restantes com os acrescentamentos da vossa dignidade. [**Aii vº**] E assim, depois de imediatamente ordenar preces p3blicas por todas as partes do reino, tratou de que se dessem gra7as a Deus por a gra7a do Esp3rito Santo ter inspirado os vossos cora73es, eminent3ssimos Padres, para, com conselhos muit3ssimo s4bios, dizerdes a este Sumo Pont3fice em que se fundam os ornamentos da religi3o, da sabedoria, da justi7a e de todas as outras virtudes, por

omni ex parte adornata, et decorata esse uideatur. Vt uestrum autem prudentissimum iudicium, unanimesque concordiam, miris in caelum laudibus extollit: ita ingentes uobis gratias agit, quod Christianae Reipub. ita consulistis: ut optimi cuiusque expectationi, integritate et uirtute uestra satisfeceritis. Gratulatur etiam uobis Patres, quod praeclarissimo isto facto, quo solius Dei honorem, eiusque ecclesiae utilitatem, uos secutos ostendistis, immortalem apud omnes homines laudem gloriamque comparastis. Gratulatur Catholicae Ecclesiae, quod talem fuerit sortita rectorem. Tibi uero P. B. delatum honorem maximum, et summam quam adeptus es de Christiano populo benemerendi auctoritatem, et potestatem, quanto potest animi studio gratulatur, sibi gaudet, et cum regnis suis in Domino exultat. Misset Serenissimus Rex huius suae laetitiae significandae, debitaque oboedientiae tibi praestandae causa, oratorem ad te alterum: sed cum propter magna locorum interualla, itinerisque difficultates, nimis seram gratulationem futuram uideret: et suam animi uoluptatem primo quoque tempore cuperet declarare, Ferdinando Menesio generis nobilitate, uirtuteque praestanti uiro, Regni Consiliario, suoque apud hanc Sedem apostolicam Oratori, quem propter eius fidem, atque prudentiam ipse plurimi facit, et pro ea qua te prosequitur [Aiii] obseruantia, tibi aliorum omnium gratissimum fore existimauit, negotium per litteras dedit, ut hoc munere apud tuam Beatitudinem quamprimum diligentissime fungeretur. Is igitur non minus hilari, et iucundo, quam pio animo, potentissimi Sebastiani Primi Portugalliae, et Algarbiorum Regis Serenissimi nomine, quae ab optimo, et obsequentissimo filio expectari, et desiderari possunt, obsequium, reuerentia, oboedientiam, tibi PIE Pontifex Optime: sanctaeque huic apostolicae sedi, summa pietate pollicetur, et praestat. Regnaque sua omnia, opes, et fortunas, gentes sibi subditas, et earum studia, tuae auctoritati sic defert, ut se, et quascunque obtinet prouincias, in tua potestate fore, tibi persuasum esse magnopere uelit. Profitetur etiam nihil unquam sibi optatius futurum, quam maiorum suorum uestigiis inhaerendo, istius Sanctae sedis potestatem, dignitatem, et auctoritatem tueri, conseruare, et augere. Vetus enim hoc Portugalliae Regum institutum est: Vetus atque perpetua in Romanos Pontifices et Apostolicam Sedem, Christianamque Religionem, fides, studium, pietas, et obseruantia. Nam si ipsius Regni initia repetam, eius quidem pars maxima, Regum uirtute, et opera, ab impia Sarracenorum tyrannide liberata Apostolicae huius Sedis cultui, oboedientiaeque restituta est: illisque in Africam usque compulsis, atque fugatis, urbes plurimas, et oppida munitissima illius prouinciae, infidelibus expulsis Reges ipsi praestanti uirtute, ditioni suae, Christianaeque Reipub. adiecerunt. Quid hoc loco commemorem mirabilem, maioribus inauditam, paeneque incredibilem totius Oceani maris nauigationem? qua non tam Imperii augendi, quam Christianae religionis propagandae studio, innumerabiles [Aiii v°] hominum copias, ornatissimis

forma a que o poder pontifício se veja adornado e honrado por todas as partes. Por outro lado, assim como com admiráveis encómios exalça o vosso prudentíssimo juízo e unânime concórdia, do mesmo modo vos dá imensas graças porque de tal forma velastes pela cristandade que, com a vossa integridade e virtude, satisfizestes as expectativas de todos os melhores. Também vos felicita, Padres, por esse acto, com que mostrastes ter atendido à honra de Deus e à utilidade da Sua Igreja e obtivestes diante dos homens louvor e glória imortais. Felicita a Igreja católica por ter sido quinhoadada com um tal dirigente. Mas a vós, Santíssimo Padre, com todas as veras do coração vos felicita, rejubila e juntamente com os seus reinos se alegra no Senhor pela máxima honraria que vos foi concedida e pela autoridade e poder que obtivestes de bem merecer do povo cristão.

O sereníssimo rei ter-vos-ia enviado um outro orador para transmitir este seu contentamento e vos prestar a devida obediência, mas, atendendo à grande distância e às dificuldades da jornada, se dava conta de que haveria de ser um parabém demasiado tardio, e como desejava manifestar também o prazer da sua alma na primeira oportunidade, a D. Francisco de Meneses, varão eminente pela nobreza de linhagem e pela virtude, conselheiro real e seu enviado nesta Sé Apostólica, de quem ele faz muita conta devido à sua lealdade e prudência e que, por causa desta deferência com que vos acompanha, [Aiii] considerou que seria mais do vosso agrado que todos os outros, encarregou-o por carta de desempenhar quanto antes e com toda a diligência diante de Vossa Santidade esta incumbência. Portanto, este, com ânimo não menos contente e jubiloso do que reverente, em nome do sereníssimo D. Sebastião, rei de Portugal e dos Algarves, a vós, Pio Ótimo Pontífice, e a esta Santa Sé apostólica, com a mais completa reverência promete e presta tudo quanto se pode esperar e desejar de um óptimo e muito respeitador filho: acatamento, reverência e obediência, e de tal maneira põe sob a vossa autoridade todos os seus reinos, riquezas, fortunas e os povos a si sujeitos e seus serviços que faz muita questão em persuadir-vos de que ele e todos os territórios que possui hão-de estar sob o vosso poder. Também confessa que nunca nada lhe há-de ser mais desejável do que, seguindo as pisadas dos seus antepassados, velar, conservar e acrescentar o poder, dignidade e autoridade dessa Santa Sé. É que este é o imemorial modo de proceder dos reis de Portugal: uma imemorial e incessante lealdade, amor, respeito e acatamento pelos pontífices romanos, pela Sé Apostólica e pela religião cristã. Na verdade, se recordar os começos do próprio reino, a maior parte dele, libertada da ímpia tirania dos sarracenos graças à coragem e iniciativa dos reis, foi restituída ao acatamento e obediência desta Sé Apostólica, e, depois de expulsos e repelidos aqueles para a África, os mesmos reis, com superior coragem, após delas expulsarem os infiéis, colocaram sob a sua soberania e fizeram entrar na cristandade inúmeras cidades e praças de armas muito bem fortificadas. Para quê lembrar aqui a admirável, inaudita para os antepassados e quase inacreditável navegação de todo o mar oceano? Com esta navegação, levados do zelo não tanto de aumentar o império quanto de propagar a religião cristã, transportaram inúmeras [Aiii vº]

classibus, terra marique periculis grauissimis superatis, in Orientem usque in Arabiae, Persidis, Indiae, atque Sinarum regiones traiecerunt? Quid captas ibi a nostris urbes, et sublatis idolis, Christiano ritu aedificata templa? Quid tot religiosorum hominum collegia illuc transmissa, annuis Regum sumptibus liberalissime toleratas? Quid denique referam, tot tantasque Indiae regiones atque oras, Lusitanorum uictoriis peragratas, et nostrae Religionis trophaeis illustratas, Christianisque legibus initiatas, imbutas, excultas? Cognita quidem satis atque perspecta sunt haec omnia, cognita innumerabilia alia clarissimorum Portugalliae Regum in Christiana religione propaganda, illustria facta, et immortalitate digna. Aethiopiae Imperatorem, quod Christum uerum Deum agnoscit, non multis ab hinc annis ne Turcarum potentia imperio pelleretur, Regum Portugalliae praesidio, et auxilio, defensum fuisse: et catholicam Romanae Ecclesiae doctrinam summa opera apud illius Imperium gentes praedicari, doceri, et seminari, Episcopis atque presbiteris religiosissimis uiris, non mediocri impensa eo missis, Reges nostros procurasse, quis est qui nesciat? Haec maiorum suorum praestantis fortitudinis, et erga Sedem apostolicam, Christianamque religionem pietatis, et obseruantiae exempla; Sebastianus Rex, optime atque religiosissimae Reginae auiae et Cardinalis principis amplissimi, patruī sui magni, sanctissimis monitis praeceptisque imbutus, maximarum etiam rerum, ac diuināe gloriae cupiditate incensus, et inflammatus, maioribus in dies studiis retinet, obseruat, et amplificat. Mazaganum oppidum in Africa, sub ipsius Regis potestate, altero ab hinc anno a Xirifi potentissimo [Aiv]⁷¹ exercitu, peditum sexaginta, et equitum triginta ferre millibus obsessum, aggeribusque paene obrutum: duorum non amplius Lusitanorum millium Regii praesidii uirtute defensum, et uiginti fere millibus hostium caesis atque interfectis longa iam obsidione maximoque periculo liberatum fuisse: nota res est. Clara etiam ipsius religio, ac pietas extitit, et omnibus grata: quod nuper in Tridentina Synodo, una cum Regni Episcopis, Oratorem suum adesse uoluit, uirosque doctissimos qui Rom. Pontificis, et Apostolicae huius Sedis dignitatem, et auctoritatem pro uiribus tuerentur. Quorum fidei, et diligentiae in eo munere obeundo, testes locupletissimi esse ii possunt Patres, qui tunc Apostolicae sedis legati Concilio praefuerunt. Quam uero sit studiosus, tum retinendae, obseruandaeque Orthodoxae religionis, et Catholicae ueritatis, tum impiae temeritatis, et haereticae audaciae uindicandae, et coerendae, Lusitania ipsa, ceteraque ipsius Regna optime declarant; quae salutaribus institutis, ita sunt munita, et saepta, ut impia haeticorum dogmata, eo, ad hanc usque diem non irrepserint; sed sincera, ac pura Romanae Ecclesiae doctrina, et obseruantia, summo illic consensu ab

⁷¹ Não numerada no original.

tropas de homens, em esquadras bem equipadas, depois de superados imensos perigos na terra e no mar, até ao oriente para as regiões da Arábia, da Pérsia, da Índia e da China. Para quê referir as cidades que os nossos aí conquistaram e os templos que edificaram segundo o rito cristão, depois de destruídos os ídolos? Para quê falar de tão grande número de religiosos para lá enviados, muito liberalmente sustentados com subsídios anuais dos reis? Por derradeiro, para que hei-de aludir a tão grande quantidade e a tantas regiões e países visitados pelas vitórias dos portugueses, celebrizados com os triunfos da nossa religião e instruídos, ensinados e civilizados pelas leis cristãs? Tudo isto é assaz conhecido e notório, conhecidos os outros inumeráveis cometimentos, dignos da imortalidade, dos claríssimos reis de Portugal no propagar da religião cristã. Quem é que desconhece que o imperador da Etiópia, poucos anos atrás, a fim de não ser destronado pelo poderio dos turcos, foi defendido pela ajuda e socorro dos reis de Portugal e que os nossos soberanos com a máxima diligência se empenharam em que entre os povos daquele império se pregasse, ensinasse e espalhasse a doutrina católica da Igreja romana, mediante bispos e sacerdotes de grande religiosidade, para ali enviados com não pequena despesa? O rei D. Sebastião, instruído pelos santíssimos conselhos e lições da excelente e mui religiosa rainha sua avó e do eminentíssimo cardeal-infante, seu tio-avô, além de abrasado e inflamado pelo desejo dos maiores cometimentos e da glória divina, com empenho cada dia maior mantém-se fiel, respeita e acrescenta estes exemplos de extraordinária valentia e de reverência e acatamento para com a Sé Apostólica e a religião cristã dados pelos seus antepassados. É coisa sabida que a fortaleza de Mazagão, pertencente à coroa deste mesmo rei, foi cercada há dois anos⁷² por um poderosíssimo exército do xerife, [Aiv] de sessenta mil infantes e à roda de trinta mil cavaleiros, e quase assoberbada por bastiões, e, defendida pelo denodo do socorro régio de não mais de dois mil portugueses, depois de desbaratados e mortos cerca de vinte mil inimigos, libertada de um já longo assédio e de um perigo extremo.

A religiosidade e piedade do mesmo também é manifesta e grata aos olhos de todos, porque ainda há pouco quis que no Concílio de Trento, juntamente com os bispos do reino,⁷³ estivesse presente um embaixador seu⁷⁴ e varões muitíssimo doutos para que estes, na medida das suas possibilidades, defendessem a dignidade

⁷² O Doutor António Pinto cincou na aritmética, pois o célebre cerco de Mazagão aqui referido verificou-se entre Fevereiro e Maio de 1562, portanto quatro anos antes. Veja-se: Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 114-128; Agostinho Gavy de Mendonça, *História do famoso cerco que o Xarife pôs à fortaleza de Mazagão defendido pelo valeroso capitão-mor dela Rui de Sousa de Carvalho reinando neste reino a sereníssima rainha Dona Caterina primeira do nome em Portugal no ano de 1562*, Lisboa, Vicente Álvares, 1607; J. M. Queirós Veloso, *D. Sebastião. 1554-1578*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1935, pp. 40, 70 e 73.

⁷³ D. Bartolomeu dos Mártires, D. João Soares e D. Gaspar do Casal.

⁷⁴ O já atrás referido D. Fernão Martins Mascarenhas.

omnibus retineatur. Ea denique iam nunc est Rex ipse uirtutis indole, ea signa dat in illa aetatis teneritate, animi ad pietatem, ad iustitiam, ad fortitudinem, ad omnemque uirtutem natura ipsa compositi: ut certo sperandum sit; cum se corroborauerit, non ea tantum quae a maioribus accepit, prudentissime gubernaturum: uerum etiam uetere iam Regum nostrorum consuetudine, et instituto, Christo Duce, susceptis in Barbaras, et religioni nostrae inimicas gentes expeditionibus, et Christiani nominis, et imperii sui fines longe lateque propagaturum. [Aiv vº] Is itaque sicut id sibi studio habuit, ut quamuis omnium Regum longissime ab hac Vrbe disiunctus, primus tamen omnium tibi gratularetur, seque semper tibi, atque huic Apostolicae Sedi oboedientem fore profiteretur: ita posthac in Sanctitate tua colenda, obseruanda, modis omnibus demerenda, eum se praestabit, ut primas quoque partes fidei, pietatis, et obseruantiae, a nemine sibi praeripi patiatur; omninoque ita se geret, ut dignissimus ab omnibus, et a te imprimis, Pater Beatissime, iudicari debeat, quem haec Sancta Sedes sibi unice amandum, fouendum, ornandum, planeque paterna complectendum caritate arbitretur ac statuatur. Rogat autem Deum Optimum Maximum ut Sanctitatem tuam quam diutissime ad nominis sui gloriam, et sanctae uniuersalis Ecclesiae utilitatem, incolumem tueatur et seruet.

e a autoridade do pontífice romano e desta Sé Apostólica.⁷⁵ Da fé e desvelo deles no cumprimento desta incumbência podem ser testemunhas mui fidedignas estes Padres legados da Sé Apostólica, que então presidiram ao Concílio. Mas o grande zelo que ele tem, tanto em conservar e respeitar a ortodoxia religiosa e a verdade católica, como em reprimir e castigar o ímpio desatino e o atrevimento herético, demonstram-no à evidência o próprio Portugal e seus restantes senhorios, os quais de tal maneira se encontram protegidos e defendidos por disposições salutares que as ímpias opiniões dos hereges até hoje não se introduziram neles, mas a genuína e pura doutrina e observância da Igreja romana ali se mantém com o mais completo assentimento de todos. Finalmente, o próprio rei é dotado de uma tal propensão para a virtude, dá, numa idade tão moça, tais indícios de um espírito naturalmente inclinado à piedade, à justiça, ao denodo e a toda a espécie de virtudes que certamente é de esperar que, quando chegar à maturidade, não se limitará a governar com a máxima prudência sobre aqueles territórios que recebeu dos seus maiores, mas também, seguindo já a antiga tradição e costume dos nossos reis, há-de empreender, sob os pendões de Cristo, expedições guerreiras contra os povos bárbaros e inimigos da nossa religião, e dilatar ao longe e ao largo as fronteiras tanto do cristianismo quanto do seu império. [Aiv vº] E assim este rei, da mesma maneira que teve o empenho de, embora de todos os reis seja o que se encontra mais apartado desta cidade de Roma, mesmo assim ser o primeiro em felicitar-vos e jurar que há-de ser sempre obediente a vós e à Sé Apostólica, assim de futuro, no reverenciar, acatar e por todas as vias bem merecer de Vossa Santidade, distinguir-se-á por também não permitir que ninguém o preceda e leve a primazia nos deveres da lealdade, respeito e acatamento, e em tudo agirá de tal sorte que todos, a começar por vós, Santíssimo Padre, o devam julgar como o mais merecedor de que esta Santa Sé o considere e julgue digno de ser singularmente amado, favorecido, honrado e estreitamente abraçado com amor fraternal. Além disso, pede a Deus todo-poderoso que, para glória do Seu nome e utilidade da santa Igreja católica, por longuíssimo tempo mantenha e conserve de perfeita saúde Vossa Santidade.⁷⁶

⁷⁵ Entre outros, o também já citado D. Jorge de Ataíde, Frei Francisco Foreiro e Diogo de Paiva de Andrade. Da relevância deste último como um dos teólogos mais acatados no Concílio de Trento e expositor apologético do novo corpo doutrinal aí definido dá mostras o livro *Orthodoxarum explicationum libri decem*, Veneza, ex officina Iordani Zileti, 1564.

⁷⁶ Do original desta *Oração de Obediência* existe uma edição fac-similada, com nota bibliográfica do Prof. Martim de Albuquerque e tradução portuguesa de Miguel Pinto de Meneses, publicada pelas Edições Inapa, Lisboa, 1988. O Autor da nota introdutória nada adianta ao que Barbosa Machado escrevera sobre António Pinto.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICE 3º

Arquivo Geral de Simancas – *lib 1549, Secretarias Provinciales*

[79] Senhor

Os Japões que vieram nas naus da Índia do ano passado e passaram pela corte de Vossa Majestade chegaram a esta aos 22 do presente mês de Março, e per ordem do Papa⁷⁷ entraram quasi privadamente; e digo “quasi” porque todavia vieram com eles ãa companhia de cavalos ligeiros, que por ordem de Sua Santidade os foi encontrar daqui ãa jornada pera os segurar de ladrões, e eu os fui também encontrar a um pedaço fora da cidade, e os trouxe a casa dos padres da Companhia de Jesu, onde lhes tinham aprestado seu gasalhado.

Ao dia seguinte pela manhã cedo per ordem também do Papa, assentado com os ditos padres da Companhia, se tornaram a sair da cidade a ãa Vinha que se diz de Papa Júlio, perto das portas, vestidos a uso de sua terra, e ali os foi buscar a mesma companhia de cavalos que os trouxera, e a guarda de pé do Papa, e as famílias dos Cardeais com suas mulas e do Conde de Olivares, e a família do mesmo Papa os esperava à porta da cidade, e os três deles cada um em seu cavalo bem ornado que mandou Jacobo [79 vº] Bom Compagno, cavaleiro de Alcântara, per ordem também de Sua Santidade.

Acompanhados desta maneira e com número infinito de gente popular, vieram pelo meo da cidade e foram até o palácio de S. Pedro, onde o Papa, acompanhado dos Cardeais em consistório público, os estava esperando: e, ali chegados, lhe beijaram o pé como embaxadores dos Reis de Bungo e d' Arima, e de D. Bartolomeu, cujas cartas, traduzidas em linguagem italiana, se leram em alta voz; e fez por eles a oração um padre da Companhia, português, que se chama Gaspar Gonçalves, mui docta, prudente e elegante, e como tal foi de todos aprovada e louvada,⁷⁸ de que enviarei o treslado, e assi das cartas e da resposta que se lhes deu pelo secretário.

⁷⁷ Gregório XIII, que viria a falecer a 10 de Abril de 1585, ou seja, poucos dias depois de esta carta ter sido escrita.

⁷⁸ Desta notável peça oratória se fizeram várias edições, publicando-se a 1ª sob o seguinte título: *Oratio nomine Legatorum Japoniae habita in publico Consistorio Romano 23 Martii*, Roma, apud Franciscum Zanettum, 1585.

Acabado o acto, ao recolher do Papa, levaram o D. Mâncio e D. Miguel a faldea a Sua Santidade, como costumam fazer os embaxadores dos Reis que vem dar obediência, e em tudo e per tudo se usaram com eles as mesmas cerimónias, nem faltou a artelharia do castelo de Santo Ângelo, nem a do palácio.

O Papa e alguns Cardeais com outras muitas pessoas se comoveram tão notavelmente que houve muitas lágrimas de alegria de se verem naquele teatro embaxadores de três Reis novamente convertidos à fé católica [80] e de partes tão remotas desta cabeça da Igreja e cidade, na qual, depois de fundada, nem em tempo da República nem dos grandes Emperadores, não se lê haver jamais entrado recado nem embaxada desta gente, e foi mui benzida e louvada dos virtuosos a memória dos Reis de Portugal, predecessores de Vossa Majestade, por haverem sido autores de tão heróica, religiosa e santa obra, e a singular virtude e piedade de Vossa Majestade, que a vai reforçando.

Foram convidados aquela manhã a comer do Cardeal de S. Sisto com alguns padres da Companhia, e, feita oração à tarde na igreja de S. Pedro, se tornaram à casa dos padres da Companhia, onde (como disse) estão agasalhados.

O D. Julião adoeceu dous dias antes de chegar a Roma e, posto que desejou achar-se com os outros neste acto e se aparelhou pera isso e foi até à vinha, ali o carregou tanto a febre com um fluxo de sangue dos narizes que não se estreveu ir a cavalo: levei-o eu em coche diante, cuidando que ao menos poderia estar no consistório. Nem a isso se atreveu nem pareceu ao médico se devia fazer, por ser o acto longo, e assi o levei a beijar o pé a Sua Santidade antes que decesse ao consistório, que o recebeu com muito amor [80 vº] e gasalhado, esforçando-o que não temesse a doença, que não seria nada, e esperava em Deus que com saúde tornaria à sua Pátria. E, feito isto, o mandei levar a casa no mesmo coche, e ainda hoje está mal, mas diz o médico que não será de perigo.

Hoje, que é festa da Anunciação de Nossa Senhora, costuma o Papa vir a cavalo pontificalmente de S. Pedro até a igreja da Minerva, mosteiro da Ordem de S. Domingos, e ouvir ali missa, e distribuir certa esmola pera casamento de pobres donzelas. Quis Sua Santidade que estes Japões o acompanhassem, e assi vieram com ele a cavalo no lugar dos embaxadores, e estiveram à missa no lugar outrossi de embaxadores.

Dizem que o Grão-Duque de Toscana lhes fez muito gasalhado em Pisa, onde se achava quando eles por ali passaram, e depois em Florença e em Sena lho mandou fazer. O Conde de Olivares os tem visitado ontem e oferecido-lhes tudo o que lhes cumprir de sua casa e pessoa. Eu os vejo cada dia duas vezes e assi determino fazê-lo enquanto aqui estiverem, entendendo que se haverá Vossa Majestade por servido disso, e porque vejo que os mesmos moços e o Geral da Companhia folgam e se alegram disso. E avisarei do mais que suceder deles.

Nosso Senhor guarde e acrecente a vida e real estado de Vossa Majestade
De Roma, 25 de Março de 1585

O dor. António Pinto

[127] [...] Os Japões são também partidos mui contentes, honrados e amerceados de Sua Santidade,⁷⁹ que não encurtou nada a demonstração de amor e d'obras que Papa Gregório com eles usava. Disseram-me os padres da Companhia de Jesu que lhes assignara seis mil ducados de renda cada ano na Collettoria di Spagna para ajuda da sustentação dos colégios do Japão, e aqui lhes dera em dinheiro despois da morte de Papa Gregório, para o caminho e outras cousas, perto de três mil ducados.

Armou-os Sua Santidade cavaleiros a todos quatro, com toda a cerimónia do pontifical, véspera da Ascensão, na capela, acabadas as vésperas, em presença dos Cardeais que nelas se acharam.

Vão por Veneza, Ferrara e Milão e tornar-se-ão a embarcar em Génoa. Levam breve do Papa per que os encomenda muito a Vossa Majestade.

Prazerá a Deus que aproveitem estas obras apostólicas para alumiar o entendimento daquelas gentes do Japão.

II

A *Oratio* académica de António Pinto

1. Época de profunda crença na força actuante da palavra falada, o Renascimento procurou usá-la com restaurado vigor e arte em todas as dimensões da vida humana, não apenas naquelas em que a cultura greco-latina dela se servira com especial beleza e eficácia ao serviço de propósitos filosóficos (de que os diálogos platónicos ou ciceronianos são o paradigma) e político-sociais (domínio em que Demóstenes e o mesmo Cícero se nos apresentam como o emblema máximo em cada um dos idiomas clássicos), mas igualmente naqueles sectores ou momentos da existência em sociedade que o mundo antigo não conhecera ou privilegiara, e que sobretudo se prendem com a nova orientação religiosa imposta ao Ocidente pelo cristianismo.

Cingindo-nos a Portugal e ao subgénero literário que para simplificar designaremos como “orações renascentistas” – ou seja, as que se servem do latim como veículo de expressão e revelam na sua redacção uma intenção literária sensível às injunções da cultura greco-latina, em novo processo de recuperação às luzes do movimento humanista –, podemos, seguindo a proposta do Prof. Costa Ramalho,⁸⁰ repartir pelas seguintes variedades o acervo que hoje nos resta neste ramo da literatura novilatina: 1) orações de obediência (de que é exemplo a que atrás reproduzimos e traduzimos, da autoria do Doutor António Pinto transmontano, pronunciada diante de Pio V, em Roma, em 22 de Abril de 1566, no consistório em que o embaixador

⁷⁹ Sisto V, eleito Papa a 24 de Abril de 1585.

⁸⁰ Do Autor citado leia-se, na *Enciclopédia Verbo*, t. 14, coll. 677-678, o artigo “Orações Latinas”.

português D. Fernando de Meneses prestou obediência em nome de D. Sebastião); 2) orações de entrada (pronunciadas quando alguma alta personagem fazia a sua entrada pública numa povoação, que deste modo lhe tributava a sua homenagem colectiva)⁸¹; 3) orações panegíricas (que podem exaltar tanto uma alta personagem, como, mediante o elogio dos seus membros, uma instituição)⁸²; 4) orações de sapiência ou académicas, modalidade na qual se inclui a obra que agora se publica, e que se destinavam a ser lidas na abertura do ano lectivo: que em Portugal, inicialmente, se verificava a 18 de Outubro – dia de S. Lucas –, passando em seguida para o dia de S. Remígio – 1º de Outubro. Às orações pronunciadas na universidade, primeiro em Lisboa e, depois de 1537, em Coimbra, cumpre que se juntem as proferidas no Colégio das Artes, inaugurado em Fevereiro de 1548.

2. Não podemos esperar das orações de sapiência grandes voos de originalidade ou sustidos troços de superior beleza literária, pois em geral mais não constituíam do que discursos de circunstância exigidos pelo cerimonial académico, nos quais o orador, mais ou menos sensível ao magistério do *Pro Archia* de Cícero, modelo obrigado desta espécie de discursos, se sentia compelido ao elogio sucessivo das ciências professadas nas diferentes escolas que formavam a Academia. Isto significa que, além da teologia (à qual cabia o lugar de honra), das ciências jurídicas (que se repartiam em direito civil e canónico) e da medicina, o esquema oratório a seguir deveria contemplar todo o conjunto de saberes que *lato sensu* se designavam por Artes e integravam os tradicionais *quadrívio* (que agrupava as *artes reales*, ou componente científica: aritmética, geometria, música, e astronomia) e *trívio* (que incluía as *artes liberales*, ou componente humanística: gramática, retórica e dialéctica), ou seja, o *septívio* da Escola medieval e de raiz aristotélica. Pedia também a normativa retórica que o discurso encetasse com uma *captatio benevolentiae*, mediante a qual o orador encomiava os ilustres presentes e se desculpava das apoucadas forças com que contava para empresa de tamanho tomo, e finalizasse com uma peroração na qual, de par com o exalçamento do soberano reinante, se exortava a mocidade estudantil a empenhar todo o esforço e desvelo na suada conquista do saber.

Ora, a *Oração* de António Pinto satisfaz à perfeição a todos os requisitos acabados de enumerar e de forma alguma destoa entre as congéneres assinadas por nomes muitíssimo mais sonantes do que o modesto quase anonimato de que a arrancámos. De facto, não obstante a grave pecha (pelo menos para o nosso senso moral) de

⁸¹ Vd., como exemplo, “A saudação de Vila Real”, de Salvador Fernandes, estabelecimento de texto e tradução de Américo da Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, INIC, 1985, pp. 99-117.

⁸² Vd., como exemplos: *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*, reprodução fac-similada, leitura moderna, trad. e notas de Gabriel de Paiva Domingues, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1982, e *A oração sobre a fama da Universidade (1548)*, de Juan Fernández, prefácio, introdução, tradução e notas de Jorge Alves Osório, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1967.

plagiato que a *mareia*, a *Oratio* revela um equilíbrio de construção, um à-vontade no manuseio das fontes (ainda que, muitas delas, de segunda mão) e uma tal ou qual elegância literária que nos fazem entrever um discípulo bem aproveitado e um jovem mestre dotado de mente metódica e sensibilidade estética.

Assim, após uma leitura de todas as orações congêneres que entre nós a precederam, a de Pinto parece-nos não desmerecer entre as melhores, em primeiro lugar, pela forma bem articulada como, no início, nos traça um relativamente longo elogio da Sabedoria, que o Autor apresenta como o coroamento da obra divina da Criação. Depois, pela imparcialidade com que aborda de modo sistemático e igualmente desenvolvido todas as áreas do saber expandido nas escolas que integravam a Academia Conimbricense, com a particularidade, que provavelmente decorria de ser esse o terreno que lhe era mais familiar, de conceder um tratamento especial à Gramática, domínio no qual inclui a poesia e a história. Finalmente, abona certa sensibilidade estética o esquema metafórico a que subordinou a apresentação de todo o discurso e que o leva a comparar a sabedoria a uma árvore, de que os galhos são os diferentes “ramos” do saber que sucessivamente vai mostrando e encarecendo. Por outra parte, no que tange aos quilates do seu latim, se não são de molde a guindar o Autor à plana de um estilista primoroso como André de Resende ou D. Jerónimo Osório, têm contudo o lustre de um instrumento linguístico desenvolvido, eficaz e ajustado ao escopo em vista, o que já não seria de somenos se tivermos em conta os anos moços em que António Pinto então provavelmente se encontrava.

Terá presumivelmente sido esta inexperiência, que conjecturamos, o motivo que levou António Pinto a acostar-se com demasiada complacência à oração que cinco escassos anos antes Pedro Fernandes pronunciara no mesmo lugar e pouco depois os prelos entregaram à publicidade e à memória. É que o cotejo de ambas as peças oratórias, além da repetição daquela farragem pseudo-erudita da praxe neste tipo de peças e que se transmite de uns autores para os outros sem que possamos estabelecer uma paternidade definida, leva-nos a concluir que Pinto efectuou um decalque voluntário do trabalho do seu antecessor na tribuna académica. Este plágio – para nos servirmos do vocábulo apropriado, ainda que de desagradável ressonância para a audição moderna – incidiu em dois planos, o estrutural e o de conteúdos, sendo muito mais extensa a sua acção no primeiro. Com efeito, a mera leitura superficial dos dois discursos isenta-nos da necessidade de mostrar a forma como, embora António Pinto apresente a sucessão dos diferentes ramos do saber de acordo com uma ordem diversa da de Pedro Fernandes, todavia, uma vez lançado no desenvolvimento de um tema específico, leva-o a efeito cingindo-se as mais das vezes a uma lógica discursiva que é amiúde a do antigo estudante da Sorbona.⁸³ Quanto às coincidências textuais, menos frequentes, é certo, elas, mesmo assim,

⁸³ A fiarmo-nos na informação de Barbosa Machado, que, no artigo que lhe consagra na *Biblioteca Lusitana*, escreve: “Foi estudar a Paris, onde recebeu o grau de Mestre em Artes, frequentou pelo espaço de seis anos a jurisprudentia canónica [...]”

apresentam-se em algum número e podem enquadrar-se em duas variedades: a da cópia quase literal e a da glosa ou amplificação. De ambas damos em seguida alguns exemplos significativos, cabendo a Pedro Fernandes a autoria dos textos transcritos em primeiro lugar:

A)

[Fernandes, 25; cf. *supra* p. 158] *Verum eloquens ipse, quamuis per se satis excellens sit, tamen, Deus bone, quanto erit excellentior ac diuinior si incredibili dicendi facultati uicinam illam ac finitimam dialecticorum scientiam adiungat! Sine qua qui in reliquarum doctrinarum inquisitione et studio uersantur non minus mihi temerarie [26] facere uidentur quam qui, in Cretensium labyrintho errantes, se se inde sine aliquo Daedalo putant euasuros.* (“Mas embora o homem eloquente seja por si mesmo alguém de muito extraordinário, todavia, santo Deus, quão mais extraordinário e fora do comum não será se ao singular talento oratório ajuntar aquela ciência da dialéctica que com ele convizinha e está unida! Sem ela os que se entregam à investigação e estudo das demais ciências aos meus olhos procedem com desatino igual ao daqueles que, errando perdidos pelo labirinto de Creta, cuidam que daí hão-de escapar sem a ajuda de algum Dédalo.”).

[Pinto, 10vº; cf. *infra*, p. 404] *Verum eloquentia, quamuis per se ornatissima et praestantissima facultas sit, quae possit de quacumque re proposita, ut apud Platonem iactat Leontinus Gorgias, apte et copiose dicere, tamen eam multo ornatior, praestantior et potentior putabo si, quemadmodum cum dialectica ramo coniuncta est, sic studio pariter et lucubratione coniungatur. Sine qua non modo nullam, qui reliquarum doctrinarum stadia percurrunt, metam contingere possunt, sed etiam in medio cursu claudicant atque deficiunt.* (“Mas embora a eloquência seja por si mesma um talento muito notável e distintíssimo, que habilita a falar apropriada e copiosamente acerca de qualquer assunto proposto, como (consoante se lê em Platão) se jactava Górgias de Leontinos, todavia considerá-la-ei muito mais notável e poderosa se, tal como se encontra unida com a dialéctica no mesmo ramo, assim igualmente a ela se juntar mediante o estudo e o desvelo. Sem ela os que correm os estádios das demais ciências não só não podem alcançar qualquer meta, como também claudicam e falha, a meio da carreira.”).

B)

[Fernandes; 26, cf. *supra*, p. 158] *Atque, ut alios omittam, numquam certe Seruius ille Sulpicius in iuris prudentiae studio tam excellens exstitisset nisi (ut cum M. Tullio loquar) artem banc, omnium artium maximam et quasi lucem, ad ea quae ab*

O próprio Pedro Fernandes, porém, na p. 3 (cf. *supra* p. 132) da dedicatória que precede a edição da sua *Oratio*, é mais parco em detalhes, pois limita-se a consignar: *Cum in banc tuam, Rex inuictissime, florentissimam Academiam e Gallia uenissem ibique Iuris studia, quibus iam inde ab aliquot annis eram initiatus, prosequerer.* (“Rei nunca vencido, tendo eu vindo da França para esta vossa florentíssima Universidade e prosseguindo aqui os estudos de Direito, nos quais já fazia alguns anos que me tinha iniciado.”).

aliis tractabantur et respondebantur adiunxisset. (“E, para não referir-me a outros, nunca certamente aquele célebre Sérvio Sulpício se teria mostrado tão avantajado no estudo da jurisprudência se não (para me servir das palavras de Marco Túlio) tivesse aplicado esta arte, que é a maior e uma espécie de lâmpada de todas as artes, àquilo que as outras tratavam e asseguravam.”).

[Pinto, 11; cf. *infra*, p. 404] *Numquam Accursius ille uester – uobis loquor, iure consulti – tantum nomen in iure ciuili consecutus fuisset nisi artem banc, artium ceterarum lucernam, ad “obscurissimas ciuilium quaestionum tenebras”, ut ille appellat, adiunxisset.* (“Nunca aquele vosso célebre Acúrsio – e estou a dirigir-me a vós, jurisconsultos – teria alcançado tamanho renome no direito civil se não tivesse aplicado esta arte, que é a lâmpada das restantes artes, às “trevas cerradíssimas” (é assim que as caracteriza) das questões civis.).⁸⁴

C)

[Fernandes, 28; cf. *supra*, p. 160] *Et quoniam, ut initio dicebamus, excellens hoc animal corpore infimo et caduco constabat, diuino munere est hominibus medicina concessa, quae circa corpus ipsum uersaretur illudque non solum ab aduersa ualetudine conseruaret, sed iam lapsum in pristinam sanitatem reduceret. Atque ideo non immerito ab Herophilo medicina scientia salubrium et insalubrium et neutrorum dicta est.* (“E porque, consoante dizíamos no princípio, este animal superior estava feito de um corpo muitíssimo fraco e perecível, por mercê divina foi concedida aos homens a medicina, para que ela se ocupasse acerca do próprio corpo, e não só o preservasse da enfermidade, mas também, uma vez ele enfermo, o fizesse recobrar a saúde. E por isso não foi sem razão que Herófilo chamou à medicina a ciência do saudável, do insalubre e do indiferente.”).

[Pinto 16; cf. *infra*, p. 418] *Quae, quoniam corpus hoc terreum, mortale, debile, caducum, quo compositi sumus, in uarios saepe morbos et languores [16 vº] incidit, diuina nobis liberalitate concessa fuit ut non modo quae ad eius curationem pertinerent, cum aegrotum est, remedia suppeditaret, sed etiam sanum aduersus periculosos ictus et incertos euentus ualetudinis accomodato regimine tueretur. Quamobrem multi medicinam instaurandae et defendendae sanitatis artem, alii salubrium et insalubrium et neutrorum scientiam definierunt.* (“Esta, porque este corpo de terra, mortal, frágil e perecível com que fomos feitos [16 vº] cai amiúde em diversas enfermidades e fraquezas, esta foi-nos concedida pela divina liberalidade para que, não só quando ele está doente lhe fornecer os remédios acomodados à sua cura, mas também prevenir o são contra os riscos e incertas eventualidades mediante um regime saudável apropriado. Por este motivo muitos definiram a medicina como a arte de restaurar e defender a saúde, ao passo que outros a caracterizam como a ciência do saudável, do insalubre e do indiferente.”).

⁸⁴ Note-se a forma arteira como Pinto modifica o nome do jurista citado e, para tornar mais eficaz a tática de despiste, inclusive lhe adscreeve umas palavras que fazem *pendant* com a citação ciceroniana de Pedro Fernandes.

D)

[Fernandes 34; cf. *supra*, p. 166] *O excellentem sapientiam, quae nobis uitae auctorem demonstrat! O diuinam theologiam, qua una uel decrepita anicula instructa philosophorum omnium sapientiam potest superare! Haec prima philosophia est, haec philosophiae summa, haec ueritatis perfectio.* (“Oh excelente sabedoria, que nos mostra o autor da vida! Oh divina teologia, instruída pela qual até uma decrépita velhinha é capaz de superar a sabedoria de todos os filósofos! É esta a primeira filosofia, esta a súpula da filosofia, esta a perfeição da verdade.”).

[Pinto, 19vº-20; cf. *infra*, p. 428] *O diuinam sapientiam, quae manifeste Deum nobis demonstrat, per quam CHRISTVM Seruatorem nostrum, ex beata Virgine [20] natum, intelligimus! O excellentem ueritatis cognitionem, quae omnem sacrosanctae Scripturae ueritatem patefacit, figuram interpretatur mysteriaque omnia explanat, qua quidem uel rustici homines instructi summis illis excellentissimisque philosophis sapientiores et beatiorefficiuntur! O primam ac summam philosophiam, cui certe si reliquas artes et scientias comparemus, satis amplae ac ornatae nobis uideri debent, quod ei quasi diuino numine famulentur!* (“Oh divina sabedoria, que claramente nos mostras Deus e através da qual compreendemos a Cristo nosso Salvador, nascido da bem-aventurada Virgem! [20] Oh excelente conhecimento, que patenteia toda a verdade da sacrossanta Escritura, interpreta as figuras simbólicas e explica todos os mistérios, instruídos pela qual até os homens ignorantes se tornam mais sábios e mais felizes do que os mais eminentes e mais extraordinários filósofos! Oh primeira e suprema filosofia! Se com ela compararmos as restantes artes e ciências, certamente que nos devem parecer muitíssimo importantes e honradas porque, por assentimento divino, a servem como escravas.”).

E)

[Fernandes, 37; cf. *supra*, p. 168] *Cuius ut imperium iisdem finibus, quibus et terrarum orbis terminatum, ut excellentes ac magnificos ab extremis usque Indis partos triumphos praetermittam: illud certe praetermittere non possum quod, omnibus his contemptis, aliunde gloriam multo solidiorem sibi existimauit comparandam uoluitque uniuersam suam Lusitaniam, quemadmodum ab hostibus, ita etiam ab omni barbarie liberatam. Quod ut efficeret academiam hanc uniuersi terrarum orbis florentissimam constituit [...].* (“Para não me referir ao seu império, que tem por limite as mesmas fronteiras da Terra, nem aos extraordinários e grandiosos triunfos incessantemente alcançados sobre os remotos Indianos: certamente não posso deixar de me referir ao facto de que, desprezando tudo isto, considerou que lhe cumpria obter alhures uma glória muito mais sólida e quis que todo o seu Portugal da mesma maneira que dos inimigos, assim também ficasse livre de toda a casta de barbárie. Para levar isto a cabo, fundou esta academia, a mais florescente de todas as que existem no mundo [...].”).

[Pinto, 20; cf. *infra*, p. 428] *Cuius [...] ut imperium, cui totum fere orbem terrarum subiectum habet, praetermittam: illam certe multo maiorem iis et ampliorem laudem praetermittere non possum quam communi hominum consensu consecutus est, quod*

academiam banc, omnium quae in toto terrarum orbe sunt florentissimam, constituit, in quam sapientissimos et grauissimos doctores ex omni fere Europa conuocauit, ut praeclara Lusitanorum suorum ingenia sanctissimis etiam litteris exornaret, quae paratissima ad militandi scientiam habuisset. (“Para não me referir [...] e ao seu poder, sob o qual mantém quase a Terra inteira: certamente não posso deixar de me referir a um motivo de louvor, muito maior e mais glorioso do que estes, e que alcançou por consenso comum dos homens por ter fundado esta academia, a mais florescente de todas as que existem no mundo, para a qual chamou os mais sábios e mais prestigiados mestres de quase toda a Europa, a fim de também munir com as santíssimas letras as brilhantes inteligências dos seus portugueses, que tivera muito bem preparadas para a ciência da guerra.”).

3. Nas anotações procurámos sobretudo mostrar de que maneira António Pinto se insere na tradição da oratória académica nacional da primeira metade do século XVI, para o que indicámos ou transcrevemos todas as passagens dos seus antecessores em que muito provavelmente se inspirou ou buscou referências culturais. Sem termos pretendido ser exaustivo, também fizemos alguma pesquisa nos principais repositórios enciclopédicos então disponíveis e incessantemente manuseados, da qual algumas anotações darão a devida conta. Desta maneira terá o leitor a possibilidade de acercar-se dos processos de trabalho usados pelo nosso Autor e pela maior parte dos seus confrades, o que salutarmente contribuirá para relativizar a impressão de omnímodo saber que muitos deles nos podem deixar.

O exemplar da *Oratio* de que nos servimos encontra-se depositado, sob a cota Y'- 3-58, na Secção de Reservados da Biblioteca Municipal do Porto. No estabelecimento do texto latino que aqui apresentamos – e em todas as transcrições de textos latinos que efectuámos – corrigimos gralhas evidentes de impressão, uniformizámos a ortografia e pontuação e, quando necessário, abrimos parágrafos. Nas citações que fazemos das outras orações académicas reportamo-nos à paginação das primeiras edições, sendo que, relativamente àquelas que integram o presente volume, remetemos simultaneamente para as respectivas páginas dele mesmo.

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

ORATIO
DE SCIENTIARVM OMNIVM
MAGNARVMQVE ARTIVM LAVDE

AB
ANTONIO PINTO

HABITA APVD VNIVERSAM
CONIMBRICENSEM ACADEMIAM
CALENDIS OCTOBRIS ANNO DOMINI 1555

*Ad Illustrissimum Ioannem
Ducem Daueiro*

CONIMBRICAE
Apud Ioannem Aluarum
typographum Regium

ORAÇÃO
EM LOUVOR DE TODAS
AS CIÊNCIAS E DAS GRANDES ARTES

PRONUNCIADA POR
ANTÓNIO PINTO

DIANTE DE TODA A
ACADEMIA CONIMBRICENSE
NO 1º DE OUTUBRO DO ANO DO SENHOR DE 1555

*Dedicada ao Ilustríssimo Senhor D. João,
Duque de Aveiro*

EM COIMBRA
Nas oficinas de João Álvares
Tipógrafo Régio

[1 v°]

QVAM ILLVSTRISSIMO LAVDATISSIMOQVE DOMINO IOANNI,
DVCI DE AVEIRO PRIMO,
ANTONIUS PINTVS CVM VENERATIONE MAGNA S.

Cum postularent amici, dux quam illustrissime, ut orationem, quam de scientiarum commendatione Calendis Octobris publice habueram, uellem emittere, primum equidem recusavi, ueritus ne, emissa illa oratione, quam nec tempore satis nec otio mentis adiutus (quae duo scis ad scribendi studium maxime requiri), sed partim dolore, partim negotio impeditus composueram, temere in uaria hominum iudicia diuersasque uoluntates inciderem. Nam, cum Idibus Augusti infaustam sane et acerbam de obitu fratris patruelis mei Ferdinandi de Campo, in quo et amorem et spem collocabam, epistolam accepissem, confestim ad eius sororem Leonoram, quae me arcessierat, profectus sum, ut ad eius negotium apud serenissimum regem conficiendum, cuius pro incredibili pietate et beneficentia tua patrociniū ac protectionem suscepisti, omnia tuo iussu praepararem.

Sed, cumulantibus amicis rem ut sibi uidebatur honestam resistere non possum, tuo fretus praesidio, princeps maxime, hoc publicae editionis periculum subiuit.

Itaque paruum munusculum tibi multis de caussis offerre sum ausus: tum quia te studiorum omnium egregium et laudatorem et patronum academia nostra nacta est, ita ut quicquid sit de scientiarum laude tuo nomine consecratum non dubitem quin et placide accipias et iucunde ac alacri animo perlegas, tum quod hunc ingenio mei fructum, quantuluscumque est, tuo tibi iure referre debui, nam quotiens in regiam tuam me conferebam ad sororia negotia opem expetens, totiens clarissimum os tuum et iucundissimum, in quo tantum ingenii et eruditionis lumen apparet, me maxime ad scribendum illustrabat; accedit etiam te illis uirtutibus, quas in optimo principe inesse oportet, humanitate et beneficentia, praestantissimum esse.

[1 vº]

COM GRANDE RESPEITO ANTÓNIO PINTO ENVIA SAUDAÇÕES
AO ILUSTRÍSSIMO E MUI AFAMADO SENHOR D. JOÃO,
PRIMEIRO DUQUE DE AVEIRO.¹

Ilustríssimo duque, tendo-me os amigos pedido que quisesse dar a lume a oração que, em louvor das ciências, eu pronunciara em público no 1º de Outubro, a minha primeira reacção foi recusar, temendo que, uma vez publicada aquela oração, para cuja composição não só não dispusera de tempo suficiente nem tivera o concurso da tranquilidade de espírito (requisitos ambos que, consoante sabeis, sobremaneira se requerem para a actividade literária), mas também me vira embaraçado em parte pelo desgosto e em parte por ocupações, afrontaria de modo temerário os juízos variados e as diversas disposições de espírito dos homens. É que, como tivesse recebido a 13 de Agosto uma assaz triste e dolorosa carta noticiando a morte do meu primo co-irmão Fernando do Campo, em quem depositava afecto e esperança, de imediato parti a encontrar-me com a sua irmã Leonor, que me chamara, a fim de, para tratar diante do sereníssimo rei dos interesses dela, cujo patrocínio e defesa, em conformidade com a vossa excepcional humanidade e bondade, tomastes a vosso cargo, tudo aprontar segundo as vossas ordens.

Mas, uma vez que não posso resistir a amigos que me pedem uma coisa que parecia honrosa, apoiando-me na vossa ajuda, nobilíssimo senhor, arrotei este risco de sair à luz pública. E assim atrevi-me, por muitas razões, a oferecer-vos um pequenino presente: não apenas porque a nossa academia encontrou em vós um egrégio apologista e patrono de todos os estudos, de tal maneira que não duvido de que acolheis de bom grado e ledes com alegria e entusiasmo tudo que se vos dedique acerca do louvor das ciências,² mas também porque com toda a justiça vos deveria devolver como vosso este fruto do meu parco engenho, por pouquinho que ele valha, porquanto, todas as vezes que me dirigia ao vosso paço, esperando ajuda para os assuntos da minha prima, sempre a vossa nobilíssima e ameníssima boca, que dá mostras de tamanho brilho de inteligência e erudição, sobremodo me inspirava para escrever; acresce também que vós vos singularizais por aquelas virtudes que melhor quadram ao príncipe perfeito: a afabilidade e a bondade.

Accipiens igitur hanc oratiunculam, quia parua tuo nomini consecrata sit, Artaxerxis illud ante oculos pones βασιλικὸν εἶναι μικρὰ λάμβάνειν.

Leonorae sororis opitulaberis, cuius equidem, nisi eam praesidio haberes, grauius miseriam et orbitatem, quam fratris desiderium, deplorarem; opitulandi munus recordabere te, cum princeps natus sis, a Deo Optimo Maximo accepisse.

Vale, dux felicissime, Deumque precor ut maximam nominis tui amplitudinem, cum illustrissima natorum tuorum prole, diutissime felicissimeque conseruet.

Conimbricae, Idibus Octobris.

Por conseguinte, ao aceitardes este pequeno discurso, porquanto, embora de somenos, vos está dedicado, lembrar-vos-eis daquele dito de Artaxerxes: *É próprio do rei receber coisas pequenas.*³

Acudireis à minha prima Leonor, de quem, se a não tomardes sob a vossa protecção, estou certo de que mais deplorarei a miséria e desamparo do que me punge a saudade do irmão; lembrai-vos que, ao nascerdes príncipe, recebeste de Deus Ótimo Máximo a obrigação de socorrer.

Ficai de saúde, felicíssimo duque, e rogo a Deus que, com imensa prosperidade e incessantemente, conserve o máximo prestígio da vossa nomeada, em companhia da ilustríssima prole dos vossos filhos.⁴

Em Coimbra, 15 de Outubro.

[2]

ORATIO DE SCIENTIARVM OMNIVM
MAGNARVMQVE ARTIVM LAVDE

Quam uellem, rector dignissime, patres conscripti, Georgi illustrissime, uiri nobilissimi, ut quae duae res ad dicendum maxime ualent, eloquentia et auctoritas, has pro me hodierno die hoc uestro ornatissimo consessu, hac coniunctissima corona facere uiderem. Verum, cum nec ingenio, nec studio, nec doctrina quibus illa comparantur, satis possim, nullae sunt caussae quibus ego uel aliquam de me ad dicendum confidentiam concipiam, uel, si temeritate aliqua impulsus, conceperim, non deponendum existimem. Nec, mehercle, dubium esse puto quin uobis hodie et temerarius et iuuenilis cuiusdam arrogantiae appetens esse uidear, quod huius loci auctoritatem contingere ausus fuerim, quem solent summi et eloquentissimi oratores tantum conscendere, quorum eximia dicendi uis, cum rerum pondere, sententiarum grauitate, uerborum copia et suauitate coniuncta, satis superque affirmare potest quam cum illis nullo modo sim comparandus.

Orarunt ex hoc loco permulti ingenio et industria uiri atque ita orarunt ut quotiens eorum orationes, ex quibus tantum audiendo cepistis uoluptatis, memoria complectimini, totiens illos non solum summe laudetis, uerum etiam dignissimos esse arbitremini in quos amplissima beneficia conferantur.

O me miserum, o me infelicem si nunc quis uestrum secum cogitet: “Vnde nobis tantum orator? Quid audacissimus iste? Quid post tam egregios et suaues oratores dicere potest? Quid, [2 v°] nisi quod humili uulgo dignum sit, agricolarum et opificum turba?” Quamobrem non semel mecum cogitauit utiliusne fuisset mihi rem tantam et quae tantis ingenii et eloquentiae uiribus indiget numquam suscipere, an, temere a me suscepta, incurrere in reprehensionem doctorum hominum atque prudentium: eoque magis quod me hodie, hominem ignotum nec satis in dicendi usu et exercitatione uersatum, non modo nullam ad tantarum rerum parem orationem afferre posse, sed etiam aliquam inanem gloriolam quaerere existimabitis.

[2]

ORAÇÃO EM LOUVOR DE TODAS AS CIÊNCIAS
E DAS GRANDES ARTES

Digníssimo reitor,⁵ membros do senado académico, ilustríssimo Senhor D. Jorge,⁶ nobilíssimos varões, quanto desejaria que aquelas duas coisas que mais importam para discursar, a eloquência e a autoridade, as visse no dia de hoje militar a meu favor nesta vossa distintíssima assembleia e neste auditório estreitamente unido. Na verdade, uma vez que não possuo em abundância nem as capacidades intelectuais nem o estudo nem o saber com que se adquirem aqueles dois atributos, não existem quaisquer motivos que me levem a acalentar alguma confiança acerca das minhas capacidades oratórias ou a deixar de pensar que não devo pô-la de parte, se, impellido por algum arrojo temerário, chegar a acalentá-la. Nem, por Deus, me restam quaisquer dúvidas de que hoje vos pareça ser atrevido e dominado por uma espécie de arrogância juvenil, por ter tido a ousadia de ocupar este lugar prestigioso, ao qual costumam subir somente os melhores e mais eloquentes oradores, cujo excepcional vigor de elocução, unido à grande soma dos factos, à gravidade das sentenças, à riqueza e elegância de vocabulário, de sobejo e por demais pode asseverar o quanto é impossível comparar-me com eles.

Do alto deste lugar discursaram muitos varões dotados de inteligência e zelo e discursaram de modo tal que sempre que recordais os seus discursos, que como ouvintes vos causaram tão grande deleitação, não só os louvais muitíssimo, como também os estimais como totalmente merecedores de se lhes atribuírem enormes mercês.

Pobre e modinho de mim, se agora algum de entre vós pensar para consigo: “Donde nos vem semelhante orador? Que é que esse homem atrevidíssimo poderá dizer, depois de tão excepcionais e elegantes oradores? Quê, [2 vº] senão coisas apropriadas para a população e para a turba dos agricultores e dos artífices?” Por esta razão, pensei mais de uma vez se teria sido mais útil nunca me ter abalanchado a uma empresa tamanha e que requer tão grandes recursos de engenho e inteligência, ou, abalanchando-me a ela de modo temerário, incorrer na repreensão dos homens sábios e prudentes: e tanto mais que vós pensareis que eu hoje, homem desconhecido e não suficientemente versado na prática e exercício da oratória, não só sou completamente incapaz de pronunciar um discurso adequado a tão grandes matérias, mas também procuro alcançar alguma vã gloriosa.

Forsitan quaeratis a me qui tantus iste timor sit, quae tanta dicendi formido, praesertim cum de eiusmodi re dicendum sit, in qua nemini deesse posse uideatur, oratio, quo in loco eorum oculos in me coniectos habeo et aures attentas quorum beneuolentiam et fauorem erga omnes huius loci et caussae oratores parietes, mehercle, iam huius atrii posse loqui uidentur: huic ego quaestioni, si qua forte apud uos fuerit, facile respondere possum, eoque facilius quod uos non ignorare puto quam ardua, quam difficilis, quam periculosa res sit, eum, cui, cum aliqua praestantis ingenii facultas et usitata dicendi consuetudo desit, uelle tamen, hoc plenissimo theatro, summas artes atque scientias oratione consequi apud sapientissimos doctores summosque philosophos, quorum animos adhuc illo magno et suauis sapore, quem ex aliorum ante orationibus acceperunt, imbutos et perfusos esse credendum est.

Mouet me quoque atque a dicendo deterret hominum uaria ac dissimilis in iudicando natura, adeo ut perbeati mihi uideri soleant qui eum in dicendo cursum tenere possunt, quo istas ingeniorum uarias nimiumque discrepantes inter se sententias, tamquam uadosas aliquas Syrtes euadant.

Quo igitur, patres conscripti, cum tanto rerum onere [3] confugiam? Quod adminiculum petam? Quem baculum hoc orationis cursu suscipiam? Nescio profecto si me hodie illa uestra humanitate, quae tam multis hoc loco et hac caussa auxilio fuit, destituendum putatis. Quare uos oro atque obsecro, humanissimi uiri, ut me quoque, sicut alios huius rei elocutores, dignum existimetis cui bona cum uenia et attentione faueatis.

Atque, ut iam posito ante oculos diuino numine ad rem ipsam, quae est propria nostrae orationis, aggrediar operae pretium uobis facturus uidebor, si, quemadmodum Aratus Solensis astronomus ἐκ διὸς ἀρχώμεθα incipiendum putauit, sic ego ab illo principe Deo, rerum omnium parente, narrationis huius initium ducam.

Summus ille, quem plerique ueterum philosophantium inuestigare et cognoscere potuerunt, colere, ut ait Beatus Paulus, ac uenerari nemo, mundum hunc, cuius ambitu uinciuntur omnia, tanta conuenientia tantaque pulchritudine composuit ac perfecit ut non modo ob id κόσμον, hoc est, “ornamentum” ueteres Graeci appellauerint, sed etiam praestantem aliquam aeternamque naturam esse crediderint, a qua gubernaretur. Huius infimam hanc partem, quae terram dicitur, in media totius mundi sede locauit. Cuius cum uberes agros considero, lenes fluuios, fecundas arbores, uarios et copiosos fructus, gelidos ac perennes fontes, reconditas etiam auri et argenti diuitias, uolucrum dulces cantus, sic afficior profecto ut amorem et beneficentiam Dei erga nos non facturam mundi perspicere uidear. Haec nos, quemadmodum a Plinio dictum est, non solum, cum nascimur,

Talvez me pergunteis que temor e medo tamanhos são esses de discursar, principalmente sendo certo que o discurso há-de ser acerca de uma matéria tal em que parece que as palavras não podem faltar a ninguém, neste lugar em que tenho fitos em mim os olhos e os ouvidos de pessoas de cuja benevolência e simpatia para com todos os oradores deste lugar e tema já as paredes deste átrio, por Deus, parecem poder dar testemunho: a esta pergunta, se por acaso se puser entre vós, posso responder facilmente, e com tanto maior facilidade porque julgo que vós não ignorais como é coisa árdua, como é coisa difícil e como é coisa arriscada, que o homem, a quem faltam qualquer capacidade de inteligência superior e a prática de discursar, mesmo assim queira discorrer oralmente, neste teatro repleto, acerca das artes e ciências mais elevadas, diante dos mais sábios mestres e dos mais insignes filósofos, cujos espíritos é de crer que ainda se encontrem embebidos e inundados por aquele intenso e saboroso gosto que anteriormente sentiram com os discursos dos outros.

Também me afasta e desvia de discursar a natureza dos homens, variada e dissemelhante no julgar, a tal ponto que me costumam parecer muito felizes os que na oratória conseguem manter aquele rumo que lhes permite esquivar, como se se tratasse de aparceladas sirtes, essas opiniões variegadas e sobremaneira opostas entre si.

Por conseguinte, caros membros do senado acadêmico, onde me refugiarei com uma carga [3] tão pesada? Que ajuda pedirei? A que bordão me arrimarei nesta jornada oratória? Na verdade que não sei se achais que eu hoje mereço ser privado daquela vossa indulgência que a tantos acudiu neste lugar e nestas circunstâncias. Por isso, indulgentísimos varões, rogo-vos e suplico-vos que também a mim, à semelhança dos outros prelectores deste assunto, me considereis merecedor de me favorecerdes com a vossa complacência e atenção.

E, a fim de, posta já diante dos olhos a majestade divina, me ocupar propriamente do assunto, parecer-vos-á que há-de valer a pena se eu, tal como Arato, astrónomo de Solos, considerou que cumpria que “começássemos por Zeus”,⁷ assim eu principie esta prelecção a partir daquele soberano Deus, Pai de todas as coisas.

Aquele supremo Deus, a quem, segundo São Paulo, muitos dos antigos filósofos puderam investigar e conhecer, mas nenhum adorar, criou e aperfeiçoou este mundo, em cujo âmbito se contêm todas as coisas,⁸ com tamanha harmonia e com tamanha formosura que não só por isso mesmo os antigos Gregos lhe deram o nome de *κόσμος*, quer dizer, “ornamento”,⁹ mas também acreditaram que existia alguma natureza superior e eterna que o governava. À parte mais pequena deste cosmos, a que se chama terra, situou-a no meio de todo o mundo. Quando atento nos seus férteis campos, nos seus rios amenos, nas suas bondosas árvores, nos seus variados e copiosos frutos, nas suas frescas e perenes fontes, nas suas riquezas ocultas tanto de ouro como de prata, nos doces cânticos das aves, de tal maneira fico totalmente impressionado que me parece contemplar o amor e bondade de Deus para conosco e não a obra do mundo.¹⁰ Esta, consoante diz Plínio, não apenas, quando nascemos,

primum excipit suo gremio, sed natos iam nutrit ac sustentat. Qua de caussa existimo communem hominum ac deorum matrem poetarum carminibus fuisse appellatam.

Terrae finitimam posuit aquam illo immenso et spatioso [3 v°] mari quod magnum et oceanum dicitur, contentam atque coercitam ea lege ut, quamuis uentis impellatur et aestu continuo fluctuet, non possit tamen hanc partem terrae aquis occupare quam diuina Prouidentia, rerum omnium moderatrix, nobis ceterisque animantibus, quae terrestria sunt, ad uitam tuendam et conseruandam separauit. Haec inter alias commoditates semina uisceribus terrae conglutinat et terram ipsam ad procreandas fruges irrigat ac perfundit: quae res illum Asianum Thaletem impulit, qui primus in Graecia sapientis nomen adeptus est, ut aquam rerum omnium, quae natura fiunt, et principium et alimentum putarit.

Post aquam est tertium corpus locatum, qui a Latinis et Graecis uno nomine "aer" appellatur. Vitalem hunc nobis dedit et per cuncta rerum genera meantem fecit.

Huic quartum apposuit ignem, quem, si e ratione rerum sustuleris, nec uita hominum, quae plurimum hoc utitur, nec rerum ipsa natura permanere et conseruari poterit: est enim in eo mouendi ac efficiendi quaedam uis, unde moti sunt priores, ut lucida illa et rotunda sidera sempiternos ignes appellauerint, ex quibus non solum ea quae genita sunt in mundo continuum et igneum quemdam influxum accipere, sed etiam animos hominibus prouenire rebantur.

Praeter haec rerum prima initia, quintum corpus constituit inferiorum certe natura et perfectione multum dissimile, quod caelum dicitur, animatum ac diuinum, quod non modo templum sibi esse uoluit, e quo res humanas prospiceret, sed etiam mundi huius inferioris regimen et gubernaculum: immensum est, conspicuum, clarum et omni conflictione liberum, elegancia summa et perfectione absolutum et, quod admirabile eius artificium demonstrat, lucidissimis illis astris tamquam smaragdis et pyropis quibusdam caelatum ac splendens, quamobrem [4] "caelum" dictum arbitratur Latinorum sapientissimus Varro fabricato et adornato mundo. Animal, quod tantarum rerum aspectu et ornamento caperetur, e limo terrae procreauit sensu ac intelligentia praeditum, quem uocauit hominem, cuius caussa cuncta alia ab ipso effecta fuisse non ignoramus.

Atque hunc, cum reliquis animantibus, quae uentri prona et oboedientia sunt, uoluisset ipse anteferre, duobus uestiuit ornamentis, animo et corpore. Atque haec ita coniunxit ut animal hoc tam excellens, tam diuinum, sensum omnem animi sui e miseris et mortalibus terris ad cognoscendum et amandum Deum educeret. In quo diuus Augustinus totam uim et rationem hominum posuit, ut Deum auctorem uitae et sempiternae ac suauissimae felicitatis datorem perfecte cognoscerent eumque, cum satis

logo nos acolhe no seu seio, mas depois de nascidos alimenta-nos e sustenta-nos.¹¹ Razão pela qual me parece que os carmes dos poetas a designaram por mãe comum dos deuses e dos homens.¹²

Contígua à terra colocou a água, com aquele imenso e dilatado [3 vº] mar, a que se chama grande e oceano, subordinada e sujeita a uma lei tal que, ainda que seja batido pelos ventos e incessantes marés o agitem, todavia não pode ocupar com as águas esta parte da terra que a divina Providência, que governa todas as coisas, nos destinou, a nós e a todos os demais animais terrestres, para nela sustentarmos e preservarmos a nossa vida. Entre outras vantagens, ela encerra as sementes nas entranhas da terra e rega e inunda a mesma terra para produzir as searas: facto este que impeliu o asiático Tales, que foi na Grécia o primeiro a obter o título de sábio,¹³ a considerar a água como o princípio e o alimento de todas as coisas que a natureza produz.¹⁴

Depois da água colocou-se o terceiro corpo, que Gregos e Latinos designam com o mesmo nome de “ar”.¹⁵ Deu-no-lo vital e fez que circulasse por toda a espécie de coisas.

A este ajuntou o quarto, o fogo, o qual, se se suprimir da ordem das coisas, tornará impossível que a vida dos homens, que dele muito se servem, e a própria natureza, subsistam e se mantenham: é que nele existe uma certa potência para mover e produzir, da qual receberam movimento os primeiros, de maneira que àqueles brilhantes e redondos astros se chamaram fogos sempiternos, julgando que deles não só recebiam uma espécie de influxo contínuo e ígneo as coisas que nascem no mundo, mas também provinham os espíritos para os homens.

Além destes primeiros inícios das coisas, criou um quinto corpo, animado e divino, certamente em natureza e perfeição muito diferente das mais baixas, e ao qual se chama céu, que quis que fosse para si um templo de onde pudesse vigiar os negócios humanos, mas também direcção e leme deste mundo inferior: é imenso, brilhante, claro e isento de toda a espécie de contendas, construído com a máxima formosura e perfeição e, o que demonstra o seu admirável labor, ataviado e resplandecente com aqueles luzidíssimos astros, como se fossem uma espécie de esmeraldas e piropos, razão pela qual [4] Varrão, o mais erudito dos Latinos, pensa que se dá o nome de “céu” ao mundo trabalhado e adornado.¹⁶ Ao animal que criou com o barro da terra, dotado de sentidos e inteligência para que fosse seduzido pela aparência e atavio de tão grandes coisas, chamou-lhe homem, não desconhecendo nós que tudo o mais foi feito por causa dele.

E, como tivesse querido antepô-lo aos restantes animais, que se inclinam e obedecem ao ventre, revestiu-o com dois atavios, no corpo e no espírito. E de tal sorte os ajuntou que este animal tão excelente e tão divino desviou da mísera e mortal terra todos os sentidos do seu espírito para aplicá-los a conhecer e amar a Deus. Santo Agostinho colocou toda a essência e natureza dos homens em reconhecerem perfeitamente a Deus como autor da vida e dador da sempiterna e suavíssima felicidade e em adorá-Lo com piedade e fé, depois de plenamente O terem

cognitum et perspectum haberent, summa cum pietate et fide ueneraretur. Atque ad hunc maxime finem omnia tum corporis, tum animi instrumenta concessit: nam corpus ipsum, ut illud primo consideremus, ita figurauit et composuit ut et pulchritudine et uenustate et symmetria partium inter se facile reliquis corporibus antecellat. Et, cum ceterorum animalium corpora abiecta et inclinata fecisset ad pastum, homini sublatum et erectum dedit, ut posset ad eum locum, unde sibi animus datus est, tamquam ad propriam cognitionem futurumque domicilium oculos eleuare. Corpori sensus dedit, quos non imbecilles aut fallaces aliquos nuntios, sed ueros iudices et interpretes rerum subiectarum haberemus. Et quoniam ad ducenda etiam intelligendarum rerum simulacra nobis concessi sunt, eos idcirco aliorum animalium sensibus longe praestabiliores ac utiliores [4 v^o] esse uidemus.

Praeter haec illustria et magnifica corporis ornamenta, animum dedit caelestem, immortalem, diuinum, cui uniuersi corporis sensus tamquam proprio domino et imperatori parerent. Cuius quidem tanta praestantia est, tanta diuinitas, tanta cum Deo ipso similitudo et affinitas ut certe mihi ueteres illi sapientiae exploratores non tam laudandi uideantur quod immortalitatem illius argumentis et rationibus inuenerunt, quam admirandi quod ex diuina mente decerptum credentes cum nullo alio nisi cum Deo ipso comparandum esse censuerunt. In quo numero fuit Euripides ille Cretensis, qui animum hominis *θεόν* appellare non dubitauit.

Ah quanto rectius hic quam Epicurus, tantorum malorum pater, quem suae uoluptatis esca ita irretiuit ut diuinum hominis animum non modo a natura corporis non separauerit, uerum etiam (quod “horresco referens”, patres conscripti) cum corpore simul interire ac dissipari uoluerit. Igitur id uere mihi licet dicere, ex omnibus donis et ornamentis quae Deus Optimus Maximus in animum hominis contulit, illud maximum et clarissimum esse quod eum insatiabili quadam contemplationis et scientiae cupiditate et amore uestiuit. Sunt alia multa non mediocria eius officia, ut cogitare, prouidere, discere, docere, inuenire, amare, odisse, meminisse, uerum amare et cupere scientiam, hoc uero est quod hominem perfectum reddit et earum rerum, quae uitam beatam efficiunt, iam nunc, cum in terris moratur, participem.

Etenim ea lege sunt procreati homines – ad quam non docti, sed facti, non instituti, sed imbuti uidentur – ut nulla sit res non modo magna aliqua, quales sunt artes praeclarae et scientiae, sed etiam parua aut exigua quaeuis, cuius amore cognoscendae et auditate non trahantur. Ad hanc [5] scientiae cupiditatem accedit quoque propensio quaedam animi et aptitudo, siquidem ad discendum et cognoscendum natura sumus prompti et affecti, nec enim est cur ea, quae apud Platonem in “Menone” scripta sunt, probare debeamus, cum ait animis humanis ab initio, cum in corpora ueniunt,

conhecido e compreendido. E foi sobretudo com este fito que concedeu todos os dons, tanto os do corpo como os do espírito: com efeito, ao próprio corpo, para que nele atentemos em primeiro lugar, moldou-o e compô-lo de tal maneira que, pela beleza e simetria das partes entre si, facilmente se avantajava aos demais corpos. E, tendo feito os corpos dos restantes animais abatidos e inclinados para o pasto, deu-o ao homem elevado e erecto, a fim de que pudesse, como para coisa sua e seu futuro domicílio, levantar os olhos para aquele lugar de onde lhe proveio o espírito. Deu sentidos ao corpo, para que nos servissem, não de mensageiros fracos ou enganosos, mas de avaliadores e intérpretes verdadeiros das coisas que se nos apresentam. E visto que nos foram concedidos para nos transmitirem também as imagens das coisas inteligíveis, por isso vemos que são de longe mais excelentes e [4 vº] úteis que os sentidos dos outros animais.¹⁷

Além destes ilustres e magníficos ornamentos do corpo, deu uma alma celestial, imortal e divina, para que a ela, como a seu próprio amo e senhor, obedecessem todos os sentidos do corpo. A qual, certamente, possui tamanha superioridade, tamanha divindade e tão grande semelhança e afinidade com o próprio Deus que me parece que aqueles antigos batedores da sabedoria não merecem ser louvados tanto porque descobriram a sua imortalidade com argumentos e raciocínios, quanto devem ser admirados por, crendo que ela fora retirada do entendimento divino, terem julgado que não cumpria ser comparada com nenhuma outra coisa senão com o próprio Deus. A este número pertenceu o célebre Eurípides cretense,¹⁸ que não duvidou em chamar “deus”¹⁹ ao espírito do homem.

Ah, quanta mais razão não teve ele do que Epicuro, progenitor de tão grande número de males, a quem de tal modo enleou o engodo do seu prazer que não só não separou a divina alma do homem da natureza corporal, mas também (algo que, ó membros do senado académico, “tremo de horror ao contá-lo”)²⁰ pretendeu que morre e se desata juntamente com o corpo. Portanto, é-me lícito dizer que, de entre todos os dons e ornamentos que Deus Ótimo Máximo colocou no espírito do homem, o maior e mais ilustre é tê-lo revestido de uma espécie de insaciável desejo e amor de contemplação e de ciência. Possui ele muitas outras funções nada desprezíveis, como sejam o pensar, o prever, o aprender, o ensinar, o descobrir, o amar, o odiar e o lembrar, mas o amar e o apetecer a ciência – é isto na verdade o que torna perfeito o homem e o faz partícipe, já agora, enquanto permanece na Terra, daquelas coisas que tornam a vida bem-aventurada.

Efectivamente, a natureza com que os homens foram criados – e que não lhes parece ter sido ensinada, mas ser-lhes conatural, nem resultar da educação, mas ser-lhes ingênita – é tal que são arrastados pelo amor e avidez, não só de qualquer coisa elevada, como são as artes mais distintas e as ciências, mas igualmente de qualquer pequena ou exígua. A este [5] desejo de ciência acresce também um certo pendor e aptidão do espírito, visto que, por natureza, estamos inclinados e dotados para aprender e conhecer, pois não há razão para que devamos aprovar o que Platão escreveu no *Ménon*, quando diz que as almas humanas desde o princípio,

ingenitam esse ac insitam rerum omnium sine doctrina cognitionem, nec nos, cum celeritate nimia et cursu ingenii res magnas ac innumerabiles consequimur, tum primum discere, sed reminisci ac recordari.

Quanto plus apud nos ualere debet Aristotelis summi in omni scientia uiri sententia – quem ego puto eamdem illam ingenii sui aciem, qua rerum omnium naturam uimque uiderat, ad intelligendam animi uirtutem et diuinitatem direxisse –, in quo non impressas aliquas, quemadmodum Platoni uisum est, et quasi consignatas rerum notiones esse uoluerit, sed ita rudem ac expertem initio nobis infundi ut eum cum tabula aliqua rasa et inculta, in qua nihil depictum signatumue est, comparandum putet.

Nec nos propterea naturam cum Plinio hominis nouercam appellemus, quae cum reliqua animantia sua quaeque per se munera tenere et scire uoluerit, alia uelocia, alia uolantia, alia uires habentia, alia natantia sponte nasci, hominem scire nihil, non fari, non ingredi, non uesci sine doctrina uidemus. Quae, quamquam ita se habent, illud tamen non mediocre nobis censendum est felicitatis humanae adiumentum esse quod animum talem acceperimus a natura ut ad omnes scientias et artes auidum eum et propensum habeamus.

O diuinam animi uirtutem! O caelestem et admirandam naturam, quam ideo concessit homini Deus ne, quem tam excellentem, sagacem, memorem, prouidum, rationis consiliique participem genuisset, eundem praeclaro et diuino sapientiae munere priuare, uideretur. [5 v^o] Est enim sapientia ab illo immenso et immortalis Deo omnium bonorum auctore profecta. Qua cum nihil melius, nihil praestantius, nihil ad omnes res tum publicas, tum etiam priuatas pertinentius nobis datum sit, diuinus Plato et inuentum et donum Dei appellare non dubitauit. Nec immerito: siquidem eam Salomon, omnium diuino munere factus sapientissimus, ait ex ore altissimi et supremi Dei prodiisse. Haec est, haec est data homini cultura ad omnia non modo radicitus uitia extrahenda, sed etiam ad fructus scientiarum et uirtutum capiendos.

Non possum ullo modo tacitus praeterire illam singularem ac paene diuinam Stoicorum sententiam, quibus tantum sapientiae nomen uisum est ut non solum inter eam et bonitatem discrimen nullum ponerent (eosdem enim sapientes et bonos uno nomine appellabant), sed etiam ex eorum uita qui sapientes essent, omnem tum animi, tum corporis perturbationem tollerent atque extirparent naturaque illud comparatum esse, sapientes nullo dolore, nulla cupiditate, nullo metu, nulla libidine nulloque aliorum etiam affectuum labefactari, uinci aut expugnari debere, sed, magnitudine consilii, humanorum casuum tolerantia, contemptione fortunae, uirtutis et sapientiae suae praesidio munitos, omnes harum rerum et perturbationum

quando vêm para os corpos, possuem, sem ensinamento, um conhecimento ingênito e conatural de todas as coisas, e que, quando alcançamos grandes e inumeráveis coisas com excessiva celeridade e presteza da inteligência, não estamos a aprender, mas sim a relembrar e recordar.²¹

Devemos dar muito mais crédito à opinião de Aristóteles, o varão de maior autoridade em todas as ciências – o qual, na minha opinião, na compreensão da virtude e divindade da alma seguiu a inspiração daquela mesma penetração intelectual com que vira a natureza e essência de todas as coisas –, quando pretendeu e pensou que as noções das coisas não tinham sido como que impressas e gravadas, tal como pareceu a Platão, mas que, no início, o espírito nos é infundido tão informe e despojado que considera que deve ser comparado com uma tábua rasa e tosca em que nada se pintou ou gravou.²²

Tão-pouco por esse motivo chamaremos, como Plínio, “madrasta do homem” à natureza, a qual, ao querer que os restantes animais cada um por si compreenda e saiba as suas funções, vemos que espontaneamente uns nascem velozes, outros voadores, outros possantes, outros nadadores, e que o homem nada sabe, não fala, não caminha e não se alimenta sem aprendizagem. Conquanto as coisas assim se passem, todavia devemos pensar que é um grande acréscimo para a felicidade humana o facto de a natureza nos ter dado um espírito caracterizado por tão grande avidez e propensão para todas as ciências e artes.

Oh divina virtude do espírito! Oh admirável e celestial natureza, que Deus concedeu ao homem para que não parecesse que privara do divino e illustre dom da sabedoria alguém a quem criara tão excelente, perspicaz, memorioso, providente e partícipe da razão e prudência. [5 vº] É que a sabedoria provém daquele imenso e imortal Deus, autor de todos os bens.²³ Uma vez que, de tudo que nos foi dado, nada há melhor do que ela, nem mais elevado, nem mais acomodado para todas as coisas, tanto públicas como privadas, o divino Platão não hesitou em designá-la como um “achado e dádiva de Deus”.²⁴ E com toda a razão: pois Salomão, tornado por mercê divina o mais sábio de todos, diz que ela nasceu da boca do altíssimo e supremo Deus.²⁵ Ela foi dada ao homem em arrendamento, não só para que arrancasse de raiz os vícios, mas também para colher os frutos das ciências e das virtudes.

De modo algum posso passar em silêncio aquela extraordinária e quase divina opinião dos Estóicos, para os quais o nome de sabedoria parecia ter tamanho valor que não só não faziam qualquer distinção entre ela e a bondade (pois designavam com a mesma palavra os bons e os sábios), mas também suprimiam e extirpavam toda a espécie de perturbação, tanto de espírito como de corpo, da existência dos que eram sábios: opinião segundo a qual é em conformidade com a natureza que os sábios não devem ser abalados, vencidos ou subjugados por nenhuma dor, nenhum desejo, nenhum temor, nenhuma paixão e nenhum dos outros afectos, mas, protegidos pela grande prudência, pela constância em suportar as desventuras humanas, pelo desprezo da fortuna e pelo socorro da sua virtude e sabedoria, rechaçam todas as arremetidas e incursões destas coisas e perturbações. Cuido que

impetus ac excursions propulsare. Quamobrem arbitror fictis fabulis dixisse poetas, sapientiam e Iouis – Ἀνδρῶν τε θεῶν τε πατρός, ut ait Homerus –, cerebro fuisse natam, tum etiam saeua Gorgone, parma, hastaque trementi armatam, quae, quoniam in rebus bonis et expetendis maxima est, praeter omnes artes et uirtutes insignes, nos quoque docet et hortatur ut nostri cognitionem habeamus. Cuius uerbi tanta uis est, tanta dignitas ut illud non Chiloni quidem Lacedaemonio, a quo prolatum fuit, sed Delphico [6] Appollini tributum sit aureisque litteris in eius templo consecratum.

O magistra morum, sapientia, animi pabulum e caelo datum! O mater omnium artium et scientiarum! Quae, obsecro, praemia? Quas dignitates? Quos honores homines per te consequuntur? Quos tu amores tui? Quae desideria in animis nostris excites si, ut inquit Plato, oculis corporeis cernereris? Huius studium, uiri nobilissimi, qui diligentissime et amantissime sequuntur, non solum mihi perbeati uideri solent, sed etiam proprio nomine philosophi appellantur. Quod nomen, ut ab honestissimo amore sapientiae ortum habet, sic certe omnium magnorum regum, ducum, imperatorum et eorum, qui in reipublicae administratione praeclarissime uersantur, nominibus antefendum est.

Quae res, ut etiam exemplis utamur, illum Atheniensem Socratem tenuit iisdem in uestigiis immotum ac inconiuentem oculis in unum locum defixis ἐξ ἡλίου εἰς ἡλίον sic cogitantem, quasi quemdam secessum mentis et animi a corpore fecisse uideretur, nisi studium sapientiae? In quo tantum modestiae seruauit ut ob id merito Appollinis oraculo omnium sapientissimus fuerit iudicatus.

Quae uis huius auditorem Euclidem Megarenses impulit ut, praeter grauissimum Atheniensium decretum, capitis sui periculum contemnens, Athenas noctu ad Socratem commearet, nisi ut noctis saltem aliquo tempore Socratis uoce et doctrina frueretur? Quid illa Platonis, quid Pythagorae peregrinatio? Quid Democriti obcaecatio, ne animum a cogitationibus alienaret, significat, nisi magnum et admirabile in iis studium sapientiae fuisse? Quid de Alexandro dicam, qui tanti fecit studium sapientiae ut non imperio quidem suo, quod ille proeliis et uictoriis maximis per omnes totius orbis terrarum regiones dilatauit, [6 v^o] non generis diuinitate, quo se Ioue satum saepissime gloriatus fuit, sed studio sapientiae se ceteris hominibus antecellere putauit?

Non possum hoc loco non commemorare, quoniam a uobis concedi, humanissimi auditores, tribuique sentio, Aegyptiorum hominum consuetudinem, quibus, cum adeo magnum et praestans philosophorum nomen uideretur, solis iis absolutis et illustribus uiris pro comperto habuerunt uniuersae rei publicae gubernacula esse concedenda.

por este motivo disseram os poetas nas fingidas fábulas que a sabedoria nasceu do cérebro de Júpiter – “pai dos homens e dos deuses”, consoante diz Homero²⁶ –, já então armada de escudo, com uma cruel Górgona, e lança dardejante, a qual, porque é a maior das coisas boas e desejáveis, além de todas as artes e virtudes extraordinárias, também nos ensina e exorta a adquirirmos o conhecimento de nós mesmos.²⁷ É tamanha a força, tamanha a dignidade desta sentença, que foi atribuída, não ao lacedemónio Quílon,²⁸ que a proferiu, mas ao Apolo de Delfos, [6] e com letras de ouro consagrada no seu templo.²⁹

Ó sabedoria, mestra dos costumes, alimento da alma dado pelo céu! Ó mãe de todas as artes e ciências! Pergunto: que prémios, que dignidades e que honrarias alcançam os homens por causa de ti? Tu, que amores por ti, que desejos não despertarias nas nossas almas, se, tal como diz Platão, fosses contemplada com os olhos do corpo?³⁰

Nobilíssimos varões, os que se entregam com o máximo desvelo e amor ao estudo dela não só me parecem bem-aventurados, mas também é com toda a propriedade que são designados filósofos. Este título, assim como tem a sua origem no honestíssimo amor da sabedoria, da mesma maneira é indubitável que deve ser preferido aos títulos de todos os grandes reis, duques, imperadores e dos que gloriosamente se ocupam com o governo do Estado.

Para recorrermos também a exemplos, que coisa, senão o amor da sabedoria, manteve aquele célebre Sócrates ateniense imóvel na mesma postura e com os olhos abertos fixos num único ponto “do nascer ao pôr do Sol”³¹ de tal modo pensativo que quase parecia que o entendimento e a alma se tinham retirado do corpo? E neste amor manteve tamanha moderação que por esse motivo com toda a justiça o oráculo de Apolo o julgou como o mais sábio de todos.³² Que força impeliu um seu ouvinte, o megarense Euclides, a, desafiando um gravíssimo decreto dos Atenienses, sem olhar para o perigo da sua própria vida, durante a noite dirigir-se a Atenas ao encontro de Sócrates: que força o impeliu, senão o desejo de desfrutar, ao menos de noite, durante algum tempo da voz e dos ensinamentos de Sócrates? Que impeliu Platão e Pitágoras às célebres viagens que fizeram? Que significa a cegueira voluntária de Demócrito,³³ a fim de não alhear o espírito da meditação, senão que nestes homens havia um grande e admirável amor pela sabedoria? Que hei-de dizer acerca de Alexandre, que tinha em tamanho apreço a sabedoria que considerou que se avantajava aos demais homens, não pelo seu império, que através de combates e vitórias inexcedíveis dilatou por toda a extensão da terra, [6 vº] nem pela divindade da sua linhagem, em relação à qual mui amiúde se gloriou de ser rebento de Júpiter, mas pelo amor da sabedoria?³⁴

Neste lugar não posso deixar de lembrar, pois sinto, indulgentíssimos ouvintes, que me permitis e concedeis licença, o costume dos Egípcios, aos quais a tal ponto lhes parecia superior e grandioso este título de filósofos que estavam convencidos de que o leme da totalidade do Estado só deveria ser entregue a estes perfeitos e ilustres varões.

Mitto artium omnium et scientiarum studia; mitto legum instituta, quae omnia a philosophis inuenta, tractata, lecta, scripta et notata legimus. Quapropter a lacrimis me abstinere non possum idque uobis omnibus dolori esse puto, cum nomen hoc tam insigne, tam amplum odiis multorum deturpatum, negligentia fractum uideo, qui studium sapientiae, quod nobis praesidio uitae datum est, ut inane et perniciosum rei publicae repudiandum putant. Quam ob caussam plures reperimus qui non uera et immortalia bona, quales sunt artes praeclarae et scientiae, sed falsa, turpia et non permanentia studio et amore nimio sequantur.

Heu dementiam eorum qui tantopere fortunae ludibria expetenda putant! Quae qui expetunt, eos nullis artibus nullisque praeceptis eruditos cernimus, spe uaria semper et incerta pendenteis; quos omnes, cum iam se beatos, cum se florentes putant, fortuna ipsa, immutato rerum apparatu, misere deiicit atque prosternit. Alios etiam uidemus qui et ornamento domus et formae pulchritudine delectantur. Sed quid pulchritudo corporis, quid generis nobilitas, quid elegantia domus ad bene beateque uiuendum confert? Praeclarissimus est, ut scriptum habemus a Platone, thesaurus uirtus maiorum, at multo praeclarior Sthennio¹ poetae uidetur maiores uir tutis gloria [7] et praestantia superare. Nam quem fructum nobis ea, qua multi abutuntur, nobilitas maiorum afferre potest? Quam non potius ignominiam aut dedecus, si improbi ac ineruditi sumus?

Diogenes, ille cynicus Alexandri contemptor, cum esset inuitatus a quodam, qui conspicuam satis et ornatam domum habebat, sputum exscreans in illum coniecit. Cum is aegre ferret: "nihil", inquit Diogenes, "in tota domo neglectum, nihil inornatum nisi te conspicio: nam parietes omnes egregiis picturis ornati sunt, pauimentum tesseris pretiosis exstructum, tectum mirabili artificio elaboratum, lectus et eius fulcra insignia, uasa aurea et argentea pura, te uero harum rerum omnium dominum omni squalore et situ contaminatum cerno."

Vtinam tantam uitae deformitatem tantamque imperitiam negligentia parentum non contraheremus! Quo tempore amplectenda sunt artium et uirtutum studia, tenera puerorum corpora deliciis et uoluptatibus corrumpi sinunt blandaque educatione uires omnes ingenii debilitari. Quamobrem mihi iure laudandus ille uidetur Solon sapientissimus, quod legem sanciuisset ne quis patrem suum, a quo nullis disciplinis et uirtutibus traditus fuisset, alere et sustentare cogeretur.

Hinc satis sentire possumus, uiri nobilissimi, quam litterarum studium externis et fortuitis bonis praefendum sit. Quod cum satis contempleretur Boethius Seuerinus, maximus liberalium studiorum illustrator, eiusque bona

¹ *Editio princeps*: Stheneo.

Deixo de parte os estudos de todas as artes e ciências; deixo de lado os ensinamentos das leis, que sabemos que todos foram descobertos, expostos, ensinados, escritos e comentados por filósofos. Razão pela qual não posso abster-me das lágrimas, e creio que a todos vós isso também causa desgosto, quando vejo este nome tão insigne e tão glorioso desonrado pelo ódio e abatido pela indiferença de muitos, que consideram que o estudo da sabedoria, que nos foi dado como sustentáculo da vida, deve ser rejeitado como inútil e prejudicial ao Estado. Por este motivo encontramos muitas pessoas que seguem com sobejo desvelo e amor, não os bens verdadeiros e imortais, como são as artes preclaras e as ciências, mas os falsos, vis e perecíveis.

Oh demência dos que cuidam que são tão apeteceíveis os enganos da Fortuna! Vemos que aqueles que os perseguem não sabem quaisquer artes nem regras, sempre suspensos de uma esperança inconstante e incerta; a todos eles, quando já se julgam felizes e prósperos, a mesma Fortuna, mudando a aparência das coisas, abate-os e fá-los cair de modo lastimoso. Também vemos que outros se deleitam com os ornamentos da casa e a beleza física. Mas, para viver bem e com felicidade, de que serve a formosura corporal, de que serve a nobreza de linhagem, de que serve a elegância da casa? Consoante escreveu Platão, a virtude dos antepassados é um tesouro muito admirável, mas ao poeta Esténio³⁵ parece-lhe muito mais admirável avantajarse aos antepassados em glória [7] e superioridade de virtude. Com efeito, que benefícios nos pode trazer uma nobreza de antepassados, da qual muitos se servem? Não é antes ela ignomínia e desdouro, se nós somos desonestos e ignorantes?

Aquele célebre Diógenes, que mostrava desdém por Alexandre,³⁶ tendo sido convidado por certa pessoa, que possuía uma casa assaz vistosa e ornamentada, escarrou-lhe na cara. Como este reagisse de mau talante, Diógenes disse: “Vejo que em toda a casa nada foi negligenciado ou ficou por ornamentar, a não ser tu: é que todas as paredes foram decoradas com excelentes pinturas, o pavimento foi recoberto com mosaicos de grande preço, o tecto foi trabalhado com admirável artifício; vejo também o leito e suas pernas belamente talhadas, as taças de ouro e prata sem mistura, mas dou-me conta de que tu, senhor de todas estas coisas, foste contaminado por toda a espécie de imundícies e misérias.”³⁷

Prouvera a Deus que por incúria dos progenitores não incorrêssemos numa tão grande fealdade de vida e numa tão grande ignorância! Na altura em que se devem abraçar os estudos das artes e das virtudes, permitem que os tenros corpos das crianças sejam corrompidos pelas delícias e pelos prazeres e todas as forças intelectuais enfraquecidas por uma educação frouxa. Razão pela qual com toda a justiça me parece digno de louvor aquele sapientíssimo Sólon por ter estabelecido uma lei para que ninguém fosse obrigado a sustentar e alimentar o seu pai, se este lhe não tivesse inculcado quaisquer conhecimentos e virtudes.³⁸

Por aqui, nobilíssimos varões, podemos ver suficientemente o quanto o estudo das letras é preferível aos bens exteriores e fortuitos. Severino Boécio, o maior

secum consideraret, seminarium quoddam disciplinarum omnium appellauit. Atque ut harum commendationem recto et suaui orationis ordine prosequare, olea quaedam nobis Mineruae, quae sapientia interpretatur, ob oculos constituenda est, e cuius pulcherrimis et ornatissimis ramis disciplinas omnes decerpamus.

[Grammatica]

Igitur in primo huius arboris ramo nobis floret grammatica², quae [7 v°] omnium artium quae ad sermonis habitum pertinent, suo iure sibi primum locum uindicare potest. Hanc artem commendans apud Platonem, Socrates hoc ei imprimis laudis tribuit, quod mancam ac debilem futuram arbitratur omnem doctrinam quae grammaticae uiribus et quasi neruis suffulta ac solidata non fuerit. Vehementer enim ad intelligendas omnes alias artes et scientias conferre existimat, si et litterarum ratio et nominum uocumque doctrina, quae grammatica est, perfecte et ornate cognoscatur. Cui non parum assentitur M. Fabius Quintilianus, qui grammaticos scribit tantum in omni litteraturae genere nomen habuisse ut non modo poetarum, sed etiam scriptorum omnium iudices constituerentur. Nam et uersus censoria quadam uirgula notabant et libros, qui falso uiderentur inscripti, remouebant, auctores alios in ordinem redigebant, alios eximebant numero: inter quos fuit Aristarchus ille maximus huius artis splendor, qui de Homero et Pindaro prudentissimum et clarissimum iudicium fecit. Ac mihi quidem, in summas artes ac doctrinas intuenti, talis quaedam grammatica uideri solet ut sola possit, a reliquis separata, per se plurimum prodesse et delectare. Nec enim est ulla professio a qua tam frequentem et paratum fructum capiamus quam grammatica, nam de numeris, magnitudinibus, musicis et astrorum cursibus perraro quidem et quasi subsiciuis temporibus loquimur, at grammatica semper parata est, nullo loco excluditur, omni tempore nos adiuuat ac comitatur.

Non dico, uiri nobilissimi, ne uobis longior esse uidear, quae praemia, quae beneficia iure consulti optimi et sapientissimi uiri in eos conferunt qui in grammaticae doctrina excellentes existunt. Mitto Apollodorum huic facultati, sicut [8] nomen declarat, ab ipso Apolline datum, cui amphychiones Graeciae amplissimam dignitatem concesserunt; mitto Antonium Gniphonem, ad cuius scholam M. Tullius post forensia negotia conferebat; mitto alios huius artis clarissimos doctores, quorum peramplum et illustre nomen satis nobis persuadet quam non modo summa cognitio, sed etiam diuinitas quaedam huic studio inesse uideatur. Quod certe uos multo magis credituros existimo, si artem hanc uideatis, praeter prima elementorum studia, alia quoque multo maiora, praestabilia, meliora ac diuiniora poetarum et historicorum considerare.

² Grammatica deest in editione principe.

lustre dos estudos liberais, ao ter plena consciência deste facto e ao ponderar no seu íntimo os seus bens, chamou-lhe uma espécie de viveiro de todas as ciências.³⁹ E para prosseguir com correcto e harmonioso discurso o exalçamento destas, devemos como que colocar diante dos olhos a oliveira de Minerva, que simboliza a sabedoria, por forma a colhermos dos seus belíssimos e ornadíssimos ramos todas as ciências.

Portanto, no primeiro ramo desta árvore floresce a gramática, que com todo o direito [7 vº] pode reivindicar para si o primeiro lugar de todas as artes.⁴¹ Lê-se em Platão que Sócrates, fazendo o elogio desta arte, encarece-a antes de mais pelo facto de que em sua opinião há-de mostrar-se frágil e mutilado todo o ensinamento que não se achar consolidado e como que musculado com as forças da gramática. É que está vivamente convencido de que serve para compreender todas as outras artes e ciências, se se conhecer perfeita e elegantemente a disposição das letras e a ciência dos nomes e palavras, que é a gramática.⁴² Em nada dele dissente M. Fábio Quintiliano, que escreveu que os gramáticos tiveram tamanho prestígio em todos os géneros de literatura que foram constituídos como juizes não só dos poetas, mas de todos os escritores.⁴³ Com efeito, criticavam os versos e suprimiam os livros que parecessem falsamente atribuídos, e aos autores, a uns incluíam-nos no catálogo, a outros retiravam-nos do número das autoridades: entre estes contou-se o célebre Aristarco, glória máxima desta arte, o qual fez uma sagacíssima e claríssima avaliação crítica de Homero e Píndaro. E a mim, ao olhar para as artes e conhecimentos mais elevados, certamente que me costuma parecer que a gramática é de natureza tal que ela só, separada das restantes, pode ser de muito proveito e deleitação. É que não existe nenhum saber como a gramática do qual obtenhamos um proveito mais constante e prestimoso, porquanto a verdade é que de números, grandezas, música e cursos dos astros falamos mui raramente e como que em momentos de ócio, ao passo que a gramática está sempre prestes, não se exclui de nenhuma situação e acompanha-nos e ajuda-nos em todas as ocasiões.

Para que não vos pareça que sou prolixo, nobilíssimos varões, não refiro as distinções e benefícios que os melhores jurisconsultos e mais sábios varões atribuem aos que se mostram superiores no conhecimento da gramática. Deixo de lado Apolodoro, que, tal como [8] o nome indica, Apolo dotou para este saber, e ao qual os anfitriões da Grécia concederam a mais alta dignidade; deixo de lado António Gnífon, a cuja escola Marco Túlio se dirigia depois dos negócios forenses;⁴⁴ deixo de lado outros ilustríssimos mestres desta arte, cujo renome abalizado e ilustre de sobejo nos persuade de como neste estudo parece residir não só o mais alto conhecimento, mas também uma espécie de divindade. Considero que haveis de dar muito mais crédito a isto, se desta arte, além dos primeiros estudos dos rudimentos, quiserdes examinar também outras coisas muito maiores, mais excelentes, melhores e divinas de poetas e historiadores.

E falemos em primeiro lugar dos poetas. O sapientíssimo Platão, sentindo admiração pela sua grandeza, musa e divina inspiração, não só designava os poetas como intérpretes dos deuses, como também dizia (algo que parece dificultoso de crer)

[Gramática]⁴⁰

Ac primum de poetis. Quorum cum numen, musam, diuinum furorem admiraretur sapientissimus Plato, poetas tum deorum interpretes appellabat, tum etiam (quod uix credendum uidetur) omnes scientias ac doctrinas in poetarum carminibus reperiri dicebat; cuius rei hoc signum erat, quod poetae ipsi, amoto iam furore, uix intellectu carminum uirtutem ac diuinitatem consequerentur. Quod cum ueteres sapientes non ignorarent, poetice multo magis quam reliquas artes colendam censuerunt, quod intra eam seu commune quoddam receptaculum ceterae contineri uidentur, itaque non iam poetice illam, sed primam quamdam philosophiam ac theologiam nominabant. Ac certe poetas Aristoteles scribit apud priscos et primos philosophos et theologos appellatos fuisse.

Quam magnam ac diuinam poeticae laudem in Mose, Dauide, Iob, Isaia ceterisque huius ordinis ac studii sanctissimis prophetis inuenire possumus, qui mihi illo ipso diuini numine, quo res sacras ac omni admiratione dignas decantarunt, afflati fuisse uidentur, ut metrum potius quam aliud sermonis genus ad decantandum inuenirent! De quibus [8 v°] diuus Hieronymus, in Eusebium, ait: “Quid psalterio suauius, quod Flacci et Pindari nunc iambico, nunc Sapphico pede fluens lyram refert? Quid *Deuteronomii* et Isaiae cantico pulchrius? Quid Salomone grauius? Quid Iob perfectius?” Quae omnia ab illis hexametris et pentametris carminibus composita fuerunt.

Quod poetas rerum suarum scriptores secum habuerit magnus ille Alexander facile ex Plutarcho et Cicerone nouimus. Atque is, cum Dario Persarum rege uita et imperio spoliato inter eius delicias cistellam quamdam auro gemmisque ornatam uidisset, uarios eius usus cum dicerent amici, iussit rex sapientissimus ut in ea magnum opus Homeri reponeretur. Sic enim delectabatur Homero, ut eius “Iliade”, quam semper prae manibus habebat, saepius quam puluino uteretur. Idem etiam, cum Thaebas Boeotiae caput belli caperet, suis praecepisse dicitur ne Pindari poetae familiam et Penates attingerent.

Quid quod nobis declarat ipsa natura quam tum poetarum nomen colere et uenerari debeamus? Quae, cum “ceterarum rerum studia arte et praeceptis consent, poetam sua quasi manu effecerit et mentis uiribus”, ut ait Cicero, “excitauerit.” Quamobrem scribit Diodorus carmen non ingenio aut industria humana, sed diuino munere inuentum esse et Heliconiis musis datum. Non igitur est cur istas, quae uulgo iactari solent, poetarum accusatrices uoces audiendas putemus, poetas, cum nihil praeter inanes fabulas enarrent, non esse legendos.

Nam cur tam multa sermonis ornamenta, uitae praecepta, documenta, tantam exhortationum, sententiarum, delectationum copiam, quae in poetarum libris insita et sparsa est, non legemus ac repudiabimus? Cum praesertim

que nas composições dos poetas se encontravam todas as ciências e conhecimentos: a prova disto encontrava-se no facto de que os próprios poetas, uma vez passada a inspiração, a duras penas conseguiam entender o sentido e perfeição dos seus poemas.⁴⁵ Como os antigos sábios não desconheciam isto, pensaram que a poesia deveria ser muito mais cultivada do que as restantes artes, dado que as demais pareciam encerrar-se dentro dela como numa espécie de receptáculo comum e, por isso, designavam-na não já como poesia, mas como uma espécie de primeira filosofia e teologia. E é certo que Aristóteles escreveu que entre os antigos e mais primitivos se chamava aos poetas filósofos e teólogos.

Quão grande e divino merecimento de poesia não podemos encontrar em Moisés, David, Job, Isaías e nos demais santíssimos profetas desta condição e gosto, que me parece que foram inspirados por aquele mesmo divino poder, com que celebraram coisas santas e dignas de toda a veneração, de maneira a encontrarem para cantar a linguagem métrica de preferência a outra de género diferente!⁴⁶ Acerca deles [8 vº] disse São Jerónimo, ao falar contra Eusébio: “Que há de mais suave do que o saltério, que restitui a lira de Flaco e de Píndaro, fluindo ora com o pé iâmbico, ora com o sáfico? Que existe de mais formoso do que o cantar do *Deuteronomio* e de Isaías? Que há de mais ponderado do que Salomão? Que há de mais perfeito do que Job?”⁴⁷ Todos estes textos foram por eles compostos em poemas de seis e de cinco pés.

Por Plutarco e Cícero sabemos claramente que aquele célebre Alexandre Magno teve consigo poetas encarregados de escreverem as suas façanhas.⁴⁸ O qual, depois de haver privado da vida e do poder Dario rei dos Persas, viu entre os objectos de luxo que a este tinham pertencido um certo cofrezinho ornamentado com ouro e pedras preciosas; depois de os seus amigos lhe indicarem vários dos seus usos, o sapientíssimo rei ordenou que nela se colocasse a grande obra de Homero.⁴⁹ É que de tal maneira se deleitava com Homero que mais amiúde se servia da *Iliada*, que trazia sempre entre mãos, do que do travesseiro.⁵⁰ Conta-se também que o mesmo Alexandre, depois de ter tomado na guerra Tebas, capital da Beócia, ordenou aos seus que não tocassem na família nem na casa do poeta Píndaro.⁵¹ Pois que dizer do facto de que a própria natureza nos mostra o grande dever que temos de respeitar e venerar o nome dos poetas? É que ela, enquanto “os estudos das demais coisas se fundam em arte e regras, como que criou por sua mão o poeta e”, consoante diz Cícero, “despertou-o com as forças do entendimento.”⁵² Por este motivo Diodoro escreve que a poesia não foi descoberta pela inteligência ou indústria humana, mas por mercê divina outorgada às musas do Hélicon. Por conseguinte, não há razão para pensarmos que se devem dar ouvidos a essas opiniões, que correntemente se propalam, em que se acusam os poetas e se afirma que se não devem ler porque nada mais contam senão fábulas vãs.

Ora, porque não havemos de ler ou havemos de rejeitar tão grande número de primores de linguagem, regras e exemplos de vida, e tamanha abundância de exortações, sentenças e coisas deleitáveis, que se encontram espalhadas e esparzidas

Socrates apud Platonem non solum poetarum opera diuina ac diuino quodam oraculo edita appellet, sed etiam doceat ut in poetis uersantes [9] non tam carmina quam carminum sensa et intellectum consideremus. Quod satis confirmat Horatius ad Lollium scribens praecepta uitae pulchra et utilia ab Homero melius et plenius quam Chrysippo et Crantore expressa fuisse.

Nec solum poetice ramo suo grammatica, sed historiam quoque complexa est. Ex qua praeter alias innumeras haec praecipue capitur utilitas, quod haec res maxime homines ad omnem laudem uirtutis incendere potest. Quid enim est quo possint ad uirtutem ardentius incitari, a turpitudinibus et uitiiis acrius reuocari, nec periculis ullis aut incommodis perterri quominus honesta et gloriosa facta imitentur, quam bonorum omnium uirtutem et malorum prauitatem in historiis, tamquam in scaenis publicis, manifeste repraesentari? Historia certe maximorum uirorum res et illustria facta ab interitu obliuionis liberat; historia, ut Ciceronis uerba commutem, temporum testimonium praestat, ueritatem illustrat, memoriam confirmat, uitam instruit, uetustatem nuntiat. Nec etiam ab hoc nomine abhorrent beatissimorum euangelistarum codices, quos “historiam euangelicam” communi sermone appellamus.

P. ille Mucius pontifex maximus, cum crederet nihil magis utile et necessarium hominibus et ciuitatibus esse posse quam res gestas litterarum monumentis tradi, praeclare et sapienter instituit ut singulorum annorum res in libros conferrentur, qui, a definito temporis spatio, “Annales” nominabantur.

Eiusque rei tabulam domi suae proposuit, ut esset omnibus potestas et copia cognoscendi, quod ignorare quid ante nos acciderit nihil aliud esse arbitrabatur quam nos perpetuo pueros esse, nec id iniuria, namque illos uiuere atque aetate frui non puto qui rerum antea factarum memoriam una cum aetate sua non contextunt: unde dixisse [9 v^o] uidetur M. Fabius historiam nobis conferre ut quantum ad rerum notitiam attinet, praeteritis etiam saeculis uixisse uideamur.

Quid quod Aegyptii et Chaldaei summo ingenio homines in Republica instituerunt ut sacerdotes et philosophi in scribendis rerum historiis occuparentur? Denique tanta est historiae uis tantaque excellentia ut etiam puerorum animos et mentes in scholis delectet et ad laudis studia incendat.

Rhetorica

Verum cum loquendi ratio per se non possit illum sermonis ornatum qui in copiosa, distincta et eleganti oratione cernitur efficere, doctrina quaedam nobis diuino numine concessa in secundo sapientiae ramo floret, quae a Graecis “Rhetorice”, a Cicerone “artificiosa eloquentia” dicitur. Cuius cum tanta sit uis et potestas ut possit dicendo quae iusta, honesta et utilia sunt omnia auditoribus persuadere, merito eam atque optimo iure Sophocles,

pelos livros dos poetas? E isto principalmente quando Sócrates, citado por Platão, não só proclama as obras dos poetas como divinas e produzidas por uma espécie de oráculo divino, mas igualmente aconselha os que lêem [9] os poetas a atentarmos não tanto nos versos quanto no sentido e significado dos mesmos.⁵³ Horácio corrobora bastante esta opinião ao escrever a Lólio que as belas e úteis regras de vida foram mais perfeita e cabalmente expostas por Homero do que por Crisipo e Crantor.⁵⁴

E a gramática abrange no seu ramo não só a poesia, mas também a história. Além de outras inúmeras utilidades que dela resultam, a principal é que ela pode incitar muitíssimo os homens a todos os merecimentos da virtude. De facto, que coisa os pode mais ardentemente impelir à virtude, mais vivamente apartar das baixezas e defeitos e a não deixarem que o temor de quaisquer perigos ou incomodidades os impeçam de imitar façanhas honrosas e gloriosas, do que nas histórias pôr-se claramente diante dos olhos, como nos teatros públicos, a virtude de todos os bons e a perversidade dos ruins? A história, como é sabido, liberta da morte do esquecimento as acções e feitos ilustres dos maiores varões e, parafraseando as palavras de Cícero, “dá testemunho dos tempos, ilumina a verdade, fortifica a memória, é mestra da vida e faz conhecer a antiguidade.”⁵⁵ E também não são incompatíveis com este nome os escritos dos bem-aventuradíssimos evangelistas, a que na linguagem corrente designamos como “história evangélica”.

Aquele célebre pontífice máximo P. Múcio, porque acreditava que para os homens e para as cidades nada pode existir de mais útil e necessário do que consignarem-se por escrito as acções praticadas, estabeleceu com grande tino e acerto que se registassem em livros os acontecimentos de cada ano, a que davam o nome de *Anais* devido ao espaço de tempo que compreendiam.⁵⁶ E na sua casa tinha em exposição um quadro com este material, para que todos tivessem a possibilidade e ensejo de conhecer, pois pensava que ignorar o que aconteceu antes de nós não é senão conservarmo-nos sempre crianças, no que não deixava de ter razão, porquanto não creio que vivam e gozem da existência as pessoas que não unem estreitamente à sua vida a lembrança dos acontecimentos anteriores: motivo que parece [9 vº] que levou M. Fábio a dizer que a história nos é útil para quanto pertence ao conhecimento das coisas e também para como que vivermos nos séculos passados.⁵⁷ Que dizer do facto de os Egípcios e os Caldeus, homens de avantajada inteligência, terem estabelecido que, na República, os sacerdotes e os filósofos se ocupassem em escrever a história dos acontecimentos? Por derradeiro, é tamanha a importância e tão grande a excelência da história que também deleita na escola o espírito e entendimento das crianças e as incita ao amor pela glória.

Mas como as regras do falar não são capazes por si mesmas de conceder aqueles atavios de linguagem que se vêem num discurso eloquente, bem ordenado e elegante, no segundo ramo da sabedoria floresce um saber, que a divina majestade nos ofereceu, e a que os Gregos chamam *retórica* e Cícero dá o nome de “artificiosa eloquência”. É tamanha a sua eficácia e poder que, mediante a palavra, consegue persuadir aos ouvintes tudo o que é justo, honroso e útil, e foi com toda a justiça que Sófocles,

Retórica

tragoedias princeps, “et dominam et reginam rerum omnium” appellauit. Certe Plato eius diuinam uim aspiciens “inuentum Dei” nuncupat.

Nam, ut poetarum testimonium relinquamus, qui inuentum rhetoricae Mercurio deo attribuunt, quid nos excellentius, quid maius, quid diuinius eloquentia cogitare possumus? Quae nos a brutis animalibus, quae saepe uelocitate et uiribus corporis uincunt, separat; hominum coetus tenet, mentes allicit, uoluntates impellit quo uult, unde autem uult, deducit, turbas et seditiones populares comprimit, opem fert, excitat afflictos, dat salutem, liberat periculis, retinet homines in ciuitate, improbos et flagitiosos uituperando a flagitiis reuocat, bonos laudando paratior et audior ad uirtutem facit, excitatos militum animos sedat, iratos temperat, perterritos metu liberat, in dubio positos confirmat, postremo, dat arma quibus et Reipublicae mala propulsentur et defendantur [10] bona.

Iulius ille Caesar, Romanorum primus imperator, cum uideret quantum non solum adiumentum, sed etiam ornamentum regibus et imperatoribus afferret eloquentia, ad eius studium ita incubuit ut nemini in dicendo cedens, quemadmodum ad Brutum scribit Cicero, permultos superauit. Certe bellicas ille laudes, quales ipse Cicero pro M. Marcello orans commemorauit, non minus eloquentia quam armis comparasse dicitur. Huius etiam heres Augustus, quo imperante res romana felicissima fuit, tantopere delectatus est eloquentiae studio ut bello Mutinensi, cum in tanta rerum mole et occupatione uersaretur, eius rei exercitationes, nunc legendo, nunc scribendo, nunc declamando numquam omiserit.

Quam uenusta et utilis sit eloquentia habemus apud Homerum optimum Vlixis exemplum, quem sua eloquentia et diis immortalibus gratum et hominibus acceptum et periculis uariis terraque marique liberatum fecit. Nec mediocrem etiam ad huius rei laudem materiam esse existimemus, quod hanc unam cunctarum rerum facultatem praestanti ingenio, perpetuo studio et plurimis disciplinis comparari oporteat. Quo audacius dicendum est perfectos philosophos, iureconsultos, imperatores, Reipublicae administratores esse non posse, nisi sese maxime in eloquentiae studio exercuerint. Quamobrem Themistoclem, Periclem, Theramenem, maximos et sapientissimos Graeciae duces, memoriae proditum est non prius se ad Reipublicae gubernationem conferre uoluisse quam singulari eloquentia et magnis dicendi uiribus armati fuissent. E quibus Pericles tam potens fuit ut fulgurare in dicendo suis uideretur.

Nec uos moueat, uiri nobilissimi, quod rhetorice olim e ciuitatibus suis Lacedaemonii et Romani expulerunt. Quod illi populi tum [10 vº] effecerunt, cum nondum uberrimos et suauissimos rhetoricae fructus persentirent, quemadmodum solent multa egregia et utilia, antequam cognoscantur, contemni ac repudiari. Cum tamen paulatim huius rei et honestatem et utilitatem experirentur, tum demum eam non solum in

príncipe da tragédia, lhe chamou “senhora e rainha de todas as coisas”.⁵⁸ E é certo que Platão, considerando a sua divina eficácia, a designa como “invenção de Deus”.

De facto, e deixando de lado o testemunho dos poetas, que atribuem ao deus Mercúrio a invenção da retórica,⁵⁹ que podemos imaginar de maior e de mais divino do que a eloquência? É ela que nos separa dos brutos animais, que frequentemente nos vencem em forças e velocidade; ela que mantém os homens unidos, atrai as inteligências, impele as vontades na direcção que pretende, as desvia de onde quer, contém as multidões e as sedições populares, dá socorro, alenta os atribulados, oferece a salvação, liberta dos perigos, mantém os homens na cidade, afasta, pela repreensão, os desonestos e infames das infâmias, torna, pelo louvor, os bons mais propensos e ávidos de virtude, aquieta o ânimo exaltado dos soldados, acalma os irados, livra de medo os assustados, fortalece os que hesitam e, ao cabo, proporciona armas para se afastarem os males e defenderem os [10] bens da república.⁶⁰

Aquele célebre Júlio César, primeiro imperador dos Romanos, ao ter consciência da grande ajuda e ornamento que a eloquência significava para os reis e imperadores, de tal modo se aplicou ao seu estudo que, conforme escreve Cícero a Bruto, sem dar a ninguém a primazia na oratória, avantajou-se a muitos.⁶¹ Diz-se que ele obteve a glória militar, tal como a evocou Cícero ao falar em defesa de M. Marcelo,⁶² não menos graças à eloquência do que pelas armas. Também o seu herdeiro Augusto, durante cujo governo os negócios de Roma decorreram com a máxima prosperidade, sentia tanto prazer com o estudo da eloquência que, na guerra de Módena, embora se ocupasse e visse assoberbado por uma massa imensa de assuntos, nunca punha de parte o exercício desta actividade, ora lendo, ora escrevendo, ora declamando.⁶³

De como a eloquência é formosa e útil temos em Homero o excelente exemplo de Ulisses, cuja eloquência o tornou grato aos deuses e aceito aos homens e o libertou de variados perigos em terra e no mar. E também não julgemos que é pequena matéria de louvor para esta actividade o facto de que, de todas as coisas, este é o único talento que, para se alcançar, requer uma inteligência superior, um estudo incessante e uma grande quantidade de conhecimentos. Por isso cumpre que se diga com toda a afoiteza que os filósofos, os jurisconsultos, os generais e os governantes do Estado não podem ser perfeitos se não se aplicarem muitíssimo ao estudo da eloquência. Por este motivo diz-se que Temístocles, Péricles e Terâmenes, os maiores e mais sábios dirigentes da Grécia, não quiseram consagrar-se à governação do Estado antes de se terem armado com uma extraordinária eloquência e com grandes recursos oratórios.⁶⁴ De entre estes Péricles possuiu uma tão grande eloquência que, quando discursava, aos olhos dos seus parecia que lançava relâmpagos.⁶⁵

Tão-pouco vos impressione, nobilíssimos varões, o facto de que outrora os Espartanos e os Romanos expulsaram a retórica das suas cidades. E estes povos procederam então [10 vº] desta maneira porque ainda não sentiam os riquíssimos e agradabilíssimos frutos da retórica, da mesma forma que é comum desprezarem-se e rejeitarem-se muitas coisas úteis e excelentes antes de serem conhecidas. Todavia, depois de aos poucos experimentarem a dignidade e utilidade deste saber, então

Rempublicam suam admittendam, sed etiam summo studio et industria perdiscendam putarunt.

Dialectica

Verum eloquentia, quamvis per se ornatissima et praestantissima facultas sit, quae possit de quacumque re proposita, ut apud Platonem iactat Leontinus Gorgias, apte et copiose dicere, tamen eam multo ornatior, praestantior et potentior putabo si, quemadmodum cum dialectica ramo coniuncta est, sic studio pariter et lucubratione coniungatur. Sine qua non modo nullam, qui reliquarum doctrinarum stadia percurrunt, metam contingere possunt, sed etiam in medio cursu claudicant atque deficiunt. Cuius quidem rei nos admonet Plato, qui a litterarum curriculo claudos et mancos omnes submouendos arbitratur.

Nam, quae ingenii claudicatio aut quae debilitas maior esse potest quam in rerum cognitione, quae in profundo puteo Democrito latere uisa est, sic uelle uersari ut non possis quae uera et quae falsa sunt cognoscere? Qui sunt qui rerum difficultia proposita tractare inuenire et iudicare possunt? – Dialectici. Qui sunt qui in omni studiorum genere palmam consequi possunt? – Dialectici. Qui sunt quibus aliarum rerum cognitio subiecta est? – Dialectici.

Inter multas et magnas commoditates quae ipso nobis quasi partu dialecticae cooriuntur, illam maximam putat Aristoteles, primus huius rei illustrator, quod, cum in inquirendo posita sit, facillimum et expeditissimum nobis ad omnium methodorum principia iter ostendit. Quare eius rudes qui reliquas disciplinas attingere [11] audent, persimiles illis uideri solent qui in obscuris tenebris aut infesta oculis caligine uersantur. Numquam, mehercle, ille ipse Aristoteles tantum laudis et gloriae in studio sapientiae meruisset nisi disserendi uitia omnia, quae in permultis philosophis animaduertit, procul a se remota reliquisset. Numquam Accursius ille uester – uobis loquor, iureconsulti – tantum nomen in iure ciuili consecutus fuisset nisi artem hanc, artium ceterarum lucernam, ad “obscurissimas ciuiliū quaestionum tenebras”, ut ille appellat, adiunxisset.

Quid de ceteris sapientissimis hominibus dicam qui summam huius rei studio operam dederunt? Inter quos fuit ille Chrysippus Solensis in dialecticis tam excellens ut eius dialectica digna diis immortalibus, si disserendi ratione uti uellent, uisa fuerit.

Dialecticam Plato cum uideret in distinguendo, diuidendo, definiendo ac iudicando positam esse, necessariam ac utilem esse dicebat et ad interrogandum et ad respondendum.

Apud quem Socrates, dialecticam cum reliquis disciplinis conferens, ait: “Sed quominus his scientiis palmam concedendam putemus, una nos uetat dialectica, quae cum circa omnes res uera, falsa, antecedentia, consequentia omnia inueniat ac iudicet, arbitror omnes, qui ratione et iudicio utentur, eam ceterarum artium et optimam et praestantissimam esse habituros.”

consideraram que ela deveria não só ser acolhida no seu país, mas também aprendida com o máximo desvelo e aplicação.

Mas embora a eloquência seja por si mesma um talento muito notável e distintíssimo, que habilita a falar apropriada e copiosamente acerca de qualquer assunto proposto, como (consoante se lê em Platão) se jactava Górgias de Leontinos,⁶⁶ todavia considerá-la-ei muito mais notável e poderosa se, tal como se encontra unida com a dialéctica no mesmo ramo,⁶⁷ assim igualmente a ela se juntar mediante o estudo e o desvelo. Sem ela os que correm os estádios das demais ciências não só não podem alcançar qualquer meta, como também claudicam e falham a meio da carreira. Platão advertenos deste perigo, pois pensa que devem ser afastados da carreira das letras todos os coxos e mancos.⁶⁸ De facto, que maior manqueira ou que maior debilidade de inteligência pode existir do que pretender alguém dedicar-se ao conhecimento das coisas, (que Demócrito achava que se encontrava escondido num poço muito fundo) em condições tais que é incapaz de reconhecer o que é verdadeiro e o que é falso? Quem são os homens capazes de examinar, descobrir e julgar as dificuldades dos assuntos que se lhes propõem? – Os dialécticos. Quem são os homens que podem obter a palma em toda a sorte de estudos? – Os dialécticos. Quem são os homens de quem depende o conhecimento das outras coisas? – Os dialécticos.

Dialéctica

Aristóteles, primeiro mestre deste saber, entre as muitas e grandes utilidades que como que são parto da dialéctica, considera que a maior de todas é o facto de, uma vez que se funda na inquirição, nos mostrar um caminho muitíssimo fácil e expedito para os princípios de todos os métodos.⁶⁹ Por isso, os que, ignorando-a, se atrevem a dedicar-se [11] às demais ciências, costumam parecer-se com as pessoas que se encontram nas trevas ou no meio de névoa cerrada que impede a visão. Por Deus, nunca esse mesmo Aristóteles teria merecido tantos louvores e glória no estudo da sabedoria se não tivesse ficado ileso de todos os vícios de raciocínio que censura em muitos filósofos. Nunca aquele vosso célebre Acúrsio⁷⁰ – e estou a dirigir-me a vós, jurisconsultos – teria alcançado tamanho renome no direito civil se não tivesse aplicado esta arte, que é a lâmpada das restantes artes, às “trevas cerradíssimas” (é assim que as caracteriza) das questões civis. Que hei-de dizer acerca dos restantes homens que se entregaram com o máximo afinco ao estudo desta matéria? Entre estes celebrou-se Crisipo de Solos, tão extraordinário nos estudos dialécticos que a sua dialéctica parecia digna dos deuses imortais, se quisessem servir-se de um método de raciocínio.⁷¹ Platão, porquanto se dava conta de que a dialéctica se funda nas distinções, nas divisões, nas definições e nos juízos, dizia que ela era útil e necessária tanto para perguntar como para responder. Lemos neste autor que Sócrates, comparando a dialéctica com os restantes saberes, diz: “Mas para impedir-nos de pensar que a palma deve ser outorgada a estas ciências, basta-nos somente o veto da dialéctica, a qual – uma vez que, relativamente a todas as coisas, destrinça na íntegra o verdadeiro, o falso, os antecedentes e os consequentes – suponho que todos que desfrutaram de razão e discernimento crítico hão-de tê-la na conta da melhor e mais excelente das restantes artes.”⁷²

Diuum equidem Augustinum uideo, cum dialecticae uim et naturam ante oculos posuisset, sic de ea locutum: “Nulla scientia est aut facultas quae sola uiuam magistri uocem (ut aiunt) requirat nisi dialectica.” Quid quod ipsa ratio, quam nobis summus ille Deus praecipuam dedit et qua nos belluis praestare uoluit, non tantas in nobis uires haberet nisi dialecticae auxilio [11 v^o] confirmaretur?

Quocirca mihi maxime reprehendendi uidentur qui, nescio qua Tisiphone quibusue colubris exagitati, huius rei studium, quo etiam deos immortales delectari Platonici putabant, quasi taetrum, insuaue et inutile repudiandum putant. Quod non putarent profecto si in quam uarios errores et Epicurus ille et alii dialecticae contemptores inciderint non ignorarent.

Plura de dialectica dicerem nisi me, et defessum iam superiori triuio, et aliquo, ut uidetis, sudore perfusum, ad suum amoenissimum et uiridissimum ramum uocaret Arithmetica.

Arithmetica

Quam Boethius Seuerinus principem tum ad suscipiendam, tum ad ingrediendam aliarum rerum rationem exsistere arbitratur; nec immerito, siquidem omnes artes quae ad studium sapientiae pertinent habent quoddam commune cum arithmetica commercium et quasi societate quadam illius fruuntur. Arithmetica certe Nicomachus, Pythagoreus sapiens, omnem humanam laudem minorem existimans, diuina eam commendatione prosecutus est, cum ait eius exemplar a Deo spectatum fuisse, qui omnia, quae in mundo constituta sunt, numero digesserit, composuerit, perfecerit; arithmetica huius socii Pythagorei, sapientissimi uiri, tam infusam et immersam rebus omnibus esse crediderunt ut numeros omnium rerum principia posuerint, a quibus et bonorum genera et caelestium rerum ordines et animalium constitutiones proficiscerentur, ita ut sine numeris, quasi quodam diuino oraculo admoniti, nec Deum Optimum Maximum esse dicerent nec diuinos animos corporibus humanis adhiberi.

Arithmeticae horum princeps Pythagoras admiratione captus saepe dicere solebat: “Nescio quid diuinitatis [12] in numeris inuenio, quod nec oculis cerni, nec sensibus percipi, nec animo cogitari potest.” De arithmetica Archytas, ille Tarentinus singulari sapientia uir, loquens ait: “Praeclare mihi uidentur studium et ingenium suum ad coniectandas rerum disciplinas contulisse nec tempus ullum aetatis suae ab ea re procul egisse qui, cum omnem uniuersitatis naturam partesque contemplantur, arithmetica et inuentam et apertam nobis reliquerunt.”

In arithmetica non solum gradus quidam et quasi pontes constituti sunt per quos ad alias artes ascendamus, sed etiam ad communem usum uitae humanae quantum pertineat hinc facile perspici potest quod sola haec aut publicis aut priuatis in rebus sumptus annumerat, permutationum, emptionum, uenditionum, pactorum conuentorumque omnium rationes custodit. De

Por mim, vejo Santo Agostinho, depois de ter mostrado a eficácia e natureza da dialéctica, falar assim acerca dela: “A dialéctica é a única ciência ou saber que exige a viva voz (como se costuma dizer) do mestre.” Que dizer do facto de que a própria razão, que aquele supremo Deus nos deu superior e pela qual nos quis avantajarmos às bestas-feras, não teria em nós um poder tão grande se não fosse fortalecida com o auxílio [11 vº] da dialéctica? Parecem-me por isso muitíssimo censuráveis os que, alucinados por não sei que Tisífone,⁷³ ou por que cobras das cabeleiras das Fúrias, consideram que deve ser rejeitado como odioso, desagradável e inútil o estudo desta matéria, com o qual pensavam os platónicos que até os deuses imortais se deleitavam. Certamente que não teriam esta opinião hostil se não desconhecêssem a grande quantidade de variados erros em que caíram tanto Epicuro como os outros menosprezadores da dialéctica.⁷⁴

Diria mais coisas acerca da dialéctica, se, por um lado, não estivesse já fatigado com o trívio que acabamos de percorrer e, como podeis ver, coberto de algum suor, e, por outro, a aritmética não me chamasse para o seu mui viçoso e ameno ramo.

Boécio Severino considera que ela detém a primazia tanto para encetar como para adiantar no conhecimento das outras matérias: e não sem razão, visto que todas as artes que dizem respeito ao estudo da sabedoria têm um certo trato comum com a aritmética e como que usufruem de uma espécie de união com ela. Nicómaco, sábio pitagórico, considerando que a aritmética está acima de todo o louvor humano, honrou-a com um título de recomendação divino, ao afirmar que o paradigma dela foi tido em conta por Deus, que distribuiu, ordenou e subordinou a medida tudo quanto foi posto no mundo; os confrades pitagóricos deste Nicómaco, varões sapientíssimos, acreditaram que a aritmética se encontrava tão introduzida e entranhada em todas as coisas que conceberam os números como princípios de todas as coisas, deles fazendo provir as espécies de bens, a disposição das coisas celestes e as compleições dos seres vivos, a tal ponto que, como que ensinados por uma espécie de inspiração divina, diziam que sem números nem existiria Deus Ótimo Máximo nem os corpos humanos receberiam espíritos divinos.⁷⁵

Aritmética

Pitágoras, o mais importante de todos estes, tomado de admiração pela aritmética, costumava dizer amiúde: “Nos números encontro um não sei quê de divino, [12] que nem os olhos podem enxergar, nem os sentidos perceber, nem o espírito pensar.”⁷⁶ Falando acerca da aritmética, disse aquele célebre Arquitas de Tarento: “Julgo que foi gloriosamente que consagraram o estudo e a inteligência a adquirir o conhecimento das coisas e não gastaram um instante da sua vida apartados desta matéria aqueles homens que, depois de contemplarem toda a natureza do todo e as partes, descobriram e nos revelaram a aritmética.”

A aritmética serve não só como uma espécie de degraus e pontes através dos quais nos é possível alçarmo-nos às demais artes,⁷⁷ mas também podemos facilmente dar-nos conta da grande utilidade que tem para o trato da vida corrente se atentarmos no facto de que tanto nos negócios públicos como privados é ela exclusivamente que enumera os gastos e faz o cálculo dos câmbios, das compras, das vendas e de

arithmetica quae qualiaque Plato dixerit tacitus nullo modo praeterire possum, qui non solum arithmeticum sapientissimum animal appellat, sed etiam arithmeticae studio sic animos hominum ad cognoscendi rationem et modum informari arbitratur ut eos, qui et ad discendum tardiores et ad excogitandum hebetiores esse uidebuntur, huius artis praeceptis iubeat erudiri. Quod non iussisset nisi arte hac et ingenium acui et memoriam ali et animum ad intelligendum promptiorem ac paratiorem fieri existimasset. Itaque nihil philosophos, nihil imperatores, nihil moderatores reipublicae magnum aut dignum laude posse efficere existimat a quibus arithmetica repudiata fuerit.

Annon iure in tragoediis Agamemnonem ut stultum a Palamede reprehensum putamus, quod numerandi studium neglexisset? Denique solam [12 v°] arithmeticae Salomon sapientissimus inter artes et scientias liberales dignam censuit quae cum sapientia coniungeretur, cuius adeo in “Libro Sapientiae” uerba sunt: “Circumspexi atque animum adiunxi ut sapientiam et numerum scirem.”

Geometria

Sciens praetermitto quanta in numeris illis ternario, septenario, denario uirtus ac diuinitas latens sit meque ad huius germanam geometriam confero, e cuius ramo dici non potest quam perfectos et suaues fructus res aliae capiant. Haec est, ut quae eius dignitas et excellentia sit cognoscamus, omnium mathematicarum doctrinarum prima et praestantissima, a qua pariter auctore ipso eodem, quem modo nominaui, Archyta Tarentino, discendi ratio quaedam ac forma accipitur, ita ut res omnes, et faciles et difficiles, cognitu geometria instructi facile consequamur.

Quamobrem Plato ageometritos, quod inepti et imparati ad philosophandum uiderentur, edicto a gymnasii sui aditu prohibuit. Ac si nihil praestantius, ut ante dictum est, nihil diuinius animo a Deo accepimus, ob id certe plurimum geometriam expetere debemus, quae quoniam res omnes a sensibili materia separatas intellectu et ratione mentis considerat, animos nostros potest a rebus caducis et abiectis, quae sensibiles sunt, in miram et incredibilem diuinarum contemplationem inducere. Huius diuinae scientiae cum ignara esset tota Graecia, Thales Milesius ad Aegyptios, patres geometriae, se contulit, a quibus cum ipsam didicisset, in patriam magna cum gloria reportauit, iuuenisque ipse in huius rei studio et multa consecutus est et multa posteris scripta reliquit.

Iam uero si geometriae praemia consideremus, tanta sunt quanta uix quoque dicere. Dicam tamen quod apud Flauium Iosephum scriptum est: Aegyptios olim ampliorem [13] uitae cursum a Deo accepisse quod geometriae et astrologiae studia colerent frequentissime.

todos os contratos e acordos. Não posso de forma alguma passar em silêncio os importantes conceitos que Platão expendeu acerca da aritmética, pois não apenas chama ao aritmético o animal mais sábio,⁷⁸ mas também julga que com o estudo da aritmética o espírito dos homens de tal maneira fica educado para os métodos e regras da aprendizagem que prescreve que, os que parecem ser mais tardos em aprender e de entendimento mais embotado, sejam instruídos nos preceitos desta arte.⁷⁹ Certamente que não teria feito esta recomendação se não tivesse considerado que mediante esta arte não apenas a inteligência se aguça e a memória se fortifica, como igualmente o espírito se torna mais apto e aparelhado para compreender.⁸⁰ E por isso acha que os filósofos, os gerais e os governantes que tiverem rejeitado a aritmética não podem fazer seja o que for de grandioso ou digno de louvor.⁸¹

Porventura não consideramos que nas tragédias é com toda a justiça que Palamedes insulta Agamémnon de insensato, pelo facto de este ter desprezado o estudo do cálculo?⁸² Por derradeiro, [12 vº] o sapientíssimo Salomão considerou que, das artes e ciências liberais, a aritmética é a única digna de unir-se com a sabedoria; são precisamente as seguintes as suas palavras no *Livro da Sabedoria*: “Olhei em torno e prestei atenção para aprender a sabedoria e o número.”⁸³

Deixo deliberadamente de lado a grande virtude e divindade que se oculta nos números três, sete e dez⁸⁴ e passo a ocupar-me da irmã desta, a geometria, sendo-nos impossível dizer quão perfeitos e doces são os frutos que as outras coisas colhem do ramo deste saber. Para nos inteirarmos de qual é a sua dignidade e superioridade, ela é a mais importante e primeira de todas as ciências matemáticas: a qual, segundo também o mesmo autor que há pouco referi, Arquitas de Tarento, nos fornece um certo método e forma de aprender, de tal maneira que, mediante a geometria, facilmente alcançamos o conhecimento de todas as coisas, tanto fáceis como difíceis. Razão pela qual Platão proibiu por regulamento a entrada na sua Academia aos que não soubessem geometria, porquanto pareciam inaptos e não preparados para o filosofar.⁸⁵ E se, tal como dissemos atrás, a coisa mais excelente e mais divina que recebemos de Deus foi o espírito, certamente por esse mesmo motivo devemos dedicar-nos muitíssimo à geometria, a qual, porque, através da inteligência e a razão, examina todas as coisas separadas da matéria sensível, pode desviar os nossos espíritos das coisas baixas e perecíveis, que são sensíveis, para a maravilhosa e admirável contemplação das divinas.⁸⁶ Como a Grécia inteira não tinha conhecimento desta divina ciência, Tales de Mileto dirigiu-se para o Egito para aprender com os seus habitantes, pais da geometria; depois de a aprender com eles, trouxe-a para a pátria com grande glória, e ele mesmo em jovem no estudo desta matéria não só adiantou muito, como também deixou muitos escritos aos pósteros.⁸⁷

Além disso, se reparamos nas vantagens da geometria, elas são tantas que é difícil indicá-las. Todavia direi o que se pode ler em Flávio Josefo, ou seja, que antigamente Deus concedeu aos Egípcios [13] uma vida mais prolongada porque mui frequentemente cultivavam o estudo da geometria e da astronomia.⁸⁸ Também aquele célebre sábio de Cirene, Aristipo, tendo-o lançado no litoral de Rodes o

Et Aristippus ille Cyrenaicus sapiens, cum nauī tempestatibus fracta ad Rhodiorum litus eiectus esset, animaduēsis in litore geometricis figuris animo fiduciam capiēns socios suos confirmauit, quod ad Graecos et sapientes, non barbaros et incultos uenissent itaque a Rhodiis et salutatus fuit et beneficiis multis cumulatus: quamobrem suis nuntiari iussit ut eas res sibi habendas curarent quae cum possessore in naufragio enatant.

Quod, si dignitatem geometriae quaerimus, eius certe studio summi uiri et maximi reges dediti fuerunt. Inter quos satis laudari debet Ptolemaeus, rex praestantissimus, qui meliorem et faciliorem aditum ad geometriam cupiens, ab Euclide mathematico percontatus est essetne aliqua ad geometriam “Elementis” suis breuior uia: respondit is, nulla regia uia aut calle geometriam esse contentam. Sin potentiam tanta est cum geometria coniuncta ut, praeter pondera et mensuras, quae propria sunt eius inuenta, magnifica templa aedificet, urbes magnas, arces munitas, domos, theatra, sepulcra, agrorum fines, ad quorum mensionem inuenta est, terminet, instrumenta bellica conficiat, situs regionum ad castra constituenda eligat, turmas dilatet easdemque contrahat, horarum, mensium, annorum et spatia et instrumenta inueniat.

In mundo etiam siue ad superiorem illam, siue ad inferiorem hanc regionem oculos coniciamus, nihil est quod, ut optime Agrigentinus Empedocles philosophatus est, non coniungat atque conseruet geometrica concordia, disiungat atque dissipet discordia. Quid quod a geometria non solum praestantissimas animi uirtutes cuiusmodi sunt iustitia, temperantia, amicitia, sed etiam omnis corporis species et pulchritudo plurimum [13 v^o] mutuatur? Nam et forma corporis in membrorum proportione et symmetria consistit, et multa saepe publicis, priuatis, domesticis et familiaribus in rebus geometrica aequalitate reguntur.

Musica

Sed iam tempus postulare uidetur ut aliqua uestros animos, ex tanto rerum concursu, modulatione reficiam et aures, audiendo defessas, aliquo musicae concentu et suauitate recreem. Cuius ramum cum intueor, quanta, obsecro, in eo uoluptatis et eruditionis copia floret! Antiquis illis temporibus, cum studio cuique uera et perfecta laus tribuebatur, musicos homines et uates et sapientes nominatos accepimus fuisse. Atque ita res habebat ut qui artis musicae essent rudes, iidem ad omnia liberalia studia inepti et ignaui haberentur. Etenim musica cum sit dulcis, tranquilla, suauis, maxime potest humanos animos, lenitate perfusos, asperitate et perturbatione liberatos, ad tranquillum et quietum mentis et animi studium transferre. Tunc enim intelligentia nostra suum praestare potest officium, cum animus curis, ut ait Aristoteles, et cogitationibus uacuus et expeditus est.

Huius rei exemplum, omissis ueteribus lyricis, qui ad componenda carmina lyra et plectrum adhibebant, a regio Dei uate Dauide capere possumus,

barco ao qual o temporal fez naufragar, recobrando confiança ao notar na praia figuras geométricas, encorajou os seus companheiros ao assegurar-lhes que tinham naufragado em terra de gente grega e civilizada, e não de bárbaros e incultos, e assim foi salvo e cumulado de muitas mercês pelos Ródios: razão pela qual mandou que se fizesse saber aos seus que tratassem de possuir aquelas coisas que, nos naufrágios, nadam juntamente com o seu possuidor.⁸⁹

Por isso, se procuramos informar-nos acerca da dignidade da geometria, não há dúvida de que ao seu estudo se consagraram os varões mais insignes e os maiores reis. Entre estes deve louvar-se assaz Ptolomeu, notabilíssimo rei, o qual, desejando a melhor e mais fácil introdução à geometria, perguntou ao matemático Euclides se existia algum caminho mais breve para a geometria do que os seus *Elementos*: ao que este respondeu que a geometria não se encontra encerrada em nenhum atalho ou caminho real. Mas, quanto ao poder da geometria, ele é tão grande que, além dos pesos e medidas, que são descobertas específicas dela, edifica magníficos templos, grandes cidades, fortalezas, casas, teatros, túmulos, determina os limites dos campos, para cuja medição se inventou, fabrica material bélico, escolhe as posições para estabelecer os acampamentos militares, aumenta e diminui as unidades de combate e descobre a duração e instrumentos de medição das horas, meses e anos.⁹⁰

Também no mundo, quer lancemos os olhos para aquela região superior, quer para esta inferior, não existe coisa que se una e conserve, ou se desuna e destrua, senão em conformidade com a harmonia, ou desarmonia, geométrica, tal como excelentemente filosofou o agrigentino Empédocles.⁹¹ Que dizer do facto de que da geometria não só derivam as mais excelentes virtudes da alma, como são a justiça, a temperança e a amizade, mas também a beleza e perfeição de todo o corpo? [13 vº] Com efeito, por um lado, a forma do corpo funda-se na proporção e simetria dos membros, por outro, muitas coisas nos assuntos públicos, privados, domésticos e familiares regem-se amiúde pela igualdade geométrica.⁹²

Mas o tempo já parece exigir que com alguma melodia vos alente os ânimos assoberbados por um tamanho acumular de matérias e, com a harmonia e suavidade da música, vos recreie os ouvidos cansados de escutar. Ao pôr os olhos no ramo dela, como é grande, santo Deus, a abundância que nele floresce de deleitação e de saber! Naqueles antigos tempos, quando se concedia a cada estudo o verdadeiro e perfeito louvor, temos notícia de que os músicos eram chamados homens sábios e poetas.⁹³ E a situação era tal que se consideravam como inaptos e incapazes para todos os estudos liberais os que ignoravam a arte da música.⁹⁴ É que, visto que a música é doce, tranquila e suave, tem por isso uma imensa eficácia para, derramando a doçura nos espíritos humanos e libertando-os da rudeza e da inquietação, os colocar em estado de cultivarem tranquila e pacificamente o entendimento e o espírito. De facto, a nossa inteligência só pode cumprir a sua função quando o espírito está livre e desembaraçado de cuidados e cogitações, consoante diz Aristóteles.⁹⁵

Deixando de parte os antigos líricos, que na composição dos poemas utilizavam a lira e o plectro, podemos ir buscar o exemplo deste facto a David, o régio poeta de

quem scimus ad psalterium et citharam diuinas laudes decantasse. Pleni sunt libri, plenae historicorum uoces quantum musica apud saeculum prius summi reges et clarissimi imperatores delectati fuerint. Quibus, inter lautissima conuiuia et ornatissimos mensarum apparatus, nulli sapes nullaeque epulae suauiores et meliores esse uidebantur quam deorum immortalium ac magnorum heroum laudes ad citharam audire, quod non fecissent profecto nisi in musicis et uoluptatem et eruditionem summam [14] sitam credidissent. Huius illi cum et auribus sonum perciperent et harmoniam sensu notarent, uim et fructum animo conuequebantur.

Nec uos latere puto, uiri nobilissimi, quam laudatus fuerit Socrates sapientissimus, quod senex institui lyra non erubuerit, quam contra uituperatus et habitus indoctior Themistocles, Graeciae princeps, quod eandem in epulis recusauerit. O laudandum illius factum, qui musicam senex senectutis suae leuamen, sapiens sapientiae telum, homo humanitatis munus tantopere expetierit; huius uituperandum, qui eam non sine magna auctoritatis amissione contempserit. Quid est enim aliud musicam contemnere nisi omnem prorsus humanitatem deponere? Imperitiam ostendere? Mundi denique ipsius compositionem, quae musica quaedam est, non contemplari?

Pythagoras, ille sagacis animi uir, cum caelestium sphaerarum interualla certa quadam proportione et mensura distincta considerasset, mundum eiusque partes omnes illa septem tonorum harmonia, quae diapason uocatur, constare dixit, magnumque ac suauem sonum, sensu nostro maiorem, orbis caelestes motu suo quotidie efficere. Quem Publius ille Cornelius Scipio percipiens apud Marcum Tullium, sic Aemilium patrem alloquitur: “Quis est hic, pater optime, quis est qui complet aures meas tantus et tam dulcis sonus?”

Quod, si musicae fructus magnus non esset, nec ex eius studio summa tum eruditio, tum delectatio animis humanis nasceretur, numquam profecto summi uiri eius studia tantopere coluissent, nec multa ac uaria ad modulandum instrumenta nobis inuenissent.

Quod illi tanto diligentius et suauius effecerunt quanto musicam ad res uel secundas uel aduersas aptiorem esse uidebant. Haec saxorum [14 v°] duritiam, solitudinum asperitatem, nemorum densitatem percutit; huius audito sono, bestiae saepe immanes flectuntur ac, deposita feritate, mitescunt; hac uiperarum uenenosae consistunt; huius lenitatem delphini sentiunt; hac ad bellum incitantur equi; haec omnes affectus animi aut suauitate remittit aut grauitate sua astringit; iram sedat, lasciuam frangit, cupiditatem cohibet, tristitiam lenit, secundis rebus animum oblectat, aduersis solatur, tardum

Deus, que sabemos que cantou os louvores divinos acompanhando-se do saltério e da cítara. Cheios estão os livros e cheios os discursos dos historiadores do quanto os reis mais importantes e os mais ilustres imperadores dos tempos antigos se deleitavam com a música. A eles, no meio dos banquetes mais ricos e do sumptuosíssimo aparato das mesas, parecia-lhes que nenhuns sabores nem nenhuma iguarias eram mais delicados e saborosos do que ouvir os louvores, acompanhados à cítara, dos deuses imortais e dos grandes heróis, algo que certamente não sucederia se não acreditassem que na música reside o supremo prazer e saber. [14] O seu espírito enriquecia-se com forças e frutos ao escutarem com os ouvidos o som dela e ao avaliarem com a razão a sua harmonia.

Penso, nobilíssimos varões, que não ignorais o quanto o sapientíssimo Sócrates foi louvado por em velho não sentir vergonha por aprender a tocar lira, e o quanto, pelo contrário, foi verberado e tido por mais ignorante Temístocles, líder da Grécia, por num banquete se ter recusado a tocá-la.⁹⁶ Oh, quão louvável acção a do primeiro, que com tanto empenho procurou aprender a música, que a ele, como velho, era refrigério da velhice, como sábio, estímulo de sabedoria, como homem, ocupação da humanidade; quão repreensível o procedimento do segundo, ao desdenhá-la com grande descrédito de si mesmo. De facto, desprezar a música que outra coisa é senão dar de mão por inteiro a todos os sentimentos próprios do homem? Assoalhar a ignorância? E, por derradeiro, não enxergar a disposição do mundo, a qual mais não é do que uma espécie de música? Pitágoras, aquele célebre varão de espírito sagaz, depois de ter observado os intervalos das esferas celestes separados por uma certa proporção e medida, afirmou que o mundo e todas as suas partes assentam naquela harmonia de sete tons, a que se dá o nome de diapasão, e que os orbes celestes com o seu movimento todos os dias produzem um grande e suave som que os nossos sentidos não conseguem perceber.⁹⁷ Tendo o célebre Públio Cornélio Cipião escutado este som, dirigiu-se (consoante se pode ler em Marco Túlio) nos seguintes termos ao seu pai Emílio: “Que som é este, meu querido pai, que som tão grande e tão doce é este que enche os meus ouvidos?”⁹⁸

Pelo que, se os benefícios da música não fossem tão grandes, nem do seu estudo resultaria enorme saber e deleitação para os espíritos humanos, nem certamente jamais os varões mais eminentes teriam cultivado o seu estudo com tal intensidade, nem nos teriam descoberto muitos e variados instrumentos para tocar. Algo que estes homens realizaram com tanto maior diligência e agrado quanto maior era a consciência que tinham de que a música era mais adequada tanto para as situações de adversidade como para as de prosperidade. Ela abala e penetra a dureza das pedras, [14 vº] a aspereza dos ermos, a espessura dos bosques; depois de escutarem o seu som, os animais selvagens frequentemente se dobram e, pondo de parte a ferocidade, se amansam;⁹⁹ com ela, as víboras peçonhentas imobilizam-se; os golfinhos são sensíveis à suavidade dela;¹⁰⁰ ela incita os cavalos à peleja;¹⁰¹ ela, quer com a sua suavidade, quer com a sua gravidade, ora acalma, ora sujeita todas as paixões: extingue a ira, doma a sensualidade, refreia a cobiça, suaviza a tristeza, recreia o espírito na prosperidade

ad labores, durum ad lenitatem, crudelem ad clementiam, iniustum ad iustitiam reducit; huic denique parent pueri recens nati, quos in incunabulis non modo, cum lugent, nutricis cantu lacrimas deponere, sed etiam somno capi cernimus: nulla enim parte facilius et melius quam auribus ad animum medicina penetrare potest.

Pythagoram, summum uirum, aiunt, cum uino tumultuque concitatum adulescentem uideret, nec precibus amicorum deflexum quominus riuialis sui domum uellet incendere, mutare modum iussisse atque ita grauitate modi animum adulescentis in temperiem quamdam et consonantiam redegisse. Achillem etiam fortissimum scribit Homerus citharae suauitate, quam a Chirone praeceptore suo didicerat, animum saepe uicisse et iracundiam cohibuisse. Quin Saulis animum regius uates Dauid cithara sua saepe temperauit.

Quid illa, obsecro, quae Orpheo et Amphioni musicis a poetis attributa sunt, feras domitas, saxa pertracta, urbes cantu conditas significare putamus, nisi nullam esse tantam animi feritatem, nullam tantam reipublicae labem, quae musicae suauitate non mollescat atque reparetur? Quare non est cur Aegyptiorum factum probemus, qui musicam, quod ignauiam et animo mollitiem afferre uideatur, e reipublica sua eiecerunt. Plus apud me Lacedaemoniorum, qui bello praestantissimi fuerunt, consuetudo ualebit, qui, si animos hominum [15] infringi aut dispergi, ac non potius excitari ad proelium musica credidissent, numquam exercitus suos tiliarum cantu ad proelium parari uoluissent.

Quod idem fecisse Alyattem Lydorum regem memoriae traditum est, qui fistulatores et fidicinas ad bellum adhibuit. Quid quod funestis etiam rebus tiliarum cantus interponi consultum fuit? Credo ut suauitate cantus lugentium lacrimae excitarentur.

Astrologia

Sed relicta musica, ad astrologiae iam, quae caelestis quaedam musica suo iure appellari potest, ramum accedamus. Cuius inuentum, ne nobis humana aliqua res uideretur, diis illis suis immortalibus ueteres attribuerunt. Equidem cum hominem ipsum considero eiusque animo excellentem ac diuinam naturam contemplor, ea lege natum fuisse existimo ut os sublime suum et diuinum animum ad caelum caelestiaque omnia suspicienda conferret.

Interrogatus summus ille Anaxagoras quam ob caussam se natum esse arbitraretur: “Vt caelum”, respondit, “solemque ipsum uidendo contemplerer.” Quam multos fuisse legimus grauissimos uiros, quorum summa ingenia cum labore in inspectione caelesti occupata fuerunt?

Floruit in astrologia apud Graecos Thales ipse Milesius, qui omnium primus non solum defectus solis et lunae rationem reperit, sed etiam

e reconforta-o na adversidade, impele à actividade o remisso, à brandura o duro, à compaixão o cruel, à justiça o injusto;¹⁰² finalmente, a ela se submetem as crianças recém-nascidas, que vemos que não apenas deixam de chorar nos berços, mas também caem no sono graças aos cânticos das amas: é que os ouvidos são a melhor e mais expedita via que o remédio tem para penetrar no espírito.

Conta-se que o excelente varão Pitágoras, ao ver um moço perturbado pelo vinho e pelo desvairo, e que não se dobrava aos rogos dos amigos para que desistisse de pegar fogo à casa de um seu rival, ordenou que se mudasse o ritmo e desta forma, mediante a gravidade do ritmo, fez que o ânimo do moço recobrasse uma espécie de equilíbrio e harmonia.¹⁰³ Também Homero escreve que o fortíssimo Aquiles amiudadas vezes domou o seu espírito e subjugou a ira mediante a suavidade da cítara que aprendera a tocar com o seu preceptor Quíron.¹⁰⁴ E o régio poeta David até frequentemente acalmou com a sua cítara o espírito de Saul.¹⁰⁵

Que pensamos que significam, pergunto-vos, que pensamos que significam os feitos que os poetas atribuíram aos músicos Orfeu e Anfião de domarem feras, arrastarem atrás de si as pedras e fundarem cidades com o canto,¹⁰⁶ senão que não existe nenhuma ferocidade de ânimo nem nenhum infortúnio público tão grandes que a suavidade da música não amanse e restaure? Pelo que não há razão para aprovarmos a decisão dos Egípcios, que desterraram da sua pátria a música com a alegação de que parecia ocasionar a frouxidão e apatia do ânimo.¹⁰⁷ É muito mais do meu agrado o costume dos Lacedemónios, que foram inexcedíveis na guerra, os quais, se tivessem acreditado que a música [15] abate ou distrai o ânimo dos homens, ao invés de incitá-los à peleja, nunca teriam querido que os seus exércitos se aparelhassem para a batalha ao som das flautas.¹⁰⁸ A mesma coisa, segundo se conta, fez Aliates, rei dos Lídios, o qual utilizou na guerra flautistas e tocadores de lira.¹⁰⁹ E que dizer do facto de que até nos momentos lutuosos foi costume intercalar-se a música das flautas? Creio que a fim de, com a suavidade da melodia, se provocarem as lágrimas dos enlutados.

Mas, deixando a música, aproximemo-nos já do ramo da astronomia, que com toda a justiça se pode designar como uma espécie de música celeste. Para que não nos parecesse ser alguma obra humana, os antigos atribuíram àqueles seus deuses imortais a descoberta desta ciência. Certamente que, quando considero o homem em si mesmo e medito na sua natureza superior e divina, penso que nasceu com características tais para aplicar a sua levantada cabeça e o seu espírito divino à contemplação do céu e de todas as coisas celestes. Perguntado aquele extraordinário Anaxágoras por que motivo achava que viera a este mundo, respondeu: “Para com a vista contemplar o céu e o próprio Sol.”¹¹⁰ Consoante lemos, quão grande quantidade houve de varões prestigiosos cujas excepcionais inteligências se consagraram com o máximo desvelo a examinar o céu? Na astronomia, entre os Gregos destacou-se Tales de Mileto, que foi o primeiro de todos não só a descobrir os eclipses do Sol e a teoria da Lua, mas também predizia os mesmos eclipses antes que se dessem;¹¹¹ destacou-se Pitágoras, que foi o primeiro a conhecer a natureza de Vénus e a observar

Astronomia

defectus ipsos, antequam euenirent, futuros praedicebat; floruit Pythagoras, cui primo Veneris natura cognita est eiusque tum progressus, tum regressus sub sole considerati; floruit Endymion ille poetarum carminibus celebratus, cuius opera effectum est ut uniuersam lunae multiformitatem, crementum, decrementum, sinus, maculas, defectum, uelocitatem, tarditatem, ascensum, descensum, uim denique ipsam, qua inferiora haec participant, perfecte cognosceremus; floruit Ptolemaeus ille, quem [15 v^o] ante commemorauit, Alexandriae rex, quem ad hoc studium diuino numine natum dicere fas est, qui caelum diu suspiciendo, siderum motus contemplando earumque rerum omnium rationes disquirendo, praeclara nobis sideralis scientiae uolumina scripta reliquit: quem etiam dicere solitum accepimus astronomi sapientia in hominum uita multa mala, quae futura sunt, remoueri, bona comparari posse; floruit Prometheus, qui sese ad montem Caucasum contulit ut, in eo alligatus, astrorum motus uiasque omnes intueretur; floruerunt alii etiam sapientissimi uiri, quos omnes in hac caelesti disciplina, – quae peritissimorum hominum iudicio contemplatio quaedam est –, sic elaborasse legimus ut nihil in ea tam difficile, nihil tam occultum, nihil tam secretum quod non diligentia ac studio facile apertum, clarum nobis reliquissent.

Certe Platonem Atheniensem uideo, cupiditate astrologiae incensum, non modo uniuersam Aegyptum, sed etiam Italiam peragrasse ut cum sacerdotibus Aegyptiis et Pythagoreis numeros et caelestia omnia conferret.

Quod idem aliquot ante annos fecisse dicitur Pythagoras, qui et Aegyptios et Persarum magos propter astrologiam adiuit. Cuius rei studium Plato tantum tamque supra uulgares ingenii uires positum esse arbitrabatur, ut illud diceret non posse nisi acutissimis et clarissimis ingeniis tractari. In quam sententiam a sapientissimo Socrate illud “quod supra nos, nihil ad nos” dictum existimare debemus.

Quomodo etiam terra, ut astrologiae commoda narremus, uberores fructus procrearet? Quomodo medicina humano corpori oportuno tempore et conuenienti adhiberetur? Quomodo mercatorum nauigatio exerceretur atque earum rerum quae communis utilitatis causa exportantur uectura fieret? Quomodo annorum, mensium, dierum, horarum distinctio cognosceretur, nisi haec siderum temperatione et astrologiae legibus [16] gubernarentur?

Possum hoc loco dicere magnos et fortes animos propter astrologiae imperitiam metu saepe perturbatos fuisse. Nicias, ille Atheniensium imperator, cum, defectu lunae perterritus, classem de portu educere ueretur, suorum opes afflixit et exercitum paene omnem in Sicilia labefactauit. Paulus Aemilius, Scipionis pater, nullam de Perse, Macedoniae rege, uictoriam,

tanto os seus avanços como os seus retrocessos debaixo do Sol;¹¹² destacou-se Endimião, celebrado pelas composições dos poetas,¹¹³ por obra do qual se logrou que chegássemos ao perfeito conhecimento da cabal multiplicidade de formas da Lua, seu crescimento, seu decrescimento, suas sinuosidades, suas manchas, seu eclipse, sua velocidade, seu retardamento, sua ascensão, sua descida e, finalmente, a própria força com que actua sobre estas coisas situadas mais abaixo;¹¹⁴ destacou-se aquele célebre Ptolomeu, a quem já atrás [15 vº] me referi, rei de Alexandria, de quem é lícito dizer que nasceu para estes estudos por vontade divina, o qual, entregando-se durante muito tempo à contemplação do céu, observando os movimentos dos astros e investigando o sistema de todas estas coisas, deixou escritos admiráveis volumes de ciência astronómica:¹¹⁵ sabemos também que ele costumava dizer que, mediante a sabedoria do astrónomo, é possível apartarem-se da existência humana muitos males que estão para acontecer e alcançarem-se muitos bens; destacou-se Prometeu, que se dirigiu para o monte Cáucaso, a fim de, amarrado a ele, observar todos os movimentos e órbitas dos astros;¹¹⁶ igualmente se destacaram outros varões muitíssimo sábios, os quais todos, segundo lemos, de tal maneira se aplicaram a esta ciência celeste – a qual, na opinião dos homens mais entendidos, é uma espécie de contemplação – que nela não houve qualquer ponto tão dificultoso, tão oculto e tão secreto que, mediante a sua diligência e aplicação, não nos tivessem deixado esclarecido, descoberto e claro.

Também vejo que o ateniense Platão, abrasado no desejo de conhecer a astronomia, percorreu não só todo o Egipto, mas também a Itália, a fim de discutir os números e todos os assuntos astronómicos com os sacerdotes egípcios e com os pitagóricos.¹¹⁷ Diz-se que alguns anos antes fizera o mesmo Pitágoras, que por causa da astronomia visitou os magos egípcios e da Pérsia.¹¹⁸ Platão considerava que o estudo desta matéria era tão importante e estava colocado tão acima das capacidades correntes da inteligência que dizia que não podia ser abordado senão por inteligências muitíssimo perspicazes e brilhantes. Devemos considerar que foi com este sentido que o sapientíssimo Sócrates pronunciou aquelas palavras: “o que está acima de nós não pertence à nossa alçada.”¹¹⁹

Também, e a fim de enunciarmos os proveitos da astronomia: de que maneira a terra produziria maior abundância de frutos? De que maneira os remédios se aplicariam ao corpo humano na altura oportuna e conveniente? De que maneira se realizaria a navegação dos comerciantes e se faria o transporte daqueles produtos que se exportam tendo em vista a utilidade comum? De que maneira se saberia fazer a distinção dos anos, dos meses, dos dias e das horas: se todas estas coisas não fossem governadas [16] pela combinação dos astros e pelas leis da astronomia?¹²⁰

Posso também lembrar aqui que espíritos superiores e valentes muitas vezes foram inquietados pelo medo devido à ignorância da astronomia. Aquele célebre general ateniense Nícias, como, apavorado por um eclipse da Lua, teve escrúpulo em fazer sair a esquadra do porto, arruinou o poderio dos seus e levou à destruição de quase todo o exército na Sicília.¹²¹ Paulo Emílio, pai de Cipião, não teria alcançado

nullum triumphum reportasset, nisi suorum militum animos, eclipsis metu sollicitos, per C. Sulpicium liberatos recuperasset, qui, in contionem perductus, multa de utriusque sideris defectu sapienter et iucunde disputauit. Taceo de Pericle atque Beroso, peritissimis astrologis, quorum alter Athenienses eclipsi confusos sedauit, alter diuina multa praemonuit, ob quod publice in gymnasio statuam inaurata lingua meruit.

Quid quod non solum nos astrologia docet, quo modo siderum cursus et stellarum inter se affectiones cognoscamus, sed etiam quo pacto animos ac mentes nostras a terrenis et caducis rebus ad caelestium et aeternarum contemplationem deducamus? Quod sentiens, diuinus Plato eos ait sibi astronomi nomine indignos uideri qui, dum superna et caelestia suspiciunt, nihil in caelo ipso quod altius, sublimius ac diuinius sit speculentur, sicut nec musicos perfectos appellat qui sese ipso uocis concentu et exteriori harmonia ad interiorem animi consonantiam non composuerint: tantum in hoc astrologiae studio suauitatis et doctrinae situm est.

Multa pratere sciens quae uobis cuperem enarrare, nisi me cum temporis angustia, cui subseruire sapientis est, tum uestrae defatigationis suspicio ab instituto orationis cursu retardaret.

Quare quae restant breuius et festinatius dicam quam res tanta dici possit. Ac primum me superiori mathematicarum rerum quadriuiuio satis defessum, medicinae ramo inumbrare uolo.

Medicina

Quae, quoniam corpus hoc terreum, mortale, debile, caducum, quo compositi sumus, in uarios saepe morbos et languores [16 v°] incidit, diuina nobis liberalitate concessa fuit ut non modo quae ad eius curationem pertinerent, cum aegrotum est, remedia suppeditaret, sed etiam sanum aduersus periculosos ictus et incertos euentus ualetudinis accommodato regimine tueretur.

Quamobrem multi medicinam instaurandae et defendendae sanitatis artem, alii salubrium et insalubrium et neutrorum scientiam definierunt. Magnas cum Apollo ille Pythius nostrae mortalitatis miserias et communis naturae fragilitatem consideraret, medicinam inuenit; quam deinde eius filius Aesculapius non modo auxit, sed et hominibus tradidit, quapropter eum stulta antiquitas deorum numero ascripsit templaque et alia celebria loca dicauit. Eoque magis quod propter inauditam in medendo scientiam et incredibilem industriam existimatus est homines ad uitam artificio hoc reuocasse.

Quanta autem uis medicina sit quantaque fructuositas hinc maxime perspicere possumus quod, cum e communi sensu uitae humanae, Aesculapio ictu fulminis interempto, sublata fuisset, miseri et calamitosi homines, tantae

nenhuma vitória nem nenhum triunfo sobre Perses, rei da Macedónia, se não tivesse devolvido o ânimo aos seus soldados, que o perderam com o medo dos eclipses e o recuperaram graças à intervenção de C. Sulpício, o qual, induzido a discursar, dissertou sábia e agradavelmente acerca dos eclipses do Sol e da Lua.¹²² Passo por alto Péricles e Beroso, astrónomos muitíssimo entendidos, o primeiro dos quais tranquilizou os Atenienses assustados com um eclipse,¹²³ enquanto o segundo predisse muitas coisas extraordinárias, razão pela qual mereceu que lhe levantassem publicamente no ginásio uma estátua com língua dourada.¹²⁴

E que dizer do facto de que a astronomia não só nos ensina como conhecermos a órbita dos astros e a influência que as estrelas têm umas sobre as outras, mas também a maneira de retirarmos os nossos espíritos das coisas perecíveis e terrenas para aplicá-los à contemplação das celestiais e eternas? Consciente deste facto, o divino Platão disse que considera indignos do título de astrónomos os homens que, ao contemplarem as coisas celestes e do alto, não enxergam no próprio céu nada que seja mais elevado, mais sublime e mais divino,¹²⁵ tal como nega a designação de músicos perfeitos aos que não ajustarem a afinação da voz da harmonia externa à consonância interior do espírito:¹²⁶ tamanha é a quantidade de prazer e saber que se encerra neste estudo da astronomia.

Deliberadamente deixo de lado muitas coisas que vos desejaria referir, se não me atalhasse à extensão que inicialmente dera ao meu discurso, por um lado a estreiteza de tempo, que é próprio do sábio acatar, e, por outro, a suspeita do vosso cansaço. Pelo que, aquilo que falta, expô-lo-ei mais breve e rapidamente do que é possível expor-se uma matéria tão importante. E, em primeiro lugar, assaz fatigado com o precedente quadrívio das matérias matemáticas, pretendo acolher-me à sombra do ramo da medicina.

Esta, porque este corpo de terra, mortal, frágil e perecível com que fomos feitos [16 vº] cai amiúde em diversas enfermidades e fraquezas, esta foi-nos concedida pela divina liberalidade para que, não só quando ele está doente lhe fornecer os remédios acomodados à sua cura, mas também prevenir o são contra os riscos e incertas eventualidades mediante um regime saudável apropriado. Por este motivo muitos definiram a medicina como a arte de restaurar e defender a saúde, ao passo que outros a caracterizam como a ciência do saudável, do insalubre e do indiferente.¹²⁷ O célebre Apolo de Delfos descobriu a medicina ao atentar nos grandes infortúnios da nossa mortalidade e na debilidade da natureza corrente; depois, o seu filho Esculápio não apenas a fez crescer, como também a ensinou aos homens como protecção, motivo pelo qual a estulta antiguidade o incluiu no número dos deuses e lhe consagrou templos e outros locais de culto.¹²⁸ E tanto mais porque devido ao seu excepcional saber terapêutico e ao seu extraordinário zelo se considerou que com esta arte ressuscitou pessoas.

Ora, quão grande seja o poder da medicina e quão grandes os seus benefícios é algo que podemos ver com a máxima clareza a partir do facto de que, tendo sido ela suprimida do trato corrente da existência humana depois que Esculápio foi morto pelo golpe de um raio,¹²⁹ os mofinos e desgraçados homens, desprovidos de uma

opis indigentes, cum miseriam, cum fragilitatem humanam, cum denique uitam ipsam suam tot tantisque infirmitatum et dolorum insidiis obiectum contemplarentur, seque uel acino uuae passae, ut Anacreon poeta, uel exhausto pilo, ut Fabius senator, uel musculae morsu interire posse non dubitarent, deorum oracula adibant, templa frequentabant, aruspicum responsa consulebant, medicinam tantorum malorum praesidium obnixe petentes. Tum demum eam e tenebris, in quibus quingentos fere annos latuerat, et densissima nocte Hippocrates Coüs, medicorum omnium facile princeps, in lucem reduxit praeceptisque et arte illustrauit.

Quod si herbarum uires, si aeris temperiem, si regionum situs, [17] si brutorum etiam quorundam sollertiam in quaerendis remediis ante oculos ponimus, iure optimo huius artis naturam et procreatricem et magistram appellare possumus. Etenim his rebus natura ingenuit atque impressit semina medendi, quorum cum quaedam salubria, quaedam insalubria notassent homines, ex eo artem effecerunt.

Sed tamen, cum in uobis adhuc tanta attentio sit, tanta ad me audiendum uoluntas, augeamus sane huius rei laudem, simul enim augebimus et studium. Nam quis, obsecro, uestrum est, quos ego certo scio in omni studiorum genere ac rerum ueterum lectione noctes diesque uersari, qui non intelligat summos olim et grauissimos uiros in hoc studio maxime floruisse? Podalirium et Machaona, illo ipso Aesculapio genitos, quos egregie et magnifice carminibus suis laudauit Homerus, Asclepiadem, Chirona, Chrysippum, Galenum Pergamenum, Hippocratis tantum interpretem, aliosque complures quos longum esset nominare, in arte medendi clarissimos, quibus tantum laudis et honoris attulit medicina ut eos quidem ueteres non tam cum summis uiris comparandos quam ut deos exstructis templis colendos existimarint. Sic igitur diis simillimi inuentores et professores medicinae habiti sunt caeloque dicati.

Iam si praemia medicinae considerare uelimus, tum multo magis nobis compertum intellectumque fuerit quantum ea non modo laudanda, sed etiam expetenda uideri debeat. Nam et Hippocratem ferunt, cum pestilentiae aduentum praedixisset et auxiliatum discipulos ad urbes dimisisset, ob meritum tantum eosdem honores quos Hercules ab uniuersa Graecia accepisse, et Erasistratum, Aristotelis ex filia nepotem, cum Antiochum regem in aduersa ualetudine sanasset, a rege Ptolemaeo eius filio centum talentis [17 vº] donatum fuisse, et Quintum Stertinium principibus imputasse quod quingena HS tantum pro annuo salario darent.

Praetereo illos medicos celeberrimos quos Plinius Secundus commemorat, Cassios, Carpitanos, Arruntios, Albucios, Rubrios, qui CCL HS constitutam

tão grande ajuda, como viam a desgraça, como viam a fraqueza humana e, ao cabo, como viam a sua própria vida sujeita a tão grande número e a tamanhos laços de enfermidades e dores, e não duvidavam de que podiam morrer ou por causa de um bago de uva passa, como o poeta Anacreonte, ou devido a um pêlo engolido, como o senador Fábio,¹³⁰ ou em consequência da picadela de um mosquito, recorriam aos oráculos dos deuses, frequentavam os templos e consultavam as respostas dos arúspices, suplicando obstinadamente a medicina como socorro para tão grandes males. Só então Hipócrates de Cós, indiscutível patriarca de todos os médicos, a arrancou das trevas e densíssima noite em que se ocultara durante cerca de quinhentos anos, abrihantando-a com regras e conhecimentos técnicos.

Pelo que, se atentamos nas propriedades das ervas, na temperatura do ar, na situação das terras¹³¹ [17] e até na esperteza de certos animais em procurar os remédios, com toda a justiça podemos designar a natureza desta arte como procriadora e mestra. É que a natureza fez nascer e imprimiu nestas coisas princípios curativos, dos quais os homens descobriram que uns são salutares e outros nocivos, fazendo deste conhecimento uma arte.

Mas todavia, uma vez que ainda estais tão atentos e possuídos de um tamanho desejo de escutar-me, encareçamos sem rebuço o louvor desta matéria, pois estaremos simultaneamente a encarecer também o seu estudo. De facto, há alguém entre vós, pergunto, vós que eu sei seguramente que aplicais os dias e as noites em toda a espécie de estudos e na leitura das coisas antigas, que não saiba que outrora os mais eminentes e sábios varões se notabilizaram sobretudo neste estudo? A saber, Podalírio e Macáon, filhos daquele mesmo Esculápio, a quem Homero egrégia e magnificamente louvou nos seus poemas,¹³² Asclépio,¹³³ Quíron,¹³⁴ Crisipo,¹³⁵ Galeno de Pérgamo, tão importante comentador de Hipócrates, e inúmeros outros que seria fastidioso nomear, muitíssimo notáveis na arte de curar, aos quais a medicina ocasionou tamanho louvor e honra que os antigos pensavam que eles não deveriam ser comparados com os varões mais eminentes, mas antes adorados como deuses em templos edificadas em sua honra.¹³⁶ Por conseguinte, deste modo os descobridores e mestres da medicina foram tidos por totalmente semelhantes aos deuses e elevados ao céu.¹³⁷

E se, por outro lado, quisermos considerar as vantagens da medicina, tornar-se-nos-á muito mais evidente e compreensível o quanto ela parece não só que deve ser louvada, mas também desejada. Na verdade, conta-se que Hipócrates, tendo predito a chegada da peste e enviado para as cidades os seus discípulos para prestarem ajuda, em paga de tão grandes serviços recebeu de toda a Grécia as mesmas honras que Hércules, como também se conta que Erasítrato, neto de Aristóteles por parte da filha, porque curou o rei Antíoco de uma doença, foi premiado com cem talentos pelo filho deste, o rei Ptolomeu,¹³⁸ [17 vº] e também que Quinto Estertínio censurou os governantes por só pagarem quinhentos sestércios como salário anual.¹³⁹

Deixo de parte aqueles médicos muitos célebres que Plínio Secundo evoca, os Cássios, os Carpitanos, os Arrúncios, os Albúcios e os Rúbrios, aos quais os governantes estabeleceram um salário de 250 sestércios.¹⁴⁰ Deixo de parte aquelas

mercedem apud principes habuerunt. Praetereo illa munera, illos honores quos Iustinianus in medicos, in eorum uxores et liberos edictis suis contulit.

*Iuris
Disciplina*

Quod si huius philosophiae ramum, quae corporis tantum adiutrix et conseruatix est, tantis commodis et honoribus plenum uidemus, quid ab ea philosophia capere possumus, quae animum curat, mores componit et bene uiuendi rationem continet? Hanc cum Socrates sapientissimus et ad constitutionem et ad conseruationem humanae societatis plurimum pertinere posse arbitraretur, omnes cogitationes suas posuit, nullis se laboribus fregit nec uigiliis et curis uictus est ut philosophiam a rebus occultis ad studia morum et uitae praecepta reuocaret. Huius Socraticae philosophiae est alumna atque in eius ramo pulcherrime floret iuris disciplina, quam certe nominare multi possunt, colere et commendare pauci. Hanc enim non praetorum uox, non iure consultorum responsio non XII Tabularum scriptura, sed ea philosophia peperit quam uulgo moralis dicitur. Etenim si a uobis quaererem, a uobis, inquam, patres conscripti, quos in ciuili facultate florentissimos et prudentissimos esse uideo, quam existimationem aut sententiam de tam singulari scientia habeatis, illud nimirum mihi responderetis rerum diuinarum et humanarum esse cognitionem, societatis humanae uinculum, urbium et ciuitatum parentem, iustitiae et aequitatis, quae sunt lampades reipublicae, facultatem.

Fingite nunc animo ac uobiscum considerate nullam esse apud homines iuris [18] doctrinam, nulla legum sanctarum et morum praecepta: quid, obsecro, de rebus humanis fieret? Quo in statu aut ordine uita hominum consisteret? Quae essent uincula aut frena, quibus cupiditates, iniuriae, caedes, rapinae coercerentur? Quis non in uim, in tela, in insidias latronum passim, sine ulla spe salutis suae expediendae, incideret? Quae regia potestas dominaretur? Quae domus tam secunda maneret in quam quotidie impetus ac irruptiones libidinis, audaciae, impietatis libere et impune non fierent? Quis intelligit haec qui non merito a Platone iuris disciplinam diuinum munus appellatum fuisse existimet? Certe Aristoteles, admirabili sapientia uir, artium omnium et facultatum quae ad Reipublicae utilitatem pertinent, reginam et principem appellauit.

Quae, quanto gratius nihil atque acceptius in terris illi principi Deo fieri potest quam ciuitates iure sociari, tanto diligentius nobis colenda et expetenda est, siquidem leges optima et firmissima tela Reipublicae peperit. Quarum imperio cum omnia tam publicis quam priuatis in rebus sapientissimi homines teneri uiderent, legem ausi sunt uocare aeternum quiddam uniuersum mundum regens, imperandi prohibendique sapientiam habens. Chrysippus tum diuinarum humanarumque rerum notitiam, tum etiam recti iussionem prauisque depulsionem appellat.

mercês e aquelas dignidades que por decretos seus Justiniano concedeu aos médicos e às mulheres e filhos destes.¹⁴¹

Ora, se vemos o ramo desta filosofia,¹⁴² que é uma tão grande auxiliar e conservadora do corpo, cheio de tamanhos proveitos e honrarias: que podemos colher destoutra filosofia que cura o espírito, regula os costumes e encerra em si a ciência de bem viver?¹⁴³ O sapientíssimo Sócrates, porque pensava que ela podia ter muitíssimo a ver com o estabelecimento e conservação da sociedade humana, endereçou todos os seus pensamentos, e não se esquivou a nenhuns trabalhos nem houve vigílias e cuidados que o vencessem, no empenho de deslocar a filosofia dos temas secretos para o estudo dos costumes e das directivas para a vida.¹⁴⁴ Desta filosofia socrática são alunas e no seu ramo formosamente florescem as ciências jurídicas: são certamente muitos os que podem nomeá-las, mas poucos os capazes de honrá-las e fazer-lhes o encómio. É que quem as deu à luz não foram as sentenças dos pretores, nem as respostas dos jurisconsultos, nem o texto das Doze Tábuas, mas aquela espécie de filosofia que vulgarmente se designa por “moral”.¹⁴⁵ Com efeito, se vos perguntar, a vós, membros do senado académico que sei que sois muitíssimo aproveitados e sábios no direito civil, qual é a opinião e parecer que tendes acerca de uma ciência tão extraordinária, sem dúvida respondereis que ela é o conhecimento das coisas divinas e humanas,¹⁴⁶ o vínculo da sociedade humana, a progenitora das cidades e Estados e a faculdade da justiça e da equidade, que são os fachos da república.

Figurai-vos agora e imaginai que entre os homens não existia nenhum **[18]** conhecimento do direito, nenhuns preceitos de leis santas e de costumes; pergunto-vos: que sucederia à humanidade? Em que ordem ou estabilidade se fundaria a existência dos homens? Quais seriam os freios ou ataduras com que reprimir as ambições, as injustiças, os assassínios e as pilhagens? Quem não estaria sujeito por todos os lados à violência, aos golpes e às emboscadas dos ladrões, sem qualquer esperança de lograr a sua salvação? Qual o poder régio capaz de exercer a soberania? Qual a casa que se manteria de tal modo segura que todos os dias sobre ela, livre e impunemente, não se fizessem as arremetidas e ataques da sensualidade, do atrevimento e da impiedade?¹⁴⁷ Dos que disto estão cientes, haverá alguém que não considere que foi com toda a justiça que Platão designou por “dádiva divina” as ciências jurídicas? Quanto a Aristóteles, varão de admirável sabedoria, chamou-lhes rainhas e princesas de todas as artes e talentos que dizem respeito à utilidade do Estado.

A estas ciências, assim como na terra nada se pode fazer que seja mais grato e mais aceito àquele soberano Deus do que ligar os Estados mediante os vínculos do direito, assim nos cabe a obrigação de tanto mais diligentemente as cultivar e procurar, visto que deram à luz as leis, as melhores e mais firmes armas da república. Os homens mais sábios, ao verem que era o senhorio destas que mantinha todas as coisas, tanto públicas quanto privadas, ousaram chamar à lei algo de eterno que rege a totalidade do mundo e que possui a sabedoria de ordenar e de proibir.¹⁴⁸ Crisipo chama-lhe não apenas conhecimento das coisas divinas e humanas, mas também

Pindarus hominum diuumque reginam ait esse, quod nihil tam iustum, tam sacrum, tam pium, tam religiosum esse possit quod hominum audacia non uiolet atque euertat penitus nisi legis habenis cohiberetur: legem idcirco gladium Reipublicae uocauit diuinus Plato quo Hydrae capita, hoc est, ea quae in commerciis et conciliis hominum crudeliter, libidinose, auide, impie, malitiose fiunt, amputari possint.

Nec aliam ob causam poetas finxisse carminibus suis arbitror tantarum rerum auctores non homines, sed deos exstitisse nihil quod in [18 v°] legibus diuinum quiddam inesse putarent, quo uniuersae gentes et populi gubernarentur, beatae et bene moratae Respublicae fierent.

Videte nunc, patres conscripti, ac pro magnitudine sapientiae et prudentiae uestrae statuite quantum summis illis philosophis debeamus, qui nobis non turbulentam aut seditiosam, ut uulgius imperitum existimat, Reipublicae concitatricem, sed moderatricem et conseruatricem iuris prudentiam inueniendam curarunt. Etenim digni sunt, nec id sine auctoribus loquor, quorum laudem cum maximorum imperatorum rebus gestis adaequandam putemus. Testes sunt Athenae, quam ciuitatem non minus Solon consiliis quam Themistocles armis et uictoria Salamina adiuuit. Testis Sparte, cuius si Pausanias et Lysander imperium bello dilatarunt, Rempublicam certe Lycurgus legibus ornatam et florentem fecit. Testis Creta insula, quam Minos rex aequae legibus ac armis defendit. Testis Roma totius orbis terrarum caput, cui nisi Numa Pompilius leges tradidisset, senatum Romulus constituisset, senatus exercitus magnos delegisset, non illud a Vergilio poeta decantatum “Romanos dominos” legeremus.

Non igitur minus iureconsultorum prudentiam Reipublicae quam imperatorum arma prodesse putemus. Quod cum intelligeret Flauius Iustinianus, iurisperitos qui defensionis suae uiribus incertum statum reipublicae componunt, lapsum erigunt, fatigatum reparant, cum illis comparandos putat a quibus patriae salus proeliis et uulneribus defenditur. Vtinam tantum mihi spatium temporis tributum et concessum esse uiderem quantum exopto, ut uobis hodie quae de pulcherrima hac et ornatissima facultate mente animoque concipio omnia uerbis enarrarem.

Theologia

Illam Plato felicissimam atque optimam rempublicam appellabat in qua non temeritate aut imprudentia, quae concordiae aduersantur, sed ratione et consilio legum ciuiliu omnia gererentur. Quid nos? Quanto feliciorum [19] et meliorem Christianam rempublicam appellare debemus, quae illis legibus constituta et fundata est, quas non a Solone Athenienses, non a Lycurgo Lacedaemonii, non a Numa Pompilio Romani, non a Pythagora Samio Itali, non a Mercurio Tertio Aegyptii, non a Phoroneo rege Argiui, sed nos ab ipso immenso et aeterno Deo, totius uniuersi Domino, accepimus,

imperativo do recto e repulsa do ruim.¹⁴⁹ Píndaro diz que é rainha dos homens e das divindades,¹⁵⁰ porque não poderia existir coisa tão justa, tão sagrada, tão piedosa e tão venerável que o atrevimento dos homens a não violasse e destruísse por completo, se não fosse reprimido pelos freios da lei,¹⁵¹ razão pela qual o divino Platão chamou à lei espada do Estado, com a qual se podem decepar as cabeças da Hidra, isto é, tudo quanto nas relações e ajuntamentos dos homens se pratica de modo cruel, apaixonado, ávido, ímpio e malicioso.¹⁵² E penso que o motivo que levou os poetas a imaginarem nos seus poemas que os autores de coisas tão grandes não tinham sido homens, mas deuses, não foi outro senão o pensarem que nas leis [18 vº] existia algo de divino, com o qual se governariam os povos e nações e os Estados se tornariam afortunados e bem morigerados.

Vede agora, membros do senado académico, e, de acordo com a vossa grande sabedoria e prudência, avaliai o quanto devemos àqueles mais eminentes filósofos, que se ocuparam em encontrar para nós uma jurisprudência que fosse, não sediciosa ou turbulenta, consoante imagina o vulgo ignorante, e inquietadora do Estado, mas moderadora e conservadora do mesmo. Efectivamente, e não o afirmo sem fiadores, são merecedores de que reputeemos o seu merecimento como comparável às façanhas dos maiores generais. É testemunha Atenas, cidade à qual não menos ajudaram Sólon com os seus conselhos que Temístocles com as armas e a vitória de Salamina. É testemunha Esparta, a qual, se cresceu em senhorio graças às guerras promovidas por Pausânias e Lisandro, certamente se tornou um Estado próspero e notável mercê das leis de Licurgo. É testemunha a ilha de Creta, que o rei Minos defendeu por igual com as leis e com as armas. É testemunha Roma, cabeça da Terra inteira, à qual, se Numa Pompílio não lhe tivesse dado leis, nem Rómulo estabelecido senado, nem o senado recrutado grandes exércitos, não poderíamos aplicar aquelas célebres palavras cantadas pelo poeta Virgílio: “Os Romanos, senhores do mundo.”¹⁵³

Por consequência, assentemos que as ciências jurídicas não são menos prestimosas ao Estado do que as armas dos generais. Porque o compreendeu, Flávio Justiniano pensa que os juristas, que com a energia da sua defesa conseguem a estabilidade do Estado, quando incerto, ou o levantam, quando decaído, ou lhe restauram as forças, quando debilitado, devem ser comparados com aqueles que asseguram a salvação da pátria mediante pelejas e ferimentos.¹⁵⁴ Oxalá eu visse que me tinha sido atribuído e concedido tanto espaço de tempo quanto eu desejo para vos referir hoje tudo o que penso e sinto acerca desta formosíssima e distintíssima faculdade.

Platão chamava a mais afortunada e excelente das repúblicas aquela na qual todas as coisas fossem governadas, não pelo desatino ou a imprudência, que se opõem à concórdia, mas pela norma e a decisão das leis civis.¹⁵⁵ E que havemos de dizer nós? Quanto mais afortunada [19] e mais excelente não devemos chamar a república cristã, que foi estabelecida e construída com tais leis que nós recebemos, não de Sólon como os Atenienses, nem de Licurgo como os Espartanos, nem de Numa Pompílio como os Romanos, nem de Pitágoras de Samos como os Ítalos, nem de Mercúrio Trismegisto como os Egípcios, nem do rei Foroneu como os Argivos,

ut, si earum imperio, quo certe nihil leuius suauiusque amanti- bus esse potest, parere uoluerimus, non solum in terris hic magnam concordiam et tranquillitatem in animis nostris sentiamus, sed etiam post discessum a corpore sempiterna illa gloria perfruamur. Huius principis ac supremae legis doctrina in medio illo arboris aureo ramo, cui ceteri circumpositi ac demissi tamquam proprio imperatori obsequuntur.

De qua cum cogito eiusque laudem omnibus humani ingenii uiribus longe maiorem esse intelligo, uere in animum induco meum satius esse tacere quam de re tanta pauca dicere. Verum tacere, summe Deus, ac non tantarum laudum saltem aliquam umbellam uerbis consequi, uereor ne impietati ac negligentiae mihi attribuatur.

Te igitur obsecro tuamque eximiam clementiam imploro, cui nihil magis proprium ac conueniens est quam infirma hominum ingenia confirmare, ut mihi hoc loco praesidio et adiumento sis.

Theologiae, patres conscripti, quae summa ac perfectissima ueritatis contemplatio est, nomen sic accipere debemus ut illud non a poetica fabulatrice, quam ueteres caeci ignarique rerum falso theologiam appellabant, non ab illa, quam naturali quadam ratione et mentis acumine consequi putabant, philosophorum contemplatione, sed a uera atque a Deo ipso tradita doctrina profectum esse credamus. Huius nos diuinae scientiae nisi Deum ipsum doctorem habuissemus, nullam ne minimam quidem litteram intelligeremus.

Verum ipse, genus hominum prospiciens in tantis erroribus ita uersatum ut, ignorato uero ac perfecto Deo, a quo salus [19 v^o] et uita proficiscitur, inania et conficta idolorum simulacra ueneraretur, oblata iam temporis occasione quo misericordiae suae munere uteretur, filium suum in terras mittere non dubitauit ut esset is a quo studium hoc ueritatis, quae theologia dicitur, acciperemus.

Haec est diuina sapientia, cuius studio qui delectantur eos non solum recte et beate uiuere, sed etiam illam superiorum uitam, cum adhuc in terris manent, imitari putamus.

Huic contemplationi ueritatis cum antiqui illi philosophi omnes suas curas et cogitationes accommodarent, nihil non modo, quod uerum et perfectum esset, intelligebant, sed etiam, ignorationem suam palam confitentes, nihil in rebus humanis cognosci, nihil percipi, nihil sciri existimabant: in qua sententia primus Socrates fuit, quem, hercle, non possum non maxime laudare qui, quasi huius diuinae scientiae – in qua nulla tenebris circumfusa, sed uera omnia et luce illustrata continentur – effigiem animo conciperet, nihil ille affirmabat, sed id unum se tantum scire profitebatur, quod sciret se nihil scire.

Haec est profecto cui, si omnis humana sapientia comparetur, non solum sapientiae nomen amittit, sed etiam stultitia uocatur. Hanc cum rex

mas do próprio imenso e eterno Deus, Senhor de todo o universo, para que, se quisermos obedecer ao senhorio delas, que para os que amam é indubitavelmente a coisa mais leve e mais suave que existe, não só sintamos nos nossos espíritos aqui na terra uma grande concórdia e tranquilidade, mas também gozemos daquela sempiterna glória após o abandono do corpo.

Os ensinamentos desta principal e suprema lei florescem naquele ramo de ouro que está no meio da árvore, ao qual os restantes colocados em torno e por baixo reverenciam como a próprio amo e senhor. Quando penso acerca destes ensinamentos e compreendo que o seu louvor é de longe maior que todos os recursos da inteligência humana, deveras me convenço de que é preferível calar a ser escasso ao falar de uma matéria tão grandiosa. Mas, Deus santíssimo, receio que se me atribua a impiedade e negligência o calar e não fazer ao menos um pequeno bosquejo de tamanhos merecimentos. Por conseguinte, rogo-Te e peço à Tua imensa misericórdia, à qual nada é mais apropriado e ajustado do que fortalecer as fracas inteligências humanas, que neste lugar me prestes ajuda e socorro.

Membros do senado acadêmico, o nome de teologia, que é a mais alta e mais perfeita contemplação da verdade, devemos tomá-lo de forma tal que creiamos que proveio, não da mistificação poética, a que os cegos e ignorantes antigos falsamente chamavam teologia das coisas, nem daquela contemplação dos filósofos,¹⁵⁶ que pensavam alcançar através de uma certa razão natural e da penetração intelectual, mas da doutrina verdadeira e ensinada pelo próprio Deus. Se o nosso mestre desta divina ciência não tivesse sido o próprio Deus, dela não entenderíamos nem sequer a mais pequena letra. Mas Ele, vendo o género humano enleado por tão grandes erros, de tal maneira que, ignorando o verdadeiro e perfeito Deus, do qual provém a salvação [19 vº] e a vida, venerava vãos e fingidos simulacros de ídolos, apresentando-se já o momento oportuno em que usaria da mercê da Sua misericórdia, não hesitou em enviar à terra o Seu filho, para que dele recebêssemos este estudo da verdade, a que se dá o nome de teologia.¹⁵⁷

Esta é a divina sabedoria: cremos que os que se deleitam com o seu estudo não só vivem recta e afortunadamente, mas também imitam, ainda durante a sua permanência na terra, aquela vida dos seres celestiais. Os antigos filósofos, embora aplicassem todos os seus cuidados e pensamentos a esta contemplação da verdade, não só não compreendiam o que era a verdade e a perfeição, como também, reconhecendo abertamente a sua ignorância, consideravam que nas coisas humanas era impossível conhecer-se, perceber-se ou saber-se fosse o que fosse.¹⁵⁸ O primeiro a professar esta opinião foi Sócrates, a quem, por Deus, não posso deixar de louvar sobremaneira, porque ele, como se concebesse no espírito a imagem desta divina ciência – na qual nada se encontra rodeado de trevas, mas, alumiado pela luz, nela se encerra tudo quanto é verdadeiro – nada afirmava, mas confessava que apenas sabia que sabia que nada sabia.¹⁵⁹

Realmente, esta é a ciência que, se a ela se compara toda a sabedoria humana, esta não só perde o nome de sabedoria, mas até ganha a designação de loucura.

ille Ptolemaeus admirabili rerum diuinarum magnitudine et excellentia circumsaepam consideraret, ne attingendam quidem esse censuit theologiam, quod eam nemo pro exiguitate humani ingenii comprehendere ac concipere posse uideretur: nec immerito, siquidem hanc de Deo cognitionem cum inuestigare conaretur Simonides ille poeta, in hanc uocem prorumpit: “Quanto magis magisque cogito, tanto mihi res difficilior et obscurior esse uidetur.” De hac contemplans Pythagoras ille Samius, nihil aptius et conuenientius ad studium pietatis et religionis esse dicebat quam rerum diuinarum scientiae operam dare.

O diuinam sapientiam, quae manifeste Deum nobis demonstrat, per quam CHRISTVM Seruatorem nostrum, ex beata Virgine [20] natum, intelligimus! O excellentem ueritatis cognitionem, quae omnem sacrosanctae Scripturae ueritatem patefacit, figuram interpretatur mysteriaque omnia explanat, qua quidem uel rustici homines instructi summis illis excellentissimisque philosophis sapientiores et beatiore efficiuntur! O primam ac summam philosophiam, cui certe si reliquas artes et scientias comparemus, satis amplae ac ornatae nobis uideri debent, quod ei quasi diuino numine famulentur!

Rex Haec habui, patres conscripti, quae uobis, quantum per ingenii mei exiguitatem et negotiorum occupationem licuit, de doctrinarum commendatione dicerem, quarum studia cum iam in nostra Lusitania consumpta essent, ea certe diuus Ioannis, huius nominis tertius, rex diuina beneficentia nobis concessus, non modo ab interitu reuocauit, sed etiam amplissima et ornatissima effecit. Cuius etiam insignes et admirabiles uirtutes, nisi uos audiendo iam defessos uiderem, ea dicendi copia enarrarem quam tantus rex ac regum omnium facile princeps requirit. Nam quem Alexandrum liberaliorem (ut ueterum exempla usurpem), quem Caesarem fortiorem, quem Numam religiosorem, quem Traianum aequiorem hoc nostro rege antiquis illis temporibus fuisse accepimus? Cuius ut ingenium, quod ei felicissimum datum est, ut liberalitatem, qua non solum in suos, sed etiam in omnes totius orbis terrarum homines frequentissime utitur, ut imperium, cui totum fere orbem terrarum subiectum habet, praetermittam: illam certe multo maiorem iis et ampliorem laudem praetermittere non possum quam communi hominum consensu consecutus est, quod academiam hanc, omnium quae in toto terrarum orbe sunt florentissimam, constituit, in quam sapientissimos et grauissimos doctores ex omni fere Europa conuocauit, ut praeclara Lusitanorum suorum ingenia sanctissimis etiam litteris exornaret, quae paratissima ad militandi scientiam habuisset.

Quid igitur restat, adulescentes optimi? Quid reliquum est nisi ut [20 vº] et inuictissimo serenissimoque regi nostro bene precemur et litterarum studia, quae nos possunt facere et seruare beatos, manibus pedibusque obnix sequamur: quod certe nos diligentius et accuratius facturos putabo si, et illud a Seneca philosopho dictum ante oculos posuerimus “uita

Como o célebre rei Ptolomeu a observasse, rodeada pela admirável grandeza e excelência das coisas divinas, afirmou que a teologia nem sequer devia ser tocada, porque parecia que ninguém podia abarcá-la e concebê-la devido às limitações da inteligência humana:¹⁶⁰ e não sem razão, visto que, tendo-se o conhecido poeta Simónides esforçado em alcançar este conhecimento de Deus, prorrompeu neste brado: “Quanto mais e mais penso, tanto mais difícil e obscuro este assunto me parece.”¹⁶¹ Reflectindo sobre ele, Pitágoras de Samos dizia que nada era mais acomodado e apropriado para o zelo da piedade e da religião do que aplicarmos à ciência das coisas divinas.

Oh divina sabedoria, que claramente nos mostra a Deus e através da qual compreendemos a Cristo nosso Salvador, nascido da bem-aventurada Virgem! [20] Oh excelente conhecimento, que patenteia toda a verdade da sacrossanta Escritura, interpreta as figuras simbólicas e explica todos os mistérios, instruídos pela qual até os homens ignorantes se tornam mais sábios e mais felizes do que os mais eminentes e mais extraordinários filósofos! Oh primeira e suprema filosofia! Se com ela compararmos as restantes artes e ciências, certamente que nos devem parecer muitíssimo importantes e honradas porque, por assentimento divino, a servem como escravas.¹⁶²

Membros do senado académico, era isto o que, na medida em que o permitiram a exiguidade das minhas capacidades intelectuais e os encargos dos meus negócios privados, tinha a dizer-vos em abono das ciências, cujo estudo, que já se encontrava amortecido no nosso Portugal, o admirável D. João, terceiro deste nome, rei a nós concedido pela bondade divina, não só ressuscitou da morte, como também o ampliou e ilustrou sobremaneira¹⁶³ Se já não vos visse fatigados de ouvir, também vos descreveria as insignes e admiráveis virtudes deste rei com aquela eloquência que exige um tamanho monarca e indubitavelmente o primaz de todos os reis. De facto, para nos servirmos de exemplos dos antigos, temos notícia de que naqueles antigos tempos houve algum Alexandre mais liberal, algum César mais valente, algum Numa mais religioso ou algum Trajano mais equitativo do que este nosso rei? Para não me referir à sua inteligência, com que foi excepcionalmente favorecido, à sua liberalidade, de que mui amiúde usa não apenas com os seus, mas com os homens do mundo inteiro, e ao seu poder, sob o qual mantém quase a Terra inteira: certamente não posso deixar de me referir a um motivo de louvor, muito maior e mais glorioso do que estes, e que alcançou por consenso comum dos homens por ter fundado esta academia, a mais florescente de todas as que existem no mundo,¹⁶⁴ para a qual chamou os mais sábios e mais prestigiados mestres de quase toda a Europa, a fim de também munir com as santíssimas letras as brilhantes inteligências dos seus portugueses, que encontrara muito bem preparadas para a ciência da guerra.¹⁶⁵

Ora, que nos falta, ó escol da mocidade? Que nos resta senão [20 vº] desejar o bem para o nosso invictíssimo e sereníssimo rei e obstinadamente e com todas as nossas energias prosseguirmos o estudo das letras, que nos podem fazer e manter felizes: algo que não tenho quaisquer dúvidas em pensar que nós havemos de realizar mais diligente e escrupulosamente se, por um lado, pusermos diante

Rei

sine litteris mors est et uiui hominis sepultura”, et nullorum tam beatam tamque hominibus – propter quos nos natos esse stoici arbitrabantur – commodam uitam esse duxerimus quam eorum qui in optimo, sanctissimo, fructuosissimo, ornatissimo, suauissimo (quid plura dicam?) litterarum studio uersantur.

DIXI

dos olhos aquele célebre dito de Sêneca, de que “a vida sem letras é a morte e sepultura de um homem vivo”,¹⁶⁶ e, por outro lado, cremos que nenhuma vida é tão bem-aventurada e tão vantajosa para os homens – por causa dos quais, segundo pensavam os Estóicos, nós tínhamos nascido¹⁶⁷ – do que a daqueles que se ocupam com o excelente, santíssimo, utilíssimo, honrosíssimo e suavíssimo (porque hei-de dizer mais?) estudo das letras.¹⁶⁸

DISSE

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTAS

(Página deixada propositadamente em branco)

NOTAS AO TEXTO DE ARNALDO FABRÍCIO

1 – A prática da inauguração do ano lectivo com a leitura de uma Oração de Sapiência, pronunciada em latim, a língua culta da época, na abertura de Universidades e Colégios, vinha de longe. A mais remota *Oratio* conhecida é a de D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, proferida a 18 de Outubro de 1504 no Estudo Geral de Lisboa, e é um texto que já evidencia o ambiente épico vivido em Portugal.

2 – André de Gouveia, que viera com outros professores do Colégio de Guiena de Bordéus para Coimbra a pedido de D. João III a fim de dirigir o Colégio das Artes, faleceu a 9 de Junho de 1548, três meses apenas após a inauguração promissora daquele estabelecimento de ensino tão necessário à reforma da Universidade. Além do francês Arnaldo Fabrício, outros humanistas expressaram grande consternação por tão grande perda. Entre eles, o escocês Jorge Buchanan, amigo e companheiro de André de Gouveia, chorou-o também num sentido epitáfio e escreveu: “Se as Musas retribuírem por igual os teus cuidados, nenhuma sombra mais ilustre que a tua habitará o bosque Elísio”, tradução do latim de Américo da Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*, Coimbra, 1985, pág. 181.

3 – O Curso de Artes compreendia as disciplinas de Gramática, Poética, Dialéctica, Retórica, Oratória e ainda Filosofia, Matemática e Astronomia. Podia funcionar como uma Faculdade propriamente dita e também como escola preparatória de outras, como Teologia e Medicina.

4 – D. João III, figura controversa em aspectos da acção política, como, por exemplo, o impulso que deu à Inquisição, mereceu, contudo, encómios pela tentativa da reforma da Universidade, provenientes de historiadores e humanistas, como André de Resende, Belchior Beleago, Hilário Moreira, Diogo de Teive e João Rodrigues de Sá que, para além do tom laudatório próprio dos discursos, salientaram o empenhamento do Rei Mecenas na educação da juventude portuguesa, convencidos de que ela não mais precisaria de procurar ciência e letras nas universidades estrangeiras.

5 – Os humanistas fizeram a identificação da Lusitânia com Portugal. Foi numa *Oratio* de D. Garcia de Meneses, bispo de Évora, dirigida ao Papa Sisto IV em Roma, em 1481, que surgiu pela primeira vez a palavra *Lusitania* com o significado de Portugal e *Lusitani* de Portugueses. Vd. Américo da Costa Ramalho, *op. cit.*, pág. 15.

6 – A afirmação de Arnaldo Fabrício não pode ser levada demasiado à letra. Hoje admite-se que muito antes da fundação do Colégio das Artes, em 1548, o Humanismo Renascentista já tinha chegado a Portugal, desde finais do século xv, talvez por influência italiana e ao mesmo tempo que em Espanha e França. Sebastião Tavares de Pinho situa o Pré-Humanismo a partir da corte dos Príncipes de Avis, *Humanismo em Portugal, Estudos I*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 2006.

E o italiano Cataldo Parísio Sículo, a viver em Portugal desde 1485, revela nas suas epístolas que, no início do século xvi, existia, no nosso País, um ambiente de cultura humanista entre várias famílias nobres portuguesas, extensivo a algumas mulheres, a quem apelida de *sibilas*, como D. Leonor de Noronha, filha do Marquês de Vila Real. Vd. Cataldo, *Epístolas II Parte*, tradução de Américo Costa Ramalho e Augusta Oliveira e Silva, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 2005, pág. 101.

Apenas a renovação do sistema educativo no sentido de uma amplitude semelhante à dos países cultos da Europa ainda não tinha acontecido. Muito havia a esperar da criação do Colégio das Artes que oferecia a inovação e a modernidade de um ensino cristão e laico.

7 – A influência da obra ciceroniana no latim renascentista é considerável. Para os humanistas, Cícero era o modelo supremo, e a máxima aspiração seria imitá-lo num latim elegante e fluente que pudesse ombrear com o do orador romano. Arnaldo Fabrício partilhava do entusiasmo dos colegas, que procuravam não empregar nenhum vocábulo que não tivesse sido usado por Cícero, mas tentava conseguir algum distanciamento para não cair numa imitação demasiado servil.

8 – Arnaldo Fabrício foi buscar para o seu discurso uma inspiração abundante recolhida nos textos forenses e de Retórica do escritor latino Marco Túlio Cícero, bem como ainda nas diversas obras da literatura filosófica e didáctica da Grécia e de Roma.

9 – Indivíduos que não encontravam qualquer espécie de interesse no estudo das letras, também já existiam no tempo de Cícero, que viveu entre 106-43 a.C., cf. *Pro Arquia*, II, 12. Este texto forense do orador, escrito em 62 a.C., é na sua concepção interessante e original. Arquias era um poeta estrangeiro, a quem recusaram o direito de cidadania e Cícero salienta a sua importância para a glória de Roma como poeta épico. E, para além do encanto artístico do texto, o discurso tem interesse para se conhecerem aspectos da mentalidade romana, entre eles o que refere a existência de cidadãos que não atribuíam à cultura literária papel relevante na formação dos jovens.

10 – Arnaldo Fabrício devia ter presente o preâmbulo do estudo *De Inventione*, lib. I, cap. II. Cícero, neste tratado da sua juventude, de 84 a. C., exprime o conceito elevado do papel do orador e a influência por ele exercida na sociedade. Não admira, portanto, que Marco Túlio, desde os 16 anos, acalentasse a esperança de vir a ser um grande orador. E Arnaldo Fabrício devia congratular-se pelo facto de os colegas o considerarem um orador de mérito que procurava com os seus discursos incitar os jovens ao cultivo das artes.

11 – O orador estava realmente a falar para um escol de Mestres, alguns dos quais admirados nos centros cultos da Europa, tais como: Elias Vinet, Nicolau de Grouchy, Guilherme de Guérent, João da Costa, Diogo de Teive, António Mendes, Jorge Buchanan e outros.

12 – Plano semelhante ao de Arnaldo Fabrício seria seguido em algumas Orações subsequentes, por exemplo na Oração de Belchior Beleago, pronunciada, na abertura da Universidade, em 1 de Outubro de 1548.

13 – Vd. Cícero, *De Legibus*. À semelhança de Platão, também o escritor latino, após ter escrito um tratado filosófico em que questionava as diversas formas de Governo, escreveu em 52 a. C. um tratado sobre as Leis. Estas, em seu entender, emanavam da razão humana e como que da vontade divina.

14 – *Ibidem*, lib. I, cap. IX, 26.

15 – *Ibidem*, lib. I, cap. VIII.

16 – Vd. Cícero, *Pro Archia*, lib. II, cap. VII, 15 e *De Legibus*, cap. VII, 22 e 23; e ainda *Tusculanae Disputationes*, lib. V, 2. Esta obra surgiu como consequência das desilusões políticas e do desgosto profundo sentido pela morte de Túlia, a filha querida. Cícero retira-se da vida pública e, na sua casa em Túsculo, entregue ao prazer da escrita, que sente reconfortante e útil, escreve as *Tusculanas*, em 45-44 a.C.

17 – Cf. Cícero, *Tusculanae Disputationes*, V, 2, e *De Senectute*, I, 3, obra escrita em 44 a. C. É um tratado de moral prática, por assim dizer. O autor revela-se um observador perspicaz, salientando os atractivos e até os encantos que podem ser descobertos e vividos na velhice.

18 – Cf. Cícero, *De Inuentione*, lib.I, 2, obra da juventude, de 84 a. C., na qual todos os benefícios civilizadores são atribuídos à Eloquência.

19 – Vd. Cícero, *Tuscularum Quaestionum*, lib. I, cap. XXII.

20 – Vd. Cícero, *De Legibus*, cap. X, 30 e *Tusculanarum Quaestionum*, lib.V. Arnaldo Fabrício segue, mas sem uma imitação demasiado literal, as ideias filosóficas do escritor latino.

21 – Cf. Belchior Beleago, *op. cit.*

22 – Arnaldo Fabrício nesta matéria terá presente o pensamento de Aristóteles, *Metaphysicorum* lib. I, cap. V, § 2, e dos seus comentadores.

23 – “Pitágoras e Platão viam uma relação real entre a astronomia e a música, visto que acreditavam que ambas se baseavam no número e na proporção, que

consideravam como elemento comum de todas as ciências preliminares. Platão sintetizaria esta ideia numa fórmula matemática que ficaria a ser como o prelúdio da ciência de Deus”: vd. Jowett B. Campbell Lewis, *Plat's Republic, The Greek Text edited with Notes and Essays*, vol. III.

24 – “Em Atenas havia duas divisões no mundo da música: a científica, baseada nas teorias pitagóricas, e a empírica. Platão dá-nos uma descrição divertida dos músicos empíricos. Um tom e um quarto de tom são tocados sucessivamente e, enquanto uns declaram que não apreendem diferença alguma, outros reconhecem um intervalo distinto e que nele deve ser feita a unidade da harmonia, empregada como base de escala”: vd. *op. cit. supra*, nota 23.

25 – Vd. Cícero, *Tusculanae Disputationes*, lib.I, cap. II, 4.

26 – Vd. Cícero, *De Senectute*, cap. VIII, 26. Platão fala também da actividade musical de Sócrates: cf. *Fédon*, 60 d.

27 – Vd. Cícero, *De Legibus*, lib.II. cap.XV, 38.

28 – Em S. Basílio Magno e em Suda encontra-se a divulgação deste facto. Cf. *Sermo de legendis libris gentilium*, 180, (60), (61) A e *Suidae Lexicon* 1.122 E.

29 –Vd. S. Basílio Magno, *op. cit.*,182, (69), D. A.

30 – Vd. Antigo Testamento, *Bíblia de Jerusalém*, 1 Samuel, 16, 23. Mas também na obra já citada de S. Basílio Magno este facto é mencionado.

31 – Aristóteles em vários pontos da sua *Política* faz alusão à importância da Música na educação dos jovens. Vd. lib. VIII, cap. V. §1 e § 2.

32 – Creio que o autor não foi buscar esta citação directamente a Platão, mas sim a Cícero. Vd. *De Legibus*, XV, 39.

33 – Vd. Cícero, *De Oratore*, lib. I, cap. 42, 187.

34 – Platão, entre as ciências que enumera como necessárias ao filósofo, menciona a Geometria e saliente a sua importância na guerra. Cf. *Politeia*, Z, 527 b.

35 – Esta inscrição foi revelada pelos comentadores de Aristóteles e, segundo o dicionário *A Greek-English Lexicon*, Oxford, 1940, por Elias, filósofo do século vi, in *Aristotelis Categorias Commentaria*.

36 – Ideias semelhantes são expressas por Platão, que salienta a aplicação da Geometria a outras ciências. Cf., *Politeia*, Z 525 c.

37 – Cf. ainda Cícero, *De Legibus*, lib. I, cap. 42, 187.

38 – Vários escritores referem este facto, entre eles Quintiliano, *De Institutione Oratoria*, lib. I, 10, 47, e Valério Máximo, *Factorum Dictorumque Memorabilium*, lib. VIII, cap. XI, 106.

39 – O último rei da Macedónia, vencido por Paulo Emílio.

40 – Episódio citado também por vários autores: vd. Quintiliano, *op. cit. supra*, nota 38, lib I, 10, 47; Plínio, *Historia Naturalis*, vol. I, lib. II, IX (XIII) e Valério Máximo, *op., cit. supra*, nota 38, lib. VIII, cap. XI, I. Mas é, porém, Tito Lívio quem menciona o acontecimento com mais pormenores: cf. *Ab Vrbe Condita*, lib. XLIV, cap. XXXVII.

41 – A alusão à importância da navegação portuguesa está de acordo com o interesse que os estrangeiros atribuíam aos nossos Descobrimientos. Assim, o cardeal de Veneza, Pietro Bembo, que acompanhava com ansiedade todas as notícias chegadas de Portugal a respeito das Descobertas, pedia a Damião de Góis que escrevesse sobre elas e a respeito de acontecimentos passados no Oriente.

42 – Cf. Cícero, *De Divinatione*, VII, 89.

43 – Vd. Cícero, *De Republica*, lib I, caps. 14, 22.

44 – Cf. Cícero, *De Oratore*, respectivamente, lib. I, cap. XLII, 87 e lib. III, no qual o autor aborda o estilo do orador e a escolha das palavras.

45 – Cf. Cícero, *Pro Archia*, cap. VII, 16.

46 – O humanista continua a inspirar-se no *De Oratore*, especialmente no já citado lib. III, cap. XI, 40.

47 – Cf. *De Oratore*, lib. III, cap. XI. A este respeito, Laurand, estudioso da obra de Cícero, afirma em *Études sur le Style des Discours de Cicéron*, vol. I, pág. 110, que o autor latino fazia alusão à sintaxe, ainda que desconhecesse a palavra.

48 – *Ibid*, lib. II, cap. XXXVIII, 157 e 158, e cf. ainda *Acad.*, lib. II, cap. XXVIII, 91, 92.

49 – Vd. Cícero, para a comparação entre a Retórica e a Dialéctica, *Orator*, cap. XXXII, 113.

50 – Cf. Cícero, *De Inventione*, lib. I, cap. IV, 5.

51 – *Ibid*, lib. I, cap. I.

52 – Vd. Cícero, *Paradoxa Ad M. Brutum*, cap. I, 3.

53 – Arnaldo Fabrício tem razão nas suas considerações. Cf. com o que afirma Paul Cloché, *Démotbène et la Fin de la Démocratie Athénienne*, Paris, 1957, pág. 309.

54 – Verres, desde o início da carreira política, dera provas de comportamentos desonestos. Em 82, sendo questor, traiu o chefe e passou ao exército de Sila. Depois, em 80, como proquestor, na Ásia, apoderou-se de vários objectos de arte. Mas foi precisamente na Sicília onde exercia o cargo de propretor, em 73, que praticou os mais hediondos excessos. Os sicilianos processaram-no e confiaram a sua causa a Cícero, que pronunciou contra Verres sete notáveis discursos que ficariam conhecidos por “Verrinas”. O êxito de Marco Túlio foi completo e uma pesada condenação caiu sobre Verres, não obstante ter como defensor Hortênsio, um dos mais célebres advogados de Roma.

55 – Catilina desde muito cedo dera provas de um carácter cruel e ambicioso, capaz de se entregar a todos os extremos para conseguir os objectivos pretendidos, sem ter em conta as origens nobres da família. Tornara-se conhecido durante a ditadura de Sila e candidatou-se a vários lugares do “cursus honorum”, mas em vão consegue atingir o consulado. Envolve-se com elementos revolucionários da pior espécie e prepara uma grande conspiração que incluía o assassinato de vultos notáveis. Mas a 8 de Novembro de 63 a. C., na presença do Senado, que tinha sido convocado de urgência para o templo de Júpiter Estátor, Cícero, então cônsul, surpreende muitos e até o próprio Catilina ao desmascarar toda a trama, pronunciando o primeiro dos quatro discursos, conhecidos por “Catilinárias”, peças notáveis da arte forense até pela sua beleza literária. Catilina e os seus cúmplices, com a ajuda e a intervenção de Catão, são condenados à morte e o povo aclama Cícero como “pai da pátria”.

56 – Clódio veio a tornar-se um dos piores adversários de Marco Túlio. A inimizade profunda que se cavou entre eles, talvez remonte a 62 a. C., data em que Clódio dera origem a um grande escândalo ao introduzir-se no local em que as mulheres romanas celebravam os Mistérios da Boa Deusa. O Colégio dos Pontífices considera este acto uma profanação e pede ao Senado um julgamento num tribunal extraordinário. Clódio conhece bem o valor da eloquência de Cícero e pede-lhe ajuda, mas não foi atendido. Esta recusa teve graves consequências. Clódio, logo que no ano 58 foi eleito tribuno da plebe, principiou a maquinar a ruína política de Cícero. E, com o pretexto de que cinco cúmplices de Catilina tinham sido condenados à morte sem julgamento, consegue que Cícero seja exilado.

Mas o exílio dura apenas 15 meses e, após o regresso do escritor a Roma, em discursos que profere, o *Pro Sestio* e o *Pro Caelio*, ataca veementemente o mau carácter de Clódio, pondo a descoberto a sua vida desregrada e as desordens cometidas com um grupo de gladiadores.

57 – César foi morto em 44 a. C., e os seus assassinos mantiveram uma certa inactividade, como se o acto praticado chegasse para restabelecer a dignidade à

antiga República romana. Permitiram assim que Marco António, de início protegido de Cícero, tomasse conta da situação, impondo ao Senado as suas vontades e caprichos. Cícero, que aceitara com tranquilidade a morte de César, logo se decepcionou e compreendeu os perigos que ameaçavam Roma. A 1 de Setembro de 44, Marco António reúne o Senado e convida Cícero a assistir. O orador sente que Roma está ameaçada de um perigo semelhante ao da Grécia quando Filipe da Macedónia a invadiu e Demóstenes pronunciou as suas célebres *Filípicas*. O orador latino compareceu, no dia seguinte, na reunião do Senado e proferiu também a sua *Primeira Filípica*. De forma ainda moderada, não deixa de evidenciar ao Senado a ambição e os planos torpes de Marco António. A este discurso outros se seguiram. Ao todo as *Filípicas* foram catorze, pronunciadas a partir de Setembro de 44 a.C.

58 – Cf. a afirmação de Fabrício com a de Herbert Eulemberg que, referindo-se às *Filípicas*, escreveu em *Cicéron*, Paris, 1935, pág. 209: «De tout temps on les a considérées et célébrées comme le chant du cygne de Cicéron, ainsi que de la République romaine. Car après ces derniers discours de Cicéron, le Sénat romain n'entendit pour ainsi dire plus une seule parole de liberté.»

59 – O orador quinhentista devia ter-se inspirado no conceito ciceroniano de justiça, mas mais uma vez o fez com alguma liberdade de expressão. Cf. *De Inventione*, lib. II, cap. LIII, 160 e 161.

60 – Arnaldo Fabrício partilhava do humanismo cristão de Erasmo, à semelhança de muitos outros humanistas.

61 – Vários textos renascentistas revelam o interesse dos humanistas pelo conhecimento das ciências, mormente pela Medicina e Biologia.

62 – Poderá dizer-se que a afirmação da excelência das armas e das letras é um tema recorrente nos textos ciceronianos, mas é na defesa de Murena, proferida em 63 a.C., que o desenvolvimento do tema é maior. Para Cícero, como para outros romanos, duas eram as actividades que podiam elevar os homens até às mais altas honrarias, as armas e a oratória. Ora, Murena era acusado de ter cometido ilegalidades na candidatura ao seu consulado, mas Cícero sustenta com brilho que o cidadão que defendia fora também um militar talentoso e que na guerra prestara relevantes serviços a Roma. Vd. *Pro Murena*, caps. IX-XIV, discurso escrito em 63, num período de intensa actividade de Cícero.

63 – Basta lembrar entre os gregos, o nome do poeta trágico Ésquilo, que integrou os vultos gloriosos dos heróis de Atenas, combatendo em Maratona e Salamina; Sófocles, que não só escreveu belíssimas tragédias, como ainda dirigiu o coro que consagrou os heróis da batalha de Salamina; e Xenofonte, que na Pérsia participou na *Retirada dos Dez Mil*, acontecimento militar que descreve num relato expressivo, a *Anábase*.

Quanto aos romanos, Cipião, o Africano, o vencedor de Aníbal, na batalha de Zama; Júlio César, que submeteu a Gália e, nesta bem sucedida expedição, encontrou tema para escrever os seus *Commentarii de Bello Gallico*; e o imperador Augusto, o fundador do Império, que criou condições excepcionais de pacificação que permitiram dar a Roma uma época notável de desenvolvimento cultural que ficaria conhecida por século de Augusto. Camões também louva o valor militar e a cultura de alguns destes vultos ao mesmo tempo que lamenta a ignorância dos guerreiros portugueses: *Dá a terra Lusitana Cipiões, / Césares, Alexandros, e dá Augustos;/ Mas não lhes dá, contudo, aqueles dões / Cuja falta os faz duros e robustos*. Vd. “Os Lusíadas”, V, 95.

64 – Vd. Cícero, *Pro Archia*, VI, 14.

65 – A aventura da Expansão Portuguesa despertava a atenção da Europa e, a partir aproximadamente de 1500, humanistas nacionais e estrangeiros que se encontravam no nosso País escreveram em latim relatos de acontecimentos, onde perpassava um sopro épico a par de uma grande curiosidade pelo conhecimento dos hábitos culturais dos nativos. A Geografia renascentista fornecia-lhes abundantes conhecimentos dos costumes e da religião dos povos até então desconhecidos. Para citar, entre muitos, apenas alguns exemplos, lembro a elegante *Oratio* que D. Garcia de Meneses, em 1481, dirigiu ao Papa Sisto IV, onde se faz referência *às armadas de Varões notáveis*. O italiano Cataldo Parisio Sículo, que ocupou o cargo de secretário latino de João II e de D. Manuel I, escreveu numerosas epístolas, dirigidas a reis, príncipes e cardeais, e é ainda autor de epigramas e de longos poemas em que exalta as nossas descobertas. Damião de Góis escreveu *De Bello Cambaico (Da Guerra de Cambaia)* e editou em 1539, em Lovaina, *Commentarii Rerum Gestarum in India citra Gangem a Lusitanis, anno 1538 (Crónica dos Feitos dos Portugueses na Índia, aquém do Ganges, no ano de 1538)* e ainda *Fides, Religio Moresque Aethiopum (Fé, Religião e Costumes dos Etiópes)*, entre outras obras. Por último, citarei apenas dois trabalhos, o livro *De Gloria*, que aborda, entre aspectos interessantes, o conceito de justiça dos chineses e *De Rebus Emmanuelis Gestis (Dos Feitos Praticados pelo Rei D. Manuel)* de D. Jerónimo Osório, que obteve na Europa um êxito extraordinário, sendo traduzido em língua francesa. A propósito, lembro que o escritor Michel de Montaigne deixou expresso, nos *Essais*, o apreço que consagrava a D. Jerónimo Osório, a quem considerou o melhor historiador latino do século.

66 – Com alguma originalidade Fabrício lembra este passo tão sugestivo de Cícero, no *Pro Archia*, cap. VII, 16: «Nam ceterae neque temporum sunt neque aetatum omnium neque locorum; at haec studia adulescentiam alunt, senectutem oblectant, secundas res ornant, aduersis perfugium ac solacium, praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur.» (“Na verdade, as restantes coisas não são de todos os tempos, nem de todas as idades, nem de todos os lugares, mas estes estudos alimentam a adolescência, deleitam a velhice, enriquecem a felicidade, servem de refúgio e de consolação na velhice, deleitam em casa, não embarçam fora, dormem connosco, passeiam connosco e estão no campo connosco”).

67 – O orador recorda o que aconteceu à cultura greco-latina que, após a queda do império romano com a morte do imperador Teodósio, em finais do século IV, se confinou quase só aos mosteiros. Alguns deles, como o de Santa Cruz de Coimbra e o de Alcobaça, conseguiram formar valiosas bibliotecas, graças aos seus monges, que copiavam gramáticas e dicionários e traduziam obras da Antiguidade. Mas os Mecenas acabaram por surgir e a civilização greco-latina desabrochou no seu esplendor!

68 – O elogio que este estrangeiro faz à política de D. João III está de acordo com o de outros humanistas que são unânimes em louvar o Rei pela protecção concedida às letras, pela paz que soube manter e pela maneira cristã e humana como foram submetidos os povos conquistados. Cf. com o que afirma André de Resende na *Oratio habita Conimbricae in Gymnasio Regio anniuersario dedicationis eius die*, edição de Luís de Matos, pág. 59.

69 – Portugal tinha razão de queixa contra os corsários que com frequência atacavam as nossas caravelas. Assim, Gaullieur para mostrar que o humanista João da Costa, mesmo em Bordéus, era útil aos compatriotas, conta o seguinte: os corsários normandos aprisionaram o navio português, Santa Maria de Alupe. Como tinha principiado a guerra entre Francisco I e Carlos V, eles sustentavam que a embarcação era espanhola. Então o capitão do navio, António Martins, procurou João da Costa, que na altura ocupava a direcção do Colégio da Guiena, em virtude de André de Gouveia ter vindo a Portugal a pedido de D. João III, e implorou-lhe auxílio. João da Costa encaminhou o assunto para o tribunal marítimo, que não só reconheceu que o navio era português, mandando entregá-lo ao seu legítimo proprietário, como ainda condenou os normandos a pagar uma avultada soma em oiro. Vd. *Histoire du Collège de Guyenne*, pág. 176. Também nos escritos de Cataldo surgem referências aos danos causados pelos piratas. Navios portugueses que vinham da costa de África, carregados de ouro e mercadorias diversas, eram atacados por piratas franceses e ingleses. E há cartas de Cataldo ao serviço dos reis D. João II e D. Manuel I, escritas aos soberanos dos agressores, a exigir indemnizações. Vd. tese (dactilografada) de licenciatura em Filologia Clássica de Maria Isabel Abreu e Lima Pereira, *Algumas Cartas e Poemas de Cataldo Sículo*, Coimbra, 1969.

70 – A vastidão do Império português é um tema presente nos textos dos humanistas. Jorge Buchanan, num poema dedicado ao rei D. João III, escreveu:

*E Febo, que nasce e morre nos teus reinos, mal os percorre num
Longo dia, em seu carro fatigado.*

Vd. *op. cit.*, p. 179 (*cf. supra*, nota 2); e Luís de Camões, *Os Lusíadas*, I, 8.

71 – Ideias expressas por Platão ao longo de *A República*.

72 – Outros humanistas, como André de Gouveia, Belchior Beleago e Hilário Moreira, salientaram também as boas condições materiais que encontraram na sua docência em Portugal. E o humanista João Fernandes, na sua *Oração Sobre A Fama Da Universidade (1548)*, referindo-se às condições generosas com que D. João III

atraiu professores estrangeiros para o Colégio das Artes, afirmou: «Seguiu ele o exemplo de Carlos Magno; não contente com os que tinha, profundamente cultos, atraiu homens doutíssimos da Alemanha, Escócia, França e, finalmente, da própria mãe de todas as letras, da Itália, oferecendo grandes mercês e largos salários». Vd. *op. cit. Prefácio, Introdução, Tradução e Notas* de Jorge Alves Osório, Coimbra 1967, pág. 143.

73 – Apesar de a fixação da Universidade em Coimbra ter oferecido forte contestação, os humanistas, tanto estrangeiros como portugueses, entendiam que a cidade era agradável como centro de estudos de cultura portuguesa. O elogio à doçura da amenidade de Coimbra tornou-se num dos temas literários. O humanista Inácio de Moraes escreveu um belo poema, *Elogio de Coimbra*, em que recorda a sua actividade cultural:

Então deleitar-te-á a abundância eloquente da prosa

E uma graça que flui de Cícero...

E Diogo Pires, num epigrama em que exalta a fundação do Colégio das Artes, em Coimbra, termina:

Enquanto o Mondego correr para as águas do mar vizinho,

Estará de pé a obra ilustre do rei João!

Vd. *op. cit. supra*, nota 2, págs, respectivamente, 191 e 209.

74 – V. Cícero, *De Officiis*, III, 6. Marco, filho de Cícero, estudava em Atenas com os melhores Mestres, e o pai pede-lhe que, perante tão boas condições oferecidas, não seja ele a faltar a si próprio.

NOTAS AO TEXTO DE BELCHIOR BELEAGO

1 – História narrada, entre outros, por Plínio o Antigo, XXXV, 36, 22:
... Idem perfecta opera proponerebat pergula transeuntibus, atque post ipsam tabulam latens, uitia quae notarentur auscultabat, uulgum diligentiore iudicem, quam se praeferens.

2 – Reminiscência de Cícero, *De Legibus*, I, 22, 58 :
Haec enim una nos cum ceteras res omnes, tum, quod est difficillimum, docuit, ut nosmet ipsos nosceremus.

Cf. Arnaldo Fabrício:

Haec praeter tot, tantasque res, quibus communem uitam instruxit, quod erat longe maximum, et difficillimum, unumquemque se ipsum nosse docuit. (Vide supra, pp. 36-37).

3 – Reminiscência de Cícero, *Pro Archia*, 2:
... tanto conuentu hominum ac frequentia [...]

4 – Reminiscência de Quintiliano, *De Institutione Oratoria*, I, 10, 1:
 [...] *doctrinae, quam Graeci ἐγκύκλιον παιδείαν uocant* [...]

5 – Reminiscência de Ovídio, *Metamorphoses*, I, 79:
 [...] *ille opifex rerum* [...]

6 – Cf. Cícero, *De Legibus*, I, 7, 22-23:
Quid est autem, non dicam in homine, sed in omni caelo atque terra, ratione diuinius? [...] Est igitur, quoniam nihil est ratione melius [...]

7 – Cícero, *De Legibus*, I, 7, 22:
Solum est enim ex tot animantium generibus atque naturis particeps rationis et cogitationis, quom cetera sint omnia expertia.
 (A fonte deste passo foi identificada pelo Doutor João Ferreira).

8 – Cícero, *De Legibus*, I, 9, 26:
 [...] *et sensus tamquam satellites attribuit ac nuntios, et rerum plurimarum obscuras nec satis expressas intelligentias enodauit, quasi fundamenta quaedam scientiae, figuramque corporis habitem et aptam ingenio humano dedit.*
 (A fonte deste passo foi identificada pelo Doutor João Ferreira).

9 – Cícero, *De Legibus*, I, 8, 26:
Artes uero innumerabiles repertae sunt, docente natura, quam imitata ratio res ad uitam necessarias sollerter consecuta est.

10 - Cf. Cícero, *De Finibus*, II, 12, 37:
 [...] *adbibita primum diuinarum humanarumque rerum scientia, quae potest appellari rite sapientia.*
 Mas a fonte deste passo deve ter sido Cícero, *De Legibus*, I, 7, 22: *Quae quom adoleuit atque perfecta est, nominatur rite sapientia.*

11 – Cf. Diógenes Laércio, *Vita Pythagorea*, VIII, 1, 6:
Ζωσικράτης δ' ἐν Διαδοχαῖς φησιν αὐτὸν ἐρωτηθέντα ὑπὸ Λέοντος τοῦ Φλιασίῳν τυράννου τίς εἴη, φιλόσοφος, εἰπεῖν.

e Cícero, *Tusculanae*, V, 3, 8:
 [...] *A quibus ducti deinceps omnes qui in rerum contemplatione studia ponebant, sapientes et habebantur et nominabantur, idque eorum nomen usque ad Pythagorae manauit aetatem, quem, ut scribit auditor Platonis Ponticus Heraclides, uir doctus in primis, Phliuntem ferunt uenisse eumque cum Leonte, principe Phliasiorum, docte et copiose dissentisse quaedam; cuius ingenium et eloquentiam cum admiratus esset Leon, quaesiuisse ex eo qua maxime arte confideret; at illum artem quidem se scire nullam sed esse philosophum.*

e V, 3, 9:

[...] *bos se appellare sapientiae studiosos (id est enim philosophos).*

12 – Cf. Cícero, *Tusculanae*, V, 3, 7:

Nam sapientiam quidem ipsam quis negare potest non modo re esse antiquam, uerum etiam nomine? Quae diuinarum humanarumque rerum, tum initiorum causarumque cuiusque rei cognitione hoc pulcherrimum nomen apud antiquos adsequebatur.

13 – O mesmo pensamento encontra-se expresso, de um modo genérico, em Cícero, *De Officiis*, I, 4 (observação do Doutor João Ferreira).

14 – Cícero, *Tusculanae*, V, 2, 5.

15 – A divisão apresentada é a do académico Xenócrates (séc. IV a. C.), também seguida pelos Santos Padres, especialmente por S. Agostinho (cf. *De Ciuitate Dei*, 8, 4), que alterou a nomenclatura primitiva, chamando à Física Filosofia Natural, à Lógica Filosofia Racional e à Ética Filosofia Moral – tal como no nosso texto (observação do Doutor João Ferreira).

16 – Cf. Platão, *Rep.*, 525 d:

Τοῦτό γε, ὃ νυνδὴ ἐλέγομεν, ὡς σφόδρα ἄνω τοι ἄγειν τὴν ψυχὴν καὶ περὶ αὐτῶν τῶν ἀριθμῶν ἀναγκάζει διαλέγεσθαι, οὐδαμῆ ἀποδεχόμενον, εἴαν τις αὐτῇ ὄρατὰ ἢ ἀπτὰ σώματα ἔχοντας ἀριθμοὺς προτεινόμενος διαλέγηται.

e 526 a-b:

Ὅραξ οὖν, ἦν δ' ἐγώ, ὃ ἴλε, ὅτι τῷ ὄντι ἀναγκαῖον ἡμῖν κινδυνεύει εἶναι τὸ μάθημα, ἐπειδὴ φαίνεται αἰ προσαναγκάζον αὐτῇ τῇ νοήσει χρῆσθαι τὴν ψυχὴν ἐπ' αὐτὴν τὴν ἀλήθειαν;

Καὶ μὲν δὴ, ἔφη, σφόδρα γε ποιεῖ αὐτό.

Τί δέ; τότε ἤδη ἐπεσκέψω, ὡς οἱ τε φύσει λογιστικοὶ εἰς πάντα τὰ μαθήματα ὡς ἔπος εἰπεῖν ὀξεῖς φύονται, οἱ τε βραδεῖς, ἂν ἐν τούτῳ παιδευθῶσι καὶ γυμνάσωνται, κἂν μηδὲν ἄλλο ὠφελθῶσιν, ὅμως εἷς γε τὸ δέξυτεροι αὐτοὶ αὐτῶν γίγνεσθαι πάντες ἐπιδιδόασιν;

17 – Cf. Aristóteles, *Problemata*, XXX, 6:

Διὰ τί ἀνθρώπῳ πειστέον μᾶλλον ἢ ἄλλῳ ζῳίῳ; πότερον ὥσπερ Πλάτων Νεοκλεῖ ἀπεκρίνατο, ὅτι ἀριθμεῖν μόνον ἐπίσταται τῶν ἄλλων ζῳίων; ἢ ὅτι θεοὺς νομίζει μόνον; ἢ ὅτι μιμητικώτατον; μανθάνειν γὰρ δύναται διὰ τοῦτο.

18 – Cf. Platão, *Rep.*, 522 c - 526 c.

19 – Platão, *Tim.*, 31b-34b.

O passo da *Biblia* deve ser, segundo o Dr. João Ferreira, do *Liber Sapientiae*, XI, 21: *Sed omnia in mensura et numero et pondere disposuisti.*

20 – Cf. Plotino, *Enn.*, VI (*De numeris*) e, em especial, VI, 4:

Ἀλλὰ μὴν, ὅταν λέγῃ ἐν τῷ ἀληθινῷ ἀριθμῷ, καὶ τὸν ἀριθμὸν ἐν οὐσίᾳ πάλιν αὐτὸ ὑπόστασιν τινα ἂν ἐφ' ἑαυτοῦ τοῦ ἀριθμοῦ λέγοι, καὶ οὐκ ἐν τῇ ἀριθμούσῃ ὑφίσταται ψυχῇ, ἀλλὰ ἀνακινεῖσθαι ἐν αὐτῇ ἐκ τῆς περὶ τὰ αἰσθητὰ παραλλαγῆς τὴν ἔννοιαν τοῦ ἀριθμοῦ.

21 – Sobre a exclusão dos poetas e músicos, e admissão só do modo dório e frígio, *uide* Platão, *Rep.*, 398 d-400 e. Sobre os modos musicais e seus defeitos e vantagens, *uide* Platão, *Laches*, 188 d-e e cf. Plutarco, *De Musica*, XV, XVI, XVII. Sobre os conhecimentos musicais de Platão, *uide* Plutarco, *De Musica*, XXII. Um estudo importante sobre o assunto é o de Evanghélou Moutsopoulos, *La Musique dans l'Oeuvre de Platon*, Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, Presses Universitaires de France, Paris, 1959.

22 – Platão *apud* Plutarco, *De Superstitione*, V:

Μουσικήν φησιν ὁ Πλάτων ἐμμελείας καὶ εὐρυθμίας δημιουργόν, ἀνθρώποις ὑπὸ θεῶν οὐ τρυφῆς ἔνεκα καὶ κνήσεως ὧτων δοθῆναι, ἀλλὰ τὸ τῶν τῆς ψυχῆς περιόδων καὶ ἀρμονιῶν ταραχῶδες καὶ πεπλανημένον ἐν σώματι, μούσης τε καὶ χάριτος ἐνδεία πολλαχῆ δι' ἀκολασίαν καὶ πλημμέλειαν ἐξύβριζον, αὐθις εἰς τάξιν ἀνελίττουσαν οἰκείως καὶ περιάγουσαν παρεῖναι.

Platão fala dos efeitos benéficos da educação musical em *Rep.* 401d-402a.

23 – Cf. Arnaldo Fabrício:

Mundum uero ex partium inter se harmonia didicerunt musica ratione constare, quam Pythagoras rerum ab ipsa natura inuoluntarum causas perscrutans ex collatione numerorum inter se, quorum proportione symphonias illa redderet, nasci comperit. (*Vide supra*, pp. 38-39).

24 – A citação é toda de Plutarco, *Non posse suauiter uiuere secundum Epicurum*, 13, 3:

Εἰ δὲ Πτολεμαῖος ὁ πρῶτος συναγαγὼν τὸ μουσεῖον τούτοις συνέτυχε τοῖς καλοῖς καὶ βασιλικαῖς παραγγέλλμασιν, ἃρ' οὐκ ἂν εἶπε τοῖς Σαμίοις, ὦ Μοῦσα, τίς ὁ φθόνος; Ἀθηναίων γὰρ οὐδενὶ πρέπει ταῖς Μούσαις οὕτως ἀπεχθάνεσθαι καὶ πολεμεῖν
ὅσσα δὲ μὴ πεφίληκε Ζεὺς, ἀτύζονται βοᾶν
Πιερίδων ἄϊοντα.

O passo de Píndaro pertence aos versos 13-14 da *I Ode Pítica* e foi citado em mais dois lugares por Plutarco: *Quaestiones Conuiuiales*, 9, 14, 6 e *De Superstitione*, 5.

25 – Cf. Platão, *Leges*, 967 d-e (citação procurada pelo meu Colega, Dr. Victor Matos.) Um reflexo desta doutrina encontra-se em Macróbio, *Comm. in Somnium Scipionis*, II, 3:

Iure igitur musica capitur omne, quod uiuit ; quia caelestis anima, qua animatur uniuersitas, originem sumpsit ex musica.

26 – Cf. Quintiliano, I, 10, 21:

Denique in prouerbium usque Graecorum celebratum est, «indoctos a Musis atque a Gratiis abesse».

27 – A referência é manifestamente tirada de Cícero, *Tuscul.*, I, 2, 4:

[...] *Themistoclesque aliquot ante annos, cum in epulis recusasset lyram, est habitus indoctor.*

Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 10, 19 repete a história:

Vnde etiam ille mos, ut in conuiuio post cenam circumferretur lyra, cuius cum se imperitum Themistocles confessus esset, ut uerbis Ciceronis utar, «est habitus indoctor».

Cf. ainda S. Agostinho, *Ep.* 56, *ad Dioscurum*, e Arnaldo Fabrício:

Principes Graeciae eius peritos, et Themistoclem, cum in epulis recusasset Iyram indoctiorem habitum fuisse M. Cicero memoriae et litteris prodidit. (Vide supra, pp. 38-39).

28 – O passo é decalcado de Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 10, 9:

[...] *mittam alios, Orpheus et Linus; quorum utrumque dis genitum, alterum uero, quia rudes quoque atque agrestes animos admiratione mulceret, non feras modo, sed saxa etiam siluasque duxisse posteritatis memoriae traditum est.*

29 – Em Macróbio, *Comm. in Somnium Scipionis*, II, 3, encontram-se referências à acção da música sobre os animais, incluindo os monstros, mas sem menção explícita dos elefantes:

Et quid mirum si inter homines musicae tanta dominatio est, cum aues quoque, ut luscinae, ut cygni, aliaeue id genus, cantum ueluti quadam disciplina artis exerceant, nonnullae uero uel aues, uel terrenae seu aquatiles beluae, inuitante cantu in rete sponte decurrant, et pastoralis fistula ad pastum progressis quietem imperet gregibus?

O longo excursus sobre os elefantes em Plínio, VIII, 1 *seqq.* nada diz a este respeito.

30 – Plutarco descreve o efeito da música sobre os animais em *Septem Sapientum Conuiuium*, XIX, em *De Sollertia Animalium*, III, 12-13 e em *Quaestiones Conuiuiales*, VII, 5, 2. É neste último passo que deve ter-se inspirado o texto:

Ὁρῶμεν γὰρ ὅτι καὶ μουσικῇ πολλὰ κηλεῖται τῶν ἀλόγων, ὥσπερ ἔλαφοι σύριγγιν, ἵπποις δὲ μιννυμέναις ἐπαυλεῖται νόμος, ὃν ἰππόθορον ονομάζουσιν. Ὁ δὲ Πίνδαρος φησι, κεκινήσθαι πρὸς ᾠδὴν ἀλίου δελφίνος ὑπόκρισιν·

τὸν μὲν ἀκύμονος ἐν πόντου πελάγει
αὐλῶν ἐκίνεσ' ἐρατὸν μέλος.

31 – Plínio, IX, 8:

Delphinus non hominis tantum amicum animal, uerum et musica arte mulcetur, symphoniae cantu et praecipue hydraulii sono.

32 – Cf. nota 30. O passo corresponde ao fragmento 140 b na edição de B. Snell – H. Maehler (Leipzig, Teubner, 1975), que o reconstitui do seguinte modo:

..... πρὸς ἀυτά[ν
15 ἀλίου δελφίνος ὑπόκρισιν,
τὸν μὲν ἀκύμονος ἐν πόντου πελάγει
αὐλῶν ἐκίνησ' ἐρατὸν μέλος.

e cita ainda a este propósito outra afirmação de Plutarco, *De Sollertia Animalium*, 36: Πίνδαρος ἀπεικάζων ἑαυτὸν ἐρεθίζεσθαι φησιν <άλι>ου – μέλος (frg. 235 Bergk⁴).

33 – O facto é relatado por Cícero, *De Senectute*, 26:

[...] *Quod cum fecisse Socratem in fidibus audirem, uellem equidem etiam illud – discabant enim fidibus antiqui – sed in litteris certe elaboraui.*

Mas a fonte aqui é certamente Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 10, 13:

De philosophis loquor, quorum fons ipse Socrates iam senex institui lyra non erubescibat.

Cf. ainda Arnaldo Fabrício:

Quo quidem uiro aetate paulo inferior philosophiae parens Socrates et senex ipse dicitur fidibus didicisse, et ad hoc studium ingenuos adolescentes incendere cohortatione sua consueuisse. (Vide supra, pp. 38-39).

34 – Cf. Cícero, *Tuscul.*, I, 2, 4:

[...] *igitur et Epaminondas, princeps meo iudicio Graeciae, fidibus praeclare cecinisse dicitur ...*

35 – Cf. Plutarco, *Instituta Laconica*, XVI, e, especialmente, *Quaestiones Coniuuiales*, VIII, 2, 4-5. A fonte, no entanto, deve ter sido mais uma vez Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 10, 15:

Et Lycurgus, durissimarum Lacedaemoniis legum auctor, musices disciplinam probauit.

36 – O passo é de I *Sam.* 16, 23:

Igitur quandocumque spiritus Domini malus arripiebat Saul, Dauid tollebat citharam et percutiebat manu sua, et refocillabatur Saul, et leuius habebat: recedebat enim ab eo spiritus malus.

Cf. ainda S. Basílio, *Pròs τοὺς νέους*, IX:

Ἀλλὰ τὴν ἐτέραν μεταδιωκτέον ἡμῖν, τὴν ἀμείνω τε καὶ εἰς ἄμεινον φέρουσαν, ἧ καὶ Δαβὶδ χρώμενος, ὁ ποιητῆς τῶν ἱερῶν ἄσμάτων, ἐκ τῆς μανίας, ὡς φασι, τὸν βασιλέα καθίστη.

E Arnaldo Fabrício:

[...] *quod extat Sacris Litteris perscriptum: Saulem Hebraeorum Regem, cum furiis agigaretur, citharae pulsu a Dauide mitigari, ac recreari sic fuisse solitum, ut modorum suauitate delinitus ad pristinum mentis statum quam primum reuerteretur? (Vide supra, pp. 40-41).*

37 – Plutarco, *Quaestiones Coniuuiales*, VIII, 1, 6:

Πᾶσι μὲν οὖν τοῖς καλουμένοις μαθήμασιν, ὥσπερ ἀστραβέσι καὶ λείοις κατόπτροις, ἐμφαίνεται τῆς τῶν νοητῶν ἀληθείας ἵχνη καὶ εἶδωδα· μάλιστα δὲ γεωμετρία, κατὰ τὸν Φίλωνα, ἀρχὴ καὶ μητρόπολις οὖσα τῶν ἄλλων, ἐπανάγει καὶ στρέφει τὴν δianoian, οἷον ἐκκαθαυρομένην καὶ ἀπολυομένην ἀτρέμα τῆς αἰσθήσεως.

38 – Plutarco, *Quaestiones Coniuuiales*, VIII, 2, 1:

Ἐκ δὲ τούτου γενομένης σιωτῆς, πάλιν ὁ Διογενιανὸς ἀρξάμενος, Βούλεσθε, εἶπεν, ἐπεὶ λόγοι περὶ θεῶν γέγονασιν, ἐν τοῖς Πλάτωνος γενεθλίοις αὐτὸν Πλάτωνα κοινωτὸν παραλάβωμεν, ἐπισκεψάμενοι τίνα λαβῶν γνώμην ἀπεφήνατο [ἀεὶ] γεωμετερεῖν τὸν θεόν· εἴ γε δὴ θετέον εἶναι τὴν ἀπόφασιν ταύτην Πλάτωνος.

No texto está γεωμετρῖν. Os antigos liam ei como i.

39 – Plutarco, *Quaestiones Conuiuales*, VIII, 2, 4-5:

Ὁ γὰρ Λυκοῦργος, οἶσθα δήπουθεν, ὅτι τὴν ἀριθμητικὴν ἀναλογίαν, ὡς δημοκρατικὴν καὶ ὀχλικὴν οὖσαν, ἐξέβαλεν ἐκ τῆς Λακεδαιμόνος· ἐπεισήγαγε δὲ τὴν γεωμετρικὴν, ὀλιγαρχία σώφρονι καὶ βασιλείᾳ νομίμη πρέπουσαν. ἢ μὲν γὰρ ἀριθμῶ τὸ ἴσον, ἢ δὲ λόγῳ τὸ κατ' ἀξίαν ἀπονέμει. Καὶ οὐ πάντα ὁμοῦ μίγνυσιν. ἀλλὰ ἐστὶ χρηστῶν καὶ πονηρῶν εὖσημος ἐν αὐτῇ διάκρισις, οὐ ζυγοῖς οὐδὲ κλήροις, ἀρετῆς δὲ καὶ κακίας διαφορᾶ τὸ οἰκεῖον αἰεὶ διαλαγχανόντων. Ταύτην ὁ θεὸς ἐπάγει τὴν ἀναλογίαν τοῖς πράγμασι, δίκην καὶ νέμεσιν, ὧ φίλε Τυνδάρη, προσαγορευομένην, καὶ διδάσκουσιν ἡμᾶς, τὸ δίκαιον ἴσον, ἀλλὰ μὴ τὸ ἴσον δεῖν ποιεῖσθαι δίκαιον.

40 – Aristóteles, *Eth. Nic.*, V. 1131 b:

Τὸ γὰρ ἀνάλογον μέσον, τὸ δὲ δίκαιον ἀνάλογον. Καλοῦσι δὲ τὴν τοιαύτην ἀναλογίαν γεωμητρικὴν οἱ μαθηματικοὶ ἐν γὰρ τῇ γεωμετρικῇ συνβαίνει καὶ τὸ ὅλον πρὸς τὸ ὅλον ὅπερ ἐκάτερον πρὸς ἐκάτερον.

41 – Referência à areia, em que os matemáticos traçavam as figuras.

42 – A lusão à famosa inscrição, que, segundo Elias, *In Cat.* I, 18, 18, estava à entrada da Academia de Platão: μηδεὶς ἀγεωμέτρητος εἰσίτω.

Também Arnaldo Fabrício se refere a ela:

Et uero in Platonis Academia homines huius doctrinae ignari aditu sedulo prohibebantur, cuius fores hac inscriptione ferunt notatas fuisse, ἀγεωμέτρητος οὐδεὶς εἰσίτω: qua tanquam lege cautum erat, ne quis geometriae imperitus eo ingrederetur. (Vide supra, pp. 42-43).

43 – Reminiscência de um passo de Cícero, *De Officiis*, II, 4:

Adde ductus aquarum, deriuationes fluminum, agrorum irrigationes, moles oppositas fluctibus, portus manu factus, quae unde sine hominum opera habere possemus?

O sentido do texto ciceroniano é diverso, mas a semelhança vocabular é patente.

44 – *Errantia* é o equivalente latino de *planetas*.

45 – Diógenes Laércio, II, 3:

Ἐρωτηθεὶς ποτε εἰς τί γεγένηται, «εἰς θεωρίαν, ἔφη, ἡλίου καὶ σελένης καὶ οὐρανοῦ».

46 – Plínio, VII, 37:

[...] *Astrologia Berosus, cui ob diuinas praedictiones Athenienses publice in gymnasio statuat inaurata lingua statuere.*

A citação decalca servilmente o modelo, mas omite um pormenor muito significativo: a língua dourada da estátua, como símbolo do valor da eloquência de Beroso.

47 – Cícero, *Tusculanae*, V, 3, 8:

Nec uero Atlans sustinere caelum nec Prometheus adfixus Caucaso nec stellatus Cepheus cum uxore, genero, filia traderetur, nisi caelestium diuina cognitio nomen eorum ad errorem fabulae traduxisset.

48 – Em Plutarco, *Aemilius Paulus*, XVII, 5-7, figuram exemplos diversos da impressão produzida por um eclipse no ânimo dos soldados. Este caso do texto, porém, era particularmente célebre, e vários autores se referem a ele. A versão mais conhecida é a de Tito Lívio, XLIV, 37:

Castris permunitis, C. Sulpicius Gallus tribunus militum secundae legionis, qui praetor superiore anno fuerat, consulis permissu ad contionem militibus uocatis pronuntiauit, nocte proxima, ne quis id pro portento acciperet, ab hora secunda usque ad quartam horam noctis lunam defecturam esse. Id, quia naturali ordine statis temporibus fiat, et sciri ante et praedici posse. Itaque quemadmodum, quia certi solis lunaeque et ortus et occasus sint, nunc pleno orbe, nunc senescente exiguo cornu fulgere lunam non mirarentur; ita ne obscurari quidem, cum condatur umbra terrae, trahere in prodigium debere. Nocte, quam pridie Nonas Septembres insecuta est dies, edita hora luna cum defecisset, Romanis militibus Galli sapientia prope diuina uideri. Macedonas, ut triste prodigium, occasum regni perniciemque gentis portendens, mouit; nec aliter uates. Clamor ululatusque in castris Macedonum fit, donec luna in suam lucem emerit.

O mesmo acontecimento vem referido em Plínio, II, 9; Quintiliano, I, X, 47; Valério Máximo, VIII, 11, 1; Frontino, I, 8.

De todos estes passos, interessam-nos o de Quintiliano, I, X, 47:

[...] aut, cum Sulpicius ille Gallus in exercitu L. Paulli de lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum animi terrerentur, non uidetur esse usu oratoris officio?

e o de Valério Máximo, VIII, 11, 1:

Sulpicii Galli maximum in omni genere litterarum recipiendo studium plurimum reipublicae profuit; nam cum L. Paulli, bellum aduersum regem Persen gerentis, legatus esset, ae serena nocte subito luna defecisset, eoque ueluti diro quodam monstro perterritus exercitus noster, manus cum hoste conserendi fiduciam amisisset, de caeli ratione et siderum natura peritissime disputando, alacrem eum in aciem misit; itaque illi inclitae Paulianae uictoriae liberales artes Galli aditum dederunt: quia nisi ille metum nostrorum militum uicisset, imperator Romanus uincere hostes non potuisset.

A frase de Beleago deve ter-se baseado na narrativa de Valério Máximo, de que reproduz quase textualmente o final, mas aproveitou também a de Quintiliano, sendo de notar que neste último autor o exemplo de Sulpício Galo se encontra igualmente associado ao de Péricles.

Também Arnaldo Fabrício refere este exemplo:

C. item Sulpicius Gallus cum tribunus militum in exercitu Pauli Aemilii consulis esset, pridie quam committeretur proelium, in quo Perses uictus, ex indeque in Samothracia captus fuit, quo ille rebus suis magna clade occisis desperans confugerat, productus in contionem a Consule, quem nocte proxima lunae defectum fore praeuidebat, militibus praedixit. Quibus cum probasset ordine naturali fieri solere, ne hoc ueluti prodigio eorum animi a dimicatione detererentur, effecit. (Vide supra, pp. 44-45).

Sobre as tendências astronômicas do célebre tribuno, cf. Cícero, *De Senectute*, XIV, 49:

[...] C. Gallum, familiarem patris tui, Scipio; quotiens illum lux noctu aliquid describere ingressum, quotiens nox oppressit cum mane coepisset! quam delectabat eum defectiones solis et lunae multo ante nobis praedicere!

49 – O episódio é referido pormenorizadamente por Plutarco, *Pericles*, XXXV, 2-3. Porém o modelo deste passo deve ter sido Quintiliano, I, X, 47:

An uero, cum Pericles Athenienses soli obscuracione territos redditus eius rei causis metu liberauit aut cum Sulpicius ille Gallus in exercitu L. Paulli de lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum anitni terrentur, non uidetur esse usus oratoris officio?

O mesmo parágrafo, adaptado a outro propósito, serviu para este exemplo e para o anterior, como se vê.

Cf. Arnaldo Fabrício:

Memoriae proditum est Periclem Athenis cum ciues suos solis defectione usque adeo perterritos uideret, ut hoc portento caelitus sibi interitum, exitiumque urbi denuntiari arbitrarentur, contionem habuisse. In qua cum de solis et lunae cursu sapienter disseruisset, conturbatos inani metu liberauit. (Vide supra, pp. 42-43).

50 – O episódio é referido por Plínio, XVIII, 48, 9, nos seguintes termos:

Ferunt Democritum, qui primus intellexit, ostenditque cum terris caeli societatem, spernentibus hanc curam eius opulentissimis ciuium, praeuisa olei caritate ex futuro Vergiliarum ortu, qua diximus ratione, ostendemusque iam plenius, magna tum uilitate propter spem oliuae, coemisse in toto tractu omne oleum, mirantibus qui paupertatem et quietem doctrinarum ei sciebant in primis cordi esse. Atque ut apparuit causa, et ingens diuitiarum cursus, restituisse mercedem anxiae et auidae dominorum paenitentiae, contentum ita probasse, opes sibi in facili, cum uellet, fore.

Os demais autores atribuem todos a história a Tales, tal como refere a nota marginal. Assim, Aristóteles, *Política*, I, 1259 a:

[...] οἷον καὶ τὸ θάλεω τοῦ Μιλησίου. τοῦτο γάρ ἐστι κατανόημά τι χρηματιστικόν, ἀλλ' ἐκεῖνῳ μὲν διὰ τὴν σοφίαν προσάπτουσι, τυγχάνει δὲ καθόλου τι ὄν. ὀνειδιζόντων γάρ αὐτῷ διὰ τὴν πενίαν ὡς ἀνωφελοῦς τῆς φιλοσοφίας οὔσης, κατανοήσαντά φασι αὐτὸν ἐλαίων φορὰν ἐσομένην ἐκ τῆς ἀστρολογίας, ἔτι χειμῶνος ὄντος εὐπόρησαντα χρημάτων ὀλίγων ἀρραβῶνας διαδοῦναι τῶν ἐλαιουργίων τῶν τ' ἐν Μιλήτῳ καὶ Χίῳ πάντων, ὀλίγου μισθωσάμενον ἅτ' οὐθένος ἐπιβάλλοντος. ἐπειδὴ δ' ὁ καιρὸς ἦκε, πολλῶν ζητουμένων ἅμα καὶ ἐξαίφνης, ἐκμισθοῦντα ὄν τρόπον ἠβούλετο, πολλὰ χρήματα συλλέξαντα ἐπιδειξάι ὅτι ῥάδιόν ἐστι πλουτεῖν τοῖς φιλοσόφοις, ἂν βούλωνται, ἀλλ' οὐ τοῦτ' ἐστὶ περὶ ὁ σπουδάζουσιν.

Cf. uma referência mais sucinta em Diógenes Laércio, I, 1, 5:

Φησὶ δὲ καὶ Ἰερώνυμος ὁ Ῥόδιος ἐν τῷ δευτέρῳ τῶν σποράδην ὑπομνημάτων, ὅτι βουλόμενος δεῖξαι ῥάδιον εἶναι πλουτεῖν, φορᾶς μελλούσης ἐλαίων ἔσσεσθαι, προνοήσας ἐμισθώσατο τὰ ἐλαιουργεῖα καὶ ἀμπλίστα συνέλεξε χρήματα.

E ainda Cícero, *De Diuin.* I, 49, 111:

[...] *non plus quam Milesium Thalem, qui ut obiurgatores suos conuinceret ostenderetque etiam philosophum, si ei commodum esset, pecuniam facere posse, omnem oleam, antequam florere coepisset, in agro Milesio coemisse dicitur. Animaduvertebat fortasse quadam scientia, olearum ubertatem fore.*

A fonte de Beleago foi evidentemente Plínio, mas na frase final parece haver uma reminiscência da maneira de dizer de Aristóteles.

51 – Cf. o passo de Plínio, XVIII, 48, 10 (que se segue imediatamente ao que referimos na nota anterior):

Hoc postea Sextius e Romanis sapientiae assectatoribus fecit eadem ratione habere regulam qua uera et falsa iudicarentur et quae quibus propositis essent quaeque non essent consequentia.

52 – Quintiliano, *De Inst. Oratoria*, I, 4, 5:

Necessaria pueris, iucunda senibus, dulcis secretorum comes, et quae uel sola omni studiorum genere plus habeat operis, quam ostentationis.

53 – Cf. Platão, *Protagoras*, 320 c-322 d, onde se conta o mito do roubo do fogo por Prometeu, para distinguir o homem dos outros animais e lhe dar possibilidades de defesa.

54 – Cícero, *Brutus*, XLI:

Hic Brutus: Ain tu? inquit. Etiamne Q. Scaeuolae Seruium nostrum anteponis? Sic etiam, inquam, Brute, existimo, iuris ciuilis magnum usum et apud Scaeuolam et apud multos fuisse, artem in hoc uno; quod numquam effecisset ipsius iuris scientia, nisi eam praeterea didicisset artem quae doceret rem uniuersam tribuere in partes, latentem explicare definiendo, obscuram explanare interpretando, ambigua primum uidere, deinde distinguere, postremo habere regulam qua uera et falsa iudicarentur et quae quibus propositis essent quaeque non essent consequentia. Hic enim adtulit hanc artem omnium artium maximam quasi lucem ad ea quae confuse ab aliis aut respondebantur aut agebantur. Dialecticam mihi uideris dicere, inquit.

55 – Cícero, *Orator*, XXVIII, 97:

Huius eloquentiae est tractare animos, huius omni modo permouere. Haec modo perfringit, modo irrepit in sensus; inserit nouas opiniones, euellit insitas.

56 – Cícero, *De Oratore* I, 15, 64:

Quam ob rem, si quis uniuersam et propriam oratoris uim definire complectique uult, is orator erit mea sententia hoc tam graui dignus nomine, qui, quaecumque res inciderit, quae sit dictione explicanda, prudenter et compositae et ornatae et memoriter dicet cum quadam actionis etiam dignitate.

57 – Cícero, *De Oratore*, I, 6, 20:

Etenim ex rerum cognitione florescat et redundet oportet oratio.

58 – Cícero, *De Oratore*, I, 8, 32:

Quid tam porro regium, tam liberale, tam munificum quam opem ferre supplicibus, excitare adflictos, dare salutem, liberare periculis, retinere homines in ciuitate?

59 – Cícero, *De Oratore*, I, 8, 33:

Quam ob rem quis hoc non iure miretur summeque in eo elaborandum esse arbitretur ut, quo uno homines maxime bestiis praestent, in hoc hominibus ipsis antecellat?

60 – Cf. Arnaldo Fabrício:

[...] *ut alios praetermittam, quos eloquentiae laude in ciuitatibus suis floruisse legimus, exemplo sunt duo illi oratores omnium, quos unquam natura procreauit, praestantissimi Demosthenes et Cicero [...]*

Segue-se o elogio das obras destes oradores. (*Vide supra*, pp. 48-49).

61 – Cf. Cícero, *Brutus*, XIV e Tito Lívio, III, 39 e 49-55.

62 – O elogio da eloquência de Marco António (avô do famoso triúnviro) é feito por Cícero várias vezes no *Brutus*, XXXVI-XXXIX e *De Oratore* I, 38 e II, I.

63 – Sobre a eloquência de Pisístrato, *uide* Cícero, *De Oratore*, XXXIV, 137.

64 – Cf. Plutarco, *Solon*, XXX, especialmente § 3.

65 – Cf. Cícero, *Brutus*, IX:

Hic primus inflexit orationem, et eam mollem teneramque reddidit, et suauis, sicut fuit, uideri maluit, quam grauis; sed suauitate ea, qua perfunderet animos, non qua perfringeret: tantum ut memoriam concinnitatis suae, non, quemadmodum de Pericle scripsit Eupolis, cum delectatione aculeos etiam relinqueret in animis eorum, a quibus esset auditus.

A fonte deste passo parece, no entanto, ter sido o *De Oratore* III, 34, 138:

Quid Pericles? [...] tantamque in eodem uim fuisse, ut in eorum mentibus, qui audissent, quasi aculeos quosdam relinqueret.

66 – O facto é referido por Plutarco, *De Amore Proles*, V:

Ἠγησίας διαλεγόμενος πολλοὺς ἐποίησεν ἀποκατερεῆσαι τῶν ἀκρωμένων.

Por Cícero, *Tuscul.* I, 34, 83:

Et quidem hoc a Cyrenaico Hegesia sic copiose disputatur, ut is a rege Ptolemaeo prohibitus esse dicatur illa in scholis dicere, quod multi iis auditis mortem sibi ipsi consciscerent.

E ainda por Valério Máximo, VII, 9, 3:

Hegesias Cyrenaicus sic mala uitae repraesentabat ut, eorum miseranda imagine audientium pectoribus inserta, multis uoluntariae mortis oppetendae cupiditatem ingeneraret. Ideoque a rege Ptolemaeo ulterius hac de re disserere prohibitus est.

Este último passo parece ter sido a fonte de Beleago.

67 – Sobre o sentido da palavra em latim, o passo mais elucidativo é o de Aulo Gélíio, *Noctes Atticae*, XIII, 17:

Qui uerba latina fecerunt quique his probe usi sunt «humanitatem» non id esse uoluerunt quod uulgus existimat quodque a Graecis φιλανθρωπία dicitur et significat dexteritatem quandam beniuolentiamque erga omnes homines promiscam; sed «humanitatem» appellauerunt id propemodum quod Graeci παιδείαν uocant, nos «eruditionem institutionemque in bonas artes» dicimus. Quas qui sinceriter percipiunt adpetuntque, hi sunt uel maxime humanissimi. Huius enim scientiae cura et disciplina ex uniuersis animantibus uni homini data est idcircoque «humanitas» appellata est.

Sic igitur eo uerbo ueteres esse usos, et cumprimis M. Varronem Marcumque Tullium, omnes ferme libri declarant. Quamobrem satis habui unum interim exemplum promere. Itaque uerba posui Varronis e libro «Rerum Humanarum» primo, cuius principium hoc est «Praxiteles, qui propter artificium egregium nemini est paulum modo humaniori ignotus». «Humaniori» inquit non ita ut uulgo dicitur, «facili et tractabili et beniuolo», tametsi rudis litterarum sit, hoc enim cum sententia nequaquam conuenit, sed «eruditiori doctiorique», qui Praxitelem, quid fuerit, et ex libris et ex historia cognouerit .

68 – Cícero insiste com frequência, em muitos lugares, mas sobretudo no começo de *Tusculanae* e *De Finibus*, na necessidade de traduzir, adaptar ou imitar os autores gregos. Ele mesmo deu o exemplo, vertendo para latim os *Fenómenos* de Arato e diversos passos isolados de outros poetas.

No elogio da Língua Grega insistiam sempre os humanistas de quinhentos. Cf. André de Resende, *Oratio pro rostris*, pp. 40-41 da edição de A. Moreira de Sá - Miguel Pinto de Meneses, Centro de Estudos de Psicologia e História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1956.

69 – A mesma referência à precipitação nos estudos de gramática figurava já na *Oratio pro Rostris* de André de Resende, *cit.*, p. 36.

70 – Ulpiano, *Digesto*, I, 1, 10, 2:

Juris prudentia est diuinarum atque humanarum rerum notitia, iusti atque iniusti scientia.

(Referência procurada pelo meu Colega de Direito, Doutor Mário Júlio de Almeida e Costa.).

71 – O contexto da definição de Cícero, *De Oratore*, I, 48-49, 212, é um pouco diverso, como se verá pela transcrição do passo completo:

Sin autem quaereretur quisnam iuris consultus uere nominaretur, eum dicerem, qui legum et consuetudinis eius, qua priuati in ciuitate uterentur, et ad respondendum et ad agendum et ad cauendum peritus esset, et ex eo genere Sex. Aelium, M' Manilium, P. Mucium nominarem. Atque, ut iam ad leuiora artium studia uentiam, si musicus, si grammaticus, si poeta quaeratur, possim similiter explicare, quid eorum quisque profiteatur et quo non amplius ab quoque sit postulandum. Philosophi denique ipsius, qui de sua ui ac sapientia unus omnia paene profitetur, est tamen quaedam descriptio: ut is, qui studeat omnium rerum diuinarum atque humanarum uim naturam causasque nosse et omnem bene uiuendi rationem tenere et persequi, nomine hoc appelletur.

A definição aplica-se, portanto, ao filósofo, e não ao especialista de Direito, como fez Beleago.

72 – Cf. Cícero, *De Legibus*, II, 4, 8:

Hanc igitur uideo sapientissimorum fuisse sententiam, legem neque hominum ingeniis excogitatum, nec scitum aliquod esse populorum, sed aeternum quiddam, quod uniuersum mundum regeret imperandi prohibendique sapientia. Ita principem legem illam et ultimam mentem esse dicebant omnia ratione aut cogentis aul uetantis dei.

73 – Cícero, *De Legibus*, II, 5, 13:

[...] *ad quam leges hominum diriguntur, quae supplicio improbos adficiunt, defendunt ac tuentur bonos.*

74 – Cícero, *De Oratore*, I, 43, 194:

Ex his enim et dignitatem maxime expetendam uidemus, quoniam uirtus atque honestus labor honoribus, praemiis, splendore decoratur, uitia autem hominum atque fraudes damnis, ignominiis, uinculis, uerberibus, exsiliis, morte multantur; et docemus non infinitis concertationumque plenis disputationibus, sed auctoritate nutuque legum domitas habere libidines, coercere omnes cupiditates, nostra tueri, ab alienis mentes, oculos, manus abstinere.

75 – Cícero, *De Legibus*, I, 6, 18:

[...] *lex est ratio summa, insita in natura, quae iubet ea, quae facienda sunt, prohibetque contraria.*

76 – Cícero, *De Oratore*, I, 43, 192-193.

77 – Reminiscência de Cícero, *De Senectute*, 2, 5:

Quid est enim aliud Gigantum modo bellare cum dis nisi naturae repugnare?

78 – Aplicação às circunstâncias da época de um famoso passo do Canto VI da *Eneida*, 601-620 (que transcrevemos segundo a edição Mynors, Oxford, 1959):

*Quid memorem Lapithas, Ixiona Pirithoumque?
Quos super atra silex iam iam lapsura cadentique
imminet adsimilis; lucent genialibus altis
aurea fulcra toris epulaeque ante ora paratae
605 regifico luxu; Furiarum maxima iuxta
accubat et manibus prohibet contingere mensas
exurgitque facem attollens atque intonat ore.
[.....]*

616 *Saxum ingens uoluunt alii radiisque rotarum
districti pendent; sedet aeternumque sedebit
infelix Theseus, Pblegyasque miserrimus omnis
admonet et magna testatur uoce per umbras:*

620 *“Discite iustitiam moniti et non temnere diuos.”*

A ordenação dos versos de Virgílio tem sido muito discutida, e dada como profundamente alterada, nomeadamente por L. Havet, que, com base em testemunhos antigos, principalmente nas imitações de Estácio, *Thebais*, I, 712 e de Valério Flaco, *Argonautica*, II, 188, coloca os versos 616-620 a seguir a 601, e só depois transcreve 602-615, para retomar a sequência dos manuscritos em 621. Sendo assim, a tortura da pedra sempre pronta a cair sobre o supliciado aplica-se a Flégias, bem como a dos manjares inacessíveis. Seguindo a ordem tradicional, esses castigos incumbem a Ixíon e Pirítoo.

A discussão travada em volta deste passo pode ler-se na *Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes*, tomo XII, 1888, pp. 145-172 [artigo de L. Havet, "Le Supplice de Phlégyas (Étude sur un Épisode de l'Énéide)"], seguido da resposta de Théodore Reinach, "Pirithous ou Sisyphe ?"] e tomo XIII, 1889, pp. 97-117 (Jules Martin, "Le Supplice de Phlégyas"). R. Sabbadini, na sua edição crítica da *Eneida* (Romae, 1943) admite a ordem tradicional, supondo que, por um lapso de memória, Virgílio atribuiu a Ixíon o suplício de Tântalo.

A verdade é que os suplícios infernais andaram sempre mais ou menos confundidos, ou melhor, diversos mitos tinham curso desde os tempos mais recuados. Assim, no discutidíssimo passo, muito provavelmente interpolado, do Canto XI da *Odisseia*, 582-592, Tântalo é castigado com a impossibilidade de beber da água em que está mergulhado e de comer os frutos variados que lhe estão próximos. Em Álcman, frg. 72 Diehl, Tântalo é supliciado no Olimpo, entre os deuses, com a visão de uma pedra que julga vai cair sobre si (a este propósito, veja-se Welker, "Alcmanis Fragmentum de Tantalos", *Rheinisches Museum*, 1856, pp. 242-254). Os *Νόστοι* situavam o castigo neste mundo. A versão da pedra foi seguida por Arquíloco no conhecido frg. 55 Diehl; por Alceu, no frg. 32 Diehl (= Z 42 Lobel-Page); por Píndaro, *Olymp.*, I, 86-94 e *Isthm.*, VIII, 20-22; Eurípides, *Orestes*, 4-10; Platão, *Cratylus*, 395 d-e; Pausânias, X, 31, 12 (na descrição da *Lesche* de Polignoto em Delfos). De par com esta, corria a variante da *Odisseia*, reflectida em Pseudo-Platão, *Axiochus*, 371 c; Luciano, *Dial. Mort.* 17 – que teve repercussão entre os latinos (cf. Ovídio, *Met.* IV, 458-459). Lucrécio, III, 978 *seqq.* e Cícero, *De Finibus*, I, 18, 60 e *Tuscul.* IV, 16, 35, seguem a versão da pedra. Os dois castigos combinados são atribuídos a Flégias em Estácio, *Theb.* I, 712-715. Sobre a repartição e antiguidade destas duas versões *vide* a edição de Lucrécio por Cyril Bailey, Oxford, at the Clarendon Press, 1947, vol. II, pp. 1157-1159.

Regressando ao texto da *Eneida*, lembrarei mais uma probabilidade a favor da alteração da ordem dos versos: na pequena catábase do final das *Geórgicas*, IV, 484, atribui-se a Ixíon o suplício da roda:

atque Ixionis uento rota constitit orbis

o que se coaduna melhor com a sequência:

601 *Quid memorem Lapithas, Ixiona, Pirithoumque?*
 616 *Saxum ingens uoluunt alii radiisque rotarum
 districti pendent*

Seja como for, a advertência aqui é posta na boca de Flégias, ao passo que no modelo grego, em Píndaro, *Pyth.*, II, 21-24, o era na de seu filho Ixíon. O nosso humanista, porém, atribui a frase a uma Fúria, que em *Eneida*, VI, 605-607, tem a função de afastar os manjares apetitosos do alcance de um dos condenados (cuja identificação depende da ordenação dos versos, de acordo com o que acaba de dizer-se).

80 – Celso, *Medicina*, I:

[...] *Iisdemque temporibus in tres partes medicina diducta est: ut una esset quae uictu; altera, quae medicamentis; tertia, quae manu mederetur. Primam διαιτητικήν, secundam φαρμακευτικήν tertiam χειρουργικήν Graeci nominarunt.*

81 – Cf. Plínio, XXIX, 1:

Diis primum inuentores suos assignauit, et caelo dicauit.

82 – Ovídio, *Metamorphoses*, I, 521-522. No texto de Ovídio está *opifer* – «aquele que presta auxílio».

83 – Citação truncada dos primeiros versos do prefácio do *Liber Medicinalis* de Quinto Sereno (que citamos pela edição teubneriana adiante referida):

*Phoebe, salutiferum quod pangimus adsere carmen
inuentumque tuum prompto comitare fauore.
Tuque, potens artis, reduces qui tradere uitas
nosti et in caelum manes reuocare sepultos,
5 qui colis Aegeas, qui Pergama quique Epidaurum,
qui quandam placida tectus sub pelle draconis
Tarpeias arces atque inclita templa petisti
depellens taetros praesenti numine morbos:
huc ades et quicquid cupido mihi saepe locutus
10 firmasti, cunctum teneris expone papyris.*

Como se vê, o humanista português saltou do verso 4 para o começo do 9, e a composição tipográfica ligou tudo de tal maneira que o ponto culminante da invocação “*huc ades*” foi incorporar-se indevidamente na sequência do texto.

Além disso, o discurso de Beleago tem, no verso 3, *potens actis*, em vez de *potens artis*, que é a lição dos *Mss. Aæ*. A edição de Vollmer, citada *infra*, apenas conhece a variante *artus* de B (Ex. Alc.) Bδ.

Sobre Quintus Serenus, só conhecido na Antiguidade por Marcelo Empírico, e por vezes confundido com Serenus Scammonicus, lembremos as palavras de F. Vollmer na pág. III do prefácio à sua edição deste autor (*Corpus Medicorum Latinorum* editum consilio et auctoritate Instituti Puschmanniani Lipsiensis, Vol. II, Fasc. 3, Lipsiae et Berolini in aedibus B. G. Teubneri, 1916):

«Nec magis quam de nomine constat de saeculo quo uixerit: neque ex fontibus, qui ei doctrinam medicinalem praeberunt, neque ex licentiis metricis aut grammaticis quit discerni, utrum saeculo p. Chr. secundo exeunti aut tertio uel adeo quarto sit ascribendus. Atque quod praeter Lucretium Horatium Vergilium Ouidium imitatur aut affert uersus ex Ennio Plauto Titinio, caue ea de causa eum aeuo Frontonis assignes: in delectu uerborum non stat a parti bus archaistarum».

84 – *Iliada*, XI, 514. «Um médico vale por muitos homens».

85 – Plínio, XXIX, 3:

Horum placita Chrysippus ingenti garrulitate mutauit, plurimumque, et ex Chrysippo discipulus eius Erasistratus, Aristotelis filia genitus. Hic Antiocho rege sanata C talentis donatus est a rege Ptolemaeo filio eius, ut incipiamus et praemia artis ostendere.

Cf. ainda Plínio, VII, 37:

Eamdem scientiam in Cleombroto Ceo Ptolemaeus rex Megalensibus sacris donauit C talentis, seruato Antiocho rege.

86 – Plínio, XXIX, 5:

Q. uero Stertinius imputauit principibus quod HS quingenis annuis contentus esset: sexcena enim sibi quaestu urbis fuisse numeratis domibus ostendebat.

87 – Plínio, VII, 37:

Magna et Critobulo fama est, extracta Philippi regis oculo sagitta, et citra deformitatem oris curata orbitate luminis.

O mesmo facto foi narrado por Quinto Cúrcio, IX, 5.

88 – *Ecclesiasticus*, 38, 4:

*Altissimus creauit de terra medicamenta,
Et uir prudens non abhorrebit illa.*

89 – Cf. o que ficou dito na nota 11.

90 – Math. 13, 9; Marc, 4, 9; Luc. 8, 8.

91 – Reminiscência de Math. 11, 4-5:

Caeci uident, claudi ambulant, leprosi mundantur, surdi audiunt, mortui resurgunt, pauperes euangelizantur.

92 – Cf. Cícero, *Pro Archia*, VI, 12:

[...] me autem quid pudeat, qui tot annos ita uiuio, iudices, ut a nullius umquam me tempore aut commodo aut otium meum abstraxerit aut uoluptas auocarit aut denique somnus retardarit ?

NOTAS AO TEXTO DE PEDRO FERNANDES

1 – Este epigrama do jovem humanista e poeta António de Cabedo (c. 1530 - c. 1555), da família dos Cabedos de Setúbal, reúne, na contenção nos seus três dísticos elegíacos, o perfil literário do seu amigo jurista, poeta e orador Pedro Fernandes, e deste seu discurso académico.

O primeiro dístico revela a influência, e a confluência, da oratória ciceroniana de mistura com o poeta épico da *Eneida*; o segundo recorda o exemplo do poeta Sílio Itálico, o homem público que comprou terrenos outrora pertencentes a Cícero

e a Virgílio e aí dedicou a sua aposentadoria política a transformar em verso, nos seus *Punica*, a III Guerra Púnica descrita pelo historiador Tito Lívio. Finalmente, no terceiro dístico, Cabedo apresenta Pedro Fernandes como o escritor que nesta oração de sapiência alia a inspiração poética à arte oratória, consagrando assim a dupla função da musa Calíope, umas das “nove sábias” e a inspiradora e patrona da poesia épica e da eloquência.

2 – Quintiliano, *De Institutione Oratoria*, XI, 3, 4: «Documento sunt uel scaenici actores, qui et optimis poetarum tantum adiiciunt gratiae, ut nos infinite magis eadem illa audita quam lecta delectent, et uilissimis etiam quibusdam impetrant aures, ut, quibus nullus est in bibliothecis locus, sit etiam frequens in theatris.»

3 – Cf. Hilário Moreira (Albino de Almeida Matos, *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*, p. 2; cf. *supra*, pp. 198-199): «in suorum numero esse iussit.»

Esta expressão parece não indicar uma protecção especial da parte do Rei, dado o frequente emprego da mesma, na época.

4 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit.*, p. 25 (cf. *supra*, pp. 232-233): «Quantum igitur manet trophaeum inuictissimo Portugaliae regi Ioanni tertio, quam iusta praeconia, quam uerae ac germanae laudes! Qui philosophiae iam paene sepultam cognitionem ab inferis quodammodo excitauit, barbariem expulit et profligauit omnemque humanitatem, quasi e caelo petitam, in domos induxit, quando Lusitaniam, bonarum artium rudem, omnibus disciplinis instruendam curauit.»

É de notar que a oração de Hilário Moreira foi pronunciada dois anos depois da de Pedro Fernandes.

5 – A fonte deste passo é Plutarco, *Moralia – Regum et Imperatorum Apophthegmata*, vol. I., p. 204: «Ἀρταξέρξης ὁ Περσῶν βασιλεὺς [...] οἰόμενος βασιλικὸν καὶ φιλόανθρωπον εἶναι [...] τὸ μικρὰ λαμβάνει [...] ἄνθρωπος [...] οὐδὲν ἔχων ἕτερον, ἐκ τοῦ ποταμοῦ ταῖς χερσὶν ἀμφοτέραις ὕδωρ ὑπολαβῶν προσήνεγκεν [...].»

Este episódio é ainda referido pelo mesmo autor, nas *Vitae, Artaxerxes*, vol. II, p. 1207.

Confronte-se também com Eliano, *Variae Historiae*, Liv. I, XXXII.

6 – A propósito da expressão “Deum Optimum Maximum”, ocorre-nos um passo de Cícero: *De Natura Deorum*, II, 25, 64: «[Jupiter] a poetis “pater diuomque hominumque” dicitur, a maioribus autem nostris “optumus maxumus”, et quidem ante “optumus”, id est beneficentissimus, quam “maxumus” quia maius est certeque gratius prodesse omnibus quam opes magnas habere.»

7- Cícero, *Oratio pro L. C. Balbo*, 1, 4: «Quo mihi difficilior est hic extremus perorandi locus. Etenim ei succedo orationi, quae non praeteruecta sit aures uestras, sed in animis omnium penitus insederit, ut plus uoluptatis ex recordatione illius orationis quam non modo ex mea, sed ex cuiusquam oratione capere possitis.»

Pedro Fernandes quase se limitou a alterar a ordem das palavras de Cícero.

8 – Este passo foi inspirado em Quintiliano, *De Institutione Oratoria*, XII, 1, 22: «Transeo illos, qui Ciceroni ac Demostheni ne in eloquentia quidem satis tribuunt: quamquam neque ipsi Ciceroni Demosthenes uideatur satis esse perfectus, quem dormire interim dicit, nec Cicero Bruto Caluque, qui certe compositionem illius etiam apud ipsum reprendunt, nec Asinio utriusque, qui uitia orationis eius etiam inimice pluribus locis insecuntur.»

Por sua vez, Cícero, no *Orator*, 104, diz: «[...] ut nobis non satis faciat ipse Demosthenes; qui quamquam unus eminet inter omnes in omni genere dicendi, tamen non semper implet aures meas [...]»

Quintiliano, *op. cit.*, X, I, 24, refere-se ainda a esta dupla apreciação a que estão sujeitos mesmo os maiores vultos da eloquência: [...] cum Ciceroni dormire interim Demosthenes, Horatio uero etiam Homerus ipse uideatur.

Na verdade, Horácio na *Arte Poética*, v. 359, afirma: «Quandoque bonus dormitat Homerus».

É interessante notar que a mesma ideia expressa em Quintiliano reaparece em S. Jerónimo, *Epist.* LXXXIV, aqui aplicada ao ponto de vista literário e também moral: «Quis nostrum tanta potest legere quanta ille [Origines] conscripsit? Quis ardentem in scripturis animum non miretur? Quod si quis Judas zelotes opposuerit nobis errores eius, audiat libere:

Interdum magnus dormitat Homerus.

Verum operi longo fas est ignoscere somnus.»

9 – Cf. Cícero, *Orator*, 9, 29: «[...] qui si tenui genere uteretur, nunquam ab Aristophane poeta fulgere, tonare, permiscere Graeciam dictus esset.»

Neste passo, Cícero faz referência a Aristófanes, afirmando ter sido este comediógrafo quem atribuiu determinadas qualidades oratórias a Péricles. Todavia, o Arpinate, numa obra anterior ao *Orator*, refere que o autor de tais afirmações respeitantes ao imperador grego foi Êupolis. Mas, como se vê na *Epistola ad Atticum*, XII, 6, reconhece o erro e pede a Cremes muda, nas edições do *Orator* que vir, “ab Eupoli” para “ab Aristophane”.

Ver também Aristófanes, *Acarnenses*, vv. 530-531.

Luís Célio, em *Antiquarum Lectionum Libri*, transcreve as palavras de Aristófanes referentes a Péricles, traduzindo-as depois para latim: «Fulgurabat, tonabat, permiscebat omnia.»

10 – Cf. Cícero, *Brutus*, 15, 59: «Πειθὼ quam uocant Graeci, cuius effector est orator, hanc Suadam appellauit Ennius [eius autem Cethegum medullam fuisse uult], ut, quam deam in Periclis labris scripsit Eupolis sessitauisse, huius hic medullam nostrum oratorem fuisse dixerit.»

Luís Célio, *op. cit.*, transcreve, na própria língua grega, o que Êupolis refere.

11 – Cf. Cícero, *Brutus*, 46, 172: «[...] ut ego iam non mirer illud Theophrasto accidisse, quod dicitur, cum percontaretur ex anicula quadam quanti aliquid uenderet et respondisset illa atque addidisset “hospes, non pote minoris”, tulisse eum moleste se non effugere hospitis speciem, quom aetatem ageret Athenis optimeque loqueretur omnium.»

12 – Pedro Fernandes refere-se aqui a dois dos três elementos necessários à formação oratória: o “ingenium” e a “doctrina”.

Cfr. Camões, *Os Lusíadas*, X, 154, vv. 5-8 (o negrito é nosso):

Nem me falta na vida honesto **estudo**,
Com longa **experiência** misturado,
Nem **engenho**, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

13 – Esta palavra aparece nos nossos humanistas com o sentido de “encargo”, “função”.

Cícero emprega-a em *Att.*, IV. 6, ao referir o provérbio grego que deu origem a este significado: Σπάρταν ἔλαχες, ταύταν κόσμει.

14 – Construção ciceroniana. Vd. Cícero, *Pro Sexto Roscio Amerino*, 9: «[...] ut bona cum uenia uerba mea audiatis [...]»

15 – Tradução: “Aluno de sábios é sábio”. Em linguagem popular, diríamos: “Filho de peixe sabe nadar”.

Há um outro provérbio que lhe corresponde, e este, mais proximamente: “De bom mestre, bom discípulo”.

16 – Este provérbio vem referido em Luís Célio, *op. cit.*, p. 1: «Quippe imbibisse altius uideris, esse hominem homini deum, uel, ut graece dicam, ἄνθρωπον εἶναι ἀνθρώπου δαιμόνιον.»

Paolo Manuzio em *Adagia quaecumque...*, p. 83, cita-o também, explicando-o de uma maneira curiosa: «ἄνθρωπος ἀνθρώπου δαιμόνιον .i. Homo homini Deus. Quod dici solet de eo, qui subitam adque insperatam attulit salutem, aut qui magno quopiam beneficio iuuit. Antiquitas enim nihil aliud existimabat esse deum, quam prodesse mortalibus. Vnde frugum, uini, legum auctores, et quicumque ad uitae commoditatem aliquid attulisset, eos pro Diis habebat adeo, ut et belluas quasdam pro numinibus coluerit:»

17 – Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Belchior Beleago, Oração sobre o estudo de todas as disciplinas*: «Quae dum studiose molior, quaeso obtestorque uos, auditores, ut uestra benignitas meam adiuuet industriam». Cf. *supra*, pp. 92-93.

18 – Reminiscência de Cícero, *De Legibus*, I, 7, 22: «Solum est enim ex tot animantium generibus atque naturis particeps rationis et cogitationis, quom cetera sint omnia expertia.»

19 – Tradução:

“Como só Deus é Criador e de origem incompreensível,
Ele próprio afirmou a representação da forma dos mortais.”

Estamos na presença de um texto proveniente dos chamados Livros Sibílinos, cujo conteúdo profético andou desde longa data envolvido com a literatura cristã,

como o próprio Pedro Fernandes recorda nas suas palavras “E não só a Religião Cristã dá este ensinamento”.

O nosso humanista, para este caso como também para o que iremos referir abaixo na nota 137 ao texto desta mesma Oração, pode ter tido acesso directo à colecção dos oráculos das famosas Sibilas da tradição greco-latina; mas também poderia tê-lo feito por via indirecta, como por exemplo através de Lactâncio, escritor e professor de Retórica latina convertido ao cristianismo, que transcreve nas suas *Diuinae institutiones aduersus gentes*, Livro II [De origine erroris], cap. XII, precisamente estes hexâmetros gregos (acrescidos de mais um), num contexto teológico-cristão acerca da criação do homem feito à imagem e semelhança de Deus, os quais são introduzidos com estas palavras do próprio Lactâncio, que declaram a sua origem sibilina: “Sibylla hominem Dei opus esse testatur.”

A palavra ἀκράτητος, que geralmente significa “desenfreado”, “impetuoso”, tem aqui outro sentido – “incompreensível” – atestado em Ireneu, *Adv. Haer.*, I, p. 33, 14.

20 – A ideia de que se deve começar por Deus aparece também em Belchior Beleago, *op. cit.*, p. 5; cf. *supra*, pp. 76-77: «[...] uel loquimur, uel animo concipimus a deo semper exordium capiamus.»

21 – Tradução:

“Comecemos por Zeus, aquele que nós, homens,
nunca deixamos de invocar.”

Cf. Arato, *Phaenomena*, vv. 1-2.

Na oração, encontram-se dois pontos em Ἄρρητον, o que não nos parece adequado.

22 – Cícero, *De Legibus*, I, 7, 22:

«[...] animal hoc prouidum, sagax, multiplex, acutum, memor, plenum rationis et consilii, quem uocamus hominem, praeclara quadam condicione generatum esse a supremo deo, [...]»

Arnaldo Fabrício (Maria José Pacheco, *A Oração Inaugural do Colégio das Artes*, de Arnaldo Fabrício, p. 89; cf. *supra*, pp. 34-35) inspira-se também neste passo de Cícero, mas, apesar de tudo, não tanto à letra

23 – Reminiscência de Cícero, *De Natura Deorum*, I, 35, 98: «[...] nisi in eo, qui ex animo constet et corpore caduco et infirmo [...]»

24 – Cf. Arnaldo Fabrício, *op. cit.*, p. 93 (cf. *supra* pp. 36-37): «Quod praeceptum quia maius humana dignitate uideretur, non ab homine ullo, sed Appolinis oraculo putabatur fuisse editum.»

25 – Cícero, *De Republica*, VI, 24, 26: «[...] nec enim tu is es, quem forma ista declarat, sed mens cuiusque is est quisque, non ea figura, quae digito demonstrari potest.»

26 – Reminiscência de Cícero, *De Legibus*, I, 22, 58: «Haec [sapientia] enim una nos quom ceteras res omnes, tum, quod est difficillimum, docuit, ut nosmet ipsos nosceremus [...]»

27 – Tradução: “Somos também geração d’Ele”. Cf. Arato, *Phaenomena*, v. 5.

S. Paulo, no seu discurso aos Atenienses no Areópago, refere este verso (vd. Isidoro Rodrigues, “La Cultura Griega en S. Pablo”, in *Helmantica*, 1960, Jan.-Abril, n.º 34).

Pedro Fernandes terá tomado contacto com este verso, do original, ou através de S. Paulo? Parece-nos ter recorrido a Arato, visto já ter citado anteriormente outros versos deste mesmo autor.

28 – Estas linhas lembram Cícero, *De Natura Deorum*, II, 56, 140: «Quae primum eos humo excitatos celsos et erectos constituit, ut deorum cognitionem caelum intuentes capere possent. Sunt enim e terra homines non ut incolae atque habitatores sed quasi spectatores superarum rerum atque caelestium [...]»

Veja-se também Cícero, *De Legibus*, I, 9, 26: «Nam quom ceteras animantes abiecisset ad pastum, solum hominem erexit [...]»

29 – Cf. Cícero, *De Legibus*, I, 9, 26: «Ipsum autem hominem eadem natura non solum celeritate mentis ornauit, sed et sensus tamquam satellites adtribuit ac nuntios et rerum plurimarum obscuras nec satis [...] intellegentias inchoauit quasi fundamenta quaedam scientiae figuramque corporis habilem et aptam ingenio humano dedit.»

30 – Cf. Cícero, *De Natura Deorum*, II, 56, 140: «Sensus autem, interpretes ac nuntii rerum in capite tamquam in arce mirifice ad usus necessarios et facti et conlocati sunt. Nam oculi tamquam speculatores altissimum locum obtinent, ex quo plurima conspicientes fungantur suo munere [...]»

31 – Há alguma relação entre esta frase e a de Luís Célio, *op. cit.*, liv. I, V, p. 8: «Quem uero latine ex absoluta, perfectaue elegantia, ut ait Plinius, Mundum nuncupamus, ratione Graeci eadem κόσμον uidentur appellasse.»

As palavras de Plínio a que L. Célio faz referência são da *Nat. Hist.*, II, 4: «Nam quem κόσμον Graeci, nomine ornamentum appellauere, eum nos a perfecta absolutaue elegantia, mundum.»

32 – Cícero, *De Legibus*, I, 9, 26: «[...] Solum hominem erexit et ad caeli quasi cognationis domiciliiue pristini conspectum excitauit.»

33 – Ovídio, *Fastos*, I, 297-300.

O texto de Pedro Fernandes, no verso 2, apresenta “superum” em vez de “superas”, mas o sentido não se altera.

34 – Cf. Belchior Beleago, *op. cit.*, p. 37 (cf. *supra*, p. 86): «Proinde Anaxagoras interrogatus cur se natum arbitraretur respondit: caeli solisque uidendi causa.»

35 – Cícero, *De Republica*, VI, 15: «Homines enim sunt hac lege generati, qui tuerentur illum globum, quem in hoc templo medium uides, quae terra dicitur, iisque animus datus est ex illis sempiternis ignibus, quae sidera et stellas uocatis, quae

globosae et rotundae, diuinis animatae mentibus, circulos suos orbisque conficiunt celeritate mirabili.»

36 – Pedro Fernandes baseia-se na tradução latina do *Timeu* efectuada por Marsilio Ficino – *Platonis opera [...] traducta*, liber XXXII, Fo. CCXCII: «Denique cum uniuersum constituisset, astris parem numerum distribuit animarum; singulis singulas adhibens;isque tam quam uehiculo impositis monstrauit Vniuersi naturam, ac leges fatales edixit.»

Cícero, *Timaeus*, XII, traduz assim: «Toto igitur omnino constituto, sideribus parem numerum distribuit animorum, et singulos adiunxit ad singula, atque ita quasi in currum uniuersitatis imposuit, commonstrauitque leges fatales ac necessarias.»

No original: Platão, *Timaeus.*, 41, d, e:

Συντήσας δὲ τὸ πᾶν δεῖλεν ψυχὰς ἰσαρίθμους τοῖς ἄστροις, ἔνειμέν θ' ἑκάστην πρὸς ἕκαστον καὶ ἐμβιβάσας ὡς ἐς ὄχημα τὴν τοῦ παντὸς φύσιν ἔδειξεν, νόμους τε τοὺς εἰμαρμένους εἶπεν αὐταῖς [...]

37 – Na verdade, o *Suidae Lexicon*, 3187, diz: Ἔσπερος. Παρμενίδης πρῶτος πεφώρακε τὸν αὐτὸν Ἔσπερον εἶναι καὶ Φωσφόρον· οἱ δὲ Πυθάγοραν.

Cf. Diógenes Laércio, *Vitae Philosophorum*, VIII, 14, e IX, 23.

38 – Cícero, *De Diuinatione*, II, 42, 87: «Eudoxus, Platonis auditor, in astrologia iudicio doctissimorum hominum facile princeps [...]»

39 – Cf. Plínio, *Nat. Hist.*, II, 12: «[...] quo pauore ignarus causae Nicias Atheniensium imperator ueritus classem portu educere, opes eorum adflixit [...]»

Cf. ainda Quintiliano, *op. cit.*, I, X, 48.

40 – A fonte deste passo terá sido Quintiliano, *op. cit.*, I, X, 47: «An uero cum Pericles Athenienses solis obscuracione territis redditis eius rei causis metu liberauit, aut cum Sulpicius ille Gallus in exercitu L. Pauli de lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum animi terrentur non uidetur esse usus oratoris officio.»

Vd. ainda: Plutarco nas *Vitae, Per.*, 35; Cícero, *De Republica*, I, 16; Plínio, *op. cit.*, II, 12.

Lembram também o facto os humanistas Belchior Beleago e Arnaldo Fabrício: vd. *op. cit.*, *supra*, respectivamente, p. 87 e p. 44.

A versão de Pedro Fernandes aproxima-se bastante da de Beleago. Aliás, ambos seguem de perto Quintiliano.

Ainda a propósito deste assunto, vid. Beleago, *op. cit.*, nota 48 (vid. *supra*, pp. 450-451).

41 – Plínio parece ter sido a fonte para este passo (*op. cit.*, II, 12):

«Apud Graecos autem inuestigauit primus omnium Thales Milesius Olympiadis XLVIII anno quarto praedicto solis defectu qui Alyatte rege factus est urbis conditae anno CLXX. Post eos utriusque sideris cursum, in sexcentos annos praecinuit Hipparchus, [...] aeuo teste haud alio modo quam consiliorum naturae particeps.»

Heródoto, *Historiarum Libri IX*, I, 74, faz também alusão a Tales como tendo sido o primeiro que predisse um eclipse do Sol. Ao mesmo facto se refere ainda Plutarco, *Moralia – De Placitis Philosophorum*, cap. XXIV. Veja-se também Cícero, *De Republica*, I, 16, 25.

42 – Reminiscências de Cícero, *De Legibus*, I, 12, 33: «[...]tantam autem esse corruptelam malae consuetudinis, ut ab ea tamquam igniculi extinguantur a natura dati exorianturque et confirmentur uitia contraria.»

43 – Cf. Cícero, *De Diuinatione*, II, 42, 88: «Nominat etiam Panaetius, qui unus e Stoicis astrologorum praedicta reiecit, Anchialum et Cassandrum, summos astrologos illius aetatis, qua erat ipse, cum in ceteris astrologiae partibus excelleret, hoc praedictionis genere non usos.»

Extraímos este passo da edição pertencente à colecção Teubneriana, onde se lê Anchialum. O mesmo sucede nas edições Loeb e Garnier. O *Lexicon zu den Philosophischen Schriften des Cicero's* escreve-o do mesmo modo. Aliás, este segue a edição Teubner de 1878-1879. Mas na oração lê-se “Archelaum”, assim como nos textos da colecção da Bibliotheca Classica Latina e de M. Nisard.

Parece-nos ser de concluir que Pedro Fernandes se baseou num texto com a forma “Archelaum”. O aparecimento das duas formas é que não nos parece fácil de explicar: é que “Archelaus” existiu, na verdade, e foi um filósofo ilustre que pertenceu à escola iónica, tendo sido discípulo de Anaxágoras. Quanto a “Anchialus”, não encontramos este nome documentado como filósofo. Poderemos pensar que se trata de uma confusão devida à semelhança das letras gregas? Ora vejamos:

ΑΡΧΕΛΑΟΣ

ΑΓΧΙΑΛΟΣ

Na verdade, o P podia aparecer, num manuscrito, um pouco apagado, confundindo-se assim com o Γ; dar-se-ia o iotacismo do E e o Α confundir-se-ia com o A e vice-versa.

Mas no aparato crítico da edição Teubner, não se encontra nenhuma referência a este problema.

44 – Cícero, *De Natura Deorum*, II, 144, fala acerca das orelhas e das suas sinuosidades. No entanto, não há uma influência directa deste passo no de Pedro Fernandes.

45 – Cf. Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 12: «Atqui claros nomine sapientiae uiros nemo dubitauerit studiosos musicis fuisse, cum Pythagoras atque eum secuti acceptam sine dubio antiquitus opinionem uulgauerint mundum ipsum ratione esse compositum [...]»
Cf. ainda Luís Célio, *op. cit.*, V, XX.

46 – Cícero, *De Republica*, VI, 18: «Quae cum intuerer stupens, ut me recepi, Quid? hic, inquam, quis est, qui complet aures meas tantus et tam dulcis sonus?»

47 – Cf. Luís Cél., *op. cit.*, V, XX: «Plato etiam esse gentibus contributam putat musicam ad praeclarius quoddam, praestantiusque opus. Nam cum sit [...] Musica, non ideo a Diis data, ut ad delitias conuertamus, et aurium prurimum, sed ut, quod animae consonantiam turbat, et harmoniam, huiusce uoluptatis delinimento sedari, ac ad ordinem redigi ualeat.»

Relacione-se o começo do segundo período deste passo com a frase de Pedro Fernandes iniciada por “illos non hanc, quam ad aurium uoluptatem [...]”

Veja-se ainda Beleago, *op. cit.*, *supra*, pp. 82-85.

48 – Horácio, *Ars Poetica*, vv. 391-393:

Siluestris homines sacer interpresque deorum
caedibus et uictu foedo deterruit Orpheus,
dictus ob hoc lenire tigris rabidosque leones;

Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 9, exprime a mesma ideia. Cf. Beleago, *op. cit.*, *supra*, pp. 82-83 e 448-449.

Na edição de Pedro Fernandes, que seguimos, encontra-se um ponto no final do 1.º verso, para o qual não vemos justificação.

49 – Macróbio, *Commentaria in Somnium Scipionis*, II, 3: «[...] quia caelestis anima, qua animatur uniuersitas, originem sumpsit ex musica.»

Talvez Pedro Fernandes se tenha limitado a ver o passo em Luís Célio, *op. cit.*, V, XXI: «Musica uero capi omne, quod uiuit, inde colligunt Platonici, quoniam caelestis anima, qua uniuersitas animetur, originem sumpsit ex musica [...]»

50 – Horácio, *Ars Poetica*, vv. 394-395:

dictus et Amphion, Thebae conditor urbis,
saxa mouere sono testudinis et prece blanda
[...]

51 – Valério Máximo, III, 4, ext. 1: «[...] Socrates non solum hominum consensu, uerum etiam Apollinis oraculo sapientissimus iudicatus.»

52 – Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 13: «Socrates iam senex institui lyra non erubescibat [...]» Cf. Cícero, *Cato Maior de Senectute*, 8, 26.

Beleago e Fabrício também se referem ao mesmo assunto: vd. *supra*, *op. cit.*, pp. 84-85 e 38-39, respectivamente.

Luís Célio, *op. cit.*, V, xx, reproduz a frase de Quintiliano.

53 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, V, xxii: «Aristoxenum [...] et ex eius diagrammate Vitruuium, Melorum tria esse genera, Enharmonicum, Diatonicum, Chromaticum [...]»

Vitrúvio, *De Architectura*; V, IV, 3, enumera, com efeito, estas três espécies de sons, desenvolvendo-as no capítulo referido.

54 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, V, xxii e xxv:

xxii – «[...] Medium uero, id est, Diatonicum mundanae musicae doctrina Platonis ascribit [...]» xxv – «Sunt porro e celeberrimis auctoribus, qui Musicam esse triplicem tradunt, Mundanam, Humanam, Organicam.»

55 – Segundo Beleago, *op. cit.* p. 11 (vid. *supra* pp. 82-83), os Egípcios excluíram do seu Estado somente a música “desonesta”: «Atque illam quidem musicam flagitioso lenocinio aures hominum demulcentem, quam uelut moribus inimicam [...] Aegyptii in ciuitatem non admiserunt [...]»

Segundo Pedro Fernandes, condenaram pura e simplesmente toda a música, como efeminadora dos espíritos. O nosso humanista censura-os, exactamente por essa atitude.

Não terá havido aqui confusão? Talvez tenham condenado o canto lídio – e não a outra música –, pois esse é que era considerado efeminado.

56 – Cf. Cícero, *Tusculanae Disputationes*, I, 2, 4: «[...] igitur et Epaminondas, princeps meo iudicio Graeciae, fidibus praeclare cecinisse dicitur [...]»

Luís Célio, *op. cit.*, V, XX, baseando-se em Cícero, refere-se também ao canto de Epaminondas, acompanhado da lira; e Beleago, *op. cit.* (vid. *supra* pp. 84-85), faz alusão à cultura musical do general grego.

Pedro Fernandes não segue à letra nenhum destes testemunhos, mostrando, contudo, ter conhecimento do facto a que eles aludem. Muito provavelmente, conhecia os três textos.

57 – Cf. Cícero, *Tusculanae Disputationes*, I, 2, 4: «Themistoclesque aliquot ante annos cum epulis recusasset lyram, est habitus indoctor.»

Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 19, serve-se do testemunho de Cícero.

Cataldo Sículo, na sua *Oração de Sapiência*, também segue a versão do Arpinate.

Beleago e A. Fabrício, *op. cit.* (vid. *supra*, pp. 82-83 e 38-39, respectivamente), também baseados em Cícero, referem-se ao mesmo facto.

Luís Célio, *op. cit.*, V, XX, transcreve mesmo o texto de Cícero.

58 – Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 15: «Lycurgus durissimarum Lacedaemoniis legum auctor, musices disciplinam probauit.»

Cf. ainda Luís Célio, *op. cit.*, V, XX.

59 – Reminiscência de Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 14: «Quid autem aliud in nostris legionibus cornua ac tubae faciunt? Quorum concentus quanto est uehementior, tantum Romana in bellis gloria ceteris praestat.»

Beleago, *op. cit.* (vid. *supra*, pp. 84-85) baseia-se na lição de Quintiliano.

60 – Pedro Fernandes parece ter recorrido a Luís Célio, *op. cit.*, V, XXVIII: «Ceteras artes apud eos [Arcades] ignorasse, nulla prorsum ignominia est, Musicam nescire nemo potest, quia necessario discitur. Eius imperitiam fateri, illic turpissimum est, nec id lasciuiae causa, uel deliciarum, sed ut labores assiduos in colendis agris, et uitae praeterea duritiem, atque asperitatem, et austeriores mores ex caeli tristitia quadam prouenientes, hac quasi dulcedine remolliant, ac contemperent.»

Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 84-85), fala também do poder apaziguador da Música, omitindo, no entanto, a referência aos Arcades.

61 – Cf. *Suidae Lexicon*, Pars I, p. 103, 1122.

A. Fabrício, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 40-41), refere-se também ao acontecimento: «Alexandrum Macedoniae regem memoriae traditum est, cum apud eum Timotheus ille musicus praestantissimus legem eam musicae incinerit, quae argumentum bellicum, continebat, tanto impetu concitatum, ut cum exclamasset regia cantica talia esse oportere, ad arma repente concurrerit.»

O canto que Timóteo entoava a fim de incitar o rei às armas era o frígio – como diz Pedro Fernandes; era, na verdade, o canto indicado. Luís Célio, *op. cit.*, V, XXV, diz que ele «uero pugnas excitat, uotum furoris inflammat».

Além deste, os antigos reconheceram a existência do canto lídio (a que já fizemos alusão), dório – considerado moral e varonil – e iónico – próprio para os festins do vinho.

62 – Cf. Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 32: «Nam et Pythagoran accepimus, concitatos ad uim pudicae domui afferendam iuuenes, iussa mutare in spondeum modos tibicina, composuisse [...]»

A. Fabrício, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 40-41), baseia-se neste passo de Quintiliano. Vd. ainda Boécio, em *Arithmetica, Geometria et Musica*, p. 174.

Há relação entre estes passos e o de Pedro Fernandes. O nosso humanista, porém, não alude a que os jovens se preparavam para assaltar uma casa honesta, como referem Boécio e Fabrício. Por outro lado, acrescenta que, mudado o ritmo, se retiraram calmanente para as suas casas.

63 – Cf. Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 80-81): «Plato ille diuinus, non modo intelligendi, sed et docendi magister quaerit et scitatur, cur homo animal sapientissimum esse uidetur, neque ulla alia ei satisfecit ratio: quam quia numeros teneat quibus uirtus perfici cognoscique rerum natura possit [...]». Vd. *op. cit.*, nota 16.

Cf. ainda Luís Célio, *op. cit.*, XII, VI.

64 – Cf. Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 80-81): «Nam Plato inter omnes liberales artes, et theoreticas scientias, praecipuam et maxime diuinam uideri numerorum scientiam scribit [...]»

Luís Célio, *op. cit.*, VI, refere-se ao mesmo.

65 – Cf. Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 80-81): «[...] ac proinde diuinam hanc scientiam humi repere non permittamus, eamque a quaestoribus, mercatoribus, et aliis quicumque huiusmodi rationibus perficiuntur ad secretiora naturae euocemus [...]»

66 – Cf. Plutarco, *Quaestiones Conuiuales*, VIII, II, II, 4.

67 – Cf. Beleago e A. Fabrício, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 82 e 38, respectivamente).

68 – Cf. Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 82-83). E também Luís Célio, *op. cit.*, XII, VI.

69 – Pedro Fernandes parece ter-se baseado, para este passo, em Luís Célio, *op. cit.*, XII, VI: «Sed nos in sanctis item litteris legimus, Deum omnia in numero, mensura, pondere perfecisse.»

É Salomão, *Livro da Sabedoria*, XI, 21, que faz essa afirmação: ἀλλὰ πάντα μέτρῳ καὶ ἀριθμῷ καὶ σταθμῷ διέταξας.

Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 82-83), também lhe faz referência.

70 – Luís Célio, *op. cit.*, XII, VII: «Pythagoram igitur legimus opinatum in numeris maximam esse uim. In eosque referenda omnia, siderum ambitus, et animalium productiones.»

71 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, XII, VII: «Vnitatis siquidem natura insita circumferentiae temperiem, animis uirtutem, sanitate corporibus. Domibus et ciuitatibus pacem et animorum gignit conspiratum.»

72 – Expressão ciceroniana que aparece também em Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, p. 100-101): «non modo dies, sed profecto annus dicentem deficeret [...]»

A. Fabrício, *op. cit.*, também a refere.

João Fernandes, (*vd. Jorge A. Osório, Oração de João Fernandes sobre a Fama da Universidade*, p. 228) apresenta-a igual a A. Fabrício.

73 – Luís Célio, *op. cit.*, XII, dedica os capítulos VII-X a este assunto.

74 – Quintiliano, *op. cit.*, I, 10, 34, apresenta-nos esta ideia, mas em relação à Geometria: «In geometria partem fatentur esse utilem teneris aetatibus: agitari namque animos et acui ingenia et celeritatem percipiendi uenire inde concedunt [...]»

75 – Cícero, *De Oratore*, I, 42, 187: «[...] in geometria lineamenta, formae, interualla, magnitudines [...]»

Cf. A. Fabrício, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 40-41)

76 – Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, p. 84), usa uma expressão semelhante: «[...] tanto in honore fuit haec disciplina [...]»; e dela se serve também A. Fabrício, *op. cit.* (*vd. supra*, p. 42).

77 – “Hi” refere-se a “Geómetras”, como podemos ver em Cícero, *Academicorum Priorum Liber*, II, 36, 116: «Geometrae prouideant, qui se profitentur non persuadere, sed cogere; et qui omnia uobis, quae describunt, probant.»

78 – Poderá este passo identificar-se com Cícero, *Timaeus*, v ? Aí encontramos indicadas as proporções que ligam os quatro elementos que constituem o universo e nelas, como em todas as proporções matemáticas, podemos trocar os termos médios ou os extremos entre si.

Cícero, *Timaeus*, v : «Quando enim trium uel numerorum, uel figurarum, uel quorumcumque generum contingit, ut quod medium sit, ut ei primum proportione,

ita id postremo comparetur, uicissimque ut extremum cum medio, sic medium cum primo conferatur, id, quod medium est, tum primum fit, tum postremum, postrema autem et prima media fiunt; ita necessitas cogit, ut eadem sint ea, quae diiuncta fuerant; eadem autem cum facta sint, efficitur, ut omnia sint unum.»

79 – Tradução: “Não entra aqui quem não souber geometria”.

Esta inscrição é referida por Elias *In Cat.* 118, 18.

Pedro Fernandes apresenta οὐδείς em vez de μηδείς, e εἰσίτω por εἰσίτω.

Arnaldo Fabrício também a refere *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 42-43)

Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 84-85), não a transcreve, mas mostra conhecê-la indirectamente, bem como Hilário Moreira, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 214-215).

80 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 214-215): «Quarum [Mathematicae] speculatio a Platone suscepta est ad cogitationis acumen, quod erigat animum, et ad rerum diuinarum intuitum, aciem mentis exacuat.»

81 – Cf. Menandro, *Reliquiae*, fragm. 190 (221):

πτωχότερος λεβηρίδος ἢ κινδάλου
μέμνηται ταύτης Μένανδρος ἐν Θαΐδι.

Cf. também Eliano, *De Natura Animalium*, XII, IX.

Hilário Moreira, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 214-215), refere-se, como Pedro Fernandes, a Alcínoo e às suas comparações.

82 – Cf. Flávio Josefo, *Antiquitatum Iudaicarum Libri*, I, III, 9.

83 – Platão parece, na verdade, ter afirmado tal, pois Plutarco, nas *Quaestiones Coniuales*, II, dedica ao assunto uma “Quaestio” (II), intitulada Πῶς Πλάτων ἔλεγε τὸ θεὸν αἰεὶ γεωμετρεῖν.

Cf. Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 84-85), e respectiva nota 38.

84 – Cf. Plutarco, *Quaestiones Coniuales*, VIII, II, II, 4.

85 – *Aristippi Fragmenta*, fragm. 61, alude a esta história, mas passada no litoral de Siracusa.

Vitrúvio, *De Architectura*, II, pref., refere-a também, apresentando a versão seguida por Pedro Fernandes: «Aristippus philosophus Socraticus, naufragio cum eiectus ad Rhodiensium litus animaduertisset geometrica schemata descripta, exclamauisse ad comites ita dicitur: bene speremus! hominum enim uestigia uideo.»

Cícero transmite-a no *De Republica*, I, 17, 29.

Pedro Fernandes não conhecia talvez esta história através de Cícero, pois o Arpinate nem apresenta o nome do naufrago – põe a hipótese de ter sido Platão, ou qualquer outro filósofo – nem da praia.

O filósofo Aristipo é referido por Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, IX, IV, 2.

86 – Quintiliano, *op. cit.*, I, 4, 6: «Sed quia interiora uelut sacri huius [Grammatica] adeuntibus apparebit multa rerum subtilitas, quae non modo acuere ingenia puerilia, sed exercere altissimam quoque eruditionem ac scientiam possit.»

87 – Cf. Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 87-88): «Sed de historiis etiam atque poetis incorrupte iudicat [...]»

88 – Cícero, *De Diuinatione*, I, 18, 34: «Quorum omnium interpretes, ut grammatici poëtarum, proxime ad eorum, quos interpretantur, diuinationem uidentur accedere.»

Cícero, *op. cit.*, I, 51, 116, faz ainda uma pequena referência a essa interpretação dos poetas pelos gramáticos: «[...] sunt enim explanatores, ut grammatici poëtarum.»

Suetônio, *De Illustribus Grammaticis*, IV, diz também, a propósito:

«Appellatio “grammaticorum” graeca consuetudine inualit; sed initio “litterati” uocabantur. Cornelius quoque Nepos in libello, quo distinguit “litteratum” ab “erudito”, “litteratos quidem uulgo appellari” ait “eos, qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere, aut scribere: ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis γραμματικοί nominentur”.»

89 – A propósito desta expressão, diz-se no *Lexicon Totius Latinitatis*: «absit verbo inuidia, formula est, qua deprecamur inuidiam, quum aliquid dicturi sumus, quod superbiam jactationemque sapiat: ne scil. laudatio fraudi esset illis, qui laudabantur; veteres enim putabant, inuidendo malum aliquod afferri posse iis, quibus inuidemus.»

90 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, IV, 1: «Sed et ille ipse Plato tertio legum, Poetarum genus esse diuinum scribit [...]»

Vd. ainda, Platão, *Leges*, III, 682 a.

91 – Cícero, *Pro Archia*, 18: «Quare suo iure noster ille Ennius sanctos appellat poetas, quod quasi deorum aliquo dono atque munere commendati nobis esse uideantur.»

Luís Célio, *op. cit.*, IV, 1, transcreve estas mesmas palavras de Cícero.

Pedro Fernandes omitiu “nobis”, o que dificulta a tradução, visto que o pronome se refere a “commendatos”, que exige complemento.

92 – Verso da autoria de Ovídio, *Arte de Amar*, III, 549, cujas ideias o mesmo poeta repete em *Fastos*, VI, 5-9, e que Luís Célio nos transmite em *op. cit.*, IV: «Scribit Plato, non hominum esse inuenta praeclara poemata, sed caelestia munera, argumento illud est, quod nemo, etiam si orbem illum doctrinarum obierit accuratissime, excellens euasit poeta, ni caelestis ille uigor, et concitatio accesserit seruentior. Vt uera fiat illa assertio ex *Fastorum* sexto,

Est deus in nobis, agitante calescimur illo,
Impetus hic sacrae semina mentis habet.»

93 – Pedro Fernandes apresenta este verso em latim, mas ele aparece-nos em grego (mais uma vez, deve tê-lo conhecido através de uma tradução latina).

Arquíloco, fragm. 14 a (edição “Les Belles Lettres”):

Heracl. Pont. pol. 8, [...] Μουσάων θεράποντα κατέκτανες, ἔξιθι νηῶ.

Plutarco, *De Sera Numinis Vindicata*, XVII, faz referência à história.

Em Eusébio de Cesareia, *Preparatio Euangelica*, tomo III, liv. V, 33, ela vem também citada, apontando-se mesmo o nome do assassino de Arquíloco: «Interfectorem Archilochi, Suidas et alii, non Archiam, ut Oenomaus, sed Kalondam uocant, cognomento Coracem.»

Acerca de Arquíloco vd. *Suidae Lexicon* E 4112.

94 – Luís Célio, *op. cit.*, IV, I: «Quoniam esse se morum magistros Musici profiteantur, idque cum Pythagoricis comprobat Aristoxenus. Sed et Horatius:

Os tenerum pueri balbumque poëta figurat,
Torquet ab obscoenis iam nunc sermonibus aurem.
Mox etiam pectus praeceptis format amicis,
Asperitatis, et inuidiae corrector et irae,
et quae sequuntur.»

Luís Célio atribui aos poetas a função de “morum magistros”, pois, embora afirmando que Arsitóxeno e os Pitagóricos a atribuíam aos Músicos, contrapõe os versos de Horácio, *Epist.* II, I, 126-129, que implicitamente se referem à função educadora do poeta.

Essa função pedagógica do poeta é também defendida por Pedro Fernandes.

95 – Flávio Josefo, *Antiquitates Iudaicae*, II, XVI, refere-se a essa acção de graças de Moisés, reproduzindo-a em prosa.

96 – Cf. Flávio Josefo, *Antiquitates Iudaicae*, VII, XII, 3

97 – Cícero, *De Oratore*, II, 9, 36: «Historia uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis, qua uoce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?»

98 – Ficino, *Timaeus*: «Quo Solon profectum se honorifice acceptum fuisse referebat. Et, cum de uetustatis memoria ab illis sacerdotibus, qui in hac re ceterorum peritissimi erant quaesisset, expertum se esse dicebat, neque se ipsum, neque alium Graecorum quemquam cognitionem antiquitatis ullam habere. Quandoque uero coram sacerdotibus, ut eos ad sua narranda prouocaret de antiquissimis illis Athenarum historiis uerba fecisse [...] tunc ex sacerdotibus quemdam grandem natu dixisse: O Solo, Solo: Graeci pueri semper estis: nec quisquam e Graecia senex.

Cur istud diceret, percontante Solone, respondisse sacerdotem. Quia iuuenis semper uobis est animus, in quo nulla est ex uetustatis commemoratione prisca opinio, nulla cana scientia.»

Este passo não se encontra no *Timaeus* de Cícero. Pedro Fernandes deve ter tido conhecimento dele através desta tradução.

Em Platão, o texto encontra-se em *Timaeus*, 22 b.

99 – Cf. Quintiliano, *op. cit.*, I, XII, 18: «Qui uero imaginem ipsam eloquentiae diuina quadam mente conceperit quique illam, ut ait non ignobilis tragicus, “reginam rerum orationem” ponet ante oculos.»

O nosso humanista deve ter seguido uma edição de Quintiliano de 1533, por nós consultada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em que se intercala, depois de “ut ait”, “Sophocles”.

Mas trata-se de Eurípides, *Hecub.* 816: Πειθῶ δὲ τὴν τύραννον ἀνθρώποις μόνην.
Cf. ainda Cícero, *De Natura Deorum*, II, 59, 148.

100 – Cf. Cícero, *Brutus*, 12, 45-46: «Pacis est comes, otiique socia, et iam bene constitutae ciuitatis quasi alumna quaedam, eloquentia. Itaque ait Aristoteles cum sublatis in Sicilia tyrannis, res priuatae longo interuallo iudiciis repeterentur, tum primum quod esset acuta illa gens et controuersa natura, artem et praecepta Siculos, Coracem et Tisiam conscripsisse.»

101 – Cícero, *De Oratore*, II, 9, 35: «Quis cohortari ad uirtutem ardentius, quis a uitiiis acrius reuocare, quis uituperare improbos asperius, quis laudare bonos ornatius, quis cupiditatem uehementius frangere accusando potest?»

102 – Cícero, *De Natura Deorum*, II, 59, 148: «Deinde hac cohortamur, hac persuademus, hac consolamur afflictos, hac deducimus perterritos a timore, hac gestientes comprimimus, hac cupiditates iracundiasque restringuimus. Haec nos iuris, legum, urbium societate deuinxit; haec a uita immani et fera segregauit.»

Esta mesma ideia encontra-se em Cataldo Sículo, na sua oração pronunciada em Bolonha, embora expressa por palavras diferentes. Foi original, enquanto Pedro Fernandes, mais uma vez, se limitou a copiar o seu modelo.

Diz, com efeito, Cataldo: «Oratoria uero facultas suis cumulata dotibus: non nisi in bonis uiris esse potest. Ea est quae gloriosos homines extollat, effrenatis moderet, innocentes absoluat; segnes ac timidos erigat, et ad omnia ardua cuius uis animum promptissimum conuertat.» (vd. *Epistole Cataldi*, Lisboa, 1500, fol. h vi v°).

103 – Vemos alguma relação entre esta frase e Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 92-93).

104 – Cf. Homero, *Ilíada*, XVIII, vv. 503-508.

105 – Cf. Cícero, *Orator*, 32, 113: «Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam solum facultatem habere quae sit eius propria, fuse, lateque dicendi, sed etiam uicinorum eius atque finitimarum dialecticorum scientiam assumere.»

Cataldo Sículo diz na sua oração: «Eamque dixit Cicero uicinam esse ac finitimam eloquentiae scientiam.» (*op. cit.*, fol. i).

E Hilário Moreira, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 211-212), refere a propósito: «Quam quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rethoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asseruit Cicero.»

106 – Cf. Cataldo Sículo, *Oração de Sapiência*: «[...] quae suis quibusdam argutiis et proponit et concludit: ut non modo uerum ex falso sed falsum ex uero si uoluerit ostendat.» (*op. cit.*, fol. vi v° - fol. i).

107 – Cf. Cícero, *Brutus*, 41, 152-153: «Etiamne Q. Scaeuolae Seruium nostrum anteponis? Sic enim, inquam, Brute, existimo, iuris ciuilis magnum usum et apud Scaeuolam et apud multos fuisse, artem in hoc uno; quod numquam effecisset ipsius iuris scientia, nisi eam praeterea didicisset artem, quae doceret rem uniuersam tribuere in partis, latentem explicare definiendo, obscuram explanare interpretando, ambigua primum uidere, deinde distinguere, postremo habere regulam, qua uera et falsa iudicarentur et quae quibus propositis essent quaeque non essent consequentia. Hic enim adtulit hanc artem omnium artium maxumam quasi lucem ad ea, quae confuse ab aliis aut respondebantur aut agebantur.»

Neste passo se baseiam Beleago e também A. Fabrício, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 88-91 e 158-159, respectivamente).

108 – Cf. Cícero, *Academicorum Priorum Liber Secundus*, 143: «Quid? duo uel principes dialecticorum, Antipater et Archidemus, opiniosissimi homines, nonne multis in rebus dissentiunt?»

109 – Cf. Cícero, *De Finibus*, III, 72: «Ad easque uirtutes, de quibus disputatum est, dialecticam etiam adiungunt et physicam, easque ambas uirtutum nomine appellant, alteram, quod habeat rationem, ne cui falso assentiamur neue unquam captiosa probabilitate fallamur, eaque quae de bonis et malis didicerimus, ut tenere tuerique possimus. Nam sine hac arte quemuis arbitrantur a uero abduci fallique posse. Recte igitur, si omnibus in rebus temeritas ignoratioque uitiosa est, ars ea quae tollit haec uirtus nominata est.»

110 – Cf. Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 92-93): «Atque hae sunt artes, quas liberales uocamus, ac homine libero dignas [...]»

Cf. ainda André de Resende, *Oratio pro Rostris*, p. 32: «[...] litterarum studia [...] quae quoniam libero homine dignissima sunt, non ab re liberalium iam olim nomen sibi uindicant.»

111 – Parece-nos esta uma feliz comparação.

Timantes, ao pintar o sacrifício de Ifigénia, velou o rosto de Agamémnon por se sentir incapaz de figurar a sua dor imensa – deixando, assim, ao espectador a possibilidade de imaginar com o coração as expressões faciais do pai da vítima. Do mesmo modo, o nosso humanista deveria nada dizer acerca das artes que ainda não abordou, pondo-as unicamente à consideração dos ouvintes, de tal maneira se vê incapacitado de as explanar convenientemente.

A propósito, *vd.* Quintiliano, *op. cit.*, II, 13, 12-13: «Quid? non in oratione operienda sunt quaedam siue ostendi non debent, siue exprimi pro dignitate non possunt? ut fecit Timanthes, opinor, Cythnius, in ea tabula, qua Coloten Teium uicit. Nam cum in Iphigeniae immolatione pinxisset tristem Calchantem, tristiorem Vlixen, addidisset Menelao quem summum poterat ars efficere maerorem: consumptis adfectibus non reperiens, quo digne modo patris uultum posset exprimere, uelauit eius caput et suo cuique animo dedit aestimandum.»

112 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 216-217).

113 – Cf. Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 96-97).

114 – Estes versos pertencem a Homero, *Iliada*, XI, 514-515. Tradução:
 “Um médico é um homem que vale por muitos outros:
 extrai flechas e espalha, sobre as feridas, remédios apaziguadores.”

115 – Tradução: “Mãos dos deuses”.

Cf. Luís Célio, *op. cit.*, XVI, XI: «Philon medicus, ut uidetur, nobilis, cum medicamenta quaedam ad medendi usum exquisitissima concinnaret, et [...] potestates conficeret, eas, quod salutare, et diuinas quodammodo sciret, θεῶν χειρᾶς, ueluti adagio quodam appellare consueuerat, hoc est Deorum manus.»

116 – Cf. Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, p. 96): «Et Aesculapius uetustissimus auctor quoniam adhuc rudem et uulgarem hanc scientiam excoluit, in deorum numerum, antiquitatis opinione receptus est.»

117 – Cf. Ficino, *Apologia...*, p. 240: «Eiusmodi (ut arbitror) Medicum honorari sacrae litterae iubent, quoniam propter necessitatem hunc altissimus procreauerit.»

118 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit.* (*vd. supra*, p. 216): «Et profecto, si conditor omnium Deus, quos creauit, seruari uult, nulli dubium est medicum ipsum Dei ministrum esse [...]»

Cf. também Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 96-97).

119 – Cf. Cícero, *Tusculanae Disputationes*, I, XVI, 38 e XVII, 39: «Itaque credo equidem etiam alios tot saeculis, sed, quod litteris exstet, Pherecydes Syrius primus dixit animos esse hominum sempiternos, antiquus sane; fuit enim meo regnante gentili. Hanc opinionem discipulus eius Pythagoras maxime confirmauit; [...]»

Platonem ferunt, ut Pythagoreos cognosceret, ut Italiam uenisse et didicisse Pythagorea omnia primumque de animorum aeternitate non solum sensisse idem quod Pythagoram, sed rationem etiam attulisse.»

Pedro Fernandes apelida Ferecides de “Cyrus”, o que parece não estar correcto, pois, sendo ele natural de Siro, uma das ilhas Cíclades, deveria apelidá-lo de “Syrius”, como faz Cícero.

A respeito de Pitágoras e Platão, que também consideravam a alma imortal, veja-se ainda: Pseudoplutarchea, *De Vita et Poesi Homeri*, CXXII.

120 – Cícero, *De Legibus*, II, 4, 8: «Hanc igitur uideo sapientissimorum fuisse sententiam, legem neque hominum ingeniis excogitatum, nec scitum aliquod esse populorum, sed aeternum quiddam, quod uniuersum mundum regeret imperandi prohibendique sapientia. Ita principem legem illam et ultimam mentem esse dicebant omnia ratione aut cogentis aut uentantis dei.»

Beleago, *op. cit.* (*vd. supra*, pp. 92-95), também segue Cícero.

André de Resende, *Oratio pro Rostris*, p. 46, faz referência ao mesmo passo, indicando ainda a sua fonte (*De Legibus* de Cícero).

121 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, X, XIX: «Legem esse omnium diuinarum, humanarumque rerum notitiam, statuit Chrysippus. At Demosthenes, Lex, inquit, est cui omnes homines decet oboedire, praesertim quia lex omnis est inuentio quaedam, et donum Dei, ac sapientum dogma.»

Hilário Moreira, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 220-221), faz alusão a estas considerações.

122 – Píndaro, fragm. 169 (151): νόμος ὁ πάντων βασιλεὺς θνατῶν τε καὶ ἀθανάτων [...]. Platão transcreve este verso no *Górgias*, 484 b.

Parece-nos que este passo de Píndaro deve ter chegado ao conhecimento do nosso humanista apenas através de Célio, *op. cit.*, X, XIX, pois, além de não o apresentar em grego, quase se limita a transcrever a versão deste autor: «Vt qui sciam, traditum a me alias, legem esse Pindari sententia, Deorum Hominumque Reginam.»

123 – Cícero, *De Legibus*, I, 5, 16: «Nam sic habetote, nullo in genere disputandi magis honeste patefieri, quid sit homini tributum natura; [...] quae sit coniunctio hominum, quae naturalis societas inter ipsos. His enim explicantis, fons legum et iuris inueniri potest.»

124 – Horácio, *Sat.*, I, 99-100 e 105-106.

125 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit.* (vd. *supra*, p. 220): «Hinc factum est ut et gentium legislatores leges suas ad deos retulerint.

Legimus enim Zoroastrum, qui Bactrianis et Persis leges tradidit, in Oromasin retulisse Trimegistus, qui Aegyptiis retulit, in Mercurium; Charondas Zaleucus, qui Carthaginensibus, in Saturnum. Qui Atheniensibus Draco et Solon, in Mineruam [...]

Veja-se também *op. cit.*, nota 66.

A propósito da ninfa Egéria, que trouxe as leis aos Romanos, vd. Plutarco, *Moralia – De Fortuna Romanorum*, IX.

126 – Cícero, *De Oratore*, I, 43, 194: «Ex his [legibus] enim et dignitatem maxime expetendam uidemus, quom uera uirtus atque honestus labor honoribus praemiis splendore decoratur, uitia autem hominum atque fraudes damnis ignominiis uinclis uerberibus exiliis morte multantur; et docemur non infinitis concertationumque plenis disputationibus sed auctoritate nutuque legum domitas habere libidines, coercere omnes cupiditates, nostra tueri, ab alienis mentes oculos manus abstinere.»

Beleago, *op. cit.* (vd. *supra*, pp. 94-95), também transcreve – como Pedro Fernandes – algumas das linhas acima referidas; e Hilário Moreira, *op. cit.* (vd. *supra*, p. 220-221), diz quase o mesmo. Cf. ainda Cataldo Sículo, *Oração de Sapiência*.

127 – Cf. Cícero, *De Oratore*, I, 43, 193: «Accedit, uero, quo facilius percipi cognoscique ius ciuile, possit, quod minime plerique arbitrantur, mira quaedam in cognoscendo suauitas et delectatio.»

128 – Cícero, *De Oratore*, I, 45, 199-200: «199. Senectuti uero celebrandae et ornandae quod honestius potest esse perfugium quam iuris interpretatio? Equidem

mihī hoc subsidium iam inde ab adolescentia comparavi, non solum ad causarum usum forensem, sed etiam ad decus atque ornamentum senectutis, ut, cum me uires, quod fere iam tempus aduentat, deficere coepissent, ista ab solitudine domum meam uindicarem. Quid est enim praeclarius quam honoribus et rei publicae muneribus perfunctum senem posse suo iure dicere idem quod apud Ennium dicat ille Pythius Apollo, se esse eum “unde sibi”, si non “populi et reges”, at omnes sui ciues “consilium expetant”,

summarum rerum incerti: quos ego ope mea
ex incertis certos compotesque consili
dimitto, ut ne res temere tractent turbidas.

200. Est enim sine dubio domus iuris consulti totius oraculum ciuitatis.»

Os versos citados na oração pertencem a Énio, *Eumenides*, fragm. 150-153.

129 – A mesma ideia está ainda hoje presente no artigo 6.º do Código Civil Português: “A ignorância ou má interpretação da lei não justifica a falta do seu cumprimento nem isenta as pessoas das sanções nela estabelecidas.”

130 – Heródoto, *Historiarum Libri*, I, 65.

Na tradução latina dos versos gregos incluídos no texto de Heródoto para o qual remetemos o leitor, apresentada por Pedro Fernandes, é omitido o adjetivo correspondente a *πίονα*, qualificativo de *νηὸν*.

131 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, XIII, XLIII: «Etenim diuinum lumen in angelicam primum descendit naturam, et ab ipsa mox reuelationibus, et diuinis demonstrationibus, et mystica sacri eloquii narratione ad nostram usque intelligentiam, participationemque se transfundit. At humana mens eisdem rursus gradibus ad superna conscendens sacra diuini eloquii inspectione, caelestia secreta, et eam quae in angelis est, diuinae claritatis illuminationem perpendit, ex qua paulatim in inuisibilium agnitionem succrescens, ad ipsum tandem diuini, et summi luminis splendorem contemplandum conualescit.»

132 – Tradução: “Não é fácil encontrar a Deus, e torná-lo conhecido é impossível.” O mesmo sentido se encontra em Platão, *Timaeus*, 28 c.

133 – Cf. Luís Célio, *op. cit.*, XIV, XIV: «Ptolemaeum legimus, Theologiam, et Physicem contemptui duxisse, quod illam praesigni rerum excellentia humana imbecillitasprehendere, uel consequi haud queat.»

134 – Parece-nos que “decrepita anicula” é aqui utilizada como imagem da pessoa experiente e instruída, na medida em que muito viveu já e, por isso, muito aprendeu.

135 – Cícero, *De Legibus*, I, 5, 16: «Nam sic habetote, nullo in genere disputandi magis honeste patefieri [...] quantam uim rerum optimarum mens humana contineat, cuius muneris colendi efficiendique causa nati, et in lucem editi simus;»

136 – A expressão “et quae nostra est gloria” encerra uma certa ironia lamentosa.

137 – Tradução:

“Fazendo tudo pela palavra, curando toda a enfermidade.”

Texto proveniente dos Oráculos Sibilinos da tradição literária greco-latina, que Pedro Fernandes poderia ter colhido em segunda mão, por exemplo através de Lactâncio, que o transcreve no livro IV das suas *Diuinae Institutiones*, cap. XV [De uera sapientia], ao falar dos milagres realizados por Cristo, dizendo: “E fazia tudo isto não com as mãos ou com qualquer mezinha, mas pelo poder da sua palavra e decisão, tal como a Sibila havia predito” (Et haec omnia non manibus, aut aliqua medela, sed uerbo ac iussione faciebat, sicut Sibylla praedixerat). Veja-se o que ficou dito atrás na nota 19 desta Oração, e cf. o passo bíblico de Mateus, 9, 35.

138 – Cf. Plutarco, *Vitae, Numa*, IX.

Cf. também Dionísio de Halicarnasso, *Antiquitates Romanae*, II, 73.

139 – Quintiliano, *op. cit.*, XII, 10, 9: «Phidias tamen diis quam hominibus efficiendis melior artifex creditur, in ebore uero longe citra aemulum, uel si nihil nisi Mineruam Athenis, aut Olympium in Elide Iouem fecisse; cuius pulcritudo adiecisset aliquid etiam receptae religioni uidetur; adeo maiestas operis deum aequauit!»

140 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit. (vd. supra*, p. 226):

«Solutus Iesus Saluator, ideoque languentis animi medicina est [...]»

141 – Énio, *Andromacha*, fragm.113-116.

Cícero transmite-nos este passo de Énio nas *Tusculanae*, I, XXI, 48 (col. Teubneriana): «quae est anus tam delira quae timeat ista quae nos uidelicet, si physica non didicissetis, timeretis, “Acherunsia templa alta Orci, pallida leti, obnubila tenebris loca”?»

O texto de Pedro Fernandes qualifica “loca” com mais um adjetivo – “obsita” – o que já se verificara no texto correspondente da edição da Biblioteca Clássica Latina. Aqui ainda, em vez de “Acherontia”, presente em Pedro Fernandes, surge “Acherunsia”. Mas em nota esclarece-se: Acherunsia ... loca – olim legebatur Acherontia.

142 – Cf. Inácio Morais, *Oratio Panegyrica ad Inuictissimum Lusitaniae Regem...*, pp. 6-7: «Ex eodem prudentiae sorte nascitur incredibilis ille amor sapientiae, quo tu pulsa ex Lusitania barbarie [...]. Etenim cum nostri homines suapte natura feroces, et indomiti magis studio Martis, quam litterarum essent assueti, non passus fuisti ut in scientiae tenebris diutius uersarentur.»

143 – Énio, *Annales*, I, vv. 75-78:

O primeiro verso em Énio é:

“Sese sic memorant: o Romule, Romule die”

Em Pedro Fernandes, a ordem dos dois últimos versos está alterada.

144 – Cf. Cícero, *Oratio pro L. Balbo*, IV: «[...] quem prouinciae nostrae, quem liberi populi, quem reges, quem exterae gentes, castiorem, moderatiorem, sanctiorem, non modo uiderunt, sed aut sperando umquam, aut optando cogitauerunt?»

145 – Cf. Hilário Moreira, *op. cit. (vd. supra, p. 234)*: «Qui pietatis et sapientiae studio flagrans, inclitum hoc Conimbricense Lyceum, uniuersi terrarum orbis florentissimum instituit [...]»

146 – Interessante esta afirmação: Pedro Fernandes algo diria acerca das qualidades de Frei Diogo de Murça, se este não estivera presente...

Em André de Resende, *Oratio pro Rostris*, p. 54, entrevê-se o mesmo: «Verum te Consalle Vasi, iuris Consultorum consultissime, uel in os laudare nunquam me pudeat [...]»

147 – Cf. A. Fabrício, *op. cit. (vd. supra, p. 58)*: «[...] honestisque praemiis, ac condicionibus Praeceptores doctissimos longe gentium huc euocauit, qui optimis artibus iuuentutem erudirent.»

Cf. João Fernandes, *op. cit.*: «Qui exemplum Caroli Magni secutus [...] uiros doctissimos magnis beneficiis et amplissimis salariis euocarit.»

Beleago, *op. cit. (vd. supra, p. 102)*, diz: «Nec iis contentus, ex uariis nationibus homines doctissimos, summis praemiis illectos accersiuit, qui Lusitanam iuuentutem bonis artibus erudirent.»

Cf. Hilário Moreira, *op. cit. (vd. supra, p. 234)*: «Vbi innumeris positis musarum sedibus, praeceptores doctissimos et magnis congiariis, amplissimisque muneribus prosequutus.»

Cf. André de Resende (Vd. Gabriel de Paiva Domingues, *Um Discurso de André de Resende, pronunciado no Colégio das Artes*), p. 50: «Conquistos undique uiros excellenti eruditione praestanteis magnis propositis praemiis et honoribus conuocauit.»

Finalmente, Inácio Moraes, *op. cit.*, exprime a mesma ideia, mas com mais originalidade: «Acciuiisti undecunque ingentibus praemiis duces eximios atque omnium disciplinarum armis instructos, qui studiosae cateruae ordines ducerent, pro galea, et thorace altissimam rerum scientiam abiicientes, pro gladiis linguas discertissimas [...]»

148 – Tradução:

“Que direi em primeiro lugar, depois e por fim?”

Homero, *Odisseia*, IX, v. 14:

Τί πρῶτον, <τί δ’> ἔπειτα, τί δ’ ὕστατ’ ἀ τοι> καταλέξω,

149 – Estamos perante um belo encómio ao Rei D. João III, cheio de solenidade e cadência, que lhe são imprimidas nomeadamente pela utilização do hexâmetro dactílico, o metro próprio da epopeia. É um discurso de conteúdo contemporâneo, não deixando o humanista de apelar ao Rei para a protecção do seu povo. Vejamos influências, ainda que indirectas, deste género:

Propércio, *Elegias*, IV, VI, 37-54:

[Phoebus]

Mox ait: “O longa mundi seruator ab Alba,

Auguste, Hectoreis cognite maior auis,

uince mari: iam terra tua est; tibi militat arcus

et fauet ex umeris hoc onus omne meis.

Solue metu patriam, quae nunc te uindice freta

imposuit prorae publica uota tuae.

Quam nisi defendes, murorum Romulus augur
 ire Palatinas non bene uidit aus.
 Et nimium remis audent prope: turpe Latinis
 principe te fluctus regia uela pati.
 Nec te, quod classis centenis remiget alis,
 terreat: inuito labitur illa mari;
 quodque uehunt prorae Centaurica saxa minantis,
 tigna caua et pictos experiere metus.
 Frangit et attollit uires in milite causa;
 quae nisi iusta subest, excutit arma pudor.
 Tempus adest, committe ratis: ego temporis auctor
 ducam laurigera Iulia rostra manu.”

Ovídio, *Fastos*, II, 127-138:

Sancte pater patriae, tibi plebs, tibi Curia nomen
 Hoc dedit; hoc dedimus nos tibi nomen, eques.
 Res tamen ante dedit: sero quoque uera tulisti
 Nomina: iam pridem tu pater orbis eras.
 Hoc tu per terras, quod in aethere Iuppiter alto,
 Nomen habes: hominum tu pater, ille deum.
 Romule, concedas: facit hic tua magna tuendo
 Moenia, tu dederas transilienda Remo.
 Te, Tatius, paruique Cures Caeninaque sensit:
 Hoc duce Romanum est solis utrumque latus.
 Tu breue nescio quid uictae telluris habebas.
 Quodcumque est alto sub Ioue, Caesar habet.

Inácio de Moraes (*op. cit.*) usa obviamente um discurso bem mais próximo do de Pedro Fernandes, dada a contemporaneidade do contexto sócio-político-cultural:

Per te relligio rex inuictissime Christi
 Orbis in extremas it celebranda plagas,
 Rore salutifero iam nunc conspergitur Indus,
 Aethiopesque nigri, belligerique Libes.
 Et quamuis natis Phoebi sub luce orientis,
 Abstulerat miseris nox tamen atra diem.
 Errabant olim in tenebris, nunc cernere ueram
 Edocti lucem, numina uera colunt.
 Ergo ideo pugnas, ut possis ferre salutem
 Hostibus o pietas, regeque digna fides.
 [... ..]
 Haec habet armipotens claro demissa ab olimpo,
 Lusitana domus praeclarae insignia gentis.
 Haec mare per dormitant, penetrant atque ultima mundi
 Vsque ignota loca, ingenti superata triumpho.
 [... ..]

Mas o nosso maior destaque vai para Camões, *Os Lusíadas*, I, est. 8 e 16. Neste passo, como Pedro Fernandes, Camões descreve a amplitude do Império Português, recorrendo à feliz imagem do percurso do Sol.

8 - Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco oriental e do Genticio,
Que inda bebe o licor do santo rio:

[... ..]

16 - Em vós os olhos tem o Mouro fEm quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Genticio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
[... ..]

NOTAS AO TEXTO DE HILÁRIO MOREIRA

1 - *Odisseia*, 1, 66¹. Tradução:

«Aquele que entre os mortais é superior pelo espírito.»

2 - Construção usada por Cícero. Cfr. *Ad Att.* II, 1, 2: «Vt possim salutem meam benevolentiae tuae acceptam referre»; *De nato Deor.*, 3, 36, 86: «Virtutem nemo unquam acceptam Deo retulit».

3 - Expressão familiar a Plauto e Cícero. Cfr. *Capt.* 2, 2, 44; *Cist.* 1, 1, 87; *Tusc.* 1, 9, 17: «Geram tibi morem et ea quae uis, ut potero, explicabo»; *Ad Att.*, 2, 16: «Vt utrique a me mos gestus esse uideatur»; *Nat. Deor.*, 2, 1, 3, etc.

4 - Expressão usada por Cícero nas obras de retórica. Cfr. *Part. Orat.* 6, 21: «Suaue autem genus erit dicendi».

Estas três notas confirmam afinal o que já dissemos sobre o uso, pelo nosso autor, do vocabulário e construções ciceronianas.

5 - Sêneca, *Ep.* 89, 1: «[Philosophia] profecto omnes mortales in admirationem sui raperet, relictis his quae nunc magna magnorum ignorantia credimus».

6 - Passo com origem em Plutarco, *De liberis educandis*, 10. Todavia, Hilário Moreira não traduziu o original grego, mas aproveitou a tradução da *Miscelania Velasci* de 1473, que passamos a transcrever:

¹ Devemos a identificação deste passo à Senhora Doutora D. Maria Helena da Rocha Pereira.

«Per hanc et cum hac [philosophia] scire licet quid honestum, quid turpe, quid iustum, quid iniustum et summam quid eligendum, quid fugiendum, quomodo parentibus, quomodo natu grandioribus, quomodo peregrinis, magistratibus, amicis, uxoribus ac seruis utendum sit. Vtque deos ueneremur, parentes honoremus, seniores uereamur, legibus obtemperemus, magistratibus cedendum sit. Amicos diligere oporteat, in mulieres seruare modestiam, caros habere liberos, minime seruire cum seruis et – quod maximum est – in prosperis fortunae successibus laetitia non effundi, nec in aduersis casibus tristitia deprimi, nec omnino uoluptatibus esse deditos, nec ita per iracundiam affici, ut beluarum animos induamus».

Como se vê, à parte umas ligeiras alterações, o latim é o mesmo. Mas há mais: quem fez esta tradução, omitiu três expressões do texto grego: πῶς θεοίς, πῶς νόμοις, πῶς τέκνοις.

Ora a falta destas, em Hilário Moreira, é a prova mais evidente do que acabamos de afirmar.

7 - Cícero, *Pro Archia*, 74: «Haec studia secundas res ornant, aduersis perfrugium ac solacium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur».

No passo de Cícero, Hilário Moreira inseriu «otio amoenissimo».

8 - Cfr. Cícero, *De Senect.*, 14, 49: «At illa, quanti sunt, animum tanquam emeritis stipendiis libidinis, ambitionis, contentionis, inimicitiarum, cupiditatum omnium, secum esse secumque, ut dicitur, uiuere».

Hilário Moreira retirou «libidinis» e «uoluptatum» e acrescentou «inimicitiarum».

9 - Passo com origem em Diógenes Laércio, *De uitis et moribus Philosophorum*, Proémio, 35 e ss. Mas, também aqui Hilário Moreira se valeu duma tradução latina, decerto da de Valentim Curião, que é de 1524. Vejamos: «Philosophiam uero Pythagoras primus appellauit seque philosophum ... Antea enim σοφία, hoc est, sapientia dicta, quae nunc philosophia dicitur. Et qui hanc profitebantur σοφοί, hoc est, sapientes appellati, ... Auctore Pytagora, philosophos, hoc est, sapientiae studiosos appellamus ... Appellatumque est id philosophiae genus Ionicum, quod Tales ex Ionia fuerit. Milesius enim cum esset, Anaximandrum instituit. Hoc autem Italicum, quod illius auctor, Pythagoras, in Italia ut plurimum philosophatus sit.»

Fala em seguida o tradutor das várias *sectae* entre as quais os *Academici*, *peripatetici* e *stoici*, a que junta os nomes dos respectivos fundadores. O confronto destes dois textos mostra-nos que o tradutor omite urna frase na tradução e traduz a anterior de um modo bastante livre. Ora esta tradução foi também aproveitada por Hilário Moreira que, no entanto, lhe deu um ligeiro arranjo, como aliás acontece para todo o texto de Diógenes Laércio². Cícero também chama a filosofia *studium sapientiae*. Cfr., p. ex., *De Off.*, 2, 2, 5.

² Em virtude do que fica dito, para o futuro continuaremos a citar Diógenes Laércio na versão latina.

10 - Reminiscência de Apuleio, *Met.*, 10: «Apud legiferos Athenienses catos illos et omnis scientiae magistros».

11 - Reminiscência de Cícero, *Pro Archia*, 8, 18: «Poetam ... diuino quodam spiritu afflari».

12 - Não encontramos em Platão o passo que Hilário Moreira apresenta à maneira de citação, mas uma passagem idêntica, que deve ter sido a inspiradora desta, *Timeu*, 47 b: «Ἐξ ὧν ἐπορισάμεθα φιλοσοφίας γένος, οὗ μείζον ἀγαθὸν οὔτ' ἦλθεν, οὔτε ἦξει ποτὲ τῷ θνητῷ γένει δωρηθὲν ἐκ θεῶν.»

Além de ter feito a tradução deste passo no *Timeu*, 19, Cícero ainda se lhe refere nas *Tusculanas*, 1, 26, 64: «Philosophia uero, omnium mater artium, quid est aliud nisi, ut Plato, donum, ut ego, inuentum Deorum?»

O mesmo pensamento aparece em Simplício, *Commentarii in Enchirid.*, 22, 34: «Τὸ γὰρ μέγιστον τῶν ἐκ θεῶν δωρηθέντων ἀνθρώποις φιλοσοφία ἐστίν.»

13 - Divisão apresentada por Sêneca, *Epistola* 95-10: «Philosophia autem et contemplatiua est et actiua; spectat simul agitque.»

14 - Célio, *Antiquarum lectionum libri*, 42, 9: «Ego uero, qui ex Platone didicisse uideor, philosophi officium esse diuina tenere, humana gubernare; prius enim diuinam, id est, absolutam ipsius boni naturam per sapientiae claritatem contemplatur; deinde ad id bonum, uelut ad finem, humanas operationes dirigens, humana dispensat.»

15 - Cfr. Platão, *De Republica*, 5, 473d, que contém o mesmo pensamento mais desenvolvido.

16 - Cícero, *De Off.*, 1, 4, 12: «Hominis est propria ueri inquisitio atque inuestigatio». Idem, *De Off.*, 1, 5, 15: «[...] ex singulis certa officiorum genera nascuntur, uelut ex ea parte quae prima descripta est, in qua sapientiam et prudentiam ponimus, id est, indagatio atque inuentio ueri».

17 - Reminiscência de Sêneca, *De Breuit. uitae*, 10-1: «Solebat dicere [Fabianus] non ex his cathedrariis philosophis, sed ex ueris et antiquis [...]. Porém a fonte de Hilário Moreira, para este passo e para o anterior, foi a obra já citada de Célio, 16, 8: «Sed redeo ad philosophiam, cuius praecipuum munus est indagatio atque inuentio ueritatis. Huius rei amore ac studio, philosophi nomen inuentum est. Cuius ubique Plato studiosus atque audius indagator fuit. Huius limites seruauit, ut debuit, cum de rebus diuinis humanisque dissereret [...] Idem Plato sapientis esse negauit eas artes quae plerumque uitae inseruiunt. Siue illae necessariae, siue utiles, siue elegantes, siue ludicrae, siue auxiliares sint. Propriam uero philosophi, non cathedrarii, sed ueri et antiqui». Cfr. Platão, *República*, 591c.

18 - Alusão ao cosmopolitismo propugnado pelos estóicos e de que há amostras em Cícero, *De legibus*, 1, 22, 58, Sêneca, *De Tranquillitate Animi*, 3, 9 e Vitruvius, *De Architectura*.

Todavia este pensamento e os que se lhe seguem são tirados de Célio, que também já bebeu em Cícero, *op. cit.*: 4-3: «Haec est uirtus ea quae, ut Theophrastus inquit, nos in alienis locis prohibet uideri peregrinos uel necessariis amissis, amicorum inopes. Sed quamcumque adierimus ciuitatem, ea nos amplissime donat. Haec adeo uitae dux est, ac uitiorum expultrix, sicut a M. Tulio proditum nouimus. Vt si hanc, uel ex conuiuuiis exigendam censeas, amplius longe peccaris, quam si lucernam restinxeris [...] Suo nomine praesignes multi in una hac, quasi tabernaculum, uitae suae collocarunt, ueluti plane sit benefactorum omnium mater ac benedictorum».

O passo de Cícero que aqui se refere é das *Tusc. Disput.*, 5, 2, 5. Mas há outro ainda: *De Orat.*, 3, 20: «Nec tamen istis, qui in una philosophia, quasi tabernaculum uitae suae collocarunt, multum sane in disputatione concedimus».

Transcrevemos também o passo de Vitruvius alusivo ao cosmopolitismo dos filósofos, por ter sido talvez a fonte de Célio: «Theophrastus ita ponit: doctum et omnibus solum neque in alienis locis peregrinum neque, amissis familiaribus et necessariis, inopem amicorum, sed in omni ciuitate esse ciuem».

Em Teofrasto, porém, nada encontramos. Deverá tratar-se de um passo de qualquer obra perdida.

19 - Reminiscência de Diógenes Laércio, in *op. cit.*, 5, 1, 11: «Aristoteles [...] eruditionem optimum esse dicebat uiaticum senectutis».

20 - de olhar voltado para o céu.

21 - que tem discernimento das coisas celestes.

22 - guia de estrangeiros.

23 - guia das almas.

24 - Reminiscência de Virgílio, *Geórgicas*, 4, 6: «In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem / Numina laeua sinunt auditque uocatus Appolo».

25 - Cfr. Virgílio, *Ecloga* 9, 43: «Huc ades, insani feriant, sine, litora fluctus».

26 - Sobre a origem das letras, uns dizem que Cadmo as trouxe da Fenícia para Tebas: Plínio, *Historia Nat.* 7, 56-57, Tácito, *Annales*, 11,14, Clemente de Alex., *Stromata*, 1, 16, Aristóteles, *De inuentis*, frag. 256, *Dion Miliesius*, frag. 1. Há quem afirme que foram trazidas do Egipto por Cécrops: Hygin. *Fab.*, 277. Outros ainda dizem que, antes das letras cadmeias, havia já as letras pelasgas. Em lado algum, porém, vimos que Cadmo as encontrasse na Grécia, como afirma o nosso autor.

27 - Expressão ciceroniana. Cfr. *Fam.* 3, 10 (Ad Ap. Claudium, 146): «Cum esset ad nos adlatum de temeritate eorum qui tibi negotium facessero [...]».

28 - Cfr. Séneca, *Epist.*, 49, 5: «Nec ego nego prospicienda ista, sed prospicienda tantum et a limine salutando». Este pensamento devia ter-se vulgarizado, pois

encontrámo-lo também no prefácio de João de Montolónio ao seu *Promptuarium*: «Etenim neque ipsas diuini reconditorii sententias a solo limine seu frontispicio salutauí.»

29 - *Momos*. Cícero usa esta expressão na carta 13, 19, 3, a Ático, ao falar dos interlocutores dos *Academici*.

30 - Reminiscência de Quintiliano, *De Instit. Orat.*, 10, 6, 2: «Cogitatio. – uerba copulat totamque ita contexit orationem [...]».

31 - Reminiscência de Cícero, *Brutus*, 31, 118: «Stoici architecti paene uerborum».

32 - Quintiliano, *De Instit. Orat.*, 1, 4, 5: «[Grammatica] necessaria pueris, iocunda senibus, dulcis secretorum comes, et quae uel sola, omni genere studiorum, plus habeat operis quam ostentationis».

Cataldo, na sua oração de sapiência, apresenta também este mesmo pensamento, ao falar precisamente da Gramática.

33 - Célio, *op. cit.*, 13, 42: «Philosophiam tres continere partes non fere est qui nesciat: Dialecticem, quam disputatricem nonnulli, latino interpretamento, dixerunt, Logicem alii».

34 - Segundo Platão, a Dialéctica exige o conhecimento das ciências, razão por que só tarde se pode adquirir plenamente. Ver *República*, 539 d e 540 a.

35 - Cícero, *De Orat.*, 1, 42, 188: «Adhibita est igitur ars quadam extrinsecus ex alio genere quodam, quod sibi totum philosophi assumunt, quae rem dissolutam, diuulsamque conglutinaret et ratione quadam constringeret».

36 - Santo Agostinho, *De ciuit. Dei*, 8, 10, 2: «Nec si litteras eorum [paganorum] Christianus ignorans, uerbis quae non didicit in disputatione non utitur, ut uel naturalem Latine uel physicam Graece appellet eam partem in qua de inquisitione naturae tractatur, et rationalem siue logicam in qua quaeritur quonam modo ueritas percipi possit.»

37 - Cfr. *Génesis*, 2, 11: «Nomen uni Phison. Hoc est quod circuit totam terram Heuilah, ubi est aurum».

38 - *Eccli.*, 43, 12: «Vide arcum et benedic eum qui fecit illum; ualde speciosus est in splendore suo».

39 - Cfr. *Eccli.*, 50, 6: «Quasi arcus refulgens inter nebulas gloriae».

40 - Santo Agostinho, no *De Doctr. Christ.*, 3, 30, ao falar das teorias de Ticónio, diz: «[...] quasdam septem regulas exsecutus est, quibus quasi clauibus diuinarum Scripturarum aperientur occulta». E mais adiante; 4, 11: «Quid enim potest clauis

aurea, si aperire quod uolumus non potest? an quid obest lignea, si hoc potest? quando nihil quaerimus nisi patere quod clausum est.»

O pensamento, tal e qual o nosso autor o apresenta, não o encontramos.

41 - Cf. Cícero, *De Orat.*, 1, 42, 188 e ss, 12, 54 e ss, 3, 15, 57 e ss, 21, 72 e ss.

42 - Aulo Gélío in *Noctes Atticae*, 16, 9, falando do gosto sempre crescente que a dialéctica dá aos que a estudam, diz: «Sequitur quaedam dicendi uoluptas insatiabilis, cui sane, si modum non feceris, periculum non mediocre erit ne, ut plerique alii, tu quoque in illis dialecticae gyris atque Maeandris, tanquam apud Sirenios scopulos consenescas».

Este mesmo pensamento foi aproveitado por Célío, de quem Hilário Moreira o tirou. Diz assim Célío: «In cuius [logicae] non est consenesendum gyris atque Maeandris tanquam apud Sirenios scopulos».

43 - Cícero, *Orator*, 32, 113: «Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam solum faculta tem habere quae sit eius propria, fuse lateque dicendi, sed etiam uicinatum eius atque finitimarum dialecticorum scientiam assumere».

Hilário Moreira, no entanto, tirou de Cataldo este pensamento e os que se lhe seguem: «Eamque [dialecticam] dixit Cicero uicinam esse ac finitimam eloquentiae scientiam. Vnde Zeno ille, a quo disciplina stoicorum est, manu demonstrare solebat quid inter has artes interesset. Nam cum compresserat digitos pugnumque fecerat eiusmodi dialecticam esse aiebat. Cum autem pugnum diduxerat et manum dilatauerat palmae illius, similem eloquentiam esse dicebat».

Cataldo transcreve Cícero, sem a mais pequena alteração, ao contrário do nosso autor, que simplificou muito a última frase.

Cícero refere-se ainda à imagem apresentada por Zenão no *De Finibus*, 2, 6, 15: «Rhetoricam palmae, dialecticam pugno similem esse dicebat Zeno».

Cfr. também Sexto Empírico in *Aduersus Mathem.*, 2, 7.

44 - Cícero, *Paradoxos*, 1, 16: «Nihil est tam incredibile quod non dicendo fiat probabile; nihil tam horridum, tam incultum, quod non splendescat oratione et tanquam excolatur».

45 - Cataldo, *Oração de Sapiência*:

«Oratoria uero facultas, suis cumulata dotibus, non nisi in bonis uiris esse potest; ea est quae gloriosos homines extollat, effrenatis moderetur, innocentes absoluat, segnes ac timidos erigat et ad omnia ardua cuiusuis animum promptissimum conuertat. Quae res Demosthenis exemplo facilis est confirmatu; quippe solus ipse Athenienses in Philipum, Macedonum regem, quamuis in se concitos, irritauit. Hic, per omnem Graeciam legatus, cunctas fere Graecas ciuitates in Philipum dicendo commouit. Et, ne plura de Graecis loquar: quantam in Cicerone dicendi uis emicuit? In causa enim Ligarii, quae apud Caesarem dictatorem agebatur, fertur Caesar eo animo fuisse, ut omnino Ligarius esset condemnandus et cum uenisset defensurus Cicero, dixit Caesar amicis reum quidem damnare certissimum est, audire tamen Ciceronem nihil prohibet.

Sed pulchrum est nunc referre quid, illo deinde agente, contigerit.

Incipit iam Cícero tunc dicere: audiebat Ciceronem Caesar, sed nihil adhuc exordio illo mouebatur; at, ubi Cicero aliquanto uehementius in dicendo incaluit, adeo Caesar ui illa dicendi commotus est, ut statim condemnandi propositum mutaret, totoque excusso corpore, libellos quos manu tenebat, prae indignatione eliceret et reum, Ciceronis oratione coactus, eo momento liberaret. Quid pro Lucio Flacco? quid pro Murena? nonne eos, uario crimine accusatos atque multorum testimoniis conuictos ac propterea iamiam mulctandos, ipse Cicero dicendo liberauit?»

Como já fica dito, Hilário Moreira altera, por vezes, a linguagem dos autores de que se serve. Atente-se neste texto e no do nosso autor e veja-se como foi feliz a substituição de *contigerit* por *acciderit*, de *coactus* por *persuasus* e a supressão de *illo agente* e *tunc dicere*, sem que com isso o sentido da frase ficasse menos claro. Repare-se também na nova ordem por que dispõe as três causas em que Cícero interveio, deixando para o fim aquela a que dá mais realce. Sobre a acção de Demóstenes, aqui descrita, poderão ver-se: *Diodoro Sículo*, 16, 74. ss; Plutarco, *Phoc.*, 14 ss; *Justino*, 9. Quanto a Cícero, ver: *Pro Ligario*, *Pro L. Flacco*, *Pro Murena*.

46 - Cfr. *Brutus*, 390, 144-146: «In explicanda aequitate nihil erat Crasso copiosius, idque cum saepe alias, tum apud centumuiros in M. Curii causa cognitum est. Ita enim multa contra scriptum pro aequo et bono dixit, ut hominem acutissimum, Q. Scaeuolam, et in iure, in quo illa causa uertebatur, paratissimum, obuaret argumentorum exemplorumque copia».

Talvez não seja descabido, para melhor compreensão do texto, recordar aqui resumidamente a história deste processo.

M. Cúrio tinha sido nomeado segundo herdeiro de M. Copónio, se o filho que este esperava vir a ter, morresse antes de atingir a maioridade. O filho porém não chegou a nascer. E como este caso não foi previsto pelo testador, surgiu daí uma questão entre Cúrio e a família de Copónio, questão esta que foi levada ao tribunal. Cévola defende a interpretação literal (*pro scripto*), advogando a entrega da herança à família de testador, visto que Cúrio devia herdar não de pai, mas do filho. Licínio Crasso, por seu lado, afirma ser clara a intenção do testador de que as suas riquezas fossem possuídas por um filho ou, na falta deste, por Cúrio.

Era a justiça natural em jogo (*pro aequo et bono*). A sentença foi favorável a Crasso.

Outras alusões a este processo: *Brutus*, 50, 194-199, *De Orat.*, 2, 6, 24; 2, 32, 40 e 41, 1, 39, 180.

47 - Célio, *op. cit.*, 16, 8: «Credamus igitur maximis oratoribus philosophum ab oratore non seiungi. Nam uetus quidem doctrina, ut Cicero docuit De Oratore tertio, eadem uidetur et recte faciendi et bene dicendi magistra; neque disiuncti doctores, sed iidem erant uiuendi praeceptores atque dicendi, ut ille apud Homerum Phoenix».

Todo este passe foi tirado de *De Oratore*, 3, 15, 57.

48 - Célio, *op. cit.*, 13, 42: «[Philosophia], distribuitur in mathematicam, physicam, theologiam, in quibus ueritatis speculatio, quasi quibusdam gradibus, ad summum conscendere deprehenditur.»

Hilário Moreira transfere esta ideia só para as matemáticas.

49 - Célio, *op. cit.*, 4, 30: «[...] Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa uel gradus quibus conscendantur altiora, [...] Ceterum initio geometria praecipue et arithmetica in mathematicarum album a Pythagora sunt aduocatae, quod, ad omnem scientiam omnemque disciplinam, has cum primis accomodas perspexisset [...] Sed etiam mathematica speculatio ad cogitationis acumen a Platone suscepta est, quia surrigat animum et ad rerum diuinarum intuitum aciem mentis exacuat. Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia, mathesin expetere perrexerimus, munis nostra indagatio recasura in nihilum est nudior leberide et cinclo pauperior [...].

Nam mathematicas speculationes uelut praeludium quoddam ad diuinorum perpensionem statuere conuenit. Verum geometriae adest hoc imprimis quae initium est et tanquam ceterarum metropolis».

Depois de ter feito uma arrumação diferente dos pensamentos que transcreve, substitui ainda *surrigat* por *erigat* e, aproveitando apenas da última frase a expressão *ceterarum metropolis*, Hilário Moreira insere, ao meio desta transcrição, uma referência a Platão e ao valor que este dava às matemáticas, como base da filosofia.

Esta doutrina é exposta na *República* 521c - 532. Dentro do mesmo pensamento, há também uma referência à célebre inscrição que, segundo Filóponos in *Comment. in Aristot.*, 117, 26 e Elian., in *Cat.* 1, 18, 18, se encontrava à entrada da Academia de Platão: 'Ἀγεωμέτρητος μηδεὶς εἰσίστω.

Quanto à citação atribuída a Alcínoo, somos levados a pensar que nem Hilário Moreira nem Célio a teriam interpretado convenientemente, atendendo a que usam de maiúsculas o primeiro para *cinculus* e o segundo para *cinculus* e *leberis*. Ora, se não estamos perante gralhas tipográficas, aqui não há lugar algum para maiúscula. Trata-se dum provérbio grego citado por Menandro frag. 191:

...καὶ ἡ πτωχότερος κίγκλου παροιμία, ἧ κέχρηται Μένανδρος Θαΐδι Zenob. Ath 1.54: πτωχότερος λεβήριδος ἢ κινδάλου κιχάλου.

O pensamento de Menandro é apresentado por *Fócio* e *Suidas*, que acrescentam: κίγκλος ὄρνειον τὴν ὀσφίν πολλὰ κινούῃν, οἵτινες σεισοπυγίδα καλοῦσι· ἔστι δὲ σφόδρα λεπτόν.

Também se lhe refere *Eliano*, 12.9. Este autor apresenta ainda mais dois pensamentos, um de Aristófanes, outro de Autócrates, alusivos à grande mobilidade da cauda do fundujo, o segundo dos quais é realmente belo.

50 - Célio, *op. cit.*, 13, 42: «Physice uero scrutatur inuisibiles rerum uisibilium causas».

51 - Cfr. Temístio, *Auscultatio Physica*, 1: «Ceterum naturalium rerum scientia [...] non solum perficit illam partem animae nobis associatam atque complicitam [...] sed etiam reliquis uiribus et potestatibus animae plurimum affert et utilitatis et ornamentis».

52 - Estamos certo de que a citação de Galeno foi tirada do *De sanitate tuenda*, 4, 15-30, onde se lê: «Statim enim de morborum symptomatis [sic], de quibus hoc libro disserere statui, non leuis quaestio oritur ea ne ad ualitudinis tuendae artem spectent, an ad eam quae medendi rationem praescribat, an harum neutrarum, sed tertiam quamdam, quam nonnulli mediam statuunt neutramque appellant [...] de neutris» [...].

É este o pensamento que Hilário Moreira desenvolve, embora de outra forma, claro. Estamos mesmo em dizer que Galeno não daria uma definição de medicina, como a que apresenta o nosso autor. Para ele, se bem compreendemos o seu pensamento, tal definição apenas abrangia o que hoje chamaríamos o aspecto profilático e não os outros.

A edição que consultámos é de 1551 e pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz.

53 - Cfr. Cícero, *Ad Fam.*, 14, 7: «[...] Statim ita sum leuatus ut deus mihi aliquis medicinam fecisse uideatur».

Terá sido aqui que Hilário Moreira se inspirou?

54 - Hipócrates, *Liber de decenti habitu*, 3: «Medicus enim philosophus est deo similis. Etenim scientia de diis uel maxime animo ipsius implexa est».

55 - Célio, *op. cit.*, 13-42: «[...] Ethicen, quam Cicero primus moralem uidetur dixisse; ea uiuendi modum praescribat».

Cfr. Cícero, *De Fato*, 1: «Quia pertinent ad mores quos ἥθη Graeci uocant, nos eam partem philosophiae de moribus appellare solemus. Sed decet, augentem linguam Latinam, nominare moralem».

56 - Conhece-te a ti mesmo. Célebre máxima encontrada no templo de Delfos e de que Sócrates fez um dos eixos da sua filosofia. Platão, *Cármides* 164d-165a, interpreta-a como uma saudação de Apolo aos visitantes. Estaria em vez de χαῖρε, que seria menos digna na boca do Deus³.

57 - Cfr. Q. Cúrcio, 6, 10, 2: «Inter optimam conscientiam et iniquissimam fortunam destitutus, ignoro quomodo et animo meo et tempori paream».

58 - Cícero, *De Orat.*, 1, 43, 14: «Docemur [...] domitas habere libidines, coercere omnes cupiditates, nostra tueri, ab alienis mentes, oculos, manus abstinere».

Fremant omnes, licet, dicam quod sentio: Bibliothecas mehercule, omnium philosophorum unus mihi uidetur XII tabularum libellus, si quis legum fontes et capita uiderit, et auctoritatis pondere et utilitatis ubertate superare».

59 - Cataldo, *Oração de sapiência*: «Quis enim tanta esset seueritate quod non miris laudibus leges ipsas extolleret? quae, etsi e mediis philosophiae uisceribus effluerint, ita tamen ad commoditatem generis humani excultae atque ordinatae sunt, ut non aliter quam secundum earum praecepta esse nobis uiuendum censeamus».

60 - para lá do que lhe cabe.

61 - Reminiscência de Cícero, *Verr.*, 7, 15, 29: «Repagula iuris, pudoris et officii perfringere».

³ Cfr. Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade*, Coimbra, 71998, p. 400.

62 - Pagou tudo junto. *Odis.* 1, 42 e 43: «Assim falou Hermes. Mas nada pôde dobrar os sentimentos de Egisto. Agora pagou tudo de um só golpe».

63 - Cataldo, *Oração de sapiência*: «Denique tanta sunt seueritate ipsae leges, ut ne iis quidem qui eas condiderunt, si flagitiose uixissent, ullo unquam pacto pepercissent.

Magistratus quoque, in imperio iurisdictioneque aliqua constituti, si in reddendo iure male se gesserint, nulla saepe habita differentia, non leuiter puniuntur. Vt inde ceteri omnes, qui futuri sunt magistratus, recta lance, quid aequum, quidue bonum sit administrent. Vnde ad hoc illud L. Manlii Torquati in Decii Sylani iudicium adduci potest, nam, cum apud patrem, de Decio Sylano filio, Macedones prouinciales quererentur quod eis contra ius pecunias extorserat, cognita prius causa, et domo sua et patria protinus eum priuauit. Inde filius, ob tam grauem patris sententiam, laqueo se suspendit.

Adde etiam L. Bruti memorabile facinus, qui cum in consulatu curare de reuocandis in urbem regibus liberos suos etiam in culpa comperisset, eos in forum adduxit et media contione, uirgis caesos, securi percuti iussit [...] Illud uero memorandum magis est quod, nisi in ueteribus historiis esset traditum, nonnullis fortasse incredibile uideretur: Selleucus Locrensis, ut suis pareret legibus, ciuium precibus aliqua ex parte uolens satisfacere petentium ut filio suo, pro commisso adulterio condemnando, parceret, uoluit prius suum, deinde filii oculum tollere. Talis enim erat legis poena, ut utrumque oculum adulter perderet».

Termina com o pensamento de Cícero que citamos na nota 58.

64 - Hilário Moreira altera a ordem destas frases e mete de permeio, procurando adaptá-lo à morte de Décio Silano, um pensamento da *Odisseia*, 1, 46-47⁴:

Aquele, ei-lo que jaz com semelhante morte:

Assim pereça também quem é capaz de fazer tal coisa!

65 - Demóstenes, *In Aristogitonem orat.*, 1, 16:

... καὶ τοῦτ' ἔστι νόμος, ᾧ πάντας πείθεσσαι προσέκει διὰ πολλὰ, καὶ μάλιστα ὅτι πᾶς ἐστὶ νόμος εὐρημα μὲν καὶ δῶρον θεῶν, δόγμα δ' ἀνθρώπων θρονίμων, ἐπανόρθωμα δὲ τῶν κουσίων καὶ ἀκουσίων ἀμαρτήτων, πόλεως δὲ συνθήκη κοινή, κάθ' ἣν πᾶσι προσήκει ζῆν τοῖς ἐν τῇ πόλει.

Hilário Moreira não traduziu directamente do grego, mas aproveitou a tradução de qualquer texto jurídico do tempo. Não nos repugna que a fosse buscar ao *Liber Primus Institutionum* de Marciano, onde se lê: «Nam et Demosthenes orator sic definit: Lex est cui omnes obtemperare conuenit, tum ob alia multa, tum maxime eo quod omnis lex inuentum ac munus dei est, decretum uero prudentum hominum, coercitio eorum quae sponte uel ignorantia delinquuntur, comunis sponsio ciuitatis ad cuius praescriptum omnes, qui in ea republica sunt, uitam instituere debent».

O mesmo pensamento, embora mais resumido, se encontra no *Liber primus definitionum* de Papiniano.

⁴ Este passo foi identificado pelo Sr. Doutor Walter de Sousa Medeiros.

Que o nosso autor não tenha visto o original grego, prova-o a substituição que fez de algumas palavras, o que não faria se tivesse o texto diante. Destacamos a substituição de *prudendum* por *sapientum* (sic) - tradução de φρονίμων.

Para nós, Hilário Moreira aproveitou-se do autor atrás citado e ainda de Célio, que também faz esta citação. Cfr. *op. cit.*, 10, 19: «At Demosthenes, lex, inquit, est cui omnes homines decet oboedire, praesertim quia lex omnis est inuentio quaedam et donum Dei ac sapientum dogma, ciuitatis compositio.»

66 - Cfr. Célio, *op. cit.*, 10, 19: «Iinc veteres legum latores eam [legem] inuentionem diuini numinis arbitrati, in diuersorum numinum uim referre adorti sunt, ueluti Zoroaster Bactrianis Persisque leges tradens in Oromasin, Trimegistus Aegyptiis in Mercurium, Charondas Carthaginiensibus in Saturnum.

Draco et Solon Atheniensibus in Mineruam, Maumeth Arabibus in Gabrielem, Salmoxis Scytis in Vestam [...] Legem esse omnium diuinarum humanarumque rerum notitiam statuit Chrysippus.»

67 - Ulpiano, *Iuris enucleati libri*, 1, 3: «Quod principi placuit legis habet uigorem». Trata-se dum princípio jurídico, que aparece aliás em muitos autores.

68 - A tradução deste passo, talvez incompleto, foi-nos sugerida, quase toda, pelo Sr. Doutor Américo da Costa Ramalho, a quem devemos também a sugestão da consulta da oração de Cataldo.

69 - Aristóteles, *Aethica*, 2, 1, 5: «Οἱ γὰρ νομοθέται τοὺς πολίτας' ἐθίζοντες ποιοῦσι ἀγαθοὺς»

70 - Reminiscência de Cataldo, *op. cit.*: «Adde etiam ius Pontificium ex quo non facile dictu sit quantas humanum genus commoditates suscipiat; non modo utilitatem publicam, sed animae ipsius salutem ante omnia spectat.»

71 - Cataldo fala das leis a favor do clero, dizendo que o direito pontifício «optimum uiuendi modum clericis ceterisque religiosis imposuerit».

Fala depois das leis contra os hereges, das leis a favor do matrimónio e da brandura das penas eclesiásticas. Acerca destas diz:

72 - Et quam mitissime disposuerit poenas, quibus mali prauisque afficiendi sunt, sacratissimae censurae id plane ostendunt».

73 - S. Paulo, *ad Rom.*, 7, 12: «Itaque lex [mosaica] quidem sancta et mandatum sancturn et iustum et bonum».

74 - *Salmo 18*, 8: «Lex Domini immaculata conuertens animas».

75 - *Job*, 6, 30: «Et non inuenietis in lingua mea iniquitatem, nec in faucibus meis stultitia personabit».

76 - Esta expressão, tal e qual, não se encontra em S. Paulo, embora corresponda exactamente ao pensamento católico, de que ele foi o principal transmissor. Ler, por ex., a *Epístola aos Hebreus*.

77 - S. Jerónimo, *Epístola 60*, 1 [Ad Heliodorum]: «[...] Grandes materias ingenia parua non sustinent et in ipso conatu ultra uires ausa, succumbunt; quantoque maius fuerit quod dicendum est, tanto magis obruitur qui magnitudinem rei uerbis non potest explicare.»

78 - Reminiscência de S. Paulo, *Ad Ephesios*, 4, 11-15: «Et ipse [Deus] dedit quosdam quidem Apostolos [...] in aedificationem corporis Christi, donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis Filii Dei in uirum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi.»

79 - S. Jerónimo, *Epístola 53* [ad Paulinum], 8: «Iesus Nave, tyfum Domini, [...] confinia Ecclesiae, Caelestique Hierusalem spiritualia regna describit».

80 - Pensamento paulino. Quem não foi hóspede em S. Paulo, sabe como o Apóstolo, nas suas epístolas, realça a sabedoria divina, contrapondo-a até à ciência humana.

81 - Cfr. Virgílio, *Eneida*, 6, 724-728:

Principio caelum ac terras camposque liquentes
Lucentemque globum lunae, Titaniaque astra
Spiritus intus alit, totamque infusa per artus
Mens agitat molem et magno se corpore miscet.»

82 - S. Jerónimo *Epístola 53* ⁵ [Ad Paulinum], 7: «Taceo de mei similibus qui, si forte ad Scripturas Sanctas, post saeculares litteras, uenerint et sermone composito aurem populi mulserint, quicquid dixerint, hoc legem Dei putant, nec scire dignantur quid Prophetarum, quid Apostolorum censerint, sed ad sensum suum incongrua aptant testimonia, quasi grande sit et non uitiosissimum dicendi genus deprauare sententias et ad uoluntatem suam Scripturam trahere repugnantem, quasi non legerimus Homero centonas et Vergilio centonas, ac non sic Maronem sine Christo possumus dicere Christianum quia scripserit: “Iam redit et uirgo redeunt Saturnia regna, iam noua progenies caelo demittitur alto”.

Et Patrem loquentem ad Filium: “Nate, meae uires, mea magna potentia solus”. Et post uerba Saluatoris in cruce: “Talia perstabat memorans fixusque manebat”. Puerilia sunt haec circulatorum ludo similia.»

Esta transcrição dá-nos um belo exemplo do que já para trás se disse sobre o aproveitamento de certas frases mais raras, enquadrando-as nouo contexto.

⁵ Para mais facilidade de consulta seguimos aqui a numeração que esta epístola tem na colecção «Les Belles Lettres».

Repare-se no lugar que passam a ter as frases «Sermone composito aurem populi mulserit» e «quid Prophetæ, quid Apostoli censerint.»

As três citações aqui apresentadas são de Virgílio, respectivamente *Bucólica* 4, 6-7; *Eneida*, 1, 664 e 2, 650.

Pelo que diz respeito à primeira, talvez não seja ocioso dizer que, por sugestão da Senhora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, visitámos Universidade de Évora e ali encontrámos, entre vários azulejos de meados do séc. XVIII alusivos à obra de Virgílio, um ligado directamente com a 4ª bucólica. Lá aparece Virgílio coroadado de louros, ao lado Polião, e, entre os dois num berço, Salonino. Perto vêem-se duas galeras que regressam do mar e se afundam porque, na idade de ouro, «nec nautica pinus / mutabit merces».

E ficamos a saber que, já então, Salonino era o candidato da «nova progenies», em que muitos quiseram ver Cristo, filho da Virgem⁶.

Quanto à segunda citação, transpõem-se as palavras de Vénus a seu filho, para a boca do Pai Eterno que, por sua vez, as dirigiria ao Verbo.

Da terceira, alusiva à atitude de Anquises que não queria deixar Tróia, far-se-ia uma transposição para Cristo pregado na cruz.

83 - *Luc.* 9, 35: «Hic est Filius meus dilectus; ipsum audite.»

84 - Reminiscência de *S. João*, 14, 26: «Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo; ille uos docebit omnia.»

85 - Reminiscência de *S. Paulo*, *Ad Colos.* 1, 9-15: «Ideo et nos [...] non cessamus pro uobis orantes et postulantes [...] gratias agentes Deo Patri [...] qui eripuit nos de potestate tenebrarum et transtulit in regnum Filii dilectionis suae.»

86 - *S. Paulo*, *Ad Cor.* 2, 12, 2-5: «Scio hominem in Christo ante annos quattuordecim siue in corpore nescio, siue extra corpus nescio, Deus scit, raptum huiusmodi usque ad tertium caelum [...] et audiuit arcana uerba quae non licet homini loqui.»

87 - Pensamos tratar-se duma reminiscência do seguinte passo de *S. Jerónimo*, *Sermo* 69: «Promittitur nobis conspectus Dei, ueri Dei, summi Dei. Hoc enim bonum est uidentem uidere. Nam qui colunt falsos deos, facile eos uident, sed eos uident qui oculos habent et non uident. Nobis autem promittitur uisio Dei uiuentis et uidentis.»

88 - *S. Jerónimo*, *op. cit.*, 4: «Hoc doctus Plato nesciuit, hoc Demosthenes eloquens ignorauit.»

Hilário Moreira interrompe aqui o pensamento de *S. Jerónimo*, para fazer uma citação da Escritura.

⁶ Poderá ver-se ainda “O humanismo da Universidade de Évora”, pelo Cónego José Filipe Mendeiros, in *A Cidade de Évora*, Janeiro-Dezembro, 1959.

89 - *Matt.* 10, 28: «Confiteor tibi, Pater, Domine caeli et terrae qui abscondisti haec a sapientibus et prudentibus et reuelasti ea paruulis.»

90 - S. Jerónimo, *op. cit.*, 4: «Tamen, Paulus sapientiam loquitur inter perfectos. Sapientiam autem non saeculi huius, nec principum quae destruitur, sed loquitur Dei sapientiam in mysterio absconditam, quam praedestinavit ante saecula.»

E muito mais abaixo, 8: «Salomon pacificus et amabilis, Domini mores corrigit, naturam docet, ecclesiam iungit et Christum sanctarumque nuptiarum dulce canit epithalamium.»

A citação de S. Paulo é da *1ª Epístola aos Coríntios*, 2, 6-8, onde se lê: «Sapientiam autem loquimur inter perfectos, sapientiam uero non huius saeculi, neque principum huius saeculi qui destruuntur, sed loquimur Dei sapientiam, in mysterio quae abscondita est, quam praedestinavit ante saecula.»

91 - Para melhor compreensão deste passo, recordamos a lenda de Adónis.

Era filho de Ciniras, rei de Chipre, que o teve de sua filha Mirra. Foi amado por Afrodite e morto por um javali enquanto caçava, ou, segundo outra versão, por Ares disfarçado em javali e cioso de Afrodite. Esta encerrou-o numa caixa depois de morto, e entregou-o a Prosérfone, que se apaixonou também por ele. Por fim Zeus ressuscitou-o e autorizou-o a viver parte do ano, debaixo da terra com Prosérfone, e outra parte, à luz do dia, com Afrodite.

Outra lenda atribui a sua morte a Apolo, metamorfoseado em javali e desejoso de vingar seu filho Erimanto, que Afrodite cegara por tê-la surpreendido, quando saía do banho em companhia de Adónis.

Segundo Hesíodo, Adónis seria filho de Fenício e Alfesibeu e, segundo Antímaco, de Agenor rei da Fenícia.

É o nume da vegetação. Mais tarde veio a confundir-se com o deus fenício Adon, pela semelhança dos festejos. Havia cortejos solenes em várias cidades gregas em honra de Afrodite e Adónis. Neles se incorporavam mulheres, levando vasos cheios de terra, em que havia trigo a germinar. Eram os jardins de Adónis e simbolizavam a morte deste herói na flor da idade.

Fazem menção dos jardins de Adónis: Platão, *Phaedra*, 276 b; Teócrito, *Idylli*, 15, 112; Teofrasto, *Hist. Plant.*, 6, 7, 3; Ovídio, *Met.*, 725; Amiano Marcelino, 22, 9; S. Jerónimo, *Comentarii in Ezequielem prophetam*, 8.

92 - À versão mais vulgar – Cila e Caríbdis –, Hilário Moreira preferiu esta, que todavia é usada por Catulo, 64, 156, e Ovídio, *Met.* 8, 121, *Am.* 2, 16, 29 e *Pont.*, 4, 14, 9.

93 - Alusão à transformação dos companheiros de Ulisses em porcos, mediante a magia de Circe. Ver *Odisseia*, 10, 136, ss. Referem-se ainda a este episódio Cícero, *In Q. Caecilium*, 17, 57; Virgílio, *Buc.* 8, 71; Tibulo, 2, 4, 55; Juvenal, 15, 19 e ss.

94 - S. Jerónimo *op. cit.*, 9: «Animaduertemus pariter omnia uerba illius [Christi] animae languentis esse medicinam.»

95 - Célio, *op. cit.*, 16, 8: «Neque enim ista significant expetendam esse animae dissolutionem e corpore, antequam praestitutum a Deo tempus aduenerit quod Plato nefas esse dicit⁷, sed debere unumquemque animum ab hac mole corporea et uitii inde scaturientibus surrigere et quantum fieri potest, omni contagione carnis sequestrata, in sola profundissimarum rerum contemplatione uersari. Legat, qui uelit, Aurelii Macrobiani commentationes in Scipionis somnium et bipartitam hanc mortis diuisionem inueniet, ut altera natura accidat, altera ex uirtute proficiscatur.»

Diz assim Macróbio no *Comentário ao Sonho de Cipião*, 13: «Hominis [Plato] duas asserit mortes, quarum una natura, uirtute alteram praestat. Homo enim moritur cum anima corpus relinquit solum lege naturae; mori etiam dicitur eum anima, adhuc in corpore constituta, corporeas illecebras, philosophia docente, contemnit et passiones.

96 - Cfr. S. Paulo, *Ep. ad Philip.*, 1, 23: «Coarctor autem a duobus: desiderium habens dissolui et esse cum Christo.»

97 - Célio, *op. cit.*, 16, 8: «Ad haec pertinent quae scribit Aurelius Augustinus in libro de uera Religione: Platonem, siquidem refert, discipulos suos exortari solitum ut e ueneris uoluptatibus abstinerent persuasissimumque haberent ueritatem non corporeis oculis, aut sensu aliquo, sed sola mentis puritate uideri, ad quam percipiendam nihil magis impedimento esse quam uitam libidinibus deditam, et falsas imagines rerum sensibilibum quae nobis per corpus imprimuntur.»

Veamos agora como diz isto Santo Agostinho: *De Vera Religione*, 1, 3: «Si quis eius [Platonis] discipulus, eo ipso tempore quo uiuebat, eum interrogaret cum sibi ab aliquo persuaderetur non corporis oculis, sed pura mente ueritatem uideri, cur quaecumque anima inhaesisset, eam beatam fieri atque perfectam, ad quam percipiendam nihil magis impedi quam uitam libidinibus deditam et falsas imagines rerum sensibilibum, quae nobis ab hoc sensibili mundo per corpus impressae, uarias opiniones erroneasque generarent [...], responderet, credo, ille non posse hoc ab homine fieri [...]». Cfr. Platão, *Phaedon*, 59; *República*, 590-592.

98 - S. Jerónimo, *op. cit.*, 9: «Cernis me, scripturaram amore raptum, excessisse modum epistulae et tamen non implesse quod uolui.»

99 - Reminiscência de S. Jerónimo, *Epistola 14*, 10: «Expandenda uela sunt uentis et, quaestionum scopulis trasuadatis, epilogi celeuma cantandum est.»

O arranjo deste passo, em que não é difícil descobrir sugestões virgilianas e talvez catulianas, dá-nos a medida das possibilidades artísticas do autor, como pescador de imagens ou frases de efeito.

S. Jerónimo colheu este pensamento de Cícero, *Tusc.* 4, 14, 33, de quem dizia na *Epístola 70 [ad Magnum]*, 2: «Nunquam haec quaereres, si totum te Tullius possideret.»

Diz assim o Arpinate: «Ex quibus [animorum perturbationibus], quoniam, tanquam e scopulis cotibus, enauigauit oratio, reliquae disputationis cursum teneamus.»

⁷ Cfr. *Phaedon*, 62 c.

100 - S. Jerónimo, *Epístola 53 [ad Paulinum]*, 19: «Audiuimus tantum quid nosse, quid cupere debeamus».

101 - Referência a uma afirmação de Aristóteles, citada por Amónio na *Vida de Aristóteles*, 35. Fugindo a uma conspiração que os atenienses contra si tramavam, teria dito: «Οὐκ ἔάσω ὑμᾶς δις εἰς φιλοσοφίαν ἁμαρτεῖν.»

102 - Pensamento tirado de S. Jerónimo, *op. cit.*, 9: «Ceterum Socraticum illud impletur in nobis: “Hoc enim scio tantum quod nescio”».

O mesmo pensamento é apresentado por Diógenes Laércio, *De Vitis*, 2, 5, 15: «Socrates asserebat scire se nihil praeter hoc ipsum quod nihil sciret.»

103 - Não conseguimos localizar este passo. Verificamos mesmo que, sobre a morte de Temístocles, não são unânimes as opiniões dos historiadores. Uns dizem que morreu, depois de ter bebido sangue de boi: Valério Máximo, 5, 6, e Plutarco, *Vidas Paralelas, Temístocles*, 127e-128b. Este acrescenta que tinha só 65 anos. Outros afirmam que morreu em Magnésia, em idade avançada: Cornélio Nepos, *Themistocles*, 10, e Tucídides, 1, 138.

104 - Cfr. Cícero, *De Senect.*, 5, 13: «Est etiam quiete et pure atque eleganter, actae aetatis placida ac lenis senectus, qualem accepimus Platonis qui, uno et octogesimo anno scribens est mortuus, qualem Isocratis, qui eum librum qui Panathenaicus inscribitur, quarto et nonagesimo scripsisse se dicit, uixissetque quinquenium postea.»

105 - Reminiscência de Cícero, *De Senect.*, 1, 3: «Qui [Cato], si eruditius uidebitur disputare quam consuevit ipse in suis libris, attribuito litteris Graecis, quarum constat eum perstudiosum fuisse in senectute.»

106 - Reminiscência de Cícero, *De Senect.*, 6, 2: «Num igitur [...] Pythagoram, Democritum, num Platonem, Xenocratem, num postea Zenonem [...] Cleantem [...] coegit in suis studiis obmutescere senectus?».

107 - Cfr. Diógenes Laércio, *op. cit.*, 7, 5, 40: «Memoriae proditum est ipsum laboriosissimum fuisse, adeo ut, inopia cogente, mercenariam faceret ac noctu quidem in hortis hauriret aquas, interdiu autem opera studiis liberalibus daret, unde et φρεάντλης, hoc est, exauriens puteos appellaretur.»

108 - Célio, *op. cit.*, 4, 3: «Proinde nec ignobilis auctor Vitruuius maximas parentibus gratias se testari scribit, qui illum ingenuae educandum instituendumque censuissent.»

Vitrúvio, *De Architectura*, 6, *praefatio*, exprime-se assim: «Ego maximas infinitasque parentibus ago atque habeo gratias, quod, Atheniensium legem probantes, me arte erudiendum curauerunt, et ea quae non potest esse probata sine litteratura encycloque doctrinarum omnium disciplina.»

109 - Supomos tratar-se duma reminiscência de Plutarco, *De Alexandri Magni fortuna aut uirtute*, 4, 28-33 ss.

110 - Célio, *op. cit.*, 9, 42: «Seneca porro ad philosophiam confugiendum monet, quod eiusmodi litterae non apud bonos modo, sed et apud mediocriter malos infularum loco sunt. Scitum quoque Lusciani illud, uelut ex oraculo euulgatum, philosophicis mysteriis non initiatos [...] in tenebris saltare.»

O pensamento de Séneca encontra-se em *Ep.*, 2, 14, 11: «Ad philosophiam confugiendum est: hae litterae, non dico apud bonos, sed apud mediocriter malos, infularum loco sunt.»

Pensamos que a referência a Luciano foi colhida no diálogo *ANABIOYNTES H AΛIEΥΣ*, 36 e 37, onde há uma crítica aos pseudofilósofos, que se comparam com uns macacos que um rei do Egito ensinou a representar com vestes e máscaras humanas.

Quando porém um espectador se lembrou de lhes atirar nozes, deixaram a dança e revelaram-se tais quais eram. E conclui Luciano: *Τοιαῦτα καὶ οὗτοι (φιλόσοφοι) ποιοῦσιν.*

111 - Célio, *op. cit.*, 16-8: «Aristotelem summum Peripateticorum principem, adeo naturalium rerum consecratorem audum et sollertem fuisse indagatorem produunt auctores celeberrimi [...].

Hic porro philosophiam tanto studio amplexabatur, ut dicere non dubitaret eos qui artes reliquas consecrantur, hanc uero negligenter, esse Penelopes procis consimiles qui, ut traditum ab Homero nouimus, cum domina potiri nequissent, ad ancillas diuertebant.»

Hilário Moreira inseriu, entre estes dois, um terceiro pensamento do mesmo autor, mas do livro 9, 42: «Scimus profecto cum ueteribus omnibus usitatissimi fuisse moris, ut omne scriptorum genus excuterent: nullas, quas possent, commentationes illectas intactasque praeterirent, tum Aristoteli uel imprimis qui, se ex nobili lectionis multiugae uariantisque cura, a Platone anagnostes nuncupatus, tanquam lector foret infatigabilis et χαλκευτέρους [sic] plane, ut Graeci dicunt, ac sititor inexplebilis.»

Célio, seguindo na pegada de Cícero, *Att.*, 1, 12, e Cornélio Nepos, *Atticus*, 13, latiniza o termo ἀναγνώστης (leitor).

Encontrámos em Amónio, 25-29, um passo alusivo ao nome dado por Platão a Aristóteles. Diz assim: «Τελευταίαντος δὲ τοῦ Σωκράτους, φοιτᾷ Πλατῶνι καὶ τοῦτω σύνεστι ἔτη εἴκοσι, καὶ τοσαύτην ἤσκησεν ἐπιμέλειαν ὥστε τὸν Πλάτωνα τὸν οἶκον τοῦ Ἀριστοτέλους οἶκον ἀναγνώστου καλεῖν.»

A alusão aos pretendentes de Penélope pode ter sido tirada dos *Proleg. in Porphyrii philos.*, onde se lê: «Θηρὶν Ἀριστοτέλης ἐν ἀποφθέγματι ὅτι ὅσοι ταῖς ἄλλαις τέχναις καὶ ἐπιστήμαις σχολάζοντες τῆς φιλοσοφίας ἀμελοῦσιν, εὐόκασιν τοῖς μνηστῆρσι τῆς Πηνελόπης, οἵτινες αὐτῇ συγγενέσθαι μὴ δυνάμενοι ἠπάγων κἂν ταῖς θεραπαίαις αὐτῆς συγγενέσθαι.»

Estamos perante um texto considerado apócrifo e que alguns atribuem a Aristeu e outros a Aristipo.

112 - *Odisseia*, 1, 106-108:

Encontrou lá os orgulhosos pretendentes.
Jogavam os dardos em frente das portas,
sentados em couros de touros que eles mesmos tinham abatido.

113 - Célio, *op. cit.*, 43: «Haec contemplatio [Dei] uera est, haec item uera felicitas, quae ambrosia et nectare animum alit.»

114 - Cfr. Plutarco, *Alexander*, 7.15 (668 b):

«Ἐγὼ δὲ βουλοίμην ἂν ταῖς περὶ τὰ ἄριστα ἐμπειρίαις ἢ ταῖς δυνάμεσι διαφέρειν.»
Ver ainda Aulo Gélío, *op. cit.*, 20, 5.

115 – Cfr. Plutarco, *Alexander*, 8. 30-40 (668 d).

116 - Reminiscência de Cícero, *Tusc. Disput.*, 5, 4, 10: «Socrates autem primus philosophiam deuocauit e caelo et in urbibus collocauit et in domus etiam introduxit.»

117 - Refere-se ao tesouro das Indulgências, ponto de partida da heresia luterana.

A palavra começou por designar o tesouro do rei da Pérsia, «gaza». Aparece com frequência na Sagrada Escritura – Jer. 35, 4 e 36, 10; Mach., 1, 14, 49; Mach., 2, 3, 6; Marc., 12, 41; Luc., 21, 1; Joan., 8, 10 – e em S. Jerónimo, *Epist.* 14, 8.

118 - Belo confronto de Coimbra com a famosa estátua de Efesto, a que Zeus deu vida e os deuses adornaram cada um com sua mercê. Preferimos conservar a desinência iónica desta palavra, o que, na nossa opinião, poderá indicar até que ponto Hilário Moreira estava influenciado pelo dialecto homérico.

119 - Inácio de Morais, na *Oração Panegírica a D. João III* fala também na *caeli temperies* e diz que Coimbra *uicino flumine alluitur*.

NOTAS AO TEXTO DE JERÓNIMO DE BRITO

1 - Teólogo dominicano espanhol, natural da povoação do seu apelido, na província de Salamanca. No convento de Santo Estêvão desta cidade professou a 15 de Março de 1525, tendo aí tido como mestres os seus confrades Francisco de Vitória e Domingos de Soto. Em 1540 uma provisão de D. João III nomeia-o professor de Sagrada Escritura na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, cátedra que no ano seguinte troca, com Francisco de Monzón, pela de Véspera da mesma Faculdade. Por provisão de 12 de Outubro de 1557 ascende a lente de Prima de Teologia, sendo reconduzido, a seu pedido, nesta cadeira mesmo após a jubilação, que atingiu em 1562. Faleceu em 15 de Agosto de 1572. Publicou, em dois volumes, editados por João Álvares, em Coimbra, nos anos de 1555 e 1560, a 1ª e 2ª partes de uns comentários *in quartum Sententiarum*, os quais, conquanto muito doutos, “foram obra de muita estima se acabara consigo vesti-la de termos mais polidos e melhor frasi”, na opinião do elegante e exigente frei Luís de Sousa, na *História de São Domingos*, 1ª parte, livro 3º, capítulo 5º, p. 293 do 1º tomo da edição Lello e Irmão, Porto, 1977. – Sobre frei Martinho de Ledesma consulte-se a síntese de Manuel Augusto Rodrigues, *A Cátedra de Sagrada Escritura de Coimbra. Primeiro século (1537-1640)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1974, pp. 47-63.

2 - Que saibamos, e como seria de esperar dada a raridade deste impresso, este poema não tem sido referenciado pelos estudiosos. – Sobre a vida e obra de Inácio de Moraes consulte-se a excelente monografia de Aires Pereira do Couto, *Inácio de Moraes – Percurso biográfico e literário de um humanista de 500*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004.

3 - O conhecido frei Diogo de Murça, monge da Ordem de S. Jerónimo. Esteve à testa da Universidade entre 5 de Novembro de 1543 e Outubro de 1555. – Veja-se Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1969, 2º tomo, p. 921.

4 - O Cancelário da Universidade de Coimbra era então D. Clemente da Silva. Por provisão datada de 15 de Dezembro de 1539, D. João III determinou o seguinte: “hei por bem e me praz fazer mercê, como de feito faço, ao Prior do dito mosteiro [*de Santa Cruz de Coimbra*] (...) pelo tempo que for, do ofício de Cancelário da Universidade da dita cidade de Coimbra”. Ora, o prior trienal deste real mosteiro era simultaneamente o Geral da Congregação de Santa Cruz, consoante determinava o Breve papal de 1539 que estabelecia a reforma desta corporação religiosa. Informamos D. Timóteo dos Mártires, cronista crúzio a quem estamos a seguir, que no 6º Capítulo Geral, celebrado em Santa Cruz a 9 de Abril de 1554, “foi eleito Prior deste real mosteiro de Santa Cruz e Geral para a Congregação (...) o padre D. Clemente da Silva, natural da cidade de Lisboa, filho de Luís da Silva e de sua mulher Dona Maria de Távora.” Mais nos informa D. Timóteo que este 6º Geral foi deposto do seu ofício em Outubro do ano de 1555 e faleceu em 24 de Janeiro de 1571. Veja-se D. Timóteo dos Mártires, *Crónica de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1955, tomo 1º, pp. 108, 110 e 116-117. – Parece-nos que a explicação, tanto para esta referência de Brito a D. Clemente como responsável pelo convite recebido para pronunciar a *Oração*, como para os termos com que a ele se refere, e que fazem supor trato próximo entre ambos, deve buscar-se no nome da família da progenitora do Cancelário – *Távora*, um dos nomes de família do nosso Autor. Não creio, por conseguinte, que seja excessiva temeridade sugerir um parentesco relativamente próximo entre ambos.

5 - Este período e o anterior estão directamente decalcados em Cícero, *Sobre as Leis*, 1. 8.

6 - Passagem claramente inspirada em dois passos das *Tusculanas*, de Cícero: 1. 62; 5.5. O passo aqui aludido do livro 5º do diálogo ciceroniano já fora aliás literalmente transcrito nas *Orações* de Cataldo (o. c., p. 6), Jerónimo Cardoso (o. c., p. 74), Arnaldo Fabrício (o. c., p. 7; cf. *supra* pp. 78-81) e Belchior Bealego (o. c., p. 25; cf. *supra* pp. 34-35).

7 - Cf. *Ética a Nicómaco*, 6. VII, 1141a.

8 - Referência às vias “positiva” e “negativa” para o conhecimento da divindade, divisões metodológicas consagradas pela mística do Pseudodionísio Areopagita,

que escreveu: “Esta segunda via (negativa), em meu entender, é muito mais própria quando se fala de Deus, porque, consoante nos ensina a secreta e sagrada tradição, nada de quanto existiu se parece com Deus e desconhecemos a Sua supra-essência invisível, inefável e incompreensível.” *De caelesti hierarchia*, Migne, *Patrologia Graeca* 3, 140 D-141 A. Veja-se também, no mesmo volume, o cap. 3º da *Mystica Theologia*, 1033 A-1033 D.

9 - Cf. com o passo seguinte da p. 28 (cf. *supra* p. 162) da *Oratio* de Pedro Fernandes: *Quam cum Socrates ille admiraretur, quid amplius diceret non habuit nisi legem ipsam ueritatis certam quamdam esse inuentionem*. (“O celebrado Sócrates admirava-a tanto que não soube que mais dizer senão que ela era uma espécie de descoberta da verdade.”)

10 - Jerónimo de Brito pode ter-se inspirado no passo seguinte da popular compilação enciclopédica quinhentista de Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectioinum Antiquarum Libri XXX*, Basileia, Froben, 1540, p. 280: *At inferat aliquis: Quis igitur imperantem compressurus imperio est? Lex nempe mortalium immortaliumque regina omnium, ut Pindarus inquit*. (“Mas retrucaria alguém: Quem há-de conter o governante com o seu poder? ‘A lei, rainha de todos os mortais e imortais’, conforme diz Píndaro.”) Pedro Fernandes, nas pp. 28-29 (cf. *supra* pp. 162-163) da sua *Oratio*, cita também, explanando-as, as palavras de Píndaro, que correspondem ao fr. 129 Snell, citado por Platão no *Górgias*, 484b.

11 - Plutarco, *Apotegmas Lacónicos, sub nomine*.

12 - *A Cidade de Deus*, Livro 4º, cap. 4º.

13 - *República*, 331c, com alusão ao fr. 214 Snell de Píndaro.

14 - Belchior Beleago (o. c., p. 59; cf. *supra* pp. 96-97) conta também este caso, apontando a fonte onde o bebera: Plínio, o Antigo (*História Natural*, 29. 1.).

15 - Médico também citado por Jerónimo Cardoso, o. c., p. 80. A fonte parece ser Plínio, o Antigo, o. c., 7. 124.

16 - Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos ilustres*, 7. 186, distingue do conhecido filósofo quatro médicos com o mesmo nome.

17 - Proposta nossa, em substituição do *Emperidem* do original, que supomos gralha. É possível que Brito pretendesse com aquele nome referir-se ao Marcelo Empírico a que a Professora Maria Helena da Rocha Pereira alude na nota 83 da *Oratio* académica de Belchior Beleago (vd. *supra*, p. 458).

18 - Pedro Fernandes, o. c., p. 26 (cf. *supra* pp. 160-161), faz uma referência mais circunstanciada a este médico da Antiguidade: *Atque ideo non immerito ab Herophilo Medicina scientia salubrium et insalubrium et neutrorum dicta est*. (“E

por isso com toda a razão Herófilo definiu a Medicina como a ciência do saudável, do salubre e do indiferente.”)

19 - Definição que parece proceder do seguinte passo das *Tusculanas*, 5. 3. 7: *Nam sapientiam quidem ipsam quis negare potest non modo re esse antiquam, uerum etiam nomine? Quae diuinarum humanarumque rerum, tum initiorum causarumque cuiusque rei cognitione hoc pulcherrimum nomen apud antiquos adsequabatur.* (“De facto, quem pode contestar que a sabedoria é antiga não apenas como actividade, mas também como nome? A qual obteve este formosíssimo nome por se ocupar do conhecimento tanto das coisas humanas e divinas, como dos princípios e causas de cada coisa.”) – Destas palavras do Arpinate também se mostram devedoras as *Orationes* de Cataldo (o. c., h5vº), D. Pedro de Meneses (o. c., p. D2vº) e Belchior Beleago (o. c., p. 23; cf. *supra* pp. 78-79)

20 - Eco do conhecido passo platónico do *Timeu*, 47b, citado nas *Tusculanas*, 1. 26. 64., e que as *Orationes* académicas de Cataldo (o. c., fl. h5 vº), D. Pedro de Meneses (o. c., fl. Dii vº), Jerónimo Cardoso (o. c., p. 74), Arnaldo Fabrício (o. c., p. 7; cf. *supra* pp. 34-35), Hilário Moreira (o. c., p. 52; cf. *supra* pp. 204-205) e António Pinto (o. c., p. 5 vº; cf. *supra* pp. 390-391) literalmente transcrevem.

21 - Todo este parágrafo é síntese parcial do início do Livro 1º da *Ética a Nicómaco* (de 1094a às primeiras linhas de 1094b), de Aristóteles.

22 - Confronte-se com o passo seguinte da *Oração* de Arnaldo Fabrício (o. c., pp. 7-8; cf. *supra* pp. 34-35): *Ex quo fonte deductae sunt artes: quae idcirco ingenuae et liberales dictae sunt, quod ingenis liberalibus sint dignae.* (“Desta fonte saíram as artes a que se dá o nome de nobres e liberais porque são dignas de inteligências livres.”)

23 - As ciências que compunham o quadrívio na organização dos saberes em que se fundava a Escola medieval de raiz aristotélica.

24 - Este período e o anterior são quase tradução literal de Platão, *República*, 526c- d. Confronte-se, porém, o último período com a seguinte passagem, quase idêntica, da *Oratio* de Pedro Fernandes: *sine geometrica quadam mensura committendam, nonne Socrates ille hanc et ad rem bellicam maxime necessariam existimabat? Siquidem hac ad castra ponenda, ad regionem occupandam, ad turmas dilatandas rursusque colligendas, ad machinas denique construendas uti solemus.* (cfr. p. 19, o. c.; cf. *supra* p. 152).

25 - Cf. Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectioinum Antiquarum libri XXX*, o. c., p. 853: *Meminit et in Encyclis quaestionibus Aristoteles, Cur (inquit) homini potius quam cuiquam ex ceteris animantibus credendum est? An quia, ut Plato Neocli respondit, homo solus omnium animantium ἀριθμεῖν ἐπίσται, hoc est, nouit numerare.* (“Também Aristóteles, nos *Problemas* [30.6], o recorda, ao escrever: ‘Por que razão é que se deve dar mais crédito ao homem do que a qualquer outro de entre os restantes seres vivos? – Talvez porque, consoante Platão respondeu a Néocles, de

todos os animais o homem é o único que sabe contar?”) – Belchior Beleago, o. c., p. 27 (cf. *supra* pp. 80-81), e Pedro Fernandes, o. c., p. 15 (cf. *supra* pp. 148-149), tiveram igualmente presente esta citação aristotélica.

26 - Cf. *República*, 526b-c.

27 - Este período parece inspirado nas seguintes palavras da *Oratio* de Belchior Beleago – ou, com muito maior probabilidade, na fonte em que o doutor portuense deve ter bebido: *Quin etiam magni nominis philosophi animas numeris cum corporibus societatem inire atque, his permanentibus, corpus animari, deficientibus uero arcanam illam societatis uim desolui tradiderunt, ideoque non abs re animam esse numerum se mouentem plerique existimarunt.* (o. c., p. 29; cf. *supra* pp. 82-83)

28 - *Sb 11. 21.* – Pedro Fernandes, o. c., p. 16 (cf. *supra* pp. 150-151), também cita este passo bíblico.

29 - Jerónimo Cardoso, o. c., pp. 60-61, também narra esta “descoberta” pitagórica dos intervalos musicais, estribando-se porém na autoridade de Quintiliano, que aliás não faz qualquer alusão a este episódio, tal como o Xenócrates aqui citado tão-pouco nos parece ser a fonte directa de Brito, que muito provavelmente o leu na *Institutio musica*, 1. 10, de Boécio

30 - *Gn 4. 21.*

31 - A fonte desta referência, que é utilizada nas *Orationes* de Cardoso (p. 62), Fabrício (p. 9; cf. *supra* p. 39), Beleago (p. 31; cf. *supra* p. 83), Fernandes (pp. 14-15; cf. *supra* p. 149) e António Pinto (p. 14; cf. *supra* p. 413), é Cícero, *Tusculanas*, 1. 2. 4.

32 - Também Pedro Fernandes, o. c., p. 14 (cf. *supra* p. 149) qualifica de modo igualmente encomiástico este conhecido peripatético especializado em teoria musical: *Huic etiam studio uideo Aristoxenum summum philosophum se totum addixisse.* (“Também vejo que a este estudo se consagrou por inteiro o mui grande filósofo Aristóximo.”)

33 - Cf. Jerónimo Cardoso, o. c., p. 63: *Quam [=harmoniam], propter intercapedinem et sensuum nostrorum imbecillitatem, nec audire nec perpendere uel tantillum possumus.*

34 - Entre os nomes que o rodeiam, esperados e omnipresentes em escritos quinhentistas de exalçamento da poesia e artes musicais, este mais ou menos insólito Olímpio cuida que visa aludir ao flautista que Ovídio, nas *Metamorfoses*, 6. 393, associa ao sátiro Mársias na qualidade de discípulo e, na opinião de alguns mitógrafos, de filho, e, na de outros, de pai.

35 - Penso que esta redacção bastante enleada resultou do propósito de Brito de contar de forma excessivamente sintética o que colheu da leitura dos dois seguintes passos de predecessores seus: 1) Arnaldo Fabrício, o. c., p. 10 (cf. *supra* p. 40): *Alexandrum Macedoniae regem memoriae traditum est, cum apud eum Timotheus ille*

praestantissimus musicus legem eam musicae incineret, quae argumentum belluum continebat, tanto impetu concitatum ut, cum exclamasset regia cantica talia esse oportere, ad arma repente concurrerit. (“Conta-se que, uma ocasião que aquele notabilíssimo músico Timóteo interpretava, diante de Alexandre, rei da Macedónia, uma composição segundo aquele *modo* musical de conteúdo belicoso, foi tomado de tamanho arrebatamento que de improviso correu a pegar nas armas, bradando que convinha que os *modos* régios fossem daquela espécie.”); 2) Pedro Fernandes, o. c., p. 15 (cf. *supra* p. 148): *Hic, cum in Alexandri conuiuuium cantum eum, quem Pbrygium appellant, modularetur, usque adeo regem excitauit ut ad arma capienda prosiliret, eumdemque iterum, mutata modulatione, ad epulas reduxit.* (“Este [=Timóteo], ao interpretar num banquete de Alexandre uma composição segundo aquele *modo* a que chamam *frígio*, por tal forma excitou o rei que este se precipitou a tomar as armas, e, tendo em seguida variado o *modo*, trouxe-o de novo para a mesa.”)

36 - *Rm 1. 20.*

37 - *República*, 529a-530c.

38 - Passa agora a ocupar-se das disciplinas que constituem o tradicional trívio.

39 - Tanto para aqui como para grande parte do que se escreve no parágrafo, tenha-se presente: a) *República*, 533a-534c; b) Cícero, *O orador*, 4. 115-118.

40 - Expressão tomada de Cícero, *O orador*, 4. 113.

41 - *Górgias*, 453a.

42 - *Fedro*, 266b-c.

43 - Alusão a Sócrates, *Górgias*, 463a-b.

44 - *Górgias*, 462c.

45 - Cf. Cícero, *Sobre o Orador*, 1. 30: passo aliás directamente citado e utilizado por Jerónimo Cardoso, o. c., pp. 53-54.

46 - É provável que Brito use como comum este nome, dando-o como sinónimo de “profetisas”: atributo da Carmenta, mãe de Evandro, cantada por Ovídio no livro 1º dos *Fastos* (a 11 de Janeiro) e citada por Jerónimo Cardoso, na p. 48 da sua *Oratio*.

47 - Com palavras muito semelhantes se refere Pedro Fernandes a esta opinião de Sócrates: *Oratio* citada, p. 20 (cf. *supra* pp. 152-155).

48 - *Fedro*, 274c-e.

49 - *Pr 1. 7.*

NOTAS AO TEXTO DE ANTÓNIO PINTO

1 - Também marquês de Torres Novas (1501-1571), filho primogénito do Senhor D. Jorge, duque de Coimbra e Mestre de Santiago, filho bastardo, legitimado, do rei D. João II.

2 - Já na Introdução nos referimos, em nota, ao alto conceito em que os contemporâneos mais conspícuos tiveram as capacidades do duque D. João. Veja-se também o artigo que, *sub nomine*, Barbosa Machado lhe consagra na *Biblioteca Lusitana*.

3 - No original latino a citação é feita em grego. Cf. Plutarco, *Apophthegmata regum*, “Artaxerxes”. Pedro Fernandes, fundando-se noutra obra de Plutarco (*Artaxerxes*, 5), dá uma forma mais circunstanciada a este conhecido exemplo: *Accipe, igitur, rex augustissime, nostrum hoc munusculum, tuo diuino nomini consecratum, eo animo quo aiunt Artaxerxem, illum Persarum regem, aquam, a rustico utraque manu baustam e proximo fonte, oblatam suscepisse*. (“Por conseguinte, ó augustíssimo rei, acolhe este nosso pequeno presente, dedicado ao vosso nome soberano, com aquela boa vontade com que dizem que Artaxerxes, o celebrado rei dos Persas, recebeu a água com que o presenteou um lavrador, que com ambas as mãos tirara de uma fonte próxima.”). O. c., p. 2 (cf. *supra* pp. 134-135).

Outro escritor da época, o médico lisboeta António Luís, em termos quase idênticos, também recorreu a este passo plutarquiano na dedicatória ao mesmo D. João III da sua obra *Problematum libri quinque*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1540, 2 v^o: *Artaxerxes baustam utraque manu ex proximo flumine aquam a rustico bilaris accepit*. (“Artaxerxes recebeu de bom talante a água que com ambas as mãos um lavrador lhe tirou de um rio que passava próximo.”).

4 - O duque D. João foi casado com Dona Juliana de Lara, filha de D. Pedro de Meneses, 3^o marquês de Vila Real, e de Dona Brites de Lara, filha do condestável D. Afonso, filho natural de D. Diogo, 4^o duque de Viseu, e de Dona Joana de Noronha. Deste casamento nasceram D. Jorge de Lencastre, 2^o duque de Aveiro, morto em Alcácer Quibir, e D. Pedro Dinis de Lencastre, o qual, por permissão real consignada em alvará de 16 de Julho de 1559, virá a herdar de seu pai a Capitania de Porto Seguro, comprada (consoante vimos na Introdução) a Leonor do Campo Tourinho, prima do nosso Autor. Veja-se D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida, 1953, tomo 11, pp. 25-38.

5 - Frei Diogo de Murça, monge da Ordem de S. Jerónimo, ao qual nos referimos nas páginas que consagramos na Introdução ao Doutor António Pinto, agente de Portugal em Roma e seu sobrinho. Nomeado reitor da Universidade de Coimbra em 5 de Novembro de 1543, pensámos que este foi o derradeiro acto oficial em que participou na qualidade de autoridade máxima da academia conimbricense, uma vez que data de 28 de Setembro de 1555 o alvará régio que, a seu pedido, o

exonerou daquele cargo, ao que parece por encarar com olhos avessos a entrega do Colégio das Artes à Companhia de Jesus: documento que foi apresentado no conselho-mor da Universidade reunido a 26 de Outubro daquele ano. Após a sua saída, recolheu-se, na qualidade de abade comendatário, ao convento beneditino de Refojos de Bastos, a cuja reformação se entregou e onde faleceu, no ano de 1561. Veja-se: Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, o. c., 2º tomo, p. 921, e Joaquim de Carvalho, *Obra Completa*, 3º volume, “A livraria de um letrado do século XVI – Fr. Diogo de Murça”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 569-638.

6 - Supomos que esta personagem é D. Jorge de Lencastre, filho bastardo do Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago e duque de Coimbra, e portanto meio irmão do dedicatário da *Oratio*. Com efeito, sabemos que esta personagem estudou Cânones em Coimbra, onde se graduou em bacharel nesta faculdade e nos aparece, em 15 de Julho de 1555, como padrinho, na cerimónia do doutoramento no mesmo ramo do direito do poeta António Ferreira. Veja-se Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, o. c., 2º tomo, pp. 989-990. É verosímil que, com esta menção destacada de um membro da família da Casa de Aveiro, António Pinto visasse lisonjear o seu representante máximo, em cujas boas graças parece ter caído ou, pelo menos, lhe convinha cair para assegurar a defesa dos interesses da prima Leonor.

7 - Tal como Pedro Fernandes (o. c., p. 7; cf. *supra* pp. 140-141), António Pinto cita, em grego, o começo dos *Fenómenos*, poema de vulgarização de noções astronómicas e metereológicas de vasta nomeada na Antiguidade (foi inclusive traduzido por Cícero), da autoria de Arato, filósofo do século III a. C.

8 - *Act* 17. 22-25. Note-se que S. Paulo, neste discurso pronunciado no Areópago de Atenas, citou também o poema de Arato, quando disse, no v. 28: “Pois somos também Sua geração.”

9 - Cf. Plínio, o Antigo, *História Natural*, 2. 4. : *Non quem κόσμον Graeci, nomine ‘ornamenti’ appellare, eum nos a perfecta absolutaque elegantia, mundum.*

10 - Este período e o anterior são síntese e decalque de Cícero, *Sobre a Natureza dos Deuses*, 2. 98-99.

11 - Plínio, o Antigo, o. c., 2. 63: *Sequitur terra, cui uni rerum naturae partium eximia propter merito cognomen indidimus maternae uenerationis. Sic hominem illa, ut caelum Dei, quae nos nascentes excipit, natos alit semelque editos sustinet semper, nouissime complexa gremio iam a reliqua natura abdicatos, tum maxime, ut mater operiens, nullo magis sacra merito quam nos quoque sacros facit.*

12 - *Vd.*, por exemplo, Virgílio, *Eneida*: Terra parens [...] deorum, 6. 178; *Terrae omniparentis*, 6. 595.

13 - *Vd.* Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 1. 22.

14 - O modo como aqui se refere a Tales parece-nos que procede directamente de Cícero, *Questões Académicas*, 2. 37. (118).

15 - Como se sabe, a palavra latina *aer* mais não é do que a transcrição da grega correspondente *ἀήρ*. *Vd.* Plínio, o. c., 2. 4. 5., que parece ser a fonte utilizada neste passo.

16 - Etimologia, possivelmente fantasista e aventada por Terêncio Varrão, no *Sobre a Língua Latina*, que pretendia ver em *caelum* ‘céu’ um derivado do verbo *caelare* ‘cinzelar, burilar’.

17 - Estes três últimos períodos inspiram-se directamente nos passos seguintes de Cícero: *Ipsum autem hominem eadem natura non solum celeritate mentis ornauit, sed etiam sensus, tamquam satellites attribuit ac nuntios [...] figuramque corporis habilem et aptam ingenio humano dedit. Nam, cum ceteros animantes abiecisset ad pastum, solum hominem erexit ad caelique, quasi cognationis domiciliique pristini, conspectum exercitauit* (*Sobre as Leis*, 1. 9); *ex quo efficitur illud, ut is agnoscat Deum qui, unde ortus sit, quasi recordetur ac noscat.* (*ibi.*, 1. 8).

18 - Como se sabe, Eurípides nasceu na ilha de Salamina, na Ática, e não em Creta.

19 - Em grego no original.

20 - Pinto usa aqui uma expressão (*horresco referens*), extraída do v. 204 do livro 2º da *Eneida*, que por muito usada acabou por tornar-se proverbial na boca de quase todos os ocidentais com alguma formação humanística.

21 - *Ménon*, 81d. É provável que neste passo António Pinto tivesse em mente Cícero, *Tusculanas*, 1. 24. 57.

22 - Alusão ao conhecido princípio escolástico, normalmente formulado sob a forma *nihil est in intellectu quin prius fuerit in sensu*, procedente do *De anima*, de Aristóteles.

23 - Este período e o anterior inspiram-se directamente em Cícero, *Sobre as Leis*, 1. 7.

24 - É provável que aqui o nosso Autor tenha tido presentes as seguintes passagens: 1) da *Oratio* de Cataldo: *Philosophia inuentum uel (ut ait Plato) deorum donum e caelo in terras elapsa* (o. c., fl. h5 vº); 2) da *Oratio* de D. Pedro de Meneses: *banc (=philosophiam) donum deorum appellabat Plato [...] quam Cicero [...] inuentum deorum dicit* (o. c., fl. Dii vº); 3) da *Oratio* de Jerónimo Cardoso: *Cicero [...] in primo (=Tusculanarum Quaestionum) sic scribit: “Philosophia uero, omnium mater*

artium, quid est aliud nisi, ut Plato, donum, ut ego, inuentum deorum?" (o. c., p. 74); 4) da *Oratio* de Arnaldo Fabrício: *Hanc (=philosophiam) princeps ingenii et doctrinae Plato sapienter putauit nihil aliud esse nisi donum et inuentum deorum* (o. c., p. 7; cf. *supra* pp. 34-35); e 5) da *Oratio* de Hilário Moreira: *Quod diuinus ille Plato, ueritatis amicissimus, in Timaeo perpulchre commonefacit: "Philosophia", inquit, "unicum deorum est munus."* (o. c., p. 52; cf. *supra* pp. 206-207).

A fonte dos seis oradores é o passo de Cícero, que Cardoso identifica (*Tusculanas*, 1. 26. 64.) e literalmente transcreve, e nós agora traduziremos: "E a filosofia, progenitora de todas as artes, que outra coisa é senão uma dádiva, consoante disse Platão, e, consoante digo eu, um achado dos deuses?" O passo platónico aludido procede de *Timeu*, 47b.

25 - Cf. *Pr* 2. 6. Apesar da referência a Salomão, a citação parece-nos ajustar-se mais a *Sir* 24. 5.: *Ego ex ore Altissimi prodiui*. (Texto da *Vulgata*).

26 - O epíteto de Zeus, em grego no original, aparece amiúde nos poemas homéricos. *Vd.*, por exemplo, *Iliada*, 1. 544.

27 - Alude-se aqui ao nascimento de Minerva / Palas (ou Atena, para os Gregos), divindade associada à sabedoria, cujos atavios Virgílio descreveu da bela e horripilante forma seguinte nos vv. 435-438 do Livro 8º da *Eneida*: *Aegidaque horrifera, turbatae Palladis arma, / certatim squamis serpentum auroque polibant, / connexosque angues ipsamque in pectore diuae / Gorgona, desecto uertentem lumina collo*. ("A égide horrível da agastada Palas / de áureas escamas à porfia brunem, / onde ao seio da deusa enrosca as serpes / e inda olhos vira a Górgona estroncada." Tradução de M. Odorico Mendes).

28 - Um dos Sete Sábios da Grécia, o qual, segundo Diógenes Laércio, se apropriou da célebre sentença aludida no texto (γνώθι σαυτόν, "conhece-te a ti mesmo"), cuja paternidade pertenceria a Tales. (*Vidas dos Filósofos Ilustres*, 1. 40).

29 - Cf. com a passagem seguinte da *Oratio* de Arnaldo Fabrício: *Philosophia [...] unumquemque seipsum nosse docuit: quod praeceptum, quia maius humana dignitate uideretur, non ab homine ullo, sed Apollinis oraculo putabatur fuisse editum*. ("A filosofia [...] ensinou que cada um se conhecesse a si mesmo: preceito este que, porque parecia estar acima da capacidade humana, se pensava que tinha sido pronunciado pelo oráculo de Apolo."). O. c., p. 7 (cf. *supra* pp. 36-37).

30 - Cf. com Jerónimo de Brito, o. c., pp. 16-17 (cf. *supra* p. 308): *Quae [...] si oculis cerneretur, incredibile est, ut Plato inquit, quam ardentes sui amores excitaret*.

31 - Em grego no original.

32 - *Vd.* Cícero, *Sobre a Velhice*, 21. 78.: *Demonstrabantur mihi praeterea quae Socrates supremo uitae die de immortalitate animorum disseruisset, is qui esset*

omnium sapientissimus oraculo Apollinis iudicatus. (“Fui, além disso, informado do que Sócrates, aquele filósofo que o oráculo de Apolo houve entre todos por o mais sábio, discorreu no último dia da sua vida sobre a imortalidade da alma.”). A origem desta referência é um conhecido passo platónico do capítulo 5º da *Apologia de Sócrates* (20e-21a).

33 - É esta a única referência que alguma vez li à cegueira, para mais auto-infligida, do célebre filósofo atomista de Abdera.

34 - *Vd.* Plutarco, *Alexandre*, 7.

35 - O nome que no original latino corresponde a esta adaptação portuguesa não se ajusta a nenhum poeta de que tenhamos conhecimento.

36 - *Cf.* Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 6. 44.

37 - *Vd.* Diógenes Laércio, *o. c.*, 6. 32.

38 - *Vd.* Plutarco, *Sólon*, 22.

39 - *Vd.* Boécio, *Consolação da Filosofia*, livro 3º, poema 11.

40 - Este título não consta na 1ª edição.

41 - *Cf.* D. Pedro de Meneses: *Grammaticam [...] omnium artium primam esse arbitror*. *O. c.*, D6 vº.

42 - Em termos quase idênticos se refere Pedro Fernandes a esta opinião de Sócrates alegada por Platão. *Vd.* p. 20 (; *cf. supra* pp. 152-155) da sua *Oratio*.

43 - *Vd.* Quintiliano, *Instituição Oratória*, 1. 4. 2. Pedro Fernandes, na p. 20 (*cf. supra* p. 154-5) da sua *Oratio*, cita também esta opinião do mestre de retórica romano. A propósito do conceito de gramática aqui defendido por António Pinto ocorrem-nos as seguintes palavras de Jacques Chomarat: “Les définitions de la grammaire permettent d’ établir une sorte de frontière entre auteurs humanistes et auteurs médiévaux: pour ceux-ci la grammaire est *scientia recte scribendi, recte scripta intelligendi, recte intellecta pronunciandi*. [...] Les humanistes reviendront à la définition de Quintilien qui remonte à Denys le Thrace et considère comme partie intégrante de la grammaire la explication des auteurs: *Haec professio [...] in duas partes diuiditur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem*.” *Grammaire et Rhétorique*, Paris, Societé d’ Edition “Les Belles Lettres”, 1981, 1º tomo, p. 183.

44 - *Cf.*: a) Suetónio, *De illustribus grammaticis liber*, 5: *Marcus Antonius Gniphos [...] docuit autem et Rhetoricam [...] scholam eius claros quoque uiros frequentasse aiunt: in bis Marcum Ciceronem, etiam cum praetura fungeretur*; b) Macróbio,

Saturnais, 3. 12: *Item Antonius Gniphbo uir doctus, cuius scholam Cicero post laborem fori frequentabat.*

45 - Vd. Platão, *Íon*, desde 533c até ao final do diálogo.

46 - Estas referências de António Pinto à poesia bíblica parecem *amplificatio* da seguinte passagem de Pedro Fernandes: *Poetae igitur qui condemnat, nescio quomodo Mosem illum defendet, quem primum omnium tradunt post maris Rubri transgressum carmine hexametro Deo gratias egisse. Quem imitatus Dauid a proeliis expeditus cantica in Dei honorem componebat.* (O. c., p. 21; cf. *supra* pp. 154-155).

47 - Mais parcimonioso na citação do Padre da Igreja, Pedro Fernandes escreve apenas: *Vnde et Hieronymum interrogantem uidemus: "Quid Isaiae cantico pulchrius? Quid Iob perfectius? Quid Salomone grauius?"* (O. c., p. 21; cf. *supra* pp. 154-155).

48 - Vd. Cícero, *Defesa do Poeta Arquias*, 10. 24.

49 - Plutarco, *Alexandre*, 26.

50 - *Id.*, o. c., 8.

51 - *Id.*, o. c., 11. Os dois exemplos de Alexandre são referidos por Cataldo, nesta mesma sequência, no fl. h6 vº da sua *Oratio* bolonhesa.

52 - Cf. Cícero, o. c., 8. 18: *ceterarum rerum studia et doctrina et praeceptis et arte constare, poetam natura ipsa ualere, et mentis uiribus excitari, et quasi diuino quodam spiritu inflari.* Este passo ciceroniano também é citado por D. Pedro de Meneses, o. c., fl. D5 vº.

53 - Vd. passos do *Íon* citados na nota 45. Pedro Fernandes, na p. 20 (cf. *supra* pp. 154-155) da sua *Oratio*, refere também esta convicção de Sócrates.

54 - Horácio, *Epístolas*, 1. 2. 1-4: *Troiani belli scriptorem, Maxime Lolli, / dum tu declamas Romae, Praeneste relegi, / qui, quid sit pulchrum, quid turpe, quid utile, quid non, / plenius ac melius Chrysippo et Crantore dicit.* ("Máximo Lólio, enquanto oras em Roma, / o facundo escritor da troiã guerra / em Preneste reli; melhor, mais fácil / que Crantor ou Crisipo, ele me ensina / o que é útil, nocivo, torpe e honesto." Tradução do Visconde de Seabra)

55 - Adaptação de Cícero, *Sobre o Orador*, 2.8.15. Pedro Fernandes, na p. 21 (cf. *supra* p. 154-5) da sua *Oratio*, transcreve também esta conhecida definição do Arpinate.

56 - Pinto refere-se aqui aos *Pontificum annales libri*, registos sumários nos quais desde os inícios do século IV a. C., segundo parece, os pontífices máximos

consignavam os principais acontecimentos de cada ano e que foram destruídos por um incêndio em 120 a. C. O pontífice máximo P. Múcio Cévola tentou reconstituí-los em oitenta livros, que publicou em 88 a. C., sob o título de *Annales maximi*.

57 - *Vd.* M. Fábio Quintiliano, *Instituição Oratória*, 12. 4: *Sed non est exspectanda ultima aetas, cum studia praesent, ut quantum ad cognitionem pertinet rerum, etiam praeteritis saeculis uixisse uideamur.*

58 - Pedro Fernandes também atribui a Sófocles estes qualificativos na p. 22 da sua *Oratio*.

59 - *Cf.*, por exemplo, Horácio, *Odes*, 1. 10. 1-4: *Mercuri, facunde nepos Atlantis, / qui feros cultus hominum recentum / uoce formasti catus et decorae / more palaestrae.* (“Ó Mercúrio, eloquente neto de Atlante, que, mediante o discurso e a formosa ginástica, habilmente civilizaste a selvajaria dos primeiros homens.”).

60 - Todo este período está directamente inspirado em Cícero, *Sobre o Orador*, 1. 8. 32-33: passo que Pedro Fernandes, nas linhas finais da p. 22 da sua *Oratio* (*cf. supra* pp. 156-157), transcreve, referindo a procedência.

61 - *Vd.* os termos altamente encomiásticos com que Cícero se refere à eloquência de Júlio César na obra *Bruto*, 71. 250. e 71. 252, que não me parecem, de qualquer maneira, o passo que António Pinto tinha em mente ao escrever estas palavras.

62 - *Cf.* Cícero, *Defesa de Marcelo*, 2. 4: *Nullius tantum est flumen ingenii, nullius dicendi aut scribendi tanta uis, tanta copia, quae, non dicam exornare, sed enarrare, C. Caesar, res tuas gestas possit.* (“Não existe ninguém provido de uma inteligência tão caudalosa, ninguém dotado de tamanho vigor e fluência para falar ou escrever, que seja capaz, eu já não digo de encarecer, mas de contar as façanhas que cometeste, ó Júlio César!”).

63 - *Vd.* Suetónio, *O Divino Augusto*, 84: *Eloquentiam studiaque liberalia ab aetate prima et cupide et laboriosissime exercuit. Mutinensi bello in tanta mole rerum et legisse et scripsisse et declamasse cotidie traditur.*

64 - *Cf.* Cícero, *Sobre o orador*, 3. 16. 59: *Sed quod erant quidam itique multi, qui aut in re publica propter ancipitem, quae non potest esse seiuncta, faciendi dicendique sapientiam florerent, ut Themistocles, ut Pericles, ut Theramenes.* (“Mas havendo muitos que no Estado se distinguiam pela dupla sabedoria, que não pode separar-se, da acção e da palavra, como Temístocles, como Péricles, como Terâmenes.”). Tradução do Prof. Costa Ramalho, no artigo “Terâmenes nos humanistas portugueses”, pp. 113-116 de *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*, Lisboa, INCM, 1998. Ao nosso douto Mestre e Amigo escapou a passagem de António Pinto que estamos a anotar, conquanto tenha citado e traduzido as palavras muito parecidas

com as quais Pedro Fernandes reúne aquelas três personalidades gregas na p. 23 da sua *Oratio*.

65 - *Vd.* Plutarco, *Péricles*, 8; Cícero, *O Orador*, 1. 29, onde cita Aristófanes, *Acarnenses*, 530 e sqq.

66 - Cf. Platão, *Górgias*, 447c – 448a e 457a.

67 - Cf. com o passo seguinte de Cataldo: *Eamque (=dialecticam) dixit Cícero uicinam esse ac finitimam eloquentiae scientiam* (*Oratio* citada, fl. i).

68 - Cf. Platão, *República*, 7. 535a-536b.

69 - Cf. Aristóteles, *Tópicos*, 1. 2.

70 - Jurista italiano do século XIII, autor da *Magna Glosa* ao *Corpus Iuris Ciuilis*.

71 - Este período procede de Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 7. 180.

72 - Cf. Platão, *República*, 7. 533a-534c. Pedro Fernandes cita também, de forma ligeiramente diferente, estas palavras de Sócrates (o. c., pp. 24-25; cf. *supra* p. 158).

73 - Nome de uma das Fúrias, chamando-se as outras duas Megeira e Alecto.

74 - Cf. Jerónimo Cardoso, o. c., p. 56: *Epicurus autem dicitur in uarios errores cecidisse quod Dialecticam neglegere fuerit ausus*. (“Por outro lado, diz-se que Epicuro incorrera em diversos erros por se ter atrevido a menosprezar a dialéctica.”).

75 - É provável que o que Pinto escreve neste parágrafo provenha da obra de Boécio *De institutione arithmetica*, que não passa de uma adaptação da *Isagoge arithmetica* de Nicómaco de Gerasa. Infelizmente, não nos foi possível consultar nenhuma destas obras.

76 - Cf. com o seguinte passo da p. 16 (cf. *supra* p. 150-51) da *Oratio* de Pedro Fernandes: *Quam (=Arithmetica) cum Pythagoras ille admiraretur, nescio quid diuini inueniebat quod nec oculis uideri nec sensibus percipi poterat*. (“O célebre Pitágoras olhava com admiração para a aritmética e nela descobria algo de muito divino, que nem os olhos eram capazes de ver nem os sentidos de apreender.”).

77 - Cf. com o seguinte passo de Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectioinum Antiquarum Libri XXX*, Basileia, Froben, 1540, p. 272: *Quoniam mathematicae disciplinae subsellia quaedam sint ac elementa uel gradus, quibus conscendantur altiora. [...] Ceterum initio geometria praecipue et arithmetica in mathematicarum album a Pythagora sunt aduocatae, quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam*

capessendam has cum primis accommodas perspexisset. (“Visto que as ciências matemáticas são uma espécie de bancos e princípios ou degraus, através dos quais se sobe para coisas mais elevadas. [...] E inicialmente a geometria sobretudo e a aritmética foram chamadas por Pitágoras para o elenco das matemáticas, pois tinha-se apercebido de que elas são sobremaneira adequadas para adquirir toda a espécie de saber e todas as ciências.”).

78 - Cf. Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectionum Antiquarum libri XXX*, o. c., pp. 852-853: *Quodne quis ambigat, scitatur Plato, Cur sit homo animal sapientissimum: suppingit mox responsum, Quia (inquit) numerare nouit. [...] Meminit et in Encyclis quaestionibus Aristoteles, Cur (inquit) homini potius quam cuiquam ex ceteris animantibus credendum est? An quia, ut Plato Neocli respondit, homo solus omnium animantium animantium ἀριθμεῖν ἐπιστάται, hoc est, nouit numerare.* (“Todos sabem que, ao perguntar Platão por que é que o homem é o mais sábio de todos os seres vivos, logo acudiu a resposta: ‘Porque sabe contar.’ [...] Também Aristóteles, nos *Problemas* [30. 6], o recorda, ao escrever: ‘Por razão é que se deve dar mais crédito ao homem do que a qualquer outro de entre os restantes seres vivos? – Talvez porque, consoante Platão respondeu a Néocles, de todos os animais o homem é o único que sabe contar?’”).

Cf. também com os seguintes passos: a) Beleago: *Et Aristoteles cur inquit homini potissimum ex toto animantium genere fides adhibeatur? An quia, ut Plato Neocli respondit, numerare nouit?* [o. c., p. 27; cf. *supra* pp. 80-81]; b) Pedro Fernandes, o. c., p. 15 (cf. *supra* pp. 148-149): *Hominemque ipsum ideo animal sapientissimum Plato putabat, quod numeros intelligeret.* (“E Platão considerava que a razão pela qual o próprio homem era o animal mais sábio era porque compreendia os números.”); c) Jerónimo de Brito: *Quin et homini ratione utenti prae ceteris animantibus fides, ut inquit Aristoteles, est adhibenda, quia natura facultate numerandi sit praeditus* [o. c., p. 21; cf. *supra* pp. 312-313].

79 - Vd. Platão, *República*, 7. 526b. Cf. com o passo seguinte da p. 60 da edição citada da *Oratio* de Jerónimo Cardoso: *Quanti autem facienda sit Arithmetica apertissime apud Platonem docet Socrates: ‘Animaduertisti’, inquit, ‘eos qui a natura arithmetici sint ad omnes disciplinas acutiores apparere. Qui autem ingenio hebetiore fuerint, etiamsi nihil utilitatis amplius assequantur, si in ea erudiri contigerit, se ipsi tamen sollertiores efficient. Nam, qui difficiliorem adipiscendi cogitandique laborem impenderit, non facile ex omnibus aliam disciplinam ad id efficiendum praeter banc poterit inuenire.*

80 - Cf. este período com o seguinte da p. 17 (cf. *supra* pp. 150-151) da *Oratio* de Pedro Fernandes: *Siquidem et diuinus ille Plato arithmetice omnium maxime et ingenium acuere et memoriam confirmare et animum ad omnem contemplationem efficere multo promptiorem existimauit.* (“E visto que o divino Platão considerou que a aritmética, mais do que qualquer outro saber, aguça a inteligência e fortalece a memória e torna o espírito muito mais apto para tudo entender.”).

81 - *Id.*, o. c., 7. 525b-c.

82 - *Id.*, o. c., 7. 522d. Confrontar com Pedro Fernandes: *Apud Homerum Agamemnonem illum uidemus ut stolidum notatum, quod numeros ignorauerit.* (“Vemos que nos poemas homéricos Agamémnon é tachado de estúpido por desconhecer os números.”) (O. c., p. 17; cf. *supra* pp. 150-151).

83 - A citação não procede literalmente do *Livro da Sabedoria*, no qual a única passagem aproximável da acima transcrita é *Sb 7. 17: Ipse enim dedit mihi horum quae sunt scientiam ueram, ut sciam dispositionem orbis terrarum et uirtutes elementorum.*

84 - Cf. com os passos seguintes das *orationes*: a) de Arnaldo Fabrício, o. c., p. 9 (cf. *supra* pp. 38-39): *Mitto etiam ternarii, septenarii, nouenarii, denarii praerogatiuas et occultas uires* (“Deixo também de lado as excelências e poderes ocultos dos números três, sete, nove e dez”); b) e de Pedro Fernandes, o. c., p.17 (cf. *supra* pp. 150-151): *Sed dies me deficeret si monados triadosque diuinitatem, si quaternarii quinariue stabilitatem et potestatem, si denique nouenarii perfectionem uellem persequi.* (“Mas falecer-me-ia o tempo se pretendesse referir-me ao poder divino dos números um e três, ou à firmeza e poder do quatro e do cinco, ou, enfim, à perfeição do nove.”). Jerónimo Cardoso, pelo seu lado, refere-se também às propriedades dos: *quaternarium numerum[...] ternarium numerum [...] et septem* (O. c., pp. 59-60).

85 - Também Arnaldo Fabrício (o. c., p. 11; cf. *supra* pp. 42-43), Belchior Beleago (o. c., p. 35; cf. *supra* pp. 84-85) e Pedro Fernandes (o. c., p. 17; cf. *supra* pp. 150-151) se tinham já referido à inscrição, que segundo Elias, *in Cat*, 1. 18. 18, se encontrava na entrada da Academia Platónica.

86 - Compare-se com as seguintes passagens das *orationes*: a) do francês Arnaldo Fabrício: *Ei insuper diuinam quamdam uim assignarunt summi ingenio et doctrina uiri, quod, a rebus corporeis animum abducens, menti, a sensus contagione purgatae, sempiternarum rerum et tantum sub intelligentiam cadentium imagines figuris suis tamquam speculo repraesentet* (“Além disso, os homens de maior inteligência e saber atribuíram-lhe uma espécie de força divina porque, apartando o espírito das coisas corporais, com as suas figuras e como num espelho, apresenta ao entendimento, livre do contacto dos sentidos, as imagens das coisas eternas e das que se revelam apenas sob forma intelectual”) (o. c., p. 11; cf. *supra* pp. 42-43); b) do português Beleago: *Haec (= Geometria) enim eos qui sensibus affixi sunt auellit a sensibus et ad diuiniae perennisque naturae conspectum paulatim excitat; (p. 33 da edição citada);* c) e de Pedro Fernandes: *quoniam, ut ille inquit, haec hominum animos, terrenis his inhaerentes, ad aeternam illam naturam, quae intellectu tantum concipitur, diuinarumque rerum contemplationem erigit atque excitat.* (“Visto que, consoante ele diz, ela eleva e incita o espírito dos homens, agarrados a estas coisas terrenas, na direcção daquela natureza eterna, que só através do intelecto se concebe, e à contemplação das coisas divinas.”) (O. c., p. 18; cf. *supra* pp. 84-85).

87 - *Vd.*, por exemplo, Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 1. 27, ou Proclo, *In Euclidem*, *apud* G. S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 76.

88 - *Vd.* Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, livro 1º, c. 8, “Sobre a morte de Noé e dos seus filhos”. A tradução latina quinhentista reza assim no passo aludido por Pinto: *Illi namque cum essent religiosi et ab ipso Deo facti cumque eis pabula opportunior ad maius tempus existerent praeeparata, tantorum annorum circulis rite uiuebant. Deinde, propter uirtutes et gloriosas utilitates, quas iugiter perscrutabantur, id est, astrologiam et geometriam, Deus eis ampliora uiuendi spatia condonauit: quae non ediscere potuissent, nisi sexcentis uiuerent annis. [...] Testes autem mei dicti sunt omnes qui antiquitatem apud Graecos et barbaros conscribere maluerunt. Nam et Manethon, qui descriptionem fecit Aegyptiorum [...] concordant cum meis dictis.* (“É que, uma vez que eles (=os primitivos e longevos homens de que fala a Bíblia) eram dados à religião e tinham sido feitos pelo próprio Deus, e porque tinha sido posta à sua disposição uma alimentação mais adequada para que durassem mais tempo, viviam facilmente durante tão grande número de anos. Além disso, por causa das virtudes e gloriosos proveitos que incessantemente esquadrihavam, ou seja, por causa da astrologia e geometria, Deus ofereceu-lhes mais dilatados prazos de vida: pois não teriam podido aprender a fundo estas coisas se não vivessem durante quinhentos anos. [...] Ora, são testemunhas do que afirmo todos os que entre os Gregos e os bárbaros optaram por escrever sobre os tempos antigos. Com efeito, tanto Mâneton, que descreveu os Egípcios, [...] concordam com as minhas palavras.”) *Flauii Iosephi Opera Omnia*, Basileia, in *Officina Frobeniana*, 1534, f. 9. Também Pedro Fernandes, o. c., p. 18 (vid. *supra*, pp. 152-153), cita esta passagem do escritor hebraico.

89 - Cf. Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectioinum Antiquarum Libri XXX*, o. c., f. 272: *Hinc et illa festiua uox socratici Aristippi profluxit, opinor, qui ex naufragio in Rhodiorum litus maris impetu et uentis assilientibus cum foret excussus ac inibi mathematicas formulas esset intuitus, gaudio gestiens prosiluit et bene sperare comites iussit, quoniam uestigia hominum noscitaret.* (“Em minha opinião, também daqui procedeu aquele jubiloso dito do socrático Aristipo, o qual, tendo sido, em consequência de um naufrágio, arrojado pela violência do mar e dos desatados ventos numa praia da ilha de Rodes e tendo visto aí fórmulas matemáticas, deu pulos de alegria e incitou os companheiros a acalentarem as melhores esperanças, pois acabava de reconhecer marcas de seres humanos.”). Pedro Fernandes, na p. 18 (cf. *supra* pp. 152-153) da sua *Oratio*, cita também este exemplo, qualificando Aristipo, à semelhança do vulgarizador acabado de citar, como *socraticus*.

90 - Conquanto com redacção diversa, este período apresenta grandes similitudes: a) com as linhas 7-18 da p. 11 (cf. *supra* pp. 40-43) da edição citada da *Oratio* de Arnaldo Fabrício; b) e com as primeiras linhas da p. 18 (; cf. *supra* pp. 152-153) da *Oratio* de Pedro Fernandes.

91 - Vd. Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 8. 76. Recordem-se os seguintes versos (1-13) do poema de Empédocles *A Natureza*, na tradução de Maria Helena da Rocha Pereira: “E estas coisas nunca cessam de mudar continuamente, / ora convergindo num todo graças ao Amor, / ora desconjuntando-se de novo pelo ódio da Discórdia. / Assim, tal como um só sabe formar-se de vários, / e de novo tornar-se plural, quando um se separa, / assim eles se formam e a sua vida não é firme.” *Hélade*, Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Clássicos, 1998, pp. 220-221.

92 - Cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, 5. 1131a-b. Comparem-se estes dois últimos períodos de Pinto com o que no mesmo sentido escreve Pedro Fernandes na p. 19 (cf. *supra* pp. 152-153) da sua *Oratio*.

93 - Cf. este período com as seguintes palavras da p. 9 (cf. *supra* pp. 38-39) da edição citada da *Oratio* de Arnaldo Fabrício: *Verum enimvero quanta in ueneratione Musica priscis temporibus apud Graecos fuerit hinc intelligi potest, quod musici tum idem qui poetae et sapientes habiti fuerunt.* (“Mas pode coligir-se o grande respeito que antigamente entre os Gregos se sentia pela música a partir do facto de que então os músicos eram tidos na mesma conta do que os poetas e os sábios.”).

94 - Cf. Belchior Beleago, o. c., p. 31 (cf. *supra* pp. 82-83): *[...]trito prouerbio diceretur ab omnibus indoctos a Musis atque Gratiis abesse.* Quintiliano, o. c., 1. 10. 21., consigna este provérbio.

95 - Vd. Aristóteles, *Política*, 8. 7. 1341b.

96 - Ambos estes exemplos são citados nas *Orationes* de Fabrício (p. 9; cf. *supra* p. 38), de Beleago (p. 31; cf. *supra* pp. 82-83) e de Pedro Fernandes (pp. 14-15; cf. *supra* pp. 146-9). A fonte latina dos quatro humanistas é, para o caso de Sócrates, Quintiliano (*de philosophis loquor, quorum fons ipse Socrates iam senex institui lyra non erubescerat*, o. c., 1. 10. 13.), e, para o de Temístocles, Cícero, *Tusculanas*, 1. 2. 4: *Themistoclesque aliquot ante annos, cum in epulis recusasset lyram, est habitus indoctor.* Também Jerónimo Cardoso, na p. 62 da edição citada da sua *Oratio* e aludindo expressamente a Cícero, faz menção deste último exemplo. Cita-o igualmente, mas sem menção da fonte, Jerónimo de Brito (o. c., p. 22; cf. *supra* p. 312).

97 - Cf. a): Arnaldo Fabrício (p. 9 da edição citada; cf. *supra* pp. 38-39): *Mundum uero ex partium inter se harmonia didicerunt musica ratione constare, quam Pythagoras, rerum ab ipsa natura inuoluntarum causas perscrutans, ex collatione numerorum inter se, quorum proportione symphonias illa redderet, nasci comperit.* (“Mas, a partir da harmonia das partes entre si, aprenderam que o mundo subsistia graças a uma natureza musical, que Pitágoras, ao esquadrinhar as causas das coisas escondidas pela própria natureza, descobriu que nasce do reunião dos números entre si, por forma a, através do encontro destes, ela produzir consonâncias.”); b) Jerónimo de Brito, p. 23 (cf. *supra* pp. 314-315): *Quem [concentum] nostrarum aurium imbecillitas, uel potius natura assuefacta, capere non potest.*

98 - Cícero, *Sobre a República*, 6. 18. Estas palavras fazem parte do longo fragmento normalmente designado por “Sonho de Cipião” e aparecem, introduzidas e transcritas de modo quase idêntico ao de Pinto, na *Oratio* de Pedro Fernandes, o. c., p. 13 (cf. *supra* pp. 146-147).

99 - *Vd.*, para o que Pinto escreveu neste período até aqui, Quintiliano, *Instituição Oratória*, 1. 10. 9: passo no qual também se parece ter inspirado Bealego, o. c., p. 31 (cf. *supra* pp. 84-85).

100 - Bealego, o. c., p. 31 (cf. *supra* pp. 84-85), também fala dos efeitos da música sobre os golfinhos, citando Plínio como sua fonte: *História Natural*, 9. 8.

101 - Cf. com o seguinte passo do *Livro de Job*: “O cavalo escarva a terra e folga na sua força e sai ao encontro dos armados. Ri-se do temor e não se espanta e não torna atrás por causa da espada. [...] Ao soar das buzinas diz: Eia!” *Jb* 39. 21-22 e 25.

102 - Esta passagem acerca dos efeitos da música sobre o equilíbrio físico e espiritual do homem parece *amplificatio* das seguintes palavras de Arnaldo Fabrício, o. c., p. 9 (cf. *supra* pp. 38-39): *Et profecto uis eius uariis in rebus magna est: quae animos tum excitat, tum remittit; morbos et animi et corporis lenit ac remouet; molestias abstergit; curas et labores solacio suo leuat.* (“E realmente é grande o seu poder em vários domínios, pois ela ora incita, ora acalma o espírito; mitiga e faz desaparecer as enfermidades tanto do corpo como do espírito; dissipa as moléstias; com o seu consolo, alivia os cuidados e trabalhos.”).

103 - Arnaldo Fabrício e Pedro Fernandes, *opera citata*, pp. 10 e 13 (cf. *supra* pp. 41-42 e 148-149), respectivamente, também contam este *exemplum*.

104 - *Vd.*, por exemplo: “Chegaram às tendas e às naus dos Mirmidões, / e encontraram-no (=Aquiles) a deleitar o seu espírito com uma lira harmoniosa, / lavrada com requinte, sobre a qual passava uma barra de prata. / Tinha-a tomado para si, quando arrasara a cidade de Eécion. / Com ela deleitava o seu ânimo, cantando feitos gloriosos.” *Iliada*, 9. 185-189. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade*, edição citada, p. 28.

105 - Tanto Fabrício (o. c., p. 10; cf. *supra* pp. 40-41) como Bealego (o. c., p. 33; cf. *supra* pp. 84-85) se referem a este episódio bíblico, que procede de *1Sm* 16. 23.

106 - Nestas expressões vemos um eco dos vv. 391-395 da *Arte Poética* de Horácio (passo aliás citado por Jerónimo Cardoso, o. c., p. 50, e por Pedro Fernandes, o. c., p. 13; cf. *supra* pp. 146-147): *Siluestres homines sacer interpresque deorum / caedibus et uictu foedo deterruit Orpheus, / dictus ob hoc lenire tigres rabidosque leones; / dictus et Amphion, Thebanae conditor urbis, / saxa mouere sono testudinis.* (“Douto, sagrado intérprete dos numes, / fez Orfeu com que os homens inda agrestes / um vil sustento e o sangue aborrecessem; / daqui veio o dizer-se que amansara / bravíssimos leões, ferozes tigres; que Anfião, de Tebas construíra os muros, / que ao

som da lira as penhas comovera.” Trad. do Visconde de Seabra). Quanto ao último personagem mitológico citado, relembremos ao leitor que “era filho de Júpiter e de Antíope, desposou Níobe, filha de Tântalo, e era dotado de tão grande talento para tocar a lira que se disse edificara os muros de Tebas ao som deste instrumento e que as mesmas pedras iam colocar-se no seu lugar.” *Notícia da Mitologia. Traduzida do Francês por A. J. T.*, Lisboa, Tipografia Rollandiana, 1803, pp. 196-197.

107 - É provável que Pinto se tenha inspirado aqui nas seguintes passagens: a) da p. 29 da edição citada (cf. *supra* pp. 82-83) da *Oratio* de Belchior Beleago: *quam (=Musicam) uelut moribus inimicam ab sua re publica exclusit Plato et Aegyptii in ciuitatem non admiserunt*; b) da p. 14 da edição citada (cf. *supra* pp. 148-149) da *Oratio* de Pedro Fernandes: *Haec igitur qui intelligit, nonne uidet Aegyptiorum hominum temeritatem, qui rem sanctissimam uelut ignauam animorumque effeminatricem et damnabant et fugiebant?* (“Por conseguinte, quem está ciente de tudo isto acaso não se dá conta do desatino dos Egípcios, os quais, como se tratasse de uma actividade que amolenta e efemina o ânimo, não só condenavam como também fugiam de uma coisa tão santa?”).

108 - *Vd.* Plutarco, *Licurgo*, 21 e 22.

109 - *Cf.* Heródoto, *Histórias*, 1. 26.

110 - *Cf.* com os seguintes passos: a) da p. 37 da edição citada (cf. *supra* pp. 86-87) da *Oratio* de Beleago: *Anaxagoras interrogatus cur se natum arbitraretur, respondit caeli solisque uidendi causa*; b) da p. 10 da edição citada (cf. *supra* pp. 142-143) de Pedro Fernandes: *Anaxagoras ille, qui se caeli solisque uidendi causa natum esse praedicabat*. (“O célebre Anaxágoras, que proclamava que tinha nascido para ver o céu e o Sol.”). Aliás, ambos os autores limitam-se a traduzir Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 2. 3.

111 - *Cf.* Plínio, o Antigo, *História Natural*, 2. 9. 12. Jerónimo Cardoso e Pedro Fernandes, nas pp. 66 e 11 (cf. *supra* pp. 144-145), respectivamente, das edições citadas das suas *orationes*, exprimem-se acerca de Tales em termos quase idênticos aos de Pinto.

112 - *Cf. id.*, o. c., 2. 6. 8.

113 - Recorde-se o tratamento poético que a este mito deu Luís de Camões na sua Ode 1^a.

114 - *Cf.* Plínio, o Antigo, o. c., *ibi*. Também Jerónimo Cardoso, nas pp. 65-66 da edição citada da sua *Oratio*, faz menção de Endimião em termos não dessemelhantes dos de Pinto.

115 - Como é evidente, António Pinto confunde numa mesma pessoa o astrónomo alexandrino do século II d. C. com os numerosos homónimos pertencentes à dinastia dos Lágidas.

116 - A origem desta referência pode estar em Cícero, *Tusculanas*, 5. 3. 8., em passagem de que Jerónimo Cardoso e Belchior Beleago também se devem ter servido nas suas *orationes*, respectivamente, *opera citata*, p. 67 e p. 37 (cf. *supra* pp. 86-87).

117 - *Vd.* Diógenes Laércio, *Vidas dos Filósofos Ilustres*, 3. 6.

118 - *Id.*, o. c., 8. 3.

119 - Cf. Pedro Fernandes, o. c., p. 10 (cf. *supra* pp. 142-143): *Vnde nostro quodam iure socraticum illud, "quod supra nos nihil ad nos", possumus contemnere.* ("Daqui procedem, em nossa opinião, aquelas palavras de Sócrates: *O que está acima de nós não pertence à nossa alçada.*").

120 - Cf. com o passo seguinte na p. 37 da edição citada da *Oratio* de Beleago: *Quarum rerum cognitio tempora distinxit, aetates designavit, serendi atque fructus percipiendi maturitates edocuit, nec tantum notat ea quae praeterierunt, sed futura etiam multis in locis praenuntiat.* A fonte de ambos os oradores parece estar em Platão, *República*, 527d.

121 - *Vd.* Plutarco, *Nícias*, 23, e Plínio, o Antigo, o. c., 2. 11. 12, que, pela semelhança de linguagem, parece a fonte directa. Este exemplo também é citado por Pedro Fernandes, o. c., p. 11 (cf. *supra* pp. 144-145).

122 - Este exemplo vem reproduzido em Cardoso (o. c., p. 66), Fabrício (o. c., p. 12; cf. *supra* p. 44), Beleago (o. c., p. 39; cf. *supra* p. 86) e Pedro Fernandes (o. c., p. 11; cf. *supra* p. 144), sendo várias as possíveis fontes clássicas, como, por exemplo: Tito Lívio, *Desde a Fundação da Cidade*, 44. 37, Valério Máximo, *Feitos e Ditos Memoráveis*, 8. 11. 1, Quintiliano, o. c., 1. 10. 47, Plutarco, *Paulo Emílio*, 17.

123 - Jerónimo Cardoso, Arnaldo Fabrício, Belchior Beleago e Pedro Fernandes contam também este episódio, nas pp. 66, 12, 39 e 11 das respectivas *orationes* (cf. *supra* pp. 42-43, 86-87 e 144-145, para os três últimos). As fontes em que mais provavelmente os cinco beberam foram: Plutarco, *Péricles*, 35, e Quintiliano, o. c., 1. 10. 47.

124 - *Vd.* Plínio, o Antigo, o. c., 7. 37. Cardoso, o. c., p. 68, e Beleago, o. c., p. 37 (cf. *supra* pp. 86-87), também citam este exemplo.

125 - Cf. Platão, *República*, 529a-530c. Também Brito, o. c., p. 25 (cf. *supra* pp. 314-317), se funda directamente neste passo platónico.

126 - Cf. *id.*, o. c., 400e-403c.

127 - Cf. com o início da p. 28 da *Oratio* de Pedro Fernandes, citado *supra*, p. 371, na Introdução, e com as seguintes palavras da p. 66 da edição citada da *Oratio* de Hilário Moreira: *Medicina [...] scientia sanitatis est, teste Galeno* [De sanitate tuenda, 4. 15-30], *de differentiis pulsuum, de sanis, aegris et neutris pertractans, ut sanitas conseruetur et amissa reparetur* (cf. *supra* pp. 216-217).

128 - Também Beleago, o. c., pp. 57 e 59 (cf. *supra* pp. 96-97), se refere a ambas estas personagens míticas. Cf. igualmente Ovídio, *Metamorfoses*, 15. 625-744.

129 - *Vd.*, por exemplo, Eurípides, *Alceste*, 3-4, e Píndaro, *Odes Píticas*, 3. 55-58.

130 - Cf. Erasmo de Roterdão, *A Guerra e Queixa da Paz. Introdução, tradução do latim e notas de A. Guimarães Pinto*, Lisboa, Edições 70, 1999, p. 44: “A um sufocou-o um pêlo engolido com o leite; a outro, um bago de uva.”

131 - Eco da mais célebre obra do *Corpus Hyppocraticum: Sobre os ares, as águas e os lugares*.

132 - Cf. *Iliada*, 2. 731-732: “A estes capitaneavam dois filhos de Asclépio e excelentes médicos, Podalírio e Macáon.”

133 - Asclépio é a forma grega do mesmo Esculápio que Pinto, ao que supomos erradamente, cita atrás como entidade diferente.

134 - Cf. *Iliada*, 11. 828-832: “Mas tu salva-me e leva ao meu navio; / tira-me a seta, em banho morno a chaga, / asperge os lenimentos que de Aquiles / aprendeste e que afirmam lhe ensinara / Quíron, de entre os Centauros o mais justo.” (Tradução de M. Odorico Mendes).

135 - Diógenes Laércio, o. c., 7. 186., distingue do célebre filósofo quatro médicos com o mesmo nome. Jerónimo de Brito, na p. 16 (cf. *supra* pp. 308-309) da sua *Oratio*, cita também este nome.

136 - Cf. com o seguinte passo de Pedro Fernandes: *Harumque rerum professores etiam delubris excitatis tamquam deos uenerabantur. Vnde et pro diis cultos Aesculapium, Podalirium, Machaona, Chironem et Hippocratem Coum accepimus*. (“Os profissionais desta actividade até eram adorados como deuses em templos que se lhes consagravam. Daqui vindo o termos conhecimento de que Esculápio, Podalírio, Macáon, Quíron e Hipócrates de Cós foram cultuados como divindades.”) (O. c., p. 26; cf. *supra* pp. 160-161).

137 - Cf. este pensamento e o imediatamente anterior com os seguintes passos: a) das pp. 80-81 da edição citada da *Oratio* de Jerónimo Cardoso: *Non ab re igitur tam praecellentis scientiae originem ad deos referre non dubitauit prisca illa simplicitas et munus procul dubio caeleste non nisi caelo ipso rependi posse existimauit*; b) da p. 57 da edição citada (cf. *supra* pp. 96-97) da *Oratio* de Belchior Beleago: *Huius inuectores deos credidit antiquitas, nam et Apollo eam uerbis sibi arrogat: 'Inuentum medicina meum est opifexque per orbem / dicor et herbarum subiecta potentia nobis.'* [Ovídio, *Metamorfoses*, 1. 521-522].

Conforme aponta a tradutora e anotadora da obra de Beleago, o pensamento que se exprime nestas últimas palavras (e podemos acrescentar que também nas de Cardoso) deve ser reflexo do seguinte passo de Plínio, o Antigo: *diis primum inuectores suos assignauit et caelo dicauit*. (*História Natural*, 29. 1).

138 - Beleago (o. c., p. 59; cf. *supra* pp. 96-97) e Jerónimo de Brito (o. c., p. 16; cf. *supra* pp. 308-309) também contam este caso, apontando inclusivamente a fonte: Plínio, o Antigo, (*História Natural*, 29. 1).

139 - Beleago (o. c., p. 59; cf. *supra* pp. 96-97) também refere este caso, que igualmente procede do já citado lugar de Plínio, conquanto transcrevendo todo o texto do naturalista romano, que nos parece apresentar um matiz ligeiramente diverso do sentido que transluz da adaptação truncada efectuada por Pinto.

140 - Plínio, o. c., *ibi*.

141 - O Código de Justiniano, no livro 10, título 52, l. 6, contempla expressamente esta classe: *De professoribus et medicis*. Veja-se *Institutionum dn. Iustiniani libri*, Antuérpia, ex Officina Christophori Plantini, 1566.

142 - Limitámo-nos a transcrever a palavra que Pinto usa no original latino. Uma alternativa possível seria o vocábulo “saber”.

143 - Cf. Hilário Moreira, p. 66 da edição citada (cf. *supra* pp. 216-217): *Restat actiua philosophia, quae ethicen primo genuit, quam primus Cicero moralem uidetur dixisse, quod mores effingat et bene uiuendi modum praescribat*.

144 - Cf. com os passos seguintes: a) da p. 46 da edição citada da *Oratio* de André de Resende: *Sed redeamus ad philosophiae partem illam quam morum esse magistram diximus, cuius Socrates princeps est, qui, ut in Ciceronis Academicis Varro asserit, primus philosophiam a rebus occultis et a natura inuolutis auocauit et ad uitam communem adduxit*; b) da p. 72 da edição citada da *Oratio* de Jerónimo Cardoso: *Quam (=moralem philosophiam) Socrates ille, Apollinis oraculo sapientissimus iudicatus, tamquam caelestem e caelo euocauit neglectisque atque repudiatis naturalium philosophorum quaestionibus atque argutiis, quae ad bene beateque uiuendum nihil omnino conferunt, totum se eius studio addixit*.

145 - Cf. Cícero, *Sobre o Fado*, 1: *Quia pertinent ad mores, quos ἦθη Graeci uocant, nos eam partem philosophiae de moribus appellare solemus. Sed decet, augentem linguam Latinam, nominare moralem*.

146 - Cf. com Ulpiano, *Digesto*, I. 1. 10. 2: *Iuris prudentia est diuinarum atque humanarum rerum notitia, iusti atque iniusti scientia*. Esta definição também irá ser retomada, de modo mais ou menos literal, por Arnaldo Fabrício (o. c., p. 16; cf. *supra* pp. 50-51), Belchior Beleago (o. c., p. 51; cf. *supra* pp. 92-93) e Hilário Moreira (o. c., 70; cf. *supra* pp. 220-221).

147 - Toda esta série de interrogações retóricas parecem *amplificatio* das seguintes passagens do fl. Diii vº da ed. cit. da *Oratio* de D. Pedro de Meneses: *Nam quis status, quae hominum condicio tuta in terris uiueret, si leges suis uiribus subsistentes non regnarent fueritque humana cupiditas seueritate legum et metu*

iudiciorum illigata? [...] Inter caedes et rapinas (mira res) ira concitati iustissimi comperiuntur. Vnde rectissime uidetur mihi ille bonus uir dixisse: 'Factae sunt leges ut earum metu humana coerceatur audacia tutaque sit inter improbos innocentia.' Esta passagem do jovem conde de Alcoutim foi parcialmente copiada por Hilário Moreira, na p. 68 da edição citada (cf. *supra* pp. 218-219) da sua *Oratio*. No entanto, a fonte mais remota destes Autores parece ser o seguinte passo de Cícero, *Sobre o Orador*, 1. 43. 194, aproveitado aliás de modo directo por Beliago (o. c., p. 53; cf. *supra* pp. 94-95): *docemus non infinitis concertationumque plenis disputationibus, sed auctoritate nutuque legum, domitas habere libidines, coercere omnes cupiditates, nostra tueri, ab alienis mentes, oculos, manus abstinere.*

148 - António Pinto, à semelhança de D. Pedro de Meneses (o. c., fl. D4), de Beleago (o. c., p. 53; cf. *supra* pp. 94-95) e de Pedro Fernandes (o. c., p. 29; cf. *supra* pp. 162-163), neste período decalca claramente Cícero, *Sobre as Leis*, 2. 4. 8.

149 - Cf. *supra* com a definição de Ulpiano.

150 - Cf. com o passo seguinte de Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectioinum Antiquarum Libri XXX*, o. c., p. 280: *At inferat aliquis: Quis igitur imperantem compressurus imperio est? Lex nempe mortalium immortaliumque regina omnium, ut Pindarus inquit.* (“Mas retrucaria alguém: Quem há-de conter o governante com o seu poder? ‘A lei, rainha de todos os mortais e imortais’, conforme diz Píndaro.”).

151 - Cf. com as seguintes palavras de Pedro Fernandes: *Hanc Pindarus hominum diuumque reginam appellat: et certe non immerito. Nam, sine hac, quid sanctum, quid religiosum esset, quod non hominum amentia et temeritas non uiolaret? Sine hac, quomodo excellens aliqua res publica posset consistere?* (“Píndaro chama-lhe rainha dos homens e das divindades, e não sem razão. É que, sem ela, que haveria de tão sagrado que a loucura e desatino dos homens não violassem? Sem ela, como poderia conservar-se em boas condições qualquer Estado?”) (O. c., pp. 28-29; cf. *supra* pp. 162-163).

152 - Cf. Platão, *República*, 426. 2.

153 - Virgílio, *Eneida*, 1. 282.

154 - Vd. o “Proémio” da compilação legislativa de Justiniano: *Imperatoriam maiestatem non solum armis decoratam, sed etiam legibus oportet esse armatam: ut utrumque tempus et bellorum et pacis recte possit gubernari, et princeps Romanus non solum in hostilibus praeliis uictor existat, sed etiam per legitimos tramites calumniantium iniquitates expellat, et fiat tam iuris religiosissimus quam uictis hostibus triumphator magnificus.* (“Convém que a majestade soberana se encontre não só prestigiada com as armas, mas também armada com as leis: por forma a poder exercer rectamente o poder tanto em tempo de guerra como de paz, e a que o soberano romano não apenas seja vencedor nas pelejas com os inimigos, mas igualmente, através de procedimentos legais, desterre os atropelos à lei dos que intentam falsas acusações, e a que se torne tanto um máximo zelador do direito quanto um generoso triunfador para os inimigos vencidos.”) *Institutionum dn. Iustiniani libri IV*, o. c., p. 7.

155 - Cf. Platão, *República*, 427e.

156 - Cf. Platão, *República*, 475e: verdadeiros filósofos, diz Sócrates, são “os amadores do espectáculo da verdade.”

157 - Cf. estes destes dois últimos períodos com o seguinte passo da p. 76 da edição citada (cf. *supra* pp. 224-225) da *Oratio* de Hilário Moreira: *Spiritum illum diuinum, qui tandem docuit omnia, et Christum ipsum, huius sapientiae antistitem, quem, ad omnem errorem depellendum atque hominum genus e tenebris uindicandum, e caelis in terras missum, nostra haec sacrosancta theologia celebrat. Videns enim caelestis ille doctor humanas mentes multis erroribus implicatas et infinitis sceleribus astrictas, diuina motus benignitate, humanam naturam inexplicabili ratione sibi assumpsit [...].*

158 - Cf. este período com as palavras seguintes: a) da p. 63 da edição citada (cf. *supra* pp. 98-99) da *Oratio* de Belchior Beleago: *Haec illa est sapientia quam Pythagoras humano ingenio teneri non posse intellexit, cuius tamen studiosum profitebatur. Haec illa est in qua tantopere philosophi ueteres, abiectis rebus familiaribus et uoluptatibus, elaborauerunt, sed nec adepti sunt quod uolebant et operam simul atque industriam perdiderunt;* b) da p. 32 da edição citada (cf. *supra* pp. 166-167) da *Oratio* de Pedro Fernandes: *Circa hanc diuinam sapientiam summi illi philosophi densa obuoluti caligine uersabantur nec umquam quid uerum esset intelligere potuerunt.* (“Aqueles maiores filósofos andaram em torno desta divina sabedoria mergulhados em densas trevas e jamais conseguiram compreender o que era a verdade.”); c) das pp. 10-11 (cf. *supra* pp. 302-303) da *Oratio* de Jerónimo de Brito: *Haec est igitur illa diuina Philosophia quam ueteres philosophi perquirentes se nihil scire passim profitebantur.* (“É esta aquela divina Filosofia que os antigos filósofos procuravam, confessando amiúde que nada sabiam.”).

159 - D. Pedro de Meneses (o. c., fl. Dii v^o), Pedro Fernandes (o. c., p. 32; cf. *supra* pp. 166-167) e Hilário Moreira (o. c., p. 82; cf. *supra* pp. 228-229), também citam o conhecido *dictum*.

160 - Cf. Ludouicus Caelius Rhodiginus, *Lectioinum Antiquarum Libri XXX*, o. c., Basileia, Froben, 1540, p. 999: *Quo nomine mathematicorum principem Ptolemaeum legimus, theologiam et physicen contemptui duxisse: quod illam praesigni rerum excellentia humana imbecillitas deprehendere uel consequi haud queat.* (“Razão pela qual lemos que Ptolomeu, primeiro entre os matemáticos, votou ao desprezo a física e a teologia: porque a esta a fraqueza humana é incapaz de apreendê-la ou alcançá-la mediante a elevada excelência da natureza.”).

Pedro Fernandes, porém, pela similitude dos termos que emprega, parece-nos ser a fonte directa do texto de Pinto: *Rex ille Ptolemaeus theologiam ne attingendam quidem putauit, quod illam admirabili rerum excellentia insignem, humana imbecillitas comprehendere non posset.* (“O célebre rei Ptolomeu considerou que a teologia nem sequer deveria ser tocada, uma vez que a fraqueza humana não poderia compreender aquela ciência tão superior devido à admirável excelência das suas matérias.”). O. c., p. 32 (cf. *supra* pp. 166-167).

161 - Conquanto a origem nos pareça outra, cf. com Diógenes Laércio, o. c., 1. 76.

162 - Cf. este parágrafo com as seguintes passagens das *orationes* de: a) Belchior Beleago: *Et ut nos uera ista sapientia instrueret, quae natura sua infinita est et incomprehensa, sanctissimae Virginis utero sese inclusit, ut inde exortum lumen suum in omnes gentes effunderet. O humilem sublimitatem et sublimem humilitatem [...]*. O. c., p. 63 (cf. *supra* pp. 98-99); b) Hilário Moreira: *Quae ecclesiae caelestisque Hierusalem spiritualia regna describit, ueram sapientiae disciplinam resque longe ab humana scientia remotissimas mentibus nostris inspirat, quas diuinis motibus inflammat*. O. c., pp. 74-76 (cf. *supra* pp. 224-225).

163 - Pedro Fernandes e Hilário Moreira, a propósito da política cultural de D. João III, também se serviram desta metáfora da morte e ressurreição, nas pp. 2 e 86 (cf. *supra* pp. 132-133 e 198-199), respectivamente, das edições citadas das suas *orationes*.

164 - Em Pedro Fernandes e Hilário Moreira também encontramos este assomo de ufanismo patriótico: a) *Rex [...]Academiam hanc uniuersi terrarum orbis florentissimam constituit*. (o. c., pp. 35-36; cf. *supra* p. 170); b) *Rex [...] inclutum hoc Conimbricense Lycaeam, uniuersi terrarum orbis florentissimum, instituit*. O. c., p. 88 (cf. *supra* p. 234).

165 - Cf. com os seguintes passos de: a) Arnaldo Fabrício: *Quibus hic Rex inclutus, ut populum suum quam florentissimum redderet, Gymnasium hoc, futurum breui totius Hispaniae celeberrimum, litteris dicauit honestisque praemiis ac condicionibus tot praeceptores doctissimos longe huc gentium euocauit, qui optimis artibus iuuentutem erudirent*. (“Para com elas tornar sobremodo florescente o seu povo, este ilustre rei consagrou às letras este Colégio, que em breve há-de ser o mais célebre de toda a Península Ibérica, e, com honrosas recompensas e condições, fez vir de longe para aqui grande número de professores, os mais doutos da Terra, para ensinarem à mocidade as artes mais excelentes.”). O. c., p. 21 (cf. *supra* pp. 58-59); b) Belchior Beleago: *Nec iis contentus, ex uariis nationibus homines doctissimos summis praemiis illectos arcessiuit, qui lusitanam iuuentutem bonis artibus erudirent et res obscuritate inuolutas nobis explicarent*. O. c., p. 71 (cf. *supra* pp. 102-103).

166 - Séneca, *Cartas a Lucílio*, 82. 3.

167 - Cf. o seguinte passo da exposição ciceroniana do pensamento estóico: *Cum autem ad tuendos conseruandosque homines hominem natum esse uideamus [...]*. (“Ora, uma vez que vemos que o homem nasceu para proteger e conservar os seus semelhantes [...]” *Sobre os Fins*, 3. 68).

168 - Parece-nos que esta ideia de António Pinto acerca da nobreza do estudo das letras é aproximável das seguintes palavras, pertencentes à exortação final da *Oratio* de Jerónimo Cardoso: *Quam ob rem uos magnopere adbortor moneoque [...] studia ipsa litterarum complectimini animumque inducite nihil uspiam inter mortales litteris uideri honoratius, nihil pretiosius, nihil denique quod magis hominem deceat nec quod tantopere a brutis mutisque animantibus uos interesse faciat*. O. c., p. 92.

BIBLIOGRAFIA GERAL

A) OBRAS MANUSCRITAS

Arquivo Geral de Simancas, *Estado, legajo 419, carta 12.*

Arquivo Geral de Simancas, *lib 1549, Secretarias Provinciales.*

Arq. Sec. do Vaticano, Nunz. di Port., vol. 2.

Autos e graus do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Autos e provas de cursos, do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Carta a Baltazar de Faria sobre os lentes da Universidade, N.º 4, Maço 5 do Índice das Gavetas – Torre do Tombo.

Cartas, Provisões e Alvarás pertencentes à Universidade de Coimbra. N.º 81 dos livros da Mesa de Consciência e Ordens – Torre do Tombo.

Cartório do Conselho da Fazenda da Universidade de Coimbra. N.º 306 – Torre do Tombo.

Chancelaria Régia de D. João III, D. Sebastião e Filipe I – Torre do Tombo.

Chancelaria de D. Sebastião, livro 13 – Torre do Tombo.

Códice CX/1-4 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora

Códice CXII/1-25 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

Códice CXVI/1-39 n.º 21 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

Coelho, Jorge, *Memória do celebrado Galeão São João chamado vulgarmente o Bota-Fogo [...] com um extracto das Armadas, que saíram deste Reino para a Índia*, 1734.

Colégio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra. N.º 266 (*Conventos*) – Torre do Tombo.

Confirmação del Rei D. João III dos privilégios [...] dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra. Livro N.º 10 de Santa Cruz – Torre do Tombo.

Constituições dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra – Torre do Tombo.

Desembargo do Paço (D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e Filipe I) – Torre do Tombo. *Documentos diversos* n.ºs 236 a 244 dos *Maços* – Torre do Tombo.

- Documentos do século XVI*, n.ºs 15 a 22 das *Pastas* – Torre do Tombo.
- Gaveta das Cartas*, doc. 112, do Arquivo Distrital de Braga.
- Inquirição de genere, vita et moribus, desde 1561 a 1598*. Livro 72 de Santa Cruz – Torre do Tombo.
- Lacerda, M. P., *Bibliografia Lusitana*, Manuscrito da Biblioteca Nacional, F. G. n.º 7391.
- Livro de memórias dos Irmãos falecidos*, séc. XVI e XVII. Maço 3, 8 de Santa Cruz – Torre do Tombo.
- Livro de privilégios de D. Manuel*, N.º 210 dos Livros da Mesa de Consciência e Ordens – Torre do Tombo.
- Livro do recebimento de Noviços desde 1552 a 1609*, Livro de Santa Cruz – Torre do Tombo.
- Livros de registos de Cartas e Alvarás*. N.ºs 84 a 87 dos *Livros da Mesa de Consciência e Ordens* – Torre do Tombo.
- Memórias Várias de Santa Cruz de Coimbra*, Biblioteca Municipal do Porto.
- Manuscrito 527* da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- Manuscrito 3174* da Biblioteca Nacional – Lisboa.
- Necrológio dos Frades de Santa Cruz de Coimbra*. Maço 71 de Santa Cruz – Torre do Tombo.
- Pergaminhos avulsos*. N.ºs 1 a 10 e 36 a 44 das *Pastas* – Torre do Tombo
- Privilégios de D. João III*. Maço 7.1 – Torre do Tombo.
- Theatrum Lusitaniae Litterarium, siue Bibliotheca schriptorum omnium lusitanorum*, auctore Joanne Soares de Brito, Lusitano, Mathosiniensi, Soc. Theologiae Conimbric. atque Ebor. Doctore, Coimbra 1655.
- Treslados* - N.ºs 11 a 24 das *Pastas* – Torre do Tombo.

B) OBRAS IMPRESSAS

I – Escritores Antigos

AGOSTINHO, Santo:

- , *De Civitate Dei*, Col. Migne.
- , *De Doctrina Christiana*, Col. Migne.
- , *De Vera Religione*, Col. Migne.
- , *Sermo 69*, Col. Migne.

AMÓNIO, *Vida de Aristóteles*, ed. Firmin-Didot, Paris.

APULEIO, *Metamorfoses*, ed. M. Nisard, Paris.

- ARATO, *Phaenomena*, Texto crítico e tradução de Jean Martin. Biblioteca di Studi Superiori, Vol. XXV, Filol. Grega, 1953.
- ARISTIPO, *Philosophorum Graecorum Fragmenta*, Edit. A. Firmin-Didot.
- ARISTÓFANES, *Les Acharniens*, Paris, Les Belles lettres, 1958.
- ARISTÓTELES:
- , *Ética*, ed. Les Belles Lettres, Paris.
 - , *Opera Omnia*, Paris, 1925.
- ARQUÍLOCO, *Fragmenta*, Les Belles Lettres, Paris, 1968.
- BASÍLIO MAGNO, S., “Sermo de Legendis Libris Gentilium”, in *Patrologiae Graecae*, de J. P. Migne, vol. 31.º, Paris, 1885.
- BOÉCIO, *Arithmetica, Geometria et Musica*, in Pedro Ciruelo, *Cursus quattuor Mathematicarum artium liberalium*, Alcalá de Henares, 1516.
- CÍCERO, Marco Túlio:
- , *Academicorum priorum liber II*, Bibliotheca Classica Latina.
 - , *Ad Familiares*, Les Belles Lettres, Paris, 1950-1999.
 - , *Ad Atticum* - 2, 11, 13, Col. Lemaire, Paris, 1966.
 - , *Brutus*, Les Belles Lettres, Paris, 1966.
 - , *De Divinatione, De Republica*, “Opera Philosophia”, vol. II, Leipsig, 1905
 - , *De Finibus*, Loescher, Turim.
 - , *De Legibus*, Paris, Les Belles Lettres, 1959.
 - , *De Natura Deorum*, Col. Lemaire, Paris.
 - , *De Fato*, Paris, Les Belles Lettres, 1944.
 - , *De Oratore*, Leipzig, Bibl. Teubneriana, 1969.
 - , *De Republica*, Paris, Les Belles Lettres, 1980.
 - , *De Senectute*, Paris, Les Belles Lettres, 1969.
 - , *De Inventione, Orator, Topica* “Opera Rhetorica”, vol. I, Leipsig, 1908.
 - , *In Verrem*, Loescher, Turim.
 - , *Partitiones Oratoriae*, Les Belles Lettres, Paris, 1947.
 - , *Pro Archia*, Les Belles Lettres, Paris.
 - , *Pro Baldo*, Les Belles Lettres, Paris, 1969.
 - , *Pro L. Flacco*, Les Belles Lettres, Paris.
 - , *Pro Ligario*, Les Belles Lettres, Paris.
 - , *Pro Murena*, Les Belles Lettres, Paris, 1946.
 - , *Pro S. Roscio Comoedio*, Leipzig, Bibl. Teubneriana, 1966.
 - , *Timaeus*, ed. Teubner, Leipzig, 1975.

- , *Tusculanae Disputationes*, Les Belles Lettres, 1968.
- , *Selecta Opera Philosophica: De Officiis Libri tres; De Senectute et de Amicitia Dialogi; Paradoxa ad M. Brutum; Somnium Scipionis*. Conimbricae, Typis Academicis, 1812.
- , *As Catilinárias*. Introdução, tradução do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho, Edições 70, 2006.
- , *Catão-o-Velbo ou Da Velbice*. Tradução do latim, introdução e notas de Carlos Humberto Gomes, Cotovia, 1966.
- CÚRCIO, Quinto, Edic. Pezzang, Veneza.
- DEMÓSTENES, *In Aristogitonem oratio*. Ed. Firmin-Didot, Paris.
- DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiquitates Romanae*, Ed. Firmin-Didot, Paris.
- ELIANO, Cláudio:
- , *De Natura Animalium*, Ed. Firmin-Didot, Paris.
- , *Variae Historiae*, Ed. Firmin-Didot, Paris.
- EMPÍRICO, Sexto, *Aduersus Mathem*. Teubner, Leipzig.
- ÊNIO, *Remains of old latin*, Loeb Classical Library.
- EURÍPIDES, *Hecuba*, Les Belles Lettres, Paris.
- EUSÉBIO DE CESAREIA, *Praeparatio Euangelica*, Paris, ed. Migne, 1857.
- FILÓPONOS, *Comentários a Aristóteles*, Hachette, Paris.
- FLÁVIO JOSEFO, *Antiquitatum Iudaicorum Libri*, Paris, ed. Firmin-Didot.
- FRONTINO, *Les Stratagèmes*, Paris, 1857.
- GALENO, *De sanitate tuenda*, 1551.
- GÉLIO, Aulo, *Noctes Atticae*, ed. Nisard, Paris.
- HERÓDOTO, *Historiarum libri IX*, ed. Teubner, Leipzig.
- HOMERO:
- , *Ilíada*, Les Belles Lettres, Paris, 1967.
- , *Odisseia*, Les Belles Lettres, Paris, 1968.
- HORÁCIO:
- , *Epístolas*, Les Belles Lettres, Paris.
- , *Sátiras*, Les Belles Lettres, Paris.
- JERÓNIMO, São:
- , *Epistola 83 in Inuentarium Secundae partis epistolarum*, 1512.
- , *Epistola 14*, Les Belles Lettres, Paris.
- , *Commentarii in Ezequielem Prophetam (Migne)*.
- JUSTINO, *Historiarum liber*, Col. Lemaire, Paris.

LACTÂNCIO, L. Célio Firminiano, *Diuiinarum Institutionum Libri VII* [...] Per D. Erasmus Rot. recognitus et scholiis illustratus. [...] Anuérpia, 1555.

LAÉRCIO, Diógenes:

—, *Vitae philosophorum*, Oxford Classical Texts, Oxonii, 1964.

—, *Opera*, Ed. Firmin-Didot, Paris.

MARCIANO, *Liber Primus Institutionum, (in codice Iustiniani)*, Antuérpia, 1919.

MÁXIMO, Valério, Col. Lemaire, Paris.

MENANDRO, *Frag. 190*, ed. Teubner, Leipzig.

NEPOS, Cornélio, *Temístocles*, Col. Lemaire, Paris.

OVÍDIO:

—, *Fastos*, Les Belles Lettres, Paris, 1993.

—, *Metamorfoses*, Les Belles Lettres, Paris, 1957.

PAPINIANO, *Liber primus definitionum (in codice Iustiniani)*.

PÍNDARO, *Frag. 169 (151)*, ed. Teubner, Leipzig.

PLATÃO:

—, *Cármides*, Les Belles Lettres, Paris, 1972.

—, *Górgias*, Les Belles Lettres, Paris, 1949.

—, *Leis*, Les Belles Lettres, Paris, 1951.

—, *Fédon*, Les belles Lettres, Paris, 1978.

—, *Fedro*, Les Belles Lettres, Paris, 1985.

—, *República*, Les Belles Lettres, Paris, 1932-1946.

—, *Timeu*, Les Belles Lettres, Paris, 1970.

PLAUTO:

—, *Captiui*, Les Belles Lettres Paris.

—, *Cistellaria*, ed. M. Nisard., Paris.

PLÍNIO-O-VELHO, *Historia Naturalis*, Les Belles Lettres, Paris, 1950-1972

PLUTARCO:

—, *Vidas Paralelas*, Les Belles Lettres, Toms. I-XVI, Paris, 1964-1983.

—, *Obras Morais*, Les Belles Lettres, Toms. I-XII, Paris, 1972-1987.

PROPÉRCIO, *Elegias*, Les Belles Lettres, Paris.

QUINTILIANO, *De Institutione Oratoria*, Col. Lemaire, Paris.

SAGRADA ESCRITURA:

—, Génesis

—, Eclesiástico

- , Job
- , Salmo 18
- , Ev. de S. Mateus
- , Ev. de S. Lucas
- , Ev. de S. João
- , S. Paulo:
 - , Ep. aos Romanos
 - , Ep. aos Coríntios
 - , Ep. aos Efésios
 - , Ep. aos Filipenses

SÉNECA:

- , *Epistolae*, Col. Lemaire, Paris.
- , *De breuitate uitae*, Col. Lemaire, Paris.
- , *De tranquillitate animi*, Col. Lemaire, Paris.

SÍCULO, Diodoro, Ed. Didot., Paris.

SIMPLÍCIO, *Comentarii in enchirydion*, ed. Didot, Paris.

SUDA, *Lexicon*, ed. Ada Adler, Leipsig, 1928.

TEMÍSTIO, *Auscultatio Physica*, Paris, 1528.

TEÓCRITO, *Idílio XVI*, Hachette, Paris.

TEOFRASTO, *História das plantas*, ed. Didot, Paris.

ULPIANO, *Iuris enucleati in omni uetere iure collecti Digestorum seu Pandectarum libri quinquaginta*, livro 1.º, Génova (*in codice Iustiniani*), 1580.

VIRGÍLIO:

- , *Écloga IX*, Les Belles Lettres.
- , *Eneida*, Les Belles Lettres.
- , *Geórgicas*, Les Belles Lettres.

VITRÚVIO, Marcos Polião, *De architectura libri decem*, Leipsig, 1836.

II – Autores Modernos

ABREU, Capistrano de, *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, Belo Horizonte-São Paulo, Editora Itatiaia, 1988.

ALÇADA, Margarida (Directora), *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, Setembro 2006.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Coimbra, 1910.

- AMARAL, Augusto Ferreira do, *História de Mazagão*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso, *Antologia Poética de Diogo Pires*, Coimbra, INIC, 1983.
- ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.
- ANTÓNIO, Nicolau, *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1783-1788.
- ARNOLD, Robert, *Cultura del Renacimiento*, tradução de Salvador Minguijon y Adrián, Barcelona – Buenos Aires, 1925.
- Arquivo Coimbrão*, vol. VIII, Coimbra, 1945.
- BALAVOINE, Claudie, *Les Éclogues d'Henrique Caiado ou l'Humanisme portugais à la conquête de la poésie neo-latine*, Paris, Gulbenkian, 1983.
- BATAILLON, Marcel:
- , “Sur André de Gouveia, Principal du Collège de Guyenne”, in *O Instituto*, vol. 78, 1929.
 - , *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*. Coimbra, 1952.
- BEAUCHOT, R., *Cicéron, Oeuvres Choiesies*, Paris, 1940.
- BELL, Aubrey, *O Humanista D. Jerónimo Osório*, Coimbra, 1934.
- BERNARD-MAÎTRE, Henri, «Un grand serviteur du Portugal en France, Diogo de Gouveia l'ancien et le Collège Sainte-Barbe de Paris (1520-1548)», *Bulletin des Études Portugaises et l'Institut Français au Portugal* 15 (Lisboa, 1951) 3-75.
- BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições, Portugal, Espanha e Itália*, Círculo de Leitores, 1994.
- BRAGA, TEÓFILO, *História da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1892.
- BRANCO, José Gomes, «Os discursos do humanista Aquiles Estação», *Euphrosyne* 1 (Lisboa, 1957) 3-23.
- BRANCO, Manuel Bernardes, «Obras de Cataldo Áquila [sic] Sículo», *O Panorama* 17 (Lisboa, 1867) 35-54, 68.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes, *Diálogos das Grandezas do Brasil*, Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1943.
- BRANDÃO, Mário:
- , *O Colégio das Artes*, 2 vol., Coimbra, 1924 e 1933.
 - , *Uma Oração Académica do Renascimento*, Coimbra, 1926.
 - , «Os professores dos cursos de Artes nas escolas do Convento de Santa Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes de 1535 a 1555», *Biblos* 5 (Coimbra, 1929) 84-109.
 - , «Relação dos lentes de Artes e Gramática nos Colégios de Santa Cruz», *Alguns Documentos Respeitantes à Universidade de Coimbra na Época de D. João III*, Coimbra, 1937.
 - , *Inácio de Moraes – Conimbriae encomium*, revisão e prefácio, 1938.

- , *Coimbra e D. António Rei de Portugal. A educação de D. António*, 1º tomo, Coimbra, 1939.
- , *Documentos de D. João III*, Coimbra, 1941.
- , *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, Coimbra, 1948.
- , *Estudos Vários*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, Vol. I, 1972; vol. II, 1974.
- , *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, Coimbra, vol. I, 1941; vol. II, I Parte, Coimbra, 1951.
- BRANDÃO, Mário e ALMEIDA, M. Lopes de, *A Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1937.
- BRITO, Alberto Moreira da Rocha, *Velhas páginas universitárias*, Coimbra, 1962
- BRITO, Gomes de, *Notícias de livreiros e impressores em Lisboa na 2ª metade do séc XVI*, Lisboa, 1911.
- BUCHANAN, George, «Georgii Buchanani uita ab ipso scripta biennio ante mortem», *Georgii Buchanani [...] Opera Omnia*, Leide, 1725.
- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, 3.ª edição, Porto Editora, organizada por Paulo Ramos.
- CANGUEIRO, Luís António, *O Poema de Cataldo Sículo “De divina censura et Verbo Humanato” – Livro Segundo*, Coimbra, 1962 (dis. lic. dat.).
- CARDOSO, Jerónimo, *Obra Literária*, Tomo I: *Prosa Latina*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009.
- CARVALHO, A. SILVA, “Garcia d’Orta”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XII, 1934
- CARVALHO, Joaquim de:
- , *António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença. António de Gouveia e Pedro Ramo*, Coimbra, 1916.
- , «Catálogo dos professores de filosofia do Colégio das Artes de Coimbra e da Universidade de Évora desde 1555 a 1667», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 7-8 (1925-1927) 439-448.
- , “Renascença e Humanismo” in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. I, Paris-Lisboa, 1929.
- , «António Luís - Correspondência latina de António Luís com Jerónimo Cardoso», in F. Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, 2.ª parte, vol. III, tom. I, Coimbra, (1944) p. 746-749.
- , «António Luís - Panegyrica oratio elegantissima», in F. Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, 2.ª parte, vol. III, tom. I, Coimbra, (1944) p. 749-801.
- , «Sobre o humanismo português na época da Renascença», *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, Coimbra, 2 (1948) p. 1-72.
- , «A livreria de um letrado do séc. XVI, Frei Diogo de Murça», *Boletim da Universidade de Coimbra*, VIII, 1928.

- CASTRO, Aníbal Pinto de, «Aquiles Estaço, o primeiro comentador peninsular da Arte Poética de Horácio», *Arquivos do Centro Cultural Português* 10, Gulbenkian, (Paris, 1976) 83-102.
- CASTRO, António de, «Omnia Cataldi Aquilae Siculi quae extant opera», in D. António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo VI, II Parte, Coimbra, Atlântida Editora, 1954, p. 55-276.
- CASTRO, José de:
- , *O Prior do Crato*, Lisboa, União Gráfica, 1942.
 - , *Bragança e Miranda (Bispado)*, I, Porto, Tipografia Porto Médico Lda., 1946.
- CÉLIO, Luís (= Lodovico Ricchieri = Coelius Rhodiginus), *Lectionum antiquarum libri XVI*, Basileae, apud Ioannem Froebenium, 1517.
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves, *O Renascimento em Portugal. I – Clenardo e a sociedade portuguesa; II – Clenardo, o Humanismo e a Reforma*, Coimbra, 1974-1975.
- CLOCHÉ, Paul – *Démotibène et la fin de la démocratie athénienne*, Paris, 1957.
- CORNIL, Suzanne, «Humanistes Belges au Portugal: Clénard et Vasaeus», *L'Humanisme portugais et l'Europe – Actes du XXI Colloque international d'études humanistes, Tours, 3-13 Juillet 1978*, Paris, Gulbenkian, 1984, p. 335-344.
- CORTESÃO, Jaime; CARVALHO, Joaquim de; CERDEIRA, Eleutério; OLIVEIRA JÚNIOR, Francisco Teófilo de; e CORREIA, Vergílio, “Cultura”, in *História de Portugal*, vol. IV, 5.^a parte, Barcelos, 1932, p. 177-528.
- COSTA, António Domingos de Sousa, *Estudos sobre Álvaro Pais*, Lisboa, 1966.
- COUTO, Aires Pereira do, *Inácio de Moraes. Percorso Biográfico e Literário de Um Humanista de Quinhentos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT, 2004.
- CRUZ, António:
- , «Belchior Beleago, humanista portuense», *Bibliotheca Portucalensis* 1 (Porto, 1957) 7-29.
 - , *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa*, Porto, 1965.
- CRUZ, Lígia, *Actas dos Conselhos da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade, volume III, 1976.
- CRUZ, Maria do Rosário de Azevedo, *As Regências na Menoridade de D. Sebastião*, Lisboa, INCM, 1992.
- CURIÃO, Valentim, Tradução latina de Diógenes Laércio, *De Vita et moribus philosophorum*, Basileae, 1524.
- DANTAS, Júlio, “As Mulheres da Renascença” in *História da Literatura Portuguesa*, vol. II, Paris-Lisboa, 1930.
- DIAS, Amélia da Encarnação S. P. Simões, *Visões de Cataldo Sículo*, Coimbra, 1969, (dis. lic. dact.).
- DIAS, José Sebastião da Silva:

- , «Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)», *Biblos* 28 (Coimbra, 1952)
- , *Portugal e a Cultura Europeia*, Coimbra, 1953.
- , *Regimento Escolar de Santa Cruz de Coimbra (1537)*, Coimbra, 1974.
- DOMINGUES, Agostinho:
- , *Damião de Góis e o seu Tempo*, Soartes, 2003.
- , *O Gramático e Antologista Padre Manuel Álvares e o Humanismo Jesuíta*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 2005.
- DOMINGUES, Gabriel de Paiva, *Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*, Coimbra, 1982.
- EULEMBERG, Herbert, *Cicéron*, Paris, 1935.
- FERREIRA, Francisco Leitão:
- , *Alphabeto dos Lentes da Insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante*, Coimbra, 1937.
- , *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. II, 1940; vol. III, tomos I e II, 1944 e 1956.
- FICALHO, Conde de, *Garcia da Orta e o seu tempo*, Lisboa, 1886.
- FICINO, *Platonis opera a Marcilio Ficino Traducta*, Paris, 1518.
- FIGUEIROA, Francisco Carneiro de, *Memórias da Unversidade de Coimbra*, Publicadas pelo Dr. Joaquim de Carvalho, Coimbra, 1937.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Coimbra, Imprensa de Universidade, 1927.
- FREIRE, José Gerales, *Obra Poética de Diogo Mendes de Vasconcelos*, Coimbra, 1962.
- GAULLIEUR, Ernest, *Histoire du Collège de Guyenne*, Paris, 1874.
- GAYO, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga, Carvalhos de Basto, 1989.
- GOMES J. Pinharanda, Introdução e notas à *Oração em louvor da Filosofia do Infante D. Duarte*, Guimarães, 1965.
- GUSMÃO, Armando de, “Tipografia Portuguesa”, separata de *A Cidade de Évora*, Évora, 1952-1953.
- LAPA, M. Rodrigues, *Florilégio do Cancioneiro de Resende*, Lisboa, Textos Literários, 1960.
- LAURAND, L.:
- , *Études sur le style des discours de Cicéron*, 3 vols. Paris, 1925.
- , *Manuel des études grecques et latines*, Tom. II, Paris, editions Picard, 1946.
- LAUSBERG, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*. Tradução de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LEÃO, D. Gaspar de, *Desengano de Perdidos*. Reprodução do único exemplar conhecido com uma introdução por Eugenio Asensio, Coimbra, 1858.

- LEITE, António P. de Sousa, «Novos elementos para o estudo da grande família dos Gouveias humanistas», *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris* 31 (Lisboa, 1965) 31-45; 32 (1965) 114-133; 33 (1965) 189-195; 34 (1965) 263-271.
- LIPÉNIO, Martinho, *Biblioteca Real de Filosofia*, Lisboa, 1785.
- LOMBARDO, Pedro, *Epitome in quattuor libros sententiarum*, Paris, 1551.
- LUND, Christopher L., *Anedotas Portuguesas e Memórias da Corte Quinhentista [...]*, Almedina, Coimbra, 1980.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora, Tom. I-IV, 1965-1967.
- MANUZIO, Paolo, *Adagia quaecumque ad hanc diem exierunt [...]*, Venetiis, 1585.
- MARGARIDA, Eduardina I. Cardoso de Amaral, *De gloria, liber quartus, de Jerónimo Osório*, Coimbra, 1974 (dis. lic. dact.).
- MARIZ, Pedro de, *Diálogos de Vária História*, Lisboa, 1758.
- MARTINS, Isaltina das Dores Figueiredo, *O Poema "De Patientia Christiana" de Jorge Coelbo*, Coimbra, 1974 (dis. lic. dact.).
- MARTINS, J. V. de Pina:
- , *Humanismo e Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Gulbenkian, 1973.
 - , André de Resende, *Vincentius Levita et Martyr*, Paris, Gulbenkian, 1981.
- MÁRTIRES, D. Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1955.
- MATOS, Luís de:
- , *O Humanismo de Diogo de Teive*, Coimbra, 1937.
 - , *Quatro Orações Latinas Proferidas na Universidade e Colégio das Artes*, Coimbra, 1937.
 - , *Les portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, 1950.
 - , *Les Portugais en France au XVI siècle. Études et documents*, Coimbra, 1952.
 - , «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Sículo», *A Cidade de Évora* 35-36 (Évora, 1954) 2-13.
 - , «Sobre António de Gouveia e a sua Obra», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* 7 (Lisboa, 1966) 559-583.
 - , *L'Expansion Portugaise dans la Litterature Latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- MATTOSO, José (Direcção de), *História de Portugal*, vol. III, Círculo de Leitores, 1993.
- MENDEIROS, José Filipe, "O Humanismo na Universidade de Évora", *A Cidade de Évora*, (Évora, Janeiro-Dezembro, 1959).
- Memórias da Literatura Portuguesa*, publicadas pela Academia Real das Ciências, vol. VIII.

- MENDES, João Pedro, *O Poema de Cataldo Sículo “De divina censura et Verbo Humanato” – Livro I*, Coimbra, 1967 (dis. lic. dact.).
- MENDONÇA, Agostinho Gavy de, *História do famoso cerco que o Xarife pôs à fortaleza de Mazagão defendido pelo valeroso capitão-mor dela Rui de Sousa de Carvalho reinando neste reino a sereníssima rainha Dona Caterina primeira do nome em Portugal no ano de 1562*, Lisboa, Vicente Álvares, 1607.
- MENESES, Miguel Pinto de:
- , André de Resende, *Oração de sapiência (Oratio pro rostris)*, (Trad. de...), Introd. de A. Moreira de Sá, Lisboa, 1956.
 - , Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*. (Trad. de ...). Introdução de Justino Mendes de Almeida, Lisboa, 1965.
- MORAIS, Cristóvão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, Braga, Edições Carvalhos de Basto, 1998.
- MORAIS, Inácio, *Oratio panegyrica ad inuictissimum Lusitaniae regem diuum Ioannem tertium [...]*, Vd. *supra* COUTO, Aires Pereira do, *Inácio de Moraes, Percurso [...]*, pp. 320 sgs.
- NOUGARET, L., *Traité de métrique latine classique*, Paris, 1956.
- OLIVEIRA, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, 1948.
- OSÓRIO, D. Jerónimo Osório, *De regis institutione et disciplina*, Lisboa, João de Espanha, 1571 (Trad. port.: *Da Enseñança e Educação do Rei*, Tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto, Lisboa, INCM, 2005).
- OSÓRIO, Jorge Alves, *A Oração sobre a Fama da Universidade, Feita em 1548* por João Fernandes, Coimbra, 1967.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, e PINA, Luís de, “Thesaurus Pauperum”, *Studium Generale*, IV, Porto, p. 134-139.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha:
- , Louvores latinos aos “Colóquios dos Simples e Drogas”, Centro de Estudos Humanísticos, Porto, 1963.
 - , *Hélade, Antologia da Cultura Grega*. Organizada e traduzida do original, 7ª edição, Coimbra, 1998.
 - , *Romana, Antologia da Cultura Latina*. Organização e tradução do original, 5ª edição aumentada, Edições Asa, Porto, 2005.
- PIMENTA, Alfredo, *D. João III*, Porto, 1936.
- PINHO, Sebastião Tavares de:
- , *Humanismo em Portugal, Estudos I e II*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.
 - , *Lopo Serrão e o seu Poema da Velbice*, edição do INIC, Coimbra, 1987.
- QUICHERAT, Louis, *Histoire de Sainte-Barbe*, vol. I, Paris, 1860.

RAMALHO, Américo da Costa:

—, «Um epigrama em latim imitado por vários», *Humanitas* 5 (Coimbra, 1952) 60-65; 5-6 (Coimbra, 1953-1954) 55-64.

—, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969.

—, «O Humanismo português e a Itália», *Humanitas* 33-34 (Coimbra, 1981-1982) 240-244.

—, *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, 2.^a ed. aumentada, 1983.

—, «Quelques aspects de l'introduction de l'humanisme au Portugal», *L'Humanisme portugais et l'Europe – Actes du XXI Colloque international d'études humanistes, Tours, 3-13 Juillet 1978*, Paris, 1984, p. 33-49.

—, *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra, 1985.

—, *Camões no Seu Tempo e no Nosso*, Coimbra, Almedina, 1992.

—, *Para a História do Humanismo em Portugal – I*, Publicação do INIC, Coimbra, 1988.

—, *Para a História do Humanismo em Portugal – III*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

RAYMOND, Arnold, *Histoire des sciences exactes et naturelles dans l'antiquité gréco-romaine*. Presses Universitaires de France, Paris, 1955.

REIS, António Matos, *Entre o Sucesso e a Desgraça: Pêro do Campo Tourinho, fundador de Porto Seguro*, Viana do Castelo, Centro Cultural do Alto Minho, 2000.

REGO, A. da Silva, *Le patronage portugais de l'Orient*. Trad. du portugais par Jean Haupt, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1957.

RESENDE, Garcia de, *Cancioneiro Geral*, Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias, Lisboa, INCM, 1993.

Revista de Guimarães, vol. 113/114, 2003/2004, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

RODRIGUES, Isidoro, «La cultura griega en S. Pablo», *Helmantica*, 1960, Jan-Abril, n.º 34.

RODRIGUES, Manuel Augusto:

— *A Cátedra de Sagrada Escritura de Coimbra. Primeiro século (1537-1640)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1974.

— «Os estudos teológicos e bíblicos no mosteiro de Santa Cruz no século XVI. A figura de D. Pedro de Figueiró», *Santa Cruz de Coimbra do século XI ao século XX – Estudos*, Coimbra, 1984, 119-138.

SÁ, A. Moreira de:

—, «Duas obras desconhecidas de Henrique Caiado», *Humanistas portuguesas em Itália*, Lisboa, 1983, p. 137-202.

—, *Uma carta inédita de Luis Vives para D. João III*, Coimbra, 1957.

SANTOS, António Ribeiro dos, *Memórias da Literatura Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa*, Tom. VIII, 1812.

SANTOS, Cândido Dias dos:

—, «Estudantes e Constituições dos Colégios de Santa Cruz de Coimbra (1534-1540)», *Revista da Faculdade de Letras*, 4-5 (Porto, 1973-1974) 89-196.

—, «Humanismo e Teologia nos meados do século XVI», *Arquivos do Centro Cultural Português* 9, Gulbenkian, (Paris, 1975) 507-553.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, «Jorge Buchanan e o ambiente coimbrão do século XVI», *Humanitas* 15-16 (Coimbra, 1963-1964) 261-327.

SEGURADO, Jorge, *De aetatibus mundi imagines* de Francisco de Holanda, Lisboa, 1983.

SERRÃO, J. Veríssimo:

—, «Renascença e Humanismo» in *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol.I, Paris-Lisboa, 1929.

—, «O humanista António de Gouveia em Tolosa», *Revista Portuguesa de Filosofia* 8 (Braga, 1952) 144-177.

—, «António Gouveia e Miguel Montaigne: seu provável contacto», *Revista Filosófica* 4 (Coimbra, 1952) 84-88.

—, *História de Portugal (1495-1580)*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1978.

SÍCULO, Cataldo Parísió:

—, *Oração de Sapiência proferida em Bolonha*, in *Epistolae Cataldi*, Lisboa, 1500.

—, *Epístolas, II Parte*. Fixação do texto latino, tradução, prefácio e notas de Américo da Costa Ramalho e de Augusta Fernanda Oliveira e Silva, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

SOARES, Nair de Nazaré Castro, *DIOGO DE TEIVE, Tragédia do Príncipe João*, Coimbra, 1977.

SOUSA, D. António Caetano de, «Catálogo dos Arcebispos de Goa, Primazes do Oriente, dos Bispos de Cochim [...]», in *Collecção dos documentos e memórias da Academia Real da História Portuguesa*, ordenada por Manoel Telles da Sylva, Lisboa, 1722.

SOUSA, Frei Luís de, *História de S. Domingos*, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977.

TEIXEIRA, António José, *Documentos para a História dos Jesuítas em Portugal*, Coimbra, 1899.

TEIXEIRA, Francisco Gomes, *História das Matemáticas em Portugal*, Lisboa, 1934.

TERRA, J. da Silva:

—, «Seis poemas de André de Resende», *Arquivos do Centro Cultural Português* 7, Gulbenkian, (Paris, 1973) 431-469.

—, «O humanista português Jorge Coelho e sua correspondência com os cardeais Bembo e Sadoletto», *Mélanges à la mémoire d'André Joucla-Ruau*, 2, Ed. da Univ. de Provence, 1978, p. 1133-1160.

TEYSSIER, Paul:

—, «L'Humanisme portugais et l'Europe» *L'Humanisme portugais et l'Europe – Actes du XXI Colloque international d'études humanistes, Tours, 3-13 Juillet 1978*, Paris, Gulbenkian, 1984, p. 821-845.

—, «Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise», *Bulletin des études portugaises et brésiliennes* 41 (Lisboa, 1980) 7-32.

TOFFANIN, Giuseffe, *Historia del Humanismo*, Buenos Aires, 1954.

TORRES, Amadeu Rodrigues, *Noese e Crise na Epistolografia Latina Goisiana. I - As Cartas Latinas de Damião de Góis. II - Damião de Góis na Mundividência do Renascimento*, Paris, Gulbenkian, 1982.

VAN VAASEN, «Dissertatio de vita et scriptis Antonni Goveani», *Antonni Goveani opera iuridica, philologica, philosophica*, Rotterdam, 1766.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de, *História Geral do Brasil*, 5ª edição, São Paulo, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as Suas Damas*, Prefácio de Américo da Costa Ramalho, Edição fac-similada, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1983.

VASCONCELOS, José Leite de, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1926.

VELOSO, J. M. Queirós, *D. Sebastião. 1554-1578*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1935.

VIEIRA, Dulce, e RAMALHO, A. Costa, *Cataldo Parísis Sículo – Martinho, Verdadeiro Salomão*, Coimbra, 1974.

WALL, John, «The latin elegiacs of George Buchanan (1506-1582)», *Bards and Makars*, Glasgow, 1977, p. 184-193

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- Abraão, 264
Abreu, Capistrano de, 344, 3456
Academia (ver Colégio da Guiena)
Academia de Coimbra, 11, 16, 73, 74, 102, 103, 112, 115, 114, 122, 128, 129, 132, 133, 170, 171, 189, 196, 197, 199, 200, 234, 235, 246, 249, 254, 255, 256, 294, 295, 327, 368, 369, 370, 372, 373, 376, 505
Academia de Letras de Lisboa, 21, 255
Academia de Paris, 13, 58, 59, 101
Academia de Platão, 42, 43, 294, 205, 215, 409, 450, 489, 514
Academia Real da História Portuguesa, 538
Academia Real das Ciências de Lisboa, 123, 535, 538
Accioltis, Julius Bolanus de, 371, 405
Acúrsio, 371, 405
Ada, 312, 313
Adão, 319, 321
Adon, 495
Adónis, 226, 227, 494
Afonso Henriques, D., 15
África, 12, 59, 181, 320, 321, 358, 359, 360, 443
Afrodite, 494
Agamémnon, 150, 151, 408, 409, 475, 514
Agenor, 208, 209, 495,
Agostinho, S., 177, 184, 185, 211, 227, 229, 267, 303, 307, 387, 407, 446, 448, 471, 486, 496, 526
Agostinho, Santo, (Cónegos Regrantes de), 15
Albúcios, 420, 421
Albuquerque, Frei João de, 115
Albuquerque, Martim de, 363
Alcácer Quibir, 505
Alçada, Margarida, 15, 17, 23, 530
Alcalá, 12, 527
Alcântara, 365
Alceu, 459
Álcman, 457
Alcínoo, 153, 215, 471, 489
Alcoutim, Conde de, 259, 435, 522
Alecto, 512
Alemanha, 444
Alepo, 332
Alexandre Magno, 89, 231, 233, 399
Alexandria, 322, 417
Alfesibeu, 495
Algarves (rei dos), 359
Aliates, 415
Almeida, D. Jorge de, 253
Almeida, Fortunato de, 116, 252, 253, 335
Almeida, Manuel Lopes de, 532
Almeirim, 338, 345
Álvares, João, 248
Álvares, João, (tipógrafo), 20, 29, 61, 73, 123, 129, 179, 189, 197, 255, 256, 327
Álvares, Vicente, 361
Amónio, 497, 498, 526
Anacreonte, 421

- Anaxágoras, 86, 87, 142, 143, 414, 415, 464, 466, 518
- Anaximandro, 204, 205
- Anes, Francisco, 117, 118
- Andrade, Diogo de Paiva de, 261, 263
- Anfião (vd. Anfíon), 147, 415, 517
- Anfíon (vd. Anfião)
- Aníbal, (general cartaginês), 312, 313, 442
- Anquises, 494
- Antímaco, 495
- Antíoco, 97, 309, 421
- Antíope, 518
- Antípatro, 159
- António, Nicolau, 175
- Aónia, 131
- Apeles, 75, 244, 257, 293
- Apolo, 37, 97, 147, 149, 155, 161, 163, 315, 329, 393, 397, 490, 495, 508, 509
- Apolo de Delfos, 393, 419
- Apolo Pítio, 141, 165
- Apolodoro, 397
- Apuleio, 487, 526
- Aquiles, 157, 415, 517, 520, 533
- Aquitânia, 11, 58, 59
- Arábia, 360, 361
- Arato, 120, 384, 385, 455, 463, 464, 506, 527
- Areópago de Atenas, 646, 506
- Ares, 361
- Arima (reis de), 365
- Aristarco, 397
- Aristeu, 498
- Aristipo, 153, 409, 471, 498, 515, 527,
- Aristófanes, 461, 489, 527
- Aristogitão, 528
- Aristóteles, 40, 41, 68, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 97, 156, 157, 185, 205, 221, 231, 303, 312, 313, 316, 317, 319, 347, 391, 398, 399, 404, 405, 410, 411, 421, 422, 423, 437, 438, 446, 450, 452, 474, 485, 492, 497, 498, 502, 507, 412, 513, 516, 526, 527, 528
- Aristóteles, Pseudo-, 185
- Aristóxeno, 149, 155, 313, 503
- Arnold e Arnoldus, (vd. Fabrício, Arnaldo),
- Arpinate (=Cícero), 121, 123, 188, 461, 468, 417, 496, 502, 510
- Arquelau, 147
- Árquias, 436, 510
- Arquidemo, 159
- Arquíloco, 155, 457, 473, 527
- Arquimedes, 45
- Arquitas de Tarento, 406, 407, 409
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 20, 21
- Arquivo Secreto do Vaticano, 253, 334, 338, 341, 525
- Arrúncios, 421
- Artaxerxes, 135, 343, 381, 505
- Artigas, Miguel, 124
- Asclepiades, 259, 309
- Asclépio, 421, 520
- Ásia, 12, 59, 320, 321, 440
- Asensio, Eugenio, 115, 534
- Ataíde, D. Jorge de, 253, 335, 341, 363
- Atena, 508, 542
- Atenas, 43, 87, 169, 393, 425, 438, 441, 444, 506
- Ática, 507
- Ático, 486
- Atlante, 511
- Atlas, 86, 87
- Augusto, (imperador), 199, 403, 443, 442, 511, 542
- Aulo Gélio, 454, 487, 499
- Autócrates, 489
- Aveiro, Duque de, 327, 342, 343, 344, 345, 346, 377, 378, 379, 505
- Aveiro, Casa de, 344, 506
- Azambuja, Frei Jerónimo de, 250, 259, 347
- Azevedo, Diogo de,
- B**
- Badajoz, 340
- Bailey, Cyril, 457
- Baldo, 136, 137, 307
- Barbosa, Pedro, 335
- Barcelos, 248, 533

- Barreira, João de, 20, 29, 61, 73, 123, 129, 179, 189, 197, 241, 251, 255, 256, 260, 271, 291
- Barreto, D. João Nunes, 115
- Barros, Brás de, 16
- Barros, João de, 330
- Barros, Paulo de, 177
- Bártolo, 136, 137, 307
- Basílio Magno, S., 277, 281, 283, 284, 285, 438, 449, 527
- Bastião, 331
- Bataillon, Marcel, 16, 531
- Bazas, 11
- Beleago, Belchior, *passim*
- Beleago, Melchior (vd. Beleago),
- Bembo, Pietro, 439, 538
- Benavente, Cristóvão de, 247
- Beócia, 399
- Benfica, 243, 246, 250, 251
- Bernardo, S., 266, 267
- Beroso, 86, 87, 418, 419, 450
- Berton, Bartolomeu, 18
- Biblioteca Comunal de Trento, 6, 261, 273
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 21, 111, 115, 117, 182, 190, 191, 368, 474, 526
- Biblioteca Nacional de Lisboa, 20, 21, 123, 190, 191, 242, 350, 526, 531, 539
- Biblioteca Pública de Évora, 21, 22, 124, 125, 191
- Biblioteca Pública Municipal do Porto, 65, 123, 124
- Bicudo, 332
- Blávio, João, 250, 260, 265
- Boa Deusa, Mistérios da, 440
- Boécio, Severino, 395, 407, 469, 503, 509, 512, 527
- Bolonha, 12, 182, 254, 474, 538
- Bordéus, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 24, 59, 435, 443
- Botelho, Aires, 247
- Bozola, Ioannes Baptista, 260
- Braga, 243, 244, 245, 251, 252, 271, 333, 337, 340, 341, 526, 534, 536, 538
- Braga, Frei Brás de, 16
- Braga, Teófilo, 118, 538
- Brandão, Ambrósio Fernandes, 531, 543
- Brandão, Mário, 20, 67, 69, 111, 181, 246, 247, 255, 257, 333, 347, 336, 346, 347, 348, 500, 506, 531, 532
- Brasil, 116, 125, 345
- Bréscia, 6, 243, 252, 260, 272, 287
- Britanno, Roberto, 14
- Brito, Alberto Moreira da Rocha, 532
- Brito, D. Filipa de, 243, 244
- Brito, D. Frei Henrique de Távora e, 252, 253
- Brito, Gomes de, 532
- Brito, Henrique de, 242
- Brito, João Soares de, 526
- Brito, Jerónimo de, *passim*
- Britonio, Gironimo, 242
- Bruto, L., 219
- Bruto, Marco, 138, 139, 159, 402, 403, 461, 511,
- Buchanan, Jorge, 14, 18, 24, 66, 69, 348, 435, 437, 443, 532, 538, 539
- Buchanan, Patrício, 18, 24
- Budin, Cláudio, 14
- Bungo (reis de), 365
- Burgos, Maria de, 333
- C**
- Cabedo, António de, 113, 119, 131, 459, 460
- Cabral, Luís Álvares, 347, 348
- Cáceres, Lourenço de, 246
- Cadmo, 208, 209, 318, 319, 485
- Caetano, D. António (vd. Sousa, D. António Caetano de)
- Caim, 312, 313
- Cairo, 331, 332 (*passim*)
- Calcas, 475
- Caldeus, 45, 401
- Calidónio, Cadaval Grávio, 190
- Calíope, 460
- Calligari, Mons. André, 334
- Calvo, 139

- Camões, Luís de, 122, 246, 328, 330, 442, 443, 462, 482, 518, 532, 537
- Campo, Fernando do, 342, 343, 344, 346, 378, 379
- Campo, Leonor do, 345, 346, 505,
- Cardoso, Diogo Fernandes, 543
- Cardoso, Fernão, 543
- Cardoso, Gonçalo Fernandes, 543
- Cardoso, Jerónimo, 21, 190, 255, 500, 501, 502, 503, 504, 507, 512, 513, 514, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 524, 532, 536, 539
- Cardoso, Simão Gonçalves, 245
- Caríbdis, 227, 495
- Carlos, Francisco, 247, 347
- Carlos Magno, 444
- Carlos V, 443
- Carmenta, 504
- Carmentas, Musas, 258
- Carondas, 220, 221, 477
- Carpitanos, 420, 421
- Carvalho, Francisco de, 247
- Carvalho, Joaquim de, 67, 124, 506, 532, 533, 534
- Carvalho, Manuel, 246
- Carvalho, Rui de Sousa de, 361, 536
- Casal, D. Gaspar do, 361
- Cassandro, 147
- Cássios, 420, 421
- Castilho, João de, 23
- Castro, Aníbal Pinto de, 533
- Castro, António de, 533
- Castro, D. Agostinho de, 337, 341
- Castro, D. Álvaro de, 334, 335, 336, 337, 338
- Castro, José de, 252, 253, 334, 336, 338, 341, 533
- Castro, D. Luís Pereira de, 331
- Castro, Maria João Padez de, 2
- Cataldo Parísio Sículo, 182, 184, 186, 190, 212, 254, 436, 442, 443, 468, 474, 477, 486, 487, 490, 491, 492, 500, 502, 507, 510, 512, 531, 532, 533, 535, 536, 538, 539
- Catão (o Censor), 229, 440, 543
- Catarina, Rainha D., 331, 336, 338
- Catilina, 51, 440
- Catulo, 495
- Cáucaso, 86, 87, 417, 450
- Cécrops, 485
- Cefeu, 87
- Célio, Luís (=L. Coelius Rhodiginus), 187, 231, 461-462, 464, 466-470, 472-473, 476-478, 484-490, 492, 496-498, 529, 533
- Celso, 68, 458
- Cerejeira, D. Manuel Gonçalves, 65, 187, 533
- César, Júlio, 403, 442, 511
- Cesareia, Eusébio de, 473, 528
- Cévola, Q., 89, 213, 488, 543
- Cévola, P. Múcio, 511, 543
- Charpentier, Ludovicus, 112
- Chaul, 243, 244, 254
- China, 360, 361
- Chipre, 495
- Chomarat, Jacques, 509
- China, 361
- Cícero, Marco Túlio, 18-19, 22-23, 30-31, 38-39, 48-49, 51, 67-68, 78-81, 90-95, 119-120, 123, 130-131, 182, 185-186, 188, 204-205, 210-219, 257, 292-293, 308-309, 318-319, 331, 352, 353, 367-368, 398-403, 436-442, 444-457, 459-468, 470-479, 482-488, 490-491, 495-500, 503-504, 506-512, 516-517, 519, 521-522, 524
- Cila, 495
- Ciniras, 495
- Cipião (Africano), Públio Cornélio, 145, 147, 413, 417, 442, 517
- Cipriano, S., 277, 281, 285
- Circe, 495
- Cirene, 409
- Cirilo, São, 267
- Cítnio, 159
- Ciret, João, 14
- Clemente, D. (vd. Silva, D. Clemente da)
- Clemente de Alexandria, 485
- Clemente VIII, 544
- Clenardo, Nicolau, 65, 66, 187, 533

- Cloch e, Paul, 440, 533
 Cl odio, 51, 440
 Cochim, 241, 243, 244, 251, 252, 253, 538
 Coelho, Jorge, 21, 123, 189, 525, 535, 538
 Coelho, Nicolau, 21
 Coimbra, passim
 Colaço, Manuel, 345
 Colégio da Guiena, (=Coll ge de Guyenne),
 14, 15, 16, 17, 66, 435
 Colégio das Artes, 5, 11, 14, 16-18, 20-25,
 29, 33, 59, 65-67, 69, 103, 175, 247,
 255-257, 334, 346-348, 368, 435, 436,
 444, 463, 480, 500, 506, 531, 532, 534,
 535
 Colotes de Teos, 159
 Colégio de Bord eus (ver Colégio da
 Guiena)
 Colégio da Costa, 334,
 Colégio da Graça, 175, 525,
 Colégio de Humanidades, 16
 Colégio de Jesus, 251,
 Colégio de Santa Bárbara, 13, 59, 67,
 105,
 Colégio de São Miguel e de Todos-os
 Santos, 17, 28
 Colégio dos Jerónimos, 175, 346, 347,
 348,
 Colégio dos Pontífices, 440, 443,
 Colégio Portugu s da Universidade de
 Paris (ver Colégio de Santa Bárbara)
 Colégio Real de Coimbra (ver Colégio
 das Artes)
 Colotes de Teos, 159
 Como, (cardeal de), 334
 Compagno, Jacobo Bom, 365
 Companhia de Jesus, 24, 257, 506
 Constantino, Manuel, 190
 Contreiras, Diogo de, 175, 176
 Copónio, Marco, 488
 C rax, 474
 Cordier, Maturino, 14
 Cornélio Nepos (vd. Nepos)
 Correia, P ero, 345
 Costa, Diogo, 248
 Costa, João da, 12, 14, 16, 18, 24, 69,
 246, 348, 437, 443
 Costa, Manuel da, 21, 123, 124
 Costa, Mário Júlio de Almeida e, 455
 Couto, Aires Pereira do, 500
 Crantor, 400, 401, 510
 Crasso, Licínio, 211, 213, 488
 Crato, Prior do (cfr. D. António), 334,
 341, 348, 533
 Creta, 424, 425, 507
 Creta (labirinto de), 159, 370
 Cremes, 461
 Crisipo, 120, 155, 163, 231, 259, 309, 401,
 404, 405, 421, 423, 510
 Crisóstomo, S. João, 267
 Critobulo, 99, 459
 Cruz, António, 65, 66, 69
 Cruz, Maria do Rosário Azevedo, 331,
 533
 Crúzios, Padres, 15, 257, 348
 Crúzios, Colégios, 17
 Cúrcio, Quinto, 459, 490, 528
 C rio, Marco, 213, 488
- D**
 Damasco, 332
 Dario, 389, 399
 David, 41, 155, 399, 411, 415
 Dédalo, 159, 317, 370
 Décio Silano, 221, 491
 Delfos, 457, 490
 Delfos (Apolo de), 393, 419
 Delgado, Pedro N nuez, 124
 Demócrito, 78, 231, 293, 404, 405
 Demóstenes, 49, 67, 91, 139, 163, 185,
 213, 221, 227, 309, 319, 367, 441, 488,
 491, 528
 Dias, Aida Fernanda, 245
 Diógenes Laércio, 68, 185, 204, 205, 394,
 395, 445, 450, 452, 465, 483, 485, 497,
 505, 507, 508, 509, 512, 515, 516, 518,
 519, 520, 524, 529, 533
 Diodoro S culo, 488
 Dionísio de Halicarnasso, 479, 528

- Domingues, Gabriel de Paiva, 65, 368, 480, 534
 Draco, 220, 221, 477, 492
 Duarte, D. (rei), 12,
 Duarte, D. (filho natural de D. João III), 334, 534
- E**
 Eécion, 517
 Efesto, 499
 Egéria, 163, 477
 Egípto, 43, 161, 331, 409, 417, 417, 485, 498
 Egisto, 491
 Eliano, 460, 471, 528
 Elias, (profeta), 282, 283
 Elias (filósofo, século VI), 545
 Elísio (bosque), 435
 Emílio, L. Paulo, 45, 145, 413, 417, 439, 519
 Empédocles, 410, 411, 516
 Empírico, Sexto, 259, 309, 458, 487, 501, 528
 Endimão, 416, 417, 518
 Eneias, 352, 353
 Eneias Sílvio, 352, 353
 Epaminondas, 84, 85, 149, 449, 468
 Epicuro, 389, 409, 512
 Erasmo, 14, 125, 441, 520
 Erasítrato, 97, 309, 421
 Erimanto, 495
 Erociano, 209
 Escócia, 444
 Esculápio, 97, 161, 419, 421, 520
 Espanha, 321, 328, 338, 436, 531, 536
 Esparta, 307, 425
 Ésquilo, 441
 Estácio, 456, 457
 Esténio, 395
 Estertínio, Quinto, 97, 421
 Étiópia, 254, 360, 361
 Euclides, 393, 411
 Eudóxo, 145
 Eulemberg, Herbert, 441, 534
 Êupolis, 454, 461
 Euricrátides, 307
 Eurípides, 388, 389, 457, 474, 507, 520, 528
 Europa, 12, 13, 14, 16, 17, 245, 373, 428
 Europa (mito da), 209, 429, 436, 437, 442
 Evandro, 504
 Évora, 65, 116, 123, 124, 125, 177, 189, 190, 191, 243, 244, 246, 252, 254, 260, 269, 271, 338, 435, 494, 525, 532, 534, 535
- F**
 Fabiano, 484
 Fábio, Marco (vd. Quintiliano)
 Fabrice, Arnold/Arnoldus, (ver Fabrício, Arnaldo)
 Fabrício, Arnaldo, passim
 Fabrício, Vicente, 248
 Faria, Manuel Severim de, 245, 246
 Farnésios (armas dos), 334
 Febo, 97, 443
 Felgueiras (Senhores de), 333
 Fenícia, 485, 495
 Fenício, 495
 Fénix, 215
 Ferecides, 161, 476
 Fernandes, Francisco, 111, 118
 Fernandes, João, 470, 480, 536
 Fernandes, Manuel, 190
 Fernandes, Pedro, passim
 Fernandes, R. M. Rosado, 258, 534
 Fernandes, Rui, 16
 Fernandes, Salvador, 368
 Fernandes, Valentim, 254
 Ferrara, 367
 Ferreira, António, 506, 545
 Ferreira, Francisco Leitão, 12, 66, 67, 111, 112, 113, 114, 256, 532, 534
 Ferreira, João, 66, 445, 446
 Fez (mesquita de), 13
 Ficalho, Conde de, 115, 534
 Ficino, Marsilio, 465, 473, 476, 534
 Fídias, 169
 Figueiroa, Francisco Carneiro de, 111, 112, 114, 115, 534

- Filão, 85
 Filipe (da Macedónia), 49, 99, 213, 231, 441, 545
 Filipe I (de Portugal), 339, 525
 Filipe II (de Espanha), 338,
 Fílon, 283
 Filóponos, 489, 528
 Flaco (vd. Horácio)
 Flaco, Lúcio, Placo, 212, 488
 Flandres, 12
 Flávio Josefo, 120, 153, 409, 471, 473, 515, 528
 Flégias, 456, 457
 Florença, 12, 366
 Florebelli, António, 337
 Fócio, 489
 Forcada, Hierónimo de, 347
 Foreiro, Frei Francisco, 260, 363
 Foroneu, 425
 Fortuna, 395,
 França, 11, 12, 14, 16, 19, 24, 66, 67, 69, 101, 112, 321, 370, 436, 444
 Franceses, 31
 Francisco I, 443
 Franco, Francisco, 249
 Freire, Anselmo Braamcamp, 115, 331, 534
 Frontino, 451, 528
 Fúrias, 41, 406, 407, 512
- G**
- Galeno, 185, 216, 217, 421, 489, 490, 519, 528
 Gália, 59, 112, 133, 313, 442
 Galo, C. Sulpício, 45, 67, 87, 145
 Garcia, Rodolfo, 344
 Gaullieur, 11, 12, 14, 18, 443
 Gayo, Felgueiras, 333, 334, 346, 534
 Gnífon, António, 396, 397
 Goa, 114, 115, 241, 243, 244, 250, 251, 253, 339, 538
 Góis, Damião de, 21, 439, 442, 534, 539
 Gomes, Álvaro, 125,
 Gomes, Carlos Humberto, 528
 Gonçalves, Gaspar, 365
 Gonçalves, Rodrigo, 116
 Górgias (obra de Platão), 211, 267, 477, 501, 504, 512
 Górgias de Leontinos, 319, 370, 404, 405
 Górgona, 393, 508
 Gouveia, André de, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 31, 59, 69, 103, 435, 443, 531
 Gouveia, António de, 21, 532
 Gouveia, Diogo de (Júnior), 13, 24, 69
 Gouveia, Diogo de (Sénior), 13, 14, 16, 105
 Grécia, 39, 49, 85, 149, 157, 209, 213, 287, 397, 403, 409, 413, 421, 436, 441, 485, 508
 Gregório XIII, 243, 253, 334, 365, 367
 Grochi, Nicolau (vd. Grouchy),
 Grouchy, Nicolau de, 18, 346, 348
 Guedes, Francisco Vaz, 333
 Guedes, (armas de), 334
 Guedes, Gonçalo Vaz, 333
 Guérent, Guilherme de, 18, 437
 Gulik, Guilelmus van, 253
- H**
- Havet, L., 456, 457
 Hebreus, 161, 267, 493
 Hebreus, (rei dos), 41, 85
 Hegésias, 92, 93, 454
 Hélicon, 399
 Henrique, D., (Cardeal-rei), 243, 244, 250, 253, 253, 269, 338
 Henriques, Leão, 346
 Hermes, 491
 Hermes, (rei dos Egípcios), 160, 161
 Heródoto, 466, 478, 518, 578
 Herófilo, 161, 259, 371, 502
 Hesíodo, 495
 Hespéria, 171
 Hierusalém (cfr. Jerusalém), 224, 332, 493, 524
 Hibla (monte), 329
 Hidra (cabeças da), 425
 Hilarião, D., 179
 Hilário, D., 177, 178, 179

- Hilário, Santo, 267
 Hiparco, 145
 Hiperíon, 145
 Hipócrates, 161, 185, 209, 217, 309, 421, 490, 520
 Hispânia, 25, 59, 320
 Homero, 68, 97, 122, 151, 157, 160, 171, 185, 215, 230, 231, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 403, 415, 421, 474, 476, 480, 493, 498
 Horácio, 401, 461, 467, 473, 477, 510, 511, 517
 Hortênsio, 440
- I**
 Ifigénia, 475
 Índia, 53, 114, 115, 181, 233, 244, 251, 330, 332, 360, 361, 365, 442, 525
 Inquisição, 16, 17, 20, 23, 24, 66, 69, 246, 247, 336, 338, 247, 348, 345, 500, 506, 532
 Ireneu, 463
 Isaías, 120, 155, 399
 Isócrates, 228, 229
 Itália, 12, 19, 186, 204, 205, 336, 339, 417, 444, 483, 531, 537
 Ixíon, 68, 95, 456, 457
- J**
 Japão, 367
 Japões, 365, 366, 367
 Jeremias, 279
 Jerónimo, Frei Henrique de S., 546
 Jerónimos (Ordem dos), 16
 Jerónimos (Igreja dos), 253
 Jerusalém, 281
 Jerusalém Celeste, 225
 Jesuítas, 17, 24, 67, 256, 335
 Joana, D. (mãe de D. Sebastião), 21, 547
 João, D. (pai de D. Sebastião), 21, 330
 João, D. (1º duque de Aveiro), 327, 342, 343, 344, 345, 346, 377
 João II, D., 184, 442, 443, 505
 João III, D., 5, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 65, 66, 67, 103, 111, 112, 118, 121, 122, 129, 169, 178, 180, 181, 192, 197, 199, 233, 245, 249, 257, 265, 333, 334, 435, 443, 480, 499, 450, 505, 524
 João, Prior D., 176
 João, S., 279, 494, 530
 João de Espanha, 343
 Job, 120, 155, 222, 223, 399, 492
 Jorge, D. (duque de Coimbra)
 Josefo, Flávio, (vd. Flávio)
 Jubal, 312, 313
 Julião, D. (japonês), 366
 Júlio III (papa), 365
 Júpiter, 83, 165, 171, 209, 293, 460, 518
 Júpiter Olímpico, 169
 Júpiter Estátor, 440
 Justiniano, Flávio, 307, 431, 521, 522
 Justino, 488, 528
 Juvenal, 331, 352, 353, 495
- L**
 Lacedemónia, 149
 Lacerda, M. P., 123, 526
 Lactâncio, 463, 479, 529
 Ladão (rio), 329
 Laércio, Diógenes, 68, 185, 205, 445, 450, 452, 465, 483, 485, 497, 505, 507, 508, 509, 512, 515, 518, 519, 520, 524, 529, 533
 Lagos, alcaide-mor de, 331
 Lamego, 190, 333
 Lapa, Manuel Rodrigues, 245, 534
 Lara, Dona Brites de, 505
 Lara, Dona Juliana de, 505
 La Rochelle, 18
 Laurand, 22, 434, 534
 Lausberg, Heinrich, 258, 534
 Leão (filho de Euricrátides), 307
 Leão, D. Gaspar de, 114, 115
 Ledesma, Martinho de, 178, 247, 248, 249, 257, 499
 Leitão, Pero, 247, 248
 Lencastre, D. João de, 343, 346, 346
 Lencastre, D. Jorge de, 505, 506
 Lencastre, D. Pedro Dinis de, 505
 Leonte, 78, 79, 445

- Lewis, Jowett B. Campbell, 438
 Licurgo, 85, 85, 149, 151, 153, 165, 307, 425, 518
 Ligário, 213, 448, 527
 Lino, 82, 83
 Lipénio, Martinho, 175, 535
 Lira, Manuel de, 254
 Lisandro, 425
 Lisboa, 260, 269
 Lisboa, João de, 3
 Lólio, 400, 401, 510
 Lovaina, 12, 16, 116, 442
 Lubre, G. de, 18
 Lucas, S., 254, 368, 530
 Luciano, 230, 231, 457, 498
 Lucrécio, 457
 Lund, Christopher L., 330, 535
 Luís, António, 124, 190, 505, 532
 Luís, Infante D., 348
 Lusitânia, 20, 57, 59, 133, 168, 169, 198, 232, 233, 234, 235, 320, 360, 435, 479
 Lusitanos, (Varões), 45, 103
 Lutero, 16, 24, 68, 95
- M**
- Macáon, 161, 421, 520
 Macau, 340
 Macedónia, 221, 315
 Macedónia (rei da), 41, 49, 315, 419, 439, 441, 504
 Machado, Diogo Barbosa, 111, 112, 113, 114, 116, 123, 175, 241, 242, 243, 250, 252, 253, 328, 329, 363, 369, 505
 Macróbio, 68, 83, 229, 447, 448, 467, 496, 509
 Madrid, 175, 331, 333, 335, 337, 340, 341, 531
 Mãe, (Pátria), 547
 Magnésia, 497
 Mâncio, D. (japonês), 366
 Mâneton, 515
 Manhoz, António, 248,
 Manuel I, D., 442, 443, 525
 Manuel, da Costa, 21, 123, 124, 189
 Manuzio, Paolo, 462, 535
 Maomé, 221
 Maratona, 441
 Marcelino, Amiano, 495, 547
 Marcelo Empírico (vd. Empírico)
 Marcelo, M., 403,
 Marciano, 491, 529
 Marco António, 51, 91, 441, 454
 Marco (filho de Cícero), 444
 Maria, Infanta D. (irmã de D. João III), 111
 Mariz, Pedro, 175, 535
 Mársias, 503
 Marte, 51, 147
 Martin, Jules, 457
 Martins, António, (navegador), 443
 Martins, Francisco, 247
 Martins, Isaltina das Dores F., 535
 Mártires, D. Bartolomeu dos, 243, 244, 250, 251, 260, 25337, 3611, 366
 Mártires, D. Timóteo dos, 500, 535
 Mascarenhas, D. Fernando Martins, 337, 361
 Mateus, S., 281, 479
 Matos, Albino de Almeida, 3, 5, 6, 173, 194, 256
 Matos, Luís de, 21, 65, 66, 111, 112, 113, 116, 190, 241, 242, 255, 256
 Matos, Victor, 447
 Mattoso, José, 15, 23, 535
 Maurício, Domingos, (vd. Santos, Domingos Maurício Gomes dos)
 Máximo, Valério, 68, 439, 451, 454, 467, 497
 Mazagão, 360, 361, 531, 536
 Medeiros, Walter de Sousa, 491
 Megera, 512
 Melanchthon, 68, 94, 95
 Menandro, 471, 489
 Mendeiros, José Filipe, 494, 535
 Mendes, António, 18, 437
 Mendes, Henrique, 348
 Mendes, M. Odorico, 508, 520
 Meneses, D. Fernando, 337, 328, 357, 368
 Meneses, D. Francisco de, 539

- Meneses, D. Garcia de, 435, 442
 Meneses, D. João Telo de, 335
 Meneses, D. Manuel de, 181, 235
 Meneses, D. Pedro de, 254, 435, 502, 505, 507, 509, 510, 521, 522, 523
 Meneses, Miguel Pinto de, 254, 255, 363, 455
 Menezes, D. João Afonso de Vasconcelos, 75
 Mercúrio, 142, 143, 147, 149, 163, 221, 402, 403, 511
 Mercúrio Trimegisto, 424, 425
 Messejana, (comendador de) 331
 Miguel, D. (japonês), 366
 Milão, 367
 Mileto, 145, 205, 409, 415
 Mina (top.), 245
 Minerva, 121, 163, 169, 221, 231, 508
 Minerva, igreja da, 366
 Minerva, oliveira de, 397
 Minos, 424, 425
 Mira, José Lopes de, 125
 Mirra, 495
 Mitridates, 161
 Módena, 403
 Mogadouro, 333, 334, 336, 346
 Moisés, 120, 155, 267, 283, 319, 399, 473
 Mondego, 235, 444
 Montaigne, Michel de, 14, 14, 442
 Montolónio, João de, 486
 Montpellier, 12
 Monzón, Francisco de, 499
 Morais, Cristóvão Alão de, 245, 536
 Morais, Inácio de, 20, 123, 124, 189, 244, 257, 258, 293, 444, 481
 Moreira, Hilário, passim
 Morgovejo, Inácio de, 177
 Mosteiro de Alcobaça, 443
 Mosteiro da Costa, 333
 Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, 15, 16, 17, 66, 176, 177, 178, 177, 179, 190, 247, 248, 249, 251, 255, 333, 348, 433, 490, 500, 525, 526, 531, 533, 534, 535, 537, 538
 Moura, Cristóvão de, 335, 338, 341
 Mouros, 59, 332
 Mousinho, Pedro, 345
 Moutsopoulos, Evagélos, 447
 Múcio, P., 400, 401, 511,
 Murça, Diogo de, 16, 121, 171, 176, 247, 333, 334, 347, 480, 500, 505, 506, 532
 Murena, 19, 212, 213, 441, 448, 527
- N**
- Néocles, 81, 502, 513
 Nepos, Cornélio, 472, 497, 498, 529
 Nícias, 145, 416, 417, 465
 Nicómaco, 407, 500, 502, 512, 516
 Níobe, 518
 Nobre, Francisco José Avelar, 318
 Noé, 115, 300, 301, 315
 Noronha, D. André de, 103, 253
 Noronha, Dona Leonor de, 436
 Noronha, Dona Joana de, 505
- O**
- Olimpo, 350, 351, 354, 355, 457, 481
 Olimpo (flautista) 315
 Olivares, Conde de, 339, 365, 366
 Orfeu, 83, 147, 315, 415, 517
 Orómase, 221
 O'Reilly, Patrício, 11
 Oseias, 281
 Osório, D. Jerónimo, 253, 260, 343, 369, 442
 Osório, Jorge Alves, 255, 368, 444, 470
 Ovídio, 68, 445, 457, 458, 464, 472, 481, 495, 503, 504, 520
 Oviedo, D. André de, 115
 Oxford, 12, 68, 438, 456, 457
- P**
- Pacheco, Diogo, 125
 Pacheco, Maria José, 3, 5, 9, 25, 65, 463
 Pádua, 12
 Palamedes, 408, 409
 Palas (vd. Atena), 508
 Panécio, (Panaetius), 466
 Papiniano, 491, 529

- Paris, 11-16, 20, 24, 59, 66, 103, 105, 111, 113, 116-118, 255, 330, 369, 440-441, 447, 509, 526-539
- Paulo, Lúcio, 87, 145
- Paulo Emílio, (cfr. Lúcio Paulo)
- Paulo III, 115, 235
- Paulo IV, 115
- Paulo, S., 181, 185, 223, 227, 229, 283, 285, 464, 492, 493, 494, 495, 496, 506
- Pausânias, 424, 425, 457
- Pedro, Infante D., 12
- Pedro, S., 167, 329, 365
- Pedro, Igreja de S., 366
- Peixoto, António Maranhão, 345
- Pelayo, Marcelino Menéndez y, 123, 189, 191, 241
- Penélope, 185, 231, 498
- Península Ibérica, 524
- Pereira, Maria Helena da Rocha, 3, 5, 63, 69, 119, 463, 482, 490, 494, 501, 516, 517
- Pereira, Maria Isabel Abreu e Lima, 443
- Pereira, Maria Pinto, 333
- Pereira, Nuno Álvares, 333
- Péricles, 43, 67, 86, 87, 90, 93, 139, 144, 145, 156, 157, 319, 402, 403, 419, 451, 452, 454, 461, 465, 511, 512, 519
- Perses, 419, 451
- Pérsia, 360, 361, 417, 441, 499
- Piérides, 83
- Pimenta, Alfredo, 112, 536
- Pimpão, Álvaro Júlio da Costa, 124, 182, 190
- Pina, Francisco de, 247
- Pina, Luís de, 119
- Pina, Manuel de, 347
- Píndaro, 68, 83, 85, 143, 163, 258, 307, 315, 396, 397, 399, 425, 447, 457, 477, 501, 520, 522
- Pinheiro, António, 330
- Pinheiro, João, 176
- Pinho, Sebastião Tavares de, 3, 7, 261, 436, 528, 536
- Pinta (Pinto), Inês Fernandes, 344, 345
- Pinto, António, passim
- Pinto, A. Guimarães, 3, 6, 239, 260, 287, 325, 343, 373, 520, 536
- Pinto, Francisco Vaz, 335, 339, 341
- Pinto, Gonçalo Vaz, 333
- Pinto, João, 340
- Pio IV, 328, 329
- Pio V, S., 243, 252, 328, 329, 337, 338, 357, 367
- Pires, Diogo, 444, 453
- Pirítoos, 456
- Pisístrato, 90, 91, 454
- Pitágoras, 39, 41, 67, 79, 83, 99, 120, 145, 147, 149, 151, 155, 163, 205, 215, 231, 313, 393, 407, 413, 415, 417, 425, 429, 437, 476, 512, 513, 516
- Plauto, 458, 482
- Plínio-o-Antigo, 68, 85, 97, 309, 384, 385, 390, 391, 439, 444, 448, 450, 451, 452, 453, 457, 458, 459, 464, 465, 485, 501, 501, 506, 507, 517, 518, 519, 520, 521, 529
- Plínio-o-Moço, 421
- Plotino, 68, 83, 446
- Plutarco, 68, 68, 85, 185, 203, 343, 399, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 454, 465, 466, 469, 471, 473, 477, 479, 482, 483, 488, 497, 499, 501, 505, 509, 510, 512, 518, 519, 529
- Podalírio, 161, 421, 520
- Poitiers, 12, 179
- Polião, Asínio, 494
- Polignoto, 457
- Pompílio, Numa, 167, 424, 425
- Portalegre, 253
- Portimão, Vila Nova de, 248, 249
- Porto Seguro, 344, 345, 346, 505, 536
- Portugal, passim
- Portugal, D. Francisco de, 343,
- Prado, Afonso do, 176, 178, 247, 249, 347,
- Preneste, 510
- Preste João, 328, 329, 332
- Príncipes da Grécia, 39
- Príncipes de Avis, 436
- Proclo, 515

- Prometeu, 87, 89, 417, 453
 Propércio, 480, 529
 Pseudo-Aristóteles (vd. Aristóteles, Pseudo-)
 Pseudodionísio Areopagita, 500
 Pseudo-Platão, 457
 Ptolomeu, 83, 97, 167, 309, 411, 417, 421, 429, 523
- Q**
 Quesado, Branca, 346
 Quicherat, Louis, 13, 24, 66, 536
 Quintiliano, M. Fábio, 133, 155, 397, 401, 421, 511, 545
 Quílon, 393
 Quíron, 161, 415, 421, 520
- R**
 Rabírio, Júnio, 14328, 340, ,
 Ramalho, Américo da Costa, 254, 367, 368, 435, 436, 492, 511, 537, 538, 539
 Refojos de Bastos, 506
 Reinach, Théodore, 457
 Reinoso, Rodrigo de, 249
 Reis, Telmo, 255
 República Romana, 49, 441
 Resende, André de, 15, 20, 21, 22, 65, 113, 123, 124, 125, 189, 190, 255, 368, 369, 435, 443, 455, 475, 476, 480, 521, 534, 535, 536, 538
 Resende, Garcia de, 245
 Rhodiginus, L. Caelius (vd. Célio, Luís)
 Rodes, 153, 409, 515
 Rodrigues, Heitor, 177
 Rodrigues, Isidoro, 464, 537
 Rodrigues, Manuel Augusto, 499
 Roma, 51, 145, 212, 213, 233, 256, 328, 329, 331-341, 356, 357, 363-367, 403, 424, 425, 435, 436, 440-442, 457, 505, 510, 550
 Romeiro, Marcos, 177, 247, 248, 249
 Rómulo, 121, 169, 425
 Rosário, António do, 250
 Ruão, João de, 23
 Rúbrios, 420, 421
- Russell, D. Ricardo, 253
- S**
 Sá, A. Moreira de, 455, 536
 Sá, João Rodrigues de, 435
 Sabiensis, Ludouicus, 260
 Safim, 245
 Salamanca, 12, 15, 499
 Salamina, 424, 425, 441, 507
 Salmóxis, 492
 Salomão, 120, 155, 391, 399, 408, 409, 470, 508, 539
 Salonino, 494
 Salsete, 253
 Samora, 333
 Samotrácia, 45
 Sampaio, Isabel Pereira de, 333
 Samuel (Bíblia), 438
 Sanches, Pedro, 116, 328, 329
 Sande, Duarte de, 339
 Santa Bárbara, (vd. Colégio de)
 Santa Cruz de Coimbra, (monges de), 333
 Santa Cruz de Coimbra, Mosteiro de, 15, 177, 190, 443, 500
 Santander, 123, 124, 189, 190, 191, 241
 Santarém, 117, 118, 243, 244
 Santa Sé, 359, 363
 Santa Maria, Frei Gabriel de, 251
 Santa Sofia, (rua de), 15
 Santo Ângelo (castelo de) 366
 Santo Ofício (Tribunal do), vd. Tribunal da Inquisição
 Santos, António Ribeiro dos, 123
 São Jerónimo, Frei Anrique de, 251, 271
 Santos, Domingos Maurício Gomes dos, 269, 538
 Santos, Frei João dos, 254
 Saraiva, José Hermano, 245
 Sardinha, Pedro Fernandes, 125
 Sarmento, José Alexandre, 245
 Satanás, 279, 281, 283, 287
 Saturno, 147, 163, 221, 225
 Saul (rei dos Hebreus), 40, 41, 67, 84, 85, 414, 415, 449
 Sé Apostólica, 359, 361, 363

- Seabra, Visconde de, 510, 518
- Sebastião, rei D., 21, 114, 122, 243, 245, 252, 253, 328, 329, 331, 336-339, 357, 359, 361, 368, 525, 533, 539
- Seguro, Porto, 344, 345, 346, 505, 537
- Sena, 366
- Senado de Bordéus, 58, 59
- Senado de Lisboa, 328, 350, 354
- Senado romano, 90, 91, 424, 425, 440, 441
- Séneca, 185, 230, 231, 428, 431, 482, 484, 485, 498, 524
- Sereno, Quinto, 97, 458
- Serrão, Joaquim Veríssimo, 23
- Sérvio Sulpício Rufo (vd. Sulpício)
- Séstio, 87, 440
- Sexto Empírico (vd. Empírico)
- Sicília, 156, 157, 416, 417, 440, 474
- Sículo, Cataldo Parísio (vd. Cataldo)
- Sículo, Diodoro, 399, 488, 530, 544
- Sila (ditador romano), 440
- Silano, Décio, 220, 221, 491
- Sílio Itálico, 131, 459
- Silva, António José da, 253
- Silva, Augusta Oliveira e, 436, 538, 549
- Silva, D. Clemente da, 247, 248, 249, 257, 258, 500, 544
- Silva, João Gomes da, 335
- Silva, Lourenço da, 331, 351, 355
- Silva, Luís da, 500
- Silves, 260
- Sílvio, Eneias, 353
- Simancas, Arquivo Geral de, 339, 365, 525
- Simónides, 428, 429
- Simplício, 484, 530
- Sisto, cardeal de S., 366
- Sisto IV, 435, 442
- Sisto V, 340, 367
- Snell, B. 258, 448, 501
- Soares, D. João, 361
- Sócrates, 38, 39, 67, 85, 142, 143, 146, 147, 150-155, 158-163, 166, 167, 188, 205, 206, 228, 229, 293, 296, 297, 400, 401, 404, 405, 412, 413, 417, 422, 423, 426, 427, 438, 449, 467, 490, 497, 499, 501, 502, 504, 508, 509, 510, 512, 513, 516, 519, 521, 523
- Sófocles,
- Sólon, 90, 91, 156, 157, 220, 221, 306, 307, 394, 395, 424, 425, 454, 473, 477, 492, 509
- Solos (topónimo), 385, 404, 405
- Sommervogel S. I., Carlos, 257
- Sorbona, 369
- Sorbonne, 181
- Soto, Domingos de, 499
- Soto Maior, D. Álvaro de Cadaval Valadares de, 190
- Sousa, Frei Luís de, 243, 245, 250, 251, 253, 254, 258, 260, 499
- Sousa, Pero de, 347
- Souto, António do (/de), 175, 247, 248, 347
- Suda (vd. Suídas)
- Suetónio, 472, 509, 511
- Sérvio Sulpício Rufo (vd. Sulpício)
- Suídas, 144, 145, 438, 473, 489, 530
- Sulpício, 89, 159, 371
- T**
- Tácito, 485
- Tales de Mileto, 87, 145, 205, 387, 409, 415, 452, 465, 466, 483, 507, 508, 518
- Tântalo, 457, 518
- Tártaro, 94, 95
- Taveiro, 248
- Távora, Frei Fernando de, 243, 244, 245
- Távora (apelido da família), 245, 500
- Távora, Frei Henrique de, 241, 242, 243, 251, 252, 253
- Távora, Frei Jerónimo de, 243
- Távora, Lourenço Pires de, 328, 329, 331, 332, 334, 335, 336
- Távora, Luís Álvares de, 336
- Távora, D. Maria de, 500
- Tebas, 147, 399, 485, 517, 518
- Teive, Diogo de, 14, 18, 21, 24, 66, 124, 190, 346, 347, 348, 435, 437, 535, 538
- Teixeira, Doutor Braz, 327
- Temístio, 185, 215, 489, 530

- Temístocles, 39, 67, 83, 149, 157, 229, 213, 403, 413, 425, 497, 511, 516, 529
 Tendais, Ferreiros de, 333
 Teócrito, 495, 530
 Teodósio (imperador), 443
 Teofrasto, 139, 185, 207, 319, 485, 495, 530
 Teotónio, padre D., 176
 Terâmenes, 157, 403, 511
 Terpandro, 315
 Theuth, 318, 319
 Tibulo, 495
 Ticónio, 486
 Timantes, 159, 475
 Timóteo (músico), 41, 149, 469, 504
 Tísias, 474
 Tisífone, 406, 407
 Titãs, 351
 Tito Lívio, 439, 451, 454, 460, 519
 Tonante, 350, 351
 Tóon, 161
 Torcato, M., 221
 Torquato, Mânlio (vd. Torcato, M.)
 Toscana, Grão-Duque da, 366
 Toulouse, 12
 Tourinho, Gil Pires de, 346
 Tourinho, Leonor do Campo, 505
 Tourinho, Pedro do Campo, 344, 345, 346, 537
 Tourinhos de Viana (família dos), 346
 Trento, 251, 252
 Trento (Concílio de), 241, 243, 244, 251, 252, 260, 261, 332, 337, 361, 363
 Tribunal da Inquisição, 24, 334, 355
 Trimegisto, 221, 548
 Tróia, 494
 Tróia (cavalo de), 204, 205
 Tróia (guerra de), 160, 161, 510
 Tucídides, 497
 Túlia, (filha de Cícero), 437, 551
 Túlio, Marco (vd. Cícero)
 Túsculo, 437
- U**
- Ulhoa, D. Martinho de, 253
 Ulisses, 231, 403, 495
 Ulpiano, 68, 92, 93, 455, 492, 521, 522, 530
 Universidade de Bolonha, 182, 336
 Universidade de Coimbra, 2, 5, 12, 15, 16, 21, 24, 65, 66, 111-118, 124, 175, 177, 179, 181, 182, 190, 191, 197, 201, 235, 242, 247, 248, 249, 254-258, 271, 327, 328, 331, 333, 335, 336, 340, 346, 347, 348, 368, 370, 435, 437, 444, 500, 505, 506, 525, 533-537
 Universidade de Évora, 494, 499, 526, 531, 532
 Universidade de Lisboa, 15, 327, 455, 474
 Universidade de Lovaina, 16
 Universidade, (Academia) de Paris, 13, 111, 112, 113
 Universidade do Porto, 65
 Urânia, 143
- V**
- Valério Flaco, 456
 Valência, Francisco, 333
 Valência, Maria, 333, 334
 Varnhagen, Francisco Adolfo de, 344, 539
 Varrão, Terêncio, 387, 507
 Vasconcelos, D. Fernando de, 105
 Vasconcelos, José Leite de, 65
 Vaz, António, 175
 Velho, André, 248
 Veloso, José Maria Queirós, 253, 361, 539
 Veneza, 332, 363, 367, 439
 Vénus, 147, 226, 227, 415, 494
 Verde, Cesário, 330
 Verres, 49, 440
 Via Láctea, 311
 Viana de Caminha, 346, 347
 Viana do Castelo, 345, 537
 Vicente, São, 115, 179
 Vinet, Elias, 14, 17, 18, 24
 Virgílio, 68, 119, 122, 131, 184, 185, 225, 331, 352, 353, 425, 456, 457, 460, 485, 493, 494, 495, 506, 508, 522, 530
 Viseu, 253, 333, 505
 Vitória, Francisco de, 499

Vitrúvio, 185, 231, 467, 471, 484, 485,
497, 530
Vollmer, 458

X

Xenócrates, 312, 313, 446, 503
Xenofonte, 231, 441

Z

Zaleuco de Locros, 218, 219, 220, 221,
306, 307, 477
Zama, 442
Zanetto, Francisco, 365
Zenão, 47, 205, 213, 231, 487
Zenóbio, 489
Zeus, 229, 385, 463, 495, 499, 508
Zoroastro, 221, 477

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO	5
ARNALDO FABRÍCIO, <i>Oração sobre o estudo das artes liberais</i>	9
Introdução.....	11
Texto e tradução.....	27
BELCHIOR BELEAGO, <i>Oração sobre o estudo de todas as disciplinas</i>	63
Introdução.....	65
Texto e tradução.....	71
PEDRO FERNANDES, <i>Oração em louvor de todas as doutrinas e ciências</i>	107
Introdução.....	111
Texto e tradução.....	127
HILÁRIO MOREIRA, <i>Oração sobre o estudo e louvor de todas as partes da filosofia</i>	173
Introdução.....	175
Texto e tradução.....	195
JERÓNIMO DE BRITO, <i>Oração acerca dos louvores de todas as ciências e saberes</i>	239
Introdução.....	241
Texto e tradução.....	289
ANTÓNIO PINTO, <i>Oração em louvor de todas as ciências e das grandes artes</i>	325
Introdução.....	327
Texto e tradução.....	375
NOTAS	
A Arnaldo Fabrício.....	435
A Belchior Beleago	444
A Pedro Fernandes.....	459
A Hilário Moreira	482
A Jerónimo de Brito.....	499
A António Pinto	505
BIBLIOGRAFIA GERAL	525
ÍNDICE ONOMÁSTICO	541

